

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DIONE CARLA BALDUS

**CONTRIBUIÇÕES DA SUSTENTABILIDADE PARA A TAREFA MISSIONÁRIA DA
IGREJA: NOVOS OLHARES E POSSIBILIDADES**

São Leopoldo

2022

DIONE CARLA BALDUS

**CONTRIBUIÇÕES DA SUSTENTABILIDADE PARA A TAREFA MISSIONÁRIA DA
IGREJA: NOVOS OLHARES E POSSIBILIDADES**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática
Linha de Pesquisa: Teologia
Contemporânea em Perspectiva Latino-
Americana

Pessoa Orientadora: Dr. Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B179c Baldus, Dione Carla

Contribuições da sustentabilidade para a tarefa missionária da igreja : novos olhares e possibilidades / Dione Carla Baldus; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.

357 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Sustentabilidade. 2. Missão da Igreja. 3. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). 4. Igreja - Sustentabilidade. I. Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DIONE CARLA BALDUS

**CONTRIBUIÇÕES DA SUSTENTABILIDADE PARA A TAREFA MISSIONÁRIA
DA IGREJA: NOVOS OLHARES E POSSIBILIDADES**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Fundamental
Sistemática

Data de Aprovação: 15 de dezembro de 2022

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (PRESIDENTE)

Assinado digitalmente



Documento assinado digitalmente

DUSAN SCHREIBER

Data: 13/03/2023 13:01:25-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

PROF. DR. DUSAN SCHREIBER (EST)

Assinado digitalmente

PROF. DR. NILTON ELISEU HERBES (EST)

Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a ANA MARIA DE LIMA (UNEMAT)

Participação por webconferência

PROF. DR. JOEL HAROLDO BAADE (UNIARP)

Participação por webconferência

Assinado digitalmente por
VALERIO GUILHERME
SCHAPER:51932318615
Data: 13/03/2023
09:07:27 -03:00



Assinado
digitalmente por
Nilton Eliseu Herbes
Data: 13/03/2023
09:29:07 -03:00



Dedico às pessoas que trilham o caminho da vida com amor, responsabilidade e ousadia e seguem no esperar de uma convivência mais fraterna, solidária e equitativa acenando para a ética, a justiça e a dignidade.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Valdir, parceiro amado, por me esperar, incentivar e amar.

Às filhas, Heloísa e Rafaela, pelo amor encorajador, as perguntas, os abraços e os afagos contidos nos mais belos sorrisos.

À minha mãe Vera e ao meu pai Adelberto (*in memória*) por me ensinarem a contemplar os movimentos da fauna e da flora e apreciar a beleza da vida.

À tia Darci, educadora e escritora, que me inspira a sonhar com novos tempos.

À Inge, amiga e companheira, das alegrias e das dores.

Ao Marcelo e a Patrícia pelas partilhas, o encorajamento e a amizade fraternal.

Ao professor P. Valério, companheiro esperançoso de que planejar é como navegar em águas abertas, deixando-se rumar pelo sopro dinâmico do Espírito Santo.

Ao P. Lauri e ao P. Nilo pelo cuidado amigo pastoral, o incentivo e as admoestações.

Ao P. Deolindo pelo estímulo ao ingresso no doutorado.

Às comunidades em que pastorei e fui pastoreada na dinâmica do ensinar e do aprender mútuos que me levaram a estar aberta para o imprevisível e as mudanças.

Ao Colégio Sinodal que me oportunizou o magistério e enriqueceu a minha caminhada na área da educação.

À Faculdades EST que me abriu a janela para contemplar a conexão entre a experiência, o conhecimento e os diferentes saberes.

À CAPES pelo suporte para desenvolver essa pesquisa.

À possibilidade de vivenciar a espiritualidade que me leva à esperança e à memória de que o amor de Deus não se acaba e a sua bondade não tem fim (Lm 3.21-22).

Minha gratidão se expressa na alegria de viver e de esperar contribuindo com a construção de relações mais justas, equitativas e amorosas!

Sustentar-se significa manter-se em equilíbrio. Nossa morada - o planeta Terra - está em perfeito equilíbrio com as leis Universais da Fonte Criadora. Dos constituintes do Planeta - reinos mineral, vegetal e animal, sobrepõe-se, no último, o ser humano. Difere dos outros seres vivos por ser dotado de inteligência.

Portanto, compete ao humano manter esse equilíbrio, desenvolvendo a si mesmo e o meio, através do conhecimento historicamente acumulado, o que lhe permite produzir sua vida material, imaterial e espiritual.

O humano é um ser social e seu desenvolvimento acontece no coletivo. Em suas relações sociais cresce ou não, através da interação com o outro e com o meio, mediado pela qualidade dessas relações no cotidiano e pela forma como realiza a gestão dos conflitos delas decorrentes.

O humano, ao conhecer a si mesmo, cresce como SER e gera ou não, relações sociais baseadas no que é ético. Ao assim proceder, considera a relação com o meio natural e social e todos os seres vivos como sagrado.

Caminhando comunitariamente na direção ética, terá a sua disposição os recursos naturais e potencialidades sociais para viver com plenitude, fé e esperança o tempo presente e a possibilidade de um futuro da humanidade que sustenta a si e ao Planeta com respeito, alegria e gratidão.

O humano sustentar-se-á, então, em perfeito equilíbrio com sua Morada, o planeta.

RESUMO

A pesquisa aborda as contribuições da sustentabilidade para a tarefa missionária da igreja apresentando novos olhares e possibilidades. Emprega em sua trajetória um quadro bibliográfico e documental amplo que dialoga com diferentes campos do conhecimento e de sabedorias. No atual cenário, a sustentabilidade tem sido considerada uma palavra popular e usada em diferentes âmbitos sociais. Contudo, seu conceito é plural e tido como, ainda, em construção. Diante disso, a tese aprofunda a compreensão histórica do termo e formula uma concepção que ampara a sua utilização no meio eclesial. Perseguindo seu intuito, aprofunda e fundamenta a tarefa missionária, em especial, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) difundindo o potencial vocacional que verte da vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana e da ética cristã. Apresenta aportes oriundos de teologias contextuais na discussão e evidencia a emergência de uma hermenêutica que coloca em diálogo missão e sustentabilidade. Bem como, oferece uma releitura dos textos bíblicos contribuindo com os desafios lançados na atualidade. Tanto na perspectiva da sustentabilidade quanto da tarefa missionária, a formação e a capacitação são apresentadas como contributos relevantes para alavancar o conhecimento, a convivência e o empoderamento para uma ação social participativa e engajada pelo bem da coletividade e do planeta. O empenho de pessoas líderes, a mobilização de pessoas e de recursos, a gestão comunitária, bem como a atribuição institucional somam para criar estímulos para a tarefa missionária fundamentada na busca por sustentabilidade. No contexto confessional luterano, é possível averiguar narrativas e ações para potencializar a tarefa missionária e aspectos relacionados a sustentabilidade. São experiências que apontam para a necessidade de planejar estrategicamente as ações missionárias e alavancar práticas que testemunham a fé cristã e atribuem credibilidade e legitimidade à Igreja dentro do contexto de cada comunidade. No planejamento missionário, a sustentabilidade, além de ter um papel político e hermenêutico, apresenta um papel prático ao acompanhar a leitura e a interpretação do processo que envolve a implementação do planejamento estratégico através dos parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade. Portanto, a pesquisa destaca a relevância da sustentabilidade na tarefa missionária da igreja e convida a novos olhares e possibilidades.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Missão. Tarefa Missionária. Igreja. Parâmetros Eclesiais de Sustentabilidade. Indicadores Eclesiais de Sustentabilidade.

ABSTRACT

The research addresses the contributions of sustainability to the church's missionary task, presenting new perspectives and possibilities. It employs in its trajectory a broad bibliographic and documental framework that dialogues with different fields of knowledge and wisdom. In the current scenario, sustainability has been considered a popular word and used in different social contexts. However, its concept is plural and considered as still under construction. Given this, the thesis deepens the historical understanding of the term and formulates a conception that supports its use in the ecclesial environment. Pursuing its purpose, it deepens and gives foundations to the missionary task, in particular, of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) spreading the vocational potential that flows from the experience of the spirituality of Lutheran confessionality and Christian ethics. It presents contributions from contextual theologies in the discussion and highlights the emergence of a hermeneutics that puts mission and sustainability in dialogue. It also offers a rereading of biblical texts contributing to the challenges launched today. Both from the perspective of sustainability and the missionary task, education and training are presented as relevant contributions to leverage knowledge, coexistence and empowerment for participatory and engaged social action for the good of the community and the planet. The commitment of leaders, the mobilization of people and resources, community management, as well as institutional attribution add up to create stimuli for the missionary task based on the search for sustainability. In the Lutheran confessional context, it is possible to ascertain narratives and actions to enhance the missionary task and aspects related to sustainability. These are experiences that point to the need to strategically plan missionary actions and leverage practices that testify to the Christian faith and attribute credibility and legitimacy to the Church within the context of each community. In missionary planning, sustainability, in addition to having a political and hermeneutical role, has a practical role in accompanying the reading and interpretation of the process that involves the implementation of strategic planning through ecclesiastical sustainability parameters and indicators. Therefore, the research highlights the relevance of sustainability in the missionary task of the church and invites new perspectives and possibilities.

Keywords: Sustainability. Mission. Missionary Task. Church. Ecclesial Sustainability Parameters. Ecclesial Sustainability Indicators.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agricultura
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CLAI	Conselho Latino-Americano de Igrejas
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
COD	Comunhão Diaconal
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
FLM	Federação Luterana Mundial
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
InS	Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organizações da Sociedade Civil
PAMI	Plano de Ação Missionária da IECLB
PE	Planejamento Estratégico
PEC	Plano de Educação Cristã
PIB	Produto Interno Bruto
PM	Planejamento Missionário
PMAS	Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização
PEP	Planejamento Estratégico Participativo
<i>SciELO</i>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TdaL	Teologia da Libertação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	42
FIGURA 2 – Rosa de Lutero	240
FIGURA 3 – Planejamento Estratégico Participativo (PEP)	255
FIGURA 4 – Sequência metodológica do Planejamento Missionário	258
FIGURA 5 – Dimensões e Eixos Transversais da Ação Missionária da IECLB	279
FIGURA 6 – Dimensões da Ação Missionária da IECLB	285
FIGURA 7 – Eixos Transversais da Ação Missionária da IECLB	287

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela da Matriz de Planejamento – Plano Operacional	259
TABELA 2 – Parâmetros de Sustentabilidade da Igreja	281
TABELA 3 – Detalhamento para construção de Indicadores Eclesiais de Sustentabilidade	307
TABELA 4 – Avaliação do valor do Indicador Eclesial de Sustentabilidade	308
TABELA 5 – Exemplificação da construção de Indicadores Eclesiais de Sustentabilidade	311

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 COMPREENSÃO ACERCA DA SUSTENTABILIDADE	19
2.1 ADVENTO DA SUSTENTABILIDADE	20
2.1.1 Preservar para usufruir	21
2.1.2 Progredir para crescer	27
2.2 NARRATIVA CONTEMPORÂNEA.....	30
2.2.1 Crescimento e conservação	31
2.2.2 Desenvolvimento Sustentável e sustentabilidade	37
2.3 ACEPÇÕES EM TORNO DA SUSTENTABILIDADE	44
2.3.1 Conceito polissêmico e complexo em (des)construção	46
2.3.2 Ambiguidade da sustentabilidade no cenário do desenvolvimento sustentável.....	58
2.4 BENESSES DA SUSTENTABILIDADE	65
2.4.1 Conexão com a ética	66
2.4.2 Oportunidade para a humanização e a espiritualidade	70
2.4.3 Aporte para as instituições e organizações	77
2.5 EDIFICAÇÃO DE UM CONCEITO	82
3 FUNDAMENTAÇÃO DA TAREFA DA IGREJA.....	87
3.1 IGREJA MISSIONAL	89
3.1.1 Contributo bíblico confessional	101
3.1.2 Ética cristã	107
3.2 VOCAÇÃO.....	110
3.2.1 Espiritualidade de confessionalidade luterana.....	113
3.2.2 Potencial social transformador	122
3.3 APORTES DAS TEOLOGIAS CONTEXTUAIS.....	132
3.3.1 Teologia da Libertação.....	134
3.3.2 Teologia Feminista Latino-Americana	135
3.3.3 Ecoteologia	137
3.3.4 Teologia Ecofeminista.....	138
3.3.5 Teologia Negra e Teologia Feminista Negra	139
3.3.6 Teologia Índia.....	140
3.4 HERMENÊUTICA DA SUSTENTABILIDADE	141
3.4.1 Missão e sustentabilidade	145
3.4.2 Releituras sob o prisma da sustentabilidade.....	147
3.5 TAREFA MISSIONÁRIA E O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE	157
4 CONTRIBUTOS DA FORMAÇÃO E DA CAPACITAÇÃO	159
4.1 ARTE DE EDUCAR E DE APRENDER.....	161
4.1.1 Educação na sustentabilidade.....	170
4.1.2 Educação Cristã Contínua	178

4.1.3 Empoderamento	185
4.2 AÇÃO E PARTICIPAÇÃO	188
4.2.1 Líderes e o seu papel	193
4.2.2 Mobilização de pessoas e de recursos	201
4.2.3 Gestão Comunitária	206
4.2.4 Atribuição institucional.....	215
4.3 CRIAR E OPORTUNIZAR: ESTÍMULOS PARA A TAREFA MISSIONÁRIA	217
5 CENÁRIO DA SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO DA IGREJA	221
5.1 DESENVOLVIMENTO DAS IGREJAS SEGUNDO A FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL	222
5.1.1 Princípios para o desenvolvimento das igrejas	224
5.1.2 Programa Sustentabilidade das Igrejas	227
5.2 PANORAMA DA SUSTENTABILIDADE NA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL	230
5.2.1 Narrativas acerca de sustentabilidade em Concílios da IECLB....	232
5.2.2 Plano de Ação Missionária da Igreja e Plano Operacional.....	239
5.2.3 Metas Missionárias	246
5.3 PLANEJAR E IMPLANTAR AÇÕES MISSIONÁRIAS	247
5.3.1 Planejamento Missionário	253
5.3.2 Implementação do plano de ação missionária	263
5.4 IGREJA E SUSTENTABILIDADE.....	270
6 PARÂMETROS E INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE	273
6.1 PARÂMETROS.....	274
6.1.1 Parâmetros eclesiais.....	277
6.1.2 Aplicabilidade de parâmetros	281
6.2 INDICADORES	288
6.2.1 Construção de indicadores	298
6.2.2 Indicadores eclesiais de sustentabilidade	305
6.3 ESTRATÉGIAS PARA APRIMORAR A TAREFA MISSIONÁRIA	312
7 CONCLUSÃO	315
REFERÊNCIAS.....	323

1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa está situado no âmbito da experiência pastoral da pesquisadora com o processo de formação e de capacitação para o planejamento estratégico e a implementação do planejamento missionário em comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Essa vivência suscitou sonhos, esperança e perguntas. Despertou, igualmente, a necessidade de aprofundar a compreensão da sustentabilidade no âmbito eclesial e de fundamentar o caminho do planejamento missionário, tanto para a vivência da espiritualidade quanto para a gestão comunitária. Logo, o cotidiano comunitário gerou a pergunta que rege esta pesquisa na perspectiva da construção de novos olhares e possibilidades que fomentem vida e esperança.

A tese, portanto, tem por objetivo investigar em que medida a sustentabilidade pode contribuir com a tarefa missionária da igreja. Diante disso, busca empreender uma maior compreensão do campo da sustentabilidade e da vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana como fundamentos contribuintes para o desenvolvimento da igreja que se coloca à serviço da vida. Além de buscar identificar a formação e a capacitação como geradoras de habilidades e de competências que cooperam e potencializam essa perspectiva. Por último, pergunta como os parâmetros e os indicadores eclesiais de sustentabilidade podem auxiliar a gestão comunitária na leitura dos processos que envolvem o planejamento missionário.

A agenda a ser considerada será local e ponderada a partir da oportunidade de as pessoas se abrirem para processos de mudanças na forma de ser e estar no mundo empoderando-se de aspectos oriundos da missão da igreja. A experiência de fé e de comunidade é concebida no âmago das comunidades da IECLB. Todavia, a tese busca contribuir também com as discussões realizadas no âmbito das igrejas da América Latina e Caribe no desenvolvimento de sua tarefa missionária. A reflexão e o auxílio mútuo fortalecem as diferentes denominações religiosas e favorecem a proclamação e a vivência do evangelho contribuindo com a busca de justiça, de paz e de amor. Vale ressaltar que as comunidades eclesiais estão dentro de um contexto social maior e mais complexo e que dele recebe influências e podem influenciar. Por isso, podem fazer uma enorme diferença na busca pela valorização da vida e da natureza.

A epistemologia e a pesquisa são refletidas à luz da confessionalidade luterana, da palavra bíblica, das áreas do conhecimento e da sabedoria plural, bem como das experiências da própria pesquisadora. A linha de pensamento que perpassa o estudo é de um esperar por uma vivência amorosa com alteridade, cooperação, responsabilidade e ética cristã. Essa visão almeja melhoria e harmonia nas relações humanas e ambientais e se dirige também às estratégias que envolvem o desenvolvimento da tarefa do ser igreja dentro do contexto e na promoção da sua missão.

O estudo apresenta-se na área da Teologia Fundamental Sistemática e na linha de pesquisa da Teologia Contemporânea em Perspectiva Latino-Americana. Possui um amplo quadro teórico de fontes documentais e bibliográficas que se justifica pelo fato de que o material disponível é escasso, sobretudo ao que se refere à sustentabilidade no âmbito eclesial. A própria temática demanda dialogar com diferentes campos de conhecimento e de sabedorias com o intuito de vislumbrar a contribuição da sustentabilidade com o campo eclesial no desenvolvimento de seu papel missional.

O planejamento da pesquisa e a sua realização contaram com a disponibilidade de obras das bibliotecas da Faculdades EST e da própria autora. Outras fontes foram acionadas pelo portal da IECLB na internet, pelo mecanismo de busca Google Acadêmico e pela base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) através de palavras-chaves. Ademais, o contato com algumas obras surgiu com a participação de eventos científicos. A investigação, portanto, ocupou-se com diferentes fontes de pesquisa, tais como: livros físicos e e-books, periódicos, artigos científicos, anais de eventos e documentos. Cabe mencionar que a pesquisa conta com textos em língua estrangeira e baseia-se em pessoas autoras seminais e contemporâneas.

Diante da pergunta a respeito da contribuição da sustentabilidade para a tarefa missionária da igreja, a pesquisa apresenta sete capítulos, incluídas a introdução e a conclusão. O segundo capítulo, aprofunda a compreensão da sustentabilidade e recorre à sua história, aos seus princípios e à sua significância a fim de averiguar e fundamentar seu propósito. Ostenta-se que a adoção da ideia de sustentabilidade influencia o comportamento das pessoas e das organizações. E, em boa medida, tem sido difundida por líderes, através da política institucional e da gestão, que orientam para um novo caminho de relações mais solidárias. Dentro

dessa profusão, a sustentabilidade parece apresentar a sua contribuição para a sociedade e, como tal, para a igreja. Nesse sentido, a pesquisa apresenta um conceito de sustentabilidade para orientar a reflexão e a sua aplicação na igreja.

O terceiro capítulo, aborda aspectos de fundamentação bíblica-teológica da tarefa missionária da igreja de confessionalidade luterana. Igualmente, busca aspectos contribuintes das teologias e hermenêuticas contextuais que efervesceram na América Latina e Caribe e que apontam para a reflexão de princípios da sustentabilidade na vivência da espiritualidade. Logo, se pergunta por uma possível e oportuna relação entre missão e sustentabilidade e uma consequente hermenêutica da sustentabilidade. Ambas as reflexões fomentam espaço na política eclesial da IECLB para favorecer a tarefa missionária.

O capítulo seguinte, valoriza a educação cristã contínua e oferece um olhar a respeito dos contributos da formação e da capacitação no fomento da sustentabilidade e da missão da igreja. Aprofunda alguns aspectos da dinâmica constituinte e contínua da arte de educar e aprender que beneficia a interação e a motivação para a participação e a ação social. Igualmente, pergunta a respeito do papel e dos espaços ofertados na igreja para empoderar e fomentar a participação e a cooperação na missão de Deus através da tarefa missionária.

O quinto capítulo, destaca o caminho aberto pela Federação Luterana Mundial (FLM) e pela IECLB nas proposições e discussões em torno da sustentabilidade e da própria missão da igreja. Aponta para a percepção da necessidade de buscar estratégias para planejar e realizar a missão eclesial voltados ao contexto de cada comunidade. Um conjunto de movimentos eclesiais que culminam com o incentivo às ações voltadas ao fortalecimento da identidade, à legitimidade e credibilidade da igreja e à gestão comunitária.

O penúltimo capítulo apresenta os parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade como ferramentas de leitura e interpretação dos processos que envolvem o planejamento missionário. A pesquisa busca conceituar e compreender como essas ferramentas podem colaborar com o processo de implementação do planejamento missionário para aportar a gestão comunitária no cumprimento da missão, da visão e dos valores da IECLB. Da mesma maneira, como os parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade motivam, contribuem e evidenciam ações para impactar o contexto no qual a comunidade está inserida e fortalecem a legitimidade e a credibilidade da instituição.

Portanto, este estudo busca o (re)conhecimento e o aprofundamento teórico das temáticas da sustentabilidade e da tarefa missionária da igreja. Tem como intuito favorecer o caminho do desenvolvimento de ações missionárias em comunidades da IECLB sob a perspectiva de novos olhares e possibilidades advindos da reflexão proporcionada pelo campo da sustentabilidade e da missão. Assim sendo, faz-se relevante rememorar a pergunta que instiga e percorre esta pesquisa: Em que medida a sustentabilidade pode contribuir com a tarefa missionária da igreja?

2 COMPREENSÃO ACERCA DA SUSTENTABILIDADE

Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro. (Jr 29.11)¹

A temática da sustentabilidade é recente e está em construção tanto em termos conceituais como práticos. A ideia recebeu uma ampla projeção nas últimas décadas embalada pela perspectiva do cuidado com o meio ambiente. Foi difundida como meio para mitigar a preocupação e o medo frente ao resultado da exploração acentuada dos recursos naturais e a constatação de que o sistema capitalista vigente não responde às necessidades básicas dos seres humanos e do meio ambiente.

Por outro lado, consagrou-se como um valor relevante de sonhos, utopias e práticas construídas a partir da esperança de um mundo melhor. Sua conotação positiva sustenta elementos como a conservação, a prudência, a preservação, o cuidado, a harmonia, a equidade e a democracia. O tema é apresentado como estratégica para garantir uma vida saudável e de qualidade com base nas mudanças de mentalidade e de atitudes no presente e no futuro. Um esforço para encontrar um sentido e um viver sustentável.

A utilização exagerada do termo por indivíduos, empresas, corporações, governos, produções acadêmicas e campos dos saberes, compôs um enredo que narra a sustentabilidade como um ideal a ser buscado com urgência para preservar o meio ambiente. O vocábulo se propagou como palavra-chave, mágica, da moda. Foi utilizado para sustentar estratégias, aprovar projetos, formular políticas públicas, melhorar a imagem de empresas e de grandes corporações, atrair pessoas, mascarar a exploração dos recursos naturais e do próprio ser humano. Além de ser empregado para referir-se a ações de preservação do meio ambiente.

Observa-se que, dependendo do contexto, a palavra apenas serviu de *slogan*, mote ou bordão. Ou, quando recebe definição conceitual, as compreensões se apresentam diferentes e, até mesmo, contraditórias. A sustentabilidade tem sido

¹ BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Edição em letra grande. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. As referências bíblicas seguirão esse padrão.

propagandeada como uma ação politicamente correta e otimista e, frequentemente, empregada sem a noção de suas implicações teóricas e práticas.

A questão inquietante quanto ao uso do termo versa sobre a utilização da palavra de forma vaga, superficial e deslocada conceitualmente da sua essência regularmente endossando ações consideradas insustentáveis, o que leva ao desgaste e a perda de aspectos relevantes. Apesar do termo ter se tornado um estereótipo, usado meramente como palavra bonita para expressar bons feitos, a sustentabilidade transporta elementos relevantes nas discussões acerca de como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com as pessoas e com a natureza.

A sustentabilidade reúne, no momento, conceitos polissêmicos, ambíguos e complexos. Esse prisma permite observar que a sustentabilidade não está presa a um determinado modelo ou padrão a ser seguido. Mas, se coloca como representante de uma orientação e um direcionamento éticos e benéficos a sociedade e, por consequência, a natureza.

A abrangência e a complexidade que envolvem o campo da sustentabilidade exigem recorrer à história e aos diferentes campos de experiências e estudos para compreender a sua ideia, o seu sentido, a sua utilização e a sua contribuição para a sociedade, sobretudo para a tarefa missionária da igreja. A proposta da pesquisa é aprofundar o estudo sobre as origens da noção de sustentabilidade, o nascedouro da palavra e do seu sentido, as narrativas e as principais características apresentadas que representam essa ideia. Pretende-se uma aproximação a fim de desobscurecer a compreensão da sustentabilidade e lançar luz sobre a sua contribuição para a tarefa missionária da igreja, sobretudo para as comunidades de confessionalidade luterana.

2.1 ADVENTO DA SUSTENTABILIDADE

Na história, há determinadas épocas e lugares em que a escassez de alimentos e água e as catástrofes naturais geraram grandes preocupações e levaram à esforços e estratégias para lidar e superar com tais circunstâncias. Os seres humanos foram impelidos, pelas necessidades e pela capacidade criativa, a buscarem soluções práticas a exemplos da migração e da adaptação alimentar, geográfica e climática. Certamente, a forma e dinâmica da organização social contribuiu para esse processo estratégico de sobrevivência e de desenvolvimento.

Constitui-se como um exemplo apropriado, a narrativa bíblica acerca do sobreaviso relacionado ao tempo, presente e futuro, de que haveria sete anos de abundância e outros sete anos de fome. Junto com o alerta, observa-se a indicação da necessidade de se traçar estratégias para o enfrentamento da situação e a consideração da mobilização de uma boa liderança e do planejamento de ações para garantir a sobrevivência do povo. (Gn 41.25-36).

O acautelamento em relação aos recursos naturais e a maneira com que o ser humano interage e se relaciona com o mundo são assuntos antigos. Eles estão fortemente relacionados ao contexto sofrendo influências de diferentes e múltiplos fatores. Desse cenário, emergem e florescem as discussões acerca da sustentabilidade.

Alguns temas se acentuaram no decorrer dos últimos séculos, em especial a partir do século XX. A preocupação foi direcionada ao sobreaviso de que os processos de regeneração do meio ambiente, que garantem as condições da vida humana, foram interrompidos em decorrência da ação humana. O sistema natural ficou dependente do próprio ser humano para reverter essa situação. Cabe a ele, desenvolver vontade política, tomar decisões e agir para mudar a forma de pensar e de viver a fim de postergar o fim da humanidade² e tornar o mundo mais humano.

2.1.1 Preservar para usufruir

O manejo sustentável das florestas, que dá origem ao termo sustentabilidade, pôde ser rastreado até o regulamento florestal do mosteiro de Mauermünster, na Alsácia. Esse documento, datado de 1144, determinava o uso cuidadoso das florestas e, conforme o caso, até mesmo, impedia a derrubada de árvores. Um outro documento de 1480, aduziu que as florestas deveriam ser preservadas porque as futuras gerações também teriam suas próprias necessidades. É inegável que a concepção de conservação e precaução se espalhou e gerou mudanças no manejo das florestas na Europa³.

² VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade**: A legitimação de um novo valor. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010. p. 36.

³ SCHMIDT, Thomas. Aus der Idee wird ein aufgeklärtes Wirtschaftsprinzip. **Projektwerkstatt**: Die bunte welt von Widertand und Utopie, 1/1998. On-line. Disponível em: http://www.projektwerkstatt.de/index.php?domain_id=1&p=17459. Acesso em: 29 abr. 2020.

Embora os argumentos para limitar a exploração fossem o cuidado com as florestas e com o futuro das próximas gerações, houve outras razões para a promoção dessa narrativa. Uma delas foi o fato de que a nobreza e o clero precisavam garantir os seus espaços de poder e ter acesso direto aos recursos naturais em caso de necessidades, seja em tempos de paz ou de guerra. Essa conjuntura resultou no desequilíbrio entre a abundância da nobreza e a miséria da maioria da população.

Contudo, as ideias de cuidado, de preservação e de conservação não se desenvolveram a contento na prática em virtude das estruturas do poder econômico e político e de líderes que tinham interesses na exploração das pessoas e dos recursos naturais⁴. Todavia, tem-se um cenário no qual começa a ser gestada a noção de sustentabilidade através dos aspectos da consideração e da precaução.

A partir da noção medieval de sustentabilidade, surge no século XVIII a experiência vinculada à gestão sistemática das florestas que fora implementada pelos silvicultores europeus. Em boa medida, essa prática resulta das consequências da Guerra dos 30 anos (1618-1648)⁵ e das ideias de pensadores como Francis Bacon e René Descartes. Ambos contribuíram para a formação de uma visão racionalista e mecanicista do mundo ao enfatizarem o domínio e o controle do ser humano sobre os recursos naturais. Aos poucos, a viabilidade técnico-mecânica foi sendo consolidada como a solução para todos os males. Thomas Schmidt menciona aspectos que influenciaram a construção da noção de sustentabilidade:

[...] o desenvolvimento posterior da ideia de sustentabilidade é fortemente influenciado pelos processos sociais e econômicos de mudança do barroco e pelo período da iluminação. A ciência como método do conhecimento foi fundada, as primeiras teorias econômicas foram estabelecidas e a compreensão da natureza mudou fundamentalmente.⁶

⁴ SCHMIDT, 1998, on-line.

⁵ SILVA, Daniel Neves. Guerra dos Trinta anos. **História do Mundo**, (©2021), on-line. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/guerra-dos-trinta-anos.htm>. Acesso em: 30 maio 2021. Essa guerra representou o confronto religioso entre pessoas que defendiam por um lado o catolicismo e, por outro, o protestantismo. Foi motivada pela busca de expansão territorial e econômica e a hegemonia no contexto europeu. E, marcou a transição do feudalismo para a Idade Moderna e o enfraquecimento do poderio religioso frente as monarquias nacionais em formação na Europa.

⁶ SCHMIDT, 1998, on-line. *So wird die weitere Ausgestaltung der Nachhaltigkeitsidee intensiv von den gesellschaftlichen und wirtschaftlichen Wandlungsprozessen des Barock und der Aufklärungszeit geprägt. Die Naturwissenschaft als Erkenntnismethode wurde begründet, erste Wirtschaftstheorien aufgestellt und das Naturverständnis wandelte sich grundlegend.* (tradução nossa).

A ideia de produção sustentada acentuada pelos silvicultores europeus foi retratada em muitos livros. Em 1664, a obra “*Sylva*”, de John Evelyn, se tornou um *best-seller*. O autor, ao abordar o plantio de árvores, realçou a responsabilidade social pela preservação e pela mitigação da exploração sem controle dos recursos naturais. E, expôs “[...] discussões vinculadas às questões sociais e econômicas, com apelo urgente voltado aos interesses das gerações futuras em ter recursos naturais disponíveis. [...] solicita conservação e restauração dos ecossistemas”⁷.

Em 1669, Jean-Baptiste Colbert publicou “*Grande ordonnance forestière*” e divulgou a ideia do bom uso dos recursos provenientes da floresta⁸. A reflexão versava acerca da relação do ser humano com a natureza na perspectiva da dependência do ser humano e da necessidade de continuidade dos recursos explorados dentro de uma ótica social.

Para Ulrich Grober, essas duas obras foram consideradas importantes fontes para Hanns Carl von Carlowitz escrever o livro “*Sylviculturs oeconomica*”, em 1713. A obra trouxe para a discussão temas como: equilíbrio entre derrubar árvores e regeneração natural dos sistemas envolvidos; preocupação com os direitos das pessoas mais pobres e o direito das futuras gerações; pensamento ganancioso de querer ganhar dinheiro a curto prazo; defesa do uso dos recursos naturais com parcimônia e a longo prazo; e, a possibilidade de uma grave crise econômica caso não houvesse uma intervenção diante da situação vivenciada de exploração dos recursos e das pessoas⁹.

A obra de Carlowitz é considerada o marco histórico do nascedouro da palavra “*Nachhaltend*”. Todavia, no decorrer do século XVIII, o termo foi modificado para “*Nachhaltig*”. Posteriormente, a variante “*Nachhaltigkeit*” foi traduzida por

⁷ FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. **Sustentabilidade**: Desvendando a complexidade teórica e prática. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 53. Sublinha-se, com alegria e gratidão, que no decorrer da construção desse capítulo, a autora se deparou com o livro, acima mencionado, que contém proximidade de estruturação no desenvolvimento dos conteúdos. Tal fato, colabora com a afirmativa da relevância teórica de diferentes áreas de estudo na busca pela compreensão da ideia de sustentabilidade e a sua contribuição para a sociedade.

⁸ MALVEZZI, Mariana. **Sustentabilidade e emancipação**: a gestão de pessoas na atualidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. p. 42-43.

⁹ GROBER, Ulrich. **Deep Roots**: A conceptual history of ‘sustainable development’ (Nachhaltigkeit). Discussion papers, wissenschaftszentrum Berlin für Aozialforschung. Berlin: WZB, 2007. p. 20.

sustentabilidade¹⁰. No livro, “Carlowitz sugeriu *nachhaltende Nutzung* (uso sustentável) dos recursos florestais”¹¹, segundo afirma Jacobus A. Du Pisani.

Para Markus Vogt, o autor emprega a palavra sustentável (*Nachhaltig*) em contraposição ao termo negligente (*Nachlässig*). Isso porque pode ter compreendido que “[...] a sustentabilidade não é um princípio limitador passivo [...] Trata-se de construir o futuro de forma ativa e inovadora, não apenas de definir os limites do que é proibido ou permitido”¹².

Além de ser berço de um novo termo científico, a obra delineou um novo conceito cultural e antecipou a fórmula de Brundtland¹³. A ideia de sustentabilidade, baseada nos pilares da ecologia-natureza, da economia e da ética social, foi um produto do início do iluminismo e desenvolvida dentro de um contexto voltado para o bem comum e o bem público denominado de Cameralismo¹⁴. Apesar de poucas

¹⁰ MALVEZZI, 2013, p. 44.

¹¹ PISANI, Jacobus A. Du. Sustainable development – historical roots of the concept. **Environmental Sciences**, v. 3, n. 2, p. 83-96, 2006. p. 85. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/15693430600688831?needAccess=true>. Acesso em: 12 ago. 2021. *Carlowitz suggested nachhaltende Nutzung (sustainable use) of forest resources.* (tradução própria). Segundo Alexandre André Feil e Dusan Schreiber, citando Schlör, “[...] a ideia de sustentável, nesses contextos, está relacionada a solução para a escassez de recursos naturais desde os primórdios da humanidade (meados de 6000 a.C.) sendo consolidada ao longo do percurso histórico, em função da busca pela humanidade de ter à disposição esses recursos de forma contínua e perpétua. As forças que impulsionaram o surgimento da ideia de sustentabilidade relacionam-se às crises do sistema energético e dos recursos naturais desde a antiguidade, segundo estudos e relatos de Schlör *et al.* (2012).” (grifo do autor). SCHLÖR, 2012 *apud* FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 75.

¹² VOGT, Markus. **Das Prinzip Nachhaltigkeit und seine Umsetzung in Deutschland.** [i2021]. p. 2. Disponível em: https://ordosocialis.de/pdf/M.Vogt/Das_Prinzip_Nachhaltigkeit-pt.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021. A sustentabilidade “[...] terá sempre o caráter de usufruto, um direito de apropriar-se dos frutos de algum bem, desde que fique preservada sua capacidade de produzir frutos. Como não foi o homem [*sic*] o criador da natureza, tampouco pode ser considerado seu proprietário. Esta idéia [*sic*] já foi formulada pelo filósofo liberal John Locke no século XVII. Na atualidade, esta maneira de pensar é encontrada principalmente nas religiões monoteístas que apontam Deus como único proprietário de fato da Criação. A sustentabilidade requer uma reflexão crítica do conceito de propriedade. [...]. A essência da sustentabilidade é promover a integração da economia na cadeia ecológica dos materiais e nos ritmos temporais de forma previdente e cautelosa.” p. 2-3.

¹³ GROBER, 2007, p. 20-21.

¹⁴ Cameralismo: “Com esse termo nos referimos aqui geralmente a um intrincado conjunto de interações entre determinados comportamentos político-institucionais, relativos ao período central da formação do moderno Estado alemão [...] e, de igual modo, a certas formas de especulação política, elaboradas assaz frequentemente com propósitos imediatamente efetivos e sempre em resposta aos problemas reais que a nova ordem constitucional e social estava gerando. [...] Essa acepção mais ampla em que o Cameralismo tem sido amiúde tomada se poderia [*sic*] definir sinteticamente como concepção administrativa do Estado, desenvolvida na Alemanha (de modo correspondente, mas autônomo, em relação aos demais países da Europa), entre os fins do século XVI e os do século XVIII.” BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política.** 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 1 v. p. 137. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

discussões a respeito da sustentabilidade, as pessoas teóricas do século XVIII sabiam que os recursos naturais eram finitos e novas práticas necessárias. As próprias palavras usadas na formulação dos pilares fundamentam essa proposição¹⁵.

A percepção de que as ações individuais influenciam o conjunto da sociedade, no presente e no futuro, aparece nas palavras de Wilhelm Gottfried Moser (1757), citado por Ulrich Grober, ao considerar que é “[...] razoável, justo e sábio quanto certo que o homem [sic] não deve viver apenas para si mesmo, mas também para os outros [sic] e para posteridade”¹⁶. Também nessa direção e fazendo uma referência a sustentabilidade, Markus Vogt traz a afirmativa: “Para Carlowitz, autor do termo, a sustentabilidade é uma atitude mental descrita por ele como respeito pela Criação bem como coparticipação na sua força criativa”¹⁷.

Percebe-se a proximidade da compreensão a respeito da economia e do propósito de vida de Hanns Carl von Carlowitz com o pensamento oriundo da Reforma Protestante. Para ele, o ser humano é responsável e deve cultivar e preservar a natureza e não agir contra ela, o que seria algo pecaminoso. Sua consciência ética social comunicava que todas as pessoas têm direito à alimentação e à subsistência, inclusive pessoas pobres e as futuras gerações, bem como estabilidade e durabilidade da comunidade¹⁸. Assim como concebia a natureza como uma espécie de mãe que interage, trabalha em conjunto e manifesta vida, beleza e segredos. Ele era um

[...] profundo admirador da filosofia natural de Spinoza, baseava suas ideias no conceito de ‘natura naturans’, isto é, da natureza como força criadora em permanente desenvolvimento. Por conseguinte, não se trata primordialmente de preservar o que existe, mas de abrir espaço às forças geradoras de vida existentes na natureza.¹⁹

Nos séculos XVIII e XIX, pessoas ligadas à silvicultura alemã transformaram a ideia de sustentabilidade em uma nova ciência ao enfatizar a técnica e formar academias florestais. Ao expandir os espaços de formação, fez-se necessário traduzir a palavra “*Nachhaltigkeit*”. Assim, em 1800, essa palavra foi traduzida para o francês, por Karl Albrecht Kasthofer, como sendo “produto regulado de uma floresta”. Logo

¹⁵ WORLD OCEAN REVIEW. **What is sustainability?** 2015, on-line. (WOR 4: Sustainable Use of Our Oceans – Making Ideas Work). Disponível em: <https://worldoceanreview.com/en/wor-4/concepts-for-a-better-world/what-is-sustainability/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁶ GROBER, 2007, p. 21. [...] *reasonable, just and wise as it is certain that man must not live only for himself, but also for others and for posterity.* (tradução nossa).

¹⁷ VOGT, (i2021), p. 13.

¹⁸ GROBER, 2007, p. 20.

¹⁹ VOGT, (i2021), p. 2.

depois, Adolphe Parade transpôs para “produção sustentada”. No inglês, a palavra foi traduzida, em meados do século XIX, como “rendimento sustentado”. Ulrich Grober considerou que as traduções do termo ficaram muito próximas do original²⁰.

A ideia do rendimento sustentável, que limita o uso dos recursos naturais ao ponto de que a própria natureza pode se regenerar, não se difundiu na Europa e nem nas Américas. Mas, ela resistiu. Um exemplo vem de Gifford Pinchot (1865-1946) que cunhou as palavras *wise use*, traduzido por “uso sábio” ou “uso inteligente” ao referir-se ao objetivo das reservas florestais da Europa. Ele entendeu que as reservas florestais eram recursos naturais para o maior bem do maior número de pessoas, durante o maior tempo e que era dever público conservar. Esse pensamento impulsionou a obra de Aldo Leopold (1887-1948) “*Land Ethics*”, traduzido por “Ética da Terra”, que afirmou: “Uma coisa é certa quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica. É errado quando tende ao contrário”²¹.

Ulrich Grober ponderou a respeito do contexto do nascedouro da sustentabilidade. Chamou sua atenção o fato de que, surpreendentemente, foi a Marinha Real Britânica, imersa na luta pelo poder global, que primeiramente se engajou na luta pelo uso mais sustentável dos recursos naturais e que pessoas como Evelyn, Colbert e Carlowitz faziam parte da elite e do poder na época. Algumas questões permanecem em aberto: A sustentabilidade foi uma ferramenta para fortalecer o poder da classe dominante e prolongar seu estilo de vida? Uma estratégia para responder às classes mais baixas? Uma cisão na elite? Uma resposta às possíveis crises? Uma responsabilidade de pessoas cidadãos que tentaram inovar? Sem conseguir traçar respostas, o autor menciona que as pessoas pioneiras compartilhavam de valores que iam além das ações a curto prazo de seus governantes e acabaram formando uma rede que lançou o Iluminismo²².

Thomas Schmidt ponderou que a experiência advinda da silvicultura na Europa apresentou duas direções para compreender a ideia de sustentabilidade. Um direcionamento visou às questões relativas à política econômica como prioridade para o crescimento econômico e, a outra, incluiu a biodiversidade²³. Percebe-se que os

²⁰ GROBER, 2007, p. 22-24.

²¹ GROBER, 2007, p. 25-27. *A thing is right when it tends to preserve the integrity, stability, and beauty of the biotic community. It is wrong when it tends otherwise.* (tradução nossa). O termo “uso sábio” pode ser considerado uma referência a ética utilitarista clássica.

²² GROBER, 2007, p. 28-29.

²³ SCHMIDT, 1998, on-line.

caminhos percorridos tiveram várias motivações e se apresentaram como ambíguos. Mas, de modo geral, buscaram preservar para usufruir.

Constata-se que a consciência da realidade e a presença de valores contribuem para a tomada de decisões e ações transformadoras. Por esse motivo, faz-se relevante resgatar a sabedoria bíblica que instituiu ao ser humano a tarefa de servir (*abad*) e de proteger (*schamar*) o jardim de Deus. Com ela vem o discernimento e a afirmação de que a grandeza do ser humano está em zelar pela vida e em aprimorar a sua capacidade, através do conhecimento científico e tecnológico, a fim de melhor cuidar do jardim na qual vive toda a comunidade viva (Gn 2.15). Nesse sentido, pode-se afirmar que a própria ideia da sustentabilidade recebeu, ao longo dos tempos, novos olhares, percepções e direcionamentos.

2.1.2 Progredir para crescer

No século XVIII as preocupações na Europa estavam voltadas ao aumento da população, o que poderia ocasionar uma crise alimentar e a finitude dos recursos naturais, colocando em risco o progresso da humanidade. Thomas Robert Malthus, em 1789, apresentou a teoria Malthusiana, criticada por algumas pessoas e, por outro lado, apoiada e aplaudida por alguns renomados economistas. Essa “[...] teoria explicava a existência da fome, pobreza e miséria, em nível global, e apontava o controle de natalidade como principal solução”²⁴.

Em parte, esse receio não se concretizou devido à Revolução Industrial. Porém, o que se presenciou foi a multiplicação da exploração e do abuso dos recursos naturais a partir do fortalecimento das ideias do iluminismo que versavam acerca do desenvolvimento industrial e econômico como promotores do progresso, da crença

²⁴ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 56. “Em sua obra *Ensaio sobre o Princípio da População*, Malthus deixou evidente seu pessimismo quanto ao desenvolvimento humano. Ele acreditava que a pobreza fazia parte do destino da humanidade, baseado na premissa de que a população possuía potencial de crescimento ilimitado, ao contrário da produção de alimentos. [...] Para conter o ritmo acelerado do crescimento populacional, Malthus, pautado na sua formação religiosa, acreditava na necessidade de um controle de natalidade, que chamou de ‘**controle moral**’. Esse controle não deveria ser feito pelo uso de métodos contraceptivos, mas pela abstinência sexual ou adiamento de casamentos. Vale ressaltar que esse controle foi sugerido apenas para a população mais pobre. Segundo ele, era necessário forçar a população mais carente a diminuir o número de filhos [sic]”. (grifos da autora). SOUSA, Rafaela. Teoria Malthusiana. **Mundo Educação**, (©2021). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/teoria-malthusiana.htm>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ilimitada no desenvolvimento e da garantia dos direitos individuais²⁵. Os discursos acentuavam “[...] a predominância da razão, o direito e a liberdade de crítica, a noção de igualdade entre as pessoas, a oposição ao poder absoluto, o conhecimento como fonte de progresso contra a conformidade e resignação”²⁶.

A secularização representou a passagem do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico²⁷. Intelectuais defenderam a fé nas ciências como sendo a orientação segura e necessária para o progresso e o alcance dos benefícios do desenvolvimento científico e tecnológico. A Revolução Industrial e o modelo capitalista defenderam o desenvolvimento²⁸ e o crescimento econômico contínuos. Dessa forma, fomentaram a acumulação, o consumismo, a exploração dos recursos naturais e, inclusive das pessoas, tudo à serviço do sonhado progresso da humanidade. Essas questões levaram a consequências desastrosas e os aspectos humanitários, ecológicos e econômicos entraram em crise causando forte repercussão, o que abriu o “[...] caminho para o surgimento e a adoção do desenvolvimento sustentável”²⁹. Mas, também, possibilitou reacender a ideia de sustentabilidade e ampliar o seu debate.

O otimismo pelo progresso contínuo e ilimitado foi gradualmente diminuindo e se acentuou após as duas guerras mundiais em decorrência das privações, da crescente desigualdade social e do medo da escassez dos recursos naturais. Para Jacobus A. Du Pisani, o século das luzes trouxe esperanças baseadas em aspirações

²⁵ PISANI, 2006, p. 84 e 89. Os autores mencionam que, segundo Painter, a ideia preliminar de progresso surgiu dentro da discussão sobre os impactos da atividade humana ao meio ambiente. “O surgimento dessa ideia ocorreu em meados de 332 a.C. a 642 d.C., no período clássico greco-romano. Os historiadores gregos (Sófocles, Hesíodo e Platão) discursavam sobre o progresso e o triunfo do homem [*sic*] sobre as forças da natureza e os Romanos (Plínio e Sêneca) em suas manifestações sentiam-se otimistas de que o futuro será melhor que o passado”. PAINTER, 1992 *apud* FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 52.

²⁶ UNCETA SATRÚSTEGUI, Koldo. Desarrollo, subdesarrollo, maldesarrollo y postdesarrollo: una mirada transdisciplinar sobre el debate y sus. **Carta Latinoamericana**. Contribuciones en desarrollo y sociedad en América Latina, n. 7, p. 1-34, abr. 2009. p. 5. [...] *el predominio de la razón, el derecho y la libertad de crítica, la noción de igualdad entre las personas, la oposición al poder absoluto, o el conocimiento como fuente de progreso frente al conformismo y la resignación*. (tradução nossa).

²⁷ O ser humano passa a ser a medida de todas as coisas. Enquanto antes, Deus era o centro do universo. Essa experiência está relacionada principalmente com a cultura do Ocidente.

²⁸ “O desenvolvimento econômico é um processo histórico de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico; é um processo de aumento da produtividade e dos salários, decorrente da necessidade de mão-de-obra cada vez mais qualificada e com maior custo de reprodução social; e é uma indicação de êxito na competição internacional”. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O conceito histórico de desenvolvimento econômico**. 2008. p. 42. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.18.ConceitoHist%C3%B3ricoDesenvolvimento.31.5.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

²⁹ PISANI, 2006, p. 87. [...] *way for the emergence and global adoption of sustainable development*. (tradução nossa).

humanas e não levou em consideração as potencialidades e as limitações humanas³⁰. A experiência evidenciou que os avanços tecnológicos e científicos são louváveis, contudo, podem também gerar morte e destruição se não houver um limite.

Nesse cenário, várias publicações tematizaram a conservação do meio ambiente e alertaram acerca dos recursos naturais não serem renováveis. As reflexões estimularam o repensar das relações humanas e ambientais e a construção de ações estratégicas em diferentes áreas para preservar e mitigar a destruição do meio ambiente. Destaca-se as seguintes obras: “O homem e a natureza”, em 1864, por George Perkins Marsh, que veio a ser uma importante fonte para os movimentos de conservação ao enfatizar que a terra foi dada ao ser humano para usufruto e não para o consumo exagerado e o desperdício; “Nosso século maravilhoso”, em 1898, por Alfred Russel Wallace, que debateu e avaliou os danos causados à natureza resultantes da imprudência e da exploração ilimitada dos recursos naturais³¹.

Em 1953, Howard Bowen propôs ao campo corporativo a adoção da responsabilidade social. O autor, em seus argumentos, empregou o termo sustentabilidade, porém, sem explicar o seu conceito. Sua intencionalidade era justificar a dependência do meio ambiente e a necessidade de preservá-lo³².

A ideia de sustentabilidade apresentada pela construção histórica do termo foi sendo direcionada à necessidade de promover ações de cuidado com o meio ambiente e de rechaçar as concepções que afirmavam a natureza como mera mercadoria a ser explorada ou como um depósito de resíduos. Ulrich Grober reitera a

³⁰ PISANI, 2006, p. 84-89.

³¹ PISANI, 2006, p. 86. Outras obras: “[...] Thorstein Veblen (1917) e A. C. Pigou (1929) apelou para o que hoje chamaríamos desenvolvimento sustentável. [...] Egbert de Vries (*De aarde betaalt*, 1948), William Vogt (*Road to survival*, 1948) e Henry Fairfield Osborn (*Nosso planeta saqueado*, 1948 e *Os limites da Terra*, 1953) lidou com as consequências da exploração excessiva dos recursos naturais e conclamou as pessoas a usar esses recursos de maneira responsável para garantir a existência contínua da sociedade civilizada (Van Zon 2002: 115 - 120). Em 1950 K. W. Kapp publicou uma análise da maioria das questões ambientais que agora fazem parte do discurso do desenvolvimento sustentável (Kapp 1950; ver também Leisinger 2003)”. p. 86. [...] *Thorstein Veblen (1917) and A. C. Pigou (1929) called for what we would today term sustainable development. [...] Egbert de Vries (De aarde betaalt, 1948), William Vogt (Road to survival, 1948) and Henry Fairfield Osborn (Our plundered planet, 1948 and The limits of the earth, 1953) dealt with the consequences of the overexploitation of natural resources and called upon people to use these resources in a responsible manner in order to ensure the continued existence of civilized society (Van Zon 2002: 115 – 120). In 1950 K. W. Kapp published an analysis of most of the environmental issues which now form part of the sustainable development discourse (Kapp 1950; see also Leisinger 2003).* (tradução nossa).

³² MALVEZZI, 2013, p. 50-51.

relevância de uma gestão mais planejada e responsável mediante os recursos e que sirva às necessidades das pessoas e das futuras gerações³³.

Para Alexandre Feil e Dusan Schreiber, a evolução do ser humano decorreu, em boa medida, do aperfeiçoamento cognitivo que possibilitou a criação de técnicas e ferramentas cada vez mais eficientes. O resultado foi o agravamento de problemas sociais e ambientais e o temor com a finitude dos recursos naturais que culminou na ideia de rendimento sustentável e, depois, de sustentabilidade³⁴. A racionalidade moderna invisibilizou os saberes e a diversidade do desenvolvimento da economia, essa conjuntura pede por uma reconstrução de visão de mundo.

Isto levanta a questão e fundamenta uma nova teoria da produção que internalize as condições ecológicas e sociais do desenvolvimento sustentável; que leve em conta os complexos processos da natureza, os sistemas simbólicos, os estilos étnicos e as práticas produtivas, através dos quais são valorizados os recursos potenciais da natureza, as regras sociais estabelecidas pelos direitos de acesso e apropriação, e pelas formas de exploração dos recursos naturais, os padrões tecnológicos que permitem a regeneração ecológica e a reciclagem de lixo.³⁵

Espera-se novas e criativas estratégias para rever a atual situação social e ambiental. Almeja-se o uso dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, junto com a disposição política para agir em favor de relações mais humanas e éticas. A palavra bíblica ensina que há tempo para tudo (Ec 3). Ela sugere que a dualidade está presente na vida e incorpora o desenvolvimento no ritmo do equilíbrio dinâmico e que, na sua falta, os propósitos precisam ser revistos para melhor adequá-los às circunstâncias. Nesse sentido, os ensaios prudenciais e criativos têm incorporado o questionamento acerca da narrativa do “progredir para crescer”.

2.2 NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Após a II Guerra Mundial, com a expansão industrial e comercial, a noção dos danos ao meio ambiente ficou mais evidente. Aumentou o temor de que o ser humano interferindo tão intensamente no ambiente poderia colocar em risco a sua própria sobrevivência. Semelhantemente, elevaram-se as preocupações com as questões relacionadas ao empobrecimento e às desigualdades sociais por serem consideradas

³³ GROBER, 2007, p. 29.

³⁴ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 14.

³⁵ LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51.

barreiras para a continuidade do crescimento econômico. Por fim, constatou-se que o progresso e o crescimento econômico não produziram as soluções esperadas.

Mediante as circunstâncias, o recurso utilizado foi a construção de uma nova concepção de desenvolvimento que pudesse acolher os anseios sociais e conciliar as noções de desenvolvimento e conservação³⁶. Os discursos versavam sobre o intento de: “[...] gerar prosperidade para todos [*sic*] e, por meio do crescimento econômico constante, superar a pobreza absoluta e aliviar disparidade de classe. Assim, o dualismo de crescimento econômico e sustentabilidade foi predeterminado”³⁷. Nasce, então, o paradigma do desenvolvimento sustentável³⁸.

2.2.1 Crescimento e conservação

O novo paradigma foi construído a partir do compromisso entre crescimento econômico e conservação, sendo que um pensamento defendia a exploração e o outro a proteção dos recursos naturais³⁹. O prisma esteve voltado à conciliação das noções de progresso, crescimento econômico e desenvolvimento para oferecer à sociedade um paradigma que fosse defensável moralmente.

Este paradigma foi formulado na forma de desenvolvimento sustentável, um conceito que poderia, com razão, ser o herdeiro dos conceitos de progresso, sustentabilidade, crescimento e desenvolvimento. Ele deu continuidade aos principais fios dos discursos progresso – crescimento – desenvolvimento do passado e os adaptou a uma nova situação de crise ecológica, que precisava ser tratada em um mundo onde o crescente fosso entre ricos e pobres tornava qualquer discussão sobre crescimento e desenvolvimento extremamente complexo.⁴⁰

³⁶ PISANI, 2006, p. 91.

³⁷ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. [...] *to generate prosperity for all and, through constant economic growth, to overcome absolute poverty and alleviate class disparities. Thus, the dualism of economic growth and sustainability was preordained.* (tradução nossa).

³⁸ O termo foi cunhado, no início da década de 1970, “[...] provavelmente por Barbara Ward (Lady Jackson), fundadora do Instituto Internacional para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ver Ward & Dubos 1972).” PISANI, 2006, p. 91. [...] *probably by Barbara Ward (Lady Jackson), founder of the International Institute for Environment and Development (see Ward & Dubos 1972).* (tradução nossa).

³⁹ PISANI, 2006, p. 91.

⁴⁰ PISANI, 2006, p. 94. *In the light of the cost to the planet of growth and development, of which people became more aware as a result of the media coverage of ecological threats and disasters, a new morally defensible paradigm was necessary. This paradigm was formulated in the form of sustainable development, a concept that could rightly claim to be the heir to the concepts of progress, sustainability, growth and development. It continued the major threads of the progress – growth – development discourses of the past and adapted them to a new situation of ecological crisis, which had to be addressed in a world where the growing gap between rich and poor made any discussion of growth and development extremely complex.* (tradução nossa).

Nesse processo, a própria ideia acerca da sustentabilidade foi reformulada⁴¹. Segundo Mariana Malvezzi, a sustentabilidade passou a indicar a complexidade da relação entre o ser humano e o ambiente físico e representou um sinal de que havia um “[...] perigo eminente da contínua deterioração dos recursos naturais da Terra”⁴². No ponto de vista de Jacobus Du A. Pisani:

Já o conceito de desenvolvimento sustentável surgiu como um compromisso entre as noções de desenvolvimento e conservação, que passaram a ser vistas como questões interdependentes. O termo 'sustentabilidade', um substantivo usado em ecologia para se referir a um estado ou condição que pode ser mantido por um período indefinido de tempo [sic], foi introduzido em uma base mais regular do que antes nos discursos de desenvolvimento.⁴³

Diante do cenário político-social pós-guerra, emergiram movimentos sociais que empoderaram as pessoas para a busca de uma maior participação nos processos de tomada de decisão e influência junto às instituições de poder político global. O livro “Primavera Silenciosa”, de Rachel Carson (1962), pode ser citado como exemplo da resistência ao modelo de desenvolvimento e alerta para os riscos resultantes da ação humana “[...] descuidada e inconsequente sobre a natureza. Assim, um alerta gerou um movimento de opinião pública e chamou a atenção do mundo para a insustentabilidade das sociedades humanas”⁴⁴.

Em meados da década de 1970, Maurice Strong apresentou o conceito de ecodesenvolvimento que, posteriormente, foi difundido pelo economista Ignacy Sachs. O ecodesenvolvimento propôs diretrizes para o desenvolvimento dos países na perspectiva de conciliar aspectos econômicos, ecológicos, políticos, sociais e culturais. Esse conceito fundamentou a construção da ideia de desenvolvimento sustentável e as suas diretrizes compõem, ainda hoje, o debate acerca do desenvolvimento sustentável e, inclusive, da sustentabilidade⁴⁵.

⁴¹ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line.

⁴² MALVEZZI, 2013, p. 42.

⁴³ PISANI, 2006, p. 91. *Now the concept of sustainable development emerged as a compromise between the notions of development and conservation, which came to be seen as interdependent issues. The term 'sustainability', a noun used in ecology to refer to a state or condition that can be maintained over an indefinite period of time, was introduced on a more regular basis than before into development discourses.* (tradução nossa).

⁴⁴ IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elizabeth. **Sustentabilidade e transformação social**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. p. 21.

⁴⁵ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. Algumas das diretrizes são: “Satisfação das necessidades básicas em grande parte com base nos recursos próprios; Não é uma cópia do estilo de vida ocidental e padrão de consumo; Conservação do meio ambiente; Respeito pela diferença cultural e tradições locais; Solidariedade com as gerações futuras; Uso de tecnologias adaptadas às condições locais; Participação de todos os grupos populacionais e particularmente

Nessa conjuntura, representantes de países desenvolvidos discutiam acerca do subdesenvolvimento do Terceiro Mundo alegando que isso era impedimento para o progresso, o desenvolvimento e o crescimento econômico contínuos. Defenderam a necessidade de fomentar e estabelecer estratégias para os países mais pobres. Acreditavam que a política econômica dos países desenvolvidos deveria ser imitada pelos países pobres sob o apoio de uma assistência ao desenvolvimento, tal qual ocorreu após a II Guerra Mundial. Dessa forma, não levaram em consideração a existência da diversidade cultural e de diferentes visões de mundo. Todavia, esses novos olhares vindos dos países pobres se contrapuseram ao intento capitalista demonstrando que há outros caminhos mais sustentáveis para a sociedade. Elas

[...] visavam abertamente uma maior apropriação pelos países em desenvolvimento de seus processos de desenvolvimento e uma política mais socialista de redistribuição de cima para baixo, por exemplo, por meio de reformas agrárias. O objetivo do desenvolvimento em tais modelos não era principalmente um maior consumo de bens, mas sim orientado para aspectos como educação, saúde ou participação pública nos processos de elaboração de políticas.⁴⁶

Em 1972, o Clube de Roma⁴⁷ publicou o estudo “*The Limits to Growth*”, traduzido por “Os limites do crescimento”. Pela primeira vez, mencionou-se a necessidade de viabilizar um sistema global sustentável. Essa reflexão soou como alerta acerca das consequências da exploração dos recursos naturais frente ao modelo vigente de crescimento econômico, o que poderia resultar em um colapso do

das mulheres nas decisões sociais e políticas; Planejamento familiar; Alguma dissociação do mercado global e desenvolvimento de mercados locais; Orientação às tradições religiosas e culturais; Sem admissão aos blocos de poder militar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e do **Pacto de Varsóvia**. (grifo do autor). *Satisfaction of basic needs largely on the basis of own resources; Not a copy of the Western lifestyle and pattern of consumption; Conservation of the environment; Respect for cultural difference and local traditions; Solidarity with future generations; Use of technologies adapted to local conditions; Participation of all population groups and particularly of women in societal and political decisions; Family planning; Some decoupling from the global market and development of local markets; Orientation to religious and cultural traditions; No admittance to the military power blocks of NATO (North Atlantic Treaty Organization) and the **Warsaw Pact**.* (tradução nossa).

⁴⁶ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. *These were overtly aimed at greater ownership by developing countries of their development processes, and at a more socialist policy of redistribution from the top down, for instance by means of land reforms. The aim of development in such models was not primarily higher consumption of goods but was rather oriented towards aspects like education, health or public participation in policy-making processes.* (tradução nossa).

⁴⁷ “O Clube de Roma é uma organização não governamental internacional e órgão especializado que foi fundado em 1968 por líderes industriais, engenheiros, especialistas em negócios e acadêmicos com o objetivo de analisar as consequências negativas do crescimento econômico e desenvolver soluções”. WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. *The Club of Rome is an international non-governmental organization and expert body which was founded in 1968 by leading industrialists, engineers, business experts and academics in order to analyze the negative consequences of economic growth and to develop solutions.* (tradução nossa).

sistema planetário: “A escassez de recursos e a poluição ambiental se transformariam em crises graves e reduziriam as pessoas a viver nas condições mais básicas bem antes do ano 2100”⁴⁸.

Em 1968, o governo sueco solicitou à Organização das Nações Unidas (ONU) para que convocasse uma conferência internacional para tratar dos problemas do meio ambiente humano e a necessidade de buscar uma solução através da cooperação internacional. A justificativa foi as mudanças provocadas pelo ser humano no ambiente natural e que estariam prejudicando tanto os países desenvolvidos como os países em desenvolvimento. No mesmo ano, tiveram início os diálogos e os encaminhamentos para a realização de uma conferência para tratar do assunto⁴⁹.

A primeira Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente Humano ocorreu na cidade sueca de Estocolmo, em 1972, na qual participaram representantes de 113 países e 250 organizações ambientais. O encontro trouxe para a discussão, as preocupações ambientais e sociais. Temas como o direito à alimentação, à água potável e à livre decisão ao planejamento familiar estiveram em pauta⁵⁰. A percepção de que o crescimento econômico não melhorou a qualidade de vida dos países subdesenvolvidos levou à distinção entre o crescimento (quantitativo) e o desenvolvimento (qualitativo)⁵¹.

Na preparação para a Conferência das Nações Unidas, havia dois pontos de vista contraditórios: pessoas que previam a abundância e outras a catástrofe. As primeiras, buscavam o crescimento econômico sem se importar com o meio ambiente e confiavam nas soluções técnicas. O segundo grupo, defendia o fim do crescimento demográfico e econômico em defesa do meio ambiente. Optou-se por conciliar as posições e harmonizar os objetivos sociais, ambientais e econômicos⁵².

⁴⁸ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. *Resource scarcity and environmental pollution would turn into severe crises and reduce people to living in the most basic conditions well before the year 2100.* (tradução nossa).

⁴⁹ HANDL, Günther. Declaration of the United Nations Conference on the Human Environment / Rio Declaration on Environment and Development. **Audiovisual Library of International Law.** 2012. On-line. Disponível em: <https://legal.un.org/avl/ha/dunche/dunche.html>. Acesso em: 09 abr. 2021.

⁵⁰ BRUNDTLAND, Gro Harlem (coord.). **Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future.** Oslo, 1987. On-line. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2021.

⁵¹ PISANI, 2006, p. 92.

⁵² SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 50-54.

Ao final, a Conferência aprovou a Declaração de Estocolmo, conhecida por Declaração sobre o Meio Ambiente Humano. Ela ofereceu um preâmbulo e 26 princípios aos povos do mundo para serem “[...] inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano”⁵³. Como elemento motivacional, vários princípios adotados fizeram referências à sustentabilidade e a um desenvolvimento que seja sustentável⁵⁴.

O relatório do Clube de Roma e a Declaração de Estocolmo repercutiram no âmbito das Igrejas. A V Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em 1975, reagiu aos documentos que alertavam sobre os limites do crescimento e do desenvolvimento econômicos e à Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada pela ONU em 1948, a qual expunha a violação dos direitos humanos. Em um contexto de fortalecimento do ecumenismo, o CMI adotou o discurso da sustentabilidade a partir da busca por uma “sociedade justa e sustentável”⁵⁵.

Durante a Assembleia do CMI, pessoas pacifistas, ecologistas e defensoras da Teologia da Libertação e de uma espiritualidade da criação se uniram e conseguiram a substituição das palavras “sociedade responsável” pela expressão “sociedade justa e sustentável”. Ao discutirem sobre uma nova diretriz sócio ética, afirmaram a necessidade imediata de desenvolver uma nova sociedade que priorize o bem-estar global baseada nos princípios da sustentabilidade: “[...] o futuro exigirá uma conjugação de recursos e uma redução das expectativas de crescimento econômico global”⁵⁶.

O posicionamento do CMI mostrou uma proximidade com o conceito cunhado por Carlowitz, em 1713. Essa simetria está relacionada com os valores cristãos que postulam por cooperação, ética e responsabilidade cristã. O CMI apontou que a perspectiva do que é sustentável provém da interação entre a ética social, a economia e a ecologia-natureza. E demonstrou, ainda, a necessidade de defender os direitos humanos, as pessoas mais pobres e o futuro das próximas gerações.

⁵³ CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano. **Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano**. (1972). On-line. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em: 13 fev. 2021.

⁵⁴ PISANI, 2006, p. 92.

⁵⁵ GÜTTER, Ruth. Nachhaltigkeit. **Ethik-Lexikon**, 2017. On-line. Disponível em: www.ethik-vangelisch.de/lexikon/nachhaltigkeit. Acesso em: 11 jul. 2020. *Responsible and sustainable Society*. (tradução nossa).

⁵⁶ GROBER, 2007, p. 6.

Cabe mencionar que o tema da Assembleia do CMI, “Jesus Cristo liberta e une”, promoveu uma reflexão profunda sobre espiritualidade o que, provavelmente, influenciou toda a temática mencionada anteriormente. Segundo Hermann Brandt, as discussões reafirmaram a tarefa profética da igreja indicando que a credibilidade e a legitimidade da vivência da espiritualidade advêm da sua articulação a partir do sentido da existência humana, do relacionamento ecumênico, do engajamento e luta pela vida e por ações proféticas⁵⁷. O resultado dos debates levou o CMI a se posicionar publicamente e a motivar as Igrejas ao compromisso com o questionamento de valores sociais, políticos e econômicos que fomentam sinais de morte e a própria morte e que se opõem a espiritualidade cristã.

Em 1982, a Assembleia Geral da ONU aprovou a criação de uma “comissão especial para propor ações ambientais de longo prazo e estratégias para alcançar o desenvolvimento sustentável até o ano 2000 e além (a ‘Perspectiva Ambiental’)”⁵⁸. A comissão adotou o nome de Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento e começou seus trabalhos no ano de 1984 percorrendo o mundo para ouvir governantes, especialistas e cientistas diante da tarefa de apresentar propostas estratégicas frente aos principais problemas mundiais⁵⁹. Dentre eles, o combate à pobreza, os desafios ambientais, o desenvolvimento de países subdesenvolvidos e a economia de mercado e sua relação com o Estado⁶⁰.

O resultado culminou com a publicação do Relatório de Brundtland, em 1987, conhecido como Nosso Futuro Comum. Ele apresentou um caminho para ampliar a cooperação entre os países e reafirmar o crescimento econômico como a solução para mitigar a pobreza através de práticas que garantam as necessidades básicas e que conservem e expandam a base de recursos naturais e uma ação política efetiva.

A humanidade tem a capacidade de realizar o desenvolvimento sustentável para garantir que ele atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades. O conceito de desenvolvimento sustentável implica limites - não limites absolutos, mas limitações impostas pelo atual estado da tecnologia e da organização social sobre recursos ambientais e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos das atividades humanas. Mas a tecnologia e a

⁵⁷ BRANDT, Hermann. **Espiritualidade**: vivência da graça. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006. p. 36-46.

⁵⁸ HANDL, 2012, on-line. [...] *special commission to propose long-term environmental strategies for achieving sustainable development to the year 2000 and beyond (the ‘Environmental Perspective’)*. (tradução nossa).

⁵⁹ HANDL, 2012, on-line.

⁶⁰ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line.

organização social podem ser gerenciadas e melhoradas para fazer caminho para uma nova era de crescimento econômico. A Comissão acredita que a pobreza generalizada não é mais inevitável. A pobreza não é apenas um mal em si, mas o desenvolvimento sustentável requer atender às necessidades básicas de todos e estender a todos a oportunidade de satisfazer suas aspirações de uma vida melhor. Um mundo em que a pobreza é endêmica será sempre propenso a uma vida ecológica e outras catástrofes.⁶¹

Jacobus A. Du Pisani menciona que o Relatório de Brundtland considerou que: “equidade social, crescimento econômico e manutenção ambiental são simultaneamente possíveis, destacando assim os três componentes fundamentais do desenvolvimento sustentável”⁶². Segundo o documento, a busca pelo bem comum através do desenvolvimento sustentável seria colocado em prática pela educação, pelo desenvolvimento institucional e pela aplicação da lei⁶³.

As questões sociais e ambientais receberam destaque no Relatório mediante a necessidade de promover ações para que o desenvolvimento econômico pudesse estar garantido. A formulação foi justificada pelo nível de destruição do meio ambiente através da ação humana e pela crescente desigualdade social que colocariam em risco a economia. Assim, a ONU desenvolveu uma nova concepção de desenvolvimento e buscou o diálogo global e cooperativo para implantá-lo.

2.2.2 Desenvolvimento Sustentável e sustentabilidade

Como já foi mencionado, alguns paradigmas anteriores foram reformulados e renomeados para incorporar o projeto de Desenvolvimento Sustentável. Essa nova perspectiva, *a priori*, foi motivo de esperança. Todavia, essa mudança representou a manutenção dos “[...] benefícios gerais do progresso científico e tecnológico e de crescimento econômico”⁶⁴.

⁶¹ BRUNDTLAND, 1987, on-line. *Humanity has the ability to make development sustainable to ensure that it meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs. The concept of sustainable development does imply limits - not absolute limits but limitations imposed by the present state of technology and social organization on environmental resources and by the ability of the biosphere to absorb the effects of human activities. But technology and social organization can be both managed and improved to make way for a new era of economic growth. The Commission believes that widespread poverty is no longer inevitable. Poverty is not only an evil in itself, but sustainable development requires meeting the basic needs of all and extending to all the opportunity to fulfil their aspirations for a better life. A world in which poverty is endemic will always be prone to ecological and other catastrophes.* (tradução nossa).

⁶² PISANI, 2006, p. 92.

⁶³ BRUNDTLAND, 1987, on-line.

⁶⁴ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 62.

Esse novo paradigma representou uma preocupação com as necessidades da presente e das futuras gerações. No processo de mudança aspirado, “[...] a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais [...]”⁶⁵ iriam observar o princípio das necessidades geracionais. Para Ignacy Sachs, o Desenvolvimento Sustentável é importante porque “[...] obedece a um duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica”⁶⁶.

O Desenvolvimento Sustentável ficou entendido e consolidado como sendo: “[...] o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades”⁶⁷. Dessa forma, a ONU buscou integrar ideias diferentes e divergentes para conseguir o aceite entre as pessoas membros. Enrique Leff menciona que:

Ao ‘naturalizar’ os limites do crescimento, a economia ecológica se separa do campo político. Ao reduzir as condições ecológicas da sustentabilidade à resolução de problemas ambientais e demográficos, a distribuição dos custos sociais e ecológicos desaparece de seu foco teórico.⁶⁸

Apesar de ter sido uma fórmula de compromisso que não incluía propostas concretas, mesmo assim, ela ampliou o debate acerca da sustentabilidade. Seguramente muitas críticas e ambiguidades foram geradas devido ao Relatório não apresentar um conceito próprio de sustentabilidade fornecendo uma direção prática para a sua implementação.

O efeito do reducionismo, típico da modernidade, tornou a compreensão dos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável equivalentes e direcionados à continuidade do crescimento econômico ilimitado. Com a incorporação de novas reflexões, “[...] a sustentabilidade foi cada vez mais separada do aspecto ambiental

⁶⁵ BRUNDTLAND, 1987, on-line. [...] *a process of change in which the exploitation of resources, the direction of investments, the orientation of technological development, and institutional change.* (tradução nossa).

⁶⁶ SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 36.

⁶⁷ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o Meio Ambiente.** 2020. On-line. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 15 fev. 2021.

⁶⁸ LEFF, 2001, p. 50.

ou ecológico e relacionada com questões mais amplas de equidade, de governança e justiça social”⁶⁹.

Em sua obra *Ecodevelopment*, de 1986, Ignacy Sachs ampliou o conceito de ecodesenvolvimento correlacionando-o com a eficiência econômica, a justiça social e a prudência ecológica⁷⁰. A abordagem apontou para aspectos como: processos de planejamento local e participativo (a nível micro envolvendo comunidades, associações, autoridades); identificação das necessidades locais; mobilização de pessoas que facilitem os processos de desenvolvimento sustentável; gestão de recursos; reconhecimento de direitos às necessidades básicas; e, recursos. Segundo o autor, esse meio de interpelação, negociada e contratual, serve para todos os níveis, legítima a democracia e favorece a criatividade como resposta às necessidades⁷¹.

O Relatório de Brundtland apresentou como intencionalidade política a viabilização e mobilização para a Rio-92. Inaugurou “[...] um intenso processo de legitimação e institucionalização normativa da expressão desenvolvimento sustentável”⁷². O documento propagou o novo paradigma e apontou uma necessária mudança na forma de pensar e agir, afirmando ser este um processo que deveria “[...] descansar sobre a vontade política”⁷³.

Em 1992 aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento que ficou conhecida como Eco-92 e ou Rio-92⁷⁴. O encontro consolidou o termo desenvolvimento sustentável e elaborou a Declaração do Rio apresentando acordos internacionais e a Agenda 21 com programas e políticas para melhorar as condições ambientais do planeta e consolidar o desenvolvimento socioeconômico⁷⁵.

⁶⁹ FEIL, SCHREIBER, 2019, p. 61.

⁷⁰ Posteriormente, essa leitura foi utilizada para identificar o tripé da sustentabilidade dentro do projeto de desenvolvimento sustentável.

⁷¹ SACHS, 2009, p. 74-78.

⁷² VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 113.

⁷³ BRUNDTLAND, 1987, on-line. [...] *must rest on political will*. (tradução nossa).

⁷⁴ “Com uma ampla cobertura midiática e a presença de representantes de 172 países e centenas de organizações ambientais, o encontro teve como resultado a assinatura de cinco importantes acordos ambientais: a **Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**; a **Agenda 21**; os **Princípios para a Administração Sustentável das Florestas**; a **Convenção da Biodiversidade**; e a **Convenção do Clima**”. PENA, Rodolfo F. Alves. Conferências sobre o Meio Ambiente. **Mundo Educação**, (©2021). On-line. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conferencias-sobre-meio-ambiente.htm>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁷⁵ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 63.

A ONU considerou na Conferência “[...] a relação entre o meio ambiente e o desenvolvimento e a necessidade imperativa para o desenvolvimento sustentável foi vista e reconhecida em todo o mundo”⁷⁶. Nessa ocasião, a expectativa era a aprovação da Carta da Terra. Um documento discutido por governos e organizações não-governamentais com a função de ser um parâmetro ético de coerência e de unidade aos projetos aprovados durante a Rio-92. Mas, as pessoas líderes não chegaram ao consenso e o documento apresentado foi a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento⁷⁷ respaldada pela declaração de 1972.

Sob o apoio de duas organizações não-governamentais e do governo holandês, criou-se uma comissão internacional que reformulou a Carta da Terra. E, em 2000, sob a adesão de aproximadamente 4.500 organizações, ela foi ratificada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Para Leonardo Boff, a Carta “[...] será utilizada como um código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável”⁷⁸. A Carta da Terra foi considerada a serviço da educação que conclama às ações práticas. Frisou-se: “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação dos esforços pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida”⁷⁹.

⁷⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020, on-line.

⁷⁷ BOFF, Leonardo. Comissão Carta da Terra. *In: A CARTA DA TERRA: Valores e princípios para um futuro sustentável*. Petrópolis: Stampapa, 2004. p. 10-11. p. 10. “A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, tendo-se reunido no Rio de Janeiro, de 3 a 14 de junho de 1992, reafirmando a Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, adotada em Estocolmo em 16 de junho de 1972, e buscando avançar a partir dela, com o objetivo de estabelecer uma nova e justa parceria global por meio do estabelecimento de novos níveis de cooperação entre os Estados, os setores-chave da sociedade e os indivíduos, trabalhando com vistas à conclusão de acordos internacionais que respeitem os interesses de todos e protejam a integridade do sistema global de meio ambiente e desenvolvimento, reconhecendo a natureza interdependente e integral da Terra, nosso lar”. CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Declaração do Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 15, p. 153-159, maio/ago. 1992. p. 153-154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/szzGBPjxPqnTsHsnMSxFWPL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2021.

⁷⁸ BOFF, 2004, p. 11. A Carta da Terra apresentou 16 princípios distribuídos em quatro temas, a saber: Respeitar e cuidar da comunidade de vida; Integridade ecológica; Justiça social e econômica; e, Democracia, não-violência e paz. p. 38-39.

⁷⁹ BOFF, 2004, p. 38-39. O documento conclamou: a busca de um novo começo, o compromisso e a adoção dos valores e objetivos da Carta, a mudança de mente e coração, um novo sentido para a interdependência global e de responsabilidade universal, a vivência de um modo de vida sustentável em todos os níveis contextuais, o respeito e a harmonização a diversidade com unidade, a expansão do diálogo global, ao exercício da liberdade para o bem comum, a ter objetivos curtos com metas de longo prazo, a participação e a parceria de todas as pessoas e a criatividade das lideranças. p. 38-39.

A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+10, realizada na cidade de Johannesburgo, em 2002, “[...] foi uma oportunidade perdida para deslanchar uma transição planetária para o desenvolvimento sustentável”.⁸⁰ Ela reuniu representantes de 189 países, além de centenas de Organizações da Sociedade Civil (OSCs), e enfatizou a responsabilidade e o compromisso com o desenvolvimento sustentável e com os acordos firmados. No entanto, o parecer final não direcionou as ações e nem apresentou formas de colocá-las em prática para o alcance dos objetivos.

Entretanto, registra-se que durante o encontro legitimou-se o tripé da sustentabilidade: “A Rio+10, com grande esforço, conseguiu definir que o desenvolvimento sustentável possui uma base de formação de três pilares essenciais (o social, o econômico e o ambiental), denominada *triple-bottom line*”⁸¹. (grifo dos autores). Esse tripé sustenta as ações corporativas e de OSCs e influencia na construção de parâmetros e indicadores de sustentabilidade.

Em 2012, a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, reuniu 193 representantes de países. Firmou-se como “uma das maiores coberturas jornalísticas mundiais de toda a história, sendo acompanhada dia a dia em todo o planeta”⁸². O encontro reafirmou o compromisso com o desenvolvimento sustentável através do Documento “*The future we want?*”, traduzido por “Que futuro queremos?”. E, instigou a implementação das “[...] metas, promessas e compromissos da Agenda 21 em ações concretas e tangíveis”⁸³.

⁸⁰ SACHS, 2008, p. 16.

⁸¹ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 64. “Em meados dos anos 1990, o conceito de desenvolvimento sustentável foi traduzido pelo consultor Britânico John Elkington no modelo que contemporaneamente tem orientado a ação e prática empresarial para a (pretensa) sustentabilidade. Elkington (1997) sugeriu que a atividade corporativa orientada pela lógica do desenvolvimento sustentável é aquela que, ao mesmo tempo, produz lucros, é socialmente justa e ambientalmente correta. Esse modelo ficou conhecido como o tripé do desenvolvimento sustentável ou *Triple Bottom Line* (3BL): *Profits, People, Planet*, amarrando num único conceito os ideais da prosperidade econômica, qualidade ambiental e justiça social. Mais precisamente, presume que o sucesso de uma organização empresarial deve ser mensurado não apenas em face de variáveis financeiras, mas também pelo seu desempenho social e ambiental”. VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 569-583, set. 2012. p. 574-575. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/r5yWQp4wykg5RWJN9pmxjQJ/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2021.

⁸² PENA, (©2021), on-line.

⁸³ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020, on-line.

Houve muitas críticas situadas no âmbito da falta de clareza, objetividade e do não estabelecimento de metas concretas⁸⁴. A própria indagação formulada como tema da Rio+20 demonstrou a falta de consenso e cooperação e que as ações políticas adotadas até então não geraram confiança e práticas capazes de influenciar uma mudança de acordo com os objetivos acordados. Outras críticas ao desenvolvimento sustentável versaram, ao longo do tempo, sobre a falta de questionamentos acerca da ideologia do crescimento econômico e da cultura do consumismo, a falta de formulação de critérios específicos de sustentabilidade e que ele serve principalmente aos interesses neoliberais⁸⁵.

Em 2015, os países membros da ONU aprovaram o Pacto Global. A Agenda 2030, como ficou conhecida, refere-se a um plano de ação para o período de 2015 a 2030 e que tem por objetivo engajar o mundo na busca por desenvolvimento sustentável através dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Segundo o site do Pacto Global Rede Brasil, trata-se de “[...] uma iniciativa voluntária que fornece diretrizes para a promoção do crescimento sustentável e da cidadania, por meio de lideranças corporativas comprometidas e inovadoras”⁸⁶.

FIGURA 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: OBJETIVOS de Desenvolvimento Sustentável: conheça a agenda 2030 da ONU. **Blog Esolidar**, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://impactosocial.esolidar.com/2020/03/31/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ONU/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

⁸⁴ PENA, (©2021), on-line.

⁸⁵ PISANI, 2006, p. 93.

⁸⁶ PACTO GLOBAL REDE BRASIL. **A iniciativa**. [ca. 2000]. On-line. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa>. Acesso em: 26 jul. 2020.

José Eli da Veiga chamou a atenção para a formulação dos títulos dados às cúpulas organizadas pela ONU. Segundo o autor, elas representam o processo de legitimação do valor da sustentabilidade: “A de Estocolmo, em 1972, havia sido ‘sobre o Homem e o Meio Ambiente’. A Eco-92 foi ‘para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento’. E a Rio+20 será [sic] ‘sobre o Desenvolvimento Sustentável’”⁸⁷.

Nota-se que há um esforço para defender o modelo capitalista e construir uma narrativa comum e aceitável que primeiramente alimentou o medo e depois se colocou como sendo a solução ideal. O desenvolvimento sustentável não é um conceito neutro, pois carrega a intencionalidade de defender o sistema econômico. No caminho, buscou-se vincular a ideia de sustentabilidade como uma força motivacional e aberta à preservação do ambiente e à busca de qualidade de vida. Essa associação cooperou imensamente para divulgar o projeto de desenvolvimento sustentável.

Cabe mencionar que, na atualidade, há um forte apelo para a mudança nas atitudes a fim de mitigar os efeitos do aquecimento global provocados pelo ser humano e que tem consequências graves para todo o mundo⁸⁸. No entanto, com todas as discussões a respeito do desenvolvimento sustentável, percebe-se a falta de decisões políticas locais, regionais e globais e estratégias para diminuir o aquecimento global. Esse exemplo reforça a ideia de que esse novo paradigma está a serviço do crescimento econômico e tem pouca expressão para impulsionar a preservação do meio ambiente e o investimento em relações humanas e ambientais sustentáveis.

O caminho que propiciou a popularidade da palavra sustentabilidade é cheio de curvas, desvios e perigos tentadores. Mas, também, pode ser reconhecido como um caminho de possibilidade de novas formas de contemplar, de se relacionar e viver a vida integrada à natureza. O propósito de ser prudente e conservar o ambiente sofre com as interferências da visão capitalista que postula como única opção o crescimento econômico ilimitado. No entanto, registra-se que:

⁸⁷ VEIGA, 2010, p. 152.

⁸⁸ “Mudanças climáticas causadas pelos seres humanos são irrefutáveis, irreversíveis e levaram a um aumento de 1,07° na temperatura do planeta, aponta o mais recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [...] A conclusão é um dos pontos do documento nomeado ‘Climate Change 2021: The Physical Science Basis’”. DANTAS, Carolina. Mudanças recentes no clima causadas pelo homem não têm precedentes, aponta relatório da ONU. **G1**, 09 ago. 2021. On-line. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/aquecimento-global/noticia/2021/08/09/influencia-humana-e-responsavel-por-alta-de-107c-na-temperatura-global-estima-relatorio-do-ipcc-orgao-da-onu.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2021.

A sustentabilidade aparece como uma necessidade de restabelecer o lugar da natureza na teoria econômica e nas práticas de desenvolvimento, internalizando condições econômicas da produção que assegurem a sobrevivência e um futuro para a humanidade. [...] a sustentabilidade se define através de significados sociais e estratégias políticas diferenciados.⁸⁹

A diversidade, a pluralidade de ideias e as ações solidárias apontam para novas aspirações, estimulando passos e estratégias para percorrer o caminho da vida alimentada pela esperança de um mundo melhor. Acredita-se que isto seja possível, afinal: “Qual foi o propósito de Deus ao criar o mundo e tudo que há nele?” (Cl 1.16-17). “Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom” (Gn 1.31).

2.3 ACEPÇÕES EM TORNO DA SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade é um conceito que vem sendo lapidado e adaptado ao lugar de fala e da experiência de quem o aborda. Há um considerado número de narrativas que buscam definir o termo sustentabilidade nos mais variados campos de estudos, cada qual buscando uma aproximação e um sentido para sua aplicabilidade.

O conceito de sustentabilidade é abarrotado de ideias potencialmente conflitantes. Os estudos de Mebratu (1998), Kidd (1992) e Adams (2006) enfatizam que a definição surgiu com bases nas crenças e tradições religiosas, na economia, na teoria dos limites e na escala das organizações. Desta forma, parece improvável que uma única definição seja aceita universalmente, pois não consegue abranger o amplo escopo de áreas que devem ser abordadas, ou seja, a biosfera. Neste caso, percebe-se que uma definição que tenha aceitação e amplo consenso é complexa.⁹⁰

Outra dificuldade encontrada por quem procura compreender e conceituar a sustentabilidade tem sido a intenção de reduzir a ideia ao projeto de desenvolvimento sustentável. O debate promovido por pessoas interlocutoras sociais junto à ONU e, conseqüentemente, às sociedades, levanta questionamentos sobre as concepções de crescimento econômico ilimitado e desenvolvimento. Além de tecer críticas relativas ao esvaziamento do sentido da sustentabilidade e ao seu reducionismo ao âmbito do meio ambiente. Por outro lado, propõem a construção de novos paradigmas.

Nesse cenário complexo e amplo, esbarrou a tentativa de definir um conceito para sustentabilidade. Há quem pense a sustentabilidade como sinônimo de desenvolvimento sustentável no intento de assegurar o modelo econômico baseado

⁸⁹ LEFF, 2001, p. 48.

⁹⁰ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 66.

no capitalismo. Há quem reflita sobre os valores e princípios que projetam um novo modo de vida integrada ao ambiente respeitando a diversidade e a pluralidade e favorecendo as relações e interações que qualificam a vida planetária.

Consta que estes pontos de vista são desencadeados por fatores motivacionais diferentes. O primeiro, representa um pensamento alimentado pelo medo de “não ter”, “não poder”, “não manter” e visa mitigar os danos e efeitos da exploração econômica sobre os recursos naturais com a finalidade de garantir o crescimento econômico contínuo. O segundo, nutrido pela esperança e pela coragem de enfrentar o “novo”, valoriza atitudes éticas, democráticas e equitativas que impulsionam uma mudança de paradigmas em favor do bem-estar de toda a natureza ao considerar a vida em sua dinâmica, em suas diferentes experiências e sabedorias, na complexidade e na diversidade inerentes da própria vida.

Ao pensar a respeito da sustentabilidade, esses dois cenários, entre outros pontos de vistas aqui não mencionados, precisam ser considerados participantes da mesma realidade. A polissemia e a ambiguidade geram inúmeros desentendimentos e dificultam a interpretação, a comunicação e o proveito social e esperançoso que a ideia traz. Nesse sentido, “[...] se não fazemos explícito o que estamos dizendo com sustentabilidade, o que temos definido no âmbito do sustentável, não vamos alcançar nossos desejos”⁹¹. Ou ainda, como afirma Donella Meadows:

‘Sustentabilidade’ e ‘desenvolvimento’ são palavras de valor. Como todas as palavras de valor – liberdade, justiça, beleza, justiça, segurança, suficiência, democracia – elas são subjetivas, quase impossíveis de definir, mas possíveis de sentir (ou sentir sua ausência) e de vital importância.⁹²

Portanto, torna-se relevante apresentar diferentes visões acerca da sustentabilidade, transcender a dimensão puramente ambiental e teórica e envolver outros aspectos que evocam a existência relacional sustentável. Tal como discorrer

⁹¹ MATURANA, Humberto; DAVILA, Ximena. Conferência: Ética e Desenvolvimento Sustentável – caminhos para a construção de uma nova sociedade. **Psicol. Soc.**, v. 16, n. 3, p.102-110, dez. 2004. p. 108. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dZ9DccTM9FBSp3SYwcrhkdS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

⁹² MEADOWS, Donella. **Indicators and Information Systems for Sustainable Development**. Four Corners: The Sustainability Institute, 1998. (A Report to the Balaton Group. Hartland). p. 12. Disponível em: <https://donellameadows.org/archives/indicators-and-information-systems-for-sustainable-development/>. Acesso em: 01 jul. 2022. *‘Sustainability’ and ‘development’ are value words. Like all value words - freedom, fairness, beauty, justice, security, sufficiency, democracy - they are subjective, nearly impossible to define, nevertheless possible to sense (or to sense their absence), and vitally important.* (tradução nossa).

brevemente sobre a ambiguidade da sustentabilidade no cenário do desenvolvimento sustentável, sua relação com a ética e as benesses para a sociedade.

2.3.1 Conceito polissêmico e complexo em (des)construção

O dicionário registra que o termo conceito, do latim *conceptus.us*, significa: “[...] imagem mental feita de um objeto (concreto ou abstrato) cujo conteúdo é de extrema importância para o pensamento”⁹³. O conceito tem a característica de ser universal, passível de tradução, apresenta um ponto de vista sintetizado, possui significado, pode ser representado em linguagem ou simbologia. Como “[...] um instrumento de intervenção consciente da realidade empírica”⁹⁴, nasce da observação da realidade de uma ou mais pessoas que,

[...] como parte de um grupo atuante e pensante, toma consciência de uma determinada prática e formula um conceito. Então, todo o passado se ilumina e ganha novo sentido. O novo conceito passa a explicar ações do passado e faz surgir um encadeamento, um sentido de intencionalidade.⁹⁵

A palavra sustentabilidade é recente no dicionário. É apresentada como um “[...] conceito que, relacionando aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, busca suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Qualidade ou propriedade do que é sustentável, do que é necessário à conservação da vida”⁹⁶.

De imediato, essa definição pode levar a uma interpretação paralela ao paradigma do desenvolvimento sustentável, tal e qual pode ser observado na seguinte afirmação: “[...] é um conceito relacionado ao desenvolvimento sustentável, ou seja, formado por um conjunto de ideias, estratégias e demais atitudes ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente diversas”⁹⁷.

O termo sustentabilidade provém das palavras “sustentar” e “sustentável”. Tem origem na palavra latina *sustinere*, que significa aguentar, apoiar, suportar. É composto pelo prefixo latino “*sub*”, que significa abaixo, e pela raiz *tenere*, que

⁹³ DICIONÁRIO Online de Português. **Conceito**. (©2009). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conceito/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

⁹⁴ LOPES, Uaçai de Magalhães; TENÓRIO, Robinson Moreira. **Educação como fundamento de sustentabilidade**. Salvador: Edufba, 2011. p. 75.

⁹⁵ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 76.

⁹⁶ DICIONÁRIO Online de Português. **Sustentabilidade**. (©2009). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sustentabilidade/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

⁹⁷ SIGNIFICADOS. **Significado de Sustentabilidade**. 2020. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sustentabilidade/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

significa segurar, agarrar. O sufixo “dade” vem do latim *itas* que é usado para transformar adjetivos em substantivos⁹⁸. O verbete sustentar pode significar também amparar, conservar, manter, defender, perpetuar⁹⁹.

A palavra sustentabilidade é classificada como um substantivo abstrato, ou seja, aquele que indica qualidade, estado, sentimento, ação ou conceito. É um substantivo que precisa se vincular com um verbo-ação e criar um parâmetro. Requer, também, um objeto direto que indica uma atitude centrada no sujeito. Ao passo que o termo sustentável, se apresenta como um adjetivo que qualifica e identifica o sujeito. Segundo Leila da Costa Ferreira, o emprego do termo sustentabilidade

[...] foi cunhado com o propósito de nos remeter ao vocábulo sustentar. Sustentar algo, ao longo de tempo - a dimensão de longo prazo já está incorporada nessa interpretação -, para que aquilo que se sustenta tenha condições de permanecer perene, reconhecível e cumprindo as mesmas funções indefinitivamente, sem que produza qualquer tipo de reação desconhecida, mantendo-se estável ao longo do tempo.¹⁰⁰

O vocábulo foi traduzido da palavra alemã “*Nachhaltigkeit*” que é formada por duas palavras: “Halten: é o verbo susten, segurar, aparar. Nach é uma preposição que indica direção, seguir atrás. [...] uma ação seguida, duradoura, persistente, que segue sustendo e cuidando”¹⁰¹. A sustentabilidade é apresentada com o sentido de ser uma proposição de direção de caminho a ser seguido de forma segura e contínua.

A tradução do termo sustentabilidade em espanhol é realizada a partir de dois vocábulos, *sustentable* e *sostenible*, com conceitos diferentes e base comum. O primeiro, refere-se a preservar e proteger os recursos naturais para que possam ser usufruídos pela presente e pelas futuras gerações e é um conceito mais limitado se comparado com o de *sostenible*. Este, por sua vez, se refere aos processos que se ocupam com a proteção dos recursos, mas também dos ecossistemas, das relações culturais, econômicas e sociais. O primeiro conceito está ligado com a Declaração de

⁹⁸ ORIGEM da palavra. **Sustentabilidade**. 2021. Disponível em:

<https://origemdapalavra.com.br/palavras/sustentabilidade>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁹⁹ DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2020. **Sustentar**. Disponível em:

<https://dicionario.priberam.org/sustentar>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁰⁰ FERREIRA, Leila da Costa. Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: FERRARO JR, Luiz Antonio (org.). **Encontros e Caminhos: Formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 315-321. p. 315.

¹⁰¹ KAEFER, José Ademar. Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 18, n. 2, p. 7-19, jul./dez. 2013. p. 17. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v18n2p7-19>. Acesso em: 09 dez. 2019.

Estocolmo, em 1972, e o segundo, ao entendimento de Johannesburgo, em 2002¹⁰². Sublinha-se que: “A diferença é que a *sostenibilidad* busca sustentar o que existe. A *sustentabilidad* é projetada para o futuro”¹⁰³. (grifos do autor).

A compreensão da sustentabilidade a partir dos vocábulos expõe que, sob o guarda-chuvas do desenvolvimento sustentável, o conceito de sustentabilidade está orientado para um princípio de continuidade e de satisfação das necessidades das gerações atuais e futuras. Porém, não contempla o ser humano enquanto um ser com história, valores, ideias criativas e sonhos e, para quem, nem sempre, a continuidade é apropriada e as necessidades são as mesmas. As novas reflexões propõem como caminho um conceito de sustentabilidade que reconhece os processos inerente à teia da vida e à necessidade de um novo paradigma, o que, segundo Fritjof Capra, equivale a “[...] uma mudança da física para as ciências da vida”¹⁰⁴.

Enrique Leff assegura que lutas sociais gestaram a abertura para a complexidade, a distribuição ecológica e a democracia política. O autor compreende que a sustentabilidade não pode focar somente na questão ecológica, mas refere-se sobretudo a responsabilidade quanto à forma com que o ser humano se relaciona com o mundo¹⁰⁵. Nesse sentido, a sustentabilidade pode ser compreendida como:

Um equilíbrio dinâmico nos processos de interação entre a população e a capacidade de suporte de um ambiente, tal que a população se desenvolva para expressar todo o seu potencial sem afetar adversa e irreversivelmente a capacidade do ambiente do qual depende.¹⁰⁶

Todavia, a sociedade caminha em outra direção. A racionalidade intrínseca na economia destrói condições ecológicas e culturais da sustentabilidade, o acúmulo capitalista leva aos problemas de equidade e de distribuição, as formas sociais e os padrões tecnológicos de apropriação e exploração dos recursos naturais determinam

¹⁰² DIFERENCIADOR. **Desarrollo sustentable y sostenible**. (©2018). Disponível em: <https://www.diferenciador.com/desarrollo-sustentable-y-sostenible/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

¹⁰³ RODRÍGUEZ, Raquel E. **Dios hoy nos llama a un momento nuevo**: conceptualización de la iglesia como comunidad sustentable. Buenos Aires: Iglesia Evangélica Luterana Unida, 2011. p. 10.

¹⁰⁴ CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 29.

¹⁰⁵ LEFF, 2001, p. 49.

¹⁰⁶ BEN-ELI, Michael. **Sustainability**: The Five Core Principles A New Framework. (©2009). p. 1-8. p. 2. Disponível em: <http://cdn2.sustainabilitylabs.org/ecosystem-restoration/wpcontent/uploads/2015-08/Sustainability-The-Five-Core-Principles.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022. *A dynamic equilibrium in the processes of interaction between a population and the carrying capacity of an environment such, that the population develops to express its full potential without adversely and irreversibly affecting the carrying capacity of the environment upon which it depends.* (tradução nossa).

a forma de destruir a natureza. Bem como, são as estratégias de poder da apropriação da natureza que determinam a forma social de acesso aos recursos. O que aponta para a necessidade de ressignificar a sustentabilidade dentro de valores e interesses que orientam um processo de reapropriação social da natureza¹⁰⁷.

Para Hans Michael van Bellen, a sustentabilidade é um “[...] conceito dinâmico que envolve um processo de mudança [...] que envolve as dimensões econômica, social, ambiental, geográfica e cultural”¹⁰⁸. Diego de Oliveira Silva compreende a sustentabilidade não como uma justificativa moral ou comercial, mas como um “[...] significado amplo de busca de equilíbrio social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico e político”¹⁰⁹. Dessa forma,

[...] para que o conceito de sustentabilidade faça sentido, deve ser definido não como soma, mas como interação entre fatores ecológicos, sociais e econômicos. Não se trata do conjunto de todos os problemas eco-sociais [sic] e econômicos, mas sim de um raciocínio sistêmico, tendo em conta a ‘socialização dos problemas ambientais’.¹¹⁰

John R. Ehrenfeld concebe a sustentabilidade como um substantivo em desenvolvimento e diferente da forma adjetiva mencionada no Relatório de Brundtland ao considerar que ela está conectada a um sistema resultante do relacionamento entre o humano e o natural. Nesse sentido, sustentabilidade e insustentabilidade são categorias diferentes, sendo a primeira aspiracional e a segunda mensurável¹¹¹.

¹⁰⁷ LEFF, 2001, p. 50.

¹⁰⁸ BELLEN, Hans Michael van. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 33-39.

¹⁰⁹ SILVA, Diego de Oliveira. Da Igreja do povo à Igreja do capital: como as decisões teológicas podem influenciar a sustentabilidade. **Ciberteologia**, São Paulo, ano IX, n. 44, p. 108-121, out./dez. 2013. p. 111.

¹¹⁰ VOGT, (i2021), p. 4.

¹¹¹ EHRENFELD, John R. Searching for Sustainability: No Quick Fix. **Reflections**, v. 5, n. 8, p.1-17, 2004. p. 8. Disponível em: https://www.solonline.org/wp-content/uploads/2018/08/sol_reflections_5.8.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021. Para o autor: “Além das ferramentas analíticas, a ecologia industrial fornece um novo conjunto de crenças e normas, também baseado em ecossistemas, pelo menos em um sentido metafórico. Os ecossistemas são vistos como sistemas complexos, auto-organizados e abertos, dos quais integridade, florescimento, resiliência ou adaptabilidade emergem como propriedades dos sistemas como todos. Em sistemas humanos e naturais, a sustentabilidade é um resultado das relações entre as partes. No entanto, as noções de interdependência e interconexão inerentes aos sistemas naturais são muito diferentes de nossas normas culturais atuais”. p. 6. *Beyond the analytic tools, industrial ecology provides a new set of beliefs and norms, also based on ecosystems, at least in a metaphorical sense. Ecosystems are seen as complex, self-organizing, open systems out of which integrity, flourishing, resilience, or adaptability emerge as properties of the systems as wholes. In both human and natural systems, sustainability is an outcome of relationships among the parts. However, the notions of interdependence and interconnectedness inherent in natural systems are very different from our current cultural norms.* (tradução nossa).

A compreensão da sustentabilidade repousa sobre as possibilidades de criar algo, uma nova realidade, de sonhar e de ostentar uma visão de futuro que transcende o raciocínio comum. E isso só será possível se o ser humano tomar consciência do que a modernidade obscureceu: “[...] nossa percepção de nosso lugar no mundo natural – o domínio natural; nosso senso de nós mesmos como seres humanos – o domínio humano; e nosso senso de fazer a coisa certa – o domínio ético”¹¹².

Alexandre André Feil e Dusan Schreiber consideram que a sustentabilidade “[...] expressa a preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e avalia sua propriedade e características, abrangendo os aspectos ambientais, sociais e econômicos”¹¹³. Outrossim, “[...] se refere ao nível de qualidade do sistema global e esse nível necessita de uma avaliação quantitativa ou qualitativa para quantificar ou qualificar a qualidade desse sistema ou subsistema”¹¹⁴. Decorre, então, que sustentabilidade é um “[...] processo que mensura o grau ou nível de qualidade do sistema ambiental humano com intuito de avaliar a distância deste em relação ao sustentável sendo necessários indicadores ou índices de sustentabilidade”¹¹⁵.

José Henrique de Faria ao desenvolver sua teoria crítica da sustentabilidade afirma a relevância da valorização das pessoas, da natureza e dos processos coletivos de transformação. Ele reconhece que toda ação que visa à sustentabilidade tem seus limites e processos dinâmicos próprios. Ademais, necessita de um ambiente de autogestão social e uma sociedade emancipada que permita atender as necessidades das pessoas sem prejudicar a natureza e os próprios seres humanos¹¹⁶. O autor conceitua a sustentabilidade como sendo:

¹¹² EHRENFELD, 2004, p. 4. [...] *our sense of our place in the natural world – the natural domain; our sense of ourselves as human beings – the human domain; and our sense of doing the right thing – the ethical domain.* (tradução nossa). O autor reconhece que a busca de soluções para a insustentabilidade é legítima e necessária e vem sendo pretendida por inúmeros campos do conhecimento. Contudo, esse caminho se baseia em experiências passadas e acaba por apenas minimizar danos e maximizar preferências. É preciso considerar que: [...] *criar sustentabilidade não é o mesmo que reduzir a insustentabilidade.* p. 4. [...] *creating sustainability is not the same as reducing unsustainability.* (tradução nossa).

¹¹³ FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 667-681, jul./set. 2017. p. 674.

¹¹⁴ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 76.

¹¹⁵ FEIL; SCHREIBER, 2017, p. 678.

¹¹⁶ FARIA, José Henrique de. Por uma teoria crítica da sustentabilidade. **Organizações e Sustentabilidade**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 2-25, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ros/article/view/17796/15172>. Acesso em: 12 fev. 2021.

[...] a prática coletiva e democrática da produção de condições materiais objetivas e subjetivas de existência social que, no processo de transformação, preserva as fontes de recursos da natureza ou as reponha nas mesmas condições, valorizando os sujeitos sociais que são seus produtores em um sistema de trocas que não contenha processos de acumulação privada.¹¹⁷

Marta de Azevedo Irving e Elizabeth Oliveira consideram a sustentabilidade “[...] reflexo de um sentido de existência e modo de agir que tem origem na experiência individual, na cultura e na reflexão crítica da realidade de cada um”¹¹⁸. José Ademar Kaefer pondera que o conceito ainda está em construção e sua origem está ligada ao cuidado prudente em relação aos recursos naturais para não privar as futuras gerações daquilo que a atual usufruiu. Entretanto, observa que seu conceito vai além:

Porém, a par do cuidado com a natureza e do meio ambiente, indubitavelmente deve estar o cuidado com os pobres da terra e da cultura. Um dos avanços mais significativos da reflexão nos últimos anos é de que não é possível falar de sustentabilidade sem falar da inclusão social. Sem inclusão dos/as marginalizados/das não existe mundo sustentável. O ser mais ameaçado do planeta é o pobre.¹¹⁹

A sustentabilidade é um princípio ético de equidade e responsabilidade intergeracional centrado na valorização do humano e relativo aos relacionamentos das pessoas com tudo o que as cerca. Segundo Marcela Lagarde, esse princípio questiona tudo o que pode destruir o capital humano e cultural em função de interesses pessoais, grupais ou governamentais. Ela assegura que o capital econômico deve estar à serviço da vida favorecendo a construção de caminhos que oportunizem o acesso ao desenvolvimento pessoal e coletivo de cada gênero, povo, comunidade ou nação, no presente e no futuro. E completa afirmando que é preciso mais do que uma teoria da sustentabilidade. Tem-se necessidade de conversão na visão de mundo aportada pela ética e por ações concretas¹²⁰.

Leila da Costa Ferreira argumenta que é comum associar a ideia de sustentabilidade com as dimensões sociais da democracia, da equidade e da

¹¹⁷ FARIA, 2014, p. 19.

¹¹⁸ IRVING; OLIVEIRA, 2012, p. 35.

¹¹⁹ KAEFER, 2013, p. 10 e 15.

¹²⁰ LAGARDE, Marcela. Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia. **Cuadernos Inacabados**. n. 25. Madrid: Editora horas y HORAS, 1996. p. 38, 105 e 106. Disponível em: <https://desarmandolacultura.files.wordpress.com/2018/04/lagarde-marcela-genero-y-feminismo.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

eficiência¹²¹. Segundo Henrique Rattner, o avanço conceitual dessa ideia aponta para o “[...] consenso crescente que esta requer e implica democracia política, equidade social, eficiência econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do meio ambiente¹²².

Uaçai de Magalhães Lopes e Robinson Moreira Tenório reconhecem que o conceito de sustentabilidade é contraditório e que traz um sentido simbólico. Ao longo dos tempos, recebeu diferentes formulações passando pelos processos explicativos do passado e pela construção de novos sentidos fazendo surgir um sentido de intencionalidade. Diante desses argumentos, eles constroem,

provisoriamente, a seguinte definição: sustentabilidade é um princípio de atuação de uma sociedade que mantém as características necessárias para um sistema social justo, ambientalmente equilibrado e economicamente próspero, por um período de tempo longo e indefinido. Atende, assim, às necessidades das gerações do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades.¹²³

Com a perspectiva de uma influência relevante no futuro, ressalta-se que a abstração da palavra sustentabilidade repercute em um discurso popular muito difundido. Porém, desassociado da atitude concreta de responsabilidade individual e coletiva. A abstração leva, *a priori*, à compreensão de que sustentabilidade está relacionada a preservação do meio ambiente, em especial dos recursos naturais, como garantia de suprimir as necessidades e a continuidade da vida.

Esse entendimento cria uma falsa segurança e um descompromisso com o bem coletivo. Além de dirigir a responsabilidade para a outra pessoa e acomodar as críticas em relação ao mercado que explora os recursos para continuar acumulando capital. Esses aspectos distanciam a essência do que a ideia de sustentabilidade quer apresentar, significar e incorporar no cotidiano. A sustentabilidade tem suas raízes “[...] localizadas em um relacionamento interno à sociedade, de natureza econômica e politicamente equilibrada e equitativa”¹²⁴.

¹²¹ FERREIRA, 2005, p. 317-318. “Numa sociedade sustentável o progresso é medido pela qualidade de vida (saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, ambiente limpo, espírito comunitário e lazer criativo) ao invés do puro consumo material”. p. 319.

¹²² RATTNER, Henrique. Sustentabilidade – uma visão humanista. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, Ano II, n. 5, p. 233-240, jul./dez. 1999. p. 240. Para o autor: “Esta síntese, ainda que não aceita por todos, [sic] tenderá a exercer uma influência poderosa na teoria e na prática social nos anos vindouros”. p. 240.

¹²³ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 76. O conceito foi construído na reflexão do livro que defende a educação como fundamento da sustentabilidade.

¹²⁴ RATTNER, 1999, p. 237.

Aloísio Ruscheinsky alerta quanto ao uso inapropriado do termo sustentabilidade. Para se precaver do modismo, deve-se perguntar pelo que se entende por sustentabilidade dentro do contexto em que será aplicado. É preciso considerar as ênfases da sustentabilidade, se o alvo são as mudanças de valores comportamentais e/ou de redimensionamento da capacidade organizacional, pensar para além do subjetivo e dos interesses a curto prazo, ter clareza dos parâmetros e do que seria o sustentável dentro do cenário¹²⁵.

A sustentabilidade é uma construção social dependente dos argumentos e opções das lideranças. Sua busca implica em desenvolver ações, planejamentos, estratégias e processos de implementações que valoram seus princípios e contribuem com uma vida de qualidade¹²⁶. A sustentabilidade não explica a realidade, mas exige ações práticas, coerentes e lógicas. Dessas práticas, surgem a legitimidade e a credibilidade de lideranças que influenciam ações comportamentais e políticas da sociedade. “A discussão teórica, portanto, revela uma luta disfarçada pelo poder entre diferentes atores sociais, competindo por uma posição hegemônica, para ditar diretrizes e endossar representações simbólicas de sustentabilidade”¹²⁷.

Leonardo Boff afirma que não importa tanto o conceito que se tem, mas, sim, a percepção do que é correto, justo, ético e tolerável nas relações e na interação com todo o sistema do qual provém a vida¹²⁸. O autor compreende a função dinâmica que a sustentabilidade evoca e comunica ao se apresentar como um movimento aberto a novas percepções, às mudanças e aos contextos e sujeita, na prática, ao fazer o bem.

A proposta de Moacir Gadotti é não polarizar entre os mais diferentes conceitos envolvidos acerca da sustentabilidade. Mas, mostrar as diferenças e potencializar o que cada qual traz de bom e enaltecer as boas práticas¹²⁹. Uma vez que a sustentabilidade deriva das relações equilibradas e equitativas, tanto

¹²⁵ RUSCHEINSKY, Aloísio. No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 10, p. 39-50, jan./jun. 2003. p. 41-42.

¹²⁶ RATTNER, 1999, p. 234.

¹²⁷ RATTNER, 1999, p. 233.

¹²⁸ BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é – o que não é**. 5. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 70.

¹²⁹ GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. p. 16.

economicamente quanto politicamente¹³⁰, e implica em criar um novo jeito de ser, de fazer e de se relacionar¹³¹.

Quando nos referimos à sustentabilidade, estamos falando em como preservar essa teia da vida da qual todos fazemos parte, em como cada um de nós se integra no esforço de mantê-la viva e forte. Sustentabilidade tem a ver com a forma como celebramos nossa passagem por aqui, de modo que o conjunto continue navegando com o tempo. Tem a ver como os nossos comportamentos mais simples e básicos, como morar, trabalhar, cuidar dos filhos, relacionar-se com os amigos, deslocar-se, e, é claro, conduzir nossos negócios. Mas também como o mais profundo sentido da vida.¹³²

Sublinha-se a relevância da influência do pensamento sistêmico, surgido no século XX, junto às tentativas de caracterização da sustentabilidade e da percepção da necessidade de construção de novos paradigmas. O pensamento sistêmico contesta o analítico, o mecanicista e o cartesiano que se caracterizam por fragmentar todas as coisas, tornar tudo objeto e considerar as relações secundárias. Esse novo panorama propiciou uma nova cosmovisão da natureza e cooperou para recuperar e incorporar princípios à ideia de sustentabilidade.

A teoria sistêmica direciona-se ao âmbito relacional no qual se desenvolve a vida através do entrelaçamento entre a linguagem e a emoção (conversar) e se cria as culturas e as visões de mundo com intuito de conservar a vida. Os conflitos não ocorrem no âmbito da razão (fundamentos/princípios), e sim, no âmbito das emoções (vontade, desejo) que compreende o lugar dos modos de fazer. Logo a condição das relações é o campo da sustentabilidade e a pergunta que molda a conversa é: o que se quer conservar? “O peculiar na teoria sistêmica é que cada vez que se distingue no espaço cultural o que se deseja conservar, produz mudanças. [...] Os processos humanos surgem, tanto definidos pelos desejos, como por preferências”¹³³.

O pensamento sistêmico afirma que a vida é um processo dinâmico e contínuo de adaptação e organização. Essa compreensão traz uma perspectiva acerca da noção de sustentabilidade que se torna relevante. A hipótese de Gaia propõe que o planeta terra é como um grande organismo vivo em que as partes interagem de modo

¹³⁰ RATTNER, 1999, p. 236-237.

¹³¹ MARQUES, Ana Cristina Campos. **Sustainability and Being: reflections on the philosophical underpinnings of sustainability narratives.** Erasmus University Rotterdam, 2019. p. 77. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1765/117430>. Acesso em: 11 fev. 2020.

¹³² VOLTOLINI, Ricardo. **Conversas com líderes sustentáveis: o que aprender com quem fez ou está fazendo a mudança para a sustentabilidade.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. p. 92.

¹³³ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 103-105.

a formar um todo autorregulado e onde a vida cria as condições para a sua própria existência adaptando o ambiente para a sua sobrevivência. Os sistemas vivos possuem uma organização circular e são interligados e interdependentes¹³⁴.

A teoria da autopoiese afirma que os seres vivos têm capacidade para reprodução, manutenção das partes e criação de outros componentes em processos contínuos de intercâmbio e organização. Esses processos conservam a vida e incorporam elementos, tais como: ciclo, transformação, flexibilidade e maleabilidade ilimitados, interação com o meio e resiliência¹³⁵. Todavia, essa teoria não pode ser aplicada no âmbito cultural do qual provém a reflexão acerca da sustentabilidade. Mas, apenas, aplicada no âmbito biológico, embora ambos compõem a vida do ser humano¹³⁶.

A sustentabilidade é tida como uma cultura orientada pelo diálogo de múltiplas esferas para fomentar processos que permitam gerar, realizar e conservar as condições para o bem-estar da antroposfera e da biosfera¹³⁷. Considera-se fundamental que o ser humano tenha consciência da responsabilidade pela busca da sustentabilidade, pois todo o sofrimento tem a ver com a negação do amor. A ética se relaciona com a dinâmica das relações humanas, não moralmente, mas, baseada na preocupação com o bem-estar e a convivência que reconhece, valoriza e respeita a outra pessoa e também a natureza. Sendo assim, as atitudes éticas não precisam ser justificadas, pois estão relacionadas ao ato de amar¹³⁸. Diante do desafio que a sustentabilidade suscita,

[...] só há uma saída, e isso é um fato de nossa constituição biológica: A Biologia do Amor. O procedimento da ação social é gerar em comunidades humanas a **Reflexão-Ação-Ética** em todo o trabalho, tendo a biologia do

¹³⁴ CAPRA, 2006, p. 87-94. Nesse sentido, “[...] a conservação da autopoiese e a conservação da adaptação são condições necessárias à existência dos seres vivos”. MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy II, 1995. p. 137.

¹³⁵ MATURANA; VARELA, 1995. p. 81-85, 113 e 148. “A evolução é uma deriva natural, produto da invariância da autopoiese e da adaptação”. p. 148.

¹³⁶ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 102.

¹³⁷ DAVILA, Ximena *et. al.* **¿Sustentabilidad o armonía biológico-cultural de los procesos?** Todo sustantivo oculta un verbo. 2009. p. 7. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B-YLV8egGwSuWE8tc3N1R1BjUW8?resourcekey=0-ajaXOssdOACn3WmU5huTXA>. Acesso em: 29 jun. 2021. Antroposfera é a parte da terra em que os humanos habitam e biosfera é a camada da terra que contém organismos vivos.

¹³⁸ MATURANA; DAVILA, 2004, p.102 e 109.

amor como ponto de referência para a reflexão e a ação em todos os momentos desde a concepção até a autonomia adulta.¹³⁹ (grifo do autor).

A sustentabilidade é uma consequência de um complexo padrão de organização que apresenta alguns princípios básicos da ecologia, tais como: a interdependência, a reciclagem, a parceria, a flexibilidade e a diversidade. Para alcançar uma comunidade sustentável, Fritjof Capra considera ser necessária uma mudança de paradigmas e de valores, os quais considerem os sistemas interconectados e tenham uma visão holística. O termo sustentabilidade não corresponde ao paradigma do crescimento econômico que defende o seu crescimento ilimitado. Mas, sim, a teia que defende a vida humana e da natureza e foca no crescimento qualitativo que aprimora a qualidade de vida¹⁴⁰.

O pensamento complexo permite entender os sistemas a partir do aspecto da complexidade, sendo este o próprio princípio regulador que constitui o mundo e que caracteriza o cosmos. Os sistemas complexos são relacionais e dinâmicos (ordem, desordem e organização) e, a partir desses aspectos, eles permitem abertura, flexibilidade, criatividade, liberdade e invenção. Um sistema organizado compreende as suas múltiplas unidades e interações e, também, as incertezas, as indeterminações e os fenômenos aleatórios. O autor reitera que o crescimento é uma característica da vida, contudo, não é linear e nem ilimitado¹⁴¹.

A ideia de compreender a vida planetária como uma teia em que tudo se entrelaça e possui interdependência “[...] é, naturalmente, uma idéia [sic] antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos”¹⁴². Para Fritjof Capra, esse axioma aponta para uma mudança necessária e sugere a promoção de experiências que conectam a teia da vida¹⁴³.

¹³⁹ DAVILA *et al*, 2009, p. 12. *Hay sólo un camino de salida, y que es un hecho de nuestra constitución biológica: La Biología del Amar. El procedimiento de acción social es generar en las comunidades humanas la Reflexión-Acción-Ética en todo el quehacer teniendo a la biología del amar como el referente de reflexión y acción en todo momento desde la concepción a la autonomía adulta.* (tradução nossa).

¹⁴⁰ CAPRA, 2006, p. 25 e 235.

¹⁴¹ CAPRA, Fritjof. Fritjof Capra. **Revista Ideia Sustentável**, São Paulo, 21 dez. 2011. Entrevista concedida a Juliana Lopes. Disponível em: <https://ideiasustentavel.com.br/entrevistas-abaixo-o-humanismo-individualista/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

¹⁴² CAPRA, 2006, p. 44.

¹⁴³ CAPRA, 2006, p. 230.

Para Edgar Morin, um novo paradigma vem sendo gestado na contemporaneidade a partir de aspectos como a criação, a criatividade e a iluminação. Estes aspectos contrapõem a ideia do reducionismo e do quantitativo, o que indica a necessidade de mudança na forma de raciocínio¹⁴⁴ e de visão de mundo. Ademais, considera-se que o próprio papel da religião reclama sua função de religar e clama por uma conversão para recuperar a comunhão e a perspectiva da interdependência: “Temos de examinar os padrões simbólicos, psicológicos e culturais pelos quais os seres humanos se distanciaram da natureza, negaram sua realidade como parte dela e reivindicaram o seu domínio atuando de fora”¹⁴⁵.

Sendo a sustentabilidade um conceito em construção, torna-se relevante, nesse caso, considerar o significado de sustentar, ou ainda, fazer a pergunta acerca do que o ser humano quer sustentar. A observação das experiências cotidianas leva ao entendimento de que o centro da vida humana está na conservação da vida. Recorrendo à experiência dos povos indígenas e que ainda preservam sua cultura, nota-se relações baseadas na visão de que tudo o que existe é sagrado e deve ser respeitado para manter a conservação e a harmonia do todo que possibilita a vida.

Aquilo que pode ocorrer com o ser vivo não está determinado, não está pré-escrito. A noção de sustentabilidade se refere à condição em um âmbito relacional. [...] A noção de sustentabilidade, na dinâmica da vida humana, só se atualiza na conservação das condições que fazem possível este habitar. [...] Então, se desejamos produzir isso – a sustentabilidade – o que temos que fazer é habitar! Que habitar? O habitar é transformar! Na teoria sistêmica cada vez que um conjunto de elementos começa a conservar-se em suas

¹⁴⁴ MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 34-52. “O que afeta um paradigma, isto é, a pedra angular de todo um sistema de pensamento, afeta ao mesmo tempo a ontologia, a metodologia, a epistemologia, a lógica, e por consequência a prática, a sociedade, a política. A ontologia do Ocidente estava baseada em entidades fechadas, como substância, identidade, causalidade (linear), sujeito, objeto. Estas entidades não se comunicavam entre elas, as oposições provocam a repulsão ou a anulação de um conceito pelo outro (como sujeito/objeto): a ‘realidade’ podia, pois, ser circunscrita pelas idéias [*sic*] claras e distintas. [...] Ora, este paradigma do Ocidente afinal, um filho fecundo da esquizofrênica dicotomia cartesiana e do puritanismo clerical, comanda também o duplo aspecto da práxis ocidental, de um lado antropocêntrica, etnocêntrica, egocêntrica quando se trata do sujeito (porque baseada na auto-adoração [*sic*] do sujeito: homem [*sic*], nação ou etnia, individuo), de outro lado e correlativamente manipuladora frieza ‘objetiva’ quando se trata do objeto. Não deixa de ter relação com a identificação da racionalização com a eficácia, da eficácia com os resultados contabilizáveis; ele é inseparável de toda uma tendência classificacional reificadora etc., tendência corrigida às vezes com vigor, às vezes suavemente, por contratendências aparentemente ‘irracionais’, ‘sentimentais’, ‘românticas’, ‘poéticas’”. p. 54-55.

¹⁴⁵ RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e Terceiro Mundos. *In*: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**, n. 174. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 47-57. p. 47.

relações, abre-se espaço para que tudo mude e todas as relações se conservem.¹⁴⁶

Por ora, considera-se que sustentabilidade conceitualmente é uma palavra polissêmica e que sua ideia foi sendo construída a partir da observação dos processos naturais que dão sustentação à vida. Todavia, está relacionada à forma do ser humano se relacionar e compreender o mundo. Desse modo, a sustentabilidade representa princípios éticos baseados no reconhecimento e na valorização da outra pessoa e de toda a criação de Deus, no respeito e no agir amorosos que implicam em: formação de redes, interação, conservação, interdependência, organização, adaptação, resiliência, complexidade, limitações e transformações.

2.3.2 Ambiguidade da sustentabilidade no cenário do desenvolvimento sustentável

A sustentabilidade se tornou de difícil compreensão porque houve um descolamento histórico da origem do termo e das tradições associadas, sendo que o pensamento inicial versava sobre a consideração dada à natureza e à precaução em relação ao futuro. No século XX, passou a fazer parte do discurso das áreas ligadas à economia e, atualmente, mesmo que se busque relacionar com a ecologia, percebe-se que o objetivo continua sendo o de preservar os negócios econômicos¹⁴⁷. A narrativa mantém essa característica e tem sido adotado “em uma direta associação à noção de competitividade no mercado, e, em alguns casos, ação cidadã”¹⁴⁸.

Segundo Mariana Malvezzi, a sustentabilidade pela sua trajetória histórica parece buscar uma solução para o desenvolvimento econômico dentro dele mesmo. Ela “[...] está ligada à preservação e à continuidade dos modelos econômicos, aos valores culturais e às ambições políticas tanto de governos como de instituições. [...] é, portanto, cada um desses elementos e, ao mesmo tempo, todos eles”¹⁴⁹. Essa ideia representa que o termo sustentabilidade, acoplado à ideia de desenvolvimento sustentável, pode estar alimentando o pensamento de que a única solução para os problemas da humanidade e que envolvem a destruição da natureza é o próprio desenvolvimento sustentável que se baseia no crescimento econômico.

¹⁴⁶ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 107.

¹⁴⁷ SCHMIDT, 1998, on-line.

¹⁴⁸ IRVING; OLIVEIRA, 2012, p. 32.

¹⁴⁹ MALVEZZI, 2013, p. 69.

O desenvolvimento, como conceito histórico e social, é por natureza aberto e multidimensional. Sua complexidade é “[...] representada pela adição de sucessivos adjetivos – econômico, social, político, cultural, sustentável – e o que é mais importante, pelas novas problemáticas”¹⁵⁰. No caso do desenvolvimento sustentável, o adjetivo sustentável foi usado para qualificar o substantivo “[...] para se referir à esperança de que seja possível compatibilizar a expansão de suas liberdades com a conservação dos ecossistemas que constituem sua base material”¹⁵¹.

O termo sustentável surgiu com base em seis linhagens separadas, muitas vezes opostas, mas relacionadas, e Kidd (1992), nomeia essas linhagens como: a) Ecológica ou capacidade de carga; b) Recursos naturais ou meio ambiente; c) Biosfera; d) Crítica à tecnologia; e) O não crescimento; e f) Ecodesenvolvimento. [...] o desenvolvimento é o processo de criação, teste e manutenção de oportunidades, e a combinação de desenvolvimento sustentável tem a finalidade de fomentar as capacidades sobrepostas e criar oportunidades, representando, desta forma, uma parceria lógica.¹⁵²

Moacir Gadotti critica o conceito de desenvolvimento. Considera que o termo está atrelado à ideologia de progresso e de colonização que remete a um padrão de industrialização, de consumo, de bem-estar e de felicidade apregoados como possíveis somente com a acumulação de bens materiais. Além disso, nega a diversidade de povos e nações para subjugar e dominar causando mais violências, misérias e exploração dos recursos naturais e das pessoas. O autor aponta que a sustentabilidade e o capitalismo são incompatíveis considerando seus princípios e inconciliáveis em seus objetivos. Alega também que o crescimento só é possível numa economia solidária pautada na compaixão e não no lucro¹⁵³. Na prática,

[...] a história tem mostrado que a *mão do mercado* apenas é invisível quando chamada a promover a justiça social e a sustentabilidade. No entanto, torna-se bem visível quando se trata de manter os privilégios e garantir o locupletamento dos poderosos às custas da exploração dos mesmos favorecidos.¹⁵⁴ (grifo do autor).

Thomas Schmidt critica a Cúpula da Rio 92 por conduzir a compreensão da sustentabilidade como mediadora entre o desenvolvimento e o meio ambiente com o intento de preservar o sistema econômico orientado para o crescimento contínuo e

¹⁵⁰ SACHS, 2008, p. 37.

¹⁵¹ VEIGA, 2010, p. 39.

¹⁵² FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 66.

¹⁵³ GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 6, p. 15-29, 2005. p. 18. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842>. Acesso em: 05 abr. 2021.

¹⁵⁴ SILVA, 2013, p. 110.

ilimitado. Seu argumento segue na direção de que o conceito é colocado como perspectiva e não como elemento que questiona o âmago do crescimento econômico, da economia de mercado e da tecnologia usada em larga escala¹⁵⁵.

Na sua argumentação, o autor alega que não se pode negligenciar os mecanismos de poder da política e dos negócios que reduziram o sentido da sustentabilidade às tradições medievais a ponto de colocar a ideologia do crescimento econômico como foco central das discussões em torno do assunto e, até mesmo, das atividades de iniciativas sociais críticas ao desenvolvimento econômico. O conceito de sustentabilidade precisa passar por um debate crítico amplo, pois ela carrega uma esperança associada e deve-se evitar o erro de repetir a história de apenas invocar o termo sem refletir na prática o seu sentido¹⁵⁶.

Wolfgang Sachs não distingue crescimento e desenvolvimento, pois considera que ambos são uma forma de pensar relacionada ao exercício de poder de certas pessoas atoras sociais e tipos de transformação social que marginalizam outras lideranças e rechaçam propostas de mudanças. O desenvolvimento sustentável se refere à conservação do próprio desenvolvimento e estende o utilitarismo, centrado no ser humano, para a posterioridade. O discurso de que o ser humano é inimigo da natureza e que é preciso salvá-la por meio de uma gestão qualificada através do esforço tecnocrático e cultural, atesta que mudaram a técnica e as estratégias, mas

¹⁵⁵ SCHMIDT, 1998, on-line.

¹⁵⁶ SCHMIDT, 1998, on-line. Segundo o autor, repete-se as tradições medievais: "Diante de uma possível catástrofe, a ênfase na questão é clara de não querer reivindicar mais do que está permanentemente disponível, como na Idade Média; Pensamento econômico linear (em vez de ciclos orientados)? como na Idade Média; Exploração e consolidação da distribuição de poder entre ricos e pobres no crescente conflito sobre o uso de bens econômicos – como na Idade Média; Uma tendência para soluções técnicas e uma crença correspondente na viabilidade com o objetivo de esgotar o acesso à base da vida até o limite ótimo – como no capitalismo primitivo esclarecido; Atualização das demandas humanas sobre a natureza sem mesmo tentar conceder-lhe direitos não afetados à existência – como no século anterior; De acordo com o estado do conhecimento mais recente, a proteção ambiental como meio para o fim de manter o sistema econômico voltado para o crescimento em vez de se afastar dele – como em todos os momentos descritos até agora". *Im Angesicht einer möglichen Katastrophe die Betonung der Selbstverständlichkeit, nicht mehr in Anspruch nehmen zu wollen, als auf Dauer vorhanden ist, wie im Mittelalter; Lineares wirtschaftliches Denken (statt an Kreisläufen orientiertes)? wie im Mittelalter; Ausnutzung und Zementierung der Machtverteilung zwischen Arm und Reich im schärfer werdenden Konflikt um die Nutzung von Wirtschaftsgütern - wie im Mittelalter; Hang zu technischen Lösungen und entsprechendem Machbarkeitsglauben mit dem Ziel, den Zugriff auf die Lebensgrundlagen bis zur optimalen Grenze auszureizen - wie im aufgeklärten Frühkapitalismus; Aktualisierung der menschlichen Forderungen an die Natur, ohne auch nur den Versuch zu machen, ihr davon unberührte Daseinsrechte einzuräumen - wie im vorigen Jahrhundert; Umweltschutz nach neuestem Erkenntnisstand als Mittel zum Zweck des Erhalts des wachstumsorientierten Wirtschaftssystems anstatt einer Abkehr von ihm - wie bisher zu allen beschriebenen Zeiten.* (tradução nossa).

não a ideia. Segundo o autor: “Desde a ‘Estratégia de Conservação Mundial’ em 1980 e posteriormente o Relatório Brundtland, o desenvolvimento passou a ser visto como terapia para os danos causados pelo desenvolvimento”¹⁵⁷.

José Eli da Veiga pondera que a sustentabilidade foi um meio para introduzir questões ambientais no paradigma do desenvolvimento sustentável. Mas, ao mesmo tempo, o seu sentido foi empobrecido, a exemplo de quando a palavra é usada para atestar o código de ética de responsabilidade socioambiental e a resiliência das empresas e corporações. Segundo o autor, o adjetivo serviu para compatibilizar as necessidades humanas com a necessidade de conservação dos ecossistemas para viabilizar a existência da espécie humana¹⁵⁸.

Amartya Sen afirma que a noção de sustentabilidade utilizada pelo Relatório de Brundtland, onde o desenvolvimento sustentável enfatiza as necessidades das atuais e futuras gerações, não considerou o ser humano como um indivíduo. Não considerou que ele tem seus próprios valores e princípios e a liberdade para decidir sobre quais coisas atendem as suas necessidades ou sobre quais coisas ele gostaria de atribuir valor no seu cotidiano¹⁵⁹. Não estão incluídas as perspectivas da pluralidade, da diversidade e das aspirações individuais ou comunitárias.

Marta Nussbaum, citada pelo World Ocean Review, critica a abordagem das necessidades que contempla somente o essencial para sobreviver. Ela apresenta uma abordagem das capacidades que beneficia a pessoa a viver uma vida de acordo com as suas próprias ideias contemplando o presente e o futuro. A autora sinaliza:

[...] 1. poder viver até o final de uma vida humana normal e não ter que morrer prematuramente; 2. ser capaz de ter alimentação adequada, abrigo e boa saúde, e ser capaz de expressar livremente sua sexualidade; 3. ser capaz de viver sem dor e sofrimento desnecessários; 4. ser capaz de exercitar livremente a imaginação, o pensamento e a lógica e de praticar uma religião; 5. ser capaz de manter apegos às coisas e às pessoas e de experimentar e valorizar valores interpessoais como amor, carinho, gratidão, mas também saudade e tristeza; 6. ser capaz de formar sua própria concepção de uma boa vida e planejar sua própria vida; 7. ser capaz de se envolver na interação social e experimentar o reconhecimento, a comunidade, a amizade e a vida profissional; 8. ser capaz de viver bem em relação aos animais, às plantas e

¹⁵⁷ SACHS, Wolfgang. **No Sustainability Without Development**. (1995). Disponível em: <https://www.aislingmagazine.com/aislingmagazine/articles/TAM21/Sustainability.html>. Acesso em: 03 maio 2021. *Since the ‘World Conservation Strategy’ in 1980 and later the Brundtland Report, development has come to be seen as the therapy for the injuries caused by development.* (tradução nossa).

¹⁵⁸ VEIGA, 2010, p. 21, 29 e 151.

¹⁵⁹ SEN, Amartya. Porque é necessário preservar a coruja-pintada. **Folha de São Paulo**, p. 16-18, 14 mar. 2004. (Caderno Mais). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u11316.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2021.

ao mundo da natureza; 9. ser capaz de rir, engajar-se em recreação e experimentar o prazer; 10. ser capaz de participar politicamente, exercer livremente uma ocupação em condições justas de trabalho e adquirir propriedades.¹⁶⁰

Segundo José Eli da Veiga, o desenvolvimento de uma sociedade não acontece sem a preservação da natureza. Mas, também, depende da maneira como a sociedade “aproveita os benefícios de seu desempenho econômico para expandir e distribuir oportunidades de acesso a bens como liberdades, cívicas, saúde, educação, emprego decente, etc”¹⁶¹. Nesse sentido, pode-se buscar a compreensão de crescimento relacionado a qualidade:

O crescimento, é claro, representa uma característica central de toda vida. Uma sociedade ou economia, que não cresce, morre mais cedo ou mais tarde. O crescimento, contudo, não deve ser linear, nem ilimitado. Enquanto, certas partes dos organismos ou ecossistemas crescem outras declinam, lançando e reciclando seus componentes que se transformam em recursos para novo crescimento. O tipo de crescimento balanceado e multifacetado que é bem conhecido pelos biólogos e ecologistas pode ser chamado de crescimento qualitativo. Em organismos vivos, ecossistemas e sociedades, o crescimento qualitativo consiste em um aumento de complexidade, sofisticação e maturidade que aprimora a qualidade de vida. Em outras palavras, crescimento qualitativo significa desmaterializar a economia em alguma extensão.¹⁶²

O modelo padrão de sustentabilidade adotado como o tripé da sustentabilidade é criticado por Leonardo Boff. Ele considera que é incompatível ao modelo economicamente viável os princípios de socialmente justo e ambientalmente correto. Afirma que o desenvolvimento sustentável é antropocêntrico (focado no ser humano), contraditório a sustentabilidade (privilegia o indivíduo ao invés do coletivo, evolução do mais apto ao invés da coevolução de todos interconectados) e equivocado (alega que a pobreza eleva a degradação da natureza quando é a prática capitalista que a gera). Ademais, incorpora a sustentabilidade ao discurso para esvaziá-la e promove o ideal da economia (crescimento) para mascarar a pobreza que

¹⁶⁰ WORLD OCEAN REVIEW, 2015, on-line. [...] 1. being able to live to the end of a normal human lifespan and not having to die prematurely; 2. being able to have adequate nourishment, shelter and good health, and being able freely to express their sexuality; 3. being able to live without unnecessary pain and suffering; 4. being able freely to exercise imagination, thought and logic and to practice a religion; 5. being able to maintain attachments to things and people and to experience and cherish interpersonal values like love, care, gratitude but also longing and grief; 6. being able to form their own conception of a good life and plan their own life; 7. being able to engage in social interaction and to experience recognition, community, friendship and professional life; 8. being able to live well in relation to animals, plants and the world of nature; 9. to be able to laugh, engage in recreation and experience enjoyment; 10. being able to participate politically, freely carry on an occupation under fair working conditions, and acquire property. (tradução nossa).

¹⁶¹ VEIGA, 2010, p. 50.

¹⁶² CAPRA, 2011, on-line.

ela mesmo produz¹⁶³. Segundo o autor, a narrativa do desenvolvimento sustentável é uma ação política hábil para desviar a atenção dos reais problemas a serem enfrentados e, nesse sentido, a sustentabilidade é “[...] ou retórica ou localizada ou inexistente”¹⁶⁴.

A finalidade de todo desenvolvimento sustentável deveria ser o de humanizar o ser humano: “E se humaniza tanto mais quanto tira de seu interior as riquezas lá escondidas: de criatividade, de inteligência, de solidariedade, de compaixão, de estética, de biofilia e de amor incondicional”¹⁶⁵. Marcela Lagarde reitera que o desenvolvimento sustentável deveria confluir para o desenvolvimento humano e favorecer e oportunizar o protagonismo, a cooperação, a participação e a democracia a fim de enfrentar todas as formas de opressão que causam danos e destruição e, assim, levar a uma transformação social¹⁶⁶.

Ignacy Sachs afirma que é preciso reconceituar a compreensão de desenvolvimento. Uma maneira de fazê-lo é reaproximar a ética, a política e a economia e, a outra, é considerar o desenvolvimento como processo histórico de apropriação efetiva de todos os direitos humanos. Aspectos como a igualdade, a solidariedade e a equidade devem fazer parte do desenvolvimento para ampliar o pensamento econômico redutor¹⁶⁷. Por esse ângulo,

[...] o desenvolvimento pretende habilitar cada ser humano a manifestar suas potencialidades, talentos e imaginação, na procura da auto-realização [sic] e da felicidade, mediante empreendimentos individuais e coletivos, numa combinação de trabalhos autônomos e heterônimos e de tempo dedicado a atividade não produtivas. A boa sociedade é a que maximiza essas oportunidades, enquanto cria, simultaneamente, um ambiente de convivência e, em última instância, condições para a produção de meios de existência (livelihoods) viáveis, suprindo as necessidades materiais básicas da vida – comida, abrigo, roupas – numa variedade de formas e cenários – famílias, parentela, redes, comunidades.¹⁶⁸ (grifo do autor).

A incorporação de valores éticos e humanos está no horizonte da ideia de sustentabilidade e visa contribuir com o desenvolvimento humano. Isso requer a contemplação de todas as dimensões da vida e a consideração acerca da diversidade

¹⁶³ BOFF, 2016, p. 45 e 49.

¹⁶⁴ BOFF, Leonardo. Crítica ao modelo-padrão de sustentabilidade. **EcoDebate**, 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/02/09/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade-artigo-de-leonardo-boff/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

¹⁶⁵ BOFF, 2016, p. 155.

¹⁶⁶ LAGARDE, 1996, p. 96.

¹⁶⁷ SACHS, 2008, p. 13-14.

¹⁶⁸ SACHS, 2008, p. 35.

e da pluralidade como elementos constitutivos do mundo. Além de uma sintonia com as aspirações dos seres humanos, permitindo que eles tenham a liberdade de decidir por si mesmos acerca de quais melhorias são necessárias para qualificar a vida pessoal, comunitária e social, respeitando os processos de cada pessoa. Para alcançar tal intento, recomenda-se estimular o empoderamento, a conscientização da realidade, a formação, a participação e a ética.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento, torna-se fundamental a ciência de que a falta de dignidade humana e a destruição ambiental são geradas culturalmente, pois estão relacionados à dinâmica das relações, as mesmas que tornam possível a origem e a continuidade da vida. Repensar e rever as relações antropocêntricas, patriarcais e mecanicistas é extremamente necessário para o desenvolvimento de um viver sustentável¹⁶⁹.

Logo, percebe-se que o debate acerca da sustentabilidade pode estimular a construção de novos modelos de desenvolvimento voltados para a promoção da vida humana e a preservação do meio ambiente. Como afirma Thomas Schmidt, ao contradizer a ideia racionalista: “[...] o ser humano deve extrair da natureza o mínimo necessário para a sobrevivência. Somente através desse domínio da natureza surgirá a segurança material e com ela a liberdade da autorrealização”¹⁷⁰. O autor aponta para a necessidade de construir novos paradigmas que levem à qualidade de vida.

As ideias e as tentativas de formulação de um conceito para sustentabilidade vão percorrendo paralelamente as discussões sobre desenvolvimento sustentável e os contextos em que ela é colocada. Muitas vezes, também se entrelaçando e se distanciando em virtude do contexto, das discussões e das pessoas envolvidas. É plausível considerar que a sustentabilidade aponta para o lugar que se quer chegar (fim, objetivo maior, futuro) e o desenvolvimento sustentável sobre como chegar lá a partir da concepção de continuidade do crescimento econômico (meio - presente).

A discussão acerca do desenvolvimento sustentável, mesmo sem a intensão, lançou valor à ideia de sustentabilidade. Com isso, chamou a atenção para a responsabilidade pela vida planetária no presente e no futuro e motivou o engajamento de lideranças de vários âmbitos em ações comprometidas e éticas dentro de processos de mudanças contextuais e de construção de novos paradigmas.

¹⁶⁹ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 102.

¹⁷⁰ SCHMIDT, 1998, on-line.

Além de proporcionar, pela própria falta de consenso conceitual, o debate a respeito do conceito e da ideia de sustentabilidade ampliando seu alcance, sua interpretação e a busca de compreensão dos princípios históricos que a orientam.

2.4 BENESSES DA SUSTENTABILIDADE

A ampliação do diálogo com lideranças sociais, religiosas e diferentes ciências gerou novos enfoques e possibilitou a ampliação da compreensão do campo teórico e prático da sustentabilidade. Concepções das ciências naturais e sociais permitiram rebuscar princípios intrínsecos à ideia de sustentabilidade revelando elementos da própria complexidade que a existência sustenta para se conservar. A ideia de sustentabilidade incorporou princípios e elementos de movimento, crescimento, interrelações, maturidade, processos de organização, intercâmbios, relações harmônicas, éticas e equitativas¹⁷¹.

Esse entendimento reivindicou e continua a postular a formação de habilidades e conhecimentos multidisciplinares para capacitar, assimilar e impulsionar a busca criativa de estratégias para melhorar a qualidade da vida planetária e garantir sua continuidade. Do mesmo modo, requereu reflexões contínuas de líderes de instituições e organizações acerca da implantação de práticas sustentáveis, de exigências éticas, de uma reorientação para uma economia que promova a vida e da formação integral do ser humano que valorize processos dinâmicos, plurais, cooperativos, interdependentes e criativos inerentes à coevolução.

As benesses da sustentabilidade são reconhecidas, no entanto, carecem de políticas para fomentar, implantar e ampliar ações nessa direção. Segundo Fritjof Capra, o caminho está posto pelo conhecimento, pelas tecnologias e pelos recursos financeiros, carece-se apenas de lideranças e de vontade política para construir um futuro sustentável¹⁷².

¹⁷¹ FERREIRA, 2005, p. 315.

¹⁷² CAPRA, 2011, on-line.

2.4.1 Conexão com a ética

A palavra ética tem origem no grego *éthikos* e, conforme o dicionário, corresponde ao “segmento da filosofia que se dedica à análise das razões que ocasionam, alteram ou orientam a maneira de agir do ser humano, geralmente tendo em conta seus valores morais”¹⁷³. A ética está relacionada com a palavra grega *ethos*. Esta, por sua vez, ganhou expressão nos últimos tempos e tem sido compreendida como sendo a casa comum, o planeta terra, o lugar em que o ser humano mora, tece suas teias de relações e elabora seus sentimentos que permitem-no sentir-se em casa e, assim, encontrar a felicidade.

Nas palavras de Mario Sergio Cortela: “*Ethos* é o lugar onde habitamos, é nossa casa. [...] também significa ‘marca’ ou ‘caracter’. [...] é a morada do humano, *ethos* é a fronteira entre o humano e a natureza”¹⁷⁴. (grifo do autor). Representa, “[...] a capacidade de ordenar responsabilmente os comportamentos com os outros [*sic*] e com o mundo circundante, para que possamos viver na justiça, na cooperação e na paz, no interior da casa comum dos humanos”¹⁷⁵. A conexão da ética com a sustentabilidade se dá no âmbito do reconhecimento e da consciência da casa comum e das relações que se estabelecem visando o bem comum.

Como se vê a ética nos conduz ao *ethos* – conjunto de valores partilhado em comum – e ao étnico, portanto, à cultura, à alteridade, ao outro diante de quem podemos nos configurar como diferentes, desde que não queiramos submetê-lo e desde que não queiram nos submeter (tolerância). Aqui emerge, também, toda a questão do poder. A equidade [*sic*] emerge como condição da diferença.¹⁷⁶

A ética emerge da consciência estrutural biológica e social e o que caracteriza a humanidade é a aceitação (o amor) da outra pessoa na convivência. A ética nas relações humanas e ambientais tem em vista a vida e sua continuidade harmônica. E, “[...] tudo o que limite a aceitação do outro [*sic*] – seja a competição, a posse da

¹⁷³ DICIONÁRIO Online de Português. **Ethos**. (©2021). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ethos/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

¹⁷⁴ CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 106.

¹⁷⁵ BOFF, Leonardo. **A ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. p. 64.

¹⁷⁶ GONÇALVES, Carlos W. Porto. **Ética e ethos – Contribuição para uma ética da sustentabilidade**. In: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidad**. México: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, México, 2002. p. 260-287. p. 266.

verdade ou a certeza ideológica – destrói ou restringe a ocorrência do fenômeno social e, portanto, também o humano, porque destrói o processo biológico que o gera”¹⁷⁷.

Mario Sergio Cortella alerta para a relevância de “cuidar” da ética com a finalidade de que as pessoas não tenham a consciência anestesiada e passem a achar tudo como sendo normal. A ética, como valor e parâmetro, emerge de um ambiente de amor e cuidado que possibilita a sua formulação e sua aplicação prática. Ela relaciona-se com a capacidade de desenvolver atitudes que geram vida, tais como: a proteção da dignidade da vida coletiva, a alteridade, a perenidade, a integridade¹⁷⁸. Logo, o imperativo ético situa-se na visão integral de uma vida dinâmica que incorpora o aprender a viver e a conviver dentro da complexibilidade, diversidade, pluralidade e interdependência pertencentes à essência do universo e à sua atividade contínua. Através da ética, o ser humano é impelido a um agir que leva em consideração o “fazer o bem e não o mal”.

A filosofia africana fundamenta-se na ética do *ubuntu* e caminha ao contrário do antropocentrismo ocidental ao representar uma cosmovisão que afirma: eu sou porque pertença a uma comunidade. A ética do *ubuntu* se contrapõe ao dogmatismo do raciocínio fragmentado e sustenta “[...] que o movimento é o princípio do ser, entendido como ‘ser-sendo’”¹⁷⁹. Assim, fortalece aspectos que orientam para relações com: equilíbrio, harmonia, alteridade, fortalecimento mútuo, cuidado, geração e transmissão da vida, respeito e reconhecimento de todos os seres vivos, busca da justiça humanizante, reconciliação e afetividade com a natureza¹⁸⁰.

¹⁷⁷ MATURANA; VARELA, 1995, p. 263. “Descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, seria negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de idade, nos legou. Não prestar atenção no fato de que todo conhecer é fazer, não ver a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, ao construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social, equivale a não se permitir ver que as maçãs despencam ao chão. Agir assim, sabendo que sabemos, seria um auto-engano [*sic*] e uma negação intencional. Para nós, portanto, este livro tem não apenas o propósito de ser uma pesquisa científica, mas também o de nos oferecer uma compreensão do ser humano na dinâmica [*sic*] social e nos libertar de uma cegueira fundamental: a de não nos darmos conta de que só temos o mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum”. p. 264.

¹⁷⁸ CORTELLA, 2015, p. 105-141.

¹⁷⁹ RAMOSE, Mogobe B. A Ética do *Ubuntu*. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (ed.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002. p. 324-330. p. 324.

¹⁸⁰ KAKOZI, Jean Bosco. Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida. **Sul21**, Porto Alegre, maio 2018. Entrevista concedida a Marco Weissheimer. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-proteger-todas-as-formas-de-vida/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

A ética pode ser considerada um pré-requisito de sustentabilidade visto que requer um mundo humano, viável e harmônico¹⁸¹ e diz respeito à forma do ser humano se relacionar com seus pares e com a natureza. George W. Forell menciona que toda a decisão deveria ser guiada pela ética que, por sua vez, deveria ser baseada em critérios oriundos de uma fonte de valor. Para a pessoa cristã, a ética repercute dos ensinamentos e dos valores do reinado de Deus: "[...] toda ação é resultado da reflexão baseada em critérios conscientes de valor"¹⁸².

Sublinha-se a relevância de não confundir ética com moral. O agir ético não está vinculado a uma questão de respeito às normas sociais e leis, mas, sim, a consideração pela outra pessoa, por isso, não precisa ser justificada. Ela está relacionada com a consciência, o sentir, o amor, o acolhimento. Um exemplo bíblico para essa compreensão está na atitude e nas palavras de Jesus em relação à acusação de uma mulher que havia cometido adultério: "Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra" (Jo 8.1-11). Outrossim, as pessoas sabem quando agem eticamente ou não.

A ética tem um fundamento biológico; dada nossa história evolutiva humana de seres sociais, nos importamos e nos comovemos espontaneamente com o que acontece com os outros; na ética me importo com as pessoas desde o fato de que as pessoas me importam, sem justificativas racionais; já na moral, o que nos importa são as normas; portanto, o fundamento da moral é cultural e há tantas morais diferentes como critérios culturais, em compensação há somente uma ética.¹⁸³

A significância da busca pela ética da responsabilidade¹⁸⁴ é afirmada por Gottfried Brakemeier. Ele considera que a responsabilidade surge a partir de uma situação concreta na percepção do que é necessário, na compreensão do que seria o melhor ao relativamente pior, no agir, e define o bem a partir dos frutos que a ação produz. Desse modo, a ética da responsabilidade tem um propósito, assume a responsabilidade diante das consequências da sua ação e "[...] está interessada no

¹⁸¹ BRAKEMEIER, Gottfried. **Fazer o bem faz bem**: uma introdução à ética. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 10.

¹⁸² FORELL, George W. **Ética da Decisão**: introdução à ética cristã. 5. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 20-22, 26.

¹⁸³ LOURES, Rodrigo C. da Rocha. **Sustentabilidade XXI**: Educar e inovar sob uma nova consciência. São Paulo: Editora Gente, 2009. p. 189.

¹⁸⁴ A temática da ética da responsabilidade pode ser aprofundada a partir do autor Hans Jonas. O autor afirma que a razão e a emoção são aspectos mutuamente complementares e integram a ética e que "[...] o verdadeiro objeto da responsabilidade é o êxito do empreendimento coletivo". JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 157 e 169.

sucesso da ação. Faz depender a qualidade da mesma [sic] do êxito alcançado, correndo o risco de também errar”¹⁸⁵.

Amartya Sen compartilha que, em Aristóteles, a ética, a política e a economia estavam interligadas. No entanto, atualmente, a ética está desassociada da economia e a economia não cumpre a sua tarefa primordial, ao contrário, ela possui uma aversão às questões éticas relevantes para as relações sociais. Na contemporaneidade, importa reaproximar e conectar esses três aspectos da vida humana tendo em vista que essa conexão resulta de duas questões centrais: a motivação humana (como deveríamos viver?) e a avaliação da realização social (ter uma visão ética e adotar a perspectiva do bem comum). O autor complementa ainda que a aproximação da economia e da ética “[...] não depende da facilidade em consegui-lo. Fundamenta-se, antes, nas recompensas advindas do exercício”¹⁸⁶.

A conexão da ética com a sustentabilidade é explícita ao se considerar que a sustentabilidade diz respeito à forma com que o ser humano se relaciona entre si e com a natureza para assegurar uma convivência fraternal, respeitosa e prudente. E a ética pode ser considerada “[...] um chamamento ao sentido de responsabilidade de nossos atos. Coloca, assim, a questão da relação responsável entre o indivíduo (cada indivíduo) e o outro”¹⁸⁷. A ética do cuidado é tão valiosa que chega a ser divina. Rodrigo C. da Rocha Loures lembra que: “Falar da ética e da sustentabilidade sem lembrar da abrangência do cuidado e do sustento implícitos nelas tornam estas palavras e conceitos áridos e ociosos”¹⁸⁸.

Para Hans Jonas, o ser humano se tornou perigoso e ameaça tanto a sua própria vida quanto à biosfera. Essa situação faz surgir um clamor por uma ética de preservação e proteção para alavancar um salvamento. Para tanto,

[...] o mais importante agora não é perpetuar ou promover uma imagem particular do homem [sic], mas manter aberto o horizonte da possibilidade, que, no nosso caso, foi dado junto com a existência da espécie – e que, de acordo com a promessa do *imago Dei*, podemos esperar que sempre ofereça uma nova chance para a essência humana. Assim, o “não ao não-ser”, e, em primeiro lugar, ao “não-ser” do homem [sic], constitui, até nova ordem, a forma

¹⁸⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 14.

¹⁸⁶ SEN, Amartya. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 19-23 e 106. Segundo a autora: “[...] deixando de lado o uso direto do raciocínio econômico, a tradição em economia de salientar e investigar questões logísticas de interdependência e interconexão tem certa relevância metodológica para argumentos éticos”. p. 94.

¹⁸⁷ GONÇALVES, 2002, p. 264.

¹⁸⁸ LOURES, 2009, p. 11.

prioritária de como uma ética de emergência, voltada para um futuro ameaçado, deve transpor para a ação coletiva o “sim ao Ser”, que o conjunto das coisas acabou por tornar um dever humano.¹⁸⁹ (grifos do autor).

A capacidade de fazer o bem, viabilizada pela ética que está imbuída de valores inerentes à vida, torna-se um desafio tanto para indivíduos, como para comunidades, movimentos e organizações. O que traz à memória que: “Resgatar a dignidade da política – *arte de definir os limites* – é fundamental para que se estabeleça uma ética da sustentabilidade”¹⁹⁰. (grifos do autor). Portanto, tem-se na ética um valor relevante e intrínseco à sustentabilidade.

2.4.2 Oportunidade para a humanização e a espiritualidade

As abordagens concernentes à humanização¹⁹¹ e à espiritualidade favoreceram a ampliação da compreensão do que abrange a sustentabilidade e o seu próprio poder social transformador. A discussão multidisciplinar enfatizou a existência humana como um movimento sempre em transformação na busca do equilíbrio dinâmico, harmonioso e relacional. Esse novo olhar se opôs a reduzir a ideia de sustentabilidade à esfera do crescimento econômico como única saída para os problemas sociais e ambientais e passou a contemplar e instigar outros caminhos estratégicos e sustentáveis.

Para construir uma sociedade sustentável, é essencial entender que um meio ambiente saudável é condição necessária para nosso bem-estar, o funcionamento da economia e, enfim, a sobrevivência da vida na terra. Entretanto, a vida – individual e social – não pode ser reduzida somente às funções biológicas e de produção-consumo.¹⁹²

A consciência da necessidade de humanização indica ações para mitigar os efeitos da desumanização que atingem toda a natureza, seres humanos e ambiente. Na década de 1960, Paulo Freire já havia afirmado que a humanização tinha se

¹⁸⁹ JONAS, 2006, p. 232-233

¹⁹⁰ GONÇALVES, 2002, p. 273. “É sempre bom lembrar que a palavra política se origina no grego designando limite. Originariamente se chamava de *polis* ao muro que delimitava a cidade do campo. Só depois passou-se a designar *polis* ao que estava contido no interior do muro, dos seus limites. O resgate desse significado primevo de *polis* como limite talvez nos ajude a ver o verdadeiro significado da política que é a *arte de definir os limites*; a arte de definir o que é o bem comum”. p. 273. (grifos do autor).

¹⁹¹ Conceito que foca no processo de tornar o ser humano mais humano, amoroso, benévolo, empático e altruísta.

¹⁹² RATTNER, 1999, p. 239.

tornado um problema central e uma preocupação evidente dada a sua relevância como sendo um atributo herdado, uma vocação do ser humano¹⁹³.

A própria menção à necessidade de buscar a humanização implica em reconhecer a desumanização que se faz visível na injustiça, na exploração, na opressão, na violência, na objetificação de pessoas e da natureza. Do contrário, ao ser afirmada e vivenciada essa vocação, tem-se liberdade, justiça, luta das pessoas oprimidas pela recuperação de sua humanidade roubada¹⁹⁴.

A utopia que valoriza a humanização tem como expectativa uma sociedade ética e responsável que trilha os caminhos da consciência, da liberdade, do diálogo, da reflexão-ação, da interação, da comunicação¹⁹⁵ e do comprometimento. Segundo Henrique Rattner: “Cooperação, compaixão e solidariedade são valores vitais para a sobrevivência e qualidade de vida. Participação consciente e ativa nas decisões sobre a própria vida e a vida coletiva dá significado ao empenho humano”¹⁹⁶.

Na compreensão de Paulo Freire, a utopia é um compromisso histórico porque consiste na “[...] dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante”¹⁹⁷. Trilhar por esse caminho significa a busca por ações coerentes, éticas e esperançosas de um mundo com pessoas mais humanizadas e comprometidas com a vida e dias melhores. A humanização se conecta diretamente com o sentido da busca da sustentabilidade que reflete em melhor qualidade de vida.

Surgem vozes que afirmam a necessidade de se construir um novo paradigma de visão de mundo em que as dimensões do espiritual, do emocional e do intelectual estejam alinhadas. Enrique Leff pondera que:

Sustentabilidade é um fim que implica um processo de desconstrução da concepção do mundo feito de objetos, para retornar ao mundo de ser. [...] A ética do conhecimento ambiental leva ao desmantelamento da epistemologia que reificou, objetivou e alienou o mundo e a construir um conhecimento emancipatório que pode aliar sustentabilidade e solidariedade; levando a uma

¹⁹³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 30.

¹⁹⁴ FREIRE, 1987, p. 19.

¹⁹⁵ FREIRE, 1987, p. 34-35.

¹⁹⁶ RATTNER, 1999, p. 240.

¹⁹⁷ FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980. p. 27.

reterritorialização de ideias originadas no oceano da complexidade. E isso é uma questão de ser e de tempo.¹⁹⁸

Considerando que a sustentabilidade, que surge da lógica das coisas e das relações, ela precisa incorporar a dimensão da espiritualidade, segundo Leonardo Boff. Pois esta, por sua vez, desperta o sentimento de pertença, de ética, de responsabilidade e promove a abertura para o amor, o cuidado, a solidariedade, a compaixão e a contemplação que asseguram a esperança¹⁹⁹. Nas palavras de Moacir Gadotti: “a sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos”²⁰⁰.

Uma visão de mundo que contemple a ecologia profunda é constituída de uma percepção espiritual, religiosa e filosófica das tradições espirituais. Esse novo modo de pensar, que está em formação, retoma a sabedoria ancestral que promove a sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo. Sendo que a vivência da espiritualidade permite questionar a realidade “[...] a partir da perspectiva de nossos relacionamentos, com as gerações futuras e com a teia da vida qual somos parte”²⁰¹.

Essa tarefa pode ser encontrada nas Teologias da Libertação, Feminista, Negra, Indígena e Ecofeminista. Ambas buscam aproximar a espiritualidade do cotidiano ao questionar paradigmas do patriarcalismo, do antropocentrismo, dos sistemas de dominação que geram violências, consumismo, exploração de pessoas e da natureza. Da mesma forma, propõem questionar as relações de poder, valorizar as experiências e promover relações de justiça, paz, equidade e cooperação. Segundo Ivone Gebara, apresentam uma espiritualidade libertadora sustentada por “[...] valores éticos e ‘metafísicos’ capazes de nortear [sic] e dar sentido à existência das pessoas”²⁰².

¹⁹⁸ LEFF, Enrique. Ética por la vida. Elogio de la voluntad de poder. In: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidad**. México: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002. p. 288-312. p. 310. *La sustentabilidad es un fin que implica un proceso de desconstrucción de la concepción del mundo hecha de objetos, para volver al mundo del ser [...] La ética del saber ambiental lleva a desmontar la epistemología que ha cosificado, objetivado y alienado al mundo y construir un saber emancipatorio que pueda conjugar los la sustentabilidad y la solidaridad; que lleve a una reterritorialización de las ideas originadas en el océano de la complejidad. Y eso es una cuestión del ser y del tiempo.* (tradução nossa).

¹⁹⁹ BOFF, 2016, p. 96-100.

²⁰⁰ GADOTTI, 2008, p. 46.

²⁰¹ CAPRA, 2006, p. 26.

²⁰² GEBARA, Ivone. Espiritualidade Feminista: risco e resistência. **Concilium**, n. 288, p. 33-44. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 33.

Cabe aqui mencionar o conceito do *Bien Vivir* ou *Buen Vivir*, conforme a tradução, que traz três correntes interpretativas: indigenista, socialista e pós-desenvolvimentista²⁰³. É uma concepção ainda em construção, uma vez que apresenta uma pluralidade de elementos que, juntamente com uma visão de futuro, aspectos democráticos e esperança nos processos de mudanças, está gerando alternativas ao desenvolvimento convencional e denunciando os males do mesmo. Essa visão representa uma postura de ruptura e transformação²⁰⁴.

No âmago desse pensamento está a priorização da vida, das relações humanas e ambientais, da ética do bem comum, da comunhão com a natureza, da qualidade do tempo e do processo natural. Isso envolve preceitos como: relacionalidade, complementariedade, reciprocidade, correspondência e ciclicidade. Josef Estermann esclarece que o universo é um organismo vivo em constante interdependência e intercâmbio. E que, para o povo andino, o ser humano é cuidador, cultivador e facilitador na função de transformar elementos e processos que não dependem dele²⁰⁵. Portanto, esse conceito se pauta na coletividade, na pluralidade, no resgate da afetividade e na necessidade e não no mérito²⁰⁶.

O *Bien Vivir* questiona as concepções que o ser humano faz sobre si, a forma como que se relaciona, os marcos éticos, os valores e a compreensão da evolução histórica²⁰⁷. Outrossim, se coloca crítico ao neoliberalismo, à racionalidade moderna

²⁰³ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Material Didático**. (©2022). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/material-didatico/>. Acesso em: 11 jul. 2022. O Instituto Sustentabilidade publicou “Las corrientes interpretativas del *Buen Vivir*” e alguns de seus defensores: a) Indigenista (Simón Yampara, Javier Medina, Xavier Albó, Luis Macas, David Choquehuanca, Huanacuni Mamani); b) Socialista: (René Ramirez Gallegos, Rodolfo Stavenhagen, Atilio Borón e Pedro Páez); e, Pós-desenvolvimentista (Alberto Acosta, Eduardo Gudynas, Josef Estermann, Leonardo Boff, Arturo Escobar, José María Tortosa, François Houtart, Pablo Dávalos). Na ausência de mulheres, acrescenta-se algumas pesquisadoras: Gloria Alicia Caudillo Félix, Sofia Chipana Quispe, Jocabed Solano e Catherine Walsh.

²⁰⁴ GUDYNAS, Eduardo. *Buen Vivir: germinando alternativas al desarrollo*. **Revista America Latina en Movimiento – ALAI**, Quito, n. 462, p. 1-20, 2011. p. 19-20.

²⁰⁵ ESTERMANN, Josef. *Crisis civilizatoria y Vivir Bien: Una crítica filosófica del modelo capitalista desde el *allin kawsay/suma qamaña* andino*. **Polis**, Santiago, v. 11, n. 33, p. 149-174, 2012. p.157-158. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-65682012000300007&script=sci_arttext. Acesso em: 17 nov. 2021. Segundo o autor: “A monetização universal (‘tudo tem um valor monetário’) engloba todos os outros valores (solidariedade, amor, carinho, justiça) a um valor totalmente fictício e morto, mas onipotente e universalmente presente”. p. 155. *La monetización universal (‘todo tiene valor monetario’) subsume todos los demás valores (solidaridad, amor, cariño, justicia) a un valor totalmente ficticio y muerto, pero onipotente y universalmente presente*. (tradução nossa).

²⁰⁶ COSTA, Ana Monteiro; KÜHN, Daniela Dias. *Bien Vivir / Buen Viver / Bem Viver: uma proposta de pós-desenvolvimento nas Epistemologias do Sul*. **Revista IDEAS**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1-2, p. 34-66, 2017. p. 48, 49 e 51.

²⁰⁷ GUDYNAS, 2011, p. 13.

eurocêntrica, à globalização e à exploração da natureza que coloca em risco a vida planetária²⁰⁸. Com esses postulados, essa concepção está formando uma base para pensar novas formas de ser e estar no mundo ao potencializar espaços para um repensar das práticas e ao articular a comunicação significativa pelas artes, evocar memórias, valorizar a sabedoria popular e rememorar eventos significativos.

Essa plataforma política fomenta a reflexão a respeito da decolonialidade, cria resistência e impulsiona aspectos da sustentabilidade. Apresenta temas como: ética de reconhecimento e valorização; descolonialização dos saberes, combate à manipulação e à instrumentalização; vocação para o encontro, o diálogo e a interação; concepção e integração com a natureza; promoção de espaços para vivências e afetividade; e, comunidade ampliadas²⁰⁹.

Cabe ressaltar a proximidade da concepção do *Bien Vivir* com os movimentos relacionados aos povos afrodescendentes. A relação entre esses povos e a natureza é determinada por um mandato ancestral que reconhece valores e assumem um sistema biocultural onde o todo do ser humano determina o seu bem viver. Dentre esses valores estão a cosmovisão ancestral como fonte inspiradora para práticas sustentáveis e convivência harmônica com a natureza, o respeito à diversidade biológica e cultural e a justiça como fim. Hernán Cortes afirma que: “O bem-estar da comunidade é amplamente concebido como a capacidade individual e coletiva de garantir o bem-estar do território; e nele vida, alegria, esperança e liberdade”²¹⁰.

Os diferentes saberes somados às ciências podem gerar movimentos sociais de grande relevância para atitudes transformadoras. No hemisfério Sul, os movimentos ambientais surgem não da abundância e, sim,

[...] da luta pela sobrevivência em condições de uma crescente degradação socioambiental. [...]. Os movimentos ambientais são lutas de resistência e protesto contra a marginalização e a opressão, e reivindicações por seus direitos culturais, pelo controle de seus recursos naturais, pela autogestão de seus processos produtivos e a autodeterminação de suas condições de vida. Estas lutas pela erradicação da pobreza vinculam a sustentabilidade à democracia; entrelaçam-se com a reivindicação de suas identidades culturais, com a reapropriação de conhecimentos e práticas tradicionais e o

²⁰⁸ QUIJANO, Aníbal. “Bien Vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. **Viento Sur**, Madrid, n. 122, p. 46-56, mar. 2012. p. 50, 51 e 54. Disponível em: https://vientosur.info/wp-content/uploads/spip/pdf/VS122_A_Quijano_Bienvivir---.pdf. Acesso em: 17 nov. 2021.

²⁰⁹ GUDYNAS, 2011, p. 15-16.

²¹⁰ CORTÉS, Hernán. El sistema biocultural y la ética del “vivir bien” de los pueblos afrodescendientes del Pacífico. In: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidad**. México: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002. p. 217-221. p. 217, 218 e 220.

direito das comunidades para desenvolver formas alternativas de desenvolvimento.²¹¹

A sustentabilidade vertida no âmbito da biologia e da ecologia contribui, ainda, com aspectos como a circularidade e a inclusão. Além disso, a sustentabilidade postula representar “[...] a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à cooperação e a coevolução, e responde pelas interdependências de todos com todos, garantindo a inclusão de cada um, até dos mais fracos”²¹².

Assim, a sustentabilidade vai se tornando um modo de ser e viver formando uma visão de mundo. E, em uma interpretação holística, sistêmica, egocêntrica e biocêntrica, pode-se dizer que:

Sustentabilidade é toda a ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.²¹³

Essa percepção contribui com a qualidade de vida e a dignidade humana e se conecta com a dimensão da espiritualidade que objetiva que as pessoas vivam e experimentem as bem-aventuranças (Mt 5.3-16). Ressalta-se que a vivência da espiritualidade oportuniza a “[...] democratização dos espaços e da importância de aprender emocional e racionalmente, e do valor colocado sobre cada uma das pessoas”²¹⁴.

A espiritualidade torna-se em um elemento constitutivo essencial da ideia de sustentabilidade²¹⁵, visto que: “[...] sem essa dimensão, todas as medidas técnicas e políticas caem no vazio, pois serão de promover apenas uma mudança superficial, sem tocar no âmago do atual modelo de desenvolvimento”²¹⁶. De modo que relacionar essas temáticas

²¹¹ LEFF, 2001, p. 48.

²¹² BOFF, 2016, p. 48.

²¹³ BOFF, 2016, p. 116.

²¹⁴ DRIAU, Gustavo; CUYATTI, Patricia; SCHAPER, Valério Guilherme (org.). **Con confianza en el porvenir: testigos de la caminata**. São Leopoldo: Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016. p. 111. *Espacios democratizadores y la importancia de aprender emocional y racionalmente, y el valor puesto sobre cada una de las personas*. (tradução nossa).

²¹⁵ DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 53.

²¹⁶ VIEZZER, Moema L. *et al.* **Círculos de aprendizagem para a sustentabilidade**: caminhada do coletivo educador da Bacia do Paraná III e Entorno do Parque Nacional do Iguaçu 2005-2007. Foz do Iguaçu: Itaipu; Ministério do Meio Ambiente, 2007. p. 85.

[...] implica em sobrevivência e perpetuação do ser humano. [...] pressupõe que a humanidade re-signifique suas crenças, valores, sua forma de compreender e sentir o passado, o presente e o futuro, remodele o seu modo de ponderar sobre opções e de fazer escolhas e requer que mude – profunda e radicalmente – seus hábitos e comportamentos. [...] uma questão premente de salvação universal.²¹⁷

A dimensão do espiritual é importante porque a sustentabilidade envolve a integralidade da vida, as necessidades, as atitudes, a percepção de processos orgânicos, dinâmicos e comprometidos com a emergência de novos atores sociais e com ações voltadas à diversidade de cada espaço temporal. A reflexão sobre essa ideia pode oportunizar a mobilização para a prática da solidariedade, da comunhão, da abertura para o diálogo e a emergência da linguagem simbólica, da recuperação de símbolos, das experiências e de sentido²¹⁸.

A busca pela compreensão da sustentabilidade apresenta um viés terapêutico e outro edificante ao oferecer conceitos, formas de pensar, modelos, percepções e descobertas com as quais as pessoas podem dar sentido às suas perguntas. Certamente, a consciência da subjetividade impulsiona para uma vida que contemple relevantes aspectos da sustentabilidade.

Ana Cristina Campos Marques salienta que a compreensão acerca da sustentabilidade se constrói a partir dos filtros aos quais se está sujeito, contempla o conhecimento técnico e a vivência e desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano na sua forma de ser e ver o mundo. Ela propõe a fundamentação filosófica do amor para compreender a sustentabilidade e afirma que o mundo não quer ser salvo, mas amado. E, assim como o filho pródigo saiu e voltou para casa (Lc 15.11-32), agora é tempo de voltar para casa para cuidar e amar a (Mãe) Terra²¹⁹.

Diante das reflexões acerca da humanização e da espiritualidade, pode-se afirmar que a sustentabilidade passou a exprimir valores e comunicar de forma positiva a busca por relações equitativas, éticas e justas. Oportunizou o reconhecimento da interdependência, da valorização, do respeito à diversidade e à pluralidade e motivou à esperança de um amanhã. Essas características se colocam diretamente relacionadas à forma com que as pessoas se relacionam entre elas, com

²¹⁷ CARVALHO, Alexandre B. Moreno de. **É sustentabilidade sustentável?** São Paulo: Editora EPSE, 2011. p. 18.

²¹⁸ VIEZZER, 2007, p. 47-48, 138.

²¹⁹ MARQUES, 2019, p. 13, 60, 70, 195 e 208.

o ambiente, com a sua espiritualidade e como elas se compreendem no mundo e o quanto estão dispostas a cooperar com processos que qualificam a existência.

2.4.3 Aporte para as instituições e organizações

Desde os primórdios, o ser humano se organizou criativamente para cooperar com a sua comunidade e esse intuito continua sendo a base existencial das OSCs, das quais fazem parte as igrejas. Ao se traçar um paralelo com a metáfora da caverna de Platão²²⁰, a sustentabilidade desponta como uma luz motivacional e um chamado para as organizações e instituições perderem o temor e interagirem com o seu contexto.

Para Domingos Armani, toda organização está em um contínuo movimento de adaptação e mudança decorrente da interação social. Nesse sentido, conhecer o contexto pode facilitar o enfrentamento dos desafios e possibilitar a perenidade da organização, além de tornar relevante a qualificação não somente das ações, mas, das pessoas²²¹.

A definição de desenvolvimento sustentável “[...] inspirou muitas organizações sociais a buscarem uma gestão responsável capaz de proporcionar uma projeção sustentável no tempo”²²². As iniciativas, vinculadas à promoção da sustentabilidade nas OSCs, favoreceram um avanço conceitual importante. As novas compreensões apontaram para a necessidade de: preparo para acessar recursos de diferentes fontes, investimento no desenvolvimento institucional (qualidade e projeto institucional), reinvenção (esforço contínuo, mudanças, resiliência), elaboração de estratégias para fortalecer a entidade. Além “[...] de ‘enraizamento social’, da capacidade de articulação local e de credibilidade construídas junto aos atores relevantes do seu contexto de atuação”²²³.

²²⁰ PLATÃO. **O mito da caverna**. [S.l.]: Lebooks, 2019. (Coleção Filosofia). E-book. (56 p.).

²²¹ ARMANI, Domingos. O desenvolvimento institucional como chave de leitura das organizações. *In*: ARMANI, Domingos (org.). **Organizações da sociedade civil: protagonismo e sustentabilidade**. Barueri: Instituto C&A, 2013. p. 62-78. p. 61-62 e 69.

²²² BUTZKE, Paulo Afonso. **Aspectos Teológicos da Sustentabilidade da Igreja: Contribuições do Programa de Sustentabilidade da Federação Luterana Mundial para a América Latina e Caribe**. 2013. p. 4. Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/livros-e-publicacoes/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

²²³ ARMANI, Domingos. Sustentabilidade: desafio democrático. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Sustentabilidade: aids e sociedade civil em debate**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 9-14. p. 9-10.

Para Fritjof Capra “[...] o desafio-chave é como adaptar-se de um sistema baseado na noção de crescimento ilimitado – o que é impossível em um planeta finito – para um outro que seja, ao mesmo tempo, sustentável e socialmente justo”²²⁴. A gestação de uma nova visão de mundo se tornou um desafio e uma oportunidade para as organizações de base ecumênicas para colocarem os princípios da sustentabilidade e da solidariedade “[...] no centro da reflexão sobre o modelo de desenvolvimento”²²⁵ contribuindo para uma mudança de mentalidade. Muitas OSCs,

[...] adotando um posicionamento crítico em reação à definição oficial de desenvolvimento dos governos e agências internacionais, entendem a sustentabilidade como o princípio estruturador de um processo de desenvolvimento centrado nas pessoas e que poderia se tornar o fator mobilizador e motivador nos esforços da sociedade para transformar as instituições sociais, os padrões de comportamento e os valores dominantes.²²⁶

A tendência é que as empresas se tornem mais flexíveis e sistematicamente integradas promovendo mudanças, em especial, no que tange aos relacionamentos. A formação de lideranças para trabalho em equipe e para fomentar a participação ativa e a eficiência coletiva incorporam a busca de “um novo paradigma econômico e também de um novo estilo de vida e valores que rejeitem a acumulação ilimitada e o consumo conspícuo”²²⁷.

As organizações sociais usam os recursos financeiros recebidos das instituições parceiras, da sociedade, de doações e de contribuições para educar, formar redes de cooperação e orientar tecnicamente a comunidade, além da sua manutenção própria. Assim, elas transformam os recursos financeiros em valores sociais. O imperativo colocado é o de criar e de favorecer o uso de instrumentos de planejamento e de avaliação para continuar contribuindo com a sustentabilidade através da promoção dos valores sociais, éticos e educacionais²²⁸.

Fritjof Capra reconhece que as OSCs são um espaço fundamental de nascimento de lideranças com capacidades de mobilizar pessoas, buscar recursos financeiros, utilizar as novas tecnologias para fazer alianças e trocar informações e

²²⁴ CAPRA, 2011, on-line.

²²⁵ ZEELAND, Angélique J. W. M. van. Desenvolvimento transformador num contexto de mudanças. *In*: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES; Marilu Nörnberg (org.). **Fé e transformação**: papel e relevância das organizações de base ecumênica. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 93-131. p. 102.

²²⁶ RATTNER, 1999, p. 233.

²²⁷ RATTNER, 1999, p. 239.

²²⁸ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 114.

construir práticas com valores sociais. As OSCs, ao longo das últimas décadas, disseminaram valores da dignidade humana, da sustentabilidade ecológica, de políticas de mercado alternativos e de iniciativas de reestruturação de instituições, o que demonstra uma nova forma de movimento político emergente que valoriza outras possibilidades e saberes²²⁹.

A missão de uma OSCs se configura a partir da leitura das necessidades da sociedade e das respostas dadas através dos serviços prestados. Essa composição define a relação da organização com a sociedade e resulta em compromisso com a causa, mudança de valores, apoio financeiro, engajamento e vínculos.

A continuidade de uma OSCs depende da mobilização de pessoas identificadas com a proposta e dispostas a colaborar. Sendo assim, a sustentabilidade se coloca como um campo de força motivacional para as OSCs repensarem a sua atuação mediante sua missão ao se identificar com a capacidade de autorrenovação no sentido de: “renovar o direcionamento, a capacidade, a legitimidade e a governança da organização. [...] renovar no sentido de trazer algo novo e recriar”²³⁰.

A noção de sustentabilidade implica em uma dimensão política, social, cultural e biológica e que exige uma extensiva produção e difusão de conhecimentos e princípios éticos-políticos nos espaços das práticas sociais cotidianas. Dessa forma, é na produção de conhecimentos transdisciplinares sobre sustentabilidade que se dá o primeiro embate político para a sua concretização.²³¹

A formação e a capacitação, que participam do território da busca por sustentabilidade, suscitam princípios, conhecimentos, vivências e muita criatividade na condução de diálogos cooperativos e na construção de planejamentos estratégicos com vistas à transformação social. Da organização, espera-se que tenha capacidade para atender à sua missão e oferecer qualidade na sua atuação, o que remete a

²²⁹ CAPRA, 2011, on-line. “Para dotar o discurso político de uma perspectiva ecológica, a sociedade civil global depende de uma network de estudantes, institutos de pesquisa, think thanks e centros de aprendizado que operam em larga escala fora de nossas instituições acadêmicas líderes. Há dúzias dessas instituições de pesquisa e ensino em todas as partes do mundo. Em comum, elas apresentam a característica de alinhar sua atividade de pesquisa e ensino a uma estrutura compartilhada de valores essenciais”.

²³⁰ LOVATO, Flora (coord.). **Rever a noção de sustentabilidade de uma OSC**. Coleção Caminhos para o desenvolvimento de OSCs, folheto nº 4, 2012. (on-line). Disponível em: http://new.institutofonte.org.br/wp-content/uploads/2017/12/cap01_04_Rever-a-noc%CC%A7a%CC%83o-de-sustentabilidade-de-uma-OSC_InstitutoFonte.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

²³¹ REIGOTA, Marcos A. dos Santos. Ciência e sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 219-232, jun. 2007. p. 222.

capacitação de profissionais para o atendimento dessa demanda social²³². Uma vez que a sustentabilidade requer ferramentas para concretizar sua aspiração, também

[...] exige um sistema político com poderes para planejar, coordenar e fornecer diretrizes a um infinito número de unidades autônomas, independentes, administradas democraticamente e no completo controle de seus recursos. Tal sistema permitiria a criatividade e a auto-realização [sic] de seus membros, de acordo com suas vocações, interesses e personalidades.²³³

O grupo gestor é responsável por conduzir os processos de liderar rumo à concretização da missão e da visão da organização. Sendo assim, opera com um papel fundamental para resolver conflitos e amenizar as tensões que brotam da atuação humana. “A arte da gestão consiste em equilibrar continuamente essas relações, consciente de que as tensões podem ser saudáveis à vida da instituição”²³⁴.

Igualmente é fundamental admitir que a sustentabilidade prescinde da durabilidade das organizações e, particularmente das empresas. Ao contrário da crença que se generaliza, pode ocorrer exatamente o inverso. Nada impede que a sustentabilidade sistêmica da sociedade exija frequentemente, renovadores choques de destruição criativa. Como nos ecossistemas, o que está em risco é sua resiliência, e não durabilidade específica de indivíduos, grupos ou espécies.²³⁵

Para John R. Ehrenfeld, o desafio estratégico é assumir a reformulação do *Triple Bottom Line* do desenvolvimento sustentável utilizando as dimensões da ética, do humano e do natural e interagir com a sociedade. Os caminhos seriam a mudança dos paradigmas que orientam o pensamento atual, o questionamento do papel da tecnologia e o desenvolvimento de meios para satisfazer as necessidades do ser humano e do meio ambiente sem o vício do consumo²³⁶. Domingos Armani considera

²³² Cresce o interesse de universidades e de pessoas da área da pesquisa, propondo que a sustentabilidade seja vista como uma ciência. O primeiro curso de pós-graduação do Brasil em Ciência da Sustentabilidade foi lançado pela PUC/Rio. Na apresentação do seu Mestrado Profissional “Ciência da Sustentabilidade”, lançado em 2021 e focado em profissionais dos setores público, privado e do Terceiro Setor, a Universidade afirma que esse “[...] é um novo campo que desenvolve e aplica abordagens transdisciplinares da fronteira da ciência para contribuir com os desafios da transição para a sustentabilidade”. E acrescenta: “Frente a esses desafios, o Mestrado [...] pretende prover ferramentas para o entendimento das dinâmicas entre sistemas humanos e sistemas naturais e para o desenvolvimento de soluções aplicadas e customizadas, abordando grandes temas da Sustentabilidade”. MESTRADO Profissional em Ciência da Sustentabilidade. **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. (©2022). Disponível em: <http://mestradosustentabilidade.usuarios.rdc.puc-rio.br/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

²³³ RATTNER, 1999, p. 240.

²³⁴ LOVATO, 2012, on-line.

²³⁵ VEIGA, 2010, p. 21.

²³⁶ EHRENFELD, 2004, p. 5-7.

que a sustentabilidade não trata apenas de estratégias para manter financeiramente as organizações, mas deve tematizar:

[...] a questão dos parâmetros éticos, culturais, políticos e técnicos que governam as concepções e formas como a sociedade enfrenta a problemática da pobreza e da desigualdade e da promoção do desenvolvimento. Quer dizer, é da própria relação Estado e sociedade, da relação entre economia e sociedade, do papel social das organizações não-governamentais vis-à-vis o Estado, as políticas públicas e as empresas, enfim, é da própria qualidade da democracia que se trata.²³⁷

Fritjof Capra, em uma entrevista a Juliana Lopes, afirmou que o mercado global não opera com o princípio da ética, mas, sim, do lucro. Portanto, o problema é político e não tecnológico. Nenhum problema pode ser entendido de maneira isolada, “[...] para resolvê-los, precisamos aprender como pensar sistematicamente, em termos de relacionamentos, padrões e contextos”²³⁸. Daí a relevância das atitudes éticas nas organizações, ou seja, de uma política de transparência, prestação de contas, cuidado com os recursos e as pessoas e fidelidade para com a missão e a visão da organização²³⁹.

Em se tratando de comunidades eclesiais, mostra-se relevante a discussão acerca da contribuição da sustentabilidade para ampliar a compreensão dos aspectos inerentes à gestão da organização a fim de que cumpra seu papel missional. Como narra o texto bíblico: “Se você deixa o machado perder o corte e não o afia, terá de trabalhar muito mais. É mais inteligente planejar antes de agir”. (Ec 10.10). Ademais a própria sociedade coloca expectativas sobre a instituição religiosa na esperança de que ela possa colaborar com uma sociedade melhor.

²³⁷ ARMANI, 2004, p. 11.

²³⁸ CAPRA, 2011, on-line. Um legado importante para a discussão da sustentabilidade fica evidente nas obras de Leonardo da Vinci: “Leonardo da Vinci, o grande mestre da pintura e gênio do Renascimento, desenvolveu e praticou uma síntese única de arte, ciência e tecnologia. Descobri que seu legado é muito relevante para o nosso tempo. Nossas ciências e tecnologias têm se tornado cada vez mais estreitas em seu foco, o que impossibilita a compreensão dos nossos multifacetados problemas a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Além disso, o conhecimento vem sendo dominado por grandes corporações mais interessadas em retornos financeiros do que no bem-estar da humanidade. Sendo assim, Precisamos [sic] exatamente o tipo de síntese que Leonardo da Vinci delineou há 500 anos.de [sic] uma ciência e tecnologia que respeitem a unidade de toda a vida, reconheçam a fundamental interdependência de todo fenômeno natural e nos reconectem com a Terra”.

²³⁹ LOURES, 2009, p. 11.

2.5 EDIFICAÇÃO DE UM CONCEITO

A noção de sustentabilidade acompanha a humanidade desde os primórdios. Entre a Idade Média e o início da Moderna, a Europa se preocupou com a escassez dos recursos naturais. As ações de conservação das florestas estavam mais vinculadas às questões econômicas, comerciais e de poder do que relacionadas à precaução e ao cuidado com o meio ambiente. De tal maneira que é perceptível o aumento das desigualdades e outros problemas sociais.

Nos séculos XVIII e XIX, o mundo presenciou grandes transformações oriundas dos impulsos do desenvolvimento das ciências. Consequentemente, projetou-se uma forte expectativa em torno do progresso, do desenvolvimento e do crescimento econômico impulsionados pela Revolução Industrial, pelo sistema capitalista, pela influência iluminista e pelo prisma dos direitos individuais. Nesse contexto, a palavra sustentabilidade surgiu como um sobreaviso acerca da forma de vida experimentada que colocava em risco o futuro das próximas gerações.

No século XX, o otimismo em relação ao progresso e o crescimento econômico contínuo foram sendo diluídos frente ao cenário pós-guerra. Movimentos sociais se articularam diante dos problemas sociais e ambientais e influenciaram as líderes mundiais. As manifestações na área do meio ambiente impulsionaram um repensar a respeito do desenvolvimento que culminou com o paradigma do desenvolvimento sustentável. Este, por sua vez, representou a somatória das ideias de progresso, desenvolvimento e crescimento econômicos contínuos e ilimitados. E a narrativa da sustentabilidade foi incorporada como um elemento motivacional e um meio para alcançar o desenvolvimento sustentável.

Na literatura, o termo sustentabilidade frequentemente é apresentado como sinônimo de desenvolvimento sustentável, embora tenham pontos de vista diferentes e em algumas situações se aproximem. A narrativa predominante, normalmente, ostenta a sustentabilidade como sendo um modelo ideal a ser buscado, contrapondo os seus próprios princípios. Para cada contexto em que é adotada, a sustentabilidade recebe um sentido, um significado e uma definição. Ou, apenas, é usada como mote.

Nas discussões desencadeadas no campo da sustentabilidade, percebe-se o despontar de muitas pessoas líderes críticas ao sistema político, econômico e socioambiental. Elas exerceram o papel de interlocutoras e rebuscaram o sentido do

que é ser sustentável na perspectiva presente e futura. Questionaram acerca da realidade e do que é imprescindível para se viver almejando “abundância de vida” (Jo 10.10b). Surge, assim, propostas de caminhos alternativos, como a construção de um novo paradigma e uma nova forma de compreender a ideia da sustentabilidade.

Percebe-se que, na busca por ações práticas e pela compreensão da sustentabilidade, houve um desprendimento do conceito de desenvolvimento sustentável. Seu conceito ainda não está totalmente construído e legitimado, mas já provoca muitas mudanças, perguntas e inquietações. Na vanguarda, a ideia de sustentabilidade recebeu novos avanços e passou a compreender a relação dos seres humanos entre eles e com o ambiente. Passou a comunicar valores éticos, a dignidade da criação de Deus, a busca por qualidade de vida e a urgência do esperar um mundo melhor.

Com a contribuição de várias áreas do conhecimento, foram traçados alguns princípios acerca da sustentabilidade que intentam para uma mudança de paradigma da visão de mundo fortalecendo um repensar das formas de ser e estar no mundo. Entre eles, estão: auto-organização, complexidade, perspectiva holística e sistêmica, reorganização permanente, interdisciplinaridade e ética. Dos princípios emergem os valores a serem rebuscados que fundamentam as relações humanas e ambientais: responsabilidade, equidade, alteridade, solidariedade, cuidado, amor, respeito, tolerância, diálogo, resiliência, simplicidade, harmonia.

Logo, a sustentabilidade preconiza uma visão holística que se fundamenta no amor, na gratuidade e na ética ao respaldar o repensar das relações humanas e ambientais. Compõe-se de estímulo à ação política que abraça a complexidade, a integração, a inter-relação, a interdependência, a sincronia, a circularidade e conecta o presente com o futuro. Do mesmo modo, afirma e valora a diversidade, a pluralidade, os diferentes contextos, a perspectiva de um sistema aberto, dinâmico e resiliente, o conhecimento, a experiência e a sabedoria do amor.

A sustentabilidade abre caminhos e expectativas que se colocam no horizonte de um esperar criativo por um mundo melhor e que permita que tudo fique bem. Essa utopia é alimentada pela consciência do bem comum: “Teremos que descobrir

como nos organizar para que o planeta permaneça habitável. As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”²⁴⁰.

Pensar a partir da sustentabilidade implica em redimensionar e transformar o jeito de ser e viver, inclusive das organizações, diante do que a sociedade experimenta no momento. Alguns impulsos estão nas esferas do entendimento das contradições existentes, do contexto social e histórico, da formação de mentes abertas para acolher a pluralidade e aprender com diversidade, da adoção de novas técnicas e ferramentas nas organizações, da promoção de planejamento participativo que envolve a comunidade na tomada de decisões e do engajamento no serviço amoroso e diaconal.

Efetivamente, constata-se que as crises, as mudanças e as preocupações envolvendo as interrelações inerentes às relações humanas e ambientais estão presentes ao longo da história. Elas são enfrentadas e, por vezes, superadas a partir da esperança que brota dos valores e que mobiliza a imaginação, a criatividade e a ação em um processo contínuo de desenvolvimento humano e interação.

Ao findar deste capítulo e na carência de um conceito a respeito de sustentabilidade, faz-se necessário traçar uma proposta que sirva como um alicerce para a reflexão acerca da contribuição da sustentabilidade para a tarefa missionária da Igreja. Busca-se, aqui, uma tentativa de formalizar um entendimento simples e compreensível à luz de premissas e de valores com os quais as comunidades eclesiais possam se identificar, encontrar significado e comprometer a sua tarefa missionária.

A proposta de compreensão tem a intenção de cooperar com a comunicação do contributo da sustentabilidade no âmbito eclesial, tanto no sentido da formação e capacitação do indivíduo quanto na gestão de comunidades a partir do planejamento das ações missionárias e de parâmetros e indicadores de sustentabilidade. Ressalta-se que, tão importante quanto saber o que é sustentabilidade, é poder experimentar e contribuir com os seus processos. Eis aí o desafio!

Portanto, para fins desta pesquisa e uso em comunidades, define-se que a sustentabilidade expressa a capacidade do ser humano de se relacionar com o mundo com prudência, benevolência e esperança a fim de propiciar vida abundante no presente e no futuro para toda a criação de Deus. Essa leitura conceitual se

²⁴⁰ ATWOOD, Margaret. “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **El País Brasil**, Barcelona, maio 2021. Entrevista concedida a Laura Fernandez. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o-mundo.html?ssm=fb_br_cm&utm_source. Acesso em: 01 jun. 2021.

fundamenta na compreensão das possibilidades criativas, ventiladas pela ação do Espírito Santo, que alimentam pessoas apaixonadas e dispostas a testemunhar o Evangelho, vivenciar a espiritualidade, exercitar a diaconia e celebrar o amor de Deus.

No próximo capítulo, buscar-se-á compreender essa tarefa missionária da igreja frente a confessionalidade luterana, a palavra bíblica, a ética cristã e a vocação para cooperar com a missão de Deus. Abrangerá aspectos das teologias e hermenêuticas contextuais do fazer teológico latino-americano culminando com a perspectiva da hermenêutica da sustentabilidade. Conclui-se este capítulo com a música de Diogo Azevedo Lima, “Um mundo bem melhor”:

Simple é, difícil é não complicar
 Creia que os sonhos vão se realizar
 Mas não do jeito que a gente tinha planejado
 Os fatos vão se refazendo inesperados
 Então leve o tempo ao lado teu
 A alegria vai, mas costuma voltar
 Com ela traz a chance de termos
 Um mundo bem melhor

Não sei, talvez não venha a descobrir
 Se eu erre na busca de tentar sorrir
 Mas sei que a dor não era nosso plano
 E virou um fato chato que viria cedo ou tarde
 Optei pela verdade
 A alegria vai, mas costuma voltar
 Com ela traz a chance de termos
 Um mundo bem melhor

Simple é, difícil é não complicar
 Quem sabe o dia em que vamos nos reencontrar
 Ou não, ou sim
 Quem sabe qual será o nosso fim, só Deus
 Mas eu posso dizer o que guardei por ti
 Um amor que vai até...
 A alegria vai, mas costuma voltar
 Com ela traz um mundo melhor
 Por isso eu estendo os braços
 Para o infinito alcançar
 E enfim, eu sei que nós
 Nós teremos um mundo bem melhor.

Um mundo bem melhor. Um mundo bem melhor
 Um mundo bem melhor. Melhor, melhor.²⁴¹

²⁴¹ LIMA, Diogo Azevedo. Um mundo bem melhor. **Mapa Musical da Bahia**, 2012. Disponível em: <http://mapamusical.ba.gov.br/dimazz-selecao-2012/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

3 FUNDAMENTAÇÃO DA TAREFA DA IGREJA

Quem ouve esses meus ensinamentos e vive de acordo com eles é como uma pessoa sábia que construiu a sua casa na rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Porém ela não caiu porque havia sido construída na rocha. Quem ouve esses meus ensinamentos e não vive de acordo com eles é como uma pessoa sem juízo que construiu a sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Ela caiu e ficou totalmente destruída. (Mt 7.24-27)

A partir do conceito de sustentabilidade que fora construído para aportar essa pesquisa, resgata-se que sua ideia principal impulsiona um repensar das relações humanas e ambientais para contemplar um agir prudente, benevolente e esperançoso na perspectiva das diferentes gerações. Seguramente, essas características estão presentes na identidade do ser da igreja que se fundamentam e se inspiram no mandato de Jesus de ir, batizar e ensinar o Evangelho a todos os povos (Mt 28.19-20). Essa tarefa se constitui na participação da missão de Deus.

No texto bíblico que abre este capítulo, em que a construção da casa é uma metáfora relacionada à vida das pessoas, percebe-se a intencionalidade do aspecto da prudência e da sabedoria em relação ao ser e ao fazer. A atitude prudente demonstra incorporar a conexão entre a sabedoria, o conhecimento e a ação a fim de otimizar e qualificar o feito no tempo presente e vindouro. No ensinamento bíblico, nota-se elementos relacionados à vontade, ao querer, ao esforço, à colocação de amor naquilo que se faz.

Outrossim, esse texto aponta para noções de: cuidado, calma, ponderação, respeito, vigilância, prevenção, responsabilidade e percepção das consequências. Na perspectiva desse texto, o verbete “construiu” recebe o sentido de um bom direcionamento para o agir (Sl 127.1-3, Hb 3.4). Esses aspectos encontram-se alinhados à ideia de sustentabilidade que, por sua vez, aponta ser um potencial motivacional e hermenêutico relevante à tarefa missionária da igreja.

A conceituação do termo “tarefa” está relacionada a uma atividade realizada por obrigação ou de forma voluntária. Em muito, lembra o tema de casa que as escolas solicitam com o intuito de fortalecer a aprendizagem e o desenvolvimento da responsabilidade, da autonomia e da interação com outras pessoas do convívio diário.

A tarefa da igreja segue nessa direção e anseia ser fermento na massa (Mt 13.33) para que o pão possa ser repartido e a comunhão experimentada (Mc 6.30-44) e os sinais do reinado²⁴² de Deus se multipliquem e alimentem a vida e a esperança.

A IECLB apresentou o seu Plano de Ação Missionária no ano de 2000 com o “[...] desafio de renovar sua vocação e reafirmar seu compromisso de participar da missão de Deus”²⁴³. E, nas comemorações dos 500 anos da Reforma Luterana, afirmou ser uma igreja sempre em reforma. Esse movimento de abertura significou um olhar para o passado, o presente e o futuro. Rosemary Radford Ruether sugere “[...] minerar nossas heranças gregas, hebraicas e cristãs, bem como nossas tradições emancipatórias modernas, em busca de insights utilizáveis”²⁴⁴.

Os conhecimentos e as experiências acumulados e adquiridos são alicerces para a igreja fazer valer o poder da criatividade e desempenhar a sua tarefa missionária testemunhando a presença amorosa de Deus no mundo. Rubens Alves pondera: “[...] a mais antiga tradição filosófica do mundo ocidental afirma que o nosso destino depende de nossa capacidade e vontade de recuperar memórias perdidas”²⁴⁵.

Nesse sentido, doravante, apresentar-se-á a compreensão da tarefa da igreja missional e os contributos bíblicos, confessionais e da ética cristã. Como diria Rubem Alves: “Portanto, tenho de dizer onde me localizo para que, de saída, fiquem claras as razões de muitos dos nossos possíveis encontros e inevitáveis desencontros”²⁴⁶.

Farar-se-á referência à vocação, à vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana e ao potencial social transformador inerente à igreja. Da mesma forma, mencionar-se-á o fazer teológico e hermenêutico no contexto latino-americano que se apresentam com aspectos conectados com a sustentabilidade. Na sequência, difundir-se-á o prisma da hermenêutica da sustentabilidade e completar-se-á com alguns olhares acerca do desafio que a sustentabilidade traz para a tarefa missionária.

²⁴² Tem-se por praxe utilizar o termo “reino”. Todavia, doravante, salvo as exceções de citação direta, farar-se-á o uso do termo reinado, pois o mesmo designa um período em que vigora alguma coisa, ou seja, neste contexto, tempo que vigora ou se aplica os valores de Deus. Ao passo que a palavra reino está relacionada ao poder patriarcal e transmite a ideia de algo estático e imutável.

²⁴³ PINTO, Homero Severo (org.). **Missão de Deus, nossa paixão**: texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2008. p. 23.

²⁴⁴ RUETHER, 2002, p. 54.

²⁴⁵ ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 26.

²⁴⁶ ALVES, 1980, p. 33.

3.1 IGREJA MISSIONAL

A compreensão de igreja missional passa pelo discernimento do que é ser igreja. Uma das metáforas bíblicas mais utilizadas ao longo do tempo para compreender os modelos eclesiológicos bíblicos²⁴⁷ tem sido a imagem do corpo (Rm 12.5; I Co 12.12). A interpretação manifesta que as pessoas são como as muitas partes de um mesmo corpo. Estas partes são unidas pelo batismo e pela fé e nutridas continuamente pela Santa Ceia e pela Palavra.

As pessoas edificam e enriquecem esse corpo, ou seja, a igreja, continuamente. Elas cooperam testemunhando o amor de Deus e colocando-se a seu serviço mediante a diversidade de dons e capacidades, da unidade e do propósito missional. “Uma comunidade cristã é plural por natureza. Como parte de um corpo, cada membro tem sua função. A diversidade está baseada no princípio da complementaridade: todos os membros trabalham para que o corpo funcione”²⁴⁸.

O termo grego *ecclesia* (igreja) designa “reunião”, assembleia geral. Martim Lutero esclarece que a santa igreja cristã é a comunidade de pessoas santificadas e reunidas “[...] pelo Espírito Santo, na mesma fé, mentalidade e entendimento, com diferentes carismas, porém unânimes no amor, sem sectarismo nem divisões”²⁴⁹. De acordo com o 7º artigo da Confissão de Augsburg, a igreja é descrita como sendo:

[...] a congregação dos santos [*sic*] na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente. Não é necessário que as tradições humanas ou os ritos e cerimônias instituídos pelos homens [*sic*] sejam semelhantes em toda a parte.²⁵⁰

²⁴⁷ Na bíblia, há uma diversidade de imagens e representações que contribuem com a compreensão do ser igreja. Cada qual, harmonicamente, complementa a limitação uma da outra: povo de Deus (I Pe 2.9); rebanho (Is 40.11; I Pe 5.2); ramos da videira (Jo 15.1-17), cooperação (I Pe 4.7-11), Corpo de Cristo (I Co 12.27). No caso figurativo do “corpo de Cristo”, costumeiramente essa imagem é relaciona ao corpo humano masculino. No entanto, a compreensão cosmológica amplia e reconhece que o universo se compõe de diversos corpos, estranhos e múltiplos. E, nesse sentido, essa nova imagem possibilita a inclusão das diferenças e das diversidades e tece a construção de novas relações considerando os aspectos da transitoriedade, da comunhão e da interdependência. BUSCEMI, Maria Soave. “Do Ego-centrismo para o Eco-centrismo? Uma dança de relações de cura...”. In: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**, n. 174, p. 58-71. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 63-64.

²⁴⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Plano de Educação Cristã Contínua (PECC)**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011. p. 16.

²⁴⁹ LUTERO, Martinho. **Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012. p. 85.

²⁵⁰ CONFISSÃO DE AUGSBURGO 1530-1980. São Leopoldo: Sinodal, 1980. p. 20.

A igreja é a congregação de pessoas justas e pecadoras. Externamente reconhecida pela prática dos sacramentos e da Palavra²⁵¹ e internamente sustentada pela ação do Espírito Santo que renova, santifica e governa os corações. A igreja é comparada ao reinado de Cristo²⁵² e chamada a “[...] viver corretamente, em paz e com a alegria que o Espírito Santo dá. E quem serve a Cristo dessa maneira agrada a Deus e é aprovado por todos [sic]. Por isso procuremos sempre as coisas que trazem a paz e que nos ajudam a fortalecer uns aos outros [sic] na fé”. (Rm 14-17-19).

O anúncio do evangelho objetiva fundamentar e promover mudanças de vida ao convidar à participação do reinado de Deus que esbanja graça e amor. Assim, a pessoa que “[...] vive nesse reino, não quer mais outra coisa, senão relacionar-se com seu próximo [sic] dentro do mesmo espírito. Isto é, ele quer viver assim como consta no Sermão do Monte”²⁵³. Jesus proclama a ideia que perpassa as Sagradas Escrituras: uma boa convivência entre os seres humanos e Deus, seus pares e a natureza. Tem-se, então, a declaração e o convite para que o ser humano viva em sintonia com uma ética cristã fundamentada na gratuidade e no amor de Deus²⁵⁴.

O advento da igreja é uma resposta à própria vontade de Deus descrita em sua missão (*Missio Dei*) e está em harmonia com o seu projeto de reinado. Na história, pessoas creram em Jesus, formaram comunidades e constituíram a instituição igreja. O papel da igreja é apontar para o Cristo crucificado, participar da missão de Deus e organizar a vida religiosa. Todavia, ressalta-se que as pessoas se tornam herdeiras de Jesus, não por participarem da igreja, mas, por se empenharem em cooperar e reproduzir a forma com que Deus se relaciona com o mundo²⁵⁵.

²⁵¹ O uso do termo “Palavra” retrata os ensinamentos de Jesus a respeito do amor e da graça de Deus que têm poder de transformar e salvar vidas (Jo 1.1; 14.9-11).

²⁵² LIVRO de Concórdia: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 178-179.

²⁵³ VEIT, Marie. Uma visão crítica da ética luterana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 134-142, 1979. p. 139. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1370/1320. Acesso em: 12 set. 2021.

²⁵⁴ CARNEIRO, Marcelo da Silva. “Olhai as aves do céu; Buscai o reino dos céus: observação e busca no Sermão do Monte como princípios da sustentabilidade (Mt 6,25-34). **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 30, n. 117, p. 63-73, jan./mar. 2013. p. 65-66.

²⁵⁵ BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 23 e 26. “Reino de Deus é aquela presença ativa e revolucionária de Deus dentro do universo: presença cósmica, comunitária, social, pessoal, presença íntima a cada pessoa humana. Porque é dentro de cada pessoa que está o Reino de Deus, é a partir do interior de cada ser humano que Deus mesmo produz transformações. O Reino de Deus é presença transformadora de um Deus que se acercou de nós e veio buscar o que é seu: seus filhos e filhas, para resgatá-los, purificá-los e assim transfigurá-los, a eles e a tudo o que os cerca, a natureza, o universo. Jesus anuncia essa grande utopia, essa revolução absoluta, alegria para todo o povo, com diz São Lucas em seu evangelho.” p. 23.

A vida em comunidade é sustentada pela ação do Espírito Santo que congrega e anima a vivência do evangelho. Na história, Deus foi reconhecido como sendo o Espírito da justiça e da misericórdia. Ele escolheu pessoas para anunciar: libertação, esperança, reestabelecimento da unidade, solidariedade, lealdade. Assim, foram fomentadas a resiliência e a capacidade do agir benevolente²⁵⁶. O Espírito Santo chama a igreja para produzir bons frutos (Mt 7.17) e, estes estão relacionados com atitudes de: amor, alegria, paz, paciência, delicadeza (amabilidade), bondade, fidelidade, humildade (mansidão) e domínio próprio (Gl 5.22-23).

A presença e a ação do Espírito não concedem ou prometem alegria e felicidade constantes. Mas, um “caminhar lado a lado” trazendo à memória o que sustenta e dá esperança: o amor, a bondade e a fidelidade de Deus (Lm 3.21-23). O Espírito Santo age para construir comunidades atuantes e testemunhas do agir de Deus. Seu papel é conduzir as pessoas para Cristo, por meio da igreja e do perdão dos pecados, para que recebam o tesouro da salvação proporcionado por meio da graça de Deus. Quanto às pessoas, elas aprendem diariamente a exercitar e a multiplicar os frutos do amor²⁵⁷. A igreja vive entre o estar no mundo sem ser do mundo e precisa gerir a “[...] *tensão criativa* entre ser chamada para fora do mundo [...] e ser enviada em sua apostolicidade [...] ao mundo como um experimento da realidade escatológica do reino de Deus”²⁵⁸. (grifo do autor).

A comunidade cristã cotidianamente rememora o agir salvífico de Deus e rebusca na bíblia os elementos que a ajudam a ser igreja e a fazer o bem. Por gratuidade, se coloca em cooperação e solidariedade com as demais pessoas e o próprio universo²⁵⁹. Assim, se torna “[...] como o rosto de Deus, transformado em Boa Notícia para o povo”²⁶⁰. O acolhimento da boa nova do Evangelho resulta em busca e conservação de boas relações, o que reflete no bem viver de toda a criação de Deus.

²⁵⁶ WELKER, Michael. **O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010. p. 52-63.

²⁵⁷ LUTERO, 2012, p. 82-88.

²⁵⁸ ZWETSCH, Roberto E. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998a. p. 196-220. p. 216.

²⁵⁹ TAMEZ, Elza. Elementos bíblicos que iluminam o caminho da comunidade cristã: Um exercício hermenêutico da Epístola de Tiago. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. 2. ed., n. 1, p. 64-71, Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1988. p. 64 e 71.

²⁶⁰ MESTERS, Carlos. **Entre Nós Está e não O Conhecemos: Jesus, nosso irmão**. Círculos Bíblicos. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBl, 1996. p. 87.

Logo, a igreja é um instrumento de Deus para frutificar a sua missão de demonstrar ao mundo o seu amor. Ela existe por causa desse mandado e para cumprir a sua tarefa missionária. Portanto, a identidade da igreja é missional: “Por natureza, ela é missionária, chamada e enviada a servir – como instrumento da palavra e do Espírito – de testemunha do Reino de Deus”²⁶¹. A igreja segue a compreensão de Jesus: eu vim para servir (Mc 10.45); eu vim para as pessoas pecadoras (Mc 2.17); e, eu vim para que tenham vida plena (Jo 10.10).

Em uma busca pelos dicionários, percebe-se que a palavra “missional” é recente e não tem um conceito construído e solidificado²⁶². No âmbito eclesial, vem sendo difundido como um termo que informa a respeito da identidade da igreja que tem em sua essência a missão de Deus²⁶³. A FLM esclarece a respeito da nomenclatura: “O termo ‘missional’ tem sido usado vários anos para denotar a missão como algo que diz respeito ao ser da igreja, enquanto o termo ‘missionário’ é reservado para descrever a missão como a ação da igreja”²⁶⁴.

A assertiva de igreja missional repercute na forma com que a instituição se organiza e gesta sua identidade e sua presença na sociedade. Não basta o discurso missional, mas requer-se uma prática missionária. A própria sociedade anseia por ações éticas e solidárias oriundas das igrejas. Pois, a considera como guardadora de tradições que refletem aspectos de amor, bondade, misericórdia e solidariedade. Ela imprime segurança, orienta e porta perspectivas boas, esperançosas e de futuro.

Sendo assim, a igreja nasce a partir da missão de Deus e recebe como vocação e como tarefa o serviço de respaldar, de testemunhar e de ampliar a Sua presença amorosa no mundo. A fundamentação teológica é de que Deus envia ao mundo seu Filho Jesus (Jo 3.16-17) e ambos enviam o Espírito Santo (Gl 4.4-6). Da mesma forma, as pessoas são enviadas. “Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês. Depois soprou sobre eles e disse: Recebam o Espírito Santo”. (Jo 20.21-22). A intensão é reestabelecer uma relação de proximidade, reconciliação e parceria

²⁶¹ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS (CMI). **A natureza da missão da Igreja**: um passo rumo a uma declaração conjunta. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009. p. 13.

²⁶² “Ainda não temos o significado de missional”. DICIONÁRIO Online de Português. **Missional**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/missional/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

²⁶³ BUTZKE, Paulo Afonso. De onde vem essa conversa “igreja missional”? **Revista Orientação**, São Bento do Sul, n. 7, p. 7-10, jan./jun. 2017. p. 7. Segundo o autor, “A expressão ‘igreja missional’ tornou-se conhecida com a publicação do livro *Missional Church* (1998), organizado por Darrel Guder”. (grifo do autor). p. 7.

²⁶⁴ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento. **Missão em contexto**: transformação, reconciliação e empoderamento. Curitiba: Encontro, 2006. p. 9.

com o propósito de demonstrar o potencial transformador do amor e promover uma mudança nas relações humanas e ambientais (Rm 12.1; II Co 5.18-19).

Não podemos separar Deus e o mundo. Quando falamos de Deus, imediatamente temos de falar do mundo como âmbito de sua revelação e atuação criadora e salvadora ou restauradora. A atenção e o amor de Deus transcendem a esfera do que entendemos por religião, pois dizem respeito ao mundo todo (humanidade, natureza, cosmo). Assim, podemos entender missão como 'participação na existência de Deus no mundo'.²⁶⁵

A missão de Deus traz em si uma inconformidade com a realidade e carrega aspectos de desenvolvimento, mudanças e impulsos para esperar e conservar em abundância todas as formas de vida: "Pois esta é a ordem que o Senhor Deus deu a nós, o seu povo: 'Eu coloquei você como luz para outros povos, a fim de que você leve a salvação ao mundo inteiro'". (At 13.47). Como afirma José Míguez Bonino:

[...] uma vez que vemos a iniciativa divina como sendo a ação de Deus na história e em termos históricos, que abre a história na direção da promessa, não só estamos autorizados, como também obrigados a utilizar a vigorosa linguagem do crescimento, da realização e da criação. Por outro lado, é esta a linguagem dos profetas e apóstolos.²⁶⁶

O conceito de missão passou por várias interpretações e deixou de ser visto como um movimento de evangelização e de conversão para ser compreendido como *missio Dei*. Nessa perspectiva, a missão é obra de Deus em favor da salvação da humanidade. É Ele quem envia, é o enviado e é a própria mensagem ao mesmo tempo. Dessa forma, Deus dá continuidade ao seu agir salvífico. A *missio Dei* é, portanto, a expressão singular do reinado de Deus e oferece referências à fundamentação da igreja e à sua tarefa. A igreja é instrumento da missão de Deus²⁶⁷.

A *missio Dei* sempre é, ao mesmo tempo, um chamado à decisão; seu agir, aconteça de maneira pessoal ou impessoal, sempre é um mensageiro que transmite o chamado; sua intervenção sempre é uma incumbência que exige resposta. Ninguém pode subtrair-se a esse chamado ou simplesmente ignorá-lo. O agir de Deus sempre compromete o ser humano (At 14.17; Rm 1.8). Portanto, quem se nega a pôr-se à disposição da *missio Dei* tenta restringir o senhorio de Deus em seu serviço com vistas ao mundo e à salvação da humanidade.²⁶⁸ (grifo do autor).

²⁶⁵ ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008a. p. 87.

²⁶⁶ BONINO, José Míguez. **A fé em busca de eficácia**: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre liberdade. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 111.

²⁶⁷ VICEDOM, Georg F. **A missão como obra de Deus**. Introdução à uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p.15-19.

²⁶⁸ VICEDOM, 1996, p.19.

Os elementos da proclamação do Evangelho, do ensino, da diaconia e da comunhão estão presentes na tarefa missionária e são inerentes à fé cristã²⁶⁹. Euler Renato Westphal ressalta que a “[...] proclamação da Palavra e diaconia são dois lados da mesma moeda. Inclusive, a ação diacônica é expressão de uma fé viva que se diferencia da vivência da fé vazia e inoperante (Tg 2.14ss)”²⁷⁰.

A missão da Igreja significa sempre um serviço aos homens [sic], especialmente como aquele da parábola, homens [sic] caídos e semimortos (cf. Lc 10,30). Esta foi também a missão de Jesus [...]. A igreja encontra o sentido da sua existência no prolongamento deste serviço de Jesus a todos os homens [sic], [...]. A parábola do Bom Samaritano mostra-nos a partir de onde devemos pensar e viver a missão.²⁷¹

Na sua atuação, Jesus apresenta características presentes no reinado de Deus e que embasaram a sua própria ação, tais como: o amor, a inclusão, o acolhimento, a valorização, o chamado à mudança de vida e à reconciliação. Ele faz uso de elementos da natureza para estimular a percepção das mudanças e dos processos de desenvolvimentos constantes presentes na vida e para afirmar a construção de relações harmônicas, integrais e interdependentes (Mt 13.31-32; 24.32; Lc 6.43-54; 8.8; 13.6-8; Jo 7.37-39; 8.12).

Essas características retratam a ideia de sustentabilidade e dimensionam um modo de vida que leva em consideração o “ser” ao invés do ter. Pressupõe o respeito e a sabedoria e recusa o acúmulo e a exploração²⁷². Jesus interpreta a Torá relacionando-a com o cotidiano e apresentando o reinado de Deus edificado a partir do mandamento do amor (Mt 22.37-40). Para Humberto Maturana,

Jesus era um grande biólogo. Quando ele fala de viver no reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que permite viver nele sem abusá-lo nem destruí-lo. Para isso devemos abandonar o discurso patriarcal da luta e da

²⁶⁹ Essas dimensões da igreja missionária estão explícitas no texto-base do PAMI e são consideradas bases para a construção do planejamento missionário de todas as instâncias da IECLB.

²⁷⁰ WESTPHAL, Euler Renato. Missão de Deus: uma tarefa da comunidade. **Revista Orientação**, São Bento do Sul, n. 7, p. 34-35, jan./jun. 2017. p. 35.

²⁷¹ BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 45-46. Rodolfo Gaede Neto propõe a compreensão da diaconia no contexto latino-americano a partir da seguinte formulação: “Diaconia é ação salvífica de Deus que motiva, a partir da fé, uma ação da igreja em favor de pessoas que se encontram em situação de sofrimento, pobreza e injustiça, ação esta que se dá através da intervenção consciente, da ação social e política, da ajuda, da atuação em amor, da aceitação mútua, inteira, libertadora e curativa, visando transformar uma situação de sofrimento ou injustiça, visando que os pobres resolvam seus problemas e visando um estado de justiça”. GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus: Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 2001. p. 33.

²⁷² CARNEIRO, 2013, p. 72-73.

guerra, e nos entregarmos ao viver matrístico do conhecimento da natureza, do respeito e da colaboração na criação de um mundo que admita o erro e possa corrigi-lo. Uma educação que nos leve a atuar na conservação da natureza, a entendê-la para viver com ela e nela sem pretender dominá-la, uma educação que nos permita viver na responsabilidade individual e social que afaste o abuso e traga consigo a colaboração na criação de um projeto nacional em que o abuso e a pobreza sejam erros que se possam e se queiram corrigir.²⁷³

A relação de Jesus com o mundo é apresentada como referência a ser imitada para que todas as coisas sejam conservadas em ordem e harmonia tal qual era na criação. Jesus respalda em suas ações a missão de Deus, convidando para uma mudança de vida a partir da reconciliação e para que a paz volte a reinar. E o papel de toda pessoa crente é falar sobre quem é Jesus (Cl 1.15-29).

O público de Jesus ultrapassa todas as barreiras. Ele se abre para uma perspectiva universal e includente (Mt 9.11; Mc 7.24-30; Jo 4.1-41). Paulo afirma não haver “[...] diferença entre judeu e não-judeus, entre escravos ou pessoas livres, homem ou mulher: todos vocês são um por estarem unidos com Cristo Jesus” (Gl 3.28). As pessoas são sensibilizadas por palavras e ensinamentos que brotam da sabedoria, do coração, da coerência, da visão holística, da criatividade e da intenção amorosa e acolhedora (Mt 13.54; Lc 4.22; Mc 2.17; Mc 4.33; Jo 4.43-54). Essa ação missionária resulta em evangelização, comunhão, diaconia e celebração que transforma e valoriza vidas, conforme as dimensões do PAMI 2008.

A igreja lida com a transcendência, com a realidade e as experiências do cotidiano que se encontram entrelaçadas. Isso implica em assumir uma identidade missional compromissada com a sua tarefa missionária, com os princípios bíblicos e de confessionalidade luterana, com uma postura protagonista e ética e com o testemunho e a promoção de sinais concretos do reinado de Deus. Essa postura reflete em uma ação amorosa e transformadora que resulta na superação de visões utilitaristas, antropocêntricas, patriarcais e tecnicistas que fomentam as injustiças, destroem vidas e a natureza e colocam em risco eminente a dignidade e a continuidade da vida.

Decorre, então, que a pergunta sobre o que é sustentável recebe da pessoa cristã uma resposta ativa que faz conexão direta com a esperança nas promessas e nos valores do reinado de Deus. Portanto, percebe-se que essa ideia está presente

²⁷³ MATURANA, Humberto. **O que é educar?** (©1995). Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/maturana/oqueeducar.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.

na missão de Deus. E, conseqüentemente, na tarefa missionária da igreja como um elemento provocador de reflexão e ação. Logo, missão e sustentabilidade têm

[...] cheiro de coisa comunitária: não se usa sozinho, não se faz sozinho, não se constrói sozinho; é preciso do outro, do próximo, [*sic*] uma relação inteligente com os recursos naturais, preservando ao máximo e sempre que possível, o ambiente em que vivemos. E em alguns casos, recuando, deixando de avançar, para que a administração não se torne tirania.²⁷⁴

Urge recuperar a centralidade da missão e viabilizar a ação de Deus no mundo. É premente fomentar a crença de que as “boas notícias” são geradas na prática libertadora das comunidades, grupos e povos. E que, a indignação frente à negação da vida, surge através do despertar da consciência, do pensamento e do agir críticos que, por sua vez, fortalecem a solidariedade, a fraternidade e a justiça. Esses aspectos pertencem a tarefa missionária.

Silvia Regina de Lima Silva afirma que a palavra “cuidado” expressa o sentido da missão no contexto latino-americano e caribenho que é marcado pela diversidade cultural e religiosa. E, segundo a autora, assumir a responsabilidade do cuidado representa um caminho de superação do pensamento colonialista e uma aproximação com a missão de Deus²⁷⁵.

Propomos repensar a missão, buscando compreendê-la como um espaço de des-colonização [*sic*], para que assim se possa manifestar a boa-nova do reino de Deus. Isso significa, para a igreja, repensar a si mesma em sua razão de ser e em seu modo de estar presente no mundo, na história plurirreligiosa de nosso continente.²⁷⁶

Torna-se essencial revisitar o Evangelho e refletir comunitariamente sobre o mesmo, a fim de conectá-lo com a realidade vivenciada e estimular uma mudança na forma de conviver. A compreensão da fé que emerge com a Reforma contribui para “[...] retomar a ideia de que somos cooperadores [*sic*] de Deus (I Coríntios 3.9), na sua

²⁷⁴ CARNEIRO, 2013, p. 71.

²⁷⁵ SILVA, Silvia Regina de Lima. Identidade, unidade e missão: Des-colonização e cuidado, paradigmas da missão. In: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 116-123. p. 116-122. Segunda a autora os conceitos de colonialismo e colonialidade estão relacionados: “O colonialismo refere-se à dominação político-econômica de alguns povos sobre outros e é anterior a colonialidade. A colonialidade é a permanência do imaginário colonial. Trata-se da construção mental, de uma ideia que deixou sua marca nos corpos individuais e coletivos, esses últimos entendidos como diferentes grupos e culturas discriminadas da América Latina e Caribe, especialmente os povos primitivos e afrodescendentes. São marcas no corpo e na história, que se transformam em marcas na construção do pensamento”. p. 118.

²⁷⁶ SILVA, 2012, p. 117. A autora refere-se a missão libertadora sob o ponto de vista de que a “[...] tarefa é de de-colonizar as mentes e devolver a liberdade à alma, ao espírito de mulheres e homens latino-americanos e assumir o cuidado do planeta, nossa casa comum”. p. 116.

missio, para o bem, a justiça e a paz entre as pessoas, e não soldados a serviço de um comandante que declarou guerra aos infiéis deste mundo”²⁷⁷.

Martim Lutero afirmou que Deus preserva o que cria e que criou os seres humanos sujeitos a mudanças²⁷⁸. De modo que o Evangelho ensina a arte de conviver com justiça e paz, de valorar a vida e seguir os passos de Jesus. Aliás, essa prática se coloca como um dos maiores desafios, pois alimenta a esperança de um amanhã para a humanidade.

O Evangelho “[...] reúne pessoas em torno do mesmo Espírito, cria *koinonia*, comunhão e serviço mútuo. Por esta razão não se pode separar realidades como evangelho, missão e Igreja, ainda que distintas”²⁷⁹. Essas realidades são conectadas e incentivadas na IECLB a partir da educação cristã contínua, que

[...] encontra fundamentação teológica na Bíblia, no Batismo e na confessionalidade evangélica luterana. A Bíblia indica parâmetros e princípios éticos essenciais para uma educação baseada no agir educativo de Deus. Esse agir tem na ação de Jesus seu exemplo maior. O Batismo nos é dado, é graça de Deus, e compromete a comunidade a educar na fé cristã ao longo de toda a vida. A confessionalidade luterana também aponta para uma prática educativa baseada na liberdade, na aceitação e na abertura para o diálogo e no sacerdócio geral de todas as pessoas que creem. A Bíblia, o Batismo e a confessionalidade evangélica luterana contêm os princípios básicos que fundamentam e orientam o planejamento e a execução de ações de educação cristã propostas pelo PECC.²⁸⁰

A edificação de comunidades incorpora essas realidades e se apresenta como um processo que está em constante aprendizagem e desenvolvimento. Foi iniciado por Deus e segue sendo sustentado pelo Espírito Santo através do engajamento de muitas pessoas. Estas, quando gratas se dispõem a servir e cooperar com seus dons, de forma individual e coletiva, no exercício do sacerdócio. As comunidades que se deixam transformar apresentam características como: vivência de espiritualidade, grupos de convivência, bons líderes, pessoas motivadas e capacitadas, ênfase na formação contínua e ciência de que a comunidade tem também uma função social relevante dentro do seu contexto²⁸¹.

²⁷⁷ ZWETSCH, 2008a, p. 90.

²⁷⁸ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas: Debates e Controvérsias**, I. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992. 3 v. p. 223.

²⁷⁹ ZWETSCH, Roberto E. Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998b. p. 221-244. p. 230.

²⁸⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 14.

²⁸¹ VOLKMANN, Martin. Edificação de comunidade. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. p. 172-195. p. 191-193.

A abordagem a respeito da missão de Deus e o que ela implica na vida da pessoa batizada carece ser intensificada nas comunidades para ser assimilada e vivenciada no cotidiano a fim de que haja uma maior cooperação na construção de relações mais harmoniosas. Percebe-se a necessidade de “[...] mobilizar as energias e redescobrir o carisma implícito na confissão luterana. [...] Importa, isto sim, abrir os olhos e ouvidos e fazer o cérebro pensar para reconhecer os sinais dos tempos”²⁸².

A IECLB é chamada a assumir sua tarefa missionária na realidade social, política, econômica, cultural e religiosa brasileira. Isso implica reconhecer-se como parte dessa realidade, com um papel importante no anúncio do reino de Deus. Ela precisa olhar para sua história no país, reconhecer o seu potencial eclesiológico e teológico e traduzi-lo para o lugar específico onde cada pessoa vive e testemunha sua fé de confissão luterana.²⁸³

Sublinha-se que a tarefa da igreja é conhecer e compreender o mundo que a cerca para ir ao encontro das necessidades e das demandas contextuais e desempenhar com efetividade a sua tarefa missionária. Isso significa uma atitude propensa a “[...] olhar para o mundo com os olhos de Deus”²⁸⁴. Segundo consta no Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB:

A igreja deve ocupar-se com os temas que fazem parte da vida das pessoas e da comunidade. Olhar para o contexto e refletir sobre ele, orientado pela palavra de Deus, ajuda na definição da tarefa missionária da igreja. Por isso é imprescindível que as ações de educação cristã propostas em todas as instâncias da IECLB contemplem o estudo de temas que perpassam a vida pessoal e comunitária nos contextos social, político, econômico, cultural e religioso.²⁸⁵

As pessoas estão em busca de transcendência, de um sentido de significância e de uma comunidade. Para ir ao encontro dessa realidade, Héctor Petreca propõe: ir ao encontro das pessoas; explicar o cristianismo de forma simples, contudo com amor e compreensão das necessidades; oferecer oportunidade de convivência, de ministérios que respondam às necessidades e de esperança no reinado de Deus; e, ajudar o ser humano a encontrar o sentido da vida²⁸⁶.

²⁸² BRAKEMEIER, Gottfried. **Dez mandamentos para Igreja missionária: imperativos práticos para a reflexão na IECLB**. Blumenau: Otto Kuhr, 2001. p. 5.

²⁸³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 39.

²⁸⁴ ZWETSCH, 2008a, p. 87.

²⁸⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 37.

²⁸⁶ PETRECA, Héctor. Nossa missão no século XXI. *In*: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 97-106. p. 97 e 103.

Gottfried Brakemeier, voltando-se ao contexto da IECLB, propõe: ensaiar a arte de convidar, eliminar as causas de injustificável evasão de membros, ter capacidade para reconciliar diversidade e promover comunhão, ter um perfil compreensível e uma proposta convincente, conjugar o esforço por eficiência com a fidelidade ao Evangelho, mobilizar os dons para engajá-los na missão, motivar a contribuição financeira, ir ao encontro das necessidades, engajar-se no ecumenismo e auscultar a voz do Espírito e traduzir sua vontade e atuação em vivência evangélica²⁸⁷. Outra vez, se reforça a necessidade de uma atuação contextualizada.

Cabe ressaltar a relevância da inclusão das experiências das mulheres, dos grupos marginalizados, das vivências de outras culturas e lugares, da simplicidade, das novas formas de poder, da participação das pessoas excluídas no campo político, social e eclesial. Essa nova composição nas relações sociais amplia a valorização da vida, a resiliência, o saber cotidiano, a luta pela vida digna, a capacidade de encontrar novas formas de organização econômica e social, a superação das dificuldades. Além da elaboração de sonhos e esperanças a partir da criatividade, da solidariedade e da cooperação²⁸⁸. Refletir a respeito da tarefa missionária requer coragem e audácia.

A missão de Deus se tornou na história, chamamento à decisão para dela fazer parte. Deus não age sozinho, mas em *equipe*. E quem for chamado é incluído na missão. Difícil é ignorar o chamado. Por caminho às vezes desconhecidos, todas as pessoas são chamadas. E quando nos negamos a participar da obra de Deus, parece que Deus se cala e o ser humano triunfa em sua autocentralidade. Qual não é nossa surpresa quando, inesperadamente, a missão prossegue apesar das resistências, tentações, fraquezas e derrotas. É isto que significa afirmar o senhorio de Deus e orar incessantemente: *Venha o teu reino!*²⁸⁹ (grifos do autor).

²⁸⁷ BRAKEMEIER, 2001, p. 7-38.

²⁸⁸ A forma de atuação da igreja precisa ser repensada em relação ao exercício de poder e a participação da mulher na vida comunitária e social. Há uma força corajosa e criativa intrínseca na mulher que pode auxiliar as mudanças necessárias em busca de sustentabilidade. Para Carminã Navia Velasco, “[...] o neoliberalismo joga nas costas das mulheres a sua carga de exploração e exclusão... mas por isso mesmo as mulheres adquirem nova força no plano e na prática de suas estratégias de sobrevivência. Os bairros populares, nesta época de opressão e escassez, multiplicam suas redes de solidariedade e se enchem de pequenos espaços nos quais as mulheres buscam os recursos mínimos para sobreviver. [...] os poderosos da terra querem o mundo só para eles... mas não contaram com a mulher forte... que, [...] vai fazer frente a eles e vai defender seu direito e o de sua família a habitar nesta terra iluminada de noite pela lua, símbolo ancestral do poder vitalizador das mulheres”. NAVIA VELASCO, Carmiña. Mulher e neoliberalismo – contribuição para uma leitura bíblica. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. O gênero no cotidiano, v. 3, n. 37, p. 103-114. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 114.

²⁸⁹ ZWETSCH, 1998a, p. 216.

No campo acadêmico, a missiologia é quem pergunta acerca da missão e de como a igreja responde ao convite para cooperar com a missão de Deus. Ela recebe uma dupla função: a do diálogo multidisciplinar e a do acompanhamento da tarefa missionária. Também responde às tarefas de desafiar criticamente a teologia a responder as necessidades contextuais e de interagir com a práxis missionária. Outra tarefa relevante é a de oferecer uma “imaginação criadora”:

Essa tarefa diz respeito ao futuro que imaginamos e como pensamos em relação a ele. Teologicamente o futuro já está presente, ainda que apenas em germe, pois a fé já nos foi dada e já vivemos em meio aos sinais do novo que Cristo nos ofertou. Mas a tensão se deve ao fato de que ainda não vivemos essa novidade plenamente. Aliás, só a experimentamos como promessa e cruz. Por isto é necessário trabalhar com imagens de esperança que mobilizem as pessoas, que as façam desinstalar-se, caminhar, lutar, resistir, sonhar com novas possibilidades de vida, com uma nova sociedade, ainda quando parecemos estar aquém desses sonhos ou diante das surpresas que a história nos reserva e que não conseguimos entender bem.²⁹⁰

O alicerce e a motivação para a tarefa missionária estão centrados em imperativos com fundamentações bíblicas essenciais: o mandamento do amor (Mt 22.37-40) e o envio para ir e fazer (Mt 28.19-20). O mandamento do amor se relaciona com o caráter cósmico e escatológico do reinado de Deus que ultrapassa a intencionalidade e a demonstração para se dirigir a outra pessoa com eficácia na realização concreta²⁹¹. O envio aponta para a centralidade e a universalidade do projeto do reinado de Deus.

A finalidade desses mandatos corresponde a ir ao encontro da outra pessoa, convidar/testemunhar, batizar, amar, ensinar e confiar. Ou seja, ser igreja missional. Nesse caminho, a “Missão como ação participativa na *missio Dei* só acontece no diálogo que aproxima diferentes que se tornam próximos e que, no diálogo, repensam a si mesmos”²⁹². (grifo do autor).

Ter identidade missional implica em estar em movimento constante e testemunhar ações em favor da vida que evoca decrescimento da miséria, da violência e evoca relações mais harmônicas. Nas palavras de José Míguez Bonino, a fé em Jesus “[...] é um passo em direção à humanidade”²⁹³. A fé em Jesus é um passo em busca de vida e qualidade de vida.

²⁹⁰ ZWETSCH, 2008a, p. 374-375.

²⁹¹ BONINO, 1987, p. 92.

²⁹² ZWETSCH, 1998b, p. 228.

²⁹³ BONINO, 1987, p. 127.

3.1.1 Contributo bíblico confessional

A IECLB, às vésperas de comemorar os 500 anos da Reforma Protestante, inspirada pelo tema da XII Assembleia da FLM e pela necessidade de um discernimento ético e prudente, apresentou como Tema do Ano²⁹⁴ o mote “Pela graça de Deus, livres para cuidar” que foi acompanhado do subtema “A salvação, as pessoas e a natureza não estão à venda”. O Tema foi apoiado pelo lema bíblico “Buscai o bem e não o mal” (Am 5.14a).

Em meio à busca pela vida tranquila e feliz, torna-se necessário distinguir com clareza o que é prioritário para a vida. Cabe-nos avaliar, a luz do Evangelho, do que realmente necessitamos para viver bem e com dignidade. [...] Somos, assim, chamadas e chamados a refletir sobre a ética e a vivência da fé. O Tema traz à tona a reflexão sobre o uso da liberdade, palavra de grande impacto em nossos dias. Somos livres, mas para quê? Pela graça de Deus, somos livres para cuidar. A graça, que manifesta o amor de Deus, nos impulsiona ao exercício da liberdade comprometida com a vida, recheada de compromisso ético e moral.²⁹⁵

A proposta apresentada vinculou aspectos que ressaltam o exercício da liberdade responsável na busca por fazer, tais como: ética, liberdade mediante o amor, graça de Deus, ações baseadas na gratuidade, discernimento entre o bem (vida) e o mal (morte). Essas questões balizam a tarefa missionária de vivenciar a Palavra do Evangelho que transforma, empodera e traz vida e esperança. Por outro lado, questionam o que produz sinais de morte e a própria morte.

Se ampliar o horizonte, é possível perceber que a IECLB vem tratando de aspectos da sustentabilidade há muito tempo através das propostas do Tema e Lema do Ano. Não há uma referência clara ao termo sustentabilidade, mas os valores da mesma estão bem expressos, conforme pode ser observado nos exemplos abaixo:

²⁹⁴ O Tema do ano cumpre a função de articular as atividades desenvolvidas em todas as instâncias da igreja cooperando com sua tarefa de promover a unidade com base na identidade confessional luterana em meio aos diferentes contextos.: “Em meio às mudanças profundas pelas quais passa a sociedade contemporânea, as comunidades são confrontadas com assuntos e questões das mais diversas. A vida cotidiana traz novos desafios e as comunidades são chamadas a dar conta da fé cristã de forma nova e criativa. Por isso a direção da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil sugere para as comunidades, desde 1976, um tema e um lema bíblico para estudo, meditação e reflexão conjunta ao longo do ano, promovendo desta forma a unidade da Igreja. Os temas enfocam assuntos candentes da realidade social e política ou então questões desafiadoras da realidade eclesial. A meditação, o estudo, o aprofundamento, a celebração qualificam o testemunho da fé das pessoas”. PORTAL LUTERANOS. **Tema do ano**. (©2021). Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/tema-do-ano>. Acesso em: 20 ago. 2021.

²⁹⁵ WEIMER, Tânia Cristina. Tema do ano 2016 da nossa igreja: Pela graça de Deus, livres para cuidar – “Buscai o bem e não o mal” Amós 5.14a. **Portal Luteranos**, 06 fev. 2016. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/tema-do-ano-2016-da-nossa-igreja-pela-graca-de-deus-livres-para-cuidar-buscai-o-bem-e-nao-o-mal-amos5-14a>. Acesso em: 29 jul. 2021.

1976 - Comunidade Consciente e Atuante [...] 1982 - Terra de Deus - Terra para Todos [...] 1985 - Educação - Compromisso com a verdade e a vida [...] 1990 - O pão nosso de cada dia 1991 - Comunidade de Jesus Cristo - A Serviço da Vida [...] 2000 - Dignidade Humana e Paz – um novo milênio sem exclusão [...] 2003 - Nosso mundo tem salvação [...] 2011 - Paz na Criação de Deus - Esperança e Compromisso [...] 2013 - Ser, participar, testemunhar - Eu vivo comunidade [...] 2016 - Pela graça de Deus, livres para cuidar [...] 2019 - Igreja, Economia, Política - Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou.²⁹⁶

Cada chamamento vem acompanhado por um versículo bíblico que o fundamenta. Nesse caminho reflexivo que a igreja propõe, a bíblia desfruta de autoridade quando proclama o Cristo crucificado. Dessa forma, a igreja desempenha a sua função de contribuir com a formação de uma opinião própria do indivíduo tendo como critério o próprio Cristo²⁹⁷. A teologia da cruz permite nomear o sofrimento e impulsiona à solidariedade. Uma boa teologia coopera com o fomento da comunhão, da convivência responsável e ética e está de acordo “[...] com os demais requisitos de sustentabilidade”²⁹⁸.

A proposição da responsabilidade faz todo o sentido para a missão da igreja. Pois, tem como premissa a afirmativa bíblica de que “Deus viu que tudo o que havia feito era muito bom” (Gn 1.31a) e vincula a própria sobrevivência do ser humano a esse cuidado prudente (Gn 2.15). Outrossim, Cristo é identificado como o princípio da criação, a fonte de vida (Jo 1.1-4), a luz do mundo (Jo 8.12).

A boa nova do Evangelho que brota da bíblia “[...] ajuda muito a modificar os olhos, a ter esperança fundada, a aprofundar nossas motivações, a lutar com mais garra pela vida e pela integridade da criação”²⁹⁹. Portanto, a bíblia é uma fonte de aprendizado relevante para o discernimento ético, a responsabilidade e a promoção de valores sustentáveis.

Euler Renato Westphal assegurou que a vida ante a face de Deus (*coram Deo*) implica em agir de forma ecológica e responsável. A lei tem a função de proteger

²⁹⁶ PORTAL LUTERANOS. **Relação de Temas do Ano**. (©2021). Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/tema-do-ano/relacao-de-temas-do-ano-2. Acesso em: 27 nov. 2021.

²⁹⁷ DEIFELT, Wanda. Teologia Luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à Teologia da Prosperidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 333-349, jul./dez. 2017. p. 346-347.

²⁹⁸ SUZIN, Luiz Carlos. Mãe terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. **Ciberteologia**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 35-47, maio/jun. 2008. p. 39.

²⁹⁹ MESTERS, Carlos; OROFINO Francisco. Novos céus e nova terra, vida no campo e na cidade: A sustentabilidade da vida e a espiritualidade. In: SOTER (org.). **21º Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – Soter**. São Paulo: Paulinas, 2008. (ebook), p. 11-21. p. 19.

o ser humano e a criação da força destruidora da maldade humana. O primeiro uso da lei é o de preservar a vida e não está vinculada à salvação. Contudo, a lei e o evangelho devem caminhar lado a lado. Pois, com efeito, há uma solidariedade na queda e uma esperança na redenção. Segundo o autor, a pandemia da Covid19, é o resultado da fadiga da criação e da crise civilizatória, o que demonstra uma necessidade urgente de mudança de hábitos e um voltar-se aos fundamentos da fé para preservar a vida³⁰⁰.

O rebuscar de temáticas bíblicas e confessionais pode reorientar reflexões e atitudes que “movem montanhas” (Mt 17.20). No caso da justificação por graça e fé, não é somente uma questão do indivíduo diante de Deus (*coram Deo*). Mas, se refere também a “[...] transformação da pessoa humana que envolve todas as faculdades do ser humano: emoção, razão, linguagem e comunidade”³⁰¹. Isso tem como consequência o entendimento de que o ser humano é parte do mundo e está nele para agir com responsabilidade, prudência e benevolência. Dado que, “[...] quem crê não fecha os olhos diante da injustiça e do sofrimento, mas também não lhes concede a última palavra; protesta e vive contra eles”³⁰².

O movimento da Reforma aconteceu em um cenário de difícil vislumbre de esperança e de futuro. A desesperança estava associada há muitos fatores, entre eles: medo do juízo de Deus e do fim dos tempos; poder institucional eclesial; novas ideias nos campos da astronomia, do renascimento e humanismo cristão; descoberta do novo mundo; e, decadência do sistema feudal e premissa do capitalismo. Os sentimentos de insatisfação e inconformismo, colocaram Martim Lutero em um mergulho bíblico-teológico que influenciou fortemente a compreensão da imagem e da ação de Deus na perspectiva da salvação e da responsabilidade individual e coletiva³⁰³.

³⁰⁰ WESTPHAL, Euler Renato. Bioética no contexto da pandemia de Covid-19: “Portanto, não separe a ciência o que o vírus uniu: reflexões sobre a COVID-19, a finitude humana e a morte ambiental”. In: SEMINÁRIO DO GALO VERDE, 7, 2020. Palestra ministrada às pessoas participantes do Programa Ambiental Galo Verde vinculado à IECLB, em 11 ago. 2020. O autor salienta que ao se destruir a natureza, os vírus e as bactérias são desalojados para outros seres vivos. Hoje, as doenças representam o desequilíbrio da natureza: intoxicação por chumbo, zoonoses (AIDS, Dengue, Febre Amarela), entre outras.

³⁰¹ HELMER, Christine. Introdução: Lutero além de Lutero. In: HELMER, Christine (ed.). **Lutero**: um teólogo para tempos modernos. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 13-21. p. 18.

³⁰² BAYER, Oswald. **Viver pela Fé**: justificação e santificação. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 7.

³⁰³ MORGNER, Christoph (ed.). **Tinta, teses, temperamentos**: seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Editora Esperança, 2017. p. 15-19.

O encontro de Martim Lutero com a palavra bíblica, “Viverá aquele que, por meio da fé, é aceito por Deus” (Rm 1.17), trouxe luz ao seu entendimento sobre o agir salvífico de Deus. Esse agir foi entendido como um movimento gratuito e amoroso de Deus que ir ao encontro da sua criação em busca de aproximação e de reconciliação convidando o ser humano a ser cooperador e parceiro de cuidado e de preservação da vida. Nesse sentido, cabe ressaltar que: “A oferta de sua graça e o dom da fé, frutos do amor incondicional de Deus, dispensam a necessidade de retribuição, pois a ação de Deus antecede qualquer intenção humana”³⁰⁴.

Na história da humanidade, Deus se dá a conhecer caminhando ao lado do ser humano. A cada passo, Ele deixa-se interpelar. E, se torna um igual para ser reconhecido, seguido e testemunhado (Lc 24.13-53). Na experiência cotidiana, Deus “[...] aponta para uma realidade além de nós mesmo e nos promete um futuro, o futuro do Reino de Deus, um futuro junto ao próprio Deus. Nesse futuro somos convidados [sic] a participar do seguimento de Jesus, assumindo a sua vida e o seu destino”³⁰⁵.

Assumir o seguimento a Jesus significa reconhecer e crer que Deus é criador e mantenedor de toda a criação e que se manifesta na história como um Deus libertador (Êx 3.8), defensor do direito, da justiça e das pessoas fracas e oprimidas (Is 1.17); e que chama pessoas a servi-lo (Jr 4.5). Por amor Deus envia ao mundo seu filho para se dar a conhecer, apresentar seu projeto e oferecer vida e salvação (Jo 1). Ele convida o ser humano a cooperar com essa missão.

A presença de Deus no mundo se manifesta pela ação do Espírito Santo que atua como uma força criativa e vivificadora na história. A cooperação, nesse contexto, é o exercício de responsabilidade e de liberdade baseado na prática do amor e da gratidão. Diz respeito a um movimento que o ser humano faz em direção ao encontro de si mesmo, da outra pessoa, de Deus e da criação. Assim,

[...] a concepção de Lutero de que o amor de Deus cria bondade em seu objeto é uma chave para a sua teologia e um ponto de partida para sua teologia social. Além de criar a bondade em seu objeto, o amor divino também cria e sustenta o objeto.³⁰⁶

³⁰⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 18.

³⁰⁵ KUZMA, Cesar A. Futuro de Deus e missão da esperança. **Ciberteologia**, São Paulo, ano X, n. 45, p. 19-29, 2014a. p. 21.

³⁰⁶ RAUNIO, Antti. A teologia social de Lutero no mundo contemporâneo. In: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 235-253. p. 242.

Martim Lutero apresentou e vinculou a responsabilidade e a participação nos âmbitos da economia, da política e da igreja porque que estes espaços representam o lugar onde o ser humano crente pode demonstrar e testemunhar a sua fé a partir da compreensão e da vivência da justificação por graça mediante a fé. A fé impulsiona e move para fazer o bem e o Evangelho, centrado em Cristo, é o elemento primordial para essa orientação. Portanto, a palavra pregada e ensinada deve ser buscada constantemente e deve-se orar pelo discernimento que ela produz³⁰⁷. Somente assim,

[...] a espiritualidade cristã traduz-se em serviço libertador, que questiona a subserviência, o patriarcalismo e o individualismo. Diante de relações desiguais e escravizadoras, ela propõe a cooperação, a convivência, a partilha e a busca comum por novas alternativas. Nesse sentido, a espiritualidade cristã contempla uma dimensão política irrenunciável porque não se conforma com este mundo, mas luta por transformá-lo (Romanos 12.1s). Por isto mesmo, a espiritualidade cristã entendida como serviço libertador pode ser traduzida no cotidiano de nossas vidas como cidadania responsável (Filipenses 1.27ss).³⁰⁸

Em tempo, cabe ressaltar que as ideias reformistas do século XVI resultaram em uma transformação social em vários âmbitos. Dentro de seus contextos, muitas mulheres ocuparam espaços sociais tendo como preceito e sustento a justificação por graça e fé. Elas demonstraram inconformismo com situações de sofrimentos, tiveram sede de liberdade, expressaram suas opiniões teológicas com argumentos e coragem. Foram ativas e criativas na implementação e manutenção de comunidades e serviram com seus dons e conhecimentos. Dentre tantas, cita-se Catharina von Bora, Argula von Grumbach, Elisabeth von Meseritz e Katharina Schütz Zell³⁰⁹. Essas mulheres inspiram à participação na missão de Deus e à transformação social a partir da fé.

A experiência da espiritualidade libertadora desenvolvida no contexto latino-americano também desafia as comunidades e os indivíduos para novos olhares sobre a realidade. Isso porque ela abre espaço para acolher as diferentes experiências e relaciona a reflexão da palavra bíblica com fé e vida contribuindo para um compromisso com uma ação transformadora. Torna-se, assim, um referencial prático da fé cristã no âmbito da missão de Deus com implicações na vida de fé tais como:

[...] a superação de velhos preconceitos, a mudança de mentalidade e, por vezes, a cumplicidade com destino do outro [sic] diferente nós. São

³⁰⁷ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 10.

³⁰⁸ ZWETSCH, 2008a, p. 383.

³⁰⁹ ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. **Mulheres no Movimento da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2017. Outras referências a respeito da contribuição das mulheres para o movimento da reforma protestante ocorrido no séc. XVI podem ser encontradas nesse livro.

consequências da fé enquanto liberdade para servir, como expôs Lutero no seu livro *Da Liberdade Cristã*.³¹⁰

A bíblia e a confessionalidade luterana são elementos importantes para discernir e construir relações e instituições baseadas em valores intrínsecos à missão de Deus e à sustentabilidade. Menciona-se aqui a ética, a equidade, as relações de poder e de gênero, a resiliência, a educação, o estímulo às mudanças de valores sociais que não contemplam a vida plena. As bases da igreja de confessionalidade luterana instigam o engajamento e a luta pelos princípios do reinado de Deus e convidam para que as pessoas sejam como sal e luz para o mundo (Mt 5.13-14).

Cabe à teologia e à vivência comunitária rebuscarem os valores básicos e simplificados do cristianismo: vida comunitária, amor ao semelhante e à toda a criação divina, prevalência da graça sobre a lei, respeito a liberdade individual, lideranças que se colocam à serviço, relativização das hierarquias sociais. Todas essas referências são equiparáveis aos princípios e valores que emergem da ideia de sustentabilidade e trazem esperança para um viver melhor. Rubem Alves defende que as mudanças que as pessoas desejam advêm de uma postura de ação política baseada no amor:

A questão dos valores não é colocada primariamente por uma filosofia humanista nem por uma perspectiva psicologizante. O que está em jogo é a política, a construção de mundos, a ação. A ação não se desenrola sobre um discurso analítico, exatamente por faltar a este o caráter de materialidade. Aqui, sim, se pode dizer: discurso apenas... Uma utopia, uma esperança, um paraíso futuro, são discursos que nascem do amor e provocam o amor. Por isto mesmo a ação se mistura com eles, como a atividade criadora que traz à existência aquilo que ainda não existe. Voltamos a algo dito por Schiller: para que as idéias [*sic*] triunfem é necessário que elas estabeleçam uma aliança com um impulso.³¹¹

Uma Igreja que se considera sempre em reforma tem o papel de pensar e agir para além de si e de colaborar para que as pessoas possam discernir os sinais dos tempos. Isso significa aceitar e incluir nas reflexões e nas ações uma visão ampla das relações e assumir a voz profética que lhe cabe. Dessa forma, contribuirá com a formação de pessoas com o coração e a mente abertas para o amor, a diversidade e a pluralidade que se encontram no centro da preservação da vida planetária.

As palavras de Ana Cristina Campos Marques, ainda que proferidas em um contexto não teológico, instigam a reflexão: “[...] o mundo não quer ser salvo; quer ser

³¹⁰ ZWETSCH, 1998b, p. 241. Segundo o autor, “[...] a espiritualidade libertadora se mostra atenta à música, à literatura, à pintura, ao teatro, ao cinema, à arte em geral, na qual transparecem e são tematizadas experiências humanas da maior relevância”. p. 240.

³¹¹ ALVES, 1980, p. 62.

amado. É através do amor que podemos salvar nosso mundo”³¹². O caminho que a teologia e a vivência da espiritualidade luteranas propõem, baseadas na graça e no amor de Deus, demandam a participação no desenvolvimento de uma cultura de amor, paz e justiça e o enfrentamento de situações que são contrárias a estes princípios.

3.1.2 Ética cristã

A Reforma Protestante entendeu que o agir ético é próprio da vocação do ser humano e compreende o cuidado e o zelo pela vida em todas as suas formas (Gn 1 e 2). Na explicação do quinto mandamento, Martim Lutero deixa claro que quem deixa de fazer o bem também está transgredindo o mandamento³¹³. Para ele, a pessoa cristã está a serviço de seu semelhante e o faz por amor e gratidão e, dessa forma, participa, coopera e se responsabiliza com o melhoramento do mundo³¹⁴.

O amor é elemento básico da existência humana e da relação com Deus. Todos os mandamentos convergem para ele: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.37,39). O amor a Deus como entrega total implica confiança plena em Deus e agir ético a partir da observância dos mandamentos. O amor ao próximo (*sic*) nos faz reconhecer que somos semelhantes, mutuamente dependentes e responsáveis uns para com os outros (*sic*). Educar para a prática do amor é despertar sentimentos de desprendimento, liberdade, compaixão, solidariedade. O amor a si mesmo, nesse sentido, leva à valorização pessoal e à autoestima, sem cair no egoísmo, pois está vinculado ao amor ao próximo (*sic*) e a Deus.³¹⁵

À medida que o ser humano convive com outras pessoas e com a natureza, ele desenvolve alteridade e empatia, tece relações mais harmônicas e cuidadosas e passa a se preocupar com as necessidades e o bem-estar de toda a criação de Deus. A ética baseada no reconhecimento e respeito à outra pessoa e à diversidade gera diálogo, consenso, solidariedade e convivência. O convívio cria comunhão que, por sua vez, promove o reconhecimento, a aceitação, a valorização e o cuidado mútuo.

Lutero concebe a ética cristã em conexão com a doutrina dos três estamentos ou âmbitos da vida (*ecclesia, oeconomia e politia*). Os três estamentos são os âmbitos ou espaços da realização ética da pessoa cristã no sentido de *co-ser-humanidade (coram)*. A realização ética ocorre no âmbito da vida social, com espaços determinados, como, por exemplo, igreja e escola, casa e pátio,

³¹² MARQUES, 2019, p. 173.

³¹³ LUTERO, 2012, p. 55.

³¹⁴ LUTERO, Martin. **Da liberdade cristã**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 42-43.

³¹⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 15.

prefeitura e palácio, nos quais pessoas exercem funções públicas. Os três âmbitos da vida precisam, ainda que distintos, encontrar ponto de referência e unidade a partir da palavra de Deus e seus mandamentos.³¹⁶ (grifo do autor).

O fundamento teológico da ética cristã é a identificação da pessoa com Cristo a partir da identificação de Cristo com a pessoa cristã³¹⁷. Essa pode ser definida como a ética do cuidado. Esse cuidado inclui simultaneamente à disposição interior e a mobilização ativa³¹⁸. O agir ético equivale a construir a casa sobre um alicerce seguro (Mt 7.25-27). Portanto, ao mesmo tempo que se espera da ética cristã uma disposição para a ação benevolente e gratuita motivada pela fé, tem-se como resultado o sentido para a vida. Pois, a fé cristã qualifica tudo o que existe dando-lhe significado³¹⁹.

Uma ética em perspectiva cristã é, assim, ética da fé ativa no amor, ética do cuidado, ética da liberdade, (ética da responsabilidade). Seu fundamento está na percepção das relações concretas da vida como geradoras e como foco da existência ética. [...] a dinâmica dessas relações, baseadas no amor eu tem origem na fé no amor que Deus demonstrou pela humanidade, é incorporada de tal modo que dali surge a energia que se transforma em existência ética, a qual, citando Lutero, uma última vez, “não pergunta se há boas obras a fazer, e sim, antes que surja a pergunta, ela já as realizou e sempre está a realizar.”³²⁰

A ética cristã se espelha na ação salvífica de Deus fundamentada na promoção do bem, do amor, da vida abundante e da superação dos sinais de morte (Jo 10.10). Todavia, evidencia-se que as ações benevolentes do ser humano crente não estão baseadas em leis a serem cumpridas, mas se constituem do acolhimento da graça de Deus que imputa liberdade ao ser humano para ser, decidir e fazer³²¹.

Segundo Lutero, a fé aperfeiçoa o amor e a confiança inabalável em Deus leva ao amor que se expressa plenamente em boas obras a serviço da vida³²². Para José Miguéz Bonino, essas boas obras, realizadas no contexto histórico, têm futuro porque pertencem ao novo tempo inaugurado por Cristo³²³.

³¹⁶ WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero e o matrimônio: economia e justiça de Deus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 516-529, jul./dez. 2019a. p. 522.

³¹⁷ MUELLER, Enio R. **Teologia cristã em poucas palavras**. São Paulo: Editora Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 85.

³¹⁸ MUELLER, 2005, p. 88.

³¹⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã: à luz da confissão luterana**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015. p. 46-47.

³²⁰ MUELLER, 2005, p. 109-110.

³²¹ BONILLA, Yattency. A graça e a ética libertadora de Jesus. *In*: ORTEGA, Ofelia (org.). **Graça e Ética: o desafio da ética às nossas eclesiologias**. São Leopoldo: Sinodal; CLAI, 2007. p. 99-106. p. 104.

³²² GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As Confissões Luteranas: uma introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 159.

³²³ BONINO, 1987, p. 110.

Valendo-se de Yattencity Bonilla, é possível atribuir à pessoa crente quatro princípios a partir da graça, da ética e da santidade: o amor incondicional, o reconhecimento do valor absoluto da outra pessoa, a intencionalidade do coração humano e a cruz como fundamento da ética³²⁴. Em uma práxis ética que desperta a esperança, é o amor vivenciado primeiro na relação com Deus que propicia o reconhecimento e o valor da outra pessoa e que sustenta a cooperação social, a disponibilidade (Is 6.8)³²⁵ e a solidariedade.

A graça e a ética têm uma dimensão social, são libertadoras, transformadoras da nossa moral e nos levam a servir com o propósito de restaurar, transformar e construir nossa realidade na igualdade social que tanto se necessita nestes tempos de desigualdade, de injustiça e de 'boas intenções'.³²⁶

Por outro lado, salienta-se que não fazer o que é certo significa permitir que o errado seja feito. Ou ainda, que um problema se perpetue causando mais sofrimentos e mortes. Biblicamente, a omissão é considerada um pecado (Tg 4.27), pois retrata a falta de amor que, por sua vez, é a essência da fé (I Jo 4.7-9). Cumpre clamar ao Espírito Santo por coragem e disposição para entender, defender e viver o óbvio da ética cristã revelado por Jesus no novo mandamento (Jo 13.34) e defendido pelo apóstolo Paulo ao referir-se ao empenho necessário e desmedido para “fazer o bem a todas as pessoas” (Gl 6.10a). Vale destacar:

A pessoa cristã está sob o amor e a graça de Deus que, por gratidão alegre, se sente convocada a agir em favor dos outros. A pessoa cristã sabe que não é senhora de sua vida, mas que Cristo é seu Senhor. Assim sendo, ela é livre para fazer escolhas com discernimento e critério.³²⁷

Cabe à igreja afirmar e assumir a sua tarefa missionária e dar testemunho visível do seu compromisso ético e esperançoso enquanto aguarda a vinda do reinado de Deus em sua plenitude. Enquanto aguarda, pode mobilizar e agir para viabilizar, experimentar e proporcionar antecipadamente os valores ensinados por Jesus, pelos profetas e profetizas que denunciaram o mal, indicaram o caminho do bem e anunciaram a esperança e a salvação. Assim, a igreja pode ser um sinal de vida em meio aos sinais de morte³²⁸, empenhando-se por sustentabilidade.

³²⁴ BONILLA, 2007, p. 104-105.

³²⁵ DALLA ROSA, Luís Carlos. **Economia para a vida**. A rebelião dos limites e o itinerário teológico para uma economia solidária. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 83.

³²⁶ BONILLA, 2007, p. 103.

³²⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 19.

³²⁸ BONILLA, 2007, p. 104.

3.2 VOCAÇÃO

O verbete vocação vem do latim “*vocare*” e significa chamar. Vocação é sinônimo de convite³²⁹. Segundo o dicionário: “Vocação é uma competência que estimula as pessoas para a prática de atividades que estão associadas aos seus desejos de seguir determinado caminho”³³⁰. Em outras palavras, é um chamado interior relacionado ao sentimento de pertença que faz brotar a vontade de fazer algo relacionado àquilo a que se pertence.

Martim Lutero cunhou a palavra alemã “*Beruf*”, que pode ser traduzida por “vocação” ou “chamado”, para caracterizar que toda profissão é vocação. Ou seja, em qualquer profissão o ser humano recebe o chamado para servir e isso implica em amar a pessoa próxima³³¹ e a natureza. Dessa forma, ele promoveu uma inversão na forma de pensar da época ao valorizar a participação e a responsabilidade de todas as pessoas na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Pode-se dizer que justamente ali onde a pessoa se encontra ela é confrontada com a sua própria disposição de viver somente pela graça experimentando a liberdade e a cruz de Cristo³³². O convite à cooperação na missão vem diretamente de Deus e se dirige a toda a humanidade. O objetivo é que as pessoas sejam parceiras no cuidado com toda a criação de Deus.

Deus não só reveste sua criatura humana de singular dignidade, como também a destina a ser sua parceira. O ser humano foi criado para, em responsabilidade perante Deus e em gratidão a ele, usufruir os maravilhosos dons divinos e cuidar da criação. Portanto ele não se encontra jogado no mundo à toa nem resulta de enigmático acaso. Ele está aí por vontade divina, incumbido de cumprir mandato. Se a humanidade perdeu a noção de sua razão de ser, de sua destinação, do sentido das coisas, é porque se esqueceu de sua vocação.³³³

³²⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. **Vocação e profissão**: reflexões teológicas e práticas sobre o ministério na igreja. São Leopoldo: Sinodal, 2020. p. 12.

³³⁰ SIGNIFICADOS. **Significado de vocação**. 2014. Disponível em: <https://www.significados.com.br/vocacao/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

³³¹ PLETSCHE, Rosane. **Diaconia Pública: a assistência social da igreja em contexto brasileiro**. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 121-125, 2003. p. 124.

³³² ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; Sinodal, 1994. p. 288-289.

³³³ BRAKEMEIER, 2020, p. 13. Segundo o autor, a incumbência da missão cristã por excelência é: “[...] articular o convite de Deus à sociedade humana e lembrá-la de sua vocação. Igreja missionária é aquela que chama as pessoas para dar glória a Deus e promover a paz. O alvo da vocação divina é sempre salvação, e isso em sentido amplo”. p. 14.

A vocação cristã, portanto, responde ao chamamento que Deus faz para que o ser humano participe de sua missão. Esse chamado acontece mediante o batismo que é o meio visível pelo qual o Espírito inclui a pessoa na comunidade cristã. Cada pessoa tem seus dons e os usa como instrumentos da missão de Deus. Na igreja, também há os ministérios específicos que estão a serviço do sacerdócio geral.

Eles motivam os membros da comunidade a lerem a Bíblia, a fim de conscientizá-los de sua vocação e capacitá-los para o serviço de testemunhar o evangelho em família, no lugar de trabalho e estudo, na comunidade e sociedade em geral. Estão, portanto, a serviço do 'sacerdócio universal de todos os crentes'.³³⁴

Ambos se complementam a fim de realizarem seu ministério vocacional e se empenharem para que a comunidade se reúna em torno da Palavra e dos sacramentos e, num segundo momento, distribua a Palavra através do exercício do amor às outras pessoas³³⁵ e à natureza. Esse processo relacional está sempre em desenvolvimento e transformação, o que vai de encontro com a compreensão do pensamento complexo que afirma que tudo é mutante e está em relação e que o ser humano precisa se preparar para o inesperado, o novo³³⁶.

Essa compreensão está associada à tarefa missionária a partir do entendimento de que Deus vocaciona o ser humano para amar e servir dentro do seu contexto. O exercício dessa vocação está diretamente ligado às relações humanas e ambientais que estão em constante transformação. A tarefa missionária reflete a atribuição de Jesus para que o ser humano seja sal e luz no mundo (Mt 5.13-14). O sal conserva, preserva e dá sabor. A luz permite o discernimento, evoca segurança e permite vislumbrar o horizonte de onde se quer chegar.

Sublinha-se que o conteúdo fundamental presente no reinado de Deus oferece condições de transformar e dar sentido à vida. O ser humano chamado e vocacionado a cooperar com a missão de Deus se relaciona com o mundo a partir de uma atitude confessante. Ou seja, se apropria da missão e do batismo vinculando a fé com o cotidiano³³⁷.

³³⁴ PORTAL LUTERANOS. **Ministério**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/presidencia/ministerio. Acesso em: 14 mar. 2022.

³³⁵ JORGENSON, Allen G. Contornos o sacerdócio comum. *In*: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 277-294. p. 287.

³³⁶ MORIN, 2005, p. 82-83.

³³⁷ WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano como cooperador com Deus: Ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017a. p. 24-25.

Isso significa que a vivência da vocação não está acoplada a trabalho remunerado nem mesmo ao exercício de uma profissão. O que permanece válido, na concepção de Lutero, é o imperativo de moldar a vida a partir da vocação, seja no trabalho ou lazer, seja em particular ou na família, seja na igreja ou na sociedade. Somos chamados [sic] a nos portar como pessoas cristãs em todas as circunstâncias da vida.³³⁸

As pessoas vocacionadas recebem diferentes dons e estes se complementam na realização da tarefa missionária da igreja (Rm 12.7-8; I Co 12.4). Conforme orientação bíblica: “Sejam bons administradores dos diferentes dons que receberam de Deus. Que cada um use o dom para o bem dos outros!” (I Pe 4.10). Para Martin Lutero, todas as pessoas são justificadas mediante a graça de Deus (Rm 1.17) e através do batismo se tornam sacerdotisas participantes do sacerdócio de Cristo (I Pe 2.9) vivendo de acordo com essa premissa³³⁹.

Uma das consequências do sacerdócio geral é que todas as pessoas batizadas são responsáveis pelo ensino e pela aprendizagem na fé. Pela graça de Deus e pela ação do Espírito Santo, crianças, adolescentes, jovens e adultos ensinam e aprendem no estudo da Palavra, na partilha, na convivência, no serviço ao próximo e nas celebrações.³⁴⁰

A escolha ampla de Deus para o exercício do sacerdócio (Êx 19.5-6) reflete a importância de ter pessoas liderando com confiança no futuro, desejo de contribuir com o mundo e parâmetros que emergem do amor que sabe ser livre para servir gratuitamente. Essa sabedoria é construída com as experiências relacionais no cotidiano e conectadas com a relação próxima com Deus.

O sacerdócio geral, que apresenta uma estrutura participativa, empoderada e democrática, tem como ponto de referência a igreja³⁴¹. Mas, se estende e se aplica também à economia e à política. A economia se refere à nutrição, ao sustento e à procriação. Enquanto a política diz respeito à proteção e à equidade. Na igreja, o ser humano acolhe a vontade de Deus e, por gratidão, na economia e na política age replicando ações gratuitas, amorosas e responsáveis.

³³⁸ BRAKEMEIER, 2020, p. 16.

³³⁹ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: o programa da Reforma – escritos de 1520. 3. ed. atual. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. 2 v. p. 282.

³⁴⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 18.

³⁴¹ Segundo Martin Lutero: “[...] todos os homens cristãos são sacerdotes e todas as mulheres são sacerdotisas, sejam jovens ou velhos, senhor ou servo, senhora ou serva, douto ou leigo”. LUTERO, 2011, p. 269.

Portanto, nessas diferentes esferas, cada pessoa é chamada a participar e tomar decisões fortalecendo o estado democrático e o bem comum³⁴². Percebe-se que, ao cooperar com a edificação de comunidade, a pessoa crente também se desenvolve e se deixa transformar³⁴³.

Cabe sublinhar que nas igrejas e na própria sociedade ainda há resistências à tarefa do sacerdócio e perpetuam-se sistemas e costumes que excluem, discriminam e reforçam estereótipos de gênero e hierarquias. A vocação da pessoa cristã é, muitas vezes, inibida, censurada, desautorizada e rechaçada mediante relações de poder patriarcais e androcêntricas. Isso leva à necessidade de pensar novas formas e práticas para reaver a liberdade cristã e o exercício da vocação e do sacerdócio como oportunidades de cooperação com a missão de Deus.

3.2.1 Espiritualidade de confessionalidade luterana

A espiritualidade pode ser compreendida como “um viver segundo o Espírito”. Ela representa uma vida orientada pela vontade divina, a qual se espelha na vida e no ensino de Jesus e é incorporada no pensar, no sentir, no agir e no viver da pessoa crente. Consiste em uma dinâmica que necessita de uma retroalimentação contínua³⁴⁴. Esse processo acontece através da educação cristã contínua que, além do conhecimento e da informação, estimula a experiência e a iniciação espiritual que se compõe das dimensões pessoal, familiar, comunitária e social³⁴⁵.

A bíblia testemunha a presença e a ação do Espírito na criação e na história como aquele princípio que cria, sustenta e expande a vida, que tem o poder de organizar e ordenar o caos e que oferta a liberdade e o amor para que o ser humano se desenvolva, encontre o sentido da vida e transforme o mundo em direção à plenitude do reinado de Deus. O Espírito é vida e comunica vida. Decorre, então, que a vida da pessoa crente inclui desde a escuta da Palavra até a participação social e política dando continuidade ao serviço de Jesus.

³⁴² WESTHELLE, Vítor. O sacerdócio de todas as pessoas crentes: Martim Lutero e a igreja de Adão. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel; MOONEY, Ruth (ed.). **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 313-324. p. 318-323.

³⁴³ VOLKMANN, 1998, p. 178.

³⁴⁴ GRÜN, Anselm. **As fontes da espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 8.

³⁴⁵ BUTZKE, Paulo Afonso. Lançar as redes em águas mais profundas. Perspectivas para o futuro da IECLB. In: ALTMANN, Walter (coord.). **Fórum Nacional de Missão**. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns da IECLB). 3 v. p. 107-126. p.125-126.

A vivência da espiritualidade representa um viver em comunidade que se sustenta a partir de uma postura de gratuidade, de amor e de liberdade cristã (II Co 3.17) e que se concretiza na caminhada diária rumo ao reinado de Deus³⁴⁶. A espiritualidade pode ser entendida como uma experiência da humanização em que o ser humano se coloca à serviço do mundo em solidariedade, cuidado, justiça, preservação e amor. Em outras palavras, é a fé que atua pelo amor (Gl 5)³⁴⁷. Portanto, se levada a sério, essa forma de viver resulta em novas relações com o mundo e “se manifesta no fato de que ela sempre de novo recorre à fonte que a nutre”³⁴⁸.

Segundo Paulo Afonso Butzke, “[...] o termo ‘espiritualidade’ remonta ao adjetivo latino *spiritualis*, traduzido de *pneumáticos* (p.ex. 1 Co 2.14-3.3), designando a forma de viver a partir da fé”³⁴⁹. Leonardo Boff amplia o significado ao exemplificar:

Espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, estancamento e de morte. [...] Alimentar a espiritualidade significa estar aberto a tudo o que é portador de vida, cultivar o espaço interior da experiência a partir de onde todas as coisas se ligam e re-ligam, superar os compartimentos estanques, captar a totalidade e vivenciar as realidades para além de sua facticidade opaca e, por vezes, brutal, como valores, evocações e símbolos de uma dimensão profunda.³⁵⁰

A espiritualidade de confessionalidade luterana é sustentada por doutrinas como a da justificação por graça mediante a fé (Rm 1.17) e da liberdade cristã e delas se alimenta e nelas se desenvolve. Essa compreensão manifesta que Deus infunde valor e imputa justiça ao ser humano³⁵¹. Ao tratar acerca da justificação, o 4º Artigo da Confissão de Augsburg expressa:

Ensinam também que os homens [*sic*] não podem ser justificados diante de Deus pelas forças, méritos ou obras próprias, senão que são justificados gratuitamente, por causa de Cristo, mediante a fé, quando crêem [*sic*] que são recebidos na graça e que seus pecados são remitidos por causa de Cristo, o qual através de sua morte fez satisfação pelos nossos pecados.

³⁴⁶ ZWETSCH, Roberto E. Ecologia e espiritualidade – uma reflexão missiológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 48, n. 1, p. 64-82, 2008b. p. 75-76.

³⁴⁷ Segundo Martim Lutero, a fé que atua no amor representa o serviço realizado à outra pessoa em sua necessidade e vantagem. [...] isto é, entrega-se com alegria e amor à obra da servidão libérrima, com a qual serve ao outro [*sic*] gratuita e espontaneamente, enquanto ela própria está abundantemente satisfeita com a plenitude e a opulência de sua fé”. LUTERO, 2011, p. 452.

³⁴⁸ BRANDT, 2006, p. 83-85.

³⁴⁹ BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 104-120, 2003. p. 105.

³⁵⁰ BOFF, 2005, p. 85.

³⁵¹ LUTERO, 1992, p. 215-216.

Essa fé atribui-a Deus como justiça pelos nossos pecados. Rm 3 e 4. (especialmente 3,21ss e 4,5).³⁵²

A reflexão a respeito da justificação, revelou uma nova face de Deus. A justiça de Deus passou a ser compreendida não como justiça ativa – que promove o castigo pelo pecado -, mas como justiça passiva – que justifica a pessoa pecadora por meio da fé. A justiça passiva “[...] opera também uma nova relação com ‘todas as criaturas’, uma nova relação com o mundo. E isso inclui uma nova compreensão do espaço e do tempo”³⁵³ e da própria Lei que passa a ser vista por seu serviço à denúncia do pecado e apontamento para Cristo³⁵⁴.

Martim Lutero, em seu tempo, perguntou por um Deus misericordioso. Hoje, as perguntas se voltam às questões que dizem respeito a como obter sucesso na vida e qual o sentido da vida. Ambas as respostas podem ser encontradas a partir da reflexão a respeito das relações que o ser humano constrói e como utiliza os “[...] valores fundamentais que Deus colocou nele: A capacidade e a necessidade de se comunicar, de ser reconhecido, aceito e valorizado”³⁵⁵.

A justiça de Deus, que não é punitiva e nem julgadora, acolhe e edifica a pessoa, tanto aquela que causa o mal quanto a vítima. Propõe uma reflexão profunda para culminar em mudança de vida nas relações, no jeito de ser e viver e para sarar as “feridas”. Tal como narra o texto bíblico da mulher acusada de adultério em que Jesus diz que quem estiver sem pecado que atire a primeira pedra (Jo 8.2-11). Ele estende a mão e ensina que o julgamento não edifica as pessoas, ao contrário, promove mais sofrimento e morte (Lc 6.37-38). O reinado de Deus é uma proposta que emerge do amor para estimular a construção de vidas com abundância.

Nas parábolas de Jesus, de forma simples e com exemplos cotidianos, ele apresenta e ensina de modo prático esta nova possibilidade de viver. Ele leva às pessoas a refletirem sobre o sentido da sua proposta dentro de cada realidade. Nas bem-aventuranças (Mt 5), Ele não fala acerca da lei que proíbe, mas apresenta afirmativas propositivas exaltando a busca de felicidade através de novas atitudes relacionais: “Felizes as pessoas que...” (Mt 5.3-12). E, conclui: “Portanto, sejam perfeitos em amor, assim como é perfeito o Pai de vocês, que está no céu”. (Mt 5.48).

³⁵² CONFISSÃO DE AUGSBURGO 1530-1980, 1980, p. 19.

³⁵³ BAYER, 1997, p. 28.

³⁵⁴ WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**: Introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 53-54.

³⁵⁵ GIERUS, Friedrich. Espiritualidade Luterana Hoje. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 23, n. 2, p. 183-193, 1983. p. 186.

A justiça restauradora de Deus e a promessa de fazer novas todas as coisas provém do seu amor incondicional pela sua criação. Essa justiça é experimentada pela pessoa injustiçada como esperança³⁵⁶ em meio ao seu sofrimento. Jacqueline A. Bussie afirma que: “Dado que Deus quer justiça, certamente nossa esperança deveria também produzir o fruto que consiste em trabalhar para superar a injustiça sistêmica no mundo”³⁵⁷. A pessoa cristã que não se insere no mundo e concebe o juízo de Deus sobre umas pessoas e outras não, não se sentirá convidada “[...] a ser instrumento de Deus pela paz, pelas mudanças sociais visando a maior dignificação da vida, pela preservação do meio ambiente na amplitude de sua biodiversidade”³⁵⁸.

A atitude benéfica em favor das pessoas próximas ou da natureza ganha uma nova motivação. Constitui-se de uma ação gratuita, amorosa e responsável decorrente da promessa da salvação mediante a fé em Cristo Jesus. O medo de Deus e da condenação ao inferno cedem lugar à confiança e à percepção do agir amoroso e misericordioso de Deus atribuído a toda a criação. O agir de Deus estabelece a sua própria missão, para a qual Ele convida e quer contar com o ser humano³⁵⁹.

Martim Lutero articulou meios pelos quais o ser humano pode cooperar com Deus para o melhoramento do mundo através dos quais pode exteriorizar a sua fé, experimentar as promessas divinas e testemunhar o agir ético-social³⁶⁰. Um processo que ocorre com a abertura para o aprender, o ensinar e o testemunhar a fé através do convívio social e, inclusive, da relação saudável com a natureza. Ele descreveu os dois governos ou reinos, o espiritual e o secular, como instituições criadas por Deus com o viés da complementariedade e atuação no mundo. O governo espiritual refere-se à relação ser humano e Deus numa interpelação convidativa da parte de Deus e visa a justificação e santificação. O secular, relacionado as coisas externas, como a manutenção da paz, do direito e da vida³⁶¹.

Distinguir os dois âmbitos foi necessário para não causar confusão e nem para separá-los ou juntá-los, pois as funções de ambos são de cooperação mútua.

³⁵⁶ BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa”. *Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann. Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 36, p. 249-257, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/885/940>. Acesso em: 25 jun. 2020.

³⁵⁷ BUSSIE, Jacqueline A. A esperança de Lutero para o mundo. *In: HELMER, Christine (ed.). Lutero: um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 131-148. p. 140.

³⁵⁸ BASTOS, 2009, p. 251.

³⁵⁹ PINTO, 2008, p. 1.

³⁶⁰ JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 56.

³⁶¹ JUNGHANS, 2001, p. 50.

“Reduzidos um ao outro, o reino espiritual poderia ficar alienado por projetos utópicos de concretização do Reino de Deus na terra. Separados, o resultado seria de uma igreja apolítica, descomprometida com seu testemunho no mundo”³⁶². Para George W. Forell, o ser humano, através do Evangelho e das ordens naturais, conecta esses dois reinos penetrando na ordem social³⁶³.

Nota-se que no governo secular, a autoridade é incumbida por Deus “[...] da tarefa de zelar pela justiça e pela paz na sociedade”³⁶⁴ em proveito do bem comum em uma atitude de envolvimento social como dever cristão para salvaguardar a vida da criação. Portanto, o governo secular realiza uma tarefa de preservação³⁶⁵ e a autoridade no exercício da sua função fica sob a obediência de Deus na tarefa de servir e apoiar o bem-estar comum. Contudo, faz uso da razão para fundamentar sua atuação³⁶⁶.

Ao refletir sobre a doutrina dos dois reinos, Vítor Westhelle menciona: “Quando tínhamos quase todas as respostas, as perguntas mudaram”³⁶⁷. A complexidade social está trazendo temas emergentes, tais como: gênero, sexualidade, direitos reprodutivos, imigração, movimento *gay*³⁶⁸, entre outros. Isso equivale a requerer novas leituras dos contextos e de conceitos enraizados para construir alternativas de um agir cooperador que deem respostas às necessidades e às perguntas atuais.

Para Oswald Bayer, a doutrina dos estamentos ou das ordens da criação foi uma “[...] maneira de Martim Lutero expor e atualizar para os seus dias a história bíblica dos primórdios, desde as perspectivas da teologia da criação, da teologia do pecado e da ética social”³⁶⁹. As ordens da criação foram interpretadas como sendo “[...] instrumentos de Deus, através dos quais os seres humanos cooperam com o

³⁶² WACHHOLZ, 2017a, p. 169.

³⁶³ FORELL, George W. **Fé ativa no amor**. 2. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 148.

³⁶⁴ WACHHOLZ, 2017a, p. 22.

³⁶⁵ FORELL, 1985, p. 128.

³⁶⁶ WACHHOLZ, Wilhelm. Fé e razão na igreja, na política e na economia: contribuições a partir da teologia de Martim Lutero. In: WESTHELLE, Vítor; ZWETSCH, Roberto E. (ed.). **Seminário Internacional *Fides et ratio***. Temas da teologia e filosofia suscitados por Lutero e a reforma do século XVI. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017b. p. 159-171. p. 169.

³⁶⁷ WESTHELLE, Vítor. Poder e política – incursões na teologia de Lutero. In: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 315-331. p. 316.

³⁶⁸ WESTHELLE, 2013, p. 316.

³⁶⁹ BAYER, 1997, p. 54.

melhoramento do mundo”³⁷⁰. Pois, são “[...] lugar da santificação e espaço da responsabilidade”³⁷¹.

A economia e a igreja são ordens primeiras da criação de Deus. Enquanto, por sua vez, a política surge após a economia ser afetada pelo pecado. A política “[...] é instituída por causa da produção e reprodução da vida”³⁷² e “[...] existe unicamente com o objetivo de alcançar a justiça econômica”³⁷³ administrando e protegendo as pessoas da corrupção. O ser humano coopera para restaurar o trabalho (relação ser humano e natureza) à sua verdadeira função de prover os meios para o sustento³⁷⁴. E, a partir da sua vocação, participa tanto do âmbito econômico quanto do político. O primeiro representa a continuidade da criação e a segundo, representa a lei que revela o juízo de Deus e o seu desejo de restaurar o mundo³⁷⁵.

As ordens da criação, em interconexão, inter-relação e cooperação mútuas, estão colocadas dentro da dinâmica em que os governos secular e espiritual se colocam em parceria à serviço da vida³⁷⁶. Portanto, são consideradas “[...] funções da sociedade humana de que todos os seres humanos participam de uma forma ou outra, tanto passiva como ativamente”³⁷⁷.

Para George W. Forell, “[...] o princípio da ética social de Lutero é o seu conceito das ordens naturais. Ele as descreve como sendo divinamente ordenadas e como tendo a sua fonte na vontade preservadora de Deus”³⁷⁸. Segundo o autor, Deus

³⁷⁰ WACHHOLZ, 2017a, p. 22. Lutero compreendia às ordens da criação da seguinte maneira: “A igreja é instrumento de Deus para que sua palavra seja testemunhada à criação como força que move à resposta humana. A economia (*oeconomia* = domicílio) diz respeito às relações domiciliares/domésticas, a saber, de produção e reprodução humanas, ou seja, diz respeito à produção e reprodução da sustentação da vida. A política diz respeito à administração dos meios para o sustento, proteção e defesa da vida”. p. 166.

³⁷¹ BAYER, 1997, p. 56. Lutero fala da santificação (justificação) pelas instituições ao mencionar os estamentos: “[...] três formas fundamentais de vida dentro das quais a promessa de Deus instituiu a vida humana: a igreja, a economia e a *‘politia’* (a instância política). Tudo que é natural e cultural, o mundo todo na extensão e profundidade do mundo interior e exterior, todas as relações sociais e a nossa relação conosco mesmos, tudo está debaixo da palavra de Deus, que ‘santifica’ essas relações – essas ‘instituições’”. (grifo do autor). Como complemento, o autor cita: “Os três estamentos são, segundo Lutero, o único meio pelo qual Deus santifica as pessoas em seu mundo cotidiano”. p. 54.

³⁷² WESTHELLE, 2013, p. 326-327.

³⁷³ WESTHELLE, 2013, p. 330.

³⁷⁴ WESTHELLE, 2013, p. 329.

³⁷⁵ WESTHELLE, 2013, p. 329.

³⁷⁶ WACHHOLZ, 2017a, p. 22-23. Segundo esse autor, quando Lutero faz uso dos governos/regimentos, ele se refere a autoridade e ao uso da força, diferentemente de quando fala dos estamentos que estão sob a perspectiva da dimensão cultural. p. 20.

³⁷⁷ WESTHELLE, 2013, p. 320.

³⁷⁸ FORELL, 1985, p. 146. As “ordens naturais eram parte do desígnio de Deus com o fim de preservar o mundo e conter as forças criativas no homem [*sic*], que sob influência do pecado, poderiam levar à desordem e à destruição” p. 111.

criou as ordens e se Ele criou, as pessoas não podem negligenciá-las com desculpas ou omissão. Pois, Ele as vocaciona para participar das ordens a fim de testemunhar a fé, fazendo a sua vontade e prestando serviço às outras pessoas para assegurar um mínimo de paz e justiça³⁷⁹.

Martim Lutero considerava que o ser humano por ser humano, por ser social e não viver somente em função de si mesmo, pela fé, deveria se ocupar em servir e ser útil a sociedade³⁸⁰. Todavia, segundo George W. Forell, o reformador pensava que não havia muitas chances de o mundo ser melhor a considerar a eminência do fim do mundo e de que só Deus poderia consertá-lo. Apesar dessa ideia, ele afirmava a necessidade da participação responsável da pessoa crente neste mundo servindo a vontade de Deus através da sua vocação³⁸¹. Segundo Jacqueline A. Bussie:

O mundo necessita de mais pessoas cuja esperança não seja narcisista, mas relacional e universal, que vise à realização objetiva da vida e ao florescimento de todas as pessoas. Em uma época de medo e demonização da alteridade, as pessoas cristãs têm de convocar o mundo para essa esperança ampla. A esperança cristã, fundamentada no amor e no lamento relacional, precisa se desfazer dos medos da escassez e da segurança bem como do medo do fracasso e do rótulo de 'idealista'.³⁸²

A motivação converge ao ensinamento de Jesus: “Se eu, o Senhor e o Mestre, lavei os pés de vocês, então vocês devem lavar os pés uns dos outros. Pois eu dei o exemplo para que vocês façam o que eu fiz” (Jo 13.14-15). Martim Lutero sustenta que o ser humano é livre por ter sido justificado pela graça de Deus e “[...] tudo o quanto faz o pratica em total liberdade e gratuidade, sem jamais buscar seu próprio proveito ou salvação [...], mas tão somente para agradar a Deus”³⁸³. Segundo ele,

[...] as obras somente revelam a fé, assim como o fruto somente revela a árvore, se é uma árvore boa. Digo, pois: as obras justificam, isso é, mostram que somos justificados, do mesmo modo como os frutos mostram que um ser humano é cristão e crê em Cristo, porque não tem uma fé e vida fictícias diante dos seres humanos. Pois as obras indicam se tenho fé. Concluo, portanto, que alguém é justo quando o vejo fazer boas obras.³⁸⁴

A liberdade cristã implica no fato de que a pessoa não precisa de obras para se tornar agradável e aceita por Deus. Pois, pela fé, está dispensada de todos os

³⁷⁹ FORELL, 1985, p. 121-123, 125.

³⁸⁰ LUTERO, Martin. **Da Liberdade Cristã**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 39.

³⁸¹ FORELL, 1985, p. 134, 182-184.

³⁸² BUSSIE, 2013, p. 146.

³⁸³ LUTERO, 1998, p. 35.

³⁸⁴ LUTERO, 1992, p. 210.

mandamentos e leis, portanto, é um ser livre. Todavia, o ser humano está no mundo e precisa governar o seu próprio corpo e conviver com as outras pessoas. Para tanto, realiza gratuitamente, por amor livre, boas obras para manter-se obediente e cumprir a vontade de Deus cultivando e cuidando da sua boa criação³⁸⁵.

Observa-se que ter liberdade consiste em autonomia para decidir. E essa autonomia repercute em ações que criam mais liberdade, permitem intuir, sonhar e construir novos caminhos, propicia um renascer a cada dia, conecta a fé com questões cotidianas, leva a orar, agradecer e confiar, traz segurança e faz amar sem esperar nada em troca. Segundo Martim Lutero: “Diante de Deus é necessária a fé, não as obras; diante dos seres humanos são necessários as obras e o amor que nos revela como justos [sic] diante de nós mesmos e diante do mundo”³⁸⁶.

Os mandamentos divinos ensinam a respeito das boas obras porque elas existem por ordem de Deus. Assim como o pecado, que representa tudo o que Deus proibiu³⁸⁷. Nas boas obras, observa-se o exercício do poder que é de serviço. Um servir que se espelha em Jesus e se dispõe a: reconciliar (Mt 5.23-24), oferecer o melhor vinho e celebrar (Jo 2.1-11), curar (Mt 9.18-34), partilhar o pão (Lc 9.10-17), afugentar a aflição e o medo (Jo 14.27), devolver valor e sentido à vida (Jo 9.1-7), chamar para uma mudança de vida e para a cooperação (Jo 11.43).

A liberdade cristã e o serviço cristão fomentam vida plena e questionam todas as estruturas que promovem o sofrimento e a morte. Nesse sentido, conjuga-se o entendimento de que: “Um cristão é senhor [sic] livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servo [sic] prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos [sic]”³⁸⁸. O agir da pessoa cristã, segundo a espiritualidade libertadora, traz implicações bem práticas, tais como:

[...] a superação de velhos preconceitos, a mudança de mentalidade e a cumplicidade com o destino do outro diferente de nós, o que inclui, sem dúvida, a natureza que não é inimiga, mas parceira da humanidade e assim dever ser tratada e reverenciada.³⁸⁹

³⁸⁵ LUTERO, 1998, p. 16-17; 31-32. “A liberdade é filha da autoridade bem aplicada, pois ser livre não significa fazer o que bem entender, mas sim ter autocontrole e saber agir guiado por razão e cumprir o seu dever”³⁸⁵. DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Textos Fundantes de Educação). p. 73.

³⁸⁶ LUTERO, 1992, p. 211.

³⁸⁷ LUTERO, 2011, p. 102.

³⁸⁸ LUTERO, 1998, p. 7.

³⁸⁹ ZWETSCH, 2008b, p. 80.

Todo o processo de compreensão do significado acerca da prática das boas obras vem através da pregação a respeito de Cristo. A finalidade desse ensino é para que a fé seja promovida na pessoa e possa operar nela³⁹⁰. O reinado de Deus só pode ser descoberto através da aceitação do convite à missão que propõe uma nova realidade comunicada por Jesus Cristo através do poder do Espírito³⁹¹. Deus edifica o seu reinado a partir e de dentro da história humana e a resposta ao seu convite se dá no direcionamento da fé que “[...] opera como dinâmica, motivação e, - no horizonte escatológico - como um convite transformador”³⁹². Leo Fraimann afirma que:

A angústia que o ser humano vivência atualmente é um chamado para buscar o melhor de nós mesmos. A angústia é uma aliada do desenvolvimento humano. [...] O que o ser humano tem de mais precioso é a liberdade, liberdade para escolher qual caminho quer percorrer, a dor é um solo fértil para o bem, temos como exemplo Nelson Mandela, Paulo Freire, Madre Tereza de Calcutá. [...] O sentido da vida está sendo repensada, questionada. Precisamos aprender a lidar com o tempo lógico e não mais cronológico.³⁹³

A promessa de Deus de “fazer novas todas as coisas” (Ap 21.5) alimenta a esperança e compromete o ser humano a se engajar e a externar a liberdade cristã em um seguimento ativo à Jesus. Isso traz implicações práticas que conduzem a reflexão sobre o sentido da vida e novas e transformadoras relações. A pessoa que confessa que Deus, por graça e amor, vem ao encontro do ser humano em Jesus para nEle apresentar seu rosto e seu projeto de reinado e que a salvação já foi ofertada por Jesus, está diante da promessa de um novo futuro. Um futuro construído sobre as bases da justiça, da paz e do amor.

O futuro vem como promessa aberta e está condiciona o ser humano a um futuro também aberto, para o qual sai em missão, num agir que se compromete e que se faz responsável no tempo presente, tendo como referência o futuro que foi revelado e anunciado. É a tensão escatológica que alimenta todo esperar.³⁹⁴

Abordar atualmente a escatologia, segundo Cesar Kuzma, significa falar do amor de Deus, reconhecer seu rosto amoroso e gracioso, responder à fé em ações e

³⁹⁰ LUTERO, 2011, p. 446. As práticas das boas obras, segundo Martim Lutero, devem ter o intuito de agradar a Deus “[...] apenas porque não somos plenamente recriados em perfeita fé e amor, que devem crescer, mas por si mesmas, e não por obras”. p. 448.

³⁹¹ BONINO, 1987, p. 112.

³⁹² BONINO, 1987, p. 108.

³⁹³ FRAIMANN, Leo. **Tendências e competências para a vida do futuro**. São Leopoldo: Colégio Sinodal, 18 maio 2021. (Palestra).

³⁹⁴ KUZMA, Cesar A. Por uma esperança responsável: interpretações éticas e teológicas para uma Nova Práxis. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 290-307, maio/ago. 2018. p. 293.

confiar com esperança. Uma fé que não fica esperando, mas age transformando as relações e trazendo sentido à missão de Deus para o mundo. O autor salienta que Deus não antecipa o futuro. Mas, intencionalmente, permite às pessoas conhecê-lo através dos ensinamentos e da vida de Jesus que proclamou o reinado de Deus. Esse reinado se torna o paradigma para as pessoas cristãs que se alimentam do encontro com Deus, das suas promessas e da esperança que nEle encontram. Pode-se dizer, que as pessoas experimentam o reinado de Deus em ritmo de advento³⁹⁵.

Se a esperança é a esperança da fé e a fé é vivida neste mundo, aonde Cristo veio e inaugurou o seu Reino, então é neste mundo, com todas as suas variações e situações, que devemos atuar como sal da terra e luz do mundo, sendo sinal e prova dessa esperança. É neste mundo que somos convidados [sic], enquanto Igreja, comunidade de fé e povo de Deus, a viver e alimentar essa esperança *coletivamente*, pois aquilo que esperamos se espera para todos [sic], e com todos [sic].³⁹⁶ (grifo do autor).

A esperança cristã é a força animadora para participar da missão de Deus e para o envolvimento em tarefas missionárias que transformam a realidade. Isso se deve ao fato de que essa esperança sempre se volta ao seu objeto e à sua finalidade. E, concomitantemente, tem Cristo Jesus como a fonte que a alimenta (CI 1.27)³⁹⁷.

Portanto, a esperança propicia à pessoa sonhar, planejar e buscar a transformação do mundo. A base orientadora está na graça e no amor de Deus concretizados na vida de Jesus que se torna convidativo. Cabe ao ser humano, dar ou não uma resposta ao convite através da vivência da espiritualidade no cotidiano.

3.2.2 Potencial social transformador

A origem da palavra religião vem do verbete em latim *religare* e significa religar, ligar de novo, ligar o ser humano com o divino. Outra possibilidade é a de que vem de *relegere*, que significa reler, visitar³⁹⁸. Assim, ambas as abordagens apresentam uma intencionalidade de conectar o ser humano ao divino ou mesmo,

³⁹⁵ KUZMA, Cesar A. **O futuro de Deus na missão de esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014b. (Coleção Interfaces). p. 33-56.

³⁹⁶ KUZMA, 2014b, p. 58.

³⁹⁷ KUZMA, 2018, p. 294.

³⁹⁸ DICIONÁRIO Etimológico. **Religião**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

estimulá-lo a revisitar o divino. Para Ivone Gebara, o papel da religião é o de “[...] criar relações, de re-ligar as pessoas entre si, com a Terra, com as forças da natureza”³⁹⁹.

A religião se coloca como um conjunto de crenças, símbolos e valores que formam uma visão de mundo que busca responder as perguntas existenciais. Esse conjunto intenta refletir no comportamento relacional do ser humano consigo, com seus pares e com a natureza. Todavia, qualquer visão de mundo corre o risco de ser instrumentalizada por interesses e relações de poder que distorcem a intencionalidade original e colocam os seus princípios e valores como propósito e finalidade.

Cabe ressaltar que o pensamento de confessionalidade luterana está focado na missão de Deus. E tem por objetivos a humanização e a assimilação da responsabilidade e da interdependência com o todo da criação de Deus. Compreende ainda que é preciso um processo contínuo de aprendizado para o desenvolvimento da fé que leva à cooperação e à transformação na esperança de uma vida plena no presente e no futuro.

Toda ação que tenha sentido pressupõe que além de conhecimento e saber se disponha de critérios para poder julgar o que deve ser transformado. Foi exatamente para este fim que Lutero empreendeu o gigantesco trabalho da tradução da Bíblia; ele queria que o povo pudesse ler e julgar com os próprios meios, que se tornassem ‘cristãos emancipados’ (adultos, maduros). Para que também os analfabetos fossem atingidos, todo pai de família deveria instruir ‘filhos e empregados domésticos’; e para tanto Lutero escreveu o Catecismo Menor. Tudo isso tinha sentido emancipacionista; a comunidade devia tornar-se apta para a crítica e para a ação.⁴⁰⁰

Madipoane Masenya (ngwan’amphahlele) afirma que, segundo a sua experiência, as pessoas de fé esperam da religião, espiritualidade e igreja, a criação de espaços que as capacitem para que se desenvolvam e tenham condições de enfrentar e transformar as situações de sofrimento. Para ela, o processo de empoderamento e de enfrentamento pode mitigar as consequências das dores geradas por inúmeras circunstâncias, tendo em vista que cumpre o papel de criar novas possibilidades e emanar ações e esperanças por algo novo e um bem viver:

É no processo de autodeterminação que as comunidades vão encontrar a emancipação dos atuais modelos de desenvolvimento convencionais e empenhar-se no desenvolvimento o que é apropriado e sustentável. Tais alternativas de desenvolvimento serão localmente relevante, baseado na comunidade e de baixo para cima, em oposição ao dirigiste e desenvolvimento de cima para baixo do passado. É neste contexto que eu

³⁹⁹ GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião. São Paulo: Olho D’água, 1997a. p. 82.

⁴⁰⁰ VEIT, 1979, p. 136.

sugeriria que as organizações religiosas, os valores religiosos e as visões do mundo religioso sustentam potencial significativo para a emancipação e um futuro alternativo para o desenvolvimento.⁴⁰¹

Os relatos bíblicos são a expressão da própria experiência do ser humano e os mitos cosmogônicos são narrativas que refletem e instigam a imaginação de possibilidades de uma nova relação com o contexto. Portanto, não são simplesmente teorias. A tarefa da religião é a de promover a consciência e de articular para que pessoas e grupos tenham coragem e esperança para construir o novo, o inesperado.

Romi Márcia Bencke afirma que o papel da religião é contribuir com o desenvolvimento transformador⁴⁰² da sociedade mobilizando pessoas para uma conversão no estilo de vida, objetivando o bem de toda a humanidade. Nesse sentido, ela coopera com preceitos fundamentais ao fomentar uma cultura de não-violência, de solidariedade, de tolerância e respeito e de igualdade entre homens e mulheres⁴⁰³. Outra tarefa da religião é articular para que as pessoas saibam a sua função pública ao desenvolver orientações de valores que favoreçam a coexistência e a cooperação:

[...] a religião pode desempenhar um papel importante na promoção de uma ética da fraternidade e da responsabilidade, contribuindo para a promoção de valores sociais que fortaleçam a capacidade das pessoas em se auto-organizar, além de fomentar uma consciência crítica em torno dos problemas e dos efeitos negativos produzidos por projetos de desenvolvimento unicamente econômico.⁴⁰⁴

A missão está em admoestar o que promove o sofrimento e a morte e, também, em celebrar o que oportuniza vida plena potencializando uma forma de ser

⁴⁰¹ MASENYA, Madipoane (ngwan'amphahlele). The Future Role of the Church in Development Cooperation. In: MTATA, Kenneth (ed.). **Religion: Help or Hindrance to Development?** Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig: Evangelische Verlanganstalt GmbH, 2013. p. 171-183. p. 180. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 17 set. 2021. *It is in the process of self-determination that communities will find emancipation from current conventional development models and engage with development which is appropriate and sustainable. Such development alternatives will be locally relevant, community-based and bottom-up as opposed to the dirigiste and top-down development of the past. It is in this context that I would suggest that religious organizations, religious values and religious worldviews all hold significant potential for emancipation and an alternative future for development.* (tradução nossa).

⁴⁰² Os conceitos de desenvolvimento humano e de desenvolvimento transformador dialogam entre si. O primeiro “[...] é considerado principalmente como processo de empoderamento, onde o apoio para a agência de pessoas e a expansão da autonomia são objetivos importantes para promover justiça social. [E, o segundo] está centrado nas pessoas como agentes de mudança, promovendo sua participação em todo o processo de desenvolvimento”. ZEELAND, 2016, p. 97-98.

⁴⁰³ BENCKE, Romi Márcia. As organizações de base ecumênica e o fortalecimento das redes de parceria e de cooperação para o desenvolvimento transformador. In: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nürnberg (org.). **Fé e transformação: papel e relevância das organizações de base ecumênica.** São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 54-62. p. 57-58.

⁴⁰⁴ BENCKE, 2016, p. 56-57.

em relação ao mundo que sabe cuidar, conservar, sustentar. E, não por último, mas, em especial, sabe amar⁴⁰⁵. Logo, a religião caminha com a sustentabilidade, pois:

[...] inclui componentes de enorme potencial ético e político para o fortalecimento e articulação de grupos de cidadãos, tais como: a concepção de pessoas - homens e mulheres - e sujeitos de direito; a coerência entre as concepções de público e privado num quadro de 'bem comum'; coerência entre equidade [*sic*] e democracia nas áreas de convivência social, entre gêneros e gerações, entre culturas e territórios. Traz também uma nova crítica ao paradigma patriarcal, autoritário na política, dominante nas concepções de desenvolvimento e tecnocrático na concepção de futuro.⁴⁰⁶

Leonardo Boff é um precursor de uma nova consciência e uma nova espiritualidade. Ou seja, uma nova visão de mundo que reconhece a teia de relações e o religar da vida à sua lógica não-linear. Inclui um prisma mais holístico, orgânico, relacional e interdependente. Um novo pensar em que o próprio ser humano se reconheça inserido nessa teia relacional e assuma sua participação ativa⁴⁰⁷ e crítica perante situações que impedem a paz e propagam a morte.

Destaca-se que a construção de um novo paradigma, aparentemente simples, torna-se difícil porque corresponde a uma reforma na forma de pensar e viver a vida. Isso significa mudar a pedra angular sobre a qual está construída todos os conhecimentos, as ideias e as relações. Para Edgar Morin: “Eis para o que é preciso se preparar”⁴⁰⁸.

Os movimentos eclesiais e sociais que emergiram na América Latina foram sustentados pela reflexão bíblica contextualizada. Confrontaram as ideologias dominantes e buscaram formas de mitigar os impactos da globalização e dos processos de domínio, de exploração e de destruição de pessoas, povos e do meio ambiente. Também demonstraram sinergia ao trazerem para o debate público novos temas como: equidade social, democracia, oportunidades iguais, eliminação das violências, ética, territorialidade, proteção dos ecossistemas, entre outros.

⁴⁰⁵ ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1988. p. 56-57 e 75-76.

⁴⁰⁶ LARRAÍN, Sara. El paradigma de la Sustentabilidad: perspectiva ecologista y perspectiva de género. **Polis Revista Académica Universidad Bolivariana**, Osorno/Chile, n. 9, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2916965>. Acesso em: 18 nov. 2021. [...] *contempla componentes de enorme potencial ético y político para el fortalecimiento y articulación de las agrupaciones ciudadanas, tales como: la concepción de las personas -tanto hombres como mujeres- como sujetos de derecho; la coherencia entre las concepciones de lo público y lo privado en un marco de 'bien común'; la coherencia entre la equidad y la democracia en los ámbitos de la convivencia social, entre los géneros y las generaciones, entre las culturas y los territorios. También aporta con una nueva crítica al paradigma patriarcal, autoritario en lo político, dominante en las concepciones de desarrollo, y tecnocrático en la concepción de futuro.* (tradução nossa).

⁴⁰⁷ BOFF, Leonardo. **Nova era: a civilização planetária**. 2. ed. Ática: São Paulo, 1994. p. 36-37.

⁴⁰⁸ MORIN, 2005, p. 56.

Além disso, os movimentos apontaram para a riqueza e a diversidade de perspectivas e paradigmas que sustentam suas lutas por uma redefinição de cidadania que contribua para a construção de um mundo mais justo e solidário ostentando uma espiritualidade e uma ética baseadas no reconhecimento, no respeito ao ser humano, à natureza, à diversidade e à pluralidade que geram diálogo, consenso, solidariedade e convivência.

Mercedes Garcia Bachmann, citada por Elaine Neuenfeldt, destaca que a teologia luterana deve ter os pés situados no contexto. Isso significa se envolver com a realidade política, econômica e cultural e fazer uso da bíblia para acompanhar a tomada de decisões éticas e cooperar com o discernimento frente às questões atuais. Dessa forma, pode-se eleger entre as alternativas e com responsabilidade aquilo que contribui com a vida plena e a cidadania⁴⁰⁹. Nessa direção segue a afirmativa de que:

[...] a espiritualidade cristã contempla uma dimensão *política* irrenunciável, porque se coloca no rumo de quem não se conforma com este mundo, mas luta por transformá-lo (Romanos 12.1s). Por isso mesmo a espiritualidade cristã entendida como serviço libertador pode ser traduzida no cotidiano de nossas vidas como *cidadania responsável* (Filipenses 1.27ss).⁴¹⁰ (grifos do autor).

A confessionalidade luterana contribui com elementos teológicos para debater os contextos que reproduzem a lógica do mercado, da exploração, das violências. A Reforma apresentou o olhar da gratuidade e do amor de Deus para com toda a sua criação, enfatizou a cooperação do ser humano no melhoramento da sociedade e expôs um pensar mais coletivo e responsável e mostrou que é possível mudar hábitos e mentalidade.

Com a mesma vitalidade, a Reforma sublinhou a relevância de debater temas emergentes com ponderação à luz do Evangelho e a necessidade de formar pessoas para a participação eclesial e social com argumentação, disposição e sustento calcados no esperar do reinado de Deus. Acentua-se que toda ação que propõe transformação da realidade “certamente têm algo a ver com o Evangelho”⁴¹¹.

A mensagem da Igreja cristã visa à salvação do homem [*sic*] salvação que transcende as possibilidades humanas, inclusive as políticas. É mensagem

⁴⁰⁹ NEUENFELDT, Elaine. Mercedes Garcia Bachmann por Elaine Neuenfeldt. In: PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO DA FACULDADES EST. **As teólogas feministas: reconhecendo nossas referências.** Vídeo da aula de 20 out. 2020, (51m5s). Disponível em: <https://ava.est.edu.br/moodle/mod/page/view.php?id=70335>. Acesso em: 18 jan. 2021.

⁴¹⁰ ZWETSCH, 2008b, p. 77.

⁴¹¹ VEIT, 1979, p. 142.

de Deus - não deste mundo. Mas ela é destinada a este mundo e quer testemunhar Jesus Cristo como Senhor e Salvador do mundo. Por isso a Igreja não pode viver uma existência sectária, guardando para si mesma a mensagem que lhe foi confiada. Ela tem o ministério de testemunhar a palavra de Deus, ministério do qual ela não se poderá esquivar, a não ser pelo preço da desobediência para com seu Senhor.⁴¹²

A fé cristã é uma fonte permanente do princípio da corresponsabilidade amorosa que perpassa todas as formas de relações e influencia o ser e o viver de cada pessoa, inclusive em relação à natureza. O modo de viver está relacionado com as conversas geradas e mantidas nas redes de convivência: “[...] cada um de nós é responsável pela cultura que realizamos no viver, seja em âmbito local, que pode ser o de uma família, ou em um âmbito mais amplo de um devir como cidadãos [sic]”⁴¹³. O testemunho da mensagem cristã clama por uma prática do evangelho voltada para a transformação social e que inclua todas as dimensões da convivência.

A mensagem da Igreja sempre é dirigida ao homem [sic] como um todo, não só à sua ‘alma’. Por isso, ela terá conseqüências [sic] e implicações em toda a esfera de sua vivência - inclusive física, cultural, social, econômica e política. Não tenderá apenas a regular as relações entre cristãos, mas visará igualmente ao diálogo com outros cidadãos ou agrupamentos, sobre todas as questões relacionadas com o bem-comum.⁴¹⁴

As igrejas e outras religiosidades têm o papel de criticar a forma com que a sociedade está se desenvolvendo a partir da sua própria visão de mundo. Além disso, promover reflexão e autocrítica em relação às suas atuações e apresentar ideias, propostas e ações evidenciando e legitimando como o mundo poderia ser melhor ao valorizar a vida em todas as suas facetas. Todo processo social que suscita mudanças carece de narrativas motivadoras e de engajamento a curto e a longo prazo para combater as injustiças. E, nos lugares onde há uma realidade de negação e ameaça à vida, requer também a capacidade de resiliência⁴¹⁵.

Cabe às igrejas locais desenvolverem uma atitude voltada à missão e ao diálogo com outras experiências religiosas na busca por cooperação e por

⁴¹² GOTTSCHALD, Karl. **Manifesto de Curitiba – 1970**. Curitiba: IECLB, 1970. On-line. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/manifesto-de-curitiba-1970>. Acesso em: 15 set. 2021.

⁴¹³ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 105.

⁴¹⁴ GOTTSCHALD, 1970, on-line.

⁴¹⁵ BIEHL, Michael. Religion, Development and Mission. In: MTATA, Kenneth (ed.). **Religion: Help or Hindrance to Development?** Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig: Evangelische Verlangsanstalt GmbH, 2013. p. 97-119. p. 109, 117-118. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

engajamento transformador. Outrossim, a igreja precisa reconhecer e assumir na prática que têm em si um potencial transformador que advém de seus ensinamentos.

Educação cristã contínua auxilia no processo de desenvolvimento integral e contínuo, que desperta e alimenta a fé e intervém na maneira como as pessoas vivem o dia a dia (seus modos de expressão, suas escolhas, suas ações etc.). Esse processo acontece através da apropriação, da elaboração e da produção de conhecimentos, sensibilidades, valores e práticas, com base nos fundamentos da fé cristã, conforme Lutero: Jesus Cristo, Escritura, Fé, Graça.⁴¹⁶

A convivência deveria incorporar uma dinâmica transformadora baseada no ensino do respeito, do sentido da ética e da autonomia da reflexão e ação. Os espaços de convivência deveriam preservar o jeito de cada pessoa ser e a liberdade de escolha, autonomia e ética possibilitando que a criatividade e o conhecimentos estejam voltados para a ética social que, por sua vez, contribui com o bem-estar e a conservação da biosfera⁴¹⁷. Por outro lado, é possível observar que:

De acordo com o efeito borboleta, pequenos eventos em sistemas caóticos podem ter consequências enormes devido à não linearidade desses sistemas. Assim, além de não serem *mainstream*, narrativas inovadoras e inclusivas também têm o potencial de ajudar todo o sistema social caótico a evoluir, esperançosamente de forma progressiva. Além disso, *feedback* positivo, (que desequilibra ainda mais o sistema traz) de acordo com os conceitos de *feedback* e reforço, pode amplificar essas mudanças. Assim, quando o *feedback* positivo se torna um distúrbio de uma magnitude que o sistema social não pode mais ignorar, o sistema se reestrutura ou se desintegra. Portanto, o caos atual no sistema social, com suas narrativas aparentemente contraditórias, pode ajudar a sociedade, por meio de um *feedback* positivo, a se organizar de uma nova forma.⁴¹⁸

Considerando que líderes religiosos são pessoas formadoras de opinião, elas podem ser capacitadas para ações de desenvolvimento das sociedades e se tornarem parceiras em potencial na cooperação com uma sociedade melhor⁴¹⁹. Toma-se como

⁴¹⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 23.

⁴¹⁷ DAVILA *et al*, 2009, p. 13.

⁴¹⁸ MARQUES, 2019, p. 213-214. *Volgens het vlindereffect kunnen kleine gebeurtenissen in chaotische systemen enorme gevolgen hebben vanwege de non-lineariteit van deze systemen. Dus, innovatieve en inclusieve narratieven hebben, naast dat ze niet mainstream zijn, ook het potentieel om het hele sociale chaotische systeem te helpen evolueren, hopelijk op een vooruitstrevende manier. Bovendien kunnen positieve feedback, (die het systeem verder uit evenwicht brengt) volgens de concepten feedback en versterking, deze veranderingen versterken. Dus, wanneer positieve feedback een verstoring wordt van een omvang die het maatschappelijke systeem niet langer kan negeren, organiseert het systeem zichzelf in een nieuwe vorm of valt het uiteen. Daardoor kan de huidige chaos in het maatschappelijk systeem, met zijn schijnbaar tegenstrijdige narratieven, de samenleving helpen door middel van positieve feedback zichzelf te organiseren in een nieuwe vorm.* (tradução nossa). *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal, dominante.

⁴¹⁹ MTATA, Kenneth. Religion and Development: Friends or Foes? In: MTATA, Kenneth (ed.).

Religion: Help or Hindrance to Development? Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig:

exemplo a carta emitida pela IECLB em meio ao processo de ditadura no Brasil. Tal documento reforçou o papel da igreja como cooperadora no diálogo para o alcance de soluções aos problemas da sociedade brasileira:

A Igreja busca o diálogo franco e objetivo com o Estado em atmosfera de abertura, de liberdade e de autêntica parceria - diálogo que tem por finalidade encontrar soluções para os problemas que afligem a sociedade. Como parceira corresponsável do governo secular, ela obedece ao preceito do Senhor que diz: 'Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus' (Marcos 12,17). Baseada nesta premissa fundamental, ela se sente chamada a cooperar com as autoridades governamentais em uma vasta gama de tarefas, como, por exemplo, na educação das novas gerações, na alfabetização de adultos, no apoio a ações sociais do governo, no combate a doenças, à pobreza, à marginalização do homem, e em outras atividades que não sejam de caráter puramente técnico. Esta cooperação implica no constante esforço destinado a eliminar as causas que eventualmente provoquem os males em questão.⁴²⁰

Nota-se que falta o conhecimento da fundamentação da fé cristã, que há informações distorcidas do evangelho e uma imagem negativa da igreja. Além de desconfianças, sentimentos de dúvida (e não de culpa), baixa estima e crença em um descontrole social⁴²¹. Nilton Giese pondera que, em meio aos sofrimentos, às carências, às dores e às perguntas contemporâneas, as pessoas necessitam “[...] de esperança a qual se expressa na linguagem das utopias. Essas, por sua natureza, nunca vão se realizar totalmente, mas nos mantêm caminhando”⁴²².

Podemos, portanto, observar que as idéias, [sic] instituições e práticas religiosas têm um papel importante a desempenhar para alcançar a plenitude da vida a que todos nós aspiramos. [...] a eficácia da religião na sociedade, em grande parte depende da eficácia da liderança religiosa ou dos principais formadores [sic] de opinião dominante.⁴²³

Não raro testemunha-se na IECLB relatos de pessoas que foram direcionadas para suas áreas profissionais em decorrência da vivência comunitária, da formação e do empoderamento que ali experimentaram. A experiência obtida, por vezes, é considerada decisiva e um fator importante para o exercício profissional e o florescimento pessoal. Algumas aptidões resultam do desenvolvimento de habilidades

Evangelische Verlangsanstalt GmbH, 2013. p. 23-35. p. 32. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 31 jul. 2021.

⁴²⁰ GOTTSCHALD, 1970, on-line.

⁴²¹ PETRECA, 2012, p. 100-102.

⁴²² GIESE, Nilton. Introdução: os ensinamentos de um processo de crise na missão de Deus. *In*: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 6-10. p. 10.

⁴²³ MTATA, 2013, p. 32.

emocionais e relacionais provenientes de fatores como: o voluntariado, a capacitação, a diaconia, o incremento da rede de convivência, a comunicação interpessoal, a resiliência e o próprio sentido de vida⁴²⁴. Por outro lado, também o empoderamento sem os princípios bíblicos confessionais e éticos pode ter um efeito contrário.

Quando a fé cristã é traduzida para ações éticas e práticas, nota-se que faz a diferença na vida tanto no sentido de empoderar como no aspecto de agir segundo valores que promovem vida digna e transformação social. Segundo Markus Vogt: “[...] o princípio da esperança possui uma função psicossocial muito profunda e dificilmente pode ser removido, mesmo com toda a argumentação cognitiva”⁴²⁵.

Certamente a igreja exerce um papel relevante para a sociedade a partir da formação de líderes, da organização social, do questionamento de situações prejudiciais a todas as formas de vida e da articulação de valores voltados à dignidade do ser humano e da criação. O que inclui aspectos como: solidariedade, ética, empatia, respeito a diversidade e pluralidade, cuidado com a natureza. O potencial intrínseco na estrutura Igreja precisa ser despertado para a “[...] orientação espiritual, na ética a longo prazo, na formação de uma comunidade global, na atribuição ritual de sentido e na ancoragem deste em instituições”⁴²⁶.

Quanto à contribuição das igrejas para a sociedade, Kenneth Mtata explica que elas dão respostas rápidas às situações de sofrimentos e às primeiras necessidades (orações, visita às pessoas doentes e enlutadas, arrecadação de alimentos e roupas, etc.) e a longo prazo administram hospitais e escolas. Além disso, faz declarações públicas acerca de diferentes temáticas através de documentos, do púlpito ou dos estudos bíblicos. Ademais, as igrejas oportunizam debates sobre temas atuais aumentando a consciência da realidade e capacitando as pessoas para exercerem liderança e, assim, influenciarem ideias, estruturas e práticas sociais⁴²⁷.

⁴²⁴ Histórias de pessoas que atestam o poder da vivência da espiritualidade no percurso da vida podem ser encontradas em: DREHER, Scheila dos Santos. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. **Portal Luteranos**, 2016. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil. Acesso em: 14 dez. 2021. E, ainda: PORTAL LUTERANOS. **Em Comunhão com as vidas das mulheres**: Histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB. 2020. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 04 dez. 2021.

⁴²⁵ VOGT, (i2021), p. 13.

⁴²⁶ VOGT, (i2021), p. 11.

⁴²⁷ MTATA, 2013, p. 29-30.

Cabe ressaltar a relevância dos aspectos do diálogo ecumênico e inter-religioso. A IECLB tem o princípio do ecumenismo descrito em sua própria Constituição no 5º artigo 2º §: “A natureza ecumênica da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador”⁴²⁸. Dentre as várias organizações eclesiais nacionais e internacionais que expressam essa disposição, pode-se citar: Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI), Rede Ecumênica de Juventude (REJU), KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, entre tantas outras. Sublinha-se que a Teologia da Libertação abriu importantes espaços e campos de diálogo e de convivência ecumênicos e inter-religiosos.

Na igreja, o anúncio do evangelho, a mobilização de grupos pequenos (II Co 11.20) e a atribuição de tarefas e funções, pode ser visto como um convite à participação no reinado de Deus (II Co 4.7-12) e também um serviço. Essas ações geram convivência e mudanças de vida. Elas resultam no rompimento dos sentimentos de autossuficiência (Lc 22.31-32), na criação de laços de solidariedade e em um caminhar conjunto que fortalece as relações de parceria e de protagonismos. Ademais, potencializam o desenvolvimento de uma cidadania responsável.

As diferentes funções e atividades exercidas devem ser vistas como serviço em favor do testemunho do reino de Deus e da integridade da criação. Nesse sentido, o sacerdócio geral exige também o exercício da cidadania e a compreensão de que a responsabilidade social e política é exercida por cada pessoa em conjunto com outras.⁴²⁹

Ressalta-se, por fim, o entendimento de Yuval Noah Harari de que a crise da narrativa liberal e da lógica do capitalismo passam pela disrupção tecnológica e o colapso ecológico gerando a necessidade de criar uma narrativa atualizada para o mundo com novas visões e conceitos e caracterizada por “[...] um intenso exame de consciência para formular novos modelos sociais e políticos”⁴³⁰. Nesse sentido,

⁴²⁸ PORTAL LUTERANOS. **Constituição da IECLB**. (©2021). Disponível em:

<https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>. Acesso em: 17 set. 2021.

⁴²⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 20.

⁴³⁰ HARARI, Yuval Noal. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 36-37. O autor considera que “a felicidade humana depende menos de condições objetivas e mais de nossas próprias expectativas, daquilo que esperamos obter. As expectativas, contudo, tendem a se adaptar às condições, inclusive à condição de outras pessoas”. p. 67. Para tanto, valida-se as ocupações dotadas de sentido, as comunidades fortes e uma rede de segurança econômica universal onde o que está em jogo não são os empregos e, sim, a proteção dos seres humanos. p.

fortalece-se a relevância do papel social transformador da igreja e a necessidade de capacitar pessoas para tal intento.

3.3 APORTES DAS TEOLOGIAS CONTEXTUAIS

A contemporaneidade trouxe novas perguntas e a emergência de respostas que cooperaram para impulsionar o surgimento de movimentos sociais a partir da década de 50. Isso se refletiu também no campo do fazer teológico que passou a se desenvolver sob diferentes óticas. Nesse sentido, é possível perceber aspectos de fragmentação, mas, ao mesmo tempo, uma abertura para a diversidade e a complexidade que são características próprias das relações e dos contextos.

Segundo Gustavo Gutiérrez, o que diferencia uma espiritualidade ou outra é a nova ordem que se estabelece entre os princípios fundantes e a maneira de efetuar as relações⁴³¹. Portanto, o fazer teológico é contínuo e cabe a ele provocar a igreja a ser uma igreja sempre em reforma para que mantenha conectada a sua tarefa missionária ao contexto em que está inserida.

A boa teologia é caracterizada por um espírito de meditação, reflexão e investigação, em vez de apenas pelas respostas que pode fornecer. Teologia é continuamente perguntando: O que isso significa - hoje? O valor da teologia é em termos de as questões que levanta, e o novo espaço que abre para confessar e viver a fé nos contextos atuais. Deve ser um acompanhamento crítico para tudo o que a igreja diz e faz, provocando assim o contínuo reforma da igreja, suas estruturas e práticas. Teologia deveria desafiar as igrejas a considerarem novas questões e horizontes de fidelidade hoje, à luz da herança bíblica e confessional que compartilhamos.⁴³²

As reflexões desenvolvidas por diferentes hermenêuticas teológicas contribuem com ideias-chaves e ferramentas metodológicas de análise de contextos

68. Novas visões também precisam lidar com “as revoluções gêmeas na tecnologia da informação e na biotecnologia”. p. 38.

⁴³¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 101-102.

⁴³² BLOOMQUIST, Karen L. Lutheran Theology in the Future? *In*: BLOOMQUIST, Karen L. (ed.). **Transformative Theological Perspectives**. Geneva: Lutheran World Federation; Minneapolis: Lutheran University Press, (©2009). Theology in the Life of the Church series, 6 v. p. 193-204. p. 193. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/DTS-TLC06-full.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021. *Good theology is characterized by a spirit of meditation, reflection and inquiry, rather than only by the answers it might provide. Theology is continually asking, What does this mean-today? The value of theology is in terms of the questions it raises, and the new space it opens up for confessing and living out the faith in current contexts. It ought to be a critical accompaniment to all that the church says and does, thereby provoking the ongoing reformation of the church, its structures and practices. Theology should challenge churches to consider new questions and horizons of faithfulness today, in light of the biblical and confessional heritage we share.* (tradução nossa).

interligando com a missão eclesial. Esse processo crítico, coletivo e de permanente reflexão oferece recursos para mudança de pensamento e de práticas relacionadas ao ser e estar no mundo. Na América Latina e Caribe, as hermenêuticas teológicas tenderam a direcionar para a construção de uma nova sociedade aberta às identidades particulares, à dignidade da vida, à economia solidária e às relações mais harmônicas com a natureza. Isso pode ser observado na seguinte afirmativa:

[...] o feminismo decolonial [...] nos convida a sermos anticapitalistas, antirracistas, anti-homofóbicas. Essa perspectiva também se aproxima da proposta ecológica do bem-viver, defendida por povos indígenas e comunidade negra. Essa perspectiva implica urgentemente em pesquisas, pensar propostas metodológicas a partir das demandas cotidianas, ouvir as vozes e seus sofrimentos, organizar-se e juntar-se com grupos e comunidades para pensarmos as estratégias para as demandas de nosso contexto. E sem dúvida, isso tudo se faz juntando forças. Ações coletivas são a nossa força, a nossa coragem e a nossa esperança para buscarmos as melhores formas para a tão desejada transformação que nos coloca lado a lado, como gente (diferentes, diversas e iguais).⁴³³

A sabedoria que emerge da pluralidade no fazer teológico sinaliza o compromisso que provém da fé para lutar e resistir aos sistemas políticos, econômicos e religiosos que imputam sofrimento e morte. O estímulo é o de reaprender a viver uma nova relação com o todo do cosmo a partir da cooperação e do cuidado e criar alternativas sustentáveis com vista a um futuro utópico que passa pela esperança e a construção do reinado de Deus⁴³⁴.

A teologia contextual está em função da reflexão e da ação a fim de contribuir com os processos de transformação da dor e do sofrimento em vida plena com vistas ao reinado de Deus. As novas percepções, interpretações e deslocamentos hermenêuticos fizeram surgir teorias e teologias que se caracterizaram por uma abertura ecumênica e por incluírem e articularem diferentes enfoques.

Os diferentes enfoques sob um paradigma ecumênico são percebidos como óticas transversais e, por isso, complementares. Neste contexto, eles são assumidos não como discursos exclusivos, mas como discursos marcados por uma experiência particular, que define sua pertinência. O desafio que se impõe é que eles estejam abertos ao diálogo e à troca recíproca e, dessa

⁴³³ PAIXÃO, Marcia Eliane Leindcker da. Gestão democrática institucional com justiça de gênero. **Revista Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 18-25, jul./dez. 2021. p. 25. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/1267/1060>. Acesso em: 27 jun. 2022.

⁴³⁴ LÓPEZ FERNÁNDEZ, Eleazar. Teología índia: "O Reino de Deus passa também pela construção de utopias ou sonhos de futuro". Entrevista especial com Eleazar López Fernández. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, 12 set. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/535194-teologia-india-construir-o-reino-de-deus-passa-tambem-pela-construcao-de-utopias-ou-de-sonhos-de-futuro-entrevista-com-eleazar-lopez-fernandez>. Acesso em: 11 nov. 2021.

forma, estejam sujeitos à influência mútua e ao alargamento do seu horizonte original.⁴³⁵

De forma breve apresentar-se-á algumas teologias desenvolvidas na América Latina com a intencionalidade de visibilizar e de estimular a reflexão acerca do fazer teológico provocando para novos olhares sob a premissa da sustentabilidade. O intuito é oferecer uma percepção da relevância de uma visão holística e interdependente conjugada com aspectos pontuais para o exercício da complementariedade em função da tarefa missionária.

3.3.1 Teologia da Libertação

A América Latina foi palco do nascedouro da Teologia da Libertação (TdaL), por volta da década de 1960, e marcou a contextualização da teologia com novos olhares no campo da vivência da espiritualidade. Esses processos deram voz às pessoas e aos grupos invisibilizados e esquecidos ao longo da história. Assim, pessoas movidas por diferentes valores culturais e religiosos como indígenas, afrodescendentes, camponeses, sem-terra e mulheres, tiveram presença e um papel político relevante em defesa dos direitos, das populações marginalizadas e do meio ambiente⁴³⁶.

A TdaL apresentou o debate de questões sociais contextuais e a relevância do compromisso com a vida plena para todos os povos, a solidariedade, a inclusão social, a cidadania, o respeito a pluralidade, os direitos humanos e a integridade da criação. Enfatizou a experiência da comunidade, novos saberes, chamou à transformação social, à esperança de um mundo melhor; abriu caminho para as vozes esquecidas, silenciadas e oprimidas como base para a tarefa missionária da igreja.

A TdaL, fundamentada na reflexão bíblica, reiterou que Deus se faz presente na história e se dá a conhecer no caminho (Lc 24). A experiência com Deus se faz no

⁴³⁵ BOCK, Carlos G. Deslocamentos epistemológicos na teologia da libertação nos anos 1990. *In*: GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida (org.). **Teologia pública: Deslocamentos da teologia contemporânea**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015. p. 13-56. p. 55.

⁴³⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *La Teología Latinoamericana y Caribeña. Trayectoria y Perspectivas. Congreso Continental de Teología*, São Leopoldo, p. 208-214, 2012. Disponível em: https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/llib/vol53/211/211_Gutierrez.pdf. Acesso em: 14 nov. 2021. p. 208-209. Segundo o autor, na Igreja Católica, as discussões acentuavam a necessidade de contextualização à luz do evangelho, a valorização da bíblia, da reflexão teológica, da história humana, da encarnação de Jesus e de seu seguimento, a abertura da igreja para todas as pessoas e em especial as mais pobres, o ecumenismo e o entendimento de que o povo de Deus se estende para fora da igreja. p. 209-211.

encontro com a outra pessoa e, esse encontro, converge em conhecimento, ação e compromisso com o devir histórico da humanidade. Como resultado, a vivência da fé em Jesus Cristo significa a prática de relações justas, a defesa do direito das pessoas pobres, a fraternidade, a solidariedade, a comunhão, a prática do bem, a gratuidade e a ética baseada no princípio universal do amor. Dessa forma, rompeu uma espiritualidade libertadora que ousou “[...] fincar suas raízes no solo constituído pela situação de opressão-libertação”⁴³⁷.

Muitos elementos compartilhados por Gustavo Gutiérrez podem ser identificados na esfera da sustentabilidade, tais como: a espiritualidade como fonte de vida e de amor; a valorização da experiência, do saber popular, do conhecimento que leva ao discernimento; e, a convivência que preza pela coletividade, comunitariedade, participação, comunicação, aprendizado contínuo, ética, diálogo, criatividade, esperança e cuidado com a natureza. Por outro lado, o rechaço a tudo o que promove sofrimento, destruição, violência e morte, a defesa de relações justas e solidárias e o direito das pessoas pobres e oprimidas à vida digna⁴³⁸. Segundo o autor, estar ao lado da pessoa pobre tem uma dimensão maior do que somente a econômica, significa estar ao lado de quem sofre a insignificância social⁴³⁹.

3.3.2 Teologia Feminista Latino-Americana

A Teologia Feminista Latino-Americana tem início nos anos 1990 a partir das reflexões teológicas das mulheres no interior da TdaL. Ela prima por uma relação entre a teologia e a realidade política, econômica e eclesial tendo como lugar de fala o cotidiano, a vida de fé e a relação com o contexto macrossocial sob a ótica da mulher.

O marco conceitual mais amplo é a categoria de gênero como um instrumento de análise social que coopera com a desconstrução teológica das narrativas patriarcais que se colocam como únicas, antropocêntricas e universais⁴⁴⁰ e com a

⁴³⁷ GUTIÉRREZ, 1975, p. 164-173. Para o autor, é no caminho e caminhando que se vive a aventura coletiva de seguir Jesus Cristo. Um caminhar que reflete o amor, a liberdade e a salvação. Pode-se incluir, a sustentabilidade. GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber do próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 47-102. p. 92.

⁴³⁸ GUTIÉRREZ, 1984, p. 47-102.

⁴³⁹ GUTIÉRREZ, 2012, p. 209.

⁴⁴⁰ SILVA, Sílvia Regina de Lima. Abriendo Caminos, Teología Feminista y Teología Negra Feminista Latinoamericana. **Revista Magistro**, Duque de Caxias, v. 1, n. 1, p. 82-96, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055/618>. Acesso em: 13 nov. 2021. p. 83-87.

superação dos paradigmas do dualismo e da dicotomia. Objetiva-se, assim, construir ensinamentos baseados na prática de Jesus e resgatar a integridade da criação.

A proposta feminista de gênero implica uma redistribuição de poderes sociais, a transformação dos mecanismos de criação e reprodução desses poderes, desconstruir a opressão e alienação de gênero e criar poderes democráticos, a construção de processos para melhorar a qualidade de vida de mulheres e homens e desenvolver opções sociais dignas e uma cultura que corresponda ao novo paradigma que coloca no centro o ser humano formado por mulheres e homens, igualdade e equidade como princípios das relações de gênero e construção de qualidade de vida e liberdade.⁴⁴¹

Os textos bíblicos são produtos da cultura e história patriarcal androcêntrica. Sendo assim, não representam integralmente a realidade humana, a exemplo da inviabilidade das experiências das mulheres. A teoria feminista se propõe a recuperar a herança das mulheres, a cooperar para transformar o paradigma científico e a aguçar a hermenêutica da suspeita. Assim, convida à leitura bíblica com uma nova lente a partir do compromisso com a liberdade, a justiça e a equidade de gênero⁴⁴².

A Teologia Feminista apresenta princípios que propõem discutir temas invisibilizados como relações de poder, equidade, justiça de gênero. Inclui debater sobre os sistemas patriarcal e antropocêntrico que geram violência, exclusão e destruição da natureza. Por outro lado, move um repensar sobre as formas de lideranças para que não sejam hierárquicas, mas, sim, sustentáveis e incluídas⁴⁴³.

O aprofundamento dessas considerações repercute na (re)elaboração de uma teologia e de uma leitura bíblica⁴⁴⁴ que possibilitem a construção de novas relações.

⁴⁴¹ LAGARDE, 1996, p. 20. *La propuesta de género feminista implica una redistribución de los poderes sociales, la transformación de los mecanismos de creación y reproducción de esos poderes, para deconstruir la opresión y la enajenación de género y crear poderes democráticos, la construcción de procesos para mejorar la calidad de vida de mujeres y hombres y para desarrollar opciones sociales dignas y una cultura que se corresponda con el nuevo paradigma que pone en el centro lo humano compuesto por las mujeres y los hombres, la igualdad y la equidad como los principios de las relaciones de género y la construcción de calidad de vida y libertad.* (tradução nossa).

⁴⁴² FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica.** São Paulo: Paulinas, 1992. p. 12,17, 20 e 23.

⁴⁴³ GASTELLÚ CAMP, Adriana. **Como espiral de vida: aportes de la Teología Feminista de Liberación para Otros Modelos de Liderazgo en las Iglesias de América Latina y el Caribe.** São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015. p. 87.

⁴⁴⁴ Segundo Ivoni Richter Reimer, alguns passos são relevantes e precisam ser recuperados na leitura feminista da bíblia: exegese, conferir e comparar documentos antigos para evitar o uso e o abuso dos textos, buscar aportes para a vida digna, denunciar a misoginia, recriar, reconstruir, orar, usar a criatividade e a coragem, observar a intenção autoral, voltar ao texto original para perceber o que o texto estava ensinando dentro de seu contexto, nem sempre a linguagem inclusiva é apropriada porque ela pode esconder o patriarcado. REIMER, Ivoni Richter. *Justiça de Gênero e Hermenêutica Bíblica Feminista. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 7, on-line, 26 ago. 2021. São Leopoldo: Faculdades EST, 24 a 27 ago. 2021.*

Essas, sim, baseadas na reciprocidade, na interdependência, na afirmação do corpo como encontro consigo mesma, com a outra pessoa, com Deus e com a natureza, na valorização da subjetividade, da diversidade e da pluralidade⁴⁴⁵.

Cabe mencionar que, segundo Marcia Eliane Leindcker da Paixão, as feministas do campo dos estudos decoloniais têm indicado a necessidade da promoção de reflexões no meio do movimento feminista a respeito de como o pensamento neoliberal se perpetua nos discursos e nas práticas. Torna-se imperativo desenvolver debates maiores a respeito de como os sistemas de dominação se organizam e se manifestam para garantir sua visão de como o ser humano deve ser e estar no mundo ignorando a justiça social⁴⁴⁶. A autora afirma haver

[...] enormes desafios para a teoria feminista e para a teoria crítica. Interseccionar gênero, classe e raça na análise da dominação da globalização econômica, que assola e massacra as populações do mundo todo, vai exigir estudos múltiplos com as diferentes áreas do conhecimento e ações coletivas local e global. E isso não é pouca coisa. Mobilizar para transformar é extremamente complexo, mas extremamente necessário.⁴⁴⁷

Nota-se a relevância de fomentar espaços de cooperação e estimular diálogos e reflexões compromissados com a transformação social baseados em princípios como: equidade, justiça, ética, cuidado mútuo, alteridade. Traduzir o discurso em prática e de forma contextualizada tem sido o desafio necessário e constante.

3.3.3 Ecoteologia

A Ecoteologia pleiteia a interdependência entre espiritualidade, ética e reflexão. Propõe corrigir o antropocentrismo contemporâneo, superar a fragmentação dos saberes e intenta a compreensão de cada ser no contexto das relações que ele estabelece. Enfatiza a responsabilidade humana pela Casa Comum⁴⁴⁸, valoriza a comunhão com o ecossistema e o percebe com sua dimensão sacramental. Requisita uma mudança na ética cristã “[...] ao incorporar ‘o grito da Terra’ e exigir atitudes

[Palestra]. As indicações da autora servem para todas as leituras bíblicas e se colocam em sintonia com a perspectiva da sustentabilidade.

⁴⁴⁵ SILVA, 2010, p. 87-90.

⁴⁴⁶ PAIXÃO, 2021, p. 21.

⁴⁴⁷ PAIXÃO, 2021, p. 24.

⁴⁴⁸ Essa expressão se refere a compreensão do planeta Terra como sendo a casa de toda a criação de Deus que necessita ser cuidada.

individuais, ações coletivas, políticas públicas e processos de gestão que visem à sustentabilidade da vida no nosso planeta”⁴⁴⁹.

Segundo Richard Acosta Rodríguez, trata-se de escutar a Palavra de Deus refletindo e ressignificando os textos bíblicos que sustentaram uma visão de mundo que levou à crise ambiental⁴⁵⁰. Ressalta-se que o meio ambiente não é o objeto da reflexão da Ecoteologia. Essa, postula ser:

[...] uma visão holística e holográfica (o todo é mais que a soma das partes, e em cada parte ressoa o todo), que integra emoção e razão, experiência e conceitualização. [...] acentua a interdependência da reflexão teológica com a prática pastoral e a espiritualidade. Do ponto de vista do conteúdo, o núcleo da ecoteologia seria a compreensão unificada da complexa experiência salvífica (criação, história, encarnação, redenção e consumação) em processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade biótica, todos os seres.⁴⁵¹

A Ecoteologia não quer ser mais uma corrente teológica, segundo Afonso Murad. Mas, requisita ser incorporada na reflexão da fé cristã. Dessa forma, busca contribuir com a perspectiva de que, no projeto de Deus, “[...] a salvação cristã tem uma irrenunciável dimensão histórica e cósmica”⁴⁵².

3.3.4 Teologia Ecofeminista

A Teologia Ecofeminista converge em muitos aspectos com os movimentos ecológicos e de mulheres e os paradigmas da sustentabilidade e de gênero. Ela surge no seio dos movimentos sociais e religiosos com o viés da luta por novas relações humanas e com o ecossistema. Assegura que a bíblia é uma ferramenta para a espiritualidade para mirar a história, refletir continuamente e não aceitar simplesmente o que está dado: “O sagrado deve estar nas relações, é a rede de relações que permite a sua manifestação. E isso acontece a partir do ‘fazer memória’, do ‘reinventar’”⁴⁵³.

⁴⁴⁹ MURAD, Afonso. O núcleo da Ecoteologia e a unidade da experiência salvífica. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 277-297, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10658/10055>. Acesso em: 07 dez. 2021. p. 287-290.

⁴⁵⁰ ACOSTA RODRÍGUEZ, Richard. **Dios, hombre, creación: hacia una ecoteología bíblica**. Bogotá: Editorial San Pablo, 2014. p. 36.

⁴⁵¹ MURAD, 2009, p. 287-288.

⁴⁵² MURAD, 2009, p. 295-296.

⁴⁵³ RESS, Mary Judith. Relatório do Seminário: Ecofeminismo: novas relações, nova terra, novos céus. In: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**. n. 174. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 8-38. p. 21-22.

Para Rosa Dominga Trapasso, “[...] o feminismo necessariamente teve que evoluir para o ecofeminismo para colocar em evidência todas as formas de opressão e violência, desde a opressão no interior da família até a destruição do planeta”⁴⁵⁴. Essa opinião fortalece o prisma de Ivone Gebara de que é necessário influenciar nos processos de transmissão de conhecimento do saber religioso e buscar relações de poder equitativas para que se reproduzam no conhecimento e no cotidiano.

As epistemologias desembocam em questões éticas, pois o conhecimento é uma ação com conseqüências [sic] sobre o sujeito e a comunidade. Portanto, as questões éticas estão no bojo das epistemológicas embora isto nem sempre seja claro. Em todo ato de conhecimento há uma postura assumida diante da vida, dos acontecimentos e em relação às diferentes situações previsíveis e/ou imprevisíveis de nosso cotidiano. Não há neutralidade possível mesmo que não estejamos conscientes da situação em que vivemos e não conheçamos o sistema de influências que nos atinge.⁴⁵⁵

Esse fazer teológico apresenta um referencial amplo e inclusivo de diálogo com outras culturas e de uma espiritualidade sensível às questões da natureza. Enfatiza as relações de interdependência, autonomia e justiça ecossocial e se coloca na reflexão política-ideológica das lutas sociais de preservação da vida ao propor a superação do dualismo, androcentrismo, patriarcalismo e antropocentrismo⁴⁵⁶.

3.3.5 Teologia Negra e Teologia Feminista Negra

No Brasil, a Teologia Negra começa a ser desenvolvida no final dos anos 80 dentro do contexto da TdaL. Surge das lutas antirracistas e segregacionistas em resposta às políticas de opressão e como forma de resistência às ditaduras, às repressões, ao controle e à moralização da sexualidade. Ronilso Pacheco considera que os conceitos básicos para a sua compreensão são territorialidade e corporalidade

⁴⁵⁴ TRAPASSO, Rosa Dominga. Ecofeminismo: revisando nuestra conexión con la naturaleza. **Revista Con-Spirando**, Santiago de Chile, n. 4, p. 3-6, jun. 1993. p. 3. Disponível em: <http://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022. [...] *el feminismo necesariamente tuvo que evolucionar hacia el ecofeminismo al poner en evidencia las vinculaciones de todas las formas de opresión y violencia, desde la opresión dentro de la familia hasta la destrucción del planeta.* (tradução nossa).

⁴⁵⁵ GEBARA, 1997a, p. 31-32. “Ecologia e feminismo convidam a arrumar os sentidos e os conhecimento de um outro jeito. Por isso, um passo importante a ser dado é repensar nosso conhecimento, nossa epistemologia para, a partir daí, captar de uma outra maneira os sentidos de nossa existência”. p. 24.

⁴⁵⁶ GEBARA, 1997a, p. 9, 16, 19 e 31.

e o vínculo com a espiritualidade: “O povo negro, tem uma profunda religiosidade conectada e comprometida com a luta anticolonial e antirracista”⁴⁵⁷.

Encontra-se no artigo de Marcelo Barros, a visão da Teologia Negra como sendo Teologia Afrolatíndia constituída dentro do contexto da religiosidade sul global. O autor pontua alguns elementos que colaboram para um pensar no âmbito da sustentabilidade e seu lugar de fala é a própria experiência das comunidades afrodescendentes e de suas culturas. Segundo o autor, a Teologia Negra valoriza e visibiliza os processos de resistência, de defesa e de organização política e luta pela recuperação da identidade, da sabedoria ancestral, da corporalidade, da relação intrínseca com a natureza, da sensibilidade e da consciência social expressas na espiritualidade. Com o pressuposto decolonial, o fazer teológico busca tecer caminhos de libertação e integralidade inerentes à pluralidade presente na fé e na vida⁴⁵⁸.

Segundo Silvia Regina de Lima Silva, a Teologia Feminista Negra advoga em favor da devolução da dignidade de vida roubada pelo sistema escravagista e patriarcal, pelo racismo e sexismo. Aponta a relevância de recuperar o corpo da mulher como manifestação de Deus, da história e da memória como elementos de revelação e empoderamento e da ancestralidade e da conexão com a natureza como fundamento primordial que mantem a identidade⁴⁵⁹. Da mesma forma que o Ecofeminismo, ela traz elementos “[...] que exigem um des-hierarquiação do poder e do saber em prol de uma vida digna para todas e todos”⁴⁶⁰.

3.3.6 Teologia Índia

A Teologia Índia tem como ponto de partida a reflexão da TdaL que enfatiza a fé vivida e a luta pela dignidade, pelos direitos dos povos e das pessoas excluídas, marginalizadas e oprimidas. Reconhece as características multiétnicas e pluriculturais

⁴⁵⁷ PACHECO, Ronilso. Uma teologia como chave para oprimidos resistirem à aspereza da vida. **Revista IHU On-Line**, São Leopoldo, set. 2019. Entrevista concedida a João Vitor Santos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592266-uma-teologia-como-chave-para-oprimidos-resistirem-a-aspereza-da-vida-entrevista-especial-com-ronilso-pacheco>. Acesso em: 17 nov. 2021.

⁴⁵⁸ BARROS, Marcelo. Identidade decolonial e diáspora: mosaicos para a construção de teologias e espiritualidades afrolatíndias-cristãs. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 25, n. 2, p. 27-41, jul./dez. 2020. p. 22, 23 e 29. Disponível em: <file:///D:/Dados/Downloads/4272-16540-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

⁴⁵⁹ SILVA, 2010, p. 93-94.

⁴⁶⁰ MENA LÓPEZ, Maricel. Ecofeminismo e cultura negra. *In: A PALAVRA DA VIDA*. n. 175/176. São Leopoldo: CEPI, 2002. p. 20-29. p. 21.

do continente americano e as suas sabedorias. No debate nos âmbitos da missão e da sustentabilidade, coopera com a sensibilidade ecológica como modo de vida, a interdependência e a visão da terra como espaço sagrado onde a vida acontece⁴⁶¹.

Esse fazer teológico se apresenta como uma teologia da resistência às forças que buscam explorar e exterminar os povos indígenas para se apoderar dos recursos naturais. A visão cósmica da existência integral de convivência com a mãe Terra e a vida centrada em sua totalidade mudam a forma de ver, pensar, falar e ser. Dessa forma, qualificam a convivência⁴⁶².

Para Sofía Chipana Quispe, a resistência dos povos indígenas em relação a destruição da natureza é pertinente à forma da própria vivência da espiritualidade que se apresenta em um relacionamento digno com a mãe-terra. Isso se deve a compreensão de que a destruição rompe com as relações estabelecidas. A vida é sustentada com base no cuidado e no respeito aos ciclos dos seres na rede de relações, de intercâmbio e de reciprocidade. Valoriza-se a suficiência, o saber como um conhecimento plural, a conformação das vozes, palavras e corpos e o retorno dos equilíbrios que harmonizam a vida e fazem parte das utopias. Um mundo plurilátero sabe se reconhecer nas inter-relações que equilibram e harmonizam a vida⁴⁶³.

3.4 HERMENÊUTICA DA SUSTENTABILIDADE

A compreensão da sustentabilidade foi ampliada por ter recebido aportes e elementos importantes oriundos do campo da espiritualidade. O intercâmbio entre a sustentabilidade e a espiritualidade fez florescer associações de ideias e esperanças. Essas dimensões auxiliam o ser humano a se encontrar como ser humano e ativam o seu potencial ao abrirem espaço para valorar a dignidade e o altruísmo, resgatarem a beleza, o amor e a fraternidade e fomentarem novas possibilidades de viver⁴⁶⁴.

⁴⁶¹ ZWETSCH, 2008b, p. 72-74.

⁴⁶² LÓPEZ FERNÁNDEZ, 2014.

⁴⁶³ CHIPANA QUISPE, Sofía. Las existencias plurales, seguimos siendo y resistiendo. **RIBLA**, v. 83, n. 1, p. 100-113, Petrópolis: Editora Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2021. p. 111-112. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/1036036/7721>. Acesso em: 11 nov. 2021. Dessas percepções, germina o conceito de *Vivir Bien* já mencionado anteriormente.

⁴⁶⁴ SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 13-14.

Diante disso e da tarefa missionária da igreja surgem raios de luz vislumbrando a oportuna construção de uma hermenêutica⁴⁶⁵ da sustentabilidade. Esse novo prisma busca a leitura e a interpretação bíblica, o discernimento e a vivência da fé cristã no cotidiano pautados nos princípios que advêm da sustentabilidade. Vale ressaltar que a sustentabilidade também firma suas raízes no âmbito eclesial ao figurar no centro das ações estratégicas e das decisões. Ela vem sendo apresentada como critério para avaliar a caminhada missionária oferecendo novas percepções, objetivas e subjetivas, focadas e integradas à missão eclesial para ressaltar a integridade da criação de Deus. Assim, cumpre o papel de estimular, ao máximo, os pensamentos, as decisões e as ações saudáveis pensando no conjunto da criação de Deus.

A leitura de textos bíblicos e da confessionalidade luterana leva em consideração o lugar de quem lê e a sua intencionalidade. No que tange a hermenêutica da sustentabilidade, não é diferente. Ela não se expõe a neutralidade. Mas, aponta um direcionamento que tem como premissa o pensamento sistêmico e holístico visando a convivência, a interação, o coletivo, o olhar a longo prazo, a preservação da biodiversidade e a interdependência dos sistemas que sustentam a vida. Da mesma forma, propõe superar o pensamento linear, imediatista e de sistemas únicos, a hierarquização de valores e culturas que preterem a integralidade ecológica e a equidade intergeracional.

A hermenêutica da sustentabilidade postula o incentivo à reordenação de pensamentos e comportamentos dentro da complexidade da vida e não foge as incertezas presentes e futuras. Preconiza um novo olhar e pensar sobre a tradição e os costumes. Para tanto, ela vai requerer pessoas ousadas, corajosas e movidas pelo espírito da coletividade e da integralidade para construir e alimentar um novo jeito de pensar e de viver a vida. Nesse sentido, é salutar rememorar e refletir aspectos bíblicos-confessionais e criar boas memórias no cotidiano com vivências e aprendizados que nutrem a convivência alicerçada na paz, na justiça e no amor.

⁴⁶⁵ Segundo Friederich Schleiermacher, hermenêutica é a arte de compreender e praticá-la exige alguns referenciais e o exercício de circularidade para que, sempre de novo, se possa aprender a partir do saber compartilhado, pois cada pessoa enriquece o entendimento. Ainda segundo o autor, as referências direcionam a reflexão, mas não garantem a sua aplicação. Elas servem como um método de antecipação das dificuldades e não como observações para solucioná-las. SCHLEIERMACHER, Friederich. **Introdução a Hermenêutica**. São Paulo: Editora Clandestina, 2016. p. 40-55.

A força das metáforas bíblicas pode ser considerada como um forte elemento para introduzir a reflexão a respeito da sustentabilidade paralelo ao da missão criando conexões, interpretações e novas práticas. A leitura e estudo da bíblia constantes fazem com que os ensinamentos sejam assimilados e incorporados no cotidiano como uma referência para o agir e o falar. Decorre, então, que:

[...] ao mesmo tempo em que a Bíblia auxilia na reflexão sobre a sustentabilidade, a sustentabilidade contribui na leitura da Bíblia. Ou seja, os olhos da sustentabilidade fazem perceber situações na Bíblia que antes não percebíamos ou não dávamos valor. A leitura inserida na luta social é assim, ela renova e se deixa renovar, é uma via de mão dupla. Portanto, é possível construir uma nova hermenêutica bíblica, a hermenêutica da sustentabilidade.⁴⁶⁶

A sustentabilidade, como prisma hermenêutico, contribui para a compreensão da tarefa missionária em um contexto em que também o mal se manifesta para destruir, ferir e matar. O projeto e o propósito de Deus são a vida. Isso leva ao entendimento de que, para ler a bíblia com os olhos da sustentabilidade, além de compreender sua ideia, torna-se

[...] necessário estar comprometido e comprometida com a causa do mundo sustentável, estar inserido e inserida, participar, inquietar-se, ser e estar sensível às situações pelas quais passa o planeta e a humanidade. Sem isso, dificilmente se perceberá aspectos bíblicos que reportam ao tema. **Enfim, depende de onde está o teu pé para que o coração sinta e as mãos atuem.** Obviamente que esse é sempre um processo dialético: o sentir do coração conduz ao encontro de determinada realidade que por sua vez faz o coração sentir.⁴⁶⁷ (grifos do autor).

O altruísmo, a empatia e a solidariedade são atitudes conclamadas por Jesus àquelas pessoas que o seguem para que, em suas vidas, no local e na condição em que estão, possam intervir em situações de necessidade e agir para renovar as formas de relacionamento tendo como o princípio máximo o amor que dignifica todos os seres. Aproximar-se de Jesus e compreender a missão de Deus são também meios que levam à uma proximidade da ideia de sustentabilidade. Escutar a Palavra e exortar o ser humano a reconsiderar e modificar a dinâmica das suas relações com o planeta se posta como um enorme desafio inerente à fé. Deve-se considerar que:

[...] toda a Bíblia está impregnada de referências ao cosmos, à terra, à criação, às criaturas, aos fenômenos naturais em constante interação com o

⁴⁶⁶ KAEFER, 2013, p. 9.

⁴⁶⁷ KAEFER, 2013, p. 9.

ser humano, sobretudo e de forma contundente com os sofredores, oprimidos, perseguidos, excluídos.⁴⁶⁸

A narrativa de Gn 1 apresenta a ação criadora do Deus Trino que provém de: vontade, querer (Gn 1.3); propósito (Jr 45.12); criatividade e sabedoria (Jr 10.12); bênçãos (Gn 1.28); e, contemplação e reconhecimento de que “tudo o que havia feito era muito bom” (Gn 1.31a). A criação do mundo significa que o que existe é por pura bondade e gratuidade de Deus⁴⁶⁹. “Na ótica comunicativa dos textos, há uma mensagem fundamental a ser passada: o mundo é uma criação do Deus *Yahveh* e a partir das ordenanças (Torá) deste Deus a vida alcança o seu verdadeiro sentido”⁴⁷⁰. Martin Lutero na explicação do 1º artigo do Credo Apostólico estende a compreensão da justificação para todas as coisas e afirma que tudo tem razão de ser pela gratuidade e pelo amor de Deus e com propósito e promessa de comunhão⁴⁷¹.

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra. Que significa isto? Creio que Deus me criou junto com todas as criaturas, e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros, inteligência e todos os sentidos, e ainda os conserva; além disto, me dá roupa, calçado, comida e bebida, casa e lar, família, terra, trabalho e todos os bens. Concede cada dia tudo de que preciso para o corpo e a vida; protege-me de todos os perigos e guarda-me de todo o mal. E faz tudo isso unicamente por ser meu Deus e Pai bondoso e misericordioso, sem que eu mereça ou seja digno. Por tudo isso devo dar-lhe graças e louvor, servi-lo e obedecer-lhe. Isto é certamente verdade.⁴⁷²

O entendimento da fé cristã que emergiu na Reforma Protestante teve um caráter poimênico pessoal e social transformador a partir da redescoberta do evangelho, da ênfase na graça e no amor de Deus e da valorização da dignidade do ser humano. Um cuidado divino redescoberto que precisa ser avivado entre as pessoas e dentro das instituições na perspectiva da esperança cristã.

A redescoberta do amor e da graça de Deus contribuíram para o “[...] exame crítico da situação à luz da Escritura Sagrada”⁴⁷³. Para citar um exemplo, em determinada circunstância, Martin Lutero afirmou a necessidade de seriedade e coragem para tratar do assunto da mendicância. Ele sugere que se crie um sistema

⁴⁶⁸ ACOSTA RODRÍGUEZ, 2014, p. 35. [...] *toda la Biblia se encuentra impregnada de la referencia al cosmo, a la tierra, a la creación, a las criaturas, a los fenómenos naturales en constante interacción con el ser humano, sobre todo y llamativamente con el pueblo sufriente, oprimido, perseguido, excluido.* (tradução nossa).

⁴⁶⁹ BAYER, 1997, p. 69.

⁴⁷⁰ REIMER, Haroldo. Sustentabilidade e cuidado: Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica. **Ciberteologia**, São Paulo, ano 3, n. 18, p. 85-95, 2008. p. 89.

⁴⁷¹ BAYER, 1997, p. 69.

⁴⁷² LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. 8. ed. atual. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 10.

⁴⁷³ JUNGHANS, 2001, p. 49.

para que se possa cuidar e aliviar o sofrimento das pessoas pobres e famintas e prover trabalho⁴⁷⁴. Ciente de que Deus não se conforma com a morte e o sofrimento, ele reitera a necessidade de uma mudança na forma de viver e de se relacionar. Dessa forma, ele fortalece a ideia de que o ser humano é convidado para cooperar com a missão de Deus.

O amor é o pilar filosófico para compreender a sustentabilidade, tanto na teoria quanto na prática⁴⁷⁵. De semelhante modo, o amor é o fundamento e o objetivo da missão de Deus (Jo 13). O amor verbalizado e concretizado é que dá sentido e sustento à vida e à sua continuidade. Para Gottfried Brakemeier, o amor é a base que sustenta o universo, pois “[...] o Deus-amor é a raiz de todas as coisas”⁴⁷⁶. Sendo assim, pode-se concordar com a autora Ana Cristina Campos Marques que afirma ser premente ao mundo a construção de narrativas, diálogos e experiências que remetam ao amor e não ao medo⁴⁷⁷.

3.4.1 Missão e sustentabilidade

A premissa de Jesus, de que Ele veio para que as pessoas tenham vida em abundância (Jo 10.10), demanda às pessoas cristãs a edificação de ações de cuidado e amorosidade, em especial, com as mais necessitadas (At 4.34). Entretanto, percebe-se: “Com todo o nosso conhecimento baseado nas ciências naturais, exatas e sociais, somos incapazes de atender ao crescente número de seres humanos que estão se tornando desempregados, sem-teto e espiritualmente alienadas”⁴⁷⁸. A

⁴⁷⁴ LUTERO, 2011, p. 321-322.

⁴⁷⁵ MARQUES, 2019, p. 173. Segundo a autora: “Propus basear novas narrativas de sustentabilidade em fundamentos filosóficos que são mais profundos – mais perto do ser. O conceito mais profundo que conheço que pode ser expresso em palavras (embora de forma limitada) é amor. Existem diferentes tipos do amor (romântico, fraterno, etc), proponho o universal, que é conhecido como ágape. O amor ágape inclui amor por todas as pessoas e amor pelo planeta. Assim, eu proponho o amor ágape como um dos principais pilares filosóficos das narrativas de sustentabilidade, tanto para a pesquisa quanto para a prática. p. 173. *I proposed basing new sustainability narratives on philosophical underpinnings that are deeper – closer to the being. The deepest concept I am aware of that can be expressed in words (albeit in a limited way) is love. There are different kinds of love (romantic, brotherly, etc), I propose the universal one, which is known as agape. The agape love includes love for all people and love for the planet. Thus, I propose agape love as one of the main philosophical underpinnings of sustainability narratives, for both research and practice.* (tradução nossa).

⁴⁷⁶ BRAKEMEIER, 2015. p. 46.

⁴⁷⁷ MARQUES, 2019, p. 161.

⁴⁷⁸ RATTNER, 1999, p. 235.

injustiça social e ambiental crescente remete a urgência do repensar as relações e o modo de estar no mundo e o próprio desenvolvimento da tarefa missionária.

Está no âmago da sustentabilidade e da missão a prudência e a conservação da vida no presente e no futuro. Ambas têm por objetivo a criação e o desenvolvimento de processos que criam novas relações humanas e ambientais. Assim como a missão não é imposta à pessoa, mas refere-se a um convite de Deus e cabe aceitação ou não, a sustentabilidade também “[...] não vem imposta de fora. Ela nasce da própria lógica das coisas e do tipo de relação de cooperação, respeito, veneração do ser humano por tudo o que existe e vive”⁴⁷⁹. Portanto, também é convite para uma nova disposição de ser e estar no mundo.

A pergunta pela associação entre missão e sustentabilidade encontra respaldo a partir da reflexão a respeito da compreensão e da finalidade de ambas as esferas a considerar que ambas têm um propósito similar. Esse propósito diz respeito a uma convivência harmônica, interdependente e prudente para que toda a criação de Deus desfrute vida plena. Raquel E. Rodríguez afirma que a igreja será sustentável se seguir o seu chamado missionário e se deixar desafiar a subtrair pedras de tropeço que impedem a vida⁴⁸⁰.

A sustentabilidade já se mostrou no *modus operandi* das primeiras comunidades porque a proposta de vida cristã gera sustentabilidade. A fé convida ao amor e à cooperação, requer o melhor para as pessoas e para a natureza e potencializa a busca de uma vida plena para cada geração. E esta, por sua vez, comunica tal herança para a geração posterior, conforme o Salmo mencionado no início deste capítulo. Salienta-se, entretanto, que as leis e decretos, inclusive bíblicos, não resolvem a questão da sustentabilidade ou da missão de Deus. Mas, uma consciência voluntária e comprometida com a vida pode entender a necessidade de espalhar e viver o amor, sendo este o caminho para a sustentabilidade⁴⁸¹.

A singularidade da sustentabilidade na igreja se fundamenta na abertura escatológica representada pela esperança. Ela se desenvolve em ambientes com atitudes positivas em relação à vida e se refere a um pensar secular a respeito do estamento da economia e de tudo o que envolve a casa (*oikos*). A economia se

⁴⁷⁹ BOFF, 2016, p. 87.

⁴⁸⁰ RODRÍGUEZ, 2011, p. 34.

⁴⁸¹ MENDES, Edmilson Ferreira. **A igreja primitiva sabia muito sobre sustentabilidade**. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/edmilson-ferreira-mendes/igreja-primitiva-sabia-muito-sobre-sustentabilidade.html>. Acesso em: 28 maio 2021.

relaciona com a produção e a reprodução de tudo o que envolve a dinâmica da vida a fim de melhorar o mundo, de trazer sentido de vida, de atender as necessidades e se dirige diretamente às pessoas e às formas delas se relacionarem com o mundo⁴⁸².

Uma esfera, o espaço do *oikos* é representado pela interação humana com a natureza, providenciando sustento para a vida e reprodução para a espécie. O outro espaço da *polis* é representado pelas interações humanas que resultam no que é normativo, legal, ou na governança que torna possível viver-se em conjunto. [...] Em política e economia, mesmo que Deus tenha a agência eficiente e final, são os seres humanos os sujeitos de relação ao seu objeto. [...] No caso da economia e da política, a pessoa humana alcança a representação de si mesma, através da qual ela constrói uma identidade. Num caso, a representação é um objeto material extraído da natureza através do labor ou presente numa descendência gerada biologicamente. No outro caso, a representação é concluída quando um [sujeito] se reconhece a si mesmo no encontro com o outro.⁴⁸³ (grifo do autor).

A sustentabilidade e a missão de Deus não negociam com sistemas ou modelos que trazem em seu âmago hierarquias, abuso de poder, violências, exploração, engessamento da criatividade e da liberdade. Os desafios dessa relação apontam para a necessidade de: quebrar a dureza dos corações e paradigmas únicos; superar as relações de poder hierárquicas que não se apresentam como equitativas e cooperativas; incentivar processos de transformação; permitir mudanças com novos processos; propor ações relevantes para o contexto; sensibilizar para um novo pensamento que sabe valorizar a vida; suplantam aspectos culturais violentos, discriminatórios, racistas. Diante disso, evoca-se reflexões e novas oportunidades na tarefa missionária mediante os prismas da missão e da sustentabilidade.

3.4.2 Releituras sob o prisma da sustentabilidade

A narrativa da sustentabilidade pode até ser nova se comparada às bíblicas. Mas, o seu sentido e a sua significância são evidentes nos textos bíblicos. Logo a narrativa da criação (Gn 1-2) aponta para a interação, a interdependência, a responsabilidade e o equilíbrio relacional de toda a criação a fim de assegurar a continuidade. Recentemente, a própria ciência, a partir do pensamento sistêmico, afirmou que a natureza foi criada a partir do equilíbrio dinâmico entre as partes e que

⁴⁸² WACHHOLZ, Wilhelm. **Economia e Justiça de Deus no pensamento de Lutero**. São Leopoldo, Faculdades EST, 08 jul. 2019b. (Componente curricular da Pós-Graduação).

⁴⁸³ WESTHELLE, 2017, p. 318.

é isso que assegura o todo do Universo. E, mais especificadamente, permite a vida das diferentes espécies⁴⁸⁴.

Na fé cristã, o pecado é visto como um desequilíbrio na forma do ser humano se relacionar e brota do desejo humano de dominar e manter tudo sob o seu poder. Essa postura individualista, egocêntrica e autossuficiente resulta na restrição à liberdade e à equidade. Também coloca em sofrimento e risco todas as formas de vida. A missão de Deus quer restaurar esse desequilíbrio e propõe salvar o mundo.

O pecado de origem inaugura o 'germe' da morte, atingindo o centro da economia humana: a reprodução e a produção da vida. Encontrado por Deus, Adão se envergonha, o que atesta a perda da confiança em Deus. Adão e Eva fazem cintos para cobrir a parte do corpo '[...] mais nobre [...] atividade da procriação'. A procriação – Lutero a entende como a que 'conserva a espécie' (reprodução) – é corrompida. Pecado, portanto, não tem conotação moral, mas é, fundamentalmente, a força da morte.⁴⁸⁵

Os Evangelhos narram um novo nascimento que emerge da água e do Espírito (Jo 3.1-21) que traz salvação e vislumbra o reinado de Deus. Esse novo nascer implica em novas relações com Deus e o mundo. Significa um voltar-se ao mundo: “Nova criação é a conversão ao mundo como conversão ao Criador no ouvir a voz com que ele se faz ouvir através das criaturas, a voz com a qual, por meio das criaturas, ele se dirige a nós e nos interpela”⁴⁸⁶.

O ser humano foi criado como imagem e semelhança de Deus (Gn 1.27) e com a capacidade para reproduzir e produzir os meios para o sustento da vida⁴⁸⁷. Recebeu a tarefa de guardar e desfrutar daquilo que provém da terra (Gn 2.15) com o intuito de que fosse cuidar e harmonizar a sua relação com a natureza e, assim, usufruir do fruto da terra. Essa missão corresponde a acolher a bênção de Deus como uma dádiva e como uma função relacional responsável: “Sê tu uma bênção” (Gn 12.2).

A relação entre o ser humano e Deus foi corrompida pelo mal e a tarefa relacional foi cerceada pelo pecado sinalizando a falta do compromisso com a função de “ser uma bênção”. O desequilíbrio da criação emergiu do desejo do ser humano de dominar, de manter o poder sobre a criação e de colocar-se no lugar de Deus. Em

⁴⁸⁴ CAPRA, 2006, p. 44-45.

⁴⁸⁵ WACHHOLZ, 2019a, p. 525. “Por isso Lutero associa o diabo com a morte: ‘Satanás é o pai da mentira e um homicida [...] foi homicida desde o início [...]’. Antes do pecado, os corpos eram mais saudáveis e mais longevos. ‘Assim, a queda de Adão deu-se da vida para a morte, da saúde para a doença.’ Por isso, com a queda no pecado, ‘[...] desde o útero da mãe, começamos a morrer’”. p. 525.

⁴⁸⁶ BAYER, 1997, p. 29.

⁴⁸⁷ WESTHELLE, 2013, p. 328.

tempos modernos, pode-se afirmar que o ser humano se colocou no centro do universo e dita as regras das relações que estão comprometendo a continuidade da vida e da bela criação de Deus.

Cada vida criada por Deus reflete o amor e recebe função, lugar, valor e reconhecimento sob a perspectiva da dignidade, interdependência e diversidade. E, a aliança que Deus faz com os seres humanos e com todas as formas de vida presentes na terra, reafirma seu desejo de proporcionar a continuidade da vida. Essa aliança tem como sinal a manifestação da natureza através do arco-íris estendido no céu (Gn 9.7-17). Assim, como afirma José Míguez Bonino,

[...] a criação é o início de um movimento. É um convite e um mandamento ao homem para criar sua própria história e cultura, para transformar criativamente o mundo, fazendo dele a sua morada, e para explorar as configurações de relações humanas postas à sua disposição.⁴⁸⁸

As narrativas bíblicas testemunham a consciência histórica do agir oculto e manifesto de Deus em relação à sua criação. Os textos buscam “[...] explicar por que o mundo habitado dos seres humanos não é tão bom assim e por que existem fadiga e dor”⁴⁸⁹. A missão de Deus vai se constituindo de um contínuo agir amoroso em relação à sua criação,⁴⁹⁰ mesmo em meio às dores, aos sofrimentos e aos sinais de morte que, muitas vezes, impedem a percepção da Sua presença. Segundo Martin Lutero, tudo o que Deus criou está sujeito a mudanças e, assim como cria, também conserva e preserva⁴⁹¹.

Ao longo da história, o propósito e as suas promessas de Deus são afirmados (Nm 23.19) e se referem ao amor, ao apreço e ao cuidado (Sl 78.38; Jr 1.3; Jr 31.20). Deus se apresenta como Aquele que quer cativar a confiança e a esperança por tempos melhores (Jr 31.10-14 e 33.11). Deus quer contar com o ser humano (Jr 10.16b) para o mundo melhorar em abundância de vida. Para Martin Lutero, “[...] ninguém possui nem consegue sustentar por si próprio a vida”⁴⁹² e depende da relação que mantém com a criação e da esperança que advém da promessa de Deus de oferecer dádivas que sustentam a vida (Sl 46; Sl 65; Sl 103).

⁴⁸⁸ BONINO, 1987, p. 126.

⁴⁸⁹ RÖSEL, Martin. **De Adão e Eva aos profetas menores**: experiências de fé no Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 36.

⁴⁹⁰ Textos como: Caim e Abel (Gn 4); dilúvio e aliança (Gn 6-9); torre de Babel (Gn 11); ameaça do matriarcado (Gn 12, 20 e 26); Abraão e Sara (Gn 15-25); Isaque, Jacó e Esaú (Gn 25-37); novela de José (37-50).

⁴⁹¹ LUTERO, 1992, p. 223.

⁴⁹² LUTERO, 2012, p. 79.

Na relação ser humano e trabalho, a bíblia faz referência ao Ano da Libertação que deveria ocorrer a cada 49 anos (Lv 25) para equilibrar o sistema econômico-social e afirmar de que a terra não está à venda (Lv 25.15s). O descanso da terra no sétimo ano (Lv 25) admoesta sobre a sua exploração de maneira desmedida e utilitarista que causa desequilíbrio em todo o ecossistema e promove, inclusive, a eliminação de espécies da flora e da fauna. Esses mandamentos divinos se colocam como preciosos nas discussões atuais porque visibilizam a necessidade do resgate de relações mais justas, cooperativas e equitativas.

O dia do descanso (Gn 2.2-3), conectado com o terceiro mandamento, foi instituído por causa da necessidade física de pessoas e animais e, também, de um tempo maior destinado para a comunhão com Deus em um contínuo visitar e religar-se. A santificação do dia do descanso está direcionada para que as pessoas ouçam e prestigiem a Palavra, a qual deve estar no coração e nos lábios⁴⁹³. E, nesse sentido, quer favorecer o “ser” no lugar do “ter” (Mc 2.27s). Apresenta-se, então, como um elemento pedagógico contínuo para guardar e valorizar a vida.

Em relação às leis, apresenta-se o mandamento do amor relacionado à vontade direta de Deus: “Ame aos outros como você ama a si mesmo. Eu sou o Senhor”. (Lv 19.18b). Os mandamentos se tornam orientações para o povo que foi escolhido para servir a Deus como sacerdote com o intuito de manter a liberdade (Êx 19.5-6). Para Martim Lutero, “[...] quem entende os Dez Mandamentos bem e por completo entende a Escritura inteira”⁴⁹⁴.

Em Jesus, a lei recebe um novo enfoque e tem a função de revelar o coração do ser humano ao perguntar pela intencionalidade das ações⁴⁹⁵. Assim, a lei remete à relação primeira com Deus no reconhecimento do efeito do amor (I Jo 4.7-8) e, depois, conclama e estende esse viver para novas formas relacionais a partir de uma atitude gratuita e benevolente. Segundo Martim Lutero, a virtude máxima é o amor, pois esse não cessa enquanto a fé dura até a morte, portanto: “É mister ter o amor, não apenas a fé”⁴⁹⁶.

As características de Deus são ressaltadas em textos bíblicos para o reconhecimento do seu ser e de sua ação. Dessa forma, geram gratidão, esperança

⁴⁹³ LUTERO, 2012, p. 37-42.

⁴⁹⁴ LUTERO, 2012, p. 21.

⁴⁹⁵ BONILLA, 2007, p. 102.

⁴⁹⁶ LUTERO, 1992, p. 238.

e disposição livre para servir. O livro de Provérbios destaca a sabedoria e a inteligência de Deus mediante o ato criador (Pv 2.6; Pv 3.19). Os Salmos mencionam o agir de Deus reconhecido que gera a gratidão (Sl 92.1-2; Sl 106.1; Sl 136.1). A esperança é destacada por considerar que ela ampara as pessoas em suas angústias fortalecendo a confiança, o temor a Deus (Sl 33.20; Sl 130.5; Sl 147.11) e a certeza de que Deus sustenta e cuida perante a fragilidade e o sofrimento (Sl 16.5; Is 42.1). Assim, o ser humano encontra em Deus o fundamento e a força da esperança que coopera com o serviço à vida (Jo 13.1-15).

A ação salvífica de Deus está colocada diante de temas que dizem respeito à proteção e ao cuidado com as pessoas mais vulneráveis. Lá, onde o direito e a justiça são negados pela presença do pecado protegido pela coletividade, pelas forças econômicas e relações de poder, cabe denúncia e ação em favor de mudanças. O Pentateuco traz a preocupação e sinaliza com o mandamento divino apontando para a necessidade de proteger quem mais precisa (Dt 15.4; Êx 22.22s). O profeta Amós denuncia quem negocia com os alimentos para prejudicar as pessoas pobres, explora e escraviza (Am 8.4-6). As injustiças sociais e as violências são denunciadas enquanto a justiça é anunciada pelos profetas (Mq 6.8; Is 42.6).

A justiça pode ser compreendida como pertencente ao conceito de “cuidado”. Essa questão foi muitas vezes expressa e defendida pelos profetas e profetizas e está presente na promessa de um novo céu e uma nova terra em que o ser humano viverá em harmonia entre si e com a natureza (Is 65.16b-25). Segundo Amós: “Que o direito corra como as águas e a justiça como um rio caudaloso” (Am 5.24). E ainda em Miqueias: “Foi explicado para ti, ó homem, o que é bom e o que Javé requer de ti: agir com justiça, amar a misericórdia, humilhar-se e caminhar com teu Deus” (Mq 6.8).

O convite a profetas e profetizas sinaliza que Deus quer a cooperação dos seres humanos para a denúncia do mal e o anúncio do bem. Quando Deus escolhe alguém para servi-lo de forma profética em meio ao povo, Ele o faz empoderando e reforçando o sentimento de pertença, de vocação, de coragem e de esperança. Ele capacita as pessoas chamadas para servir, protege e fortalece a confiança. O profeta e a profetiza são pessoas amparadas, cuidadas e sustentadas diante da tarefa missionária que lhes coube realizar⁴⁹⁷.

⁴⁹⁷ O profeta Jeremias dá testemunho: “O Senhor Deus me disse: - Antes do seu nascimento, quando você ainda estava na barriga da sua mãe, eu o escolhi e separei para que você fosse um profeta

No centro motivacional da tarefa missionária se encontra a esperança por um novo tempo e novas relações (Is 61). Jesus afirmou que o tempo novo chegou e as promessas já se cumpriram (Lc 4.18s). Anunciar o reinado de Deus, baseado na graça e no amor, é a missão de Jesus. A sua presença na terra inaugura esse novo tempo. E a espera da plenitude gera a esperança e faz uso do passado “[...] como recordação das promessas e como impulso a um futuro”⁴⁹⁸.

Essa compreensão resulta em um compromisso atitudinal que visa superar as visões utilitarista, antropocêntrica e patriarcal que geram violência e morte. Dessa forma, a tarefa missionária também implica em denunciar o desrespeito à dignidade, as violências, a miséria, o preconceito, a exclusão social, a exploração e a destruição da natureza, entre outros. A denúncia do que leva a vida à destruição vem da esperança nas promessas divinas. Para Levy da Costa Bastos, “[...] na história do povo israelita a promessa desempenhou o papel de abrir o horizonte de sua história, isto é, determinar a ausência de limites fixos”⁴⁹⁹.

Dado que o apóstolo Paulo afirma que não há condenação à pessoa que está em Cristo, pois ela é guiada pelo Espírito Santo e se torna uma filha de Deus herdeira das suas bênçãos. E vive sob as promessas de habitar uma terra boa que emana leite e mel “[...] para viver em liberdade. [...] para, em conjunto com toda a criação, lutar pela vida em toda a sua dimensão pessoal e global”⁵⁰⁰. A promessa de libertação, salvação e restauração são aguardados pelo universo inteiro. Enquanto aguarda, a conexão do ser humano com Deus vai refletir o acolhimento da graça, a confiança nas promessas e o compromisso protagonista com um bem viver.

Deus se revela como Salvador em Jesus, como Criador e Senhor da natureza e da história⁵⁰¹ e como Espírito Santo que age para convidar o ser humano à fé. Esse convite quer direcionar o ser humano à humanidade. A Igreja recebe a tarefa de proclamar a salvação através do perdão dos pecados, num gesto divino de gratuidade

para as nações. Então eu disse: - Ó Senhor, meu Deus, eu não sei como falar, pois, sou muito jovem. Mas o Senhor respondeu: - Não diga que é muito jovem, mas vá e fale com as pessoas a quem eu o enviar e diga tudo o que eu mandar. Não tenha medo de ninguém, pois eu estarei com você para protegê-lo. Sou eu, o Senhor, quem está falando”. (Jr 1.4-8).

⁴⁹⁸ KUZMA, Cesar A. A esperança cristã na “Teologia da Esperança”: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. **Revista Pistis & Prax**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009. p. 457.

⁴⁹⁹ BASTOS, 2009, p. 255.

⁵⁰⁰ REIMER, Ivoni Richter. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**. Contribuições para um mundo globalizado. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC, 2010. p. 54-56.

⁵⁰¹ FORELL, 1985, p. 112.

e concessão de liberdade para que o ser humano possa retomar “[...] a obra que lhe foi confiada na criação”⁵⁰².

Nas narrativas sobre Jesus, é possível perceber a revelação da face criadora e amorosa de Deus, a quem Ele próprio chama de Pai (Mc 14.36). Em uma representação maternal, Deus é comparado a uma galinha que quis reunir seus pintinhos debaixo de suas asas para cuidar, amparar e proteger (Mt 23.37). A relação parental emitida pelos textos carrega a intencionalidade de promover a proximidade, a sensibilização e simplificação da compreensão da relação graciosa que o amor de Deus oportuniza. Um agir que se revela como: relacional, acolhedor, inclusivo, libertador, solidário e sustentável.

A exemplo do ocorrido no batismo de Jesus (Mt 3.16-17), o Espírito Santo vem ao encontro do ser humano juntamente com a Palavra que o declara e o acolhe como filho de Deus. Esse encontro cria um sentido para a relação entre o ser humano e Deus e emerge como um convite à confiança e ao exercício de que as pessoas “[...] tenham o mesmo modo de pensar e agir de Jesus” (Fp 2.5-7). O aceite ou a resposta à fé “[...] opera como dinâmica, motivação e, no horizonte escatológico - como um convite transformador”⁵⁰³ que impulsiona a cooperação do ser humano através de ações missionárias que dão testemunho da universalidade da salvação. Para Levy da Costa Bastos, “[...] a força operante da promessa do Reino de Deus fundamenta a *Missio* (ação missionária) do amor apaixonado dos filhos e filhas de Deus”⁵⁰⁴.

O amor divino revelado na reconciliação e redenção mediante o perdão dos pecados gera a liberdade que pode criar vida nova. O apóstolo Paulo afirmou: “Quem está unido com Cristo é uma nova pessoa; acabou-se o que era velho, e já chegou o que é novo” (II Co 5.17). O Espírito Santo, que conecta todas as partes do corpo (I Co 12.12) e age como um sopro livre (Jo 3.8), alimenta essa esperança. Pela fé, o ser humano é nova criatura e, por isso, não se isenta de uma nova relação com Deus e com a criação. A ação do Espírito Santo mantém, vivifica e anima à fé em Jesus e à confiança no reino que implica em “[...] viver corretamente, em paz e com a alegria que o Espírito Santo dá” (Rm 14.17). Na carta de Paulo à comunidade de Roma, observa-se a preocupação com as relações estabelecidas que fazem com que, até mesmo, a natureza gema de dor e aguarde a salvação:

⁵⁰² BONINO, 1987, p. 127.

⁵⁰³ BONINO, 1987, p. 108.

⁵⁰⁴ BASTOS, 2009, p. 255.

A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. (Rm 8.19-22).

Na teologia, o campo da escatologia “[...] trata das ‘últimas coisas’, do que há de acontecer, do futuro da humanidade e do mundo”⁵⁰⁵. Refere-se a esperança cristã que move a caminhada existencial rumo ao futuro reinado de Deus. Para Gottfried Brakemeier, “[...] o futuro a construir é assunto privilegiado da ética. Enquanto isso a escatologia dirige a atenção prioritariamente ao futuro a sofrer. *Ela tem em vista o futuro que Deus reservou para sua criação*”⁵⁰⁶. (grifo do autor).

Considerando que a escatologia expressa a realidade da ressurreição e o futuro do ressuscitado, pode-se afirmar que a pessoa cristã “[...] vive neste mundo, mas com um olhar para além deste mundo (esperar) a ponto de, confiante (confiar) na esperança futura, decidir por transformar o presente”⁵⁰⁷. Desta forma, a esperança cristã está inserida no mundo a fim de transformá-lo pelo enfrentamento e é “[...] destinada ao céu, mas também à terra, onde está fincada a cruz de Jesus”⁵⁰⁸.

Para Martim Lutero, toda a ação é fruto da gratidão a Deus e de liberdade responsável e não se fundamenta em uma troca de favores ou promessas. No entanto, muitas pessoas não compreendem a ideia de liberdade e deixam de contribuir e de cooperar para o bem de todas as pessoas. No sermão da usura (1520), o reformador refuta a cobrança de juros sobre o dinheiro emprestado em situações de desespero, pois considera que deixar uma pessoa na miséria seria, no mínimo, imoral. Ele compreende que toda espécie de miséria perturba a paz e o avanço do bem comum.

A oração do Pai Nosso é vista como um recurso com efeito instrutivo e relacional em função da obediência ao mandamento de Deus, da apresentação da promessa do agir de Deus diante das necessidades (Sl 50 e Mt 7.7) e do seu serviço prestado ao lembrar das necessidades para a subsistência sobre a terra e que Deus as supre⁵⁰⁹. Ao mesmo tempo, a oração expressa o apelo para Deus “[...] conceder, preservar e aumentar a fé e o cumprimento dos dez mandamentos afastando todos

⁵⁰⁵ BRAKEMEIER, 2015, p. 117.

⁵⁰⁶ BRAKEMEIER, 2015, p. 119.

⁵⁰⁷ KUZMA, 2009, p. 454.

⁵⁰⁸ KUZMA, 2009, p. 459.

⁵⁰⁹ LUTERO, 2012, p. 90-93.

os obstáculos nesse sentido”⁵¹⁰. Esse clamor evidencia a exortação de Jesus: “Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas” (Mt 6.33).

As petições do Pai Nosso estão relacionadas com a revelação definitiva do reinado de Deus⁵¹¹ e a última petição traz a afirmativa da manifestação divina com toda a sua honra, glória e poder. Importa atentar ao sentido escatológico dessa oração que possibilita ampliar a visão de mundo e, confiantemente, viver a esperança que não espera, mas que age em favor da antecipação dos sinais do reinado de Deus. Daí a compreensão de missão, para Martim Lutero, como sendo a “[...] propagação do reino de Deus, ou seja, propagação da salvação que Deus conquista através de Jesus Cristo e nos concede por meio do agir do Espírito Santo”.⁵¹²

Dessa forma, torna-se imprescindível a orientação bíblica de que o ser humano crente deve estar preparado para responder, com mansidão, a razão da sua fé e da sua esperança (I Pe 3.15) e viver de maneira que agrade a Deus (II Pe 3.13-14). Pois, Deus deseja e planeja que todas as pessoas vivam relações baseadas no “[...] amor que vem de um coração puro, de uma consciência limpa e de uma fé verdadeira” (I Tm 1.5). Um chamado que corresponde a romper velhos paradigmas e abrir-se para novas possibilidades no tempo do “aqui e agora”. O reinado de Deus

[...] é um chamado, uma convocação, uma pressão que urge. Frente ao reino, a história não é um enigma a ser resolvido, mas uma missão a cumprir. Esta missão [...] não é um simples acúmulo de ações desvinculadas entre si, mas uma nova realidade, uma vida nova que é comunicada em Cristo pelo poder do Espírito Santo.⁵¹³

Portanto, não se trata de uma espera em inércia ou o aguardo de uma circunstância temporal propícia, mas, um agir esperançoso com novas relações e conexões a partir do convite: “Vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a

⁵¹⁰ LUTERO, 2012, p. 99.

⁵¹¹ A compreensão de Martim Lutero para o Reino de Deus era: “Deus enviou o seu Filho Cristo, nosso Senhor, ao mundo para nos resgatar e libertar do poder do diabo, arrebanhar-nos junto a si e conduzir-nos, como rei da justiça, da vida e da felicidade, contra o pecado, a morte e a má consciência; para tanto ele também concedeu seu Espírito Santo, para que ele nos proporcione isso por meio da sua santa palavra e da sua força, iluminando e fortalecendo na fé”. LUTERO, 2012, p. 95-96.

⁵¹² SCHWAMBACH, Claus. Missão a partir da Teologia de Martinho Lutero. *In*: MORGNER, Christoph (ed.). **Tinta, teses, temperamentos**: seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Editora Esperança, 2017. p. 177-190. p. 187.

⁵¹³ BONINO, 1987, p. 111-112.

obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês. E lembrem-se disto: eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28.19s).

A tarefa missionária pede movimento, clama por ação e exige urgência mesmo quando não colherá os frutos esperados (Lc 13.6-9). Martim Lutero, ao ser interpelado sobre o que faria se o mundo fosse acabar amanhã, respondeu que plantaria uma macieira e pagaria suas dívidas: plantaria a macieira porque acredita que o mundo é boa criação de Deus e merece ser cuidado e preservado; e, pagaria as dívidas, pois esta é uma postura ética que precisa persistir diante de qualquer situação⁵¹⁴.

A igreja é chamada a estar preparada para responder aos novos tempos, defender o Evangelho e ser instrumento do Espírito Santo na missão⁵¹⁵. E, assim, contribuir com os sinais do reinado de Deus e, ao mesmo tempo, motivar as pessoas para fazer o mesmo em um trabalho conjunto de multiplicação das dádivas de Deus. “Entendemos assim que, a Igreja, portadora do Espírito de Cristo, tem algo a dizer ao mundo e isso atinge completamente as dimensões sociais, sejam elas políticas, familiares, ecológicas, morais, éticas, religiosas, etc”⁵¹⁶. Toda boa obra, se torna boa porque pertence “[...] à nova ordem, ao novo mundo da ressurreição, à ordem do amor. Tem futuro [...] pelo próprio fato de pertencerem a esta nova ordem”⁵¹⁷.

A chave hermenêutica, sob a ótica da sustentabilidade, está na convivência harmônica que salvaguarda todas as formas de vida dentro da complexidade, da diversidade e da pluralidade inerentes à existência do universo. Com os princípios de prevenção e precaução, a sustentabilidade acolhe a justiça intergeracional como prioridade. Os componentes da valorização, ética, responsabilidade, cooperação e solidariedade abrem caminho para a recuperação da vida plena que se desenvolve em suas diferentes dimensões, interações e interdependências.

Nessa medida, parece ser tempo de assimilar o horizonte da sustentabilidade por meio da incorporação de hábitos mentais e práticos coerentes com o novo prisma da sustentabilidade associado à tarefa missionária. Por outro lado, a sociedade carece ser introjetada com uma visão mais holística que projeta e multiplica ações para

⁵¹⁴ LUTERO: Muito além da Religião – Série Completa. Produzido por Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Youtube**, 2019. Publicado pelo canal IECLB. 1 vídeo son. color. (21min21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvwObjPHWDY>. Acesso em: 22 jul. 2020.

⁵¹⁵ SCHWAMBACH, 2017, p. 189.

⁵¹⁶ KUZMA, 2009, p. 460.

⁵¹⁷ BONINO, 1987, p. 110.

mitigar as concepções únicas, o fundamentalismo, o machismo, o racismo, a homofobia e afastar pensamentos individualistas, utilitaristas e excludentes.

3.5 TAREFA MISSIONÁRIA E O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE

A igreja e a sua tarefa emergem da missão de Deus (*missio Dei*). O propósito é o fortalecimento da fé em Jesus e o engajamento em seu seguimento dentro da proposta do reinado de Deus. A justificação por graça mediante a fé, a liberdade cristã, a ética cristã, a vocação e o sacerdócio geral impulsionam a vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana sob a premissa de um contínuo fazer teológico que se retroalimenta dos aspectos contextual e temporal. Cabe à igreja fortalecer espaços para fomentar a apropriação da vocação cristã em fazer o bem e em gerir mudanças dos paradigmas tradicionais do sentido de ser e estar no mundo.

A esperança do tempo vindouro, prometido por Deus, é o estímulo para buscar os sinais do reinado em todas as dimensões da vida. A bíblia e a confessionalidade se tornam fontes de discernimento e orientação para o exercício do sacerdócio geral. O ser humano é estimulado pela fé cristã a desenvolver o seu potencial e a sua capacidade para promover um bem viver. Daí a inconformidade com situações que se colocam contrárias aos princípios ensinados por Cristo Jesus a respeito do reinado de Deus e da busca pela superação de sistemas que alimentam ações de destruição, ódio, exclusão, violência e morte.

Nas últimas décadas, as igrejas da América-Latina presenciaram a emergência de teologias e hermenêuticas teológicas que refletiram e impulsionaram novos olhares no fazer teológico. Esses novos pensamentos despertaram para a necessidade de uma fé cristã conectada com o cotidiano e com a realidade das pessoas em todas as suas dimensões. Abriram espaços para os diferentes saberes, o diálogo e a cooperação fundamentando a necessidade de exercitar a solidariedade e o cuidado. Incluíram aspectos inerentes à sustentabilidade, quando ainda não se tinha uma compreensão tão aprofundada dessa ideia. Dessa forma, contribuem para o desenvolvimento de uma hermenêutica da sustentabilidade.

Vislumbra-se que a sustentabilidade pode instigar um novo repensar tanto contextual, temporal como existencial estimulando novos processos na perspectiva da leitura de textos bíblicos e da confessionalidade, bem como de aspectos que

envolvem o fazer da tarefa missionária. Por outro lado, é preciso considerar que os próprios textos bíblicos e a confessionalidade luterana conduzem e fomentam à compreensão e à busca da sustentabilidade. Tem-se, portanto, um processo hermenêutico circular, contínuo, criativo e que acolhe novos olhares.

Ressalta-se que, nesse capítulo, foram mencionados exemplos bíblicos e aspectos da confessionalidade luterana memorando o prisma da sustentabilidade. Todavia, esses não esgotam a série de considerações que podem ser encontradas nas escrituras e nos escritos confessionais que associam e empoderam uma hermenêutica da sustentabilidade. Apenas, compõe-se de uma pequena amostra para fundamentar a pesquisa e auxiliar na leitura dos processos desencadeados no meio eclesial a respeito do debate da sustentabilidade.

Considera-se que as intencionalidades e os propósitos da missão de Deus e da sustentabilidade apresentam uma afinidade. Percebe-se que é preciso oportunizar esses novos olhares para conectar e construir uma ponte que permita uma fluidez fina entre as partes a fim de convergir em práticas sociais transformadoras que permitam a vida plena. Observa-se que as maiores dificuldades podem estar ligadas à necessidade de mudanças de mentalidade em relação à visão de mundo e da própria tarefa da igreja. Nesse sentido, doravante, postula-se explorar a contribuição da formação e da capacitação e como ambas fortalecem a ação e a participação.

A letra da música, Bíblia – Fonte de Vida, quer motivar a tarefa missionária na busca de um constante saber aprender, ser, conviver e fazer para articular a vida no dia a dia. Na intencionalidade da canção, encontra-se a esperança de que a vida pode melhorar e que, em conjunto, é possível aprender e ensinar a como bem viver.

1. Palavra de Deus, vamos estudar. Pra que a nossa vida possa melhorar.

Palavra de Deus, queremos viver, em grupo buscando, melhor entender.

Est.: /: Pois somos tua gente, Senhor, que aqui está reunida

buscando na Bíblia a fonte da vida.:/

2. Palavra de Deus quer ser nossa luz. Que nos ilumina por Cristo Jesus.

Palavra de Deus que é acalanto por termos a força do Espírito Santo⁵¹⁸.

⁵¹⁸ CHRISTMANN, Louraini. **Bíblia – fonte da Vida**. [Música não publicada]. A letra da música não se encontra publicada. Foi elaborada pela autora para ser cantada nos encontros de estudo bíblico no âmbito do Sínodo Rio Paraná há, aproximadamente, 13 anos.

4 CONTRIBUTOS DA FORMAÇÃO E DA CAPACITAÇÃO

Povo meu, escute o meu ensino; incline os ouvidos para o que eu tenho a dizer. Em parábolas abrirei a minha boca, proferirei enigmas do passado; o que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais e mães nos contaram. Não os esconderemos das nossas filhas; não os esconderemos dos nossos filhos; contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez. (Sl 78.1-4).

Através dos processos inerentes da arte de ensinar e de aprender, uma geração transmite a outra seus hábitos, costumes, saberes, valores, suas tradições, religiosidades e normas que, no conjunto, constituem um modo de viver e enxergar o mundo. Conforme os versículos bíblicos precedentes, a tradição oral é um elemento importante para as diferentes sociedades na preservação e na transmissão das memórias, das experiências e dos conhecimentos. Ela oferece à convivência humana a sabedoria oriunda da observação, da simplicidade, da reflexão e da profundidade do entendimento, do sentido da vida e da própria forma de convivência.

Rubem Alves lembra que “[...] as receitas de como ser humano têm de ser ensinadas, aprendidas, preservadas. E isto se faz através da linguagem”⁵¹⁹. Tão logo, a educação resulta da sabedoria acumulada ao longo dos tempos.

Do ponto de vista intelectual, não devemos menos à sociedade. É a ciência que elabora as noções cardeais, que dominam o pensamento: a noção de causa, de lei, de espaço, de número; noções de corpo, de vida, de consciência, de sociedade, etc. Todas essas idéias [sic] fundamentais se encontram perpetuamente em evolução: é que elas são o resumo, a rede de todo trabalho científico, justamente ao contrário de serem o seu ponto de partida, como Pestalozzi acreditava. Não concebemos hoje o homem [sic], a natureza, as coisas, o espaço mesmo - como os homens [sic] da Idade Média os concebiam; é que os nossos conhecimentos e os nossos processos científicos já não são os mesmos. Ora, a ciência é obra coletiva, pressupõe vasta cooperação de todos os sábios [sic], não somente de dada época, mas de todas as épocas que se sucedem na história.⁵²⁰

Na atual sociedade do conhecimento, que se caracteriza pela pesquisa, inovação e produção de informações, reafirmar esse entendimento e fortalecer os processos de uma aprendizagem contínua têm uma função fundamental para a construção de reflexões da realidade acerca da sustentabilidade e da missão da

⁵¹⁹ ALVES, 1980, p. 51.

⁵²⁰ DURKHEIM, 2011, p. 58-59.

igreja. Especialmente no que concerne à humanização das relações humanas e ambientais. Manifesta-se, portanto, que a educação e a ética são elementos fundantes da sociabilidade e “[...] articulam-se [sic], para a criação de hábitos individuais, para a tomada de decisão do sujeito, a fim de que haja efetiva integração à sociedade, ao ambiente comunitário ou organizacional e social”⁵²¹. Na perspectiva de Paulo Freire:

Educador e educandos [sic] (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes.⁵²²

Todo o ensino fundamentado na sustentabilidade fomenta a construção de um conhecimento que resulte em uma ação transformadora, não apenas informativa, tecnicista ou mecanicista. Ademais, considera o ser humano não como um objeto, mas, sim, como um sujeito que fala e vive a linguagem do amor, que é livre para pensar, se expressar, sentir, cuidar e realizar.

Para desenvolver indivíduos em direção à sustentabilidade, defendo que é importante fomentar uma aprendizagem que seja transformadora, não apenas informativa. A aprendizagem transformativa visa ‘mudanças não apenas no que sabemos, mas mudanças em como sabemos’ [...]; isto é, mudanças na epistemologia.⁵²³

Esse processo desestabiliza as certezas, permite um inquietar-se e uma abertura para sonhos e esperanças dentro de um mundo plural e diverso. Aprender a conviver com as crises oportuniza encará-las como fontes para a criatividade na construção dos processos de uma aprendizagem constante, adaptativa, que colhe a complexidade e cria sensibilidade social, que percebe o mundo a partir de uma relação mútua e interdependente⁵²⁴. Observa-se que a tarefa missionária e a sustentabilidade encontram conexão na práxis do amor como base de fundamentação e tem o intuito de favorecer a transformação social a que se propõem.

Cabe ressaltar que a abordagem a ser realizada a seguir, trata a respeito da educação de forma ampla e, ao mesmo tempo, com um olhar para a educação

⁵²¹ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 96.

⁵²² FREIRE, 1987, p. 36.

⁵²³ MARQUES, 2019, p. 168. *To develop individuals toward sustainability, I argue that it is important to foment learning that is transformative, not just informative. Transformative learning aims at ‘changes not only in what we know but changes in how we know’ [...] i.e., changes in epistemology.* (tradução nossa).

⁵²⁴ STRIEDER, Roque. **Educar para a iniciativa e a solidariedade**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 27-45.

informal que acontece no seio das comunidades eclesiais. No entanto, isto não impede de as reflexões apresentadas se apropriarem das ponderações realizadas em outros espaços educacionais tendo em vista a intenção da complementariedade e dos auxílios mútuos na construção do saber e do viver.

Doravante, portanto, abordar-se-á a dinâmica do ensinar e do aprender que se empreende nas perspectivas da sustentabilidade e da missão. Ressaltar-se-á o papel da formação contínua para a sustentabilidade e a tarefa missionária e da capacitação no fomento de processos de desenvolvimento transformador, de geração de líderes, de mobilização de pessoas e recursos e de gestão comunitária. Ademais, apresentar-se-á alguns estímulos da sustentabilidade para a tarefa missionária.

4.1 ARTE DE EDUCAR E DE APRENDER

A educação é uma atividade constitutiva do próprio ser humano. Como dizia Paulo Freire, refletir sobre educação é refletir sobre o ser humano, pois ele é sujeito da sua própria educação⁵²⁵. Ou seja, ele é o sujeito e, ao mesmo tempo, o objeto. É no encontro com a outra pessoa que o ser humano se conhece, amplia sua reflexão a respeito do mundo e reconhece e aceita a outra pessoa como uma igual. Com tais características, desenvolve-se os processos de conscientização, o exercício da liberdade e do empoderamento que visam a cidadania plena⁵²⁶.

A relação do ser humano com seus pares acontece no encontro e na convivência. Estes, por sua vez, estão pautados de acertos e equívocos oriundos dos comportamentos e do conhecimento subordinados aos valores e aos parâmetros que cada pessoa traz em suas experiências. É no diálogo e na escuta atenta entre as partes que se constrói as possibilidades de reconhecimento, aceitação, respeito, inclusão e resolução dos conflitos gerados pelas diferenças. O convívio comporta uma dinâmica mútua do ensinar e do aprender. Assim,

[...] uma abordagem adequada do problema contemplaria a necessidade de mudanças sociais, e a educação, ao invés de ser dirigida para a integração, deveria criar a consciência inquieta e crítica, que exatamente por ser

⁵²⁵ FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 39. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 33-34.

⁵²⁶ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 68.

desajustada teria as condições para pensar estas mesmas transformações.⁵²⁷

A interação do ser humano com o mundo abre caminho para a humanização numa percepção de que a responsabilidade é existencial e não intelectual. O que reforça a necessidade de uma mudança no paradigma da educação. Paulo Freire defende uma educação corajosa que propõe às pessoas uma reflexão sobre si mesmas, acerca do seu tempo, do seu papel, da sua responsabilidade, do seu próprio poder de refletir e de decidir e explicitar suas potencialidades⁵²⁸.

A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de nos voltarmos sobre nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e de reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão nebulosos e tênues quanto os nossos.⁵²⁹

A educação conduz o processo de um aprender e um ensinar contínuos onde a teoria e a prática se associam em um movimento de transformação que reflete na convivência⁵³⁰. Desse encontro, aflora o amor que, por sua vez, leva à cooperação e à realização mútua. Do contrário, é possível afirmar que os aspectos que limitam a aceitação destroem a convivência, destroem o humano⁵³¹. Rubens Alves afirma:

De fato, o homem [*sic*] só é homem [*sic*] porque vive em sociedade. [...] é a sociedade que nos faz sair de nós mesmos, que nos obriga a considerar interesses diferentes dos nossos, que nos ensinou a dominar os nossos ímpetos e instintos, a sujeitá-los a leis, a nos reprimir, privar, sacrificar, subordinar os nossos fins pessoais a fins mais elevados. Foi a sociedade que instituiu nas nossas consciências todo o sistema de representação que alimenta em nós a ideia e o sentimento da regra e da disciplina, tanto internas quanto externas. Foi assim que adquirimos o poder de resistir a nós mesmos, ou seja, o domínio sobre as nossas vontades, um dos traços marcantes da fisionomia humana, desenvolvido à medida que nos tornamos mais plenamente humanos.⁵³²

Uma educação voltada à humanização leva o ser humano a se apropriar, a se inteirar e refletir acerca da realidade. Esse processo de empoderamento desencadeia significativas transformações sociais. Para Humberto Maturana e Francisco Varela, a

⁵²⁷ ALVES, 1980, p. 75.

⁵²⁸ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 80.

⁵²⁹ MATURANA; VARELA, 1995, p. 67.

⁵³⁰ PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 81-82.

⁵³¹ MATURANA; VARELA, 1995, p. 67 e 263.

⁵³² DURKHEIM, 2011, p. 58-59.

interação com o meio é algo natural do ser humano e funciona como elemento seletor de mudanças estruturais⁵³³.

Todo movimento educacional traz em si uma intencionalidade que é determinada pela disposição interna e pelos valores que a pessoa preserva e quer compartilhar. Nos mais diferentes âmbitos, ser uma pessoa educadora é sentir-se vocacionada a ser agente de iniciativas e a cooperar para a construção de teias que tornam possível o mundo humano. O amor e a paixão são elementos que descobrem o sentido de vida e permitem criar novos mundos. Em outros termos, permitem sonhar e criar novas realidades pautadas nestes fundamentos⁵³⁴.

A ação de educar é um processo presente, recíproco e contínuo na convivência. Ela pode influenciar e transformar a maneira de viver e de conviver quando leva a pessoa a refletir sobre a sua realidade e como pode contribuir com o mundo. A pessoa não precisa saber tudo. Mas, se ela aprende a ter uma postura reflexiva, ela também apreende a conhecer e respeitar o mundo e a si mesma, o que abre a perspectiva de aprender a fazer qualquer coisa. O âmbito eclesial assinala:

A tarefa de educar é mandamento que provém de Deus: ‘Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te’ (Deuteronômio 6.6-7). É no convívio familiar que se ensinam e lembram os grandes feitos de Deus, mantendo e fortalecendo a confiança no Deus libertador. Ensinar os mandamentos, fazer discípulos e evangelizar é um processo educativo que mantém viva a memória da ação divina e atualiza valores e princípios orientados na fé em Deus.⁵³⁵

Consequentemente, essa forma de educar não promove a competição, a ganância e a exploração, mas leva à responsabilidade e à liberdade que são agentes de transformação do mundo. O progresso da humanidade está em saber compreender o mundo natural e o educar serve para recuperar a harmonia fundamental que rege a convivência⁵³⁶.

A educação é essencial para o desenvolvimento, pelo seu valor intrínseco, na medida em que contribui para o despertar cultural, a conscientização, a compreensão dos direitos humanos, aumentando a adaptabilidade e o sentido da autonomia, bem como a autoconfiança e a auto-estima [sic].⁵³⁷

⁵³³ MATURANA; VARELA, 1995, p. 136.

⁵³⁴ ALVES, 1980, p. 11.

⁵³⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 14-15.

⁵³⁶ MATURANA, (©1995), on-line.

⁵³⁷ SACHS, 2008, p. 39.

Maria Cândida Moraes assinala que a educação deve ser focada no sujeito, nas inteligências múltiplas, na valorização dos processos de aprendizagem, na perspectiva do coletivo, do contexto, das interações sociais, da dimensão espiritual e da visão ecológica. É preciso ampliar espaços de convivência e aprendizagem em que o conhecimento transite de forma livre, as tecnologias sejam utilizadas para ampliar as redes do saber/aprender, a equidade possa representar qualidade e que o compromisso com o futuro esteja contemplado⁵³⁸.

Algumas tarefas pertinentes e impostergáveis são desafiadoras na arte de educar para conciliar conhecimentos e vida cotidiana. Alguns destes alicerces estão em: criar consciência coletiva; gerar processos centrados em pessoas e experiências que tenham sentido, criatividade e fluidez; capacitar; qualificar; habilitar para a construção de novos significados e novas ações aptas para enfrentar processos constantes de mudanças; potencializar atos criativos e validados humanamente; pautar a participação e a continuidade de processos; priorizar a educação; mudar mentalidades; aproveitar a condição de ser sociedade aprendente; criar condições para a equidade; viabilizar formação ao longo da vida; promover acesso às oportunidades de experiências de aprendizagem; promover situações de aprendizagem a partir da convivência e da fluidez para tornar os processos prazerosos e nem sempre predefinidos⁵³⁹.

Importa, então, superar o paradigma instrumentalista que emergiu de uma visão mecanicista, compartimentada e reducionista. O qual defende que o conhecimento objetivo se adquire de fora para dentro sem a participação do sujeito e enfatiza a concepção dualista que, dentre outras questões, separa a ciência do senso comum. A noção de que esse pensamento fragmentou todas as dimensões da vida, leva ao entendimento de que é necessário religar novamente as dimensões e lembrar que o ser humano é humano⁵⁴⁰.

É um convite às práticas educativas, para que abandonem as visões simplistas, regimentais, metafóricas e imutáveis da vida, da sociedade e das

⁵³⁸ MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Barcelona: Universitat de Barcelona, [s.d.]. p.1-22. p. 15-17. Disponível em: http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf. Acesso em: 25 nov. 2011. Segundo a autora: “[...] reconhecemos o Paradigma Educacional que emerge desta construção teórica como sendo de natureza construtivista, interacionista, sócio-cultural [sic] e que precisa *aproxima* e transcendente”. p. 17.

⁵³⁹ STRIEDER, 2004, p. 180.

⁵⁴⁰ MORAES, [s.d.], p. 6-7.

‘coisas’ do universo. É um convite para uma reflexão mais profunda, para um olhar em rede em direção à grande teia de como a vida se organiza, de como a vida acontece, qual a sua relação com a ordem, com a desordem, do quanto quer ser mais completa, mais digna e mais construível. É um convite à vida e vida auto-organizativa. É um convite a todos os seres aprendentes, sejam eles máquinas ou vivos.⁵⁴¹

O exercício relativo ao aprendizado e à prática do amor coloca em xeque a educação que está voltada para analisar, com vigor, o objeto investigado negligenciando os valores humanos. Segundo Roque Strieder “[...] a aprendizagem é um processo do qual o ser humano faz parte como corporeidade sem os bloqueios sintomáticos do puro mentalismo”⁵⁴².

Em se tratando de questões valorosas desenvolvidas dentro dos processos de aprendizado, é legítimo afirmar fatores como: a política, a construção de novos mundos e a ação que decorre da utopia e da esperança. Essas, nascem do amor e provocam o amor. Isso significa participar que a ação, quando está misturada ao amor e à criatividade, traz à existência aquilo que não existe⁵⁴³ e junto consigo um potencial transformador da realidade.

O amor dá sentido ao ensino e à aprendizagem. O amor move-nos a querer aprender mais para servir melhor. É o amor de Deus pelo mundo que nos educa para viver em comunidade e ensina-nos a responder a quem pede a razão de ainda termos esperança. Missão e educação cristãs são carregadas pelo amor de Deus pelo mundo.⁵⁴⁴

Nos processos de ensino aprendizagem, faz-se necessário desenvolver a consciência humana e não apenas as habilidades imediatas relacionadas às necessidades do sistema econômico e político e de curto prazo. Do contrário, a maior parte das pessoas sofrerá de irrelevância⁵⁴⁵. Situação que ocorre quando os seres humanos são vistos e considerados como peças de máquinas descartáveis ou quando os recursos naturais são explorados sem o menor cuidado levando à sua finitude. Para Edgar Morin: “Ensinar não é se concentrar nos saberes quantitativos, nem privilegiar as formações profissionais especializadas, é introduzir uma cultura de base que implica o conhecimento do conhecimento”⁵⁴⁶.

⁵⁴¹ STRIEDER, 2004, p. 237.

⁵⁴² STRIEDER, 2004, p. 295.

⁵⁴³ ALVES, 1980, p. 62.

⁵⁴⁴ PINTO, 2008, p. 60.

⁵⁴⁵ HARARI, 2018, p. 100-101.

⁵⁴⁶ MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 18.

A práxis educacional ainda está centrada no conhecimento e pouco nos valores e na participação. Seria de grande valia para a sociedade, se o campo educacional favorecesse e incentivasse o apoio ao conhecimento do conhecimento, estivesse aberto e estimulasse às perguntas sobre o mundo, o ser humano e o próprio conhecimento. Práticas assim poderiam gerar consciência da condição humana, novos conhecimentos e preparar as pessoas para a resiliência e a continuidade do desenvolvimento das autonomias individuais, das participações comunitárias, dos sentimentos de pertencimento à espécie humana e da vontade de realizar cidadania. Ainda, segundo Edgar Morin: “Precisamos doravante aprender a ser, a viver, a dividir e a comunicar como humanos no planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos”⁵⁴⁷.

Liberdade e democracia pressupõem o exercício pleno da consciência individual e das possibilidades de acesso aos valores disponíveis em determinado momento da história de uma sociedade. Daí a implicação da educação em geral como meio de acesso à humanização e, em particular, da educação formal como meio de acesso à cidadania.⁵⁴⁸

A educação tem o papel de viabilizar os processos de conscientização quanto à realidade e aproveitar os princípios do mundo natural para orientar e chamar à prática da cidadania responsável. Porque quanto mais se reconhece e se conhece, maior é o comprometimento com a realidade. Como diria Edgar Morin, a educação deve permitir que essa tomada de consciência da terra pátria se traduza “[...] em vontade de realizar a cidadania terrena”⁵⁴⁹.

Através das relações, o ser humano se comunica e dinamiza o mundo por ser sujeito do seu agir. Sendo que uma postura empática no diálogo, é nutrida de amor, solidariedade, humanidade, esperança, fé e confiança⁵⁵⁰. Isso significa participar ativamente na produção social da vida das pessoas⁵⁵¹.

Desejando melhorar a sociedade, o indivíduo deseja melhorar a si próprio. Por sua vez, a ação exercida pela sociedade, especialmente através da educação, não tem por objeto, ou por efeito, comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário engrandecê-lo e torná-lo

⁵⁴⁷ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011. p. 66. “Devemos compreender que, na busca da verdade, as atividades auto-observadas devem ser inseparáveis das observadoras; as autocríticas, inseparáveis das críticas; os processos reflexivos, inseparáveis dos processos objetivação”. p. 29.

⁵⁴⁸ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 151.

⁵⁴⁹ MORIN, 2011, p. 18.

⁵⁵⁰ FREIRE, 2018, p. 40, 82-83 e 93.

⁵⁵¹ STRIEDER, 2004, p. 352.

criatura verdadeira humana. Sem dúvida, o indivíduo não pode engrandecer senão pelo próprio esforço. O poder do esforço constitui, precisamente, uma das características essenciais do homem.⁵⁵²

A busca por humanidade nas relações evoca a dinâmica do amor constitutiva do ser humano desde a sua biologia. A educação, ao integrar o ser humano ao meio, promove a humanização, a conscientização, a liberdade, o empoderamento e o acesso à cidadania. Nesse sentido, a educação pode ser considerada o fundamento da sustentabilidade e da tarefa missionária da igreja.

O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.⁵⁵³

A UNESCO aponta para as competências da educação com vistas à formação continuada ao longo da vida: “[...] aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver juntos”⁵⁵⁴. Leonardo Boff acrescenta o aprender a conviver, pois compreende que essas competências não são mais suficientes e que cada saber e cada instituição tem a sua contribuição no aspecto da emancipação do ser humano e da ação transformadora necessária provenientes da ética, da responsabilidade e do cuidado⁵⁵⁵. Cabe ressaltar que, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), afirma a educação integral e

[...] indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem ‘saber’ (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem ‘saber fazer’ (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho).⁵⁵⁶

⁵⁵² DURKHEIM, 2011, p. 56.

⁵⁵³ FREIRE, 1987, p. 55.

⁵⁵⁴ DELORS, Jacques (org.). **Um tesouro a descobrir**. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: 06 dez. 2021. p. 31-32. O documento afirma que: “[...] a educação ao longo da vida implica, diretamente, o conceito de “sociedade educativa”: nesta sociedade, são oferecidas múltiplas oportunidades de aprender, tanto na escola quanto na vida econômica, social e cultural. Daí, a necessidade de multiplicar as negociações e as parcerias com as famílias, o meio econômico, o mundo associativo, os atores da vida cultural etc.” p. 34-35.

⁵⁵⁵ BOFF, 2016, p. 172 e 175.

⁵⁵⁶ BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. p. 13. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

As competências do futuro, segundo Leo Fraimann, estão relacionadas aos seguintes aspectos: a) organização: planejamento baseado na missão, na visão e em valores; b) cognição de alto nível: habilidades como aprender continuamente, ter foco, especializar-se em alguma área, pois quem não tem projeto de vida fica refém do projeto de morte; c) conhecimento digital: isso incluir saber desligar o computador e diversificar as atividades; e d) humanidade: fazer o que dá significado à vida. O palestrante afirma ainda que ser humano é saber fazer escolhas, ter humildade e valores e viver com moderação. Conclui que, no contexto das novas tecnologias educacionais, a memória é um elemento importante para desenvolver a criatividade, a inteligência e a imaginação. Isso requer um equilíbrio entre a tecnologia e o conhecimento milenar, pois tecnologia é ferramenta e não o fim⁵⁵⁷.

Yuval Noah Harari menciona que especialistas tem alertado para aspectos que devem ser ensinados na contemporaneidade, tais como: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. O foco da educação deveria ser as habilidades que ensinam a viver bem, a adaptação às mudanças constantes, a resiliência, a aprender a aprender e a manter a estabilidade emocional durante situações não familiares. Para os próximos anos, será necessário o indivíduo reinventar-se múltiplas vezes o que exigirá flexibilidade mental, equilíbrio emocional e conhecimento do seu sistema operacional, na perspectiva do dito “conheça a si mesmo”⁵⁵⁸. As consequências da Covid19 que o mundo vivenciou nos últimos anos confirmam a visão do autor quanto as habilidades requeridas na atualidade.

Num mundo assim, a última coisa que um professor precisa dar a seus alunos é informação. Eles já têm informação demais. Em vez disso, as pessoas precisam de capacidade para extrair o sentido da informação, perceber a diferença entre o que é importante e o que não é, e acima de tudo combinar os muitos fragmentos de informação num amplo quadro do mundo.⁵⁵⁹

Sem dúvida que a atual crise civilizatória requer uma educação que exerça o papel de ajudar as pessoas a enfrentarem os problemas da vida. É preciso ensinar a compreender a outra pessoa, a consciência de pertencimento e o enfrentamento ao erro e a resistência para manter a ideia de fraternidade e economia solidária. Para tanto, tornar-se relevante o diálogo entre a cultura humanística e a científica

⁵⁵⁷ FRAIMANN, 2021. (Palestra).

⁵⁵⁸ HARARI, 2018, p. 323-329.

⁵⁵⁹ HARARI, 2018, p. 322.

resguardando todos os saberes. E, diante do chamado *homeschooling*⁵⁶⁰, é preciso lembrar que a escola fornece um aprendizado coletivo e fomenta relações concretas, portanto é um espaço de convivência e de tecer relações.

Edgar Morin aponta que é ilusão pensar em um mundo totalmente harmonioso, porque as relações são estabelecidas num misto de ordem e desordem, entre diferentes formas e conflitos⁵⁶¹. É preciso acreditar que o mundo pode ser melhorado a partir de uma convivência baseada na construção de consensos que prezam por valores éticos.

Uma nova visão da educação tem sido tecida pelas pesquisas multidisciplinares e transdisciplinares que integram todas as dimensões da vida planetária. Espera-se uma postura que contemple e seja capaz de capacitar o ser humano e, conseqüentemente as entidades sociais, para assumir a responsabilidade do cuidado pela criação e do fomento de iniciativas que contemplem o bem-estar no presente e no futuro valorando a convivência, a cooperação e a solidariedade.

Todo complexo tecnológico da sociedade da informação, as ciências da vida, a proposta da complexidade, a transdisciplinaridade e a concepção rizomática são um convite para compreender melhor o que acontece em nossa vida e questionar o sentido perverso da pretendida supremacia humana entre os seres vivos e da supremacia do mercado. Elas abrem um novo leque para entender a complexidade auto-organizativa [sic] da corporeidade viva, que anseia pelo abraço socializando e por realizações prazerosas.⁵⁶²

Uma reflexão mais profunda sobre o próprio viver e o conviver é parte relevante no processo de transição para uma mudança de mentalidade no qual os processos de aprendizagem são essenciais. Como diria Paulo Freire: “[...] a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude”⁵⁶³. A educação deveria formar o ser humano com capacidade para enfrentar os desafios sociais e assim interferir “[...] na dinâmica social da realidade de participação existente em data situação social”⁵⁶⁴. Eis aí a base da contribuição das discussões em torno da sustentabilidade e da missão eclesial. Dadas as referências básicas do campo

⁵⁶⁰ Modelo de educação onde o ensino e o aprendizado acontecem em casa e não mais na escola.

⁵⁶¹ MORIN, Edgar. O papel da educação em tempos de crise. **Prosa, Verso e Arte**, Rio de Janeiro, 2019. Entrevista concedida a Audrey Furlaneto. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/resistir-as-incertezas-e-parte-da-educacao-diz-edgar-morin/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

⁵⁶² STRIEDER, 2004, p. 114.

⁵⁶³ FREIRE, 2021, p. 123.

⁵⁶⁴ SOUZA, 2014, p. 102.

educacional, passa-se a explorar a interação entre educação e os âmbitos da sustentabilidade e da missão.

4.1.1 Educação na sustentabilidade

A educação tem a função de organizar as comunidades humanas, integrando-as aos ambientes social e natural e induzindo-as ao desenvolvimento⁵⁶⁵. E, nesse sentido, não há dúvidas de que a educação se torna base para o desenvolvimento de sociedades democráticas⁵⁶⁶, pois se constitui de um processo contínuo de humanização e de construção da cidadania que são imprescindíveis para o campo da sustentabilidade. Ao seu lado, a ética ocupa um papel fundamental na sociabilidade das comunidades humanas⁵⁶⁷. Em face dessa discussão, pode-se afirmar que:

A estrutura de sustentabilidade inclui componentes com enorme potencial ético e político para o fortalecimento e articulação de grupos de cidadãos, tais como: a concepção de pessoas - homens e mulheres - como sujeitos de direito; coerência entre concepções do público e do privado no quadro do 'bem comum'; coerência entre equidade e democracia nas áreas de convivência social, entre gêneros e gerações, entre culturas e territórios. Ele também contribui com uma nova crítica para paradigma patriarcal, autoritário no político, dominante nas concepções de desenvolvimento e tecnocrático na concepção do futuro.⁵⁶⁸

Abordar a temática educação na sustentabilidade⁵⁶⁹ demonstra que a questão não está endereçada ao currículo escolar formal. Mas, diz respeito à cultura desenvolvida pela escola e pela sociedade. A sustentabilidade não pode ser mais um tema a ser tratado e ser vinculado tão somente às questões ambientais. Seus princípios devem perpassar todos os âmbitos do ensino-aprendizagem, pois dizem

⁵⁶⁵ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 133. O autor faz uso do termo 'comunidades humanas' por elas serem concretas enquanto que, 'humanidade' é um constante vir a ser.

⁵⁶⁶ ALVES, 1980, p. 77.

⁵⁶⁷ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 95-96.

⁵⁶⁸ LARRAÍN, 2004, p. 7. *El marco de la sustentabilidad contempla componentes de enorme potencial ético y político para el fortalecimiento y articulación de las agrupaciones ciudadanas, tales como: la concepción de las personas - tanto hombres como mujeres - como sujetos de derecho; la coherencia entre las concepciones de lo público y lo privado en un marco de 'bien común'; la coherencia entre la equidad y la democracia en los ámbitos de la convivencia social, entre los géneros y las generaciones, entre las culturas y los territorios. También aporta con una nueva crítica al paradigma patriarcal, autoritario en lo político, dominante en las concepciones de desarrollo, y tecnocrático en la concepción de futuro.* (tradução nossa).

⁵⁶⁹ Abordar-se-á "educação na sustentabilidade" para evitar o risco eminente de instrumentalizar a sustentabilidade ao referir-se à "educação para a sustentabilidade". E, principalmente, para estimular as mudanças educacionais qualitativas necessárias aos novos tempos respondendo a intencionalidade do ensinar e do aprender com o propósito de internalizar e vivenciar os princípios da sustentabilidade.

respeito à harmonização das relações humanas e ambientais que desponta uma nova visão de mundo baseada na ética do respeito, da cooperação e da solidariedade.

Estou convencido de que a sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação remova seus velhos sistemas, fundados [sic] em princípios e valores competitivos, e introduza uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares, a fim de serem mais cooperativas e menos competitivas.⁵⁷⁰

Educar na perspectiva da sustentabilidade é desenvolver um paradigma holístico e sistêmico. Significa considerar os princípios das relações, das conexões e do contexto que contrariam as ciências exatas e a educação tradicional ocidental e que, por outro lado, ensina que a natureza sustenta e cria a vida. Por meio da teoria dos sistemas podem ser considerados os conceitos de rede, sistemas aninhados, interdependência, diversidade, ciclos, fluxos, desenvolvimento e equilíbrio dinâmico. A aplicabilidade desses conceitos envolve várias mudanças em pontos de vista como: das partes para o todo; do objeto para as relações; do conhecimento objetivo para o conhecimento contextual, da quantidade para a qualidade; da estrutura para o processo; do conteúdo para os padrões⁵⁷¹.

Esse novo pensar a educação significa oportunizar uma formação contínua e crítica tanto na educação formal, informal e não-formal. Ademais contempla os prismas de viver em redes cooperativas, de valorizar a diversidade, de ter consciência planetária, de pensar e agir na perspectiva cósmica, de compreender o poder como serviço⁵⁷². Entre alguns

[...] princípios pedagógicos, saberes e valores de uma cultura de paz e da sustentabilidade e de uma educação voltada para o futuro podemos destacar: **Educar para pensar globalmente** [...]. **Educar os sentimentos** [...]. **Ensinar a identidade terrena** [...]. **Formar para a consciência planetária** [...]. **Formar para a compreensão** [...]. **Educar para a simplicidade voluntária** e para a **quietude**.⁵⁷³ (grifos do autor).

Para favorecer uma evolução na perspectiva da sustentabilidade, necessita-se de uma educação transformadora baseada nos processos de aprendizagem social e de diálogo. Esta aprendizagem desafia a interação favorecendo a inovação e o surgimento de novas formas de conhecimento. Colabora o pensamento sistêmico que propicia o desenvolvimento da resiliência, da perspectiva de alternativas, das

⁵⁷⁰ GADOTTI, 2008, p. 39.

⁵⁷¹ CAPRA, 2006, p. 48-49.

⁵⁷² GADOTTI, 2008, p. 107-108.

⁵⁷³ GADOTTI, 2008, p. 75.

conexões, das inter-relações, do convívio com as incertezas. O diálogo, por sua vez, constrói associações, conexões, vínculos e relações e estimula a interação e a partilha de saberes criando “[...] contexto onde a riqueza do pensamento coletivo possa se expressar”⁵⁷⁴.

Quando formos capazes de construir *sistemas de relacionamento* que promovam o intercâmbio de modelos mentais, desejos, valores e sentimentos com a mesma eficiência com que hoje transacionamos *coisas*, estaremos mais próximos de construir sociedade que aprendem e evoluem na perspectiva da sustentabilidade.⁵⁷⁵ (grifo do autor).

Maria Lídia Bueno Fernandes afirma a necessidade de construir metodologias para uma educação na perspectiva da sustentabilidade. Ela reforça a relevância da ação e mediação de educadoras e de educadores nesse processo:

Os anais que são sustentação teórica à construção de uma Educação para a Sustentabilidade apontam que os educadores [*sic*] devem ser eficientes no sentido de promover oportunidades em que os alunos e alunas desenvolvam uma visão sobre o significado de um futuro sustentável. Além disso, os educadores [*sic*] devem proporcionar oportunidades para os alunos e alunas adquirirem o conhecimento, habilidades, atitudes e experiências, que os conduzirão a esse futuro.⁵⁷⁶

O desenvolvimento e a multiplicação de novas práticas pedagógicas requerem um olhar ético, integrador e abrangente para fortalecer o acesso à informação e à educação integradora. Salienta-se que o contato com essas práticas forma novas mentalidades, conhecimentos e comportamentos, gera mudanças ao auxiliar na compreensão da complexidade dos processos e promove reflexões que resultam em responsabilidade e engajamento.

As práticas educativas têm apontado para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento e atitudes, desenvolvimento

⁵⁷⁴ MONTEIRO, Fernando. Aprendizagem social e educação para a sustentabilidade. In: MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. **Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora**. 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 27-65. p. 27-28; 44-45; 49. “Aprendizagem social procura lidar com conflitos, valores e crenças, relações de forma complexas e dinâmicas políticas que se manifestam - ou se manifestam de modo diferente – em organizações. Portanto, aprendizagem social é mais do que simplesmente participação ou aprendizagem em grupo. Envolve uma compreensão dos limites institucionais e dos mecanismos de governanças existentes”. p. 29.

⁵⁷⁵ MONTEIRO, 2011, p. 63.

⁵⁷⁶ FERNANDES, Maria L. Bueno. O estudo do meio como intervenção pedagógica. In: MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. **Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora**. 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 67-108. p. 76.

de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos [sic]. Isso desafia a sociedade a elaborar novas epistemologias.⁵⁷⁷

O papel da educação está em articular e potencializar as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) junto à esperança de que a sustentabilidade suscita para mobilizar a transformação social a partir do sonho do bem viver e de boas práticas. Assim, a sustentabilidade torna-se um imperativo histórico e existencial tal qual a esperança⁵⁷⁸ e as boas práticas se relacionam com o agir ético de um modo de ser e viver. Ainda segundo o autor “[...] a educação sustentável não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o *sentido* mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana”⁵⁷⁹.

Os principais referenciais teóricos apontam para matrizes alternativas de integração do conhecimento que superem o paradigma dualista, e enfatizam a complexidade e a interdisciplinaridade como elemento constitutivo de um novo pensar sobre as relações sociedade-natureza. A premissa que norteia o paradigma proposto é o diálogo de saberes e uma orientação para formar as gerações atuais, não somente para aceitar as incertezas e o futuro, mas para gerar um pensamento complexo e aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir em um processo contínuo de novas leituras e interpretações, configurando possibilidades de ação e emancipação.⁵⁸⁰

A visão sistêmica oportuniza que, diante dos problemas e das posturas individuais divergentes, construa-se consensos coletivos inovadores e orientados para soluções sustentáveis. Isso requer uma educação que oriente crianças, jovens e adultos para um novo modelo de civilização que seja capaz de transformar seu entorno e de gerar dinâmicas construtivas duradouras.

Para tanto, os processos devem ser multidisciplinares, colaborativos, estimuladores da resiliência e da capacidade para lidar com as limitações dos recursos naturais. Devem despertar para avaliação dos limites e das potencialidades nas tomadas de decisões conjugando ação e reflexão com transformação e desafiar

⁵⁷⁷ JACOBI, Pedro Roberto. Meio Ambiente, Educação e Cidadania: Diálogo de saberes e transformação das práticas educativas. In: MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. **Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora**. 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 7-25. p. 10-11.

⁵⁷⁸ GADOTTI, 2008, p. 14-15.

⁵⁷⁹ GADOTTI, 2008, p. 66. “O processo educacional pode contribuir para humanizar o nosso modo de vida”. p. 62.

⁵⁸⁰ JACOBI, 2011, p. 11-12.

para a canalização dos recursos financeiros existentes em ações sustentáveis. Tudo isso requer tempo, empenho, esforço integrado, organização e planejamento⁵⁸¹.

Essas percepções apontam para as reflexões de Edgar Morin e de Fritjof Capra e se assemelham com os discursos de outras pessoas citadas anteriormente como: Humberto Maturana, Ximena Paz Dávila Yáñez, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ana Cristina Campos Marques, Leonardo Boff, Angélique J. W. M. Van Zeeland. Ambas apontam para novos paradigmas que estão sendo construídos a partir de ideias que pontuam a pluri, a inter e a transdisciplinaridade, as incertezas científicas, as interconexões que acontecem nas redes de relações, seus ciclos, suas mudanças e suas transformações, a ética, a complexidade e a contextualização.

Fritjof Capra afirma que o desafio da sociedade atual é reconhecer que o ser humano ignorou e interferiu nos ecossistemas causando graves problemas mundiais e que se torna necessário compreender os princípios básicos da ecologia e viver de acordo com eles para mitigar e mudar essa situação. Esta deverá ser a competência básica a ser ensinada, com estratégias e metodologia diferenciadas, em todos os âmbitos da educação e estar presente como fundamento da ação política⁵⁸². Considerando que uma “[...] educação transformadora promove o entendimento sistêmico das alternativas de ação e possibilidades de solução”⁵⁸³.

Não é exagero dizer que a sobrevivência da humanidade vai depender da nossa capacidade, nas próximas décadas, de entender corretamente esses princípios da ecologia e da vida. A natureza demonstra que os sistemas sustentáveis são possíveis. O melhor da ciência moderna está nos ensinando a reconhecer os processos pelos quais esses sistemas se mantêm. Cabe a nós aprender e aplicar esses princípios e criar sistemas de educação pelos quais as gerações futuras poderão aprender os princípios e aprender a planejar sociedade que os respeitem e aperfeiçoem.⁵⁸⁴

⁵⁸¹ PEREIRA, Adriana Camargo; SILVA, Gibson Zucca da; CARBONARI, Maria E. Ehrhardt.

Sustentabilidade na Prática: fundamentos, experiências e habilidades. Valinhos: Anhanguera Publicações, 2011. p. 136-140.

⁵⁸² CAPRA, 2011, on-line. “Ao longo dos últimos 20 anos, eu e meus colegas do Center for Ecoliteracy, em Berkeley, desenvolvemos uma pedagogia especial, que chamamos “educação para uma vida sustentável” com o objetivo de promover a alfabetização ecológica e o pensamento sistêmico na educação primária e secundária. Crianças, assim como adultos, passam por certas fases de desenvolvimento. Tanto a linguagem utilizada quanto as estratégias pedagógicas devem ser apropriadas a essas fases. Em nosso trabalho no Center for Ecoliteracy, descobrimos que os princípios da ecologia precisam ser ensinados de forma completamente diferente na educação primária (entre 6 a 10 anos), secundária (entre 11 a 13 anos) e no ensino médio (dos 14 aos 17 anos). E promover a alfabetização ecológica no ensino superior e na educação contínua de profissionais também exige estratégias e metodologias diferentes”.

⁵⁸³ VOGT, (i2021), p. 9.

⁵⁸⁴ CAPRA, 2006, p. 57.

A educação na sustentabilidade abre janelas para uma convivência amorosa e transformadora, visto que a base das relações é o amor que se concretiza na aceitação, no reconhecimento e no respeito próprio e pelas outras pessoas. O contrário também pode ser dito, ou seja, a dor e o sofrimento provém da negação do amor. É na dinâmica relacional que se distingue o que se quer conservar para viver e a sustentabilidade refere-se à conservação das condições que possibilitam o viver, o habitar no mundo⁵⁸⁵. Jesus é exemplo daquele que leva a máxima realização, no ensino e na prática, o preceito sobre amar a pessoa próxima como a si mesmo. Ele institui a aplicabilidade da ética do amor.

Seguramente o desenvolvimento de práticas relacionadas à sustentabilidade requer espaços que formem indivíduos que compreendam a realidade de forma mais holística, integrada, inter e multidisciplinar e que instigue às pessoas a orientarem suas escolhas com base no bem à sociedade e à natureza. É preciso readequar as formas de ensinar e aprender favorecendo a liberdade, a autonomia, a disposição, a abertura às perguntas e às incertezas que são características do processo contínuo de mudanças que gera e dá continuidade à vida.

Novas formas de ensinar e aprender estão sendo abordadas, gestadas e experimentadas no campo da educação. Essa possibilidade decorre das necessidades contemporâneas que apontam para a emergência de um novo paradigma civilizatório que harmonize as relações humanas e ambientais. Dentro desse complexo processo em transição, pode-se afirmar que os valores e os princípios da sustentabilidade têm um papel relevante. Algumas dessas experiências serão apontadas na sequência. Cabe ressaltar que elas estão dispostas nessa pesquisa apenas para realçar alguns processos pedagógicos de aprendizagem sem, contudo, precisar detalhes sobre o seu desenvolvimento. Outrossim, é relevante apresentar antes a crítica que os autores Uaçai de Magalhães Lopes e Robinson Moreira Tenório fazem quanto à educação ambiental:

Os estudos que relacionam educação e sustentabilidade, o fazem, em geral, colocando como centro a questão ambiental. Tais análises pecam por reduzir o fenômeno educativo a um mandato ambientalista e reduzir o ambientalismo a um paradigma cartesiano-mecanicista, segundo o qual ambiente equivale a natureza. Nesse paradigma, a educação ambiental assumiu uma postura reducionista, ao tratar a crise ambiental como uma crise simplesmente ecológica. Surgem daí duas consequências: em primeiro lugar, o desprezo

⁵⁸⁵ MATURANA; DAVILA, 2004, p. 102 e 107.

pelas dimensões políticas, éticas e culturais da questão, o que acarreta uma visão fragmentada e acrítica da questão ambiental; e, em segundo, a utilização de metodologias não participativas, prescritivas e de baixa criatividade, ao tratar a população em geral e os moradores de comunidades como meros receptáculos de suas propostas 'ambientalmente corretas'.⁵⁸⁶

Seguindo na direção das novas experiências, tem-se o chamado saber ambiental. Uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida, propõe mudar a forma de conceber o conhecimento tido como disciplinar, simplificador e unitário. Instiga um conhecimento internalizado que valoriza o diálogo dos diferentes saberes, os conhecimentos ignorados pelas ciências, os conhecimentos práticos e tradicionais, a complexidade, a diversidade, as diferenças, a criatividade cultural e os valores éticos. Tem o intuito de promover um encontro de identidades e cooperar na construção de uma consciência sobre o ser e estar no mundo que leve à coerência do agir e à edificação de utopias coletivas e individuais para reconstruir a realidade restaurando a relação entre a vida e o conhecimento⁵⁸⁷.

Trata-se de uma educação que permite se preparar para a construção de uma nova racionalidade; não para uma cultura de desesperança e alienação, pelo contrário, para um processo de emancipação que permita novas formas de reapropriação do mundo e de convivência com os outros [sic]. Esse é o maior desafio da educação na atualidade: o da responsabilidade – a tarefa de coadjuvar este processo de reconstrução, educar para que os novos homens e mulheres do mundo sejam capazes de suportar a carga desta crise civilizatória e convertê-la no sentido da sua existência, para o reencantamento da vida e para a reconstrução do mundo.⁵⁸⁸

Na perspectiva da educação ambiental, o desafio está em educar para a cidadania responsável. Ou seja, para a participação, a abertura às mudanças, a ética e os valores. Sendo que uma educação assim “[...] se concretiza a partir da possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e se converter, portanto, em ator corresponsável na defesa da qualidade de vida”⁵⁸⁹.

Uma das metodologias utilizadas é a do aprendizado sequencial desenvolvida a partir da experiência com jogos e atividades ao ar livre. É considerada uma técnica que visa harmonizar o contato com o mundo natural e gerar atividades sensoriais e

⁵⁸⁶ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 133.

⁵⁸⁷ LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade ambiental e Diálogo de Saberes. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 3, n. 34, p. 17-24, set./dez. 2009. p.18-20.

⁵⁸⁸ LEFF, 2009, p. 21 e 24.

⁵⁸⁹ JACOBI, 2011, p. 20. “A problemática socioambiental, ao questionar ideologias teóricas e práticas, propõe a questão da participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis sob a ótica da sustentabilidade ecológica e a equidade social”. p. 22.

experiências profundas repletas de alegria e compreensão favorecendo uma aprendizagem significativa e internalizada. Ela contribui tanto para ampliar a intuição como para aumentar o conhecimento científico da natureza e fundamenta-se na proposição de amar, aceitar, caminhar juntos, transmitir encantamento e relacionar-se com o que há de melhor na outra pessoa⁵⁹⁰.

A Ecopedagogia ou Pedagogia da Terra é compreendida como um movimento pedagógico, uma abordagem curricular, ou ainda, um movimento social e político. Apresenta-se como um projeto alternativo para a promoção da aprendizagem a partir do sentido das coisas vivenciadas no cotidiano e como um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico. Enfatiza uma reeducação que contempla a formação para uma cidadania ativa, plena e democrática propiciando estratégias, propostas e meios que conduzam ao sonho utópico de mudanças nas relações humanas e ambientais⁵⁹¹.

O conceito de cidadania planetária fundamenta-se na visão de que o planeta é uma única comunidade. Ela expressa um conjunto de valores, princípios, atitudes e comportamentos que sustentam essa ideia. Seu empenho está em superar as desigualdades, eliminar as diferenças econômicas e integrar a diversidade cultural. Nesse sentido, sustenta-se que: “Cultura de sustentabilidade supõe uma pedagogia de sustentabilidade que dê conta da grande tarefa de formar para a cidadania planetária”⁵⁹².

Para nos dimensionar como membros de um imenso cosmos, para assumirmos novos valores, baseados na solidariedade, na afetividade, na transcendência e na espiritualidade, para superar a lógica da competitividade e da acumulação capitalista, devemos trilhar um caminho difícil. Nenhuma mudança é pacífica. Mas ela não se tornará realidade, orando, rezando o simplesmente pelo nosso puro desejo de mudar o mundo. Como nos ensinou Paulo Freire (1997), mudar o mundo é urgente, difícil e necessário. Mas para mudar o mundo é preciso conhecer, ler o mundo, entender o mundo, também

⁵⁹⁰ CORNELL, Joseph. **Vivência com a natureza 2**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008. p. 19, 26, 61, 172 e 175.

⁵⁹¹ GADOTTI, 2005, p. 19-21. “O Movimento pela Ecopedagogia ganhou impulso sobretudo a partir do Primeiro Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, organizada pelo Instituto Paulo Freire, com o apoio do Conselho da Terra e da UNESCO, de 23 a 26 de agosto de 1999, em São Paulo e do I Fórum Internacional sobre Ecopedagogia, realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal, de 24 a 26 de março de 2000. Desses encontros surgiram os princípios orientadores desse movimento contidos numa ‘Carta da Ecopedagogia’”. p. 25-26.

⁵⁹² GADOTTI, 2005, p. 23-24.

cientificamente, não apenas emocionalmente, e, sobretudo, intervir nele, organizadamente.⁵⁹³

Toda mudança implica em um caminho árduo a percorrer. A busca por sustentabilidade pressupõe mudanças no ser e no agir desde as percepções da realidade, os pensamentos e os valores. Decorre que a sustentabilidade e a missão imprimem um foco de luz sobre a educação. Elas oferecem prismas do desenvolvimento humano capazes de mover processos de empoderamento, encorajamento e de transformação social e ambiental.

Essas duas áreas são referências na promoção de propósitos que valorizam a vida. Dentre eles, pode-se citar: consciência ética; defesa da dignidade de todas as formas de vida; reaproximação do ser humano com a natureza; abertura e possibilidade de mudanças na teia que compõe a vida; aceitação e respeito; valorização da convivência, da participação, da sabedoria, de valores coletivos, da cooperação, da solidariedade e da justiça. Além desses elementos, articulam a contextualização, a problematização e o engajamento em práticas críticas à injustiça, à destruição, à exploração e ao pensamento único. Para Edgar Morin: “[...] a aspiração ao bem viver necessita do ensino de um saber-viver em nossa civilização”⁵⁹⁴. Eis um bom caminho para a sociedade que reflete e sonha com um mundo melhor.

4.1.2 Educação Cristã Contínua

Certamente a escola e a igreja, entre outros espaços, são facilitadoras dos processos de ensino aprendizagem e socialização de crianças, jovens e adultos. Admite-se também que as reflexões realizadas no âmbito da educação na sustentabilidade também aportam à sua relevância no âmbito da igreja. Há uma sintonia no horizonte dessas duas temáticas que conduzem o olhar para resguardar as práticas de ensinar e de aprender continuamente. Da esfera eclesial, faz-se saber:

As primeiras comunidades cristãs assumiram a missão de educar com muita coragem e criatividade (Atos 8.26-40). Desde então, a igreja prioriza a educação cristã, capacitando as pessoas para atuar na missão de Deus no mundo e para exercer plenamente o sacerdócio geral.⁵⁹⁵

⁵⁹³ GADOTTI, 2008, p. 71.

⁵⁹⁴ MORIN, 2015, p. 31.

⁵⁹⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 21.

É imperativo lembrar que Martinho Lutero contribuiu imensamente com a sociedade ao incentivar a criação de escolas, valorizar o aspecto lúdico e o ensino que contemple todas as dimensões da vida, propor novos conteúdos, a participação de meninos e meninas, a importância de se ter professoras e professores bem formados⁵⁹⁶. Ele amplia a responsabilidade da própria igreja como agente e espaço de um ensino que leve à reflexão bíblica em conexão com a realidade e a relevância de pais e mães para a educação cristã das crianças e jovens⁵⁹⁷.

Lutero traduziu a Bíblia e escreveu catecismos exatamente com o propósito de educar o povo cristão e conduzi-lo à maioria na fé (cf 1 Coríntios 3.1s). [...] Pessoa cristã deve saber por que crê e o quê. Em razão disso, formação teológica não é privilégio de uma classe especial, e, sim, causa popular. Ainda que a comunidade cristã não possa prescindir de especialistas, o que importa mesmo é a equiparação da comunidade para a militância e o testemunho cristão no mundo.⁵⁹⁸

O ato de educar na igreja fundamenta-se na observação de que toda a ação de Deus é por si só educativa. Ela tem por finalidade ensinar as pessoas a exercitarem boas relações e agirem com amor, cuidado e prudência (Dt 6.5-7; Is 48.17). Jesus foi reconhecido como um mestre sábio (Lc 2.52) aprendiz contínuo (Mt 15.21-28; Jo 4.7-41) e próximo a realidade das pessoas (Mc 6.33-34)⁵⁹⁹. Seus ensinamentos proclamaram o reinado de Deus e o convite à mudança de vida (Jo 7.14-17). Martinho Lutero também chamou sobre si a aprendizagem contínua na fé ao afirmar:

[...] sou doutor e pregador, [...] Não obstante, faço como uma criança a que se ensina o Catecismo: de manhã, e quando quer que tenha tempo, leio e profiro, palavra por palavra, o Pai-Nosso, os Dez Mandamentos, o Credo, alguns salmos, etc. Tenho de continuar diariamente a ler e estudar, e ainda

⁵⁹⁶ PIRES, Daiane. **Lutero: Muito Além da Religião**. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 50-53. Pode ser acessado por audiovisual em: PORTAL LUTERANOS. **Lutero: Muito Além da Religião – Episódio 8 – Educação é Direito de Todos**. 2017. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/lutero-muito-alem-da-religiao-episodio-8-educacao-e-direito-de-todos>. Acesso em: 08 dez. 2021.

⁵⁹⁷ LIVRO de Concórdia: As confissões da Igreja Evangélica Luterana, 1997, p. 365, 405-406.

⁵⁹⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. O “PROJETO IECLB”: Avaliações, controvérsias, propostas. In: HASENACK, Johannes Friedrich; BOCK, Carlos Gilberto (org.). **Avaliação da reestrutura da IECLB**. Blumenau: Otto Kuhr, 2006. Fóruns IECLB, 2 v. p. 30-47. p. 41-42.

⁵⁹⁹ “A educação cristã tem como referência a ação pedagógica de Jesus. Ele educava através de gestos e palavras. Partia da experiência de vida (João 4.1-30); contava histórias (Marcos 4.2); questionava leis, tradições e posições estabelecidas (João 8.1-11); recebia ou ia ao encontro das pessoas marginalizadas (Marcos 10.13-16; Lucas 19.1-10); caminhava com seus discípulos (Lucas 24.13-35) e tinha abertura para dialogar com as outras pessoas e delas aprender (Marcos 7.24-30). Também suas curas tinham aspectos educativos. Deixava as pessoas manifestarem sua vontade (Marcos 10.46-52); derrubava preconceitos (Marcos 5.25-34); valorizava a atitude de fé das pessoas (Marcos 2.1-12)”. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 20-21.

assim não me saio como quisera, e devo permanecer criança e aluno do Catecismo.⁶⁰⁰

A educação cristã, ao mediar a ação e a reflexão, oferece uma oportunidade de encontro entre Deus e o ser humano e do ser humano com seus pares e a natureza⁶⁰¹. Também cria conexões de sentidos, de significados e de vínculos que refletem diretamente nas relações interpessoais e ambientais.

Portanto, a educação cristã sempre precisa se compreender numa relação dialética, onde a reflexão parte da prática e retorna para ela; onde ambas, teoria e prática, se influenciam e se criticam mutuamente e onde não ocorre um distanciamento entre o teólogo [sic] e o pedagogo [sic] profissional, o educador [sic] com responsabilidades práticas mais imediatas e as pessoas que participam do processo educativo como educadores e educandos [sic]. A proximidade entre estes três grupos deve ocorrer de tal modo que não haja alienação de nenhuma das partes.⁶⁰²

Pontua-se, de forma breve e rasa, que a ciência pesquisou a respeito da inteligência espiritual e apontou uma área na região do cérebro como sendo o Ponto de Deus. Essa inteligência é desenvolvida pelo ser humano ao buscar equilibrar a razão e a emoção dentro do seu contexto vivencial e com base nas crenças, valores e princípios que dão sentido à sua vida. Seu objetivo é aprender a lidar com as situações de forma harmônica e não mais reativa frente as situações. A inteligência espiritual, está ligada diretamente a fé e as crenças que a pessoa desenvolve.

A educação cristã contínua vale-se de outras áreas do conhecimento para compreender os processos de desenvolvimento do ser humano. Logo, tende a abrir espaços para o diálogo interdisciplinar, a aceitação e o acolhimento da pessoa em seu próprio momento de fé e de vida para estimular o desenvolvimento da fé, dos dons e dos potenciais humanos. James W. Fowler afirma que a fé é interativa e depende de estímulos externos sendo fundamental para as relações sociais, a identidade e a formação de sentidos pessoais e culturais. O autor segue afirmando:

Creio que a fé é um universal humano. Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé. A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como somos recebidos no mundo ne do tipo de ambiente em que crescemos. A fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação. A fé também é moldada

⁶⁰⁰ LIVRO de Concórdia: As confissões da Igreja Evangélica Luterana, 1997, p. 388.

⁶⁰¹ WACHS, Manfredo Carlos. **O ministério da confirmação**: contribuição para um método. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1998. (Série Teses e Dissertações). p. 111.

⁶⁰² STRECK, Danilo R.; WACHS, Manfredo C. Educação cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. p. 245-267. p. 248.

por iniciativas que vêm de além de nós e de outras pessoas, iniciativas de espírito ou graça. A maneira pela qual essas iniciativas são reconhecidas e expressas em imagens, ou despercebidas e ignoradas, afeta poderosamente a configuração da fé em nossa vida.⁶⁰³

O desenvolvimento da fé decorre da forma com que a pessoa é recebida e interage no mundo. Ou seja, de como ela experimenta a confiança e o amor. A fé passa por diferentes fases de desenvolvimento. Em sua última fase, ela é universalizante e está relacionada a maturidade e não se fixando a uma determinada idade. Estando nela, a pessoa se percebe como parte de um todo, se engaja em comunidade, se compromete com a transformação da realidade, sabe lidar com as incertezas e tem clareza dos critérios que fundamentam as suas ações. Pessoas amadurecidas na fé são como profetizas que sonham, alimentam utopias e esperanças. Elas transformam crises e dificuldades em novas possibilidades⁶⁰⁴.

Tanto a FLM quanto a IECLB reafirmam o propósito histórico e a necessidade de acompanhar e orientar as pessoas ao longo da vida⁶⁰⁵. Ambas afirmaram contundentemente de que a formação cristã acompanha a vida como um todo e não se restringe a fase infanto-juvenil. Esse processo engloba todas as dimensões da vida humana e acontece no âmbito familiar e comunitário em um exercício do sacerdócio geral dentro de “[...] uma proposta de valorização dos dons de cada pessoa, da atuação em equipe e da integração de todas as pessoas na obra de Cristo”⁶⁰⁶.

Logo, o desenvolvimento da fé se relaciona com o que se ensina e se vivencia a partir da espiritualidade. Todavia, Josué Campanhã adverte para o fato de que, enquanto o nível educacional das pessoas membros da igreja aumenta, o conhecimento bíblico e eclesial tem diminuído. E, que “Por outro lado, representa uma

⁶⁰³ FOWLER, James W. **Estágios da Fé: psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 10.

⁶⁰⁴ FOWLER, 1992, p. 172-175. Segundo o autor, a partir da estrutura mental, pode serem observados os seguintes estágios da fé: Pré-estágio - lactância e fé indiferenciada; Estágio 1 - Fé intuitiva-projetiva; Estágio 2 - Fé mítico-literar; Estágio 3 - Fé sintético-convencional; Estágio 4 - Fé individual-refletiva; Estágio 5 - Fé conjuntiva; Estágio 6 - Fé universalizante. Vale ressaltar que o autor pontua que poucas pessoas chegam a última fase de desenvolvimento da fé que se caracteriza pelos aspectos da compaixão, do amor e da justiça. p. 103-178.

⁶⁰⁵ MARTINI, Romeu Ruben (org.). **Batismo e Educação Cristã: por uma vivência diária da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 6, 12 e 13.

⁶⁰⁶ SCHULTZ, Valdemar. Formação Cristã Continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. *In*: PONICK, Edson. **Ensino Confirmatório e Confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 12-20. p. 14-15.

igreja exigente, que não se conforma com qualquer coisa e que vai desejar cada vez mais organização e principalmente conteúdo em tudo o que é promovido”⁶⁰⁷.

Na IECLB, tanto o PAMI quanto o Plano de Educação Cristã Contínua (PECC) orientam a caminhada formativa das pessoas membros e estimulam a capacitação qualificada de lideranças⁶⁰⁸ com vistas ao sacerdócio geral. Destaca-se que uma das características essenciais do ser igreja é o compromisso com a educação cristã contínua nas diferentes fases da vida. Um processo que está “[...] ancorado teologicamente no Batismo e à serviço da missão de Deus no mundo”⁶⁰⁹. Nesse sentido, afirma-se que:

O objetivo do PECC é orientar, teológica e pedagogicamente, todas as instâncias da IECLB no planejamento de ações de educação cristã. É assim que ele se relaciona com o Plano de Ação Missionária (PAMI). Pois, no XXVI Concílio da Igreja em 2008, o PECC foi aprovado como instrumento para a operacionalização do eixo transversal educação cristã do PAMI. Embora esteja relacionado ao PAMI, o PECC o transcende, pois, além de ser instrumento de planejamento, ele oferece um referencial teológico e pedagógico para o processo educativo.⁶¹⁰

A educação cristã contínua objetiva capacitar para o exercício do sacerdócio geral. No entanto, previne-se que não há um modelo pronto ou uma metodologia única como referências para esse processo. Cada contexto precisa analisar a partir da sua realidade promovendo um diálogo entre o PAMI e o PECC para traçar uma estratégia própria. Contudo, alguns indicativos podem ser compartilhados, a saber:

Valorizar a experiência de vida das pessoas; Envolver todo o corpo; Despertar a capacidade criativa de cada pessoa; Humanizar a educação através da alegria; Dialogar com liberdade sobre dúvidas e perguntas; Servir ao próximo; Valorizar o processo e o caminho percorrido individualmente;

⁶⁰⁷ CAMPANHÃ, Josué. **Planejamento Estratégico:** como assegurar qualidade no crescimento de sua igreja. São Paulo: Hagnos, 2013. p. 318.

⁶⁰⁸ CONRAD, Débora R. Klesener; PONICK, Edson; VOIGT, Emilio (org.). **Educação comunitária:** manual de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 10.

⁶⁰⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 9. “As áreas temáticas do PECC apresentam temas de estudo que servem de base para o planejamento das ações de educação cristã. As quatro áreas temáticas – consideradas prioritárias no PECC – são Bíblia, confessionalidade, missão e contextos. Na área temática Bíblia, são apontados critérios que ajudam na leitura e interpretação da Sagrada Escritura. Na confessionalidade, são destacados critérios teológicos da confissão luterana. Na missão, são relacionadas as quatro dimensões da igreja missionária conforme o PAMI 2008-2012. Na área temática contextos, são apresentados temas do contexto social, político, econômico, cultural e religioso, que perpassam a vida pessoal e comunitária”. p. 29.

⁶¹⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011. p. 5. “Uma das referências do PECC são as Diretrizes da Política Educacional da IECLB, que oferecem princípios teóricos para a educação cristã na IECLB. Desse modo, também fica evidenciado que o PECC faz parte de um processo histórico”. p. 10.

Planejar as ações educativas de forma flexível e aberta; Avaliar a caminhada.⁶¹¹

Considerando que a vocação cristã torna a pessoa a agente da ação e não um objeto passível de manipulação, pode-se afirmar explicitamente que o ato de: “Educar para a missão de Deus desafia-nos a repensar o nosso jeito de viver. Educar para missão fortalece a confiança de que Deus nos dá diariamente o que necessitamos para viver e desperta para o serviço e a partilha”⁶¹².

A missão e a educação estão inter-relacionadas. A educação cristã acontece em função da missão, e, ao mesmo tempo, a missão é objeto de estudo da educação cristã. [...] é a forma de capacitar as pessoas para cooperar na missão de Deus e para exercer plenamente o sacerdócio geral.⁶¹³

Na edificação de processos educacionais na igreja, deve-se considerar os fatores da flexibilidade, do aprendizado integral, das diferentes dimensões e fases da vida e da corresponsabilidade pela aprendizagem na fé. Acolhe-se também no planejamento e na execução de ações educativas os quatro pilares da educação promovidos pela UNESCO para um desenvolvimento integral: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros [*sic*]; e, aprender a ser⁶¹⁴.

Toda ação educativa na igreja objetiva contribuir para tornar a vida das pessoas melhor e cooperar com o empoderamento, os valores cristãos, a ética e a participação social. O ponto decisivo é que a fé cristã com seu potencial transformador de relações não fique guardada e reduzida ao foro íntimo. E, sim, se espalhe pelas vivências cotidianas para que despertem movimentos que sonham e buscam um mundo mais amoroso e cuidadoso.

A prática da esperança permite olhar para além dos problemas e desencantos. Ela motiva e inspira a vivência de um projeto de vida digna e justa. Nesse sentido, esperança é atitude ativa, que exercita a promoção da dignidade humana e o serviço ao próximo (Romanos 12.12-14). Educar para a esperança é mostrar que ela é inspirada na ação de Deus entre nós e experimentada no testemunho de fé e de ações de justiça.⁶¹⁵

As práticas educacionais no âmbito da IECLB caracterizam o seu perfil educacional. A saber, catequese, ensino confirmatório, escola dominical, educação

⁶¹¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 60.

⁶¹² CONRAD; PONICK; VOIGT, 2011, p. 17.

⁶¹³ CONRAD; PONICK; VOIGT, 2011, p. 16-17.

⁶¹⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 28.

⁶¹⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 16.

popular e educação escolar (confessional e pública)⁶¹⁶. Acrescenta-se, ainda, o culto infantil, os estudos bíblicos, a formação e capacitação de líderes, o ensino que acontece no interior dos diferentes grupos comunitários e a educação teológica para o ministério com ordenação. No entanto, é preciso considerar que:

[...] uma educação contínua necessita de planejamento. Afinal, ninguém começa a construir pontes sem calcular primeiro como concluir o seu projeto. Educar é construir pontes entre as pessoas, buscando uma vida melhor para todas, promovendo vida em abundância. Essa também é uma forma de participar da missão de Deus.⁶¹⁷

Danilo R. Streck e Manfredo C. Wachs determinaram alguns referenciais pedagógicos para planejar a educação cristã. Dentre eles estão: o saber plural; a desconstrução de paradigmas; o aprender com a outra pessoa/cultura; a incorporação de novas formas de conhecer; o aprender a relacionar-se com o mundo; o empoderamento e a participação transformadora na história; e, a pedagogia da relação⁶¹⁸. Sublinha-se que:

O diálogo teologia-pedagogia contribui para que o processo de planejamento, execução e avaliação do ensino, no campo da educação cristã, possa ser refletido, inovado, reconstruído com vistas à formação de sujeitos que estão em permanente condição de aprendizes na fé cristã. A educação cristã tem como referência a ação pedagógica de Jesus.⁶¹⁹

A tarefa da instituição eclesial é criar e potencializar condições e espaços para que as pessoas possam desenvolver a sua fé e cooperar com a tarefa missionária. De igual modo, é preciso ressaltar que a educação cristã contínua se propõe a ser dinâmica e envolvente e a perpassar o cotidiano das pessoas comunicando e ensinando a viver o reinado de Deus na realidade que se apresenta.

Os diferentes grupos e programas de Educação Cristã das comunidades são espaços de aprendizagem, de socialização, de convivência e de encontro entre crianças, adolescentes e jovens e destes com toda a comunidade adulta. O desafio da Educação Cristã não se limita a uma só iniciativa ou à diversidade de ofertas de grupos de interesse, mas ao conjunto dos elementos que a constituem: a concepção pedagógica e teológica, a história tradicional, a prática e a cultura religiosa da comunidade e a proposta eclesiológica e missionária da igreja.⁶²⁰

⁶¹⁶ STRECK; WACHS, 1998, p. 255.

⁶¹⁷ CONRAD; PONICK; VOIGT, 2011, p. 13.

⁶¹⁸ STRECK; WACHS, 1998, p. 259-266.

⁶¹⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 20.

⁶²⁰ SCHULTZ, 2005, p. 19.

O diálogo da teologia e da pedagogia com a sustentabilidade pode influenciar nos conteúdos, nas práticas educativas e nos espaços de formação e capacitação. Ele ilumina e traz novos aspectos que podem ser correlacionados com a palavra bíblica e o contexto comunitário. Dessa forma, podem ampliar o potencial criativo ao empoderar as pessoas e os diferentes saberes existentes na comunidade.

O resultado colhido pela educação cristã contínua conectada a educação na sustentabilidade está relacionado com a legitimidade de uma igreja missional. Alguns fatores que envolvem esse processo são: a vivência da espiritualidade, a participação, a cooperação, o planejamento estratégico, o incentivo e a realização da tarefa missionária e a própria sustentabilidade. Para tanto, é preciso empoderar as pessoas para estimular o desenvolvimento comunitário e, assim, contribuir com a plenitude e a continuidade da vida planetária e fazer jus a função dada a partir da missão de Deus.

4.1.3 Empoderamento

O desenvolvimento das ações missionárias se deve em grande medida à formação e à capacitação contínuas. Mas, também, está ligada diretamente ao movimento das relações de poder. Essas relações são complexas, dinâmicas e exercidas em rede. É preciso considerar que ao mesmo tempo que o indivíduo exerce o poder também sofre a sua ação⁶²¹.

O exercício de poder conduz condutas, ordena probabilidades e está em constante elaboração, transformação, organização e dotação de procedimentos mais ou menos ajustados⁶²². E, reflete sempre uma intencionalidade. Muitas vezes, a intensão gera tensões nas relações sociais e eclesiais. Ao que cabe uma atitude dialogal, respeitosa e reconciliadora com base em consensos construídos a partir de uma prática democrática e evangélica com vistas ao bem da coletividade.

O processo de empoderar pessoas decorre de líderes que vivenciam a sua espiritualidade, valorizam pessoas e se abrem para o aprendizado mútuo e o desenvolvimento constantes. Isso requer pessoas que atuam em prol do empoderamento de pessoas e grupos que são silenciados costumeiramente e

⁶²¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 179-191. p. 183-184.

⁶²² FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 228-249. p. 267.

sistematicamente. O resultado dessas práticas cooperativas é o fomento de uma maior participação em espaços cada vez mais democráticos e cooperativos. Desse modo, observa-se que o empoderamento torna-se um caminho a ser continuamente fomentado e construído para conectar e criar participação e equidade nas relações. E, segundo Karen L. Bloomquist,

[...] isso exige resistir ao desejo tal como se tem construído e abrir-se para o surgimento de desejos alternativos, desejos que ligam o 'meu' bem com o bem dos demais [sic]. [...] ao invés de procurarem ser igrejas autossuficientes, buscar uma interrelacionalidade; trocar nossa força e conhecimento por mais vulnerabilidade; ter abertura para escutar e aprender dos outros [sic] e, mais ainda, permitir que sejamos transformados [sic] pelos que são diferentes de nós, em vez de falar e ensinar aos outros [sic], substituindo a arrogância do império e as teologias do sucesso pelas atitudes de humildade moldadas pela teologia da cruz.⁶²³

A questão do empoderamento em comunidades eclesiais está ligada diretamente à forma de atuação de líderes, o que leva à reflexão de que não basta receber formação e capacitação se o aprendizado não se aplica à convivência, ao exercício da liderança e à abertura para o novo e o diferente. Nelly P. Stromquist, ao abordar sobre o empoderamento de mulheres a partir da capacitação de lideranças, afirma ser este um processo que envolve os âmbitos cognitivo, psicológico, político e econômico. Observa ainda que:

Embora os programas de educação não formal nem sempre ofereçam a melhor combinação de experiências para promover o empoderamento total, os espaços sociais que eles criam, as atividades que promovem e a flexibilidade de que desfrutam para lidar com novos conhecimentos e as formas pelas quais são transmitidos estão contribuindo substancialmente para o surgimento de mulheres 'empoderadas' como indivíduos e grupos.⁶²⁴

Portanto, nota-se que nos espaços educativos e de convivência são fomentados, mesmo que indiretamente, o empoderamento de indivíduos e que isso

⁶²³ BLOOMQUIST, Karen L. Modos subversivos de ser igreja: enxergar, lembrar, conectar. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2017. p. 337.

⁶²⁴ STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empowering women. In: PARPART, Jane L. RAI, Shirin M.; STAUDT, Kathleen. **Rethinking Empowerment Gender and development in a global/local world**. Londres; Nova York: Routledge, 2002. p. 36. Disponível em: file:///D:/Dados/Downloads/dokumen.pub_rethinking-empowerment-gender-and-development-in-a-global-local-world-9780415277693-0415277698.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022. *"Though non-formal education programmes cannot always provide the best mix of experiences to foster thorough-going empowerment, the social spaces they create, the activities they promote and the flexibility they enjoy in dealing with new knowledge, and the forms by which it is conveyed, are contributing substantially to the emergence of 'empowered' women as individuals and groups"*. (tradução nossa).

resulta em uma ação participativa mais presente na comunidade ou mesmo na sociedade. A promoção de diálogo entre pessoas ou grupos e a construção de acordos e processos interativos são capazes de formar e capacitar pessoas ativistas, participativas, envolvidas em processos de sustentabilidade. Além do aspecto social, ressalta-se que há um ganho pessoal que reflete na diminuição das violências, oportuniza sentimentos de pertencimento, plenitude de vida e espírito de coletividade.

Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes.⁶²⁵

Destaca-se que a conceituação de empoderamento sofre com uma narrativa que contempla um esvaziamento conceitual e isso se deve em boa medida pela sua complexidade teórica e prática. Contudo, para esta pesquisa e com base na exposição de Joice Berth, considera-se a compreensão de que é um processo de tomada de consciência individual e ou social e de despertar dos dons e das potencialidades. Esse processo favorece o enfrentamento de práticas excludentes e discriminatórias de pessoas ou grupos em prol de uma participação política ativa visando à transformação social. Apesar do incentivo externo, ele ocorre em uma movimentação interna do indivíduo resultante do exercício da liberdade⁶²⁶. Portanto,

[...] quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.⁶²⁷

Todo o processo de empoderamento tem a intencionalidade de valorizar o indivíduo, os seus dons e as suas habilidades. No âmbito eclesial, além disso, objetiva-se o despertar das pessoas para a participação ativa na missão de Deus

⁶²⁵ BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais). p. 36.

⁶²⁶ BERTH, 2019, p. 24-32.

⁶²⁷ BERTH, 2019, p. 18. Segundo a autora, “[...] empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a ‘viciar’ ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários”. p. 18.

através da cooperação na tarefa missionária. Um chamado descrito em inúmeras passagens bíblicas, a exemplo de: Moisés (Êx 3-4); Miriã (Êx 15.20s); Josué (Js 1); Gideão (Jz 6); Jeremias (Jr 1); Pedro, Tiago e João (Lc 5.1-11).

Esse chamado também é relatado por inúmeras pessoas que foram convidadas a servirem em alguma função ou a participarem de algum grupo e se tornaram líderes em seu contexto eclesial e, até mesmo, social. Essas vivências demonstram a relevância da pessoa ser acolhida, incluída e empoderada no seio da comunidade cristã. O sacerdócio precisa ser incentivado, animado, sustentado e despertado continuamente. Além da confiança na ação do Espírito Santo, conta-se com pessoas que exercem uma liderança empenhada nessa tarefa.

4.2 AÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Tendo em vista que a dinâmica de ensinar e aprender é inerente à vida humana, ressalta-se que a intencionalidade é que vai determinar o seu desenvolvimento enquanto prática. Uma educação que respalda relações humanas e ambientais harmoniosas e cooperativas contribui conscientizando e capacitando as pessoas à transformação social na ação e participação. Constata-se que, tanto a conscientização, como a organização e a capacitação são partes de um mesmo processo que, no todo, formam o modo de participação que leva ao desenvolvimento comunitário, social e pessoal⁶²⁸.

A considerar que a educação na sustentabilidade e na fé cristã tem como base o amor e este gera o humanismo, cada processo que intenta motivar a participação e a qualificação do ser humano deve primar pelo desenvolvimento de uma convivência harmoniosa. Visto que a cooperação, a compaixão e a solidariedade são elementos vitais para a sobrevivência da espécie humana e a qualidade de vida⁶²⁹. Observa-se que o amor é o

[...] insumo necessário para que os milagres aconteçam e aqui representado pelo Amor ao próximo [*sic*], à causa, à humanidade, dentre outros. Todos [*sic*] nós sabemos, e já comprovamos isso na prática; quando colocamos Amor naquilo que fazemos, o resultado é bem diferente, para melhor, é claro!⁶³⁰

⁶²⁸ SOUZA, 2014, p. 82 e 115.

⁶²⁹ RATTNER, 1999, p. 240.

⁶³⁰ BORGES, Dobson Ferreira. **Os Es da Gestão**. São Paulo: Editora Ser Mais, 2013. p. 158.

Diante disso, ressalta-se que o processo que leva à conscientização evoca aspectos relacionados ao diálogo e à democracia. Bem como, mobilização de pessoas, de ações coletivas e de organização social a partir de situações concretas do dia a dia. Maria Luiza de Souza afirma que: “O processo educativo de descoberta dos interesses e das preocupações da população, desponta a questão da consciência individual e da consciência social”⁶³¹.

Todavia, faz-se saber que o reconhecimento da pessoa tende a movimentar maiores transformações tendo em vista a sua percepção do papel que ocupa no grupo social, a sua participação e a sua contribuição. Nancy Fraser afirma que “[...] o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social”⁶³². A autora explica:

Entender o reconhecimento como uma questão de status significa examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos sobre a posição relativa dos atores [sic] sociais. Se e quando tais padrões constituem os atores como parceiros [sic], capazes de participar como iguais, com os outros membros [sic], na vida social, aí nós podemos falar de reconhecimento recíproco e igualdade de status.⁶³³

Cabe ressaltar que a reflexão sobre a realidade efetiva leva a uma cidadania responsável. Mas, para que esse processo possa ser desenvolvido, torna-se relevante “[...] deselitizar o saber e o poder de alguns poucos [sic] que terminam por reproduzir na comunidade as relações de dominação que se processam na sociedade”⁶³⁴. Da mesma forma, é preciso tecer novas relações para gerar

[...] um sistema político com poderes de planejar, coordenar e fornecer diretrizes a um infinito número de unidades autônomas, independentes, administradas democraticamente e no complexo controle de recursos. Tal sistema permitiria a criatividade e autorrealização de seus membros, de acordo com suas vocações, interesses e personalidades.⁶³⁵

A complexidade das realidades percebidas, nos âmbitos do parcial e do mecânico, leva a resoluções de enfrentamento imediato e não evoluem para uma percepção mais global ou à percepção das determinações históricas da realidade cotidiana. Isso inibe uma postura crítica e participativa de ações que geram mudanças

⁶³¹ SOUZA, 2014, p. 106.

⁶³² FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 70. São Paulo: CEDEC, 2007. p. 101-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/JwvFBqdKJnvndHhSH6C5ngr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021. p. 107.

⁶³³ FRASER, 2007, p. 108.

⁶³⁴ SOUZA, 2014, p. 258.

⁶³⁵ RATTNER, 1999, p. 240.

nos problemas fundamentais. O “[...] processo educativo requer não simplesmente a capacidade técnica e científica, mas, principalmente, compromisso”⁶³⁶.

De outra parte, cresce a necessidade de se investir no desenvolvimento da consciência humana frente ao alto investimento em pesquisa e desenvolvimento da inteligência artificial e de habilidades imediatas que servem especialmente ao atual sistema econômico e político⁶³⁷. Rubem Alves aponta que é necessário reaprender a falar, a falar dos sonhos e das utopias, e usar o poder criador da palavra para que não impere o silêncio e os discursos tenham significação humana:

De um lado, sucumbimos ao fascínio da ideologia da ciência e suas promessas de um conhecimento objetivo e universal. Por outro, deixamo-nos intimidar e tivemos medo do escárnio. Por isto mesmo, retiramo-nos do nosso falar. E nossa ausência do nosso discurso significa, praticamente, que ele é vazio de significação humana.⁶³⁸

As dificuldades quanto à participação estão centradas no medo, na falta de confiança em seu próprio poder de um agir transformador, no lazer que se torna a fuga das preocupações, na falta segurança e legitimidade nas reivindicações, na falta de clareza das leis e políticas de Estado relacionadas ao direito. Cabe considerar que não se pode basear as predisposições participativas apenas pela aparência, há situações em que a apatia, a ausência, a indiferença e o mutismo são indicadores de uma não concordância com a realidade ou a situação. O conhecimento e a troca de experiências são meios de enfrentar tais situações⁶³⁹.

O exercício do sacerdócio geral, sustentado pela formação cristã contínua, se compõe de uma oportunidade para ampliar a vida comunitária em direção à sua missão e à própria sustentabilidade. Isso decorre porque há um fortalecimento das noções de: coletividade, voluntariado, corresponsabilidade, gestão e organização comunitária, valores humanos intrínsecos à fé e ao bem viver. Sublinha-se que: “A igreja prioriza a educação cristã, capacitando as pessoas para cooperar na missão de Deus no mundo e para exercer plenamente o sacerdócio geral”⁶⁴⁰.

Para edificar comunidade faz-se necessário formar, envolver e motivar as pessoas nas atividades e fomentar o planejamento de ações. Para tal, articula-se e

⁶³⁶ SOUZA, 2014, p. 102.

⁶³⁷ HARARI, 2018, p. 98-101. “Inteligência é a aptidão para resolver problemas. Consciência é a aptidão para sentir coisas como dor, alegria, amor e raiva”. p. 98.

⁶³⁸ ALVES, 1980, p. 23.

⁶³⁹ SOUZA, 2014, p. 102-103.

⁶⁴⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 33.

implementa-se oportunidades para a interação, o compromisso mútuo, a autoestima, o sentido de vida e da própria fé cristã. Afirma-se uma política que favorece o berço de novas ações de acordo com a necessidade da realidade e respalda o contínuo ato profético de denunciar o mal e de anunciar o bem testemunhando a missão de Deus.

Um retrato preocupante, realizado no contexto da FLM, aponta que urge capacitar teologicamente a comunidade como um todo. Necessita-se apoiar e qualificar a formação teológica em todos os níveis a fim de que se produza reflexões teológicas, e não repetições de respostas. Que a reflexão bíblica-teológica seja coerente com a fé confessional e contextualizada. Além de ser uma igreja dinâmica e aberta aos diferentes saberes e experiências para envolver, recuperar, reformular e transfigurar o que foi recebido ao longo dos tempos. Cabe ainda a menção da importância de uma abordagem teológica trans-contextual que começa com o diálogo e a interação no encontro com a outra pessoa e fornece elementos da ética, da equidade e da reciprocidade complementar⁶⁴¹.

O PAMI traz a relevância da capacitação para que as pessoas possam dar razão de sua esperança e testemunhar o evangelho em situações específicas de cuidado, de necessidade e de engajamento em movimentos e OSCs, entre outras. Ele também se coloca com o papel de promover mecanismos de formação e de ação missionárias transformativas. Cada realidade requer um olhar específico, todavia o processo de ensino aprendizagem deve ser orientado por princípios. Dentre os quais, cita-se: valorizar a experiência de vida das pessoas; envolver todo o corpo; despertar a capacidade criativa; humanizar a educação através da alegria; dialogar com liberdade sobre dúvidas e perguntas; e, servir a pessoa próxima⁶⁴².

Existem muitas maneiras de encorajar e, assim, acelerar as pessoas nos processos de desenvolvimento. Mas, estes não são simples, pois exigem que a pessoa queira se desenvolver, se comprometer e se envolver em novas relações. Talvez essa seja a principal tarefa das pessoas líderes e educadoras, ajudar para que as pessoas desenvolvam não apenas novas habilidades, mas também novas formas de “ser”, a fim de entender o mundo com novos olhos⁶⁴³. Saliencia-se que:

[...] a verdadeira participação das populações nos processos de busca da sustentabilidade está na dependência direta da capacidade de poder — leia-se consciência e intencionalidade — dos indivíduos e grupos locais em

⁶⁴¹ BLOOMQUIST, (©2009), p. 195-198, 201.

⁶⁴² PINTO, 2008, p. 58-59.

⁶⁴³ MARQUES, 2019, p. 85-86.

relação aos processos nacionais e globais com os quais as comunidades estejam ligadas. Tais processos tendem a ser mais abertos na razão direta da existência de instituições democráticas desenvolvidas e consolidadas. A democracia e a participação são fatores essenciais para a consolidação de processos sustentáveis.⁶⁴⁴

A democratização dos processos que levam à tomada de decisão traz à mesa de discussões temas antes não vistos como o meio ambiente, os direitos humanos e as péssimas condições de vida. Isso resulta do esforço contínuo de instituições democráticas específicas e revela a necessidade de criar e de apoiar instituições que gerem processos de desenvolvimento socialmente equitativo e ecologicamente sustentável. E, ao mesmo tempo, mantém o controle e define limites políticos⁶⁴⁵.

A capacitação contribui para que, em conjunto, as pessoas descubram novas formas de realização e enfrentamento das situações. Ela supõe análise e avaliação contínua da conjuntura social, a fim de poder situar-se na própria dinâmica das forças sociais que se vão fazendo presentes à sua realidade mais próxima. Diante disso, é relevante observar que Domingos Armani considera a sustentabilidade como:

[...] a capacidade de uma organização de manter o valor social de seu trabalho de forma duradoura. Se é uma capacidade, então é possível aprimorá-la e fortalecê-la. A importância está no seu valor e representação social, na sua contribuição para a resolução de problemas sociais. E menos em relação ao tamanho e tempo de existência das instituições. O âmago da sustentabilidade é a contribuição para o exercício de direitos e combate às injustiças sociais.⁶⁴⁶

Nesse sentido, a sustentabilidade traz elementos que despertam para a relevância da capacitação contínua e que desemboca em ações práticas. Em boa medida, é o estímulo da política institucional e das estratégias estabelecidas que fomentam a instrumentalização da gestão, as competências individuais e coletivas e novas reivindicações⁶⁴⁷. O resultado é a ampliação da participação, do conhecimento, da competência para resolução de problemas e de conflitos e da compreensão da missão, da visão e dos valores enquanto alicerces para manter a legitimidade e a credibilidade da instituição. Por fim, tem-se a formação, a capacitação e a multiplicação de líderes que saibam liderar.

⁶⁴⁴ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 133.

⁶⁴⁵ RATTNER, 1999, p. 236.

⁶⁴⁶ ARMANI, Domingos. Sustentabilidade – o presente do futuro e o futuro do presente. *In*: ENCONTRO DE REFERENTES – PROGRAMA SUSTENTABILIDAD AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Seminário de Formação em gestão e liderança em Igrejas Sustentáveis. São Leopoldo, 18 a 22 de agosto de 2014. p. 11.

⁶⁴⁷ SOUZA, 2014, p. 114-115.

4.2.1 Líderes e o seu papel

Na sociedade, é consenso de que as pessoas líderes desempenham um papel fundamental. Mas, também, de que há uma crise no âmbito da liderança. Isso se deve em boa medida ao fato de perceber-se uma discrepância entre o discurso e a prática por parte de quem lidera. Os apelos verbais não são mais suficientes e as pessoas buscam observar a postura, o comportamento e a vida da pessoa líder.

A observação de que os discursos e as práticas não estão alinhados com a missão da igreja leva à relevância de investir em formação e capacitação de líderes. Josué Campanhã afirma que o desenvolvimento da igreja está baseado no treinamento de líderes: “A igreja depende de sua liderança tal como o pulmão necessita de ar. Assim como o processo de fotossíntese produz ar para o ser humano, o programa de treinamento de líderes é o processo de fotossíntese da igreja”⁶⁴⁸.

Deve-se levar em conta de que as boas lideranças capacitam suas equipes para a ação consciente e transformadora e formam novos líderes. Outrossim, de que liderar é a prática de dar direção, rumo, definir caminhos e não só com palavras, mas, especialmente, com ações. É o exercício do pastoreio que requer paciência, visão holística e sistêmica, empenho, dedicação, valores e virtudes provenientes do amor. Da mesma forma que compartilha o poder na tomada de decisão e promove senso de comunitariedade⁶⁴⁹.

Através da ação e do testemunho da pessoa líder, chega-se à mente e ao coração das pessoas favorecendo os objetivos propostos e superando barreiras e resistências. A exemplo de Jesus que, pela sua prática e seu discurso, estabeleceu um modelo de liderança que enaltece aspectos para uma vida abundante e ao mesmo tempo é um convite à participação. Por outro lado, expõe que o sofrimento, simbolizado pela cruz, faz parte do viver por um bem maior. “E Jesus disse aos discípulos: - Se alguém quer ser meu seguidor, esqueça os seus próprios interesses, esteja pronto para morrer como eu vou morrer e me acompanhe”. (Mt 16.24).

As pessoas líderes têm a função de perceber e refletir a respeito da realidade, trazer novas abordagens, animar a participação, propor mudanças, promover o

⁶⁴⁸ CAMPANHÃ, 2013, p. 317-318.

⁶⁴⁹ Esse termo pouco usual indica “viver em comunidade”.

planejamento de ações e estratégias pensando a médio e longo prazos para ampliar as ações. O discurso e a prática da pessoa líder, centrados na missão e na sustentabilidade, geram sensibilização e novas posturas do público-alvo, melhoram a imagem da instituição, ajudam a conscientizar a respeito da sua tarefa, promovem o aprendizado das pessoas.

Em meio a uma sociedade cambiante, que parece flutuar sem referências seguras, afirma-se que valores compartilhados são a base da aprendizagem e da identidade de qualquer instituição [...]. Não se trata-se somente de expressá-los e no 'quadro da missão e dos princípios', mas traduzi-los nas relações, nas opções estratégicas, nas políticas e nas ações coletivas. A experiência de ser discípulos [*sic*] e seguidores [*sic*] de Jesus capacita os cristãos [*sic*] e suas instituições a mergulhar mais profundamente no mundo dos valores, e a encontrar formas originais e flexíveis de traduzi-los em atitudes e ações. Assim estarão servindo ao Deus da Vida, não aos ídolos.⁶⁵⁰

A liderança eclesial está correlacionada com a forma de exercitar o poder. Dobson Ferreira Borges considera que a pessoa líder deve exercer seu poder para tornar a vida da outra pessoa mais feliz e realizada. Ele cita cinco características essenciais: simplicidade, sensibilidade, sinceridade, segurança e sagrado⁶⁵¹. Soma-se a estas muitas outras, tais como: empatia, altruísmo, relacionamento amigável, respeito, consciência, persuasão, visão, conceituação, compromisso com o desenvolvimento de outras pessoas, abordagem holística e integral.

No processo de liderar, a perspectiva da justificação por graça mediante a fé impulsiona a vivência da espiritualidade que não reproduz a lógica utilitarista do mercado. Mas, convida as pessoas a cooperarem para melhorar as condições de vida da criação e reordenar para uma visão de mundo holística, integral e complementar. Por outro lado, quando o raciocínio lógico e os algoritmos assumem essa função, exerce-se um papel desumanizador⁶⁵².

Uma boa prática na tomada de decisões é a de seguir a orientação dos princípios naturais e aplicá-los na prática. Pois eles possibilitam a abertura para o exercício da criatividade frente aos desafios da organização. Nesse sentido, as demandas não são resolvidas com modelos pré-definidos. Na busca por fazer a coisa certa, Ana Cristina Campos Marques sugere utilizar o raciocínio focado na missão e

⁶⁵⁰ MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**: uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 210.

⁶⁵¹ BORGES, 2013, p. 154. Por sagrado, o autor compreende: "O sagrado nos faz enxergar que um negócio não existe para servi-lo a si mesmo, mas, sim, para servir à sociedade". p. 157.

⁶⁵² HARARI, 2018, p. 82.

nos valores juntamente com a prática da sabedoria na perspectiva da reflexão e da introspecção. Até porque, as narrativas mais populares a respeito da sustentabilidade estão baseadas no medo e na escassez e é preciso criar novas narrativas mais esperançosas⁶⁵³.

Acolhe-se, igualmente, a reflexão de Jeannette C. Armstrong, sobre a prática do povo indígena Okanagan a respeito da forma de liderar e tomar decisões. É preciso considerar que a cooperação, o cultivo do cuidado mútuo, o crédito a todas as dimensões da vida, à família e à comunidade formam os princípios coletivos de convivência. O processo tem início com a busca de informações concretas e a investigação de como a decisão pode afetar as pessoas e as coisas a curto e longo prazo a partir da escuta das pessoas. Depois, pergunta-se por possíveis soluções aos grupos locais que exercem um papel específico (anciãs, mães, pais e jovens)⁶⁵⁴.

A adoção dessa forma de tomada de decisão tem por objetivos criar debate, promover informações e a compreensão das opiniões alheias, além do comprometimento com o encaminhamento realizado. Esse processo apresenta um caminho alternativo que leva às pessoas a compreenderem que a comunidade existe para sustentá-las. Isso gera segurança, diminui o medo e fortalece o sentimento de pertença à comunidade. Ainda que a ideia de democracia esteja presente, muitas vezes, os processos empenhados excluem as minorias, provocam divisões, polaridades e discussões constantes causando violências, insegurança, desconfiança e preconceito⁶⁵⁵.

Na gestão comunitária, bem como em outros âmbitos, pode-se observar que: “[...] através do processo decisório se operam as escolhas da organização, as intenções e ideias dos indivíduos se transformam em ações, problemas são

⁶⁵³ MARQUES, 2019, p. 169.

⁶⁵⁴ Das pessoas anciãs, espera-se que defendam a tradição e a ligação com o mundo natural; das mães, conselhos sábios sobre política e sistemas que funcionam nas relações humanas; dos pais, indicação de estratégias, práticas logísticas e ação (ligadas à segurança, ao sustento e à moradia) e o reforço à responsabilidade e às consequências das decisões; dos jovens, espera-se uma visão criativa, artística, mente aberta para inovações, novas abordagens e modos de ver as coisas. Cada fala precede da frase: “Estou falando como jovem”, por exemplo. ARMSTRONG, Jeannette C. *En’owkin: A tomada de decisões que levam em consideração a sustentabilidade*. In: STONE, Micharel K.; BARLOW, Zenobia (org.). **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 39-45. p. 42-43.

⁶⁵⁵ ARMSTRONG, 2006, p. 44-45.

solucionados e oportunidades aproveitadas”⁶⁵⁶. As tomadas de decisões partem da informação para a compreensão, a discussão e, posteriormente, à ação. Sendo assim,

[...] uma atividade intrinsecamente e potencialmente das mais complexas, pois além de se ter de escolher entre as diversas ações possíveis, também terá que se lidar com a diversidade de pontos de vistas e formas de avaliação das ações, enfim, de considerar uma multiplicidade de fatores que direta ou indiretamente relacionados influenciam no processo decisório.⁶⁵⁷

Para atender as necessidades atuais e futuras, os processos de planejar, intervir na realidade e apropriar-se de recursos devem ter como enfoque a tomada de decisão customizada frente às proposições da missão e da sustentabilidade. Isto também soa como uma alerta às pessoas líderes para: “[...] prestarem mais atenção aos seus formais e informais laços sociais e como estão reafirmando e reconstruindo-os a partir de suas decisões”⁶⁵⁸. Por outro lado, constata-se que:

É preciso, então, expandir os aspectos a serem colocados na cesta da tomada de decisão, o que significa novas lentes para o olhar o mundo, de forma a favorecer a compreensão sistêmica dessas mudanças. Trata-se mais especificadamente de identificar, de modo estratégico, oportunidades e ameaças que efetivamente poderão contribuir ou emperrar o desenvolvimento a médio e longos prazos, e inseri-las nas pautas de discussão das políticas o públicas. O modelo fragmentado de decisão não está alinhado com os compromissos firmados nos tratados internacionais visando desenvolvimento sustentável.⁶⁵⁹

A tomada de decisão vai ganhando uma nova faceta dentro da implementação de ações fundamentadas na sustentabilidade. Esse processo requer participação, criatividade, mudanças de condutas e novas ferramentas que auxiliem e facilitem esses movimentos. Por outro lado, “[...] as decisões estão ancoradas no presente [*sic*] mas envolvem uma série de comparações, interesses paradoxais e contrastes em termos de passado e futuro que impactam diretamente em sua gestão”⁶⁶⁰.

⁶⁵⁶ TENÓRIO, Fernando G. (org.). **Gestão de ONGs: Principais funções gerenciais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 87.

⁶⁵⁷ SENA, André Pedral Sampaio. **Planejamento Estratégico: como avaliar e controlar**. Salvador: EDUFRA, 2013. p. 136-137.

⁶⁵⁸ MUNCK, Luciano. Gestão da Sustentabilidade em Contexto Organizacional: Integrando Sensemaking, Narrativas e Processo Decisório Estratégico. **Revista Organização e Sociedade**, Salvador, v. 22, n. 75, p. 521-538, 2015. p. 533. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/6GBTn6sYnSSwF64pXCFDSFx/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jun. 2022.

⁶⁵⁹ MALHEIROS, Tadeu Fabrício; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Desafios do uso de indicadores na avaliação da sustentabilidade. *In*: MALHEIROS, Tadeu Fabrício; PHILIPPI JR, Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012a. p. 1-29. p. 7.

⁶⁶⁰ MUNCK, 2015, p. 522.

O processo de planejamento coletivo tende a proporcionar espaços de capacitação, de formação cristã, de valorização e apropriação do exercício do sacerdócio geral, além da descentralização de poder. Por este ângulo, observa-se que toda tomada de decisão que considera o conhecimento científico em parceria com o local tende a ser melhor e seus bons frutos são mais visíveis.

Em princípio, todas as decisões deveriam estar na extremidade superior da pirâmide da organização [...]. No entanto, a função da alta administração não é só o comando, mas principalmente assegurar a organização no cumprimento de sua missão, como ainda prover os recursos para que os envolvidos [*sic*] no processo atinjam os objetivos organizacionais. Portanto, a centralização é uma forma mais eficaz de coordenação dentro de uma organização, mas nem todas as decisões devem ou podem ser tomadas dentro de um único centro ou indivíduo, daí o porquê da descentralização.⁶⁶¹

Quanto mais descentralizada forem as decisões mais a organização se beneficiará de agilidade, criatividade e informação. Esses aspectos aumentam o grau de participação e maturidade no processo considerando que o PE envolve “[...] uma maneira de pensar e de indagar que, por sua vez gera inúmeros questionamentos”⁶⁶².

A gestão eclesial, no mundo moderno, exige relações humanas e profissionais marcadas pela ética da responsabilidade. A responsabilidade tem seu fundamento na dignidade da pessoa humana caminhando até a responsabilidade social. Todo grupo – uma paróquia, uma comunidade – tem a sua responsabilidade social e ecológica.⁶⁶³

Na tomada de decisão, deve-se considerar que há um sistema de relações de natureza objetiva e outra subjetiva, além do predomínio da influência sobre as opiniões que, normalmente, é vista como determinante à decisão. Isso faz com que seja necessário ir além da análise de valor⁶⁶⁴. Especialmente em se tratando de comunidades eclesiais. Pois, nem sempre a objetividade contempla a necessidade que brota da subjetividade e vive e versa, o que pode causar um desconforto nas relações. Ou então, há situações em que líderes influenciam determinada decisão e para a qual não receberão apoio e comprometimento das demais pessoas.

⁶⁶¹ SENA, 2013, p. 85.

⁶⁶² SENA, 2013, p. 85 e 88.

⁶⁶³ HENRIQUE, Nereudo Freire; PAIVA, Edivaldo Cardoso de. **Fundamentos da gestão eclesial:** manual para a área administrativa das paróquias. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Gestão Paroquial). p. 13.

⁶⁶⁴ SENA, 2013, p. 144-145. Análise de valor é uma metodologia usada em empresas e fábricas para mensurar a viabilidade de um produto ou um projeto com base no custo-benefício. No caso, o benefício é o lucro.

Cabe, nesta questão, uma escuta respeitosa e de valorização das diferentes opiniões, um apoio técnico e de ferramentas de gestão, e, principalmente, uma orientação direcionada pela missão, visão e pelos valores da instituição. Torna-se relevante que líderes tenham em mente a complexidade que envolve uma decisão e considere esse aspecto e as pessoas envolvidas. Segundo Peter Ferdinand Drucker,

[...] uma das tarefas mais cruciais de todo processo decisório é assegurar que as decisões tomadas nas diversas partes da empresa e nos diversos níveis da administração sejam compatíveis umas com as outras e consoantes com as metas de toda a instituição.⁶⁶⁵

A presença de relatórios financeiros e de desempenho são um auxílio para líderes em posição de tomada de decisão e liderança. Eles não só apresentam números e atividades, mas também fornecem perspectivas a respeito de valores, princípios e aspirações ao contemplar os processos e avaliações e atestar limites. E, de alguma forma, ainda que nas entrelinhas, demonstram os efeitos da política comunitária exercida e a compreensão da missão institucional. Na prática, tem-se observado de que os relatórios cumprem um papel ritual e não têm sido vistos como importantes elementos de discernimento e apoio à gestão e de busca por mudanças e simetria com os objetivos institucionais.

A informação compartilhada contempla um fator relevante que influi em todo processo de discernimento e de tomada de decisão. Ela respalda o viés da comunicação, as decisões tomadas e a adesão às propostas apresentadas. Potencializa aspectos de participação, de formação e de engajamento. Além de aprofundar a capacidade de compreensão em relação às decisões e otimizar aspectos de empoderamento e de ações democráticas. De grande valia para o processo de decidir e informar estão a utilização dos instrumentos de informação e de processamento de informações que advém dos avanços tecnológicos⁶⁶⁶.

Cabe ressaltar ainda que as pessoas líderes religiosas exercem considerável poder e influência na sociedade em geral e entre a comunidade eclesial em particular. Elas são tidas como agentes de mudança social⁶⁶⁷. Daí a relevância de capacitar

⁶⁶⁵ DRUCKER, Peter Ferdinand. A tomada de decisões. *In*: DRUCKER, Peter Ferdinand. **Prática da administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 333-369. p. 335.

⁶⁶⁶ DRUCKER, 2003. p. 346-347. Segundo o autor, a pessoa que administra “[...] talvez não precise manejar pessoalmente estes instrumentos. [...] Mas é essencial que os compreenda, que saiba quando solicitar a presença de um especialista para aplicá-los e que saiba o que exigir deste especialista”. p. 348.

⁶⁶⁷ GASTELLÚ CAMP, 2015, p. 47.

essas pessoas para otimizarem suas capacidades em torno de uma transformação social condizendo com os valores e os ensinamentos provenientes do evangelho.

Sem dúvida que a igreja tem como propósito formar e capacitar para a liderança e para o exercício do sacerdócio, além de apoiar as pessoas no desenvolvimento de suas funções fornecendo sustentação emocional, espiritual e de gestão comunitária. O que urge no meio eclesial são líderes que conduzam esses processos e que tenham maturidade de fé para sonhar e mobilizar outras pessoas a sonharem juntos com um novo tempo, novas relações e sustentabilidade.

Para ir além da crise civilizatória, será necessário criticar a inércia, as relações de poder que excluem e marginalizam pessoas e grupos sociais, a falta de planejamento e a não participação, bem como valorizar a liberdade de expressão e a cooperação. Esses aspectos correspondem a uma liderança mais humanizada e focada em valores que levam à sustentabilidade. Adriana Camp Gastellú pondera que:

Instituições e grupos organizados a partir de um paradigma patriarcal afirmam e sustentam relações de poder desiguais baseadas em questões de gênero, reforçando a dominação dos homens sobre as mulheres, dos homens sobre homens e mulheres sobre mulheres formando uma hierarquia de poder. Nessa estrutura, mulheres e alguns homens são impedidos de desenvolver seu potencial de liderança com base em construções ideológicas baseadas em uma certa compreensão da estrutura hierárquica patriarcal. Esse tipo de estruturas e formas de organização afetam não só ao papel assumido pela liderança, mas ao desenvolvimento do grupo todo, produzindo em muitos casos preconceitos e descumprimento de sua missão grupal.⁶⁶⁸

Para a realidade atual, requer-se pessoas líderes que buscam aperfeiçoamento constante e tenham experiência em estabelecer objetivos e gerenciar a partir deles, analisar e discernir as ações e os comportamentos organizacionais, harmonizar as necessidades do presente com as do futuro. Sua liderança terá maior impacto se as ações e as decisões estão fundamentadas em princípios sólidos e integridade de caráter. E, “[...] não apenas por seus

⁶⁶⁸ GASTELLÚ CAMP, 2015, p. 69. *Instituciones y grupos que se organizan a partir de un paradigma patriarcal afirman y sustentan relaciones desiguales de poder a partir de cuestiones de género, reforzando la dominación de hombres sobre mujeres, de hombres sobre hombres e de mujeres sobre mujeres formando una jerarquía de poder. En esta estructura, las mujeres y algunos hombres son impedidos de desarrollar su potencial de liderazgo a partir de construcciones ideológicas fundadas en una determinada comprensión de la estructura jerárquica patriarcal. Ese tipo de estructuras y formas de organización afectan no solamente al papel asumido por el liderazgo, sino al desarrollo del grupo todo, produciendo en muchos casos prejuicios y no cumplimiento de su misión de grupo.* (tradução nossa).

conhecimentos, competência e perícia [sic] mas também por sua visão, coragem, responsabilidade e integridade”⁶⁶⁹.

Ana Cristina Campos Marques concebe que o engajamento de líderes deve se concentrar nas possibilidades e não nas limitações das pessoas⁶⁷⁰. Dessa forma, as mudanças decorrentes das necessidades ou das crises acontecem e oportunizam criativamente a continuidade e a qualidade de vida no planeta.

Não há dúvida que todo o processo que envolve a transformação do meio e, aqui, referindo-se em especial a busca por sustentabilidade, gerará conflitos e tensões sociais⁶⁷¹. Carece-se, portanto, preparar as pessoas para a resolução de conflitos e a busca de consenso diante das incertezas e das mudanças. Mais uma vez, recorre-se a forma com que Jesus agiu como um elemento de aprendizagem para enfrentar os conflitos que emergem das mais diferentes situações:

Jesus sabe se comportar no conflito. Ele pratica o que ensina. Na discussão não perde a calma. Sabe responder e argumentar (Mc 2, 23-26). Não tem medo de colocar o dedo no ponto fraco do adversário (Mc 3,1-6; 7,6-13). É vivo e descobre as artimanhas dos seus inimigos (Mc 12,15). Nunca perdeu uma discussão (Mc 11,27-33). É simples como uma pomba, prudente como uma serpente (Mt 10,16).⁶⁷²

A sabedoria, o conhecimento, a leitura do contexto e a observância aos valores do reinado de Deus contemplam uma postura que facilita a liderança eclesial. Observa-se algumas características que conduzem ao prestígio de líderes: vivência da espiritualidade; paixão pela missão que comunicam e defendem; integração de competências e habilidades relacionais, de planejamento e mobilização; favorecimento de processos de formação, inclusão e adoção de novas atitudes; inspiram confiança e credibilidade; tem atitudes terapêuticas e senso de coletividade e comunitariedade; reconhecem seus dons e suas fraquezas; e realizam seu trabalho ou sua função com significado, alegria e gratidão.

Cabe ressaltar, no entanto, que a liderança na igreja é de um poder-serviço (Jo 13.3-5). O exercício de liderar compreende a intenção e a promoção da missão de Deus através da tarefa missionária a fim de resultar em mobilização e em mudanças relacionais e organizacionais em favor da vida plena.

⁶⁶⁹ DRUCKER, 2003, p. 354-356.

⁶⁷⁰ MARQUES, 2019, p. 192.

⁶⁷¹ RATTNER, 1999, p. 237.

⁶⁷² MESTERS, 1996, p. 129.

4.2.2 Mobilização de pessoas e de recursos

A concepção de mobilização de recursos segue a proposta de Domingos Armani que afirma ser: “[...] o processo pelo qual uma organização promove, em um mesmo movimento, educação cidadã, mobilização social e mobilização de apoio material, técnico e financeiro”⁶⁷³. No entanto, farar-se-á uma distinção entre mobilização de pessoas e de recursos a fim de fomentar a visão de que pessoas não são recursos que podem ser acessados e moldados para alcançar determinados fins. Ao contrário, elas são convidadas a atuar de forma voluntária e engajada dentro de uma missão, de um propósito. E, desta forma, cooperam com a geração de resultados contínuos tanto pessoais e como coletivos.

O objetivo da mobilização é viabilizar a missão da organização ao longo do tempo. Isso implica em fomentar o desenvolvimento de dons e da cooperação, viabilizar a implementação de ações, a manutenção, minimizar a vulnerabilidade, garantir os recursos financeiros, promover o fortalecimento e a credibilidade institucional, legitimar o trabalho desenvolvido e alavancar novas parcerias⁶⁷⁴.

Para tanto, faz-se necessário investir na qualificação das ações para tornar a comunidade reconhecida e relevante para a sociedade. Da mesma forma, requer ampliar a visibilidade, a comunicação interna e externa, a transparência, o campo ético-político. De igual modo, fortalecer a base de apoio comunitário, a gestão comunitária, a articulação e a participação no contexto social⁶⁷⁵. Para viabilizar a tarefa missionária da igreja, essas “[...] atividades devem ser compreendidas, assimiladas e realizadas, mesmo que indiretamente, por toda gestão comunitária”⁶⁷⁶.

O desenvolvimento de estratégias de mobilização deve estar baseado na política institucional e organizacional a qual deve estar ligada diretamente “[...] à missão institucional, aos princípios e valores e aos objetivos estratégicos da organização”⁶⁷⁷. A mobilização de pessoas e recursos é uma responsabilidade de todas as pessoas envolvidas na organização. Ela é considerada um ato político tanto

⁶⁷³ ARMANI, Domingos. **Mobilizar para transformar**: a mobilização de recursos nas Organizações da Sociedade Civil. São Paulo: Peirópolis; Recife: Oxfam, 2008. p. 11.

⁶⁷⁴ TENÓRIO, Fernando G. (org.). **Gestão comunitária**: uma abordagem prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 143.

⁶⁷⁵ ARMANI, 2008, p. 79-80.

⁶⁷⁶ TENÓRIO, 2008, p. 160.

⁶⁷⁷ ARMANI, 2008, p. 73.

quanto a ação política, a comunicação ou a gestão institucional. Portanto, faz-se necessário a informação, a sensibilização, o engajamento e o debate de ideias. Esses aspectos cooperam para:

[...] superar incompreensões e quebrar resistências, dar transparência aos processos e suas dificuldades, problematizar certas crenças e valores vividos como tabus na entidade e favorecer o processo de mudança organizacional, gerencial e cultural que se prenuncia.⁶⁷⁸

Quanto se trata da mobilização de pessoas, logo se remete ao voluntariado. Numa pesquisa realizada, constatou-se que a motivação para voluntariado decorre do desejo de mudar o mundo em busca de qualidade de vida, melhores condições e integração social. A questão ética e de ajudar a outra pessoa também são destacadas. O ato de ajudar é definido por palavras como amor, cuidado, apoio, compreensão e entre outras. Mas, também, traz o sentido de atividade como educação, assistência, lazer, ajuda terapêutica etc. A pessoa potencializa uma troca na ação voluntária para suprir suas necessidades e não vê a outra pessoa como uma igual⁶⁷⁹.

A troca é o principal elemento definidor da motivação do voluntário, nela antevendo a possibilidade de suprimir suas necessidades, muitas vezes resgatando ali, sua própria condição humana. Entretanto, a potencialidade do outro [sic] nesta relação encontra-se obscurecida. Ao outro [sic], é atribuída uma identidade subalterna e fragmentada. Ele é carente, desvalido, necessitado, menos possibilitado, o que tem dificuldades e problemas, que não tem muito na vida. É alguém em situação especial, sob proteção, criança ou idoso, doente ou abandonado. A caracterização do outro [sic] como semelhante raramente se apresenta. O estudo permitiu-nos desvelar um movimento identidade/alteridade em que o 'eu e o outro' [sic] encontram-se embricados através do delineamento de suas necessidades e possibilidade onde a subalternidade do outro [sic] se constitui a base de sustentação motivacional para o trabalho voluntário.⁶⁸⁰

O resultado dessa pesquisa coopera para perceber que, nas igrejas, esse pensamento perpassou a história (I Co 16.1-2). O ato de fazer caridade foi e ainda é visto, por muitas pessoas, como acúmulo de mérito diante de Deus e de outras pessoas. A caridade, por si só, não apresenta uma intencionalidade política que visa promover a interação e o reconhecimento da outra pessoa oportunizando processos de mudanças.

⁶⁷⁸ ARMANI, 2008, p. 34.

⁶⁷⁹ SILVA, Jaqueline Oliveira *et al.* **Novo voluntariado social: teoria e ação.** Porto Alegre: Dacasa, 2004. p. 117.

⁶⁸⁰ SILVA, 2004, p. 118.

Todavia, a sustentabilidade abraçada com a missão de Deus pode dar novos impulsos as formas de vivenciar o serviço cristão, diaconal. Construir relações e ações baseadas na participação, na interação e no reconhecimento de que a outra pessoa tem o seu valor e a sua dignidade independente da sua condição são elementos relevantes. Essa atitude muda a visão em relação a como as pessoas se relacionam consigo mesmas, com as outras e com a natureza. Não é o aspecto da utilidade que prevalece, mas do valor intrínseco ao próprio ser humano.

Aponta-se um caminho longo na proposta de mudança dos pensamentos, das ações e da visão de mundo. Paulo Freire já afirmava a necessidade da construção de uma consciência crítica, política e comunitária em que o diálogo constante com a outra pessoa proporcionasse maior autonomia pessoal e comunitária com liberdade para agir e decidir.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. [...] O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a *des-vela* para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante.⁶⁸¹ (grifo do autor).

A mobilização de pessoas é, sem dúvida, o ato mais relevante para uma comunidade cristã. No entanto, é o trabalho mais árduo porque requer superação de preconceitos, do antropocentrismo, do patriarcalismo, do utilitarismo, de barreiras relacionadas a tradições e culturas. Reivindica, na reflexão e na ação, a presença e o desenvolvimento dos princípios oriundos da missão de Deus e da sustentabilidade. Elas apontam para valores e temáticas como: justiça, equidade, acolhimento, ética, compreensão, resiliência, admoestação, respeito e abertura à diversidade e à pluralidade, entre outros aspectos.

A mobilização de pessoas requer a criação de uma atmosfera organizacional que reflita valores relacionais. O ambiente deve ser formado por posturas, orientações práticas, organização do espaço físico e formação que dão testemunho dos objetivos da instituição. As pessoas à frente da gestão comunitária devem observar as lacunas relacionais e proporcionar espaços de diálogo e comunhão para ativar e desenvolver pontes relacionais fortes e minimizar as fraquezas.

⁶⁸¹ FREIRE, 2001, p. 33.

Ademais, torna-se imprescindível envolver pessoas nos processos de planejamento, de implantação de planos de ação, de socialização das informações e de aspiração de sonhos. Dessa forma, as pessoas colaboradoras se sentirão valorizadas e incluídas e se disporão mais facilmente a colaborar com as atividades propostas. Todavia, também é relevante formar e capacitar para uma ação política eclesial voltada ao desenvolvimento das capacidades humanas e institucionais a fim de promover mudanças no contexto eclesial. Assim, sustentabilidade e missão ganhariam formas visíveis, práticas e cotidianas dentro de um processo consciente para transformar as difíceis realidades.

Toda reflexão e ação é bem-vinda porque gera novos pensamentos e atitudes, enaltece a criatividade, motiva o enfrentamento das necessidades e oportuniza mudanças que levam à transformação. Nesta ciência, as pessoas líderes são convidadas a desenvolver um plano de ação com vistas a responder ao chamado de suas funções mediante as demandas de seu contexto e, principalmente, assumir a tarefa missionária.

O ato de planejar a mobilização de recursos financeiros significa aumentar a diversidade da origem dos recursos e dessa forma contribuir para diminuição da vulnerabilidade da organização⁶⁸². Para as OSCs, a levantamento de recursos depende essencialmente de três fatores: justificativa, liderança e pesquisa de pessoas doadoras em potencial. De forma resumida, torna-se necessário:

[...] um projeto consistente (justificativa), atitude (liderança), conhecimento do ambiente onde se captará os recursos (pesquisa de apoiadores em potencial), um plano (planejamento estruturado para captação), contatos (rede de relacionamentos), coerência entre pedido e apoiador [*sic*] (adequação do porte do pedido ao porte do apoiador [*sic*]) e uma causa fundamentada.⁶⁸³

Enquanto que, para as comunidades cristãs, a principal fonte de recursos financeiros é a contribuição da pessoa membro. Outras formas de mobilizar recursos estão na promoção de eventos, doações, ofertas, aluguéis e o apoio à projetos específicos intermediados pelos Sínodos e a instituição nacional. O risco que as comunidades correm com o apoio financeiro de terceiros é a dependência e a não valorização e articulação dos recursos internos causando a ausência de vínculos e

⁶⁸² TENÓRIO, 2008, p. 142.

⁶⁸³ TENÓRIO, 2008, p. 145.

falta de interação e comprometimento. Especialmente nas comunidades que contam com um número grande de membros e o contato é circunstancial. Sabe-se que:

A mobilização de recursos nunca é um ato meramente material ou financeiro. Ele envolve princípios e valores, critérios, escolhas e riscos. Por isso é importante que toda e qualquer iniciativa desenvolvida seja orientada por uma política e por um planejamento.⁶⁸⁴

A elaboração de orçamento deve estar de acordo com o plano de ação missionária da comunidade. Deve indicar, de forma transparente, as receitas e a composição das contas para um determinado período. Esse processo deve permitir uma reflexão com base nas experiências anteriores, trazer à tona as dificuldades e os resultados e contar com o monitoramento e a atualização constantes no período determinado⁶⁸⁵. Nesse ponto de vista

[...] é importante que haja uma decisão institucional consciente sobre o caráter estratégico do desafio assumido, sobre os potenciais conflitos que possam surgir e sobre o fato de que os resultados surgem ao longo do processo e nem sempre são visíveis de imediato. Por isso, o processo de mobilização de recursos exige sempre muita determinação e paciência por parte dos(as) integrantes, abertura e sensibilidade para estimular as mudanças necessárias na cultura institucional, capacidade de identificar e valorizar pequenos avanços, e clareza de que os resultados mais relevantes somente aparecerão a longo prazo.⁶⁸⁶

Ao propor processos de mobilização de recursos, alguns aspectos precisam ser observados e se tornam relevantes para o sucesso das ações. Em algumas circunstâncias, antes de iniciar o processo é preciso “arrumar a casa”, segundo Domingos Armani. Dentre os aspectos citados pelo autor estão: capacitação, partilha de experiências, ter uma infraestrutura básica e ferramentas de apoio, estabelecer mecanismos de vigilância e de orientação ao longo do processo, articular os diferentes grupos, setores e líderes, desenvolver uma sinergia com a missão, investir em comunicação e informação, considerar ter uma pessoa líder com poder de decisão e engajada na proposta, permitir-se errar e aprender, fortalecer a instituição e estimular uma cultura de contribuição e oferta⁶⁸⁷.

Cabe realçar que a questão de mobilização de recursos vai além do campo financeiro. Mas, que, por outro lado, tem uma interdependência. Nesse sentido, reforça-se que a comunidade eclesial deve destinar um cuidado sistemático e

⁶⁸⁴ ARMANI, 2008, p. 73.

⁶⁸⁵ ARMANI, 2008, p. 82-83.

⁶⁸⁶ ARMANI, 2008, p. 34.

⁶⁸⁷ ARMANI, 2008, p. 37-45.

contínuo, com planejamento e ações estratégicas, em relação às documentações legais, aos móveis e imóveis pertencentes a ela.

Torna-se essencial o comprometimento de líderes com a causa ou a organização em que atuam. Além da ética, do conhecimento da realidade e das necessidades da comunidade, de critérios para tratar os assuntos, da prestação de contas, da promoção de parcerias e da relação de confiança mútua. A mobilização de pessoas e recursos deve ser planejada com dados, análise de dados, seleção de pessoas e organizações a serem contatadas e definição da abordagem. Um cronograma de atividades e uma prestação de contas poderá trazer maior engajamento e mais consistência a solicitação de apoio. Essas ideias servem para as comunidades cristãs tanto no cotidiano quanto na realização de um projeto missionário específico.

Pode ser considerada uma boa liderança aquela que conta com um planejamento elaborado de forma participativa e que otimiza e mobiliza pessoas e recursos. Sua liderança coloca a comunidade em um processo de construção de relações baseadas na harmonia e na cooperação mútua. Dessa forma, a comunidade eclesial gesta e responde a sua função primeira de ser corpo de Cristo a serviço da vida plena para toda a criação de Deus.

4.2.3 Gestão Comunitária

A palavra “gestão” vem do latim e significa gerenciar, dirigir. Ela é utilizada para traduzir o termo inglês “*management*” que, em outros momentos, se transpõe por administração⁶⁸⁸. Tem sido mais empregada no âmbito das organizações sociais, pois comporta um sentido mais social e abrangente e identifica melhor a missão e as competências administrativas de instâncias dos setores sociais e das igrejas⁶⁸⁹.

A gestão representa um enfoque na humanização da organização ao valorizar a espiritualidade, articular os resultados e promover a qualidade de vida⁶⁹⁰. Uma boa gestão tem sido considerada como:

⁶⁸⁸ MURAD, 2007, p. 71.

⁶⁸⁹ SCHNEIDER, Silvio; BOCK, Carlos Gilberto. Gestão e Espiritualidade. *In*: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nörnberg (org.). **Fé e transformação**: papel e relevância das organizações de base ecumênica. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 135-145. p. 136.

⁶⁹⁰ MENEGAT, Jardelino. Gestão e Espiritualidade no ambiente de trabalho. **Revista Iberoamericana de Ciências empresariais e economia**, ano 1, n. 1, p. 37-45, 2010. p. 44.

[...] o meio eficaz de conduzir as organizações para que elas realizem a sua missão. A gestão leva em conta as pessoas, a finalidade da instituição e seus valores, os processos internos, o que a organização oferece aos seus interlocutores [sic] ou clientes, a relação com a sociedade e o mercado, bem como a garantia da sobrevivência e continuidade (viabilidade econômico-financeira).⁶⁹¹

Os conhecimentos e os resultados que vem sendo adquiridos a partir do campo da gestão estão também à disposição das comunidades cristãs. Tendo em vista que podem ser utilizados sob critérios de valores de quaisquer organizações. Como menciona Afonso Murad: “Numa instituição cristã, qualquer modelo de gestão passará pelo crivo de seus valores, sofrerá mudanças e reinterpretações. Essa é condição fundamental para manter o fermento do evangelho nas suas estruturas”⁶⁹².

Nesta perspectiva, considera-se por gestão comunitária um conjunto de ações e práticas no âmbito eclesial que despontam a partir da compreensão da *missio Dei*. Deste modo, a gestão comunitária é vista como um retrato da vivência da espiritualidade que busca viabilizar aspectos gerenciais e de liderança em processos que auxiliam e otimizam a tarefa missionária da igreja. Assim, gestão e espiritualidade estão integradas e caminham na mesma direção.

A gestão comunitária incorpora e difunde no dia a dia da vida comunitária elementos como: planejamento participativo e estratégico a curto, médio e longo prazos, implementação e acompanhamento de planos de ação, avaliações, prestação de contas, mobilização de pessoas e de recursos, decisões coletivas, maior partilha de tarefas⁶⁹³. Sua intenção é favorecer o exercício do sacerdócio e incentivar a aplicação dos dons e das capacidades à serviço da igreja missional.

De acordo com Amaro França, “[...] a visão sistêmica da gestão unida a práticas humanizadas tende a contribuir para um bom desenvolvimento do clima e de resultados relevantes para o êxito organizacional”⁶⁹⁴. Para tanto, torna-se relevante para a igreja promover e desenvolver nas pessoas líderes a habilidade de gestão sintonizada com a missão e os valores eclesiais e empenhada no protagonismo das pessoas lideradas.

⁶⁹¹ MURAD, 2007, p. 76.

⁶⁹² MURAD, Afonso. **Gestão e missão na vida religiosa**. 2010. On-line. Disponível em: <http://afonsomurad.blogspot.com/search/label/Gest%C3%A3o%20e%20miss%C3%A3o%20na%20Vida%20Religiosa>. Acesso em: 23 mar. 2022.

⁶⁹³ DRIAU, Gustavo. *Gestão Estratégica para uma igreja sustentável*. In: INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Qualificação em lideranças sustentáveis**. São Leopoldo, 2015. (Curso – Módulo 5). p. 1-33. p. 1.

⁶⁹⁴ FRANÇA, Amaro. **Gestão Humanizada: lideranças e resultados organizacionais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Amaro Luiz Santana de França, 2016. p. 34.

É necessário aplicar e reinterpretar os princípios de gestão e especialmente, focar em resultados. Um grande desafio da Vida Religiosa no presente e no futuro será desenvolver a habilidade de gestão, nos mais diversos âmbitos, em sintonia com os valores e o espírito profético e místico que a anima.⁶⁹⁵

Toda pessoa líder pode ser capacitada para desenvolver a habilidade de gestão. Ao se mencionar a perspectiva de uma gestão humanizada, tem-se alguns pressupostos fundamentais: observação, liderança integral, estar presente, escuta empática, *feedback*, visão sistêmica, formação de equipes, planejamento, espiritualidade, gratidão e legado para a humanidade⁶⁹⁶. Todos esses elementos podem ser apreendidos e exercitados no cotidiano comunitário e social.

No exercício da gestão comunitária, aspectos como a tomada de decisões, a informação, a realização de ações vinculadas à missão e o fator liderança vão influenciar fortemente o aspecto da mobilização de pessoas e da captação de recursos financeiros. Sendo que a percepção da comunidade em relação à ação de pessoas líderes gera credibilidade e legitimidade resultando em engajamento e apoio cooperativo.

A competência da gestão é coordenar processos e liderar a fim de realizar a missão e os objetivos organizacionais. Ela leva em consideração, na sua forma de atuação, aspectos como: inserção cultural, formação e capacitação constantes; atuação conjunta; compromisso com metas comuns e valores compartilhados; comunicação e responsabilidade individual; critérios e indicadores para avaliar o desempenho; e, o resultado focado no público-alvo⁶⁹⁷. Tem-se um campo amplo colocado à disposição para contribuir com a forma organizacional e as ações das comunidades eclesiais.

Do campo empresarial, pode-se extrair alguns elementos interessantes que as novas exigências e tecnologias vem impulsionando. Da pessoa gestora, espera-se a capacidade de antever o futuro, flexibilidade, autonomia, decisões fundamentadas em objetivos, a longo prazo e adaptáveis a novas circunstâncias, mudanças de cenário e a distúrbios. Conta-se com o aperfeiçoamento constante, a inovação, a aquisição de novos instrumentos e ferramentas de auxílio à gestão. Além de simplificar tarefas para viver neste novo tempo⁶⁹⁸. Isso significa:

⁶⁹⁵ MURAD, 2010, on-line.

⁶⁹⁶ FRANÇA, 2016, p. 37-41.

⁶⁹⁷ MURAD, 2007, p. 76.

⁶⁹⁸ DRUCKER, 2003. p. 350-351.

[...] sistematizar e metodizar o que antes era feito através de palpites ou da intuição, reduzir a princípios e conceitos o que era antes deixado à experiência e ao empirismo, substituir por padrões lógicos e coesos o que era antes um reconhecimento casual e aleatório dos elementos. Todo o progresso da humanidade, toda a capacidade que adquiriu para enfrentar novas tarefas, foi conseguido simplificando-se as coisas através da sistematização.⁶⁹⁹

Nas últimas décadas, no campo da gestão foram difundidos termos e questões como: gestão colaborativa, gestão comunitária, participação, diálogo, ética, envolvimento, cidadania, participação comunitária, processos para as tomadas de decisão interativas, prestação de contas, aprendizagem contínua, planejamento a partir da missão, visão e valores da organização. Essa compreensão é resultado de uma tentativa de ampliar a forma com que se gerencia as organizações mediante a complexidade, a ambiguidade, as abordagens integradoras e as diferentes visões que compõem o tecido social atual.

Em boa medida essas são iniciativas que buscam responder a complexidade da teia da vida. Apostam nas mudanças de comportamento e em uma nova mentalidade que incorpora a perspectiva do coletivo, da responsabilidade e da preocupação com o futuro do planeta.

As virtudes que compõem o ser de uma pessoa são o que a torna profundamente humana. [...]. Cultivá-la [*sic*] no processo de gestão e internalização conduz a pessoa ao crescimento humano em um movimento altruísta (ir ao encontro do outro [*sic*]) de promover o bem. Portanto, os valores e as virtudes são fontes das quais haurimos energia, mantendo o nosso convívio e fortalecendo a nossa relação de trabalho.⁷⁰⁰

Um estudo recente apresentou onze tendências de sustentabilidade pós-pandemia. Essas tendências do campo empresarial e de grandes corporações podem abrigar fontes de inspiração para a gestão comunitária. São elas: Propósito antes de lucro; Humanos tratados como humanos e não mais meros recursos; Menos competição e mais cooperação na construção de respostas para os dilemas da sociedade; Ascensão da noção de interdependência; Maior transparência gera mais confiança; Investimento social privado cada vez mais estratégico; A urgência da regeneração; Negócios como parte da solução e não parte do problema; Reputação

⁶⁹⁹ DRUCKER, 2003, p. 352.

⁷⁰⁰ FRANÇA, 2016, p. 16.

baseada em valor compartilhado; Hora e vez da liderança orientada por valores; e, Atenção maior às mudanças climáticas⁷⁰¹.

Algumas temáticas apontadas nessas tendências são caras para a vida e a gestão comunitária. Dentre elas: planejamento com propósito; construção coletiva de estratégias; formação e capacitação contínuas; educação para a sustentabilidade; colaboração no contexto; parceiras; prestação de contas transparente; comunicação; ações sociais; promoção da credibilidade e da legitimidade; regeneração dos recursos naturais; valorização do ser humano como humano; intergeracionalidade; geração de valores; inteligência emocional; preservação da natureza; consumo consciente, saúde mental; equilíbrio entre trabalho e lazer; melhoria na qualidade de vida⁷⁰². Bem como, a formação de pessoas líderes sustentadas por valores como: ética, empatia, escuta efetiva, relações mais horizontais e equitativas; espiritualidade; cuidado com a outra pessoa e o meio ambiente.

Percebe-se a gestação de uma nova forma de as empresas se relacionarem com o mundo que aponta para uma preocupação com o presente e o futuro. O desenvolvimento de uma gestão voltada para o fomento de boas relações tende a inspirar outras pessoas e organizações a promover valores oriundos da sustentabilidade e intrínsecos à missão de Deus. Nesse sentido, “[...] as competências individuais e organizacionais para sustentabilidade devem estar alinhadas às estratégias organizacionais para alcance dos objetivos e resultados esperados”⁷⁰³. Dessa forma, saber-se parte de um todo e que a sua função está voltada para a prática dos objetivos específicos da instituição auxilia na compreensão do papel da comunidade e no fortalecimento institucional.

⁷⁰¹ IDEIA SUSTENTÁVEL; REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; PLATAFORMA DE LIDERANÇA COM VALORES (PLV). **11 Tendências de Sustentabilidade Empresarial no “Outro Normal”**. (©2022). p.12-57. Disponível em: <http://onzetendencias.ideiasustentavel.com.br/>. Acesso em: 27 jun. 2022. O estudo apresentou ainda oito princípios de negócios sustentáveis definidos através dos slogans: O mundo precisa de empresas capazes de colocar o propósito antes do lucro; O mundo precisa de empresas que tratem os humanos como humanos e não apenas recursos; O mundo precisa de empresas mais preocupadas em cooperar do que competir na construção de respostas para os dilemas da sociedade; O mundo precisa de empresas mais sensíveis à noção de interdependência; O mundo precisa de empresas mais éticas, cuidadoras e transparentes; O mundo precisa de empresas interessadas não só em zerar impactos, mas regenerar; O mundo precisa de empresas com mais líderes orientados por valores ; e, O mundo precisa de empresas que sejam parte da solução e protagonistas de uma nova economia. p. 60-61.

⁷⁰² IDEIA SUSTENTÁVEL; REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; PLATAFORMA DE LIDERANÇA COM VALORES (PLV), 2022, p.12-57.

⁷⁰³ STEFANO, Silvio Roberto; ALBERTON, Anete. Alinhamento entre estratégia da organização e competências para sustentabilidade: proposição de um modelo par análise. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 16, n. 4, p. 117-130, out./dez. 2018. p. 118.

A tarefa de gerir a comunidade é desempenhada na IECLB por pessoas voluntárias eleitas pela comunidade para exercer certa função por determinado tempo. Elas se colocam à serviço da missão da igreja e tem um papel relevante no êxito missionário ao lado da pessoa que exerce a função ministerial. E, dentro desta relação estabelecida, espera-se uma atuação marcada pela vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana e pela ética da responsabilidade. Segundo Afonso Murad, para as pessoas que lideram, o cultivo da espiritualidade pode emergir de aspectos como: “[...] nutrir a interioridade, investir em qualidade de vida e aprender das crises (noites, desertos e tempestades)”⁷⁰⁴.

A gestão comunitária tem como função o planejamento, a organização, a liderança, a mobilização de pessoas e o controle dos recursos organizacionais. Pode ser considerada como um processo de aprendizagem contínua e de adaptação e desenvolvimento permanentes. A descentralização, com a delegação de competência, de atribuições e de responsabilidades resulta em agilidade nos processos e coopera para que uma gestão tenha um bom desempenho⁷⁰⁵.

A proposta do planejamento participativo pode ser uma bela oportunidade de autoconhecimento e de desenvolvimento das comunidades. Na medida em que o exercício do planejamento envolve representantes dos diversos setores da comunidade, reúne pessoas com ideias e perfis diferentes, dá visibilidade para as ações empreendidas nas diferentes frentes da comunidade, oportuniza a integração, a cumplicidade e o engajamento.⁷⁰⁶

O favorecimento de espaços e a formação de pessoas facilitadoras de PE a fim de viabilizar o planejamento missionário podem ser considerados estratégias para melhor desenvolver a missão e a sustentabilidade na IECLB. Da mesma forma, é estratégico e salutar para a igreja promover um esforço sistemático para desenvolver e multiplicar a capacidade para exercer protagonismo em processos de mudanças sociais. Isso envolve ações voltadas ao desenvolvimento de pessoas, da comunidade e do campo teológico-ético-político da instituição que são regidos pela missão eclesial.

Assim como as empresas tem *[sic]* o papel de influenciar na cultura de uma cidade, a instituição religiosa, que prima pela qualidade dos seus serviços, influencia a comunidade, seja através da difusão de ideias, pensamentos, atendimento, além do seu ambiente, quando organizado e harmonioso, torna-se um espaço agradável e acolhedor. Por isso, é imprescindível primar pela

⁷⁰⁴ MURAD, 2007, p. 129.

⁷⁰⁵ HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 15-16.

⁷⁰⁶ CONRAD, Débora R. Klesener. **Caminhos para a ação missionária: Planejamento e missão na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015. p. 80.

qualidade naquilo que oferecemos, pois assim estaremos exercitando valores dos quais somos mensageiros.⁷⁰⁷

A base para o fortalecimento e a credibilidade institucional é sustentada pelas relações e pelo serviço que oferece como um diferencial para a sociedade. Isso significa dizer que um dos maiores desafios da igreja é investir em processos formativos e contínuos para estimular e conservar boas relações em todos os aspectos. Da mesma maneira, é preciso mobilizar pessoas e recursos para aperfeiçoar o sistema de gestão comunitária e ampliar sua atuação na sociedade.

Alguns fatores se tornam relevantes no desenvolvimento de uma gestão comunitária que intenta solidificar o fortalecimento e a credibilidade institucional. Dentre eles estão: transparência; equidade; prestação de contas; e, responsabilidade a curto, médio e longo prazo. Esses princípios necessitam ser transformados em boas práticas. A condução de processos, ou seja, a gestão, necessita de mensuração para a tomada de decisões⁷⁰⁸ e para mitigar riscos e o afastamento dos objetivos propostos no planejamento. A estratégia passa por acolher parâmetros e indicadores a fim de facilitar a compreensão, a análise, a tomada de decisões e o bom andamento do planejamento contínuo focado na missão e na visão eclesial.

Na gestão comunitária é importante poder contar com pessoas líderes que seguem as orientações e a finalidade da instituição eclesial. Além de pessoas abertas para acolher a criatividade e a sabedoria comunitária e que reconhecem o contexto e saibam otimizar os dons e os recursos que se tem à disposição. Pessoas que saibam integrar, harmonizar, cooperar, acolher a diversidade e a pluralidade e que são flexíveis, resilientes e dispostas a adaptar-se. Soma-se assim, um esforço que requer quebras de paradigmas e novas visões de mundo. Tanto a vivência da espiritualidade quanto a da gestão comunitária devem contribuir com a edificação de comunidade constituindo-se em “[...] uma aliança sinérgica”⁷⁰⁹.

Para Afonso Murad, uma gestão onde as pessoas líderes cultivam a espiritualidade apresenta características do seguimento de Jesus, dá sabor e qualifica as suas atividades. Alguns indicadores apontam para: qualidade nas relações, participação, envolvimento, aprendizado mútuo, empoderamento, valorização das pessoas colaboradoras, respeito e ética nas relações com público interno e externo,

⁷⁰⁷ HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 36.

⁷⁰⁸ BELLEN, 2006, p. 55.

⁷⁰⁹ BUTZKE, 2013, p. 10.

compromisso com a sustentabilidade em questões de cuidado e preservação do meio ambiente e uma atitude profética⁷¹⁰.

O desenvolvimento da comunidade passa pela sensibilização e pela capacitação para incorporar a ideia de missão e de sustentabilidade no cotidiano. A ideia de sustentabilidade rompe com as condutas baseadas na desculpa do “sempre foi assim” e propicia redesenhar novas estruturas de relações de poder e de ação mais próximas ao intento inicial do ser igreja. Em vista disso, pode-se afirmar que a gestão comunitária tem um compromisso que preza pelo uso da linguagem inclusiva, por temas atuais e busca por justiça. Ademais, tem como centro a coletividade, a participação, a formação contínua, o desenvolvimento de dons e a transparência na prestação de contas.

Uma gestão que se embasa na promoção da qualidade de vida, emprega a sua capacidade e a sua motivação para oportunizar boas práticas. Implementa ações de cuidado e preservação ambiental, influencia o público interno e externo com valores, promove planejamento e avaliações dos seus processos, mobiliza e desenvolve a participação crítica, o aprendizado contínuo e o comprometimento, medir opiniões, exprimi suas necessidades e ansiedades e busca melhorar o seu desempenho financeiro.

Dentro do exercício de uma gestão comunitária, as pessoas líderes podem contar com ferramentas gerenciais. Alguns exemplos: planilha, organograma, estatística, orçamento, regimento, diagnóstico, planejamento estratégico, cadastro e documentação atualizados. Da mesma forma, podem estimular mecanismos democráticos como a formação de comissões, de conselhos, de grupos de trabalho, o uso de plataformas, de redes sociais, entre outros. Segundo Ignacy Sachs, a democracia garante a transparência e a responsabilidade que são necessários para os processos de desenvolvimento⁷¹¹.

Sem dúvida que essas práticas gerenciais, associadas a convicção da missão e da sustentabilidade, melhoram o desempenho organizacional e econômico por meio de mecanismos de participação, controle, avaliação e prestação de contas. Também amenizam situações de desgaste, conflitos e o receio de processos de planejamento

⁷¹⁰ MURAD, 2007, p. 138-156. “O profetismo será uma instância crítica [*sic*] e corretiva da gestão. E a gestão oferecerá meios para realizar o sonho dos profetas”. p. 167.

⁷¹¹ SACHS, 2008, p. 39.

e implementação. Cooperam com a credibilidade e o fortalecimento institucional, bem como, ensinam as pessoas a serem cidadãs e a desempenharem seu papel na sociedade. Ao propiciar um planejamento de ações missionárias, o grupo gestor

[...] confirma seu comprometimento em promover determinadas transformações no contexto organizacional por meio de ações específicas. Vale dizer, estabelece seu termo de responsabilidade, o qual será cumprido na medida em que atue de acordo com as metas estabelecidas, os princípios e a missão organizacional.⁷¹²

Ana Cristina Campos Marques sugere enfrentar os desafios da sustentabilidade partindo da dimensão humana para a das organizações, sociedades e planetas. Não há modelos prontos e a sustentabilidade traz uma complexidade que está em uma constante mudança. Isso significa a necessidade de desenvolver abertura para o desconhecido e aprender a lidar com às incertezas no desenvolvimento de modelos e ferramentas. Para as organizações, significa tomar decisões e construir novos caminhos monitorando e absolvendo a inconstância das relações contextuais⁷¹³. Significa colocar o foco na missão, na visão e nos valores, apropriando-se da esperança e da criatividade em substituição ao medo e a apatia.

O caminho da busca da sustentabilidade e da missão de Deus é uma via de mão dupla entre indivíduo e organização. Ora sendo mais incentivada e sustentada por um, ora por outro. Importa manter a meta das ações e das boas relações dentro de um processo de diálogo de saberes constituindo uma relação de confiança entre a instituição e a sociedade. Esses aspectos contribuem para o desenvolvimento e o bom desempenho das comunidades em sua tarefa missionária.

A assimilação da missão e da visão eclesial juntamente com a mensuração de processos de planejamento, implantação e avaliação relacionadas às ações missionárias contribuem para dimensionar a atuação, o grau de comprometimento, a legitimidade e a credibilidade da Igreja. Esse conjunto de fatores integram uma postura de fortalecimento organizacional e de credibilidade e, ao mesmo tempo, multiplicam as ações em favor da vida e do encontro com o sentido da vida.

Quando os princípios da gestão comunitária estão integrados e informam sem descontinuidade as escolhas e as ações, tem-se uma visão da busca por sustentabilidade e das práticas missionárias. Michael Ben-Eli partilha que os aspectos

⁷¹² HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 21.

⁷¹³ MARQUES, 2019, p. 169.

econômico, social, espiritual, material e relativos à vida, devem ser articulados conjuntamente ainda que recebam significados diferentes em virtude do contexto em que serão aplicados. Assim, os objetivos que parecem ser difíceis e distantes, podem ser realizados de forma espontânea e completa:

Os cinco domínios subjacentes aos princípios interagem e co-definem um ao outro e, como em um imagem holográfica, cada uma incorpora todo o esquema geral em sua própria esfera. Quando o princípios são assim integrados e informam perfeitamente as escolhas e ações, um estado de sustentabilidade, que de outra forma aparece como um objetivo difícil e distante, pode ser realizado espontânea e completamente.⁷¹⁴

Uma maneira de como começar a aspirar os aspectos da sustentabilidade, é pensar em projetos de curto, médio e longo prazos e gerenciar as crises com novos paradigmas. Ainda segundo o autor Ignacy Sachs, os esforços precisam vir em todos os níveis o que significa pensar local, mas, também, global⁷¹⁵. A gestão comunitária pode se apoiar nessa ideia para dar passos importantes na transformação das formas de liderança e de gerenciamento nos âmbitos da igreja.

As experiências evidenciam que há conhecimentos, tecnologias e recursos financeiros “[...] para salvar a civilização e construir um futuro sustentável. Tudo o que precisamos agora é vontade política e liderança”⁷¹⁶. De uma equipe de gestão comunitária se requer um olhar maior no cenário da comunidade para que, com mais propriedade, saiba-se liderar processos que estimulam e resultam em sinais do reinado de Deus. Ampliando, assim, a tarefa da igreja fundamentada em sua própria natureza. Esse procedimento agrega valor à instituição e assegura sua existência por um longo tempo.

4.2.4 Atribuição institucional

Tendo em vista que os tópicos anteriores mencionaram questões relacionadas ao indivíduo como líder e gestor, tem-se a necessidade de apontar que as instituições também têm um papel relevante no que tange às relações sociais e

⁷¹⁴ BEN-ELI, (©2009), p. 8. “*The five domains underlying the principles interact and co-define one another and, as in a holographic image, each embodies the whole general scheme in its own sphere. When the principles are thus integrated and seamlessly inform choices and actions, a state of sustainability, which otherwise appears as a difficult, distant goal, can be realized spontaneously and completely*”. (tradução nossa).

⁷¹⁵ SACHS, 2008, p. 17-21.

⁷¹⁶ CAPRA, 2011, on-line.

ambientais. Dado que elas influenciam os pensamentos, as atitudes e o jeito de viver do ser humano através de um chamamento e um compromisso a uma causa, uma missão ou a um interesse específico.

A missão de uma instituição eclesial reflete na atribuição de buscar, de viabilizar e de proporcionar espaços de formação e capacitação para qualificar líderes e mobilizar pessoas, disseminar e disponibilizar conhecimentos técnicos, metodologias e valores. E, ainda, instrumentalizar líderes para uma gestão comunitária que prima pela legitimidade e pela credibilidade⁷¹⁷.

A capacitação tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo no qual se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que quiser viver. Por isso a capacitação como tarefa educacional consiste na criação de espaços de ação que exercitem as habilidades que se deseja desenvolver, criando um âmbito de ampliação das capacidades de fazer na reflexão sobre esse fazer como parte que se vive e deseja viver.⁷¹⁸

As formas de organização do convívio eclesial são diversas e incluem o estabelecimento de normas e regulamentos e uma gestão comunitária que objetiva criar condições indispensáveis para a atuação missionária e para minimizar conflitos. O acolhimento da diversidade e das diferenças é relevante, mas deve estar adequada e focada no “[...] serviço de Cristo e de sua missão”⁷¹⁹.

No contexto da pandemia, as pessoas foram expostas às novas formas de aprendizagem e de convivência quase que totalmente baseadas nas novas tecnologias (redes sociais, vídeos, celulares, aplicativos, etc.). Na igreja, a vida das comunidades também foi influenciada e recebeu um grande impulso pelo contexto pandêmico. Nota-se que na igreja a utilização de ferramentas tecnológicas cresceu muito. Foram destaques atividades on-line como: cultos, reuniões, cursos de formação e de capacitação, celebrações especiais, estudos bíblicos, entre outros. Por outro lado, essa nova realidade tem causado preocupação e, doravante, requererá cada vez mais uma postura sensata e cuidadosa diante da continuidade da sua utilização tanto no que se refere a observância das leis de proteção de dados quanto na harmonização das relações⁷²⁰.

⁷¹⁷ SACHS, 2008, p. 90.

⁷¹⁸ MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 11.

⁷¹⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Nossa fé – Nossa vida**. Guia da vida comunitária na IECLB. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; IECLB, 2003. p. 6-7.

⁷²⁰ Criação da lei de proteção de dados.

Cabe a instituição eclesial aportar as comunidades eclesiais com instrumentos para motivar e implementar processos contínuos de formação e de capacitação. O lado humano de cuidado e acompanhamento não pode ser negligenciado. Esses são vetores relevantes para a busca por sustentabilidade e a realização da tarefa missionária. Dessa forma, fomenta-se o enfrentamento das mudanças e incertezas, o despertar dos dons e talentos, a multiplicação do engajamento e da criatividade no testemunho cristão. Além de influenciar e empoderar para o exercício da cidadania.

4.3 CRIAR E OPORTUNIZAR: ESTÍMULOS PARA A TAREFA MISSIONÁRIA

A formação e a capacitação favorecem os processos de conscientização e transformação social e ambiental com vista a plenitude da vida. A sabedoria acumulada ao longo do tempo permite que o conhecimento continue a se desenvolver e a se aprimorar a partir da compreensão de que tudo está em permanente mudança e transformação. Todavia, esse conhecimento acumulado, muitas vezes assusta e é rechaçado, questionado e, até mesmo, negado. A exemplo do uso de vacinas ou da crise climática que colocam em xeque a própria vida do ser humano.

A arte de ensinar e aprender tem como pressuposto o desenvolvimento pessoal e coletivo e exerce um relevante papel no processo de humanização e de construção da cidadania. Juntamente com a ética, resulta de uma sabedoria milenar e se coloca como elementos fundantes da sociedade ao ser articulada para integrar, conservar e dar continuidade à vida. A bíblia, com o mesmo intuito, instrui e motiva relações cuidadosas, harmoniosas e corresponsáveis pela preservação de toda a criação de Deus e, assim, nas entrelinhas apresenta a sustentabilidade e se alinha na perspectiva de viver a partir do amor.

Onde a prática do amor não se faz presente, há falta de diálogo, violências, exploração e injustiças que geram sinais de morte e a própria morte. Ao que a proposta do reinado de Deus vai denunciar e se opor. E, ao mesmo tempo, vai anunciar e estimular atitudes de reconciliação, de perdão, de amor, de esperança. Daí a relevância do aprofundamento bíblico-teológico para trazer luz às sombras das relações que fomentam o mal e a morte. Além de levar à reflexão e à conscientização acentuando espaços, situações, condições socioambientais e realidades que carecem de um novo olhar conduzido por valores e práticas prudentes, responsáveis e éticas.

Esse caminho necessita ser ensinado, assimilado e aplicado cotidianamente. Tal compromisso espera-se de uma educação na sustentabilidade que rememora os conhecimentos e a sabedoria acumulados, inclui novos saberes, gera consciência humana e contextual, amplia a percepção holística de mundo e do próprio ser humano em si, abre caminho para a criatividade e incentiva a inovação.

A educação cristã segue esse mesmo caminho quando se coloca como fomento da tarefa missionária que cabe a toda pessoa batizada, integrada e empoderada no sacerdócio geral. Um caminho que quer promover os valores divinos, que nomeia as dificuldades e os sofrimentos, que gera equidade e cooperação, que valoriza o ser humano de forma integral, que olha e reflete os textos bíblicos para além da interpretação antropocêntrica, patriarcal e androcêntrica, que possibilita a sabedoria plural e que desencadeia a busca por sustentabilidade.

Considera-se que a educação cristã contínua motiva e favorece processos de empoderamento para uma participação e uma liderança cooperativa e ao instrumentalizar para uma gestão comunitária que responde as demandas contextuais com vistas à missão, à visão e aos valores da instituição eclesial. Uma educação assim, influi sensivelmente na legitimidade e credibilidade do ser igreja neste mundo e exerce o papel de um chamamento para sonhar, planejar e implementar ações missionárias que vem de encontro as realidades contextuais e que ampliam a inserção social e a significação pessoal e social.

Uma liderança alicerçada na espiritualidade pode desencadear processos de transformação social e organizacional que motivam novas ações. Logo, a gestão comunitária exerce relevância na promoção da formação, da capacitação, dos estímulos e do apoio ao desenvolvimento de ações estratégias vinculadas aos princípios da missão e da sustentabilidade. Não se trata de modelos prontos, mas de acolher reflexões, ferramentas e experiências que cooperam na construção de caminhos coerentes com o propósito eclesial.

A sustentabilidade auxilia na leitura, na interpretação e no vislumbre da responsabilidade para com a missão e o mundo. Carrega em seu interior o potencial de estimular o fomento de redes e mecanismos de coordenação de ações e convivência dentro da diversidade e da complexidade da vida. Comunica e promove a reflexão e o entendimento de valores inerentes a plenitude da vida. Exige lideranças que articulem a cooperação e o diálogo de saberes na compreensão da interdependência dos fatores, das vivências e da vida.

Considera-se que a visão de mundo que se aspira, em virtude da compreensão da sustentabilidade e da missão de Deus, vai depender da assimilação e da construção de processos de aprendizagem, de criatividade e de uma boa convivência. Bem como, dependerá da abertura para substituir os velhos modelos em esgotamento e criar novas formas relacionais mais condizentes com a realidade de cada lugar em sintonia com uma percepção mais global.

Há experiências nesse sentido, contudo, pouco visibilizadas e sofrem com as resistências. Ao que leva a ciência de que é preciso saber persistir e potencializar as experiências que postulam: equidade social, de gênero e geracional, empoderamento e valorização do ser humano, solidariedade, partilha, comunhão, cooperação, paridade participativa, cuidado, responsabilidade, criatividade, senso de coletividade, voluntariado, promoção do acolhimento e respeito à diversidade de expressão, gestão comunitária democrática e transparente, apoio a projetos, instituições e ações que fomentam vida digna para toda a criação de Deus, entre outros. Portanto, uma aprendizagem contínua, dotada da intencionalidade oriundas dos princípios da sustentabilidade e da missão eclesial, pode conduzir a novas relações humanas e ambientais e incentivar a formação de pessoas cidadãos reflexivas, críticas, ativas e capazes de lidar com as mudanças permanentes da realidade e as incertezas.

Diante disso, buscar-se-á uma imersão em experiências eclesiais que apontam para caminhos e estratégias fomentadas pela ideia de sustentabilidade. Assim, no intuito, desafiador e urgente, de criar e oportunizar estímulos para a tarefa missionária, recorre-se a Simeí Monteiro: Vem, Santo Espírito.

1. Vem, ó tu que fazes novos os sistemas de pensar;
que às letras dás sentido e que amplias nosso olhar.
Vem e toca nosso mundo: terra árida de dor.
Neste vale de ossos secos sopra a vida e o amor.
2. Vem, ó tu que intercedes e que gemes junto a nós;
que ressoas nos lamentos e que aqueces nossa voz
Sê a chama que alimenta e incandesce o coração.
Vem, e rompe de repente as amarras da omissão.
3. Vem, ó tu que és dom divino e convence-nos do mal;
trava as máquinas da morte e da força irracional.
Vem, transforma os planos tolos em projetos de viver.
Vem, inunda a nossa era de esperança e de saber⁷²¹.

⁷²¹ MONTEIRO, Simeí. **Vem, Santo Espírito**. Disponível em: file:///D:/Dados/Downloads/opc-211-
vem-santo-espirito.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

5 CENÁRIO DA SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO DA IGREJA

Só eu conheço os planos que tenho para vocês: prosperidade e não desgraça e um futuro cheio de esperança. Sou eu, o SENHOR, quem está falando. (Jr 29.11).

Em tempos de grandes mudanças sociais e do forte apelo pela preservação dos recursos naturais, a própria igreja se viu impelida a refletir sobre o seu papel no mundo. Estão na pauta de discussão a responsabilidade social e eclesial, a contextualização, o desenvolvimento e o seu futuro. No Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB, encontra-se a formulação que motiva as preocupações:

A mensagem da igreja perdeu forças na orientação da sociedade em seus traços fundamentais. A sociedade construiu fundamentos que dispensam a palavra das igrejas e das demais instituições religiosas. O modelo econômico determina, em grande parte, as relações sociais, contribuindo para a desigualdade que gera uma multidão de subempregados e empobrecidos. O poder político, aliado ao poder econômico, numa associação perversa, resulta num quadro de corrupção crônica e generalizada. Os efeitos desse modelo de desenvolvimento também são sentidos no meio ambiente. A natureza sofre as dores do progresso a qualquer preço. Diante desse quadro social e econômico, que se guia pela lógica da exclusão da maioria, a igreja cristã precisa identificar espaços onde é possível colocar sinais do reino de Deus no mundo. Compreender como a sociedade funciona, organiza-se e quais as relações de poder que se estabelecem ajuda a identificar o contexto de atuação missionária.⁷²²

Na igreja, um caminho que desponta e tem sido empoderado é a construção de planejamentos missionários alicerçados no PAMI. Um processo que visa estimular a vivência da espiritualidade, a formação e a capacitação. Incorpora ainda o fomento ao sacerdócio geral em conformidade com a missão, a visão e os valores eclesiais e tem como intuito a ampliação e a potencialização da cooperação com a missão de Deus. Com o desenvolvimento da hermenêutica da sustentabilidade abrem-se novos olhares e oportunas reflexões em torno da tarefa missionária das comunidades.

Com um recorte temporal e temático bem específico, buscar-se-á a visão do desenvolvimento das igrejas fomentado pela FLM e a abordagem do tema da sustentabilidade em relatos dos Concílios da Igreja, do PAMI, do Plano Operacional da IECLB e das Metas Missionárias. Apresentar-se-á também a visão acerca da implementação de planejamentos missionários para impulsionar ações para mitigar

⁷²² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 37-38.

as preocupações com o presente e o futuro da igreja. O capítulo conclui com um olhar a respeito do cenário que se vislumbra do diálogo entre sustentabilidade e igreja.

5.1 DESENVOLVIMENTO DAS IGREJAS SEGUNDO A FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL

A FLM elaborou o documento “Missão em Contexto: transformação, reconciliação e empoderamento” para contribuir com as discussões e o discernimento teológico e prático da tarefa missionária das igrejas de confessionalidade luterana. O texto discorre que a igreja é em sua essência missional e realiza a sua missão (*missio Dei*) através de ações missionárias. Conforme descrito, não é uma opção da igreja ser missionária ou não, mas faz parte do próprio ser da igreja⁷²³: “Vocês foram escolhidos para anunciar os atos poderosos de Deus, que os chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz” (I Pe 2.9b).

O documento expõe a compreensão holística da missão, seguindo uma abordagem hermenêutica-bíblica em forma de espiral, baseada em Lc 24.13-49, que “[...] reflete a interação entre os contextos, a teologia e a prática”⁷²⁴. A missão, composta pelas dimensões da evangelização, da diaconia e da defesa da vida (justiça) tem como ponto de partida o contexto, a escuta atenta da situação e as experiências. E segue com uma visita às Escrituras Sagradas para encontrar “[...] motivações e impulsos para transformar as situações aparentemente sem saída”⁷²⁵.

A dinâmica criativa intrínseca na missão possibilita o empoderamento, a reconciliação, a transformação, a perspectiva da abertura, do diálogo e da relação com o contexto⁷²⁶. Assim, a comunidade assume o papel de ser: “[...] testemunha que realiza a missão de Deus em diferentes esferas da realidade: religiosa, ideológica, sociológica, política, econômica, geográfica e demográfica”⁷²⁷.

As dimensões teológicas da missão são apresentadas a partir de três características: transformação, reconciliação e empoderamento. Compreende-se que as ações missionárias transformadoras são decorrentes do aceite e da gratidão ao

⁷²³ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 9 e 29.

⁷²⁴ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 9.

⁷²⁵ ZWETSCH, Roberto E. **Teologia e prática da missão na perspectiva luterana**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2009. p. 36.

⁷²⁶ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 10.

⁷²⁷ ZWETSCH, 2009, p. 34.

chamado de Deus, o qual justifica e empodera pessoas para serem instrumentos à serviço de um mundo melhor anunciando o Evangelho e denunciando as injustiças.

As Escrituras falam da transformação como um processo de contínuo de total reorientação da vida com todas as suas aspirações, ideologias, estruturas e valores. [...] de rejeição daquilo que desumaniza e profana a vida, e de adesão àquilo que reafirma a santidade da vida e a presença de dons em todos e promove a paz e a justiça na sociedade. Isso vem do conhecimento da vontade graciosa de Deus, que chama, justifica e empodera pessoas, através do Espírito Santo, para serem conforme à imagem do Filho de Deus, oferecendo-se a si próprio como instrumento de justiça.⁷²⁸

A reconciliação é um dos objetivos da missão de Deus. Seu intento é o de restaurar o relacionamento do ser humano com Deus. A tarefa missionária da igreja se estende a todos os âmbitos da vida e inclui “[...] a mediação, a restauração e o sustento das relações. [...] a igreja toma sobre si as dores das vítimas e a arrogância dos perpetradores para dar lugar à paz e reconciliação”⁷²⁹.

O empoderamento resulta da ação de Deus de compartilhar seu poder com as pessoas para que elas participem de sua missão. Sob a ação do Espírito Santo, pessoas recebem dons para edificar anunciando a justificação pela graça e testemunhando a esperança que provém da fé em Jesus. O Espírito Santo também empodera a igreja que congrega pessoas que se dispõem às ações missionárias⁷³⁰.

As promessas divinas de fazer novas todas as coisas (Ap 21.5) e de cuidar, animar e transformar choro em alegria (Jr 31.13b), sustentam as pessoas cristãs porque permitem esperar e estimulam mudanças, renovações e evidenciam o intento do bem-estar de toda a criação. A promessa de que “[...] há esperança para você no futuro” (Jr 1.17) serve de consolo e ânimo. Logo, a vivência da espiritualidade cria contextos, possibilidades e perspectivas e indica caminhos do reinado de Deus.

⁷²⁸ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 34. “Evidentemente, a transformação é um processo. Mas, ao mesmo tempo, ela traz consigo a visão do alcance a determinadas metas, chegando a uma nova situação, em que se respeita mais a dignidade humana, com paz e justiça para mais pessoas. Assim, a transformação está estritamente relacionada com o que também pode ser designado como mudança, progresso ou desenvolvimentos sociais. A partir do ponto de vista teológico, a transformação é lembrete de renovação constante da criação de Deus”. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto:** Transformação, Reconciliação, Empoderamento. Uma Contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia. Porto Alegre: IECLB, 2009. p. 43.

⁷²⁹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 35.

⁷³⁰ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 36.

5.1.1 Princípios para o desenvolvimento das igrejas

Em 2002, a FLM lançou o documento intitulado *Principios básicos para el Desarrollo Sostenible* discorrendo acerca de princípios orientadores para seu trabalho com a finalidade de “[...] servir como uma ‘ajuda de memória’ na formulação de políticas e diretrizes em cada contexto no qual os membros da família FLM empreendem atividades de desenvolvimento”⁷³¹. Dessa forma, a FLM estaria contribuindo com o desenvolvimento sustentável⁷³² e a prática permanente e coerente da confessionalidade luterana.

A FLM assegura que as teorias de desenvolvimento mudaram ao longo do tempo, sendo que o desenvolvimento sustentável é tido como resultado da relação desenvolvimento e meio ambiente. Porém, o Documento Diaconia em contexto, salienta que: “[...] quando hoje falamos de sustentabilidade, sabemos que esse conceito abrange um grande leque de aspectos, entre eles, as dimensões cultural, social, econômica, ecológica e até ideologia e política”⁷³³.

O desenvolvimento foi reenforcado para visar à emancipação do indivíduo e à transformação e libertação da sociedade, incluindo o bem-estar social, cultural e espiritual das pessoas. Ele não está mais focado exclusivamente na riqueza econômica e material. Nessa compreensão, o trabalho pelo desenvolvimento, como parte do processo de transformação e empoderamento, é uma parte integrante da missão da igreja. Em muitas partes do mundo, no nível da base, a igreja como comunidade servidora é

⁷³¹ FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL. **Principios básicos para el desarrollo sostenible.** Ginebra, 2002. p. 6. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/dws-guiding_principles_for_sustainable_development_es.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021. [...] *servir de ayuda-memoria en la formulación de políticas y directrices en cada contexto en el que los integrantes de la familia de la FLM emprenden actividades de desarrollo.* (tradução nossa). Nas páginas 9 a 13 está descrito o processo histórico que influenciou a FLM a: “[...] fomentar entre as igrejas membros de todo o mundo a ação diaconal, a mitigação das necessidades humanas, a promoção da paz e dos direitos humanos, a justiça social e econômica, a preservação da criação de Deus e a partilha de recursos. p. 11-12. [...] *fomenta entre las iglesias miembros de todo el mundo la acción diaconal, la mitigación de las necesidades humanas, la promoción de la paz y de los derechos humanos, la justicia social y económica, la preservación de la creación de Dios, y el compartir de recursos.* (tradução nossa).

⁷³² O Desenvolvimento sustentável foi definido como: “[...] um processo de mudança pelo qual as necessidades básicas são satisfeitas e se salvaguarda os direitos humanos fundamentais das pessoas e das comunidades de uma determinada sociedade, ao mesmo tempo em que se atende às necessidades básicas e se salvaguarda os direitos humanos das demais comunidades e das gerações futuras”. FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL, 2002, p. 5. [...] *un proceso de cambios mediante el cual se satisfacen las necesidades básicas y se hacen efectivos los derechos humanos fundamentales de las personas y las comunidades de una sociedad determinada, al tiempo que se atienden las necesidades básicas y se salvaguardan los derechos humanos de las demás comunidades y de las generaciones futuras.* (tradução nossa).

⁷³³ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009. p. 77.

reconhecida como um agente eficaz de empoderamento e transformação sociais profundos.⁷³⁴

Nessa compreensão de desenvolvimento, e juntamente com os princípios, a FLM destacou como relevantes para o seu trabalho as perspectivas dos direitos humanos, de gênero, do meio ambiente e de comunicação. Foram considerados princípios básicos para um desenvolvimento sustentável:

[...] processo holístico com conexões transversais. [...] não discrimina e protege a dignidade de cada pessoa. [...] prioriza o bem-estar dos seres humanos. [...] sensível aos aspectos culturais e espirituais. [...] não aceita a superioridade de nenhum modelo de governança econômica e social. [...] participativo. [...] A capacitação é tanto um meio como um objetivo do desenvolvimento sustentável. [...] A sustentabilidade financeira é necessária para promover com eficácia o desenvolvimento sustentável. [...] depende da sustentabilidade institucional. [...] centrado nos recursos comunitários. [...] tecnologicamente apropriado. [...] depende das condições apropriadas de saúde e educação. [...] supõe a defesa das condições socioeconômicas e políticas em prol do bem-estar das pessoas. [...] Fomentar a paz e a reconciliação é uma função e uma condição prévia essencial do desenvolvimento sustentável. [...] requer o compartilhamento igualitário e eficaz dos recursos.⁷³⁵

Para Kenneth Mtata, a igreja é uma instituição relevante para o desenvolvimento das sociedades, pois desenvolve aspectos como: inspiração e motivação ao bem-estar; engajamento humanitário; mobilização pessoas; reflexão de temas sociais; referência de visão de mundo; formação e capacitação de líderes; cooperação na reflexão sobre a realidade; valores éticos; visão holística; ações coletivas; presença na sociedade; perspectiva do cuidado com a criação; e, é formadora de opinião⁷³⁶. Madipoane Masenya (ngwan'aMphahlele), citando Francis Gichia, descreve o desenvolvimento como sendo:

[...] um processo pelo qual os membros de uma sociedade aumentam as suas capacidades pessoais e institucionais para mobilizar e gerir recursos para

⁷³⁴ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2006, p. 50.

⁷³⁵ FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL, 2002, p. 23-27. [...] *proceso holístico e interconectado. [...] no es discriminatorio y protege la dignidad de cada persona. [...] otorga consideración prioritaria al bienestar de la persona humana. [...] sensible a los aspectos culturales y espirituales. [...] participativo. [...] La capacitación es tanto un medio como un objetivo del desarrollo sostenible. [...] La sostenibilidad financiera es necesaria para promover eficazmente el desarrollo sostenible. [...] depende de la sostenibilidad institucional. [...] centra en los recursos comunitários. [...] tecnológicamente apropiado. [...] depende de condiciones adecuadas de salud y educación. [...] supone la defensa de las condiciones socioeconómicas y políticas en pro del bienestar de las personas. [...] El fomento de la paz y la reconciliación es una función y precondition esencial del desarrollo sostenible. [...] exige el intercambio proporcional y eficaz de recursos.* (tradução nossa).

⁷³⁶ MTATA, 2013, p. 32.

produzir melhorias sustentáveis e distribuídas de forma justa na sua qualidade de vida consistente com as suas próprias aspirações.⁷³⁷

O desenvolvimento é intrínseco à missão da igreja de testemunhar e de anunciar sinais do amor de Deus e denunciar sinais de ódio, sofrimento e morte. As igrejas “[...] são chamadas a se empenhar pela construção de novos paradigmas de desenvolvimento, que estejam centrados na promoção da vida humana, de relações internacionais justas entre os povos e que zelem pela integridade da criação”⁷³⁸. Michael Biehl conclui: “Eu entendo o desenvolvimento como um chamado para a transformação e, portanto, como uma expressão da missão da igreja e parte de seu testemunho em palavra e ação”⁷³⁹.

Esses entendimentos fundamentam a concepção de que as lideranças religiosas precisam fomentar processos emancipatórios e de capacitação das pessoas onde a bíblia e Jesus ocupem centralidade e, onde a mensagem do Evangelho afirme que a missão da igreja está ligada com a busca de vida plena. Desse modo, “[...] é em busca da plenitude da vida para todos [sic] que entra a questão da justiça e da sustentabilidade”⁷⁴⁰. No relatório ao Conselho da FLM, em 2018, Martin Junge realçou:

É realmente um momento de definição e desafio para a igreja. Mesmo assim, não consegui pensar em um momento melhor para ser a igreja! Porque a igreja é confiada com a mensagem de Cristo: uma mensagem de esperança, que expulsa o medo; um de compaixão que desafia a indiferença; um de justiça que resiste à opressão; um de reconciliação que se apoia na construção da paz. A igreja tem uma mensagem que é tão necessária hoje.⁷⁴¹

Segundo o autor, diante das mudanças internas e externas a que estão sujeitas as igrejas, a busca por contextualização e a alteração no quadro teológico a exemplo da cooperação ecumênica, tornou-se necessário refletir a respeito da

⁷³⁷ MASENYA, 2013, p. 169. [...] is a process by which the members of a society increase their personal and institutional capacities to mobilize and manage resources to produce sustainable and justly distributed improvements in their quality of life consistent with their own aspirations. (tradução nossa).

⁷³⁸ BOCK, Carlos Gilberto. O papel da Igreja no serviço de desenvolvimento. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 40, n. 1, p. 73-79, 2000. p. 74 e 76.

⁷³⁹ BIEHL, 2013, p. 113. I understand development as a call for transformation and thus as an expression of the mission of the church and part of its witness in word and deed. (tradução nossa).

⁷⁴⁰ MASENYA, 2013, p. 176 e 183. It is in search of fullness of life for everybody that the question of justice and sustainability come in. (tradução nossa).

⁷⁴¹ THE LUTHERAN WORLD FEDERATION (LWF). “**A defining moment for the church**”. Genebra, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/news/defining-moment-church>. Acesso em: 11 nov. 2021. It is indeed a defining and challenging moment for the church. Yet, I couldn't also think of a better time to be the church! Because the church is entrusted with the message of Christ: one of hope, that drives out fear; one of compassion that challenges indifference; one of justice that resists oppression; one of reconciliation that holds fast to peace-building. The church has a message that is so desperately needed today. (tradução nossa).

sustentabilidade nas igrejas⁷⁴². A FLM fomentou processos de fortalecimento institucional para as igrejas luteranas da América Latina e do Caribe através do Programa Sustentabilidade das Igrejas.

5.1.2 Programa Sustentabilidade das Igrejas

O Programa surgiu a partir da necessidade identificada por líderes das Igrejas Luteranas da América Latina e do Caribe de se construir espaços de apoio e partilha de práticas de gestão para favorecer a sustentabilidade. Em 2007, o Programa começou a ser desenvolvido a partir da estratégia de acompanhar as igrejas locais e o desenvolvimento das capacidades regionais. Entre os anos de 2007 e 2014 ocorreram cinco encontros de referentes das Igrejas luteranas latino-americanas que auxiliaram na construção de referenciais teóricos e práticos.

A sustentabilidade organizacional das igrejas foi compreendida a partir das dimensões do Planejamento Estratégico Participativo (PEP), da mobilização de dons e recursos e da reflexão teológica, ambos baseados na missão e diaconia contextuais e na concepção de *Missio Dei*. A reflexão a respeito da conexão entre espiritualidade, gestão e sustentabilidade começou a ser articulada e valorizada⁷⁴³.

Ressalta-se que as discussões promovidas através do Programa influenciaram na construção do PAMI 2008-2012. A reflexão promovida fez eco na necessidade de discutir e fomentar a “[...] qualificação dos processos de gestão e o desenvolvimento de uma cultura de planejamento, bem como, o desenvolvimento de dons e mobilização de recursos”⁷⁴⁴. De outra parte, observou-se a necessidade de compor novos modelos de gestão comunitária.

A sustentabilidade das igrejas não depende do agir humano. É o Espírito Santo que guia e sustenta a igreja. Ao mesmo tempo, há uma responsabilidade humana nesta tarefa que leva a revisar os paradigmas que

⁷⁴² DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 11.

⁷⁴³ DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 15-24. Cabe respaldar que o InS se fundamenta no conceito de sustentabilidade como: “[...] a capacidade de uma organização para criar, desenvolver e multiplicar seu valor social de forma duradoura em contínuo diálogo com o seu contexto”. E apresenta a seguinte justificativa: “A partir do conceito sugerido pelo sociólogo brasileiro Domingos Armani, nosso principal foco são os processos de fortalecimento institucional e a busca por sustentabilidade em igrejas e organizações. Neste sentido, trabalhamos com o conhecido conceito de sustentabilidade, proveniente da área da ecologia, mas que agora recebe uma perspectiva sociológica visando compreender as dinâmicas de gestão no ambiente eclesial, público e corporativo”. INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nosso Foco**. (©2021a). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nosso-foco/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁷⁴⁴ CONRAD, 2015, p. 70.

têm modelado as igrejas protestantes na América Latina e no Caribe. Esta mesma responsabilidade desafia a propor caminhos adequados aos novos contextos, melhorando os aspectos estratégicos, operativos e administrativos e também os ministérios, numa perspectiva que relaciona espiritualidade e gestão.⁷⁴⁵

A partir do Programa Sustentabilidade das Igrejas e dos apoios institucionais da FLM, da IECLB e da Faculdades EST⁷⁴⁶ foi fundado, em 2013, o Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe (InS), com sede em São Leopoldo/RS. O InS foi criado a partir das demandas levantadas pelas lideranças das Igrejas para ser um espaço acadêmico para formalizar os processos de aprendizagem e capacitação. E tem como função:

Gerar e sistematizar conhecimentos; Promover a troca de experiências e de boas práticas; Desenvolver tecnologias e construir ferramentas que ajudem as igrejas e organizações a: analisar suas práticas de gestão e; aprofundar seu compromisso com a missão de Deus.⁷⁴⁷

A missão do InS está estabelecida na área educacional. Sua definição é: “Contribuir com a formação e o desenvolvimento de capacidades de pessoas, comunidades e igrejas mediante a reflexão, prática e inovação nos tópicos de gestão comunitária, planejamento e mobilização de dons e recursos”.⁷⁴⁸ Em sua página na internet, o InS apresenta os seguintes princípios epistemológicos:

- Uma organização sustentável promove intercâmbios contínuos com o meio no qual está inserida. - Organizações sustentáveis gerem relações de interdependência. - Organizações sustentáveis criam e gerem redes. - Organizações sustentáveis promovem e mantêm relações justas entre gêneros, gerações e etnias. - Os contextos, as organizações e suas relações são mais bem compreendidos a partir da visão da complexidade e do enfoque sistêmico.⁷⁴⁹

A partir das experiências realizadas nas igrejas e sob apoio dos documentos *Missão em Contexto* (2005) e *Diaconia em Contexto* (2009), ambos da FLM, o

⁷⁴⁵ CONRAD, Débora R. Klesener *et al.* **Documento fundante do Instituto Sustentabilidade – América Latina e Caribe**. 2013. p. 5. Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/documentos-fundantes/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁷⁴⁶ “A ‘Cátedra Espiritualidade e Sustentabilidade’ desta instituição, iniciada em 2011, foi um passo prévio importante e pode ser considerada como um dos elementos precursores do *InS*”. (grifo do autor). DOCUMENTO, 2013, p. 3.

⁷⁴⁷ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nossas funções**. (©2021b). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nossas-funcoes/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁷⁴⁸ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nossa missão**. (©2021c). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nossa-missao-e-visao/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

⁷⁴⁹ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Princípios éticos, teológicos e epistemológicos**. (©2021d). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/principios-eticos-teologicos-e-epistemologicos/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Programa Sustentabilidade das Igrejas construiu um marco referencial para abordar a temática da sustentabilidade organizacional nas Igrejas da América Latina e Caribe. Pertencem a esse marco referencial as seguintes proposições:

Missão de Deus; concepção de uma espiral hermenêutica; princípio de participação e de protagonismo ativo; enfoque intergeracional; princípios de mordomia (mobilização de recursos) responsável e de responsabilidade na prestação de contas; enfoque sistêmico; pedagogia crítica e aprendizagem mútua e experiencial; abordagem da mudança organizacional; e, especialmente, o enfoque de gênero.⁷⁵⁰

A reflexão acerca do desenvolvimento das igrejas, sob a premissa da sustentabilidade, mostra-se amparada pela concepção de missão (*missio Dei*), por reflexões bíblicas, teológicas e confessionais, documentos e por instituições eclesiais. Segundo Gustavo Driau, a experiência mostrou que é um longo caminho e com mudanças significativas, porém lentas⁷⁵¹. A hermenêutica da sustentabilidade traz uma contribuição relevante para o caminho que vem sendo trilhado.

O InS tem acompanhado os processos de transformação e fortalecimento das Igrejas no contexto latino-americano cumprindo com o seu propósito fundamental de: “[...] abrir espaços de sensibilização e capacitação no que diz respeito ao conceito da sustentabilidade em si, e gerar uma reflexão teológica e missiológica que acompanhe e sustente o processo das igrejas”⁷⁵². O trabalho prático do InS se baseia nos seguintes aspectos:

Motivamos e acompanhamos as igrejas e organizações na elaboração e implementação de seus planejamentos estratégicos participativos; Respondemos às necessidades de formação contextualizada de lideranças, despertando, mapeando e desenvolvendo dons e recursos; Formatamos ferramentas de análise de práticas de gestão, desenvolvendo modelos inovadores de gestão e sistematizando e difundindo as boas práticas de gestão; Investigamos as concepções de eclesiologia subjacentes aos modelos organizativos das igrejas luteranas da região; Motivamos à reflexão sobre novos modos de ser igreja, de ser instituição/organização a partir da confessionalidade luterana, com vistas a aprofundar o compromisso com a missão de Deus.⁷⁵³

⁷⁵⁰ CONRAD, 2013, p. 2.

⁷⁵¹ DRIAU, Gustavo. **Enfoques y herramientas en los procesos de sustentabilidad de las iglesias**. São Leopoldo: Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016. p. 7.

⁷⁵² DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 27. [...] *abrir espacios de sensibilización y capacitación con respecto al concepto de la sustentabilidad en si, y generar una reflexión teológica y misiológica que acompañe y sustente el proceso de las iglesias*. (tradução nossa).

⁷⁵³ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nosso propósito**. (©2021e). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nosso-proposito/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Notadamente, observa-se a necessidade de uma maior articulação prática na base das comunidades. Ampliar esse debate significa investir em espaços de espiritualidade, formação e capacitação. Bem como, em ações que envolvam a mobilização de pessoas, o fomento de recursos financeiros, uma gestão comunitária participativa, o uso das tecnologias, a motivação para planejar ações missionárias amparadas por indicadores de sustentabilidade, entre outras. São processos que, na prática e na teoria, se retroalimentam continuamente através das experiências e da apropriação de novos conhecimentos.

5.2 PANORAMA DA SUSTENTABILIDADE NA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

O Fórum Nacional de Missão da IECLB, em 2006, foi um espaço de avaliação da caminhada a partir do PAMI 2000 com vistas a novas proposições. As pessoas que participaram se dividiram em nove eixos temáticos para apresentar recomendações para os próximos anos. O eixo Missão e Sustentabilidade apresentou doze sugestões voltadas para a questão dos recursos financeiros, salvo uma a qual se referia a realização bianual de um Fórum para monitorar e avaliar o PAMI. A compreensão da sustentabilidade estava voltada a “[...] auto-sustentação (*sic*) do trabalho da igreja”⁷⁵⁴.

Na Conferência de Bispos, Bispos, Presidentas e Presidentes das Igrejas Luteranas da América Latina e Caribe promovida pela FLM, em 2006, surgiu uma proposição para a compreensão da sustentabilidade nas igrejas. O intuito era iniciar um processo de “[...] reflexão e ação de suas práticas de gestão organizacional procurando uma maior sustentabilidade”⁷⁵⁵. Sendo a sustentabilidade apresentada sob os aspectos de edificar e de administrar. Assim, entendeu-se a

[...] sustentabilidade eclesial a partir da convergência adequada entre edificação missionária da igreja (*oikodoméo*) e a administração responsável e eficiente de seus recursos (*oikonomia*). [...] sugere-se, assim, investimento na qualificação das atividades-fim da igreja (evangelização, comunhão, diaconia e liturgia) e investimento na qualificação das atividades-meio da igreja (administração transparente, planejamento, comunicação eficiente, estabelecimento de prioridades).⁷⁵⁶ (grifos do autor).

⁷⁵⁴ ALTMANN, Walter (coord.). **Fórum Nacional de Missão**. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns da IECLB). 3 v. p. 93-94.

⁷⁵⁵ DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p.15.

⁷⁵⁶ BUTZKE, 2013, p. 1.

Essa compreensão se conecta a concepção teológica apresentada no PAMI 2008-2012. Nesse documento, afirma-se que: “[...] a sustentabilidade da igreja vincula-se à ação do Espírito Santo que cria fé e comunidade, ali onde a palavra é pregada e os sacramentos são administrados de acordo com o evangelho”⁷⁵⁷. Segundo Rosane Pletsch, a igreja recebe influência da sustentabilidade e precisa contextualizá-la, para assim, compreender e refletir sobre as implicações que decorrem desse novo olhar.

[...] a Igreja, as suas Comunidades, as suas instituições e os seus serviços devem ser organizados na perspectiva da Sustentabilidade, exigência que está posta para toda a sociedade. Sustentabilidade é um termo utilizado nos estudos sobre o meio ambiente e na economia para se referir ao desenvolvimento sustentável, isto é, um desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer o direito das gerações futuras de satisfazerem as suas necessidades. Trazendo para o contexto da Igreja, significa perguntar sobre as capacidades da Igreja em criar condições favoráveis para a sua missão, no presente e no futuro. Implica refletir sobre como a Igreja deve gerar os seus próprios recursos humanos [sic], teológicos, litúrgicos e econômicos.⁷⁵⁸

De outro modo, pergunta-se pela capacidade de tornar a missão de Deus uma tarefa praticada nas relações humanas e ambientais. Os valores que advêm da confessionalidade luterana, fundamentados em bases bíblicas e na ética cristã, são balizadores para este caminhar. Considera-se que, na medida que se fortalece aspectos da formação e da capacitação e se amplia espaços para tal fim, agrega-se maior discernimento para conduzir a tarefa missionária e a busca por sustentabilidade, abrindo possibilidades de mudanças e maior coerência com a missão de Deus.

O termo sustentabilidade começa a ser introduzido e propagado nas reflexões de líderes eclesiais a partir do PAMI e do Plano Operacional para o planejamento missionário. O processo estratégico adotado pela igreja culminou com a promoção e a valorização da educação cristã contínua e, ao mesmo, tempo, intentou suscitar o sacerdócio geral. A compreensão do conceito de sustentabilidade não estava demarcada. Mas, a palavra emergiu e foi sendo utilizada por líderes eclesiais.

Sendo assim, coube à pesquisa, dentro do contexto emergente da temática da sustentabilidade na igreja, averiguar nos documentos oficiais de dois Concílios da

⁷⁵⁷ PINTO, 2008, p. 62.

⁷⁵⁸ PLETSCHE, Rosane. **Sustentabilidade**: um desafio a tarefa missionária que cabe à Igreja. (©2021). Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/sustentabilidade-um-desafio-a-tarefa-missionaria-que-cabe-a-igreja>. Acesso em: 28 maio 2021.

IECLB⁷⁵⁹ como essa palavra foi usada e dentro de qual compreensão foi retratada. Salienta-se que há um recorte temporal de dez anos entre os Concílios pesquisados, o que permite observar a apropriação e a aplicação do termo por pessoas que estão à frente da liderança dos trabalhos desenvolvidos na IECLB.

5.2.1 Narrativas acerca de sustentabilidade em Concílios da IECLB

Para averiguar as menções concernentes a sustentabilidade, selecionou-se os relatórios dos XXVI e XXXI Concílios da Igreja. Os relatórios referem-se aos anos de 2006-2008 e 2016-2018 e são compostos de dois documentos para cada biênio: Relatório I e Relatório II. O primeiro relata as ações desenvolvidas pelo Conselho da Igreja, pela Presidência e pela Secretaria Geral. O segundo, contém informações sobre as instituições, setores de trabalho e entidades com vínculo confessional e que atuam no âmbito da IECLB.

No relatório da Presidência do XXVI Concílio, a palavra sustentabilidade é apresentada em três momentos: a) nos eixos transversais do PAMI sendo mencionados como temas que perpassam as ações missionárias⁷⁶⁰; b) no contexto dos projetos permanentes de um dos Sínodos da IECLB⁷⁶¹; e, c) na percepção de que os eixos são similares ao planejamento que determinado Sínodo já desenvolvia⁷⁶². Na reflexão sobre novos modelos de captação de recursos, afirma-se: “[...] a sustentabilidade da igreja integra as dimensões da missão”⁷⁶³. Outra menção vem do agradecimento pela Campanha de Missão que possibilita “[...] projetos missionários que carecem de aportes financeiros externos para sua sustentabilidade”⁷⁶⁴.

A palavra “auto sustentabilidade” [*sic*] é mencionada seis vezes relacionada a questão financeira relativa à IECLB, aos projetos missionários ou aos Sínodos⁷⁶⁵. O relato de um dos Sínodos menciona que as contribuições devem dar sustentabilidade

⁷⁵⁹ “O Concílio é o maior fórum da IECLB. Ele reúne representantes sinodais e de setores de atuação em torno das grandes questões da igreja”. PORTAL LUTERANOS. **Concílio** – Órgão soberano da Igreja nacional. (©2021). Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/concilio-rgao-soberano-da-igreja-nacional. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁷⁶⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório I 2006-2008**. XXVI Concílio da Igreja. Estrela: IECLB, 2008a. p. 19.

⁷⁶¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 40.

⁷⁶² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 46.

⁷⁶³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 19.

⁷⁶⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 22.

⁷⁶⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 44, 46, 72, 87, 89 e 90.

à missão financiando-a⁷⁶⁶. O mesmo assunto é retomado pelo relatório de outro Sínodo ao afirmar que: “A sustentabilidade da IECLB também é missão da comunidade, e a oferta generosa em favor da missão de Deus é um ato de fé e de responsabilidade de todos os membros”⁷⁶⁷.

O relatório da Secretaria Geral, com 54 páginas, não mencionou a palavra sustentabilidade, apesar de que, muitas vezes, mencionou e enfatizou a importância do planejamento estratégico e do PAMI. Registra-se essa observação considerando a atribuição da Secretaria Geral de assessorar as comunidades e outras instâncias eclesiais “[...] em matéria de economia, finanças, patrimônio e recursos humanos, assessorando-as também na dinamização das atividades da Igreja”⁷⁶⁸.

A coordenação de Missão Global esclareceu-se que houve uma consulta com representantes das Igrejas da América Latina, em 2007, em que o tema da sustentabilidade foi abordado. O encontro frisou a relevância do desenvolvimento de estratégias de sustentabilidade para as Igrejas⁷⁶⁹. Afirmou ainda a importância da participação em eventos internacionais, pois: “[...] oportunizou ampliar a reflexão em torno de temas relevantes como o da sustentabilidade, missão e meio ambiente, transparência e corrupção, e o fortalecimento das parcerias entre igrejas e sínodos”⁷⁷⁰.

A palavra sustentável aparece no contexto mais amplo do trabalho diaconal desenvolvido pela igreja e que apresenta ações relacionadas com o cuidado com a vida humana e a natureza. O relatório menciona que a IECLB, através do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) “[...] busca apoiar a agricultura familiar e um modelo de agricultura alternativa e ecologicamente sustentável”⁷⁷¹.

⁷⁶⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 47.

⁷⁶⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 65.

⁷⁶⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p.100.

⁷⁶⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 84. A

Missão Global tem por objetivos: acompanhar os projetos de missão de comunidades e paróquias com outras igrejas e instituições do exterior e exercer a função de relações públicas junto a igrejas e organismos ecumênicos no Brasil e no exterior, entidades civis e com órgãos públicos. p. 83.

⁷⁷⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 86.

⁷⁷¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008a, p. 94. O CAPA surgiu em 1978 e é considerada uma OSC que atua na Região Sul. A instituição recebeu uma nova nomenclatura: Centro de Apoio e Promoção da Agricultura (CAPA). “O CAPA [...] tem o compromisso de não se conformar com injustiças sociais e a agressão à Natureza. O CAPA foi colocado à disposição das agricultoras e dos agricultores familiares para, em conjunto, e com base nos princípios da agroecologia e da cooperação, desenvolver experiências de produção, beneficiamento, industrialização e comercialização, de formação e capacitação, de saúde comunitária, que sirvam de sinais de que o meio rural pode ser um espaço de vida saudável e de realização econômica para todas e todos [...]. Os princípios considerados pelo CAPA são o protagonismo, associativismo, solidariedade, sustentabilidade, respeito ao meio ambiente, entre outros.” CENTRO DE APOIO E PROMOÇÃO DA AGROECOLOGIA – CAPA. **O CAPA**. (©2021). Disponível em: <https://capa.org.br/#>. Acesso em: 20 ago. 2021.

No âmbito das escolas de formação teológica, uma das Faculdades de Teologia partilhou que sua “[...] sustentabilidade e viabilidade futura continuarão dependendo da continuidade dos esforços na criação de novos cursos”⁷⁷². Ou seja, apresenta a sustentabilidade como uma questão financeira objetivando a garantia da continuidade da instituição de ensino teológico. Há ainda uma menção aos eixos temáticos (transversais) e uma formulação a respeito de comunidades sustentáveis⁷⁷³.

No relato da área de Movimentos e Ação Pastoral, a coordenadora da Comunhão Diaconal (COD) menciona que o tema da sustentabilidade da COD vem recebendo atenção especial no momento⁷⁷⁴. Observa-se que a menção a sustentabilidade se aplica a preocupação com o sustento da própria COD. Todavia, não só financeira, mas, também, de pessoal vocacionado. O relatório do CAPA trouxe a seguinte afirmação:

O respeito à diversidade biológica, cultural, étnica e religiosa é fundamental para a construção da independência e da autonomia. O CAPA sabe disso e, junto com seus parceiros de diferentes etnias, cultiva a preservação de suas histórias, língua, cultura e tecnologias. Sem diferenças, não há sustentabilidade.⁷⁷⁵

A Presidência da Igreja, para o XXXI Concílio da Igreja, afirmou que a Igreja tem um projeto manifesto a partir da sua missão e segue a sua vocação com base confessional através do PAMI. E que tem necessidade de fortalecer a instituição e a unidade eclesial para promover ações missionárias. Dentre os objetivos do plano de ação missionária desenvolvido na sede da Igreja, menciona-se o terceiro objetivo:

Qualificar a gestão, promovendo o alinhamento à Missão, à Visão e aos parâmetros de gestão da IECLB, estimulando o planejamento participativo continuado garantindo a gestão eficiente e transparente dos recursos, aprimorando a gestão dos processos, na defesa da descentralização, da representatividade, do protagonismo, da coerência entre palavra e ação, com vistas à sustentabilidade e ao incremento da ação missionária da IECLB.⁷⁷⁶

Salienta-se que o relatório aponta que a produção de material tem como objetivo: “[...] reforçar a credibilidade e autenticidade teológica, a unidade e a

⁷⁷² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório II 2006-2008**. XXVI Concílio da Igreja. Estrela: IECLB, 2008b. p. 15.

⁷⁷³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008b, p. 17.

⁷⁷⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008b, p. 31.

⁷⁷⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2008b, p. 20.

⁷⁷⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório I 2016-2018**. XXXI Concílio da Igreja. Curitiba: IECLB, 2018a. p. 40.

visibilidade institucional”⁷⁷⁷. Destaca-se que esse assunto se refere ao eixo transversal da sustentabilidade apesar de o termo não ser mencionado explicitamente.

A diretoria do Conselho da Igreja 2016-2018, não menciona o termo sustentabilidade. Por outro lado, a menção ao PAMI se faz presente na perspectiva de que ele orienta sobre como a Igreja quer ser reconhecida a partir da sua confessionalidade luterana. A Secretaria Geral menciona a palavra sustentabilidade dentro do contexto de inadimplência dos Fundos de Crédito e Rotativo⁷⁷⁸. Portanto, identifica a sustentabilidade com uma questão financeira apenas⁷⁷⁹. Outra referência sobre sustentabilidade está inserida no contexto do trabalho desenvolvido pela Rede de Diaconia que informou ter abordado o assunto em seus encontros⁷⁸⁰.

Há uma menção da palavra sustentabilidade no subtítulo do relatório que tematizou a “Promoção da Sustentabilidade da Ação Missionária”⁷⁸¹. Entretanto, no texto não houve menção a palavra e o conteúdo se relacionou com a questão financeira. Quando o assunto retratado foi o do PM, não houve nenhuma menção ao termo. Apenas três citações que diziam respeito ao curso de Qualificação funcional em lideranças comunitárias sustentáveis⁷⁸², o qual, faz-se saber, aborda o assunto da sustentabilidade e está identificado com o trabalho do InS.

A sustentabilidade aparece como tema de interesse da Igreja para financiamento de projetos de estudos e de projetos de fortalecimento da ação comunitária referindo-se a questão financeira em organizações diaconais⁷⁸³. Aparece uma única vez ao se fazer menção aos eixos temáticos do PAMI no contexto de afirmar a necessidade de os projetos apoiados financeiramente pela Igreja estarem

⁷⁷⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 55.

⁷⁷⁸ O “FUNDO ROTATIVO DE FINANCIAMENTO – FRF MANUAL PARA ESTUDANTE OBJETIVO: O Fundo Rotativo tem por objetivo administrar recursos que, através de empréstimos, auxiliam na manutenção (água, luz, alimentação e aluguel) de estudantes de Teologia regularmente matriculados nos cursos de formação pastoral, catequética, diaconal e missionária nos centros de formação teológica reconhecidos pela IECLB. [...] “FUNDO DE CRÉDITO PARA FORMAÇÃO TEOLÓGICA MANUAL PARA ESTUDANTE OBJETIVO: O FCFT concede recursos para auxiliar o custeio parcial de disciplinas (até 25% do valor dos créditos) cursadas por estudantes regularmente matriculados nos cursos de formação pastoral, catequética, diaconal e missionária nos centros de formação teológica reconhecidos pela IECLB”. (grifos do autor). IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Manual para estudante:** Fundo Rotativo de Financiamento Fundo de Crédito para Formação Teológica. (200-?). Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/comissao-de-bolsas/MANUAL_ESTUDANTE_FUNDOS.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁷⁷⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 115.

⁷⁸⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 138.

⁷⁸¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 158.

⁷⁸² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 167 e 169.

⁷⁸³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 173.

baseados no PAMI⁷⁸⁴. Menciona-se que os projetos dependem de recursos externos, o que gera a necessidade de “[...] refletir sobre a sustentabilidade das ações a médio e longo prazo”⁷⁸⁵.

No relatório dos Sínodos, um deles menciona os eixos transversais nominando o eixo da sustentabilidade. Outro Sínodo aponta o conceito para sustentabilidade como sendo: “[...] estabelecer condições para sustentar a ação missionária por meio de recursos financeiros, estruturais e humanos”⁷⁸⁶. No relatório dos Setores e Organizações identificados com a IECLB, menciona-se que há trabalho e reflexão relacionados a temática da sustentabilidade⁷⁸⁷.

Nos relatos das instituições de formação teológica, novamente uma das faculdades de teologia compartilha que a sua sustentabilidade tem relação direta com a área de pessoal, especialmente, o empenho de professores⁷⁸⁸. Outra faculdade, menciona a oferta do curso de especialização em Mobilização de Recursos e Sustentabilidade e a parceria com o InS⁷⁸⁹.

Considera-se que a narrativa e a apropriação da palavra sustentabilidade, geradas no âmbito do desenvolvimento sustentável e a necessidade de contextualizar sua missão, instigaram a IECLB a refletir bíblica e teologicamente acerca da sustentabilidade. A Igreja encontrou um caminho ao apresentá-la com eixo transversal no PAMI e seus aportes receberam e influenciaram os diálogos promovidos pela FLM, especialmente, nas Igrejas Luteranas da América Latina e Caribe.

Para Paulo Afonso Butzke, a concepção da sustentabilidade foi sendo ampliada no decorrer do tempo. Com novos aportes, manifestou-se a percepção de que o conceito precisa “[...] estar embasado numa consistente concepção de desenvolvimento de igreja que contemple de forma equilibrada os aspectos fundamentais do ser igreja: *martyria*, *diakonia*, *koinonia* e *leitourgia*”⁷⁹⁰. (grifos do autor). No entanto, como já visto, o que prevaleceu nos relatórios foi o uso da palavra sustentabilidade relacionada a questão dos recursos financeiros para assegurar a continuidade da igreja e de setores de trabalho a ela vinculadas.

⁷⁸⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 175.

⁷⁸⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018a, p. 176.

⁷⁸⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório II 2016-2018**. XXXI Concílio da Igreja. Curitiba: IECLB, 2018b. p. 29 e 30.

⁷⁸⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018b, p. 57.

⁷⁸⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018b, p. 76.

⁷⁸⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2018b, p. 80.

⁷⁹⁰ BUTZKE, 2007, p. 115.

No PAMI é possível perceber o esforço teórico para construir uma estratégia para sensibilizar às pessoas para planejamento. Oferece-se as linhas mestras do plano operacional com vistas às mudanças e à mobilização de pessoas para a realização de planejamentos missionários. Entendeu-se, naquele momento, que o desenvolvimento da sustentabilidade da Igreja estaria assegurado com a estratégia de planejar as ações, sendo a tarefa da igreja semear e confiar de que Deus proverá o crescimento (Mc 4.26s).

A menção nos relatórios, em seis momentos diferentes, da palavra “autossustentação”, provavelmente decorreu da referência citada no Documento de Campeche. No eixo temático Missão e Sustentabilidade ao referir-se as proposições para os próximos anos, afirma-se: “Fomentar a capacidade de auto-sustentação [sic] do trabalho da igreja”⁷⁹¹. Nos relatórios de 2016-2018 não se faz referência ao termo.

Segundo o que foi apresentado nos Concílios da Igrejas através dos relatórios ficou enraizada a ideia da sustentabilidade relacionada às questões financeiras. Uma pesquisa realizada internamente identificou que houve dificuldades com algumas palavras vinculadas ao texto do PAMI, pois elas não eram comuns em comunidades do meio rural⁷⁹². Possivelmente, sustentabilidade tenha sido uma dessas palavras desconhecidas e incompreendidas. Ela foi logo relacionada a área administrativa e acabou recebendo resistência por parte de líderes da igreja.

A falta de reflexão acerca do conceito, do sentido e da aplicabilidade da sustentabilidade provocou um entendimento reduzido. A noção de que sustentabilidade está ligada a forma dos seres humanos se relacionam com o mundo pode ser uma luz que indica novos caminhos. O momento histórico alinhado com a missão e a sustentabilidade podem levar à transformação social vertendo em aspectos de qualidade de vida e realização da missão eclesial.

Sublinha-se que a percepção das características inerentes à sustentabilidade está associada a própria vivência da espiritualidade que clama por vida plena. O intuito do fortalecimento institucional é creditar e legitimar a missão da Igreja. Em boa parte, esse resultado pode ser alcançado pela mobilização de pessoas e implementação de planos de ações missionárias que visam trazer mudanças significativas ao contexto.

⁷⁹¹ ALTMANN, 2007, p. 93. Esse documento pertence ao resultado do Fórum de Missão convocado pela Presidência e Secretaria Geral da IECLB em julho de 2006.

⁷⁹² CONRAD, 2015, p. 98.

Os relatórios oferecem indícios de que o pensamento acerca da sustentabilidade está ligado à necessidade de assegurar a realização do plano missionário garantindo os recursos para as ações. Os relatórios indicam que a palavra sustentabilidade é mencionada diversas vezes apenas para nominar os eixos transversais do PAMI e, poucas vezes, é citada como tema a ser estudado e apreendido como oportuno à realização da tarefa missionária da Igreja. A conexão de sustentabilidade como sendo uma visão de mundo que reflete em uma forma de se relacionar não estão incluídas nas referências dos materiais consultados da Igreja.

Sob outra perspectiva, e considerando que a dimensão ambiental estava no âmbito do surgimento da palavra sustentabilidade, nota-se que há apenas duas menções sobre a temática em questão. Uma se referindo a uma ação propositiva de buscar e apoiar modelos de agricultura alternativa e ecologicamente sustentáveis e, a outra, mencionando que não haverá sustentabilidade diante da falta de respeito à diversidade. Ambas as menções são realizadas por instituições de serviço diaconal e que tem uma forma organizacional diferenciada das comunidades e contam com profissionais da área em que atuam nelas. Essa percepção demonstra que não houve um aprofundamento no que diz respeito a temática da sustentabilidade, nem mesmo sob seu ponto de vista inicial relacionado à preservação do meio ambiente.

Como um adendo para compreender a narrativa da sustentabilidade na IECLB, recorreu-se a página oficial que descreve a respeito:

A igreja, como instituição humana, reconhece que a sua sustentabilidade passa pela capacidade de as comunidades, filiadas a ela, desenvolverem condições favoráveis para a sua sobrevivência institucional e organizativa no presente e no futuro, evitando esgotamento e sobrecarga de recursos que a mantém. Os membros são participantes ativos e, em sua articulação, garantidores da vida da Igreja. À luz da fé os membros da Igreja reconhecem que Deus é a fonte doadora e mantenedora da vida. Tudo provém de suas mãos amorosas. Os filhos e filhas de Deus ficam imensamente agradecidos por todas as dádivas recebidas. Procuram administrar responsabilmente os recursos recebidos e colocá-los a serviço da missão de Deus.⁷⁹³

Essa compreensão deixa transparecer uma preocupação com a continuidade da instituição e com o papel de corresponsabilidade da pessoa membro tem diante da missão de Deus. Na disposição das principais pilstras que sustentam a vida organizativa e a ação que dela decorre, observa-se que há uma valorização do “ter” e não do “ser”, conforme pode ser observado:

⁷⁹³ PORTAL LUTERANOS. **Sustentabilidade**. (©2021). Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/sustentabilidade>. Acesso em: 20 ago. 2021.

A sustentabilidade da Igreja repousa sobre algumas pilstras importantes. Elas sustentam a base da vida organizativa e toda a ação que ocorre a partir dela. [...] **força participativa de milhares de membros** [...] **relações de comunhão e partilha** [...] **donativos e recursos financeiros** [...] na materialização de uma vasta **rede de equipamentos comunitários** (templos, capelas, salões, ginásios, centros comunitários, [sic] etc.) e **sociais** (escolas, colégios, faculdades, hospitais, centros sociais, [sic] etc.). [...] **produção de conhecimento** em áreas relacionadas à atuação da Igreja e/ou áreas em que ela mantém relações de parceria e cooperação com outras organizações da sociedade civil e do Estado [...]. A longa tradição teológica, ancorada na confissão luterana, e a multiculturalidade, representada pela convivência de diferentes grupos étnicos [...]. Estas pilstras, aliadas à promoção de uma cultura pró-ativa de planejamento, dão sustentação ao corpo eclesial no presente e no futuro. Deus sensibiliza, motiva e mobiliza. As pessoas colocam à disposição seus corações, suas mentes e, sobretudo, as suas mãos para servir na missão de Deus.⁷⁹⁴ (grifo do autor).

Um passo relevante seria aproveitar tudo o que se tem à disposição na igreja para instruir e estimular a busca de relações humanas e ambientais amorosas, prudentes e harmoniosas. Então, ter-se-ia a perspectiva da sustentabilidade. A sensação é de que as pessoas não sabem como colocar em prática o que elas têm de mais precioso, o Evangelho. A palavra bíblica é de orientação: “Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês. Assim vocês conhecerão a vontade de Deus, isto é, aquilo que é bom, perfeito e agradável a ele.” (Rm 12.2). Sendo assim, pode considerar que a sustentabilidade é um chamado à mudança de visão de mundo e do ser e viver igreja hoje.

5.2.2 Plano de Ação Missionária da Igreja e Plano Operacional

A IECLB apresentou o PAMI 2000-2007 movida pela necessidade de definir seu papel e sua razão de ser no contexto brasileiro. Teve como título motivacional: **Recrutar e criar comunidades juntos**⁷⁹⁵. Foi uma construção coletiva que buscou resgatar a ideia da comunidade como sendo alvo e instrumento da missão de Deus e propôs a realização de planos de ação missionária em todas as instâncias da IECLB.

Toda e qualquer atividade missionária na IECLB, portanto, está fundamentada na vivência da espiritualidade evangélico-luterana e objetiva recrutar e criar comunidade. Por isso o slogan afirma: *Nenhuma*

⁷⁹⁴ PORTAL LUTERANOS. **Sustentabilidade**. (©2021), on-line.

⁷⁹⁵ KUMMER, Ani C. Fick *et al* (org.). **Recrutar e criar comunidade juntos**: Nenhuma comunidade sem missão – Nenhuma missão sem comunidade. Porto Alegre: IECLB, 2000. p. 1-2.

*comunidade sem missão – Nenhuma missão sem comunidade!*⁷⁹⁶ (grifos do autor).

A rosa de Lutero foi usada como um elemento simbólico da confessionalidade luterana e da centralidade de Jesus para o processo de planejar. Ela apresentou metodologicamente o conteúdo para a construção dos planos de ação missionária, “[...] visto que a rosa é criada de maneira bela e ordenada, também a igreja é motivada para investir criativamente na confecção de seu plano de ação missionária. Inspirados [...] elaboraremos um planejamento dedutivo e participativo da missão”⁷⁹⁷.

Figura 2 – Rosa de Lutero



Fonte: KUMMER, 2000, p. 20.

O PAMI 2008-2012 foi aprovado no Concílio da Igreja em 2008. Ele reafirmou que a missão é de Deus e que o ser humano envolvido pela ação do Espírito Santo se apaixona pela missão e assume essa tarefa para si. Essa cooperação com Deus acontece em diferentes contextos que estão em constantes transformações e que, por isso, permitem e carecem de mudanças, adaptações e contextualizações. A motivação para impulsionar o processo veio do mote: “Missão de Deus Nossa Paixão”.

Esse PAMI estimulou ainda mais o planejamento estratégico e legitimou sua missão, sua visão, seus objetivos, geral e específicos. Esses elementos foram difundidos no Plano Operacional apresentado em 2009⁷⁹⁸. O documento adotou uma

⁷⁹⁶ KUMMER, 2000, p. 3.

⁷⁹⁷ KUMMER, 2000, p. 6.

⁷⁹⁸ MISSÃO de Deus. Nossa paixão. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 5.

redação mais simplificada da missão a partir do conteúdo disposto no 3º artigo da Constituição da IECLB. Sua redação foi assim apresentada:

A missão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimulando a sua vivência pessoal na família e na comunidade e promovendo a paz, a justiça e o amor na sociedade brasileira e no mundo.⁷⁹⁹ (grifos do autor).

No que tange a visão da IECLB, ela foi elaborada a partir das qualidades pelas quais a igreja gostaria de ser reconhecida e, portanto, oferece orientações para caminhar nessa direção. A formulação da visão objetivou vincular aspectos da missão, dos valores e dos objetivos que implicam em uma avaliação pelo olhar da outra pessoa. Sendo assim, a igreja aspira:

Ser reconhecida como igreja de comunidades atrativas, inclusivas e missionárias, que atuam em fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo, destacando-se pelo testemunho do amor de Deus, pelo serviço em favor da dignidade humana e pelo respeito à criação.⁸⁰⁰ (grifos do autor).

O documento destacou o objetivo geral da IECLB dentro do propósito de estimular o planejamento estratégico de ações missionárias para todas as suas esferas, sendo ele: “Ampliar e consolidar a ação missionária da Igreja”. Também evidenciou os objetivos específicos a partir das quatro dimensões da missão:

1. Testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas no seu contexto – Evangelização. 2. Promover a vivência da fé em Jesus Cristo em comunidade – Comunhão. 3. Praticar a misericórdia e a justiça – Diaconia. 4. Celebrar o amor de Deus no mundo – Liturgia.⁸⁰¹ (grifos do autor).

Dessa forma, o PAMI objetivou motivar a reflexão e assimilação da missão da igreja, juntamente com o exercício do planejamento estratégico. O intuito era formar, capacitar, ampliar e contextualizar a tarefa missionária da igreja:

Aprender a planejar é um processo para o qual o PAMI quer dar a sua contribuição. Nesse livro, procuramos ajudar nesse sentido. Partindo de uma descrição sumária dos contextos mais amplos de nossa ação, passando pela fundamentação bíblico-teológica e seus desdobramentos em quatro grandes eixos – evangelização, comunhão, diaconia e liturgia – e finalizando com reflexões sobre temas transversais à missão – educação cristã,

⁷⁹⁹ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 20.

⁸⁰⁰ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 20-21.

⁸⁰¹ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 23.

sustentabilidade e comunicação – procuramos dar indicativos do lugar, dos fundamentos e das implicações gerais de nossa ação missionária.⁸⁰²

As quatro dimensões da missão apresentadas do PAMI são conteúdos de estudo do Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB e também servem de parâmetros para a tarefa missionária da Igreja⁸⁰³. Elas têm por objetivos que as pessoas se deixem cativar por Deus, despertem para o amor e o serviço mútuo, vivenciem comunhão na participação e testemunhem sua identidade confessional e seu pertencimento através da liturgia⁸⁰⁴.

A missão integral de Deus, compreendida como a comunicação do amor de Deus, dá-se no testemunho missionário da fé (evangelização), na vivência concreta do Corpo de Cristo (comunhão), no agir restaurador e curador (diaconia), na celebração do amor divino (liturgia). É aí, portanto, que a paixão de Deus pela humanidade se revela ao mundo através da vida da igreja.⁸⁰⁵

Os eixos transversais, formação, sustentabilidade e comunicação, carregam a função de viabilizar as quatro dimensões da missão da IECLB através de ações missionárias planejadas e implementadas. No âmbito da educação cristã contínua, para a prática comunitária, torna-se necessário reconhecer:

[...] que o contexto no qual a igreja realiza a sua missão hoje mudou, e essa mudança cobra de nós novas posturas, novos modos de presença no mundo, um jeito de fazer as coisas que articule a espontaneidade de nossas iniciativas missionárias com o planejamento estratégico, visando a, em última instância, cumprir o artigo terceiro da Constituição da IECLB.⁸⁰⁶

Levando em conta que a igreja nasce da própria comunicação, seria razoável supor que esse eixo fosse fácil de trabalhar. No entanto, observa-se que a comunicação natural passou a ser intermediada pelos meios de comunicação que tem a sua própria intencionalidade e trazem muitas dificuldades para pessoas que não estão integradas à área.

Os objetivos da comunicação na igreja ficaram definidos como sendo estabelecer vínculos, obter visibilidade pública e difundir valores. Alguns indicativos colaboram para alcançar tais finalidades: interagir conforme o público, o objetivo e o

⁸⁰² PINTO, 2008, p. 79.

⁸⁰³ Esse entendimento será explorado no próximo capítulo.

⁸⁰⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB), 2011, p. 33-36. “O PECC está alicerçado no evangelho de Jesus Cristo, ancorado teologicamente no Batismo e a serviço da missão de Deus no mundo. Nesse sentido, o PECC é parte integrante do Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI) 2008 – 2012”. p. 9.

⁸⁰⁵ PINTO, 2008, p. 35.

⁸⁰⁶ PINTO, 2008, p. 80.

meio de comunicação a ser utilizado, qualificação, parcerias, apoio de profissionais, investimento de recursos orçamentários e em ferramentas, buscar espaços nas mídias locais⁸⁰⁷.

Anteriormente, no ponto 4.1.2 registrou-se proposições acerca do eixo da formação que se conecta com a educação cristã contínua. Doravante, será explorada com mais afinco a questão relativa à sustentabilidade que foi apresentada dentro do contexto eclesial com eixo transversal na construção de estratégias para os parâmetros da tarefa missionária.

O PAMI 2008-2012 apresentou o eixo transversal da sustentabilidade sob o título: Administração criativa dos recursos – planejamento sustentável da igreja. A abordagem contemplou o ponto de vista histórico do desenvolvimento sustentável e a tradição luterana. Afirmou a compreensão teológica do termo, aspectos bíblicos que sustentam o planejamento das ações missionárias e indicou a sustentabilidade como sendo as ações realizadas para a manutenção financeira da igreja⁸⁰⁸.

Sendo assim, esse eixo foi considerado como um elemento relevante para a implementação de um planejamento missionário. Houve respaldo à preocupação e à afirmativa de que é tarefa permanente garantir a continuidade eclesial e deixar-se desafiar por novos modelos de ações que dizem respeito a sobrevivência e ao desenvolvimento institucional⁸⁰⁹.

Percebe-se que o conceito de sustentabilidade apresentou variações. Num primeiro momento, foi relacionado aos recursos financeiros para a manutenção das comunidades frente às suas necessidades. E, em outro, apresentou um conceito segundo o qual a sustentabilidade é: “[...] a capacidade de um sistema de criar as condições favoráveis para sua sobrevivência e desenvolvimento no presente e no futuro, evitando o esgotamento ou a sobrecarga dos recursos que o mantém”⁸¹⁰.

Conforme mencionado, a sustentabilidade no contexto global foi conectada com o paradigma do desenvolvimento sustentável. Este, fora costurado a partir da crise ambiental e do crescimento ilimitado em virtude da garantia de vida no futuro do planeta. Esse entendimento lançou a reflexão acerca da sustentabilidade para a

⁸⁰⁷ PINTO, 2008, p. 67-73.

⁸⁰⁸ PINTO, 2008, p. 61-66.

⁸⁰⁹ PINTO, 2008, p. 63.

⁸¹⁰ BUTZKE, 2007, p. 112.

gestão de organizações diante do “[...] consenso que a sustentabilidade é resultado de um processo de desenvolvimento e fortalecimento institucional”⁸¹¹.

Ao referir-se ao tema do desenvolvimento institucional na igreja, a indicação foi a utilização da matriz de planejamento abordado no Plano Operacional. A sensibilização para a necessidade de um planejamento veio de textos bíblicos que enfocam a relevância de planejar as ações com estratégias para alcançar o alvo, ou seja, a missão. Para tanto, menciona-se a responsabilidade das pessoas líderes para que tal processo aconteça a contento resultando em sinais de sustentabilidade.

Em virtude das perguntas decorridas da insegurança financeira no contexto eclesial, o documento do PAMI afirma que: “[...] o planejamento estratégico impõe-se como ferramenta útil e necessária na construção de um novo futuro. Planejar é (re)aprender a sonhar em conjunto”⁸¹². Nesse sonho, concerne os processos de transformação pessoal e comunitária que decorrem da capacidade de inspirar, cativar e mobilizar pessoas para a tarefa missionária. Considerando que “[...] o resultado deste processo é o desenvolvimento da sustentabilidade da Igreja”⁸¹³.

O texto-base do PAMI termina a apresentação do eixo da sustentabilidade rememorando um antigo projeto eclesial, conhecido como “mordomia cristã”. Esse projeto foi implantado em diversas comunidades da IECLB e previa a sensibilização para o desenvolvimento do hábito de doar e contribuir com projetos missionários e diaconais. A sensibilização e reflexão giravam em torno dos temas: fé, gratidão e compromisso. O método aludia que a fé leva à gratidão e à contribuição financeira e que, portanto, o desafio era assimilar o tema e vivenciá-lo a partir da comunidade. Para concluir, o texto-base apontou que:

[...] a IECLB necessita de mais recursos financeiros para alcançar a sustentabilidade de seus projetos missionários, diaconais, educacionais, etc.; igualmente, para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento de nossas pequenas paróquias no norte, no nordeste e no centro do país; igualmente, para assumir uma parcela mais significativa no apoio financeiro a igrejas luteranas irmãs da América Latina ou de fala portuguesa na África.⁸¹⁴

Suspeita-se que o conceito não foi bem assimilado e não está acurado na apresentação do eixo da sustentabilidade dificultando o seu uso e a sua compreensão. O conceito apresentado tem uma definição rasa e que encontra dificuldades para sair

⁸¹¹ PINTO, 2008, p. 62.

⁸¹² PINTO, 2008, p. 64.

⁸¹³ PINTO, 2008, p. 65.

⁸¹⁴ PINTO, 2008, p. 66.

da ideia de recursos financeiros para manter comunidades ou projetos e projetar-se como a busca de um processo de fortalecimento institucional que culmina com credibilidade e legitimidade ao impactar a realidade contextual com a sua missão.

Ressalta-se que, em uma reflexão mais profunda sobre os resultados advindos do PAMI, Débora Raquel Klesener Conrad apresenta o benefício do planejamento e de novos processos de gestão na Igreja. Ambos os aspectos contribuem com o desenvolvimento de novas formas de viver comunidade e apontam para a perspectiva da sustentabilidade. Segundo a autora,

[...] pode-se dizer que o PAMI contribui com a efetivação da ação missionária da IECLB a partir de duas perspectivas, no despertamento da igreja para a importância do planejamento da ação missionária e, mesmo que de maneira indireta, na promoção de uma reflexão sobre os processos de gestão. A IECLB deve continuar investindo no PAMI e, através de novas estratégias, estimular a intensificação do processo de planejamento. Ao mesmo tempo, provocar a reflexões sobre os processos de gestão, pois, uma nova cultura se desenvolve a partir de novos paradigmas e de uma nova prática.⁸¹⁵

O planejamento é visto institucionalmente como uma tarefa coletiva e pertencente a própria missão e identidade do ser igreja, portanto, não é uma novidade. Todavia, o esforço converge na proposição de uma matriz de planejamento comum e na elaboração de documentos que evidenciem a tarefa missionária e sirvam de fundamento e motivação. O plano operacional reforça os conteúdos do texto-base do PAMI 2008-2012 e comunica que a tarefa de planejar é primeiramente das comunidades, pois, é ali que acontece efetivamente a missão. A igreja espera que todas as suas instâncias façam seus planejamentos e tenham um plano de ação missionária fundamentado no conteúdo do PAMI e em seus contextos⁸¹⁶.

No contributo da contextualização, o plano operacional elencou-se três áreas que, ao se articularem entre si e mobilizam a igreja, a saber: temática, estrutural e pessoal. A área temática envolve os aspectos da identidade e a defesa dos valores teológicos e institucionais. A área estrutural está abrangida a forma organizacional e civil. E, a área pessoal compreende aspectos da mobilização de pessoas. Os documentos não fazem a diferenciação das áreas, mas importa fazer essa distinção durante o planejamento das ações estratégicas, alerta o plano operacional.

Observou-se que na explicação da área temática não se menciona a sustentabilidade. Portanto, parece que há uma lacuna na política e na identidade da

⁸¹⁵ CONRAD, 2015, p. 108.

⁸¹⁶ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009. p. 8-13.

igreja ao não assumir o propósito da sustentabilidade, tendo em vista sua sincronicidade com os objetivos fins da missão. Nas outras duas áreas, a sustentabilidade é tratada como sendo assunto das áreas estrutural e pessoal⁸¹⁷.

O texto esclarece que cada meta do plano de ação “[...] será alcançado mediante a realização de pelo menos três conjuntos de ações estratégicas”⁸¹⁸. Essas ações foram chamadas de eixos transversais e perpassam a missão: a formação, a comunicação e a sustentabilidade. O eixo da sustentabilidade “[...] se refere às questões de administração dos recursos por meio de gestão de pessoas, financeira, de processo de trabalho e de informação”⁸¹⁹. Posteriormente, complementa-se: “[...] ações de sustentabilidade visam a estabelecer as condições para sustentar o plano de ação, tanto do ponto de vista do provimento de recursos financeiros como de recursos estruturais e humanos necessários”⁸²⁰.

A partir do conteúdo apresentado no documento do plano operacional, é possível concluir que o eixo transversal da sustentabilidade estava sendo direcionado para as questões relativas ao sustento financeiro das ações missionárias. Ressalta-se a percepção de que havia pouco conhecimento a respeito do conceito e do significado da sustentabilidade naquele momento histórico. E, talvez, menos ainda, acerca de como possibilitar a sua aplicabilidade prática correlacionada com a tarefa de ações missionárias. Todavia, foram sementes importantes dentro do processo que vislumbra acolher o contributo da sustentabilidade no meio eclesial.

5.2.3 Metas Missionárias

O XXXI Concílio da Igreja, realizado em Curitiba/PR no ano de 2018, aprovou as Metas Missionárias 2019-2024 e definiu as áreas prioritárias de ação e os objetivos específicos para servirem de orientação ao planejamento missionário em todas as instâncias eclesiais. O documento apresentou a missão da IECLB, a caminhada PAMI realizada desde 2000 e apontou para as ações e a gestão missionária realizadas no âmbito da Secretaria Geral. A reflexão a respeito da prática missionária, considerando

⁸¹⁷ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 17-18.

⁸¹⁸ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 28.

⁸¹⁹ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 28.

⁸²⁰ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 28.

as estratégias de missão, levou à síntese de um relatório que serviu de base para a construção das Metas Missionárias⁸²¹.

De forma resumida, os cinco temas que abrangem as metas são: sacerdócio geral; comunicação do evangelho; testemunho cristão e valorização da diversidade; compromisso com a justiça, a paz e a reconciliação na promoção de vida digna; e, governança democrática, transparente, conectada e sustentável. O termo sustentável é referido uma vez e a palavra sustentabilidade aparece três vezes como apresentação do eixo transversal e uma outra vez referindo-se a “[...] formatos possíveis de sustentabilidade do trabalho ministerial”⁸²².

Não é possível avaliar, a partir desse documento, se o fato de a palavra sustentabilidade ter sido pouco compreendida pelas pessoas líderes influenciou na sua, quase que, omissão no texto. Ou, se a dificuldade está na interpretação da ideia e do sentido que suscitam da sustentabilidade. Todavia, percebe-se que alguns princípios que emergem do pensar sustentabilidade estão presentes nas seguintes temáticas: formação, capacitação, participação, vida digna, espiritualidade, diversidade, ações geracionais, justiça de gênero, diálogo ecumênico e interreligioso, meio ambiente, comunicação, governança democrática, planejamento para desenvolver ações estratégicas contextuais, entre outros. Outrossim, faz-se esperar que os mesmos encontrem espaço nas práticas comunitárias.

5.3 PLANEJAR E IMPLANTAR AÇÕES MISSIONÁRIAS

O conhecimento popular comunica que o ato de planejar corresponde a uma ação constante e inerente ao ser humano que está em busca de respostas às suas necessidades e de seus objetivos. Logo, o planejamento envolve um processo de escolhas a partir da percepção de onde se está e de onde se quer chegar com base na tarefa a que se propõe. Da mesma forma, o planejamento em uma organização se coloca à serviço dos objetivos que esta busca alcançar ao longo do tempo.

Para construir um planejamento, as ações vitais são a escolha da metodologia, a motivação para a sua implementação e a abertura para mudanças organizacionais e comportamentais que possam vir a ocorrer. Contudo, o que vai levar ao feito das

⁸²¹ SECRETARIA DE MISSÃO E NÚCLEO DE PRODUÇÃO E ASSESSORIA DA IECLB (coord.). **Metas Missionárias 2019-2024**. Porto Alegre: IECLB, 2018.

⁸²² SECRETARIA DE MISSÃO E NÚCLEO DE PRODUÇÃO E ASSESSORIA DA IECLB, 2018, p. 15.

ações que foram planejadas será os relacionamentos iniciados e ou fortalecidos durante todo o processo.

Quando se trata de planos pessoais e de pequenos projetos, há maior facilidade e flexibilidade perante a sequência de tomada de decisões, da efetivação das ações e da adaptabilidade às mudanças de cenários. Ao contrário das conjunturas institucionais mais complexas e de maior abrangência. Elas evocam uma construção coletiva e participativa que envolve aspectos contextuais da diversidade e da pluralidade, como é o caso do planejamento de ações missionárias de uma comunidade eclesial.

A complexidade que envolve o ambiente eclesial deve ser primeiramente compreendida e as respostas às demandas devem ser oferecidas a contento e estar correlacionadas com a sua missão. Pode-se considerar que: “Desconhecer a conjuntura em que está a comunidade significa reduzir o seu desenvolvimento a um simples artifício de intervenção técnica”⁸²³. Portanto, torna-se necessário estudar a realidade na qual a comunidade está inserida para compreender a teia de relações existentes e como ela se desdobra diante das necessidades e das demandas face à missão eclesial e à sustentabilidade.

A sustentabilidade enquanto conceito dinâmico demanda ações concretas para sua real efetividade; a avaliação diagnóstica e o planejamento são estratégias metodológicas para a implementação de ações que venham a promover o desenvolvimento sustentável. [...] Somente a partir do levantamento concreto de dados, identificação e compreensão de valores locais e do respeito e valorização das peculiaridades, sejam elas no âmbito das mais diversas dimensões possíveis, a exemplo da ambiental uma proposta de gestão do desenvolvimento pode pleitear-se como sustentável.⁸²⁴

O ato de planejar está apresentado em múltiplas narrativas bíblicas. A fundamentação bíblica serve de apoio e de motivação para a implementação de processos de planejamento de ações missionárias. Dentre alguns exemplos, tem-se as experiências de: empregar tempo para calcular e planejar (Lc 14.28-33); planejar e aproveitar as oportunidades (Mt 25.14-30); planejar e lançar as redes (Mt 13.47-52); observar a estratégia do envio e da tarefa dada (Lc 9.1; 10.1; Mt 28.18-20; At 1.8); ser fiel e ter propósito (Lc 12.42-48; 8.18); de reagir diante das demandas (Lc 16.1-8); ter consciência e desenvolver o cuidado com aspectos do reinado de Deus (Mt 13.44-45);

⁸²³ SOUZA, 2014, p. 26.

⁸²⁴ LOPES; TENÓRIO, 2011, p. 129.

perceber que nas pequenas ações estão os grandes efeitos (Lc 1.18s); planejar e distribuir tarefas (Êx 18.14-26).

As narrativas bíblicas dão subsídios para uma proposta de gestão eclesial que assegura a realização de um processo de planejamento das ações pautado no contexto, na participação e na formulação de estratégias. Esse movimento estimula o desenvolvimento da tarefa missionária e coopera com a edificação de comunidade. Josué Campanhã, menciona o texto de Atos dos Apóstolos, capítulo 6, como sendo uma ilustração para um planejamento estratégico na igreja:

Este pequeno episódio mostra um equilíbrio entre ação do Espírito Santo, planejamento, foco, processo decisório, delegação, atendimento das necessidades e energia na execução da visão. Neste caso não bastava apenas orar, era preciso decidir. Não bastava apenas agir desesperadamente, se não houvesse uma direção do Espírito Santo.⁸²⁵

Outro fator relevante no processo de planejar as ações de uma comunidade é a oportunidade para capacitar e formar, além de despertar dons e novos líderes. Segundo Maria Luiza de Souza: “Reduzir a ação a uma simples solução de problemas sem relação com o processo de desenvolvimento comunitário tende a excluir o processo educativo, permanecendo somente o ativismo”⁸²⁶.

O desenvolvimento e a edificação de uma comunidade dependerão de um planejamento criativo e estratégico. Durante o processo do ato de planejar, há possibilidades de identificar gargalos e suprimi-los, de aproveitar as capacidades ociosas e de mobilizar pessoas e recursos latentes ao implementar estratégias a curto, médio e longo prazos. Da mesma forma, há oferta de conhecimentos, técnicas e ferramentas capazes de facilitar os processos organizacionais e poupar esforços desnecessários culminando com novas ações para ampliar o alcance de sua atuação.

As ações estratégicas na vida de uma comunidade eclesial não são predeterminadas. Mas, construídas coletivamente e dentro de um contexto. São elas que permitem, a partir de uma decisão inicial, prever um certo número de cenários para determinada ação proveniente de um certo objetivo. Esses cenários podem ser modificados em decorrência das informações que vão chegar no curso da ação e segundo os acasos que vão se suceder e perturbar a ação⁸²⁷.

⁸²⁵ CAMPANHÃ, 2013, p. 7.

⁸²⁶ SOUZA, 2014, p. 190.

⁸²⁷ MORIN, 2005, p. 79.

A capacidade de resiliência, de gestão e de planejamento tornam-se imprescindíveis para lidar com as mudanças. Tendo em vista que, no final das contas, as mudanças são constantes, tanto na vida pessoal como organizacional, e não podem ficar à mercê da improvisação⁸²⁸ ou do discurso de que “sempre foi assim”.

O êxito de uma comunidade com um plano de ação edificado dependerá, em muito, da organização, do envolvimento de pessoas e das ferramentas utilizadas em todo o processo⁸²⁹. Requer também vontade e ação política de líderes para empreender e implementar as ações planejadas e acompanhar seu processo monitorando e avaliando os resultados obtidos. Outrossim,

o sucesso das organizações dependerá de sua capacidade de ler e interpretar a realidade externa, rastrear mudanças e transformações, identificar oportunidades ao seu redor para responder pronta e adequadamente a elas, de um lado, e reconhecer ameaças e dificuldades para neutralizá-las ou amortecê-las, de outro.⁸³⁰

Contemplar a vida da comunidade, rememorar a missão, a visão e os valores da igreja são ingredientes para balizar o caminho e sonhar com uma comunidade mais viva e atuante. A oração e ação tornam a missão de Deus parte do cotidiano na construção de novas e harmoniosas relações sob seus diferentes aspectos e dimensões. A perspectiva da sustentabilidade vai ser concretizada com a vivência das pequenas e transformadoras experiências. E, estas, também precisam estar contempladas no planejamento comunitário para que de fato aconteçam e motivem novas ações. Dessa forma, pode se considerar que

[...] o planejamento não deve ser um *fim* em si mesmo. Ele é *meio* para qualificarmos a nossa ação missionária. Planejar significa assumir a nossa responsabilidade pelos recursos que nos foram confiados e aplicá-los de acordo com a nossa capacidade para que se multipliquem, como fez o empregado que recebeu cinco talentos do seu Senhor e devolveu-lhe ao final mais cinco (Mateus 25.14-30).⁸³¹ (grifo do autor).

A ação de planejar o futuro de uma organização significa disposição para realizar a contento a sua missão, avaliar os riscos, otimizar os recursos, aproveitar as oportunidades e mobilizar pessoas. Formalmente, denomina-se de planejamento o

⁸²⁸ SENA, 2013, p. 103.

⁸²⁹ GANDIN, Danilo. **Soluções de Planejamento para uma prática estratégica e participativa**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-10.

⁸³⁰ CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 4 ed. São Paulo: Makron, 2003. p. 18.

⁸³¹ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 7.

“[...] processo de estabelecer antecipadamente a finalidade da organização, escolher objetivos e prever as atividades e os recursos necessários para atingi-los”⁸³².

A ação de planejar a vida da comunidade se sustenta na crença de que o sentido da vida vem de Deus e que dele também provém a perspectiva da vida a ser desenvolvida para que seja abundante para toda a criação. Portanto, pode-se afirmar que o ato de planejar é um querer e um exercício de “dar sentido à vida”. Ao mesmo tempo, significa confiar na ação do Espírito para fazer frutificar a tarefa missionária.

O planejamento é realizado pela Igreja, visando contribuir na missão de Deus, mas quem mobiliza e impulsiona a igreja é o próprio Deus, dessa forma o planejamento será sempre uma aposta. Considerar o aspecto da incerteza na realização de um planejamento é considerar que o ser humano não tem domínio sobre tudo, no entanto, ele é chamado a fazer a sua parte no processo.⁸³³

É notório de que as atividades desenvolvidas pela igreja atraem as pessoas pelo estímulo sensorial e não pela significação em si. No entanto, o estímulo sensorial é uma oportunidade para impulsar a conexão da missão com a ação transformadora e mobilizar mais pessoas com o intuito de participar da tarefa missionária. Dado então, alguns desafios ao ato de planejar estrategicamente ações missionárias:

a) incorporar o espírito de planejamento; b) promover alteração de paradigmas e pressuposições de mudanças de mentalidade, de visão de mundo, de atitudes e de grande aspiração para melhorias efetivas, e focar no corpo funcional da organização, nas suas competências pessoais e profissionais, e no seu comprometimento, e não somente na cúpula. Com isso a preparação permanente dos recursos humanos é fator determinante, influenciando diretamente os resultados a serem obtidos. É importante trabalhar o corpo funcional, porém é indispensável a participação das várias lideranças da instituição.⁸³⁴

O planejamento altera a cultura organizacional ao propor processos de relações e interdependências voltadas para os objetivos da missão e que promovem mudanças nas organizações⁸³⁵. Não é possível medir todas as coisas a partir de resultados numéricos, merecimento ou utilidade. Esses itens não pertencem à vida em comunidade, mas à lógica de mercado e ao capitalismo moderno que tem uma visão voltada ao imediatismo e a utilidade de coisas e de pessoas. Por isso, torna-se relevante persistir com e nos processos de planejamento e implementação a fim de

⁸³² TENÓRIO, 2003, p. 27.

⁸³³ CONRAD, 2015, p. 85-86.

⁸³⁴ HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 19-20.

⁸³⁵ SENA, 2013, p. 93.

criar uma cultura e favorecer a formação, as relações e a organização eclesial, a fim de efetivar a sua tarefa ao longo dos tempos.

O planejamento é um processo que, uma vez adotado, demanda continuidade, devendo ser incorporado como prática permanente na organização. O seu entendimento, como um processo contínuo, é critério para se obter eficácia na sua implementação. É através das avaliações, controles, revisões periódicas e evoluções que se torna um procedimento cíclico, aberto e flexível, responsável pelo direcionamento constante dos esforços e alocação efetiva dos recursos da organização.⁸³⁶

O planejamento pode ser considerada uma ferramenta que municia líderes “[...] de informações para a tomada de decisão, ajudando-os [sic] a atuar de forma pró-ativa [sic], antecipando-se às mudanças que ocorrem no ambiente em que atuam”⁸³⁷. O planejamento implica na responsabilidade das pessoas mentoras de construir mecanismos de acompanhamento e avaliação das iniciativas. Cabe formar pessoal para tal fim e para que alavanquem iniciativas, experienciem e aprimorem as ações no contexto.

Certamente a elaboração e a implementação de um processo de planejamento missionário deve respeitar as características da organização, as suas demandas e as suas particularidades políticas e culturais de cada espaço. Requer também a introdução de novas percepções e sugestões para contribuir como trabalho a ser realizado e a realidade local. Rubem Alves, citando Max Weber, lembra que: “[...] não é a idéia [sic] que gera o comportamento [sic] mas sim o interesse. As idéias [sic] nada mais são que trilhos nos quais o interesse ocorre”⁸³⁸.

Como já referido, todo planejamento surge da consciência de um problema a ser solucionado que se soma a esperança de vê-lo sanado. Esses são os elementos inspiram o processo que leva ao planejamento e a execução de um plano estratégico de ação. De outro lado, Joel Souto-Maior alerta para a importância da adoção de uma abordagem metodológica que ajude a construir estratégias comunicativas que impliquem em participação e diálogo⁸³⁹.

O fortalecimento de uma organização decorre da sua capacidade de cumprir os seus propósitos. E, da sua disposição para inovar no sentido de desenvolver suas habilidades de analisar periodicamente o seu contexto, a sua missão e a sua atuação.

⁸³⁶ SENA, 2013, p. 103.

⁸³⁷ HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 17.

⁸³⁸ ALVES, 1980, p. 83.

⁸³⁹ SOUTO-MAIOR, Joel. Estratégias comunicativas para efetividade e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 141-155, 2013. p. 150.

Para tanto, é necessário promover o diálogo, a participação e o comprometimento do público interno e externo. Além disso, faz-se basilar desenvolver meios para gerar recursos físicos e financeiros, além de contar com os recursos de integrantes da comunidade, legitimar a sua prática missional, ter uma boa administração, fomentar e interagir com pessoas e organizações parceiras⁸⁴⁰.

Perante o exposto, afirma-se a necessidade de uma estratégia de ação e articulação para planejar, monitorar e avaliar constantemente as ações que forem sendo propostas. Sendo esta, uma dinâmica política e gerencial que contribui com o

[...] desafio de se construir uma nova cultura institucional, na qual planejar, monitorar, avaliar e sistematizar se tornem partes integrantes de um conjunto articulado de concepções e metodologias, mecanismos e rotinas. E que favoreçam a organicidade da vida institucional e maior qualificação de sua ação programática e gerencial, em conexão com a missão e com os demais aspectos de uma entidade ancorada aos desafios do campo não governamental e da sociedade como um todo, priorizando-se o compromisso com as populações excluídas e criando as condições objetivas e subjetivas para seu processo de inclusão, fundamentado em valores mais humanistas e na promoção e garantia de direitos.⁸⁴¹

A igreja deveria ter por objetivo a promoção de processos de planejamento em comunidades para viabilizar a tarefa missionária. Apesar das resistências e das experiências serem recentes, somam-se nas comunidades os planos de ação missionária e os projetos amparados pelo conteúdo do PAMI e pela metodologia de planejamento proposta pela IECLB. Processos estes que fomentam e impulsionam a formação e a capacitação contínuas.

5.3.1 Planejamento Missionário

A fé em Jesus Cristo alimenta a esperança de uma mudança de vida para melhor. Sonhar com novas possibilidades leva às pessoas a fazerem planos e, estes, a se solidificarem em ações. A confiança em Deus traz a segurança, o alento e a força para edificar. Na palavra bíblica está a inspiração que vem dos planos de Deus: “Só eu conheço os planos que tenho para vocês: prosperidade e não desgraça e um futuro cheio de esperança. Sou eu, o SENHOR, quem está falando”. (Jr 29.11). O planejamento missionário se nutre continuamente dessa fonte.

⁸⁴⁰ DRIAU, 2016, p. 281-282.

⁸⁴¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. **ONGs:** repensando sua prática de gestão. São Paulo: Maxprint, 2007. p. 59. As siglas PMAS correspondem a: Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização.

O Grupo de Apoio ao Planejamento, criado pela Conferência de Secretários e Secretárias e Presidência (CONSEC) da IECLB, em 2015, definiu o uso da nomenclatura Planejamento Missionário. Essa expressão passou, então, a identificar todo o processo de assimilação do PAMI, da aplicação da metodologia do PE e da implementação, do monitoramento e da avaliação do plano de ação missionária. A justificativa foi a necessidade de se ter uma terminologia legitimada que contemplasse a intensão e os esforços da igreja nessa direção. Considerou-se, portanto, que: “[...] a metodologia é de planejamento estratégico, mas essência da comunidade é missionária. Todo planejamento será missionário independente da metodologia”⁸⁴².

Sob esse prisma, o planejamento estratégico tem a função de realizar uma intervenção organizada da realidade dentro de duas dimensões de uma organização, a saber: fazê-la funcionar (fazer o bem a si mesma) e transformar as condições sociais (fazer o bem para a sociedade). Há duas correntes relacionadas ao planejamento: “[...] uma é o Planejamento Estratégico para aumentar a capacidade competitiva das empresas e outra, o Planejamento Participativo para aumentar a eficácia das instituições, grupos e movimentos que pretendem ser força de construção social”⁸⁴³. O PE vai de encontro com empresas que já tem um referencial de missão definido. E, o Planejamento Participativo, é uma ferramenta para aquelas organizações e instituições que ainda precisam direcionar seu campo de atividade ao foco prático para influir e construir a sociedade que desejam. Ainda, segundo Danilo Gandin,

Uma das descobertas teóricas mais importantes acerca do planejamento na década de 1980 é a convicção de que, para a coerência entre o pensar e o fazer, é absolutamente necessário um referencial que funcione como horizonte. Há, nisto, também, a ideia de que é preciso desenvolver uma visão estratégica, aqui entendida como aquela que se preocupa com o que é mais importante e com o que busca construir o futuro. Para dar conta disto, desenvolve-se o Planejamento Estratégico, com a ideia de Missão, e o Planejamento Participativo, com a do Marco Referencial, este com três dimensões igualmente necessárias: marco situacional, marco político-social e marco operativo.⁸⁴⁴

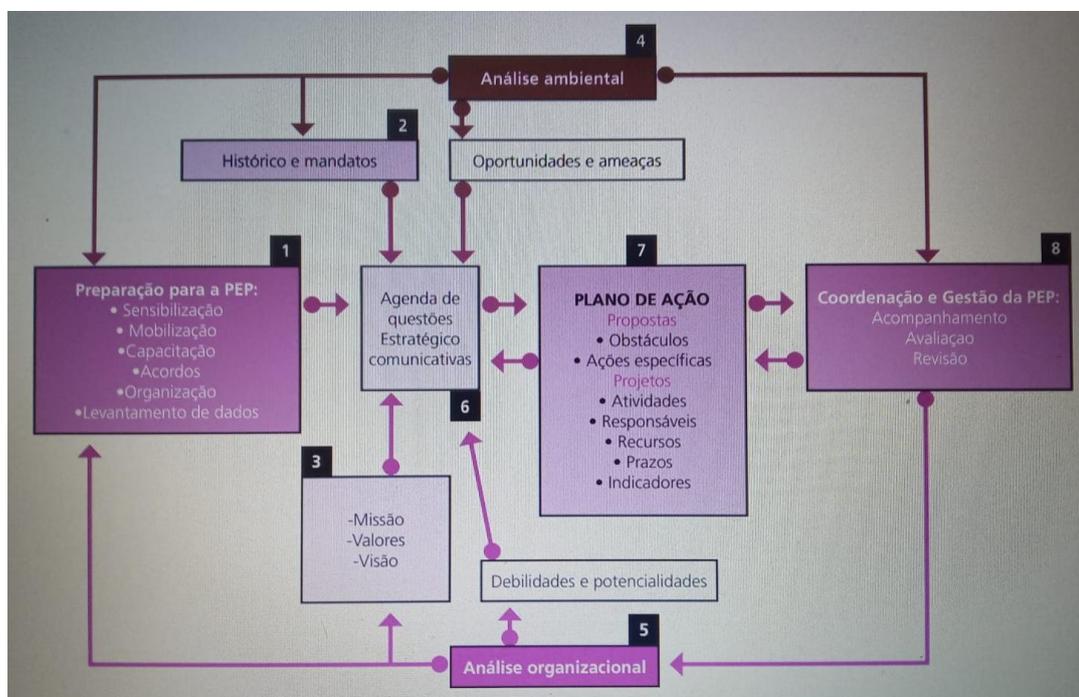
⁸⁴² GRUPO DE APOIO AO PLANEJAMENTO. **Registro da reunião do Grupo de Apoio ao Planejamento**. Porto Alegre, 02 jun. 2015. p. 2. “A ideia do Grupo de Apoio ao Planejamento Missionário - PAMI nasce da demanda advinda do planejamento, baseada na decisão do XXVIII Concílio da Igreja. Os/as participantes deste grupo estão de certa forma envolvidos/as no tema”. p. 1. Fizeram parte desse Grupo: Débora Krauser, Dione Baldus, Leonídio Gaede, Emílio Voigt, Altemir Labes. Ressalta-se que a equipe passou a se denominada após a reunião mencionada de Grupo de Apoio ao Planejamento Missionário/PAMI.

⁸⁴³ GANDIN, 2013, p. 84.

⁸⁴⁴ GANDIN, 2013, p. 111.

O Programa Sustentabilidade das Igrejas assinala que a metodologia da Planeação Estratégica Participativa (PEP) é um forte apoio à sustentabilidade da igreja sendo uma ferramenta de transformação e de empoderamento⁸⁴⁵. Essa metodologia foi adaptada por Joel Souto-Maior da metodologia do planejamento participativo⁸⁴⁶. Seu fim primeiro esteve voltado para as OSCs. Ela se apresenta como uma ferramenta participativa e estratégica de apoio à gestão organizacional que tem a pretensão de consolidar uma práxis comunicativa para o fortalecimento da organização dentro da premissa da retroalimentação.

FIGURA 3 – Planejamento Estratégico Participativo (PEP)



Fonte: SOUTO-MAIOR; ALTERESCU, 2004, p. 71.

O desenvolvimento do processo que envolve a PEP traz elementos semelhantes ao do PE. No entanto, o que se prima é pela construção coletiva no fomento de um movimento participante, comunicativo, formativo relevante para as OSCs e também as igrejas.

⁸⁴⁵ DRIAU, 2016, p. 21.

⁸⁴⁶ SOUTO-MAIOR, Joel; ALTERESCU, Xavier F. Planeação estratégica participativa para a efetividade e a sustentabilidade das organizações da sociedade civil. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Sustentabilidade: aids e sociedade civil em debate.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. (Série Parcerias e Mobilização Social nº 5). p. 64-75. p. 74.

Trata-se de uma abordagem de planejamento e gestão voltada para a capacitação, formação, participação, reconstrução e ação. [...] consiste num processo de facilitação da interação comunicativa, e não de condução de maneira sistemática de pessoas em direção a objetivos predeterminados. Na PEP, os participantes [*sic*] se capacitam como sujeitos através do processo pedagógico, tornando-se conhecedores de sua própria realidade e interessados no seu presente e futuro. A PEP se torna um exercício voltado para a cidadania.⁸⁴⁷

Para implantar uma PEP, deve-se considerar a continuidade do processo, o apoio de líderes, o tempo e a atenção das pessoas envolvidas e garantir a transmissão e a manutenção das informações conforme a evolução do processo. A experiência “[...] tem demonstrado que, na maioria dos casos, a motivação e a mobilização para a participação dependem muito da disponibilidade e da capacitação dos facilitadores [*sic*] comprometidos com a metodologia”⁸⁴⁸. O diálogo é um mecanismo relevante no contexto do agir organizacional. Pois, quando

[...] participantes se engajam em um diálogo para a construção de estratégias são capazes de se desligarem de seus interesses puramente egoístas e paroquiais e buscarem um acordo que satisfaça a todos [*sic*], ou, na pior das hipóteses, a maioria. Em condições favoráveis de diálogo, como aquelas criadas pelo uso da própria abordagem PEC, é, frequentemente, possível transcender as particularidades de pontos de vista individuais e passar para o entendimento intersubjetivo, ou seja, de compreensão de perspectiva dos outros [*sic*] e da aceitação do acordo como o caminho mais racional e moral.⁸⁴⁹

Salienta-se que em processos interativos e comunicativos, o resultado da mobilização leva ao engajamento, ao comprometimento, ao trabalho em equipe, à ação solidária e à sustentabilidade da organização⁸⁵⁰. Tem-se, então, um movimento relacional na organização que espelha a sustentabilidade e sustenta a tarefa missionária da igreja.

Nas igrejas luteranas da América Latina e Caribe, preconiza-se junto ao PEP, o apoio e a implementação do sistema de Planejamento, Monitoramento, Evolução e Sistematização (PMES). Esses aspectos são interdependentes, acumulativos, interativos, contínuos e devem ser considerados a longo prazo. Tem-se a apresentação de um caminho estratégico para planejar e operacionalizar o plano de

⁸⁴⁷ SOUTO-MAIOR; ALTERESCU, 2004, p. 70-71.

⁸⁴⁸ SOUTO-MAIOR; ALTERESCU, 2004, p. 72.

⁸⁴⁹ SOUTO-MAIOR, 2013, p. 143. Com a sigla PEC, o autor se refere a Planeação Estratégica Comunicativa.

⁸⁵⁰ SOUTO-MAIOR; ALTERESCU, 2004, p. 73-74.

ação. A relevância dessa ferramenta se deve à identificação das mudanças a serem aplicadas ao longo da implementação do plano de ação⁸⁵¹.

Vale destacar que na IECLB a proposta foi a da metodologia do PE. E, em virtude das dificuldades encontradas para desenvolver o PE e atendendo a solicitação do XXVIII Concílio da Igreja, foi elaborado e apresentado em 2016, o Roteiro para o Planejamento Missionário. Seu objetivo foi o de “[...] ajudar presbíteras e presbíteros, Ministras e Ministros, membros da IECLB a planejar as ações missionárias em suas comunidades”⁸⁵². O roteiro contou com adaptações para o desenvolvimento do PE e foi facilitado e ajustado para ser aplicado com o auxílio de projetor multimídia. Também, ofereceu um *pendrive* com diversos recursos para apoiar o processo⁸⁵³.

O planejamento missionário tem início com processos de mobilização de pessoas e de facilitadoras, de sensibilização e de assimilação da missão, da visão, dos valores e dos objetivos gerais e específicos. A motivação para o engajamento em processos de planejamento na IECLB surge como uma pergunta:

A nossa paixão, como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, é a missão de Deus. Cada um e cada uma de nós, membros da IECLB, Comunidades, Paróquias e Sínodos, estamos diante de um convite e de um desafio muito especial: Vamos nos apaixonar por essa ideia?⁸⁵⁴

O planejamento segue utilizando a técnica SWOT que auxilia na análise do contexto e identifica variáveis dos pontos fortes e fracos, das oportunidades e ameaças. Sendo que das variáveis apresentadas é que vão brotar as estratégias. Na sequência, ordena-se as variáveis sob o critério da influência no cumprimento dos objetivos da organização. Na etapa seguinte, faz-se uso da Matriz de Impactos Cruzados. O resultado auxilia na construção das ações estratégicas. Abaixo segue o quadro metodológico sequencial do planejamento:

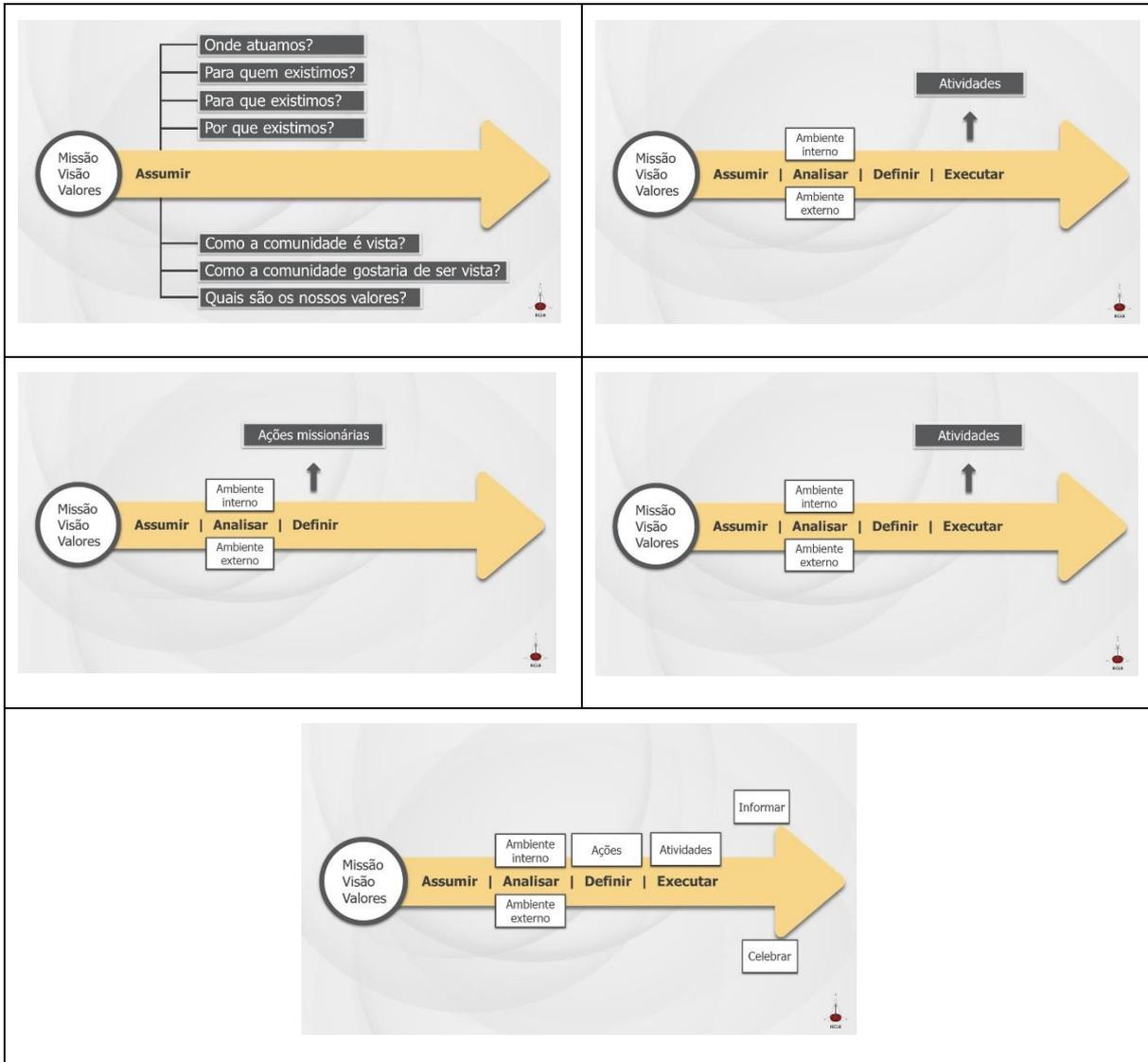
⁸⁵¹ DRIAU, 2016, p. 54 e 61.

⁸⁵² LABES, Altemir; VOIGT, Emilio (coord.). **Roteiro para o Planejamento Missionário**. Porto Alegre: Mythos Comunicação, 2016. p. 5.

⁸⁵³ LABES; VOIGT, 2016, p. 7.

⁸⁵⁴ LABES; VOIGT, 2016, p. 12.

FIGURA 4 – Sequência metodológica do Planejamento Missionário



Fonte: LABES; VOIGT, 2016, p. 66.

O plano de ação é edificado sob o fundamento e a influência da missão, da visão, do objetivo, das dimensões e dos eixos transversais. Para cada ação estratégica, o Plano Operacional apresentou uma forma de desdobrar as condições para a implementação do plano de ação⁸⁵⁵.

⁸⁵⁵ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 24-32.

TABELA 1 – Tabela da Matriz de Planejamento – Plano Operacional

Objetivo1: Testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas no seu contexto (Evangelificação) a tabela será usada para cada objetivo (veja página 23)						
Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e o que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado

Fonte: MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 31.

A fundamentação do PE como ferramenta para acirrar a concorrência entre as empresas, não faz jus a intenção da Igreja. Ao contrário, sua intencionalidade está conectada com a finalidade da PEP. Todavia, a proposta eclesial seguiu os passos da metodologia do PE tendo por base a missão da IECLB e os objetivos comuns⁸⁵⁶. Portanto, ofereceu-se a técnica conectada com a perspectiva espiritual.

O planejamento adotado e fundamentado no PAMI objetivou atingir os diferentes âmbitos da igreja a médio e longo prazo a partir da história e da identidade da Igreja, da análise de contexto e tendo ciência das “[...] implicações futuras de decisões presentes”⁸⁵⁷. Teve por finalidade a busca de alternativas de ação e, dessa forma, o cumprimento do seu papel de prevenir crises, refletir novas formas de ação e obter resultados perante a sua missão. A metodologia

[...] propõe um processo participativo que pressupõe o envolvimento comunitário. A partir dessa perspectiva o processo de planejamento estratégico assenta-se muito bem ao ambiente eclesial, pois promove através da reflexão e diálogo, a comunhão entre as pessoas, valoriza a participação de cada indivíduo e fortalece a ideia de pertencimento a um corpo.⁸⁵⁸

O movimento e a articulação para capacitar para o PAMI e o PE se tornou um processo favorável à aprendizagem e à assimilação no que tange a essência da vida eclesial. Ampliou-se a percepção da missão, da visão e da sua tarefa missionária da igreja e a necessidade de uma gestão comunitária conectada com esses aspectos. Bem como, a responsabilidade eclesial e social com a vida no presente e no futuro.

Planejamento estratégico, com discipulado e desenvolvimento de líderes, dá os alicerces para que a igreja seja usada pelo Espírito Santo para cumprir sua missão, transformar a vida das pessoas e plantar as sementes para que a próxima geração continue cumprindo a ordem de Jesus.⁸⁵⁹

⁸⁵⁶ CONRAD, 2015, p. 29.

⁸⁵⁷ SENA, 2013, p. 82.

⁸⁵⁸ CONRAD, 2015, p. 96.

⁸⁵⁹ CAMPANHÁ, 2013, p. 15-16.

O processo da construção de um plano de ação missionária envolve a assimilação da missão, da visão e dos valores da instituição e promove o desenvolvimento de líderes capacitando para a gestão comunitária. Ou seja, é considerado “[...] um instrumento esclarecedor de propósito (missão) de uma organização, em que situação ela quer estar no futuro (visão), como vai chegar lá (estratégica), e se está no caminho certo (monitoramento)”⁸⁶⁰.

O processo que envolve o planejamento se mostra viável também como uma proposta de: formação, capacitação, estímulo aos espaços mais amplos e democráticos, mobilização de pessoas, convite para uma gestão mais comunitária; e, o exercício do sacerdócio geral. Desta forma, articula os aspectos da educação cristã e da cooperação que resultam em ações coletivas transformadoras. Estas, sem dúvida, objetivam encontrar as melhores soluções para cada determinada situação⁸⁶¹.

O processo de planejamento estratégico é constituído das seguintes etapas: definição da missão, análise do contexto externo, análise do contexto interno, definição dos objetivos, definição das estratégias e redação ou elaboração do plano. Apesar de as etapas serem apresentadas em ordem sequencial, o processo só termina quando se faz uma avaliação do conjunto, de modo a garantir a coerência do plano.⁸⁶²

A atitude de planejar as ações missionárias representa ser uma nova forma de comportamento e fortalecimento organizacional. É uma ferramenta que alavanca e valoriza o diálogo e a formação permanentes. Ademais, propicia processos de participação democráticas motivando, fecundando e partilhando sonhos, visões e ideias a respeito de como ser igreja no presente e no futuro. Outro ponto é o desenvolvimento do senso de pertença e de responsabilidade⁸⁶³.

A energia do planejamento nas organizações sociais latino-americanas está voltada para a promoção da justiça, dignidade e igualdade. Baseia-se no pensamento crítico latino-americano, baseado nas contribuições conceituais da teoria da dependência, filosofia da libertação, teologia da libertação, educação popular, sistematização de experiências, entre outras⁸⁶⁴.

⁸⁶⁰ SOUTO-MAIOR, 2013, p. 146.

⁸⁶¹ PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011, p. 141.

⁸⁶² TENÓRIO, 2003, p. 29.

⁸⁶³ CONRAD, 2015, p. 80.

⁸⁶⁴ DRIAU, 2016, p. 58. *La energía en la planificación en las organizaciones sociales latinoamericanas está colocada en la promoción de la justicia, la dignidad y la igualdad. Se sustenta en el pensamiento crítico latinoamericano, basado en los aportes conceptuales de la teoría de la dependencia, la filosofía de la liberación, la teología de la liberación, la educación popular, la sistematización de experiencias, entre otras.* (tradução nossa).

O planejamento estratégico “[...] seria o meio que a organização tem para otimizar suas forças e oportunidades, além de minimizar suas fraquezas e ameaças, modelando um caminho a ser traçado e alcançado em determinado tempo”⁸⁶⁵. No entanto, a organização também precisa considerar as incertezas diante do futuro e se preparar para enfrentar os desafios com resiliência. Ressalta-se que o PE não pode ser considerado o único meio processual de geração de estratégias para a organização⁸⁶⁶. Josué Campanhã sugere fechar

[...] com chave de ouro o planejamento da sua igreja com um calendário de atividades totalmente alinhado com a missão, a visão e os macros objetivos estabelecidos. Além, disto, que sejam atividades que façam diferença na vida das pessoas e que, acima de tudo, glorifiquem a Deus.⁸⁶⁷

Salienta-se que a comunidade a partir do seu plano de ação pode elaborar um projeto específico. O processo do planejamento atribui ao projeto certo grau de maturação tendo em vista que ele faz parte do marco estratégico da comunidade e foi antecedido por uma boa análise do contexto, de viabilidade e dos riscos. Domingos Armani, recomenda ainda que todo projeto específico seja precedido do PE⁸⁶⁸. Isso, ao considerar que o Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) devem:

[...] promover a transparência, a prestação de contas, o fortalecimento institucional, o fortalecimento das pessoas, a igualdade de gênero, a apropriação compartilhada do que é produzido, a autonomia e a compreensão mútua entre todos os atores envolvidos no processo de planejamento e avaliação.⁸⁶⁹

As falhas do processo construtivo do planejamento estratégico estão ligadas principalmente à natureza humana. Entre elas pode-se citar: a condução da sistemática, a participação, a subjetividade, o controle, a avaliação e a falta de foco⁸⁷⁰. A metodologia requer pessoas que facilitem o processo. Mas, também, exige comprometimento das partes envolvidas no desenvolvimento, no monitoramento e na avaliação das ações, bem como de toda a comunidade.

⁸⁶⁵ SENA, 2013, p. 81.

⁸⁶⁶ SOUTO-MAIOR, 2013, p. 147.

⁸⁶⁷ CAMPANHÃ, 2013, p. 287.

⁸⁶⁸ ARMANI, Domingos. **Como elaborar projetos**: guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. (Coleção Amencar). p. 27.

⁸⁶⁹ ARMANI, Domingos. **PMA**: conceitos, origens e desafios. O Planejamento, Monitoramento e a Avaliação de Programas Sociais. Salvador: Encontro de Agentes de Projetos – CESE, 1998. p. 9. Disponível em:

https://domingosarmani.files.wordpress.com/2013/04/pma_conceito_origens_desafios_2.pdf.

Acesso em: 29 jun. 2022. O autor se refere ao grupo Joint PME Project.

⁸⁷⁰ SENA, 2013, p. 98-99.

No caso da IECLB, há outros pontos importantes a observar durante o planejamento. São eles: a comunicação e a celebração de toda a construção do plano de ação. Quanto à divulgação, ela poderá ser feita nos cultos, nos grupos de trabalho, pelos meios de comunicação da comunidade, bem como panfletos e *banners*. Importante é que as pessoas conheçam e se sintam convidadas a participar e a aprender sobre os processos que envolvem o planejamento missionário. Destaque para a apresentação em culto que se torna um momento ímpar para expressar gratidão e interceder para que os resultados sejam alcançados⁸⁷¹.

Vale evidenciar que o planejamento tradicional, simplificado e pensado a curto prazo tem sido mais procurado do que a metodologia do PE. Isso, em parte, porque líderes acreditam que o processo é demorado e requer o levantamento de muitos dados⁸⁷². Tem-se também a visão muito presente do imediatismo que traz o dilema da descontinuidade nos processos. No entanto, destaca-se que o PE vem se tornando uma ferramenta importante e é utilizada “[...] no mundo inteiro e, ao contrário do que alguns [*sic*] pensam, adequável a qualquer porte organizacional”⁸⁷³.

Segundo Paulo Afonso Butzke, “[...] para algumas Paróquias, o planejamento estratégico tornou-se a construção de um caminho rumo a um bom futuro, a suplantação de uma atitude meramente reativa por uma atitude proativa”⁸⁷⁴. Algumas experiências com o planejamento apontam que o processo favoreceu espaços de formação e de capacitação muito importantes. Houve fomento de novos grupos e de ações sociais e a percepção da importância do acolhimento, da vivência da espiritualidade, da comunicação interna e externa. Além de enaltecer a disposição de sonhar com novas formas de viver em comunidade. Ainda, segundo o testemunho de uma comunidade, o planejamento trouxe:

*Melhoria do conhecimento da Comunidade; concentração de esforços nas atividades da missão; maior envolvimento dos membros, promovendo maior compromisso e o sentimento de pertencer à Comunidade, como sendo esta a extensão do seu lar; encorajamento para o desafio de cuidar melhor da Comunidade, clareza sobre os objetivos da Comunidade, clareza sobre o processo de edificação das pessoas na fé cristã.*⁸⁷⁵ (grifo do autor).

⁸⁷¹ LABES; VOIGT, 2016, p. 65. Ressalta-se que: “[...] o plano missionário deve ser registrado em ata da Assembleia Geral, indicando o período de vigência”. p. 65.

⁸⁷² TENÓRIO, 2003, p. 28-29.

⁸⁷³ SENA, 2013, p. 19.

⁸⁷⁴ BUTZKE, 2007, p. 117.

⁸⁷⁵ SCHIEFERDECKER, Jorge. Relatório dos Sínodos. *In*: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Relatórios II 2010-2012**. Chapecó: IECLB, 2012. p. 33. O autor cita argumentos levantados pela Comunidade Concórdia de Curitiba/PR.

As informações elencadas apontam para a relevância de desenvolver continuamente o planejamento e fomentar a implementação de ações missionárias em comunidades eclesiais. Todo o conhecimento coletivo e institucional adquirido através desses processos gera mudanças e leva ao fortalecimento da missão e visão eclesial contribuindo com a transformação social⁸⁷⁶.

A compreensão do conjunto e da prática que envolvem o planejamento missionário ainda precisa ser apropriada e assimilada pelas pessoas líderes das comunidades eclesiais. Percebe-se um arcabouço de materiais, campanhas, documentos, mas, pouca efetividade. A falta de vontade política, em boa medida, se dá pelo medo das mudanças, mas também incorpora aspectos da carência de capacitação e formação para tal fim. Por outro lado, espera-se das pessoas líderes que conduzam processos democráticos e participativos e incentivem o planejamento de ações missionárias e acompanhem a sua implementação. Almeja-se que tenham capacidade para mobilizar pessoas em torno da perspectiva do coletivo e para negociar a realização de acordos abrindo caminho para o novo em busca da sustentabilidade. Dessa forma, cooperam com o desenvolvimento fortalecendo sua capacidade protagonista.

Considera-se que o planejar estrategicamente segue a trilha da tendência por busca da sustentabilidade. Se apresenta como uma condição a ser incorporada em organizações que objetivam alcançar determinadas metas e contribuir com a sociedade. Nesse sentido, o planejamento se coloca dentro do desafio de estar sendo continuamente construído e permanentemente avaliado.

5.3.2 Implementação do plano de ação missionária

O ditado popular “planejar é fácil, difícil é fazer acontecer” alerta para amplificar a atenção e o cuidado com o processo de execução de um plano de ação missionária. A execução é o elemento crucial e definidor do alcance dos resultados esperados. É preciso atentar para as estratégias de operacionalização e execução do plano de ação. Nas estratégias, devem constar aspectos detalhados que envolvem o planejamento e sua implementação, dentre eles: definição do cronograma, equipe de implementação, disponibilidade de recursos e estruturas, capacitações necessárias,

⁸⁷⁶ DRIAU, 2016, p. 70.

indicadores de resultados, referências à comunicação dos processos. Posteriormente, esse conjunto será base para avaliar, readequar e realinhar o andamento da ação planejada em conformidade com a missão, a visão, os objetivos institucionais e o contexto.

Alguns aspectos para se alcançar um bom desempenho na execução de um plano de ação na igreja são: informações compartilhadas; decisões compartilhadas, focadas na missão e cientes dos impactos que podem causar; pessoas gestoras e formadoras de opinião alinhadas com a missão, a tarefa missionária da comunidade e as ações desenvolvidas pela comunidade; estruturas condizentes com as metas, com um bom fluxo de comunicação e com pessoas líderes engajadas e comprometidas; pessoas líderes com planos pessoais e familiares a médio e longo prazos em desenvolvimento⁸⁷⁷. Esses elementos além de cooperarem para que o processo tenha êxito, auxiliam no controle, no realinhamento e na retroalimentação do plano de ação.

Todo ser humano exerce a função de controle no seu cotidiano. Ela representa aquela medida que oferece a informação dos pontos positivos e negativos de uma ação e que retroalimenta o planejamento do dia seguinte a fim de alcançar uma maior satisfação. Nas organizações acontece o mesmo. Sua aplicação se dá através da análise, do acompanhamento, do monitoramento e da avaliação. O controle corresponde “[...] a função que compara as ações planejadas com os resultados obtidos. A partir dessa análise é possível dar início a eventuais correções nos rumos definidos pela organização”⁸⁷⁸.

O monitoramento e a avaliação fazem parte do planejamento desde o seu início. São atividades dinâmicas e contínuas que requerem acompanhamento. Essas duas dimensões trabalham juntas e se complementam ainda que com funções diferentes dentro do processo.

O Monitoramento diz respeito à observação regular e sistemática do desenvolvimento das Atividades, do uso dos recursos e da produção dos Resultados, comparando-os com o planejado. Ele deve produzir informações e dados confiáveis para subsidiar a análise da razão de eventuais desvios, assim como das decisões de revisão do Plano. Já a Avaliação cumpre o papel de analisar criticamente o andamento do projeto segundo seus objetivos, tendo por base as informações produzidas pelo Monitoramento.⁸⁷⁹

⁸⁷⁷ CAMPANHÃ, 2013, 290-291.

⁸⁷⁸ TENÓRIO, 2003, p. 95.

⁸⁷⁹ ARMANI, 2009, p. 69.

Ambas as atividades apoiam a implementação do plano de ação ou do projeto ao verificarem as ações e medirem o desempenho oferecendo elementos para a tomada de decisões. Além de possibilitarem a correção de possíveis desvios a fim de assegurar o pleno cumprimento dos objetivos estabelecidos⁸⁸⁰.

Alguns aspectos a serem observados durante o processo de monitoramento são: “[...] O desenvolvimento das atividades. [...] O uso dos recursos e da produção dos resultados. [...] A comparação entre realizado e planejado. [...] A produção de informações confiáveis. [...] A decisão de revisão do plano”⁸⁸¹. O monitoramento adota os “[...] mesmos indicadores predestinados para elaborar o plano estratégico organizacional. [...] devem focalizar os objetivos estratégicos, permitindo um procedimento contínuo de acompanhamento de resultados e de seus indicadores”⁸⁸².

Estes passam a ser parâmetros fundamentais, desde a fase de planejamento, favorecendo a materialização detalhada de objetivos e metas, a comprovação de resultados, efeitos e impactos alcançados por uma organização. Por isso devem ser usados como ferramentas em todas as fases do PMAS. A partir desta premissa, compreende-se que os indicadores são também a base do monitoramento e da avaliação.⁸⁸³

Dessa forma, elabora-se um alinhamento entre o que foi planejado e o que está sendo realizado fazendo um comparativo com os indicadores construídos e utilizados para o processo de acompanhamento do plano de ação. Nesse sentido, o planejamento precisa ser flexível e

[...] as metas e objetivos devem ser fixados de forma tal que sejam exequíveis e passíveis de mensuração. Do contrário, se forem estabelecidas metas e ideias elevadas, sem dispor de meios para medi-los, estará se fazendo apenas piada da própria organização.⁸⁸⁴

Salienta-se que nas atividades voltadas à promoção social há maiores dificuldades em acompanhar e aplicar métodos avaliativos quantitativos. Sendo assim, torna-se precioso o desenvolvimento de indicadores qualitativos⁸⁸⁵. A abordagem multicritério é mais indicada para identificar e avaliar os objetivos estratégicos, “[...] pois aceita em seu processo o envolvimento de situações complexas no apoio às decisões”⁸⁸⁶.

⁸⁸⁰ TENÓRIO, 2008, p. 114.

⁸⁸¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 37.

⁸⁸² SENA, 2013, p. 104.

⁸⁸³ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 46.

⁸⁸⁴ SENA, 2013, p. 97.

⁸⁸⁵ TENÓRIO, 2003, p. 125.

⁸⁸⁶ SENA, 2013, p. 132.

Nos sistemas tradicionais de avaliação e controle de resultados, o foco está no resultado financeiro que apresenta o lucro ou o prejuízo⁸⁸⁷. Isso faz com que, muitas vezes, o termo “controle” não é bem-visto nas comunidades porque remete ser um elemento punitivo, coercivo e desagregador. No entanto, sua atribuição na gestão

[...] deve ser no sentido de informar, formar, educar, influenciar e persuadir, nunca impor, de tal forma que todos [*sic*] ajam coordenadamente com os propósitos da instituição e, por conseguinte, obtenham eficiência e eficácia nas suas áreas de responsabilidade. Com isso, a instituição será capaz de assegurar recursos a serem investidos na evangelização e na promoção humana.⁸⁸⁸

O papel da avaliação é analisar criticamente o desenvolvimento das ações em relação aos seus objetivos e, para tanto, faz uso das “[...] informações e decisões construídas no decorrer do processo de monitoramento”⁸⁸⁹. A avaliação é a última tarefa do controle. No entanto, o referencial para que as atividades sejam avaliadas deve ser elaborado juntamente com o plano de ação ou o projeto⁸⁹⁰.

Outra observação importante em relação aos processos de avaliação diz respeito a questões éticas. Destaca-se alguns fatores relevantes: respeitar as diversidades e os valores das pessoas envolvidas; explicar as intenções da avaliação e o seu processo; trabalhar com o princípio da justiça ao analisar e comunicar informações; assegurar a transparência na comunicação; e, garantir a responsabilidade fiscais, legais e a prestação de contas de maneira transparente⁸⁹¹.

Raquel E. Rodríguez aponta a vulnerabilidade e o empoderamento como fatores presentes no desenvolvimento de processos de planejamento que visam ações transformadoras em comunidades eclesiais que buscam por sustentabilidade. A questão da vulnerabilidade remete aos recursos financeiros que são limitados e a falta consciência da relevância do ato de planejar e acompanhar as ações missionárias de forma estratégica. E, por outro lado, enaltece o aspecto do empoderamento que pode brotar no conjunto dos processos, das ferramentas, dos recursos e das vivências⁸⁹².

⁸⁸⁷ SENA, 2013, p. 116.

⁸⁸⁸ HENRIQUE; PAIVA, 2012, p. 32.

⁸⁸⁹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 37.

⁸⁹⁰ CAMPANHÃ, 2013, p. 287.

⁸⁹¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 44.

⁸⁹² RODRÍGUEZ, 2011, p. 69-70.

A avaliação pode focar o desempenho da organização ou de pessoas. No quesito organizacional, faz-se necessário criar um referencial para que as atividades sejam avaliadas⁸⁹³ a fim de verificar se o uso dos recursos e a mobilização de pessoas estão adequados, se a organização consegue reagir às oportunidades e às ameaças do contexto e o quanto realizou de seus objetivos.

Já a avaliação do desempenho das pessoas diz respeito principalmente à percepção da necessidade de maior capacitação e formação, melhorias nas condições para exercer determinada função e necessidade de deslocamento de pessoas para adequar habilidades e dons às tarefas⁸⁹⁴. Josué Campanhã, alerta de que: “Se as pessoas que compõem a estrutura não têm uma noção clara das suas responsabilidades, a mudança de estrutura não gera progresso na organização, apenas movimentação”⁸⁹⁵.

O controle de gestão tem início no planejamento e é alimentado com a mensuração dos resultados de uma ação, um projeto ou plano. Para tal fim, pode-se empregar meios como: a observação direta, o contato pessoal, os relatórios orais e escritos, os gráficos e as tabelas. Estes passam pela comparação entre o desempenho real e o parâmetro estabelecido no planejamento da ação.

A qualidade dos registros depende da criatividade da pessoa que os elabora e, não poucas vezes, é preciso capacitá-la para tal. Assim sendo, cada organização pode criar seus próprios instrumentos e modelos de registros, tais como: fichas, mapas mentais, gráficos, calendários, esquemas, entre outros. Todavia, reafirma-se a “[...] importância de se contar com registros ordenados de observações e ações realizadas, de estudos pessoais e documentos consultados para se assegurar um bom sistema de monitoramento, avaliação e sistematização”⁸⁹⁶.

Na IECLB, o Roteiro para elaboração do Planejamento Missionário sugeriu um encaminhamento prático para as comunidades. Ao mesmo tempo, aproveitou para correlacionar o planejamento com a avaliação dos Campos de Atividade Ministerial (CAM):

- A equipe pode sugerir que o presbitério faça uma avaliação semestral das atividades do plano missionário e que a Assembleia anual da Comunidade também se ocupe do assunto. É aconselhável que a equipe defina uma data para um encontro de avaliação intermediária. - Definidas as formas de

⁸⁹³ CAMPANHÃ, 2013, p. 287.

⁸⁹⁴ TENÓRIO, 2003, p. 120.

⁸⁹⁵ CAMPANHÃ, 2013, p. 290.

⁸⁹⁶ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 40.

monitoramento, passe para o item seguinte, que trata da avaliação de Campos de Atividade Ministerial. A ideia é mostrar que planejamento missionário e avaliação de campos de atividade estão correlacionados.⁸⁹⁷

Em relatórios e pareceres, a qualidade é mais importante do que a quantidade de informações. Além de que, deve-se levar em consideração que as informações coletadas precisam ser repassadas de forma que as pessoas as compreendam e possam agir de modo a pensar em todos os processos envolvidos. Isso gera integração, otimização e favorece a gestão⁸⁹⁸.

A mensuração de resultados serve para fornecer informações para a organização refletir e definir se há necessidade de adoção de medidas corretivas e quais devem ser. “É um momento crucial, pois, a partir do diagnóstico que será feito e das decisões a serem tomadas, a organização terá a oportunidade de corrigir falhas e até mesmo tomar outra direção”⁸⁹⁹.

Outrossim, as comunidades eclesiais deveriam conceber o planejamento, o monitoramento e a avaliação como processos de aprendizagem contínua para favorecer a tarefa da missionária. Na IECLB, o PECC se torna um instrumento valioso para orientar a avaliação e o planejamento contribuindo com o processo de acompanhamento do plano missionário. A implementação também considera o processo cumulativo de aprendizagem dado que ação e reflexão se complementam. Dado que a cada período pré-determinado de vigência de um plano ou projeto, novas e significativas mudanças devem ser produzidas, constatadas e sistematizadas⁹⁰⁰.

A sistematização inspirou-se nas teorias de Paulo Freire, envolvendo os conceitos de participação, de partir do educando, da realidade local. [...] a sistematização é uma reação positiva a um exagerado reducionismo ou simplismo, que resulta da ilusão de que se pode controlar a realidade através de um eficiente planejamento estratégico.⁹⁰¹

A sistematização envolve a observação, o diálogo, a reflexão e o relato por escrito a respeito de processos de aprendizagem decorridos de uma experiência. Ela pode servir para construir novos conhecimentos, para auxiliar ações no futuro e para inspirar outras pessoas.

A capacidade de coletar aprendizados coletivos e institucionais é um dos principais ativos que proporciona um sistema PMES para um projeto ou

⁸⁹⁷ LABES; VOIGT, 2016, p. 64.

⁸⁹⁸ SENA, 2013, p. 27 e 35.

⁸⁹⁹ TENÓRIO, 2003, p. 107.

⁹⁰⁰ ARMANI, 2009, p. 31.

⁹⁰¹ ARMANI, 1998, p. 7.

organização; porque o aprendizado coletivo e institucional gera mudanças que fortalecem a missão e visão do projeto ou organização. PMES fortalece a metodologia ação-reflexão-ação como ferramenta de transformação da realidade, pois permite a organização e as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem da experiência realizada, contribuindo para a aprendizagem institucional e social. PMES contribui para a construção do conhecimento porque permite compartilhar o aprendizado com outras pessoas e disseminar o melhor práticas, contribuindo para o conhecimento geral dos processos e projetos de desenvolvimento.⁹⁰²

Outro fator relevante de processos de sistematização diz respeito a construir ou reconstruir os saberes. Os pilares da educação indicados pela UNESCO, saber-ser, saber-conviver, saber-fazer e saber-aprender, também servem de bases para a reflexão e a construção de ações voltadas à educação cristã contínua na igreja.

A sistematização é um instrumento que se situa no campo da construção da sabedoria. A sabedoria é uma totalidade orgânica de compreensão, explicação, interpretação da realidade e instrumento de sua transformação, capaz de conformar sujeitos individuais e coletivos. Ela permite, pois, além de identificar os significados das ações, construir seus sentidos para os sujeitos. A sabedoria inclui várias dimensões: cognitiva, ética, estética, técnica, política e cultural. Não são dimensões isoladas e separáveis. Trata-se de uma distinção teórica para compreender a sabedoria humana em sua amplitude e complexidade. [...] A partir de tudo isso podemos concluir, portanto, que o processo da construção de sentido implica em: Selecionar e organizar informações. Estabelecer relações. Construir sínteses e, com essas sínteses, interpretar experiências e vivências.⁹⁰³

De forma simplificada, pode-se considerar que os passos dentro do processo do PM possibilitam: a) consciência da oportunidade de planejar ação missionárias contextualizadas; b) sensibilização e mobilização de pessoas; c) valer-se de uma pessoa facilitadora; d) desenvolver o processo de planejamento; e) celebrar e divulgar; f) implementar e monitorar as ações; g) avaliar; h) redigir, apresentar relatórios e socializar os resultados; i) sistematizar a experiência e o aprendizado; e, j) ao fim do

⁹⁰² DRIAU, 2016, p. 70. *La capacidad de recoger los aprendizajes colectivos e institucionales es una de las principales riquezas que aporta un sistema PMES a un proyecto u organización; porque los aprendizajes colectivos e institucionales generan cambios que fortalecen la misión y visión del proyecto u organización. PMES fortalece la metodología acción-reflexión-acción como una herramienta de transformación de la realidad porque permite a la organización y a las personas involucradas en el proceso aprender de la experiencia realizada, contribuyendo al aprendizaje institucional y al aprendizaje social. PMES contribuye a la construcción de conocimiento porque permite compartir los aprendizajes con otros, y difundir las mejores prácticas, contribuyendo al conocimiento general de los procesos y proyectos de desarrollo.* (tradução nossa).

⁹⁰³ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 56. "A sistematização apresenta várias dimensões que lhe são constitutivas: • Contém como central a produção de conhecimentos (reconstruir, interpretar, teorizar). • Implica em socializar a outros o conhecimento gerado (comunicação). • Tem o caráter de experiência pedagógica, para quem dela participa (formação). • Contribui na potencialização da prática estudada (consolidação de práticas consideradas bem-sucedidas; redefinição de estratégias de trabalho). São todas dimensões inter-relacionadas, que se desenvolvem no decorrer da sistematização, enfatizando ora um aspecto, ora outro". p. 56.

período determinado, dar início a um novo planejamento agregando as aprendizagens e os resultados. Cabe evidenciar que o processo demanda a formação de uma equipe para acompanhar o desenvolvimento das ações e as pessoas envolvidas.

A espiral que envolve a prática de planejar, implementar, avaliar e sistematizar orienta os planos de ações que agregam continuamente aprendizados, novas ações e esperanças. Dessa forma, caminha-se pela estrada da sustentabilidade e da missão para multiplicar a tarefa missionária e as práticas transformadoras.

5.4 IGREJA E SUSTENTABILIDADE

Os aspectos da teologia de confessionalidade luterana contribuem com as formas relacionais adotadas ao afirmarem que a pessoa cristã é como “um Cristo” para as outras pessoas e para a criação. Pois, considera que ali onde a pessoa cristã se manifesta, há fé, amor e esperança. Onde a paz que brota da reconciliação se faz presente, há promoção do desenvolvimento humano, da vida plena e da sustentabilidade. A salvação acontece desde o aqui e o agora. Por isso, na sociedade, tudo o que fomenta a miséria, o sofrimento e a morte, deveria ser refutado porque representa a perturbação da paz e da felicidade e impede o avanço do bem comum, da continuidade da vida, do desenvolvimento natural e da esperança.

A perspectiva da sustentabilidade dirige-se às relações humanas em processos de transformação social e ambiental que permitem a continuidade da vida com dignidade dentro da sua complexidade e interdependência. O papel da igreja também é o de cooperar para superar sistemas de vida autodestrutivos. Sua função é promover equidade, justiça, ética cristã, valorização e dignidade da vida, adequação cultural, participação, liberdade, esperança, cuidado ecológico e, no fim das contas, oportunizar a vivência da espiritualidade e da sustentabilidade. Portanto, a sustentabilidade e o projeto do reinado de Deus são potências motivacionais de uma visão de mundo e de esperança que se alinham para preservar e conservar o planeta como um todo.

A aproximação com a sustentabilidade foi identificada na IECLB, num primeiro momento, como sendo uma questão ligada ao âmbito financeiro. Suspeita-se que isso decorreu da efervescência da abordagem do tema da sustentabilidade, da pouca profundidade conceitual e da emergente demanda por recursos financeiros para

prover a sua continuidade. Outrossim, as comunidades da IECLB não têm hábito de planejar suas ações à longo prazo, apresentam dificuldades em se contextualizar e atrair novos membros e, frequentemente, direcionam suas narrativas às questões de sustento financeiro como sendo o foco principal das dificuldades enfrentadas.

A fé ativa no amor age em conformidade com a sua vocação e dentro da sua realidade contextual, mas não perde a dimensão do todo em que está envolvida. Cabe um empoderamento das capacidades locais para intentar e sustentar novos caminhos. A apresentação dos processos que integram o planejamento missionário e a sua implementação, com base no PAMI e no Pano Operacional, representou e visibilizou esse intuito no seio da IECLB.

Na igreja, a sustentabilidade contribui exercendo a função de uma leitura e uma reflexão hermenêutica sob textos bíblicos e a confessionalidade. Mas, também, se apresenta à serviço da vida comunitária como uma ferramenta de leitura para os processos que envolvem o planejamento, a implementação, o monitoramento, a avaliação e a sistematização dos resultados de planos de ações missionárias, ou mesmo de projetos. Ambas as contribuições da sustentabilidade para a igreja estão em processo de construção e sujeitas a adaptações e validações, mas carregam um esperançar precioso que aponta para um novo olhar para o mundo.

O desafio que se coloca na igreja é estratégico e está diante da necessidade de articular, de capacitar e de planejar ações que levem ao planejamento missionário. O processo que envolve o ato de planejar já é em si um exercício hermenêutico da sustentabilidade e da promoção de ações que conduzem a sinais de sustentabilidade da missão de Deus. O esforço coletivo fortalece não somente o ser do ser humano, mas, também, programas e projetos. Avante, otimiza recursos e favorece o desenvolvimento de dons, de capacidades e da criatividade para construir caminhos para mitigar os problemas e as demandas de cada tempo e contexto.

A apropriação da missão e da prática eclesial de planejamento estratégico, de monitoramento, de avaliação e de sistematização ainda deixam a desejar. É um campo aberto a ser investigado e explorado em suas diferentes facetas. Mas, que, sem dúvida, pode valorar e instigar a tarefa missionária e a busca por sustentabilidade. Todo esse empenho está atrelado a vontade política das pessoas líderes em priorizar um plano de ações missionárias que incorporam parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade também com o intuito de assessorar os processos decisórios e a política adotada, além de fomentar a educação cristã contínua.

Nesse sentido, no próximo capítulo, refletir-se-á a respeito dos parâmetros e dos indicadores eclesiais de sustentabilidade como aportes ferramentais estratégicos para os processos que envolvem a adoção do planejamento missionário. Por ora, conclui-se com a música de Ivone Gebara: O desafio nos é lançado.

1. Não há receitas, apenas a certeza de que os caminhos se fazem

Quando nos dispomos a caminhar! Quando nos dispomos a caminhar!

Estr.: O desafio nos é lançado! O desafio nos é lançado!

2. É o que chamamos de caminhar na fé acenando de longe

Para o objeto da nossa esperança! Para o objeto da nossa esperança!

3. Nos alegrando em caminhar pra ele, sem ter a certeza:

De comer os frutos da terra prometida! De comer os frutos da terra prometida!

4. Antes de nós muitos foram tomados por esta paixão!

Agora é a nossa vez! Agora é a nossa vez!⁹⁰⁴

⁹⁰⁴ GEBARA, Ivone. O desafio nos é lançado. In: **CANTAR A VIDA**. Cancioneiro do CEBI. São Leopoldo: CEBI, 1997b. p. 110.

6 PARÂMETROS E INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

*Os planos bem elaborados levam à fartura.
(Pv 21.5a).*

Os pontos anteriores cooperam para apresentar um cenário a respeito da sustentabilidade como contribuinte e interconectada com a tarefa missionária da Igreja. Observa-se um viés colaborativo relevante através da hermenêutica da sustentabilidade no âmbito teórico-reflexivo da leitura bíblica e da confessionalidade e um prático no ímpeto de ser uma ferramenta para leitura dos processos desencadeados pelo planejamento missionário em comunidades eclesiais. Ambos se complementam, contudo, possuem olhares diferentes para fazer germinar as sementes da sustentabilidade e da missão de Deus.

Tanto a sustentabilidade como a tarefa missionária estão voltadas às formas de relacionamento que o ser humano constrói e desenvolve ao longo de sua vida e que resultam em legado para as próximas gerações interferindo também no ambiente. Ambas têm como premissa o amor sobre o qual se cria, edifica e mantém a vida. Elas carregam as características da prudência, da interdependência, da cooperação, da ética, do holístico, do bem coletivo, dentre outras.

A política desenvolvida dentro das instituições pode seguir esse mesmo ímpeto ao “[...] reconhecer sua responsabilidade em articular as discussões transdisciplinares, fazendo-as dialogar com intuito de fundar um modelo que melhor entenda e promova a sustentabilidade”⁹⁰⁵. Portanto, as instituições podem provocar as discussões, formar e capacitar a fim de que se desenvolva práticas que busquem a sustentabilidade e a missão de Deus.

O fomento de ações provindas da concepção de sustentabilidade e da missão eclesial estão ligadas ao contexto e, principalmente, ao estímulo político interno e externo de uma instituição. O ato de planejar, com tudo o que envolve essa dinâmica, tem se apresentado como um caminho possível ao favorecer espaços para a inspiração e a criatividade. Estas, nutrem a ousadia para construir possibilidades de tornar os desígnios da sustentabilidade e da missão de Deus práticas cotidianas.

⁹⁰⁵ MUNCK, 2015, p. 526.

Ocorre memorar que todo esse processo é um caminho a ser percorrido continuamente e que está sujeito às mudanças e adequações durante o transcurso. Estudos apontam que, tanto a sustentabilidade quanto a missão de Deus não apresentam uma maneira finalizada de operacionalização e de concretização, mas requerem práticas que dão testemunho e instigam as suas finalidades.

Uma das formas de averiguar se esse caminho está conectado aos objetivos da missão de Deus e da sustentabilidade, é a construção de parâmetros e indicadores de sustentabilidade para acompanhar o plano de ação missionário de uma comunidade. Portanto, neste capítulo, analisar-se-á a contribuição da sustentabilidade no processo de planejamento missionário a partir de parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade apontando como essas ferramentas contribuem para a edificação de comunidades eclesiais.

6.1 PARÂMETROS

A adoção da sustentabilidade como um contributo para instituições sociais e pequenas e grandes corporações requer elementos que corroboram com a sua dimensão prática, visível e instigante às mudanças nas formas de relacionamento, tanto entre humanos como com o ambiente. O planejamento de ações estratégicas tem sido um método proposto no âmbito das organizações e que, no decorrer da sua implementação, vale-se de parâmetros de sustentabilidade que se comportam como balizas de comparação entre o desejado e o alcançado dentro de um plano de ação ou projeto missionário. Portanto, os parâmetros, bem como os indicadores de sustentabilidade, vão apresentar estruturas e características segundo as pessoas ou a instituição que os idealizarem⁹⁰⁶.

Na literatura, o termo parâmetro recebe significação diversificada. No dicionário é descrito como: “Princípio através do qual é possível estabelecer uma comparação; padrão”⁹⁰⁷. O verbete aproxima-se do significado de outros vocábulos, tais como: regras, paradigmas, critérios, modelos, normas, padrões. Dependendo do contexto em que é usada, a palavra ganha sentido e propósito próprio:

⁹⁰⁶ MARZALL, Katia; ALMEIDA, Jalcione. Parâmetros e Indicadores de Sustentabilidade na agricultura: limites, potencialidades e significado no contexto do desenvolvimento rural. **Extensão Rural**, Santa Maria, n. 5, p. 25-38, 1998. p. 28. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/6135>. Acesso em: 01 nov. 2022.

⁹⁰⁷ DICIONÁRIO Online de Português. **Parâmetro**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/parametros/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

Parâmetro é um substantivo masculino bastante usado na **matemática** que consiste em uma linha constante e invariável, que pertence a uma equação ou que faz parte da construção de uma reta. Em alguns casos esta palavra é usada como sinônimo de **norma** ou **padrão**. No âmbito da **Física**, quando uma fórmula possui uma ou mais variáveis, o parâmetro é uma grandeza constante fixa. Na matemática, o parâmetro é a variável auxiliar que se encontra em equações e funções. No contexto da **informática**, o parâmetro é o valor atribuído pelo utilizador através de uma função específica. O parâmetro é introduzido ou definido com o objetivo de fazer a modificação ou ajustamento de um determinado comando. Em muitos casos, quando um parâmetro não é definido pelo utilizador, o programa escolhe um. Na linguagem de programação, os parâmetros são aquilo que está entre os parênteses nos métodos e funções, sendo muitas vezes usado como sinônimo de argumento. Um parâmetro também pode ser descrito como um elemento ou característica que pode ser usado para estabelecer comparações entre pessoas, comportamentos, eventos etc.⁹⁰⁸ (grifo do autor).

A aplicabilidade da palavra parâmetro na literatura pode sofrer uma confusão conceitual com o termo indicadores. Portanto, faz-se necessário esclarecer essa predisposição. De forma geral, pode ser compreendida como uma ferramenta que dá visibilidade e auxilia na avaliação de ações e de processos em busca de sustentabilidade, de resultados ou de desempenho profissional ou organizacional servindo como um atributo balizador do cenário desejado.

Os parâmetros de sustentabilidade surgem da necessidade de informações que ampliem a percepção contextual para o processo de tomada de decisão, a intervenção na realidade e a formulação da política organizacional com base na busca de sustentabilidade. Isto porque eles permitem estabelecer uma comparação entre o que se propõe e o estado em que a organização ou projeto se encontram. Eles ganham vida no entrecruzamento com os indicadores que, por sua vez, abastecem a equipe gerencial ao auxiliar na medição da qualidade da ação e oferecer dados simples de uma realidade complexa.

Na prática, eles se tornam referenciais para colher as informações que situam o estado da organização e que alimentam o processo decisório a fim de orientar os comportamentos. Ou seja, eles partem dos objetivos para empreender uma conexão entre a realidade, a avaliação e a missão tendo por base a busca de sustentabilidade. Saliencia-se que os parâmetros não são universais ou estáticos, mas refletem determinado contexto e momento histórico. São padrões definidos em sistemas que se tornam “[...] elos condutores, balizadores, fundamentais, estruturadores da vida

⁹⁰⁸ SIGNIFICADOS. **Significado de Parâmetro**. 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/parametro/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

social e da natureza. A mensuração e o acompanhamento destes parâmetros é [sic] realizada por indicadores”⁹⁰⁹.

No processo de construção de parâmetros para planos de ação e projetos, observa-se que a definição deve estar vinculada e dar visibilidade aos princípios da missão e da sustentabilidade da organização que os elabora. Isso tanto em termos de conceito como de valores tendo em vista que servirão de apoio à confrontação de uma situação atual com a qual se deseja alcançar. Portanto, os parâmetros articulam e colaboram para a compreensão da missão institucional e da sustentabilidade e a sua efetiva prática oferecendo visibilidade aos objetivos propostos.

Sendo assim, a construção de um conjunto de parâmetros parte do pressuposto da missão, da visão e dos objetivos da instituição e se configura no plano de ação em que pontua os limites da missão e da sustentabilidade. Os limites estabelecem e permitem uma comparação auxiliando na compreensão de determinada situação ou fenômeno que, ao ser medido, apresenta a intencionalidade e as principais qualidades da missão e da visão a que estão sujeitos e são derivados.

Os parâmetros seguem, portanto, tendo a função de alinhar a missão, a visão, os objetivos e os princípios da sustentabilidade para garantir que as ações sejam consequentes com a identidade e com as metas propostas durante o planejamento estratégico. Portanto, servem como balizas ou guias para referenciar valores importantes para a instituição. Eles também têm o papel de apontar para as dimensões que precisam de afirmação, assimilação, otimização e investimento.

A adoção de parâmetros de sustentabilidade em uma organização pressupõe uma identidade explícita e um processo de planejamento com estratégias de ações de impacto social e edificante. Dado que, ao se construir um planejamento estratégico, legitima-se os parâmetros para direcionar as ações a fim de alcançar seus objetivos e, dessa forma, amplia-se a credibilidade e a legitimidade institucional.

A partir da perspectiva sistêmica, observa-se que a própria sociedade exigirá das instituições coerência com a sua missão e os seus valores. Isso repercutirá na adoção de novos princípios e de novas ferramentas organizacionais para corresponder às expectativas e as exigências legais. Todavia, não serão quaisquer princípios, mas:

⁹⁰⁹ MARZALL; ALMEIDA, 1998, p. 30.

Os princípios sobre os quais se erguerão as nossas futuras instituições sociais terão de ser coerentes com os princípios de organização que a natureza fez evoluir para sustentar a teia da vida. Para tanto, é essencial que se desenvolva uma estrutura conceitual-unificada para a compreensão das estruturas materiais e sociais.⁹¹⁰

No planejamento conectado com a missão institucional, cabe a formulação de parâmetros pelos quais cada ação estratégica será continuamente monitorada, avaliada e modificada, se for o caso. Com base neles, elaboram-se os indicadores e seus respectivos meios de verificação⁹¹¹. Os parâmetros de sustentabilidade, juntamente com os indicadores, servem como ferramentas para potencializar a avaliação e o monitoramento dos planos de ação missionária, bem como ampliar o escopo de ações dos planos ao alinhar estratégias e objetivos.

Ressalta-se que os parâmetros variam de contexto para contexto e estão sujeitos ao tempo, aos resultados esperados e à intencionalidade para o qual foram criados. Portanto, não faz jus elaborar parâmetros únicos. Isso porque as necessidades humanas são múltiplas e históricas e resultam das modificações que ocorrem nas formas das sociedades se organizarem a partir do desdobramento das demandas relacionadas ao tempo e ao espaço. O que hoje é considerada uma necessidade, amanhã poderá não ser mais.

6.1.1 Parâmetros eclesiais

A IECLB demonstra estar em estado de alerta ao estimular todas as suas instâncias a realizarem o planejamento estratégico de ações missionárias. As indagações e reflexões a respeito do futuro e da continuidade eclesial se tornaram mais presentes e preocupantes, bem como a sua contextualização. Ao ir de encontro a estas demandas, a igreja edificou objetivos para visibilizar sua identidade, fomentar a criatividade e implementar ações inovadoras.

O conjunto de objetivos que a IECLB adotou está sob a tutela dos documentos oficiais da instituição e são validados nacionalmente. Eles representam os princípios e as referências teórico-metodológicas da missão da Igreja. Dentre os documentos, podem ser citados o PECC, o PAMI, os Documentos Normativos, as Diretrizes da Política Educacional da IECLB, o Guia de Vida Comunitária Nossa Fé Nossa Vida,

⁹¹⁰ CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 11.

⁹¹¹ ARMANI, 2009, p. 33.

entre outros. Os parâmetros, portanto, representam, de forma simples, a identidade e os valores eclesiais dispostos nos documentos e dão visibilidade à sua missão, à sua visão e aos seus objetivos. Segundo o texto-base do PAMI:

Deus é o fundamento e o sujeito da missão que ele mesmo realiza através de sua obra criadora e mantenedora, redentora e santificadora. Deus inclui a igreja – a comunhão dos agraciados por fé – neste movimento em prol da cura e salvação do mundo. A missão da igreja, pois, não é outra do que inserir-se na missão divina e dispor-se a ser instrumento do agir salvífico de Deus. Como a missão pertence à essência do ser igreja, ela deve tornar-se perceptível nas dimensões fundamentais da vida de cada comunidade, bem como na vida de cada pessoa cristã. A missão integral de Deus, compreendida como a comunicação do amor de Deus, dá-se no testemunho missionário da fé (evangelização), na vivência concreta do Corpo de Cristo (comunhão), no agir restaurador e curador (diaconia), na celebração do amor divino (liturgia). É aí, portanto, que a paixão de Deus pela humanidade se revela ao mundo através da vida da igreja.⁹¹²

De acordo com o que visto até aqui, é possível afirmar que os objetivos adotados pela IECLB através do PAMI 2008-2012, podem ser considerados parâmetros eclesiais de sustentabilidade. Nomeadamente, os objetivos ou parâmetros da missão eclesial são: evangelização, comunhão, diaconia e liturgia. O Plano Operacional sugere a seguinte compreensão para as dimensões da missão:

A *evangelização* origina-se no desejo de Deus em ter um relacionamento integral e harmonioso com o ser humano e consiste da exposição explícita e intencional do Evangelho, visando a uma resposta pessoal de fé e ao ingresso no discipulado cristão vivido em comunidade. A *comunhão* é a essência da igreja que brota da ação missionária e redentora de Deus. É comunhão solidária que renasce e se renova em cada celebração da Ceia. A *comunhão* é vivência concreta do sacerdócio cristão onde mutuamente nos tornamos servos uns dos outros, especialmente dos mais necessitados. Mas a missão de Deus também é a vivência do amor na forma do serviço humilde, amoroso, acolhedor e inclusivo, é *diaconia*. Comunidade missionária que serve é aquela que se aproxima das pessoas, que luta pela vida digna, não só na própria comunidade, mas também no mundo. É aquela que questiona as situações de injustiça, de opressão e exclusão e que pratica a misericórdia e a justiça. Na *liturgia*, a vivência missionária celebra o amor de Deus (culto) e vê nestas diversas formas de celebração uma oportunidade de vivência da comunhão, da evangelização e da diaconia. O culto, portanto, em sua liturgia, simbologia, música, palavra e sacramentos, deve proporcionar a experiência de que ali o Deus amoroso está querendo nos encontrar. Compreender e viver o culto significa sentir-se contagiado pelo Deus que ama a igreja – que ama o mundo.⁹¹³ (grifos do autor).

As quatro dimensões da missão eclesial, consideradas como parâmetros eclesiais de sustentabilidade, se relacionam com três eixos transversais: formação, sustentabilidade e comunicação. Eles foram apresentados da seguinte forma pelo

⁹¹² PINTO, 2008, p. 35.

⁹¹³ MISSÃO de Deus. Nossa paixão 2009, p. 11.

Plano Operacional: “[...] *educação cristã* contínua, *administração* criativa de recursos com vistas à sustentabilidade da missão e *comunicação*”⁹¹⁴. (grifos do autor). Percebe-se que o eixo da sustentabilidade, recebeu uma nova definição ao ser aproximada do campo da administração.

FIGURA 5 – Dimensões e Eixos Transversais da Ação Missionária da IECLB



Fonte: LABES; VOIGT, 2016, p 20.

Considera-se que os parâmetros são critérios de excelência que visibilizam a direção para onde a tarefa missionária precisam se movimentar e corporificar. Eles informam os objetivos da igreja e, na prática, servem de sustentação para o processo de planejamento, monitoramento e avaliação das ações missionárias possibilitando intervenções mais efetivas e colheita de resultados a curto, médio e longo prazos.

Sendo assim, os parâmetros eclesiais de sustentabilidade promovem o testemunho da esperança que move a pessoa cristã e legitimam a identidade missional da igreja. Além disso, eles colocam em movimento a corresponsabilidade com as diferentes dimensões da vida e sugerem elementos que dão suporte à vida de fé e de comunidade - lê-se, também, sociedade, que em sua essência, busca viver a sustentabilidade e a missão de Deus.

O intuito de adotar parâmetros para aportar a construção e implementação de um plano missionário é dar visibilidade à missão, auxiliar na proposição da ação e na avaliação do alcance dessas ações missionárias ao comparar a realidade com o que se quer alcançar. Contudo, o desafio maior é a apropriação e a integração dos

⁹¹⁴ MISSÃO de Deus. Nossa paixão, 2009, p. 12.

parâmetros eclesiais de sustentabilidade no cotidiano a fim de promover impactos práticos e nutrir uma melhor gestão comunitária.

A discussão acerca da sustentabilidade, ainda que de maneira tímida, impulsionou e encorajou a igreja a atuar de forma mais objetiva, fundamentada e simplificada para dar visibilidade à sua missão e promover a sua tarefa. Todavia, a igreja enfrenta a resistência e o desânimo de alguns setores e líderes para implementar o planejamento missionário e aderir a novas ferramentas e formas de gestão comunitária.

Com isso, observa-se a necessidade de alavancar e de construir uma política da sustentabilidade conectada com a da missão de Deus para fomentar e assessorar os discursos e as práticas eclesiais e sincronizar o que ambas oferecem como princípios da vida. O resultado poderá ser a otimização do que é essencial: a comunhão, o bem-estar integral presente e futuro, a corresponsabilidade, os valores que promovem vida plena e a harmonia entre toda a criação. Dentro do desenvolvimento dessa ideia, apresenta-se o planejamento missionário de cada instância eclesial. Ele elabora e implementa o plano de ação por determinados períodos, sendo direcionado por valores oriundos da missão e da sustentabilidade.

Na literatura eclesial, praticamente, não se encontra orientações de como desenvolver o monitoramento, a avaliação e a sistematização de modo a contemplar o resultado esperado do planejamento estratégico de ações missionárias. O que torna imprescindível criar e adotar ferramentas para coletar evidências dos avanços ou não da tarefa missionária frente à diferentes aspectos e contextos.

A verificação do caminho trilhado diante de planos missionários direciona para a reflexão de muitos aspectos que envolvem a vida comunitária. Cita-se a título de exemplo: vivência da espiritualidade, processos educativos e de formação de líderes, mobilização de pessoas e recursos, infraestrutura, regularidade legal, transformação social etc. Com informações, a comunidade pode mobilizar, estimular e apoiar os espaços deficitários em relação ao avanço da missão e da visão institucional. Além de fortalecer as ações que apresentam indicadores próximos ao que é sinalizado pelos parâmetros.

6.1.2 Aplicabilidade de parâmetros

Salienta-se que são poucas as experiências registradas a respeito da utilização de parâmetros de sustentabilidade no âmbito das igrejas. Um exemplo da aplicabilidade de parâmetros vem de Raquel E. Rodríguez. A autora analisou o resultado do trabalho realizado dentro da sua igreja, na Argentina, para alavancar os processos de sustentabilidade para a missão e o ministério. Para tanto, ela fez uso dos Parâmetros de Desenvolvimento Institucional e de Sustentabilidade da Igreja, os quais foram adaptados para a realidade eclesial, segundo a autora⁹¹⁵.

Esses parâmetros foram compilados pelo “[...] sociólogo brasileiro Domingos Armani, com releitura e aportes do P. Dr. Paulo Butzke e do facilitador do Programa Sustentabilidade Gustavo Driau”⁹¹⁶. Esse trabalho foi desenvolvido com a colaboração de um coletivo de líderes eclesiais e apresenta o resultado do processo de experiências e de diálogos no contexto latino-americano e caribenho. Os parâmetros foram considerados, nesse contexto, instrumentos para guiar e monitorar a implementação de programas de sustentabilidade nas Igrejas da América Latina e Caribe⁹¹⁷.

Tabela 2 – Parâmetros de Sustentabilidade da Igreja

	PARÂMETROS DE SUSTENTABILIDADE DA IGREJA Armani-Butzke-Driau (Ayagualo, El Salvador, 2010)	
Parâmetros de desenvolvimento institucional e sustentabilidade	Ampliação do conceito que está implícito no parâmetro e aplicável a organizações sociais	Parâmetros de desenvolvimento institucional e sustentabilidade na igreja (elaborados pelos e pelas referentes das igrejas FLM/ALC durante 2008-2010)
1. Base social, legitimidade, relevância e consistência na sua missão	A base social de uma organização é o segmento da sociedade ao qual a organização se dirige e com quem interage; a base social são seus membros e seus simpatizantes, ou seja, aqueles e aquelas que se identificam com a organização. Legitimidade é um atributo que os demais atores outorgam	Congregação, membros e simpatizantes são a base da igreja. Congregação e igreja são legitimadas pela voz profética, pela defesa e a promoção da dignidade e justiça que provém do evangelho e se expressa no diálogo com a sociedade. A legitimidade provém do reconhecimento que a igreja luterana

⁹¹⁵ RODRÍGUEZ, 2011, p. 65-68.

⁹¹⁶ DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 199. “[...] sociólogo brasileiro Domingos Armani, con relecturas y aportes del P. Dr. Paulo Butzke y del facilitador del Programa Sustentabilidad Gustavo Driau”. (tradução nossa).

⁹¹⁷ DRIAU; CUYATTI; SCHAPER, 2016, p. 79.

	<p>implicitamente a uma organização (as vezes), implica que se considera válido que a organização participe no espaço da sociedade naquilo que se propõe como sua missão.</p> <p>Relevância de uma organização implica que esta seja significativa para sua base social. Ser relevante supõe ter aportes substanciais para a vida das pessoas. Esses aportes podem ser materiais, de promoção e cuidado das pessoas, seus direitos e o ambiente, ou simbólicos e transcendentais; sejam de um tipo ou de outro, deveriam ser elementos altamente valorizados na vida cotidiana das pessoas.</p> <p>Consistência na missão em uma organização implica um propósito claramente delimitado e expresso e, ademais, coerente com o fazer da organização. Consistência implica um bem pensar a missão; um bem dizer e comunicar esse propósito e uma coerência entre o pensar, o comunicar e o fazer.</p>	<p>recebe do contexto no qual está inserida.</p> <p>A relevância provém do acompanhamento pastoral e diaconal integral e profético; o que a faz ser reconhecida, valorizada e respeitada pela população.</p> <p>A consistência provém da coerência entre a proclamação da Palavra e a celebração dos sacramentos, a diaconia (serviço) e a voz profética a favor de causas justas.</p>
<p>2. Equilíbrio entre o nível de ingressos e as necessidades da organização</p>	<p>Equilíbrio entre ingressos e necessidades implica ter clareza dos recursos (de todos os tipos) que estão disponíveis e dos recursos potenciais (de todos os tipos) que poderiam ser alcançados. Este é o âmbito onde o idealismo visionário se equilibra (se compatibiliza) com o realismo que provém das limitações.</p>	<p>Todos os membros devem ter clareza dos recursos disponíveis e dos recursos potenciais e das necessidades das comunidades de fé. É necessário um idealismo visionário e equilibrado. Aprender a cooperar, administrar e a utilizar todos os dons que a igreja tem.</p>
<p>3. Organização do trabalho e gestão democrática e eficiente</p>	<p>O modo de organizar o trabalho (por exemplo, participativo, funcional, em equipe, radical, centralizado, autoritário, piramidal etc.) gera uma ampliação das possibilidades e recursos da organização e a torna mais sustentável, ou, o <i>contrário sensu</i>, limita e estreita e a converte em uma organização mais fraca. Este parâmetro traz à análise uma categoria que muitas vezes está sobreposta ou escondida e fora de consideração pelo hábito de repetir as práticas ("se faz assim simplesmente porque sempre se fez assim").</p> <p>Gestão democrática e eficiente implica que as organizações sustentáveis tenham uma inclinação natural a organizar suas</p>	<p>Trabalhar buscando acordos, participação e compromisso sólido; este enfoque requer mais tempo e mais trabalho, mas dá mais resultados do que uma organização verticalista.</p> <p>Uma igreja sustentável precisa se organizar de modo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - participativo - suportável - consensual - levando em conta dons e talentos - com voluntariado ativo <p>Às vezes as velhas estruturas mentais freiam os processos e tornam a organização mais fraca.</p>

	tarefas de modo equitativo, participativo e respeitoso e das individualidades, tudo em favor de um objetivo comum. Este modo de gestão democrático deve, ademais, alcançar um uso saudável dos recursos e alcançar os objetivos a que se propõe com suas atividades.	
4. Quadro de recursos humanos adequados	Desenvolvimento institucional e sustentabilidade estão ligados à geração, formação e sustento dentro da organização de pessoas identificadas com a organização e capazes de levar adiante seus desafios a partir de seus dons e de sua disponibilidade.	Como igrejas e congregações, devemos aprender a identificar e levantar os dons (recursos humanos) que Deus põe à disposição. Os recursos humanos necessários para levar adiante a tarefa na igreja devem ser e estar: - capacitados - reconhecidos e validados (quer dizer, empoderados) - acompanhados - avaliados
5. Grau de articulação da identidade e da missão	Este parâmetro leva à necessidade de observar aquilo que a organização é (ou crê que é) e o que ela se propõe a fazer; se trata de um santo equilíbrio na tensão que existe entre o ser e o fazer.	É necessário observar uma relação ou correspondência entre o que a congregação é (ou crê ser) com aquilo que se propõe a fazer . Não pode haver uma distância grande entre ambas porque poderia ser impossível cumprir a missão proposta.
6. Sistema de planejamento, monitoramento e avaliação	Não se trata de planejar, monitorar e avaliar somente os projetos que se executam com outros cooperantes, mas se trata da prática interna da qual participam, em um pé de igualdade, os atores políticos relevantes da organização (dirigentes, quadros intermediários, técnicos e também a base social). Poderia perguntar-se: sua organização tem o hábito de se planejar, se monitorar e se avaliar?	Planejar é organizar nossas ações no trabalho local, com todos os dons e talentos que Deus tem dado. Monitorar é observar como estão sendo desenvolvidas as coisas ou ações planejadas para fazer os ajustes necessários. Avaliação consiste em observar se foi cumprido aquilo que foi planejado e quais foram os resultados e as razões pelas quais se alcançou ou não o planejado. Uma igreja sustentável tem capacidade de levar adiante um prolixo ciclo de gestão comunitária e uma cuidadosa gestão institucional (organogramas, regulamentos, estatutos, papéis e funções etc.).
7. Capacidade de produção e sistematização de informações e conhecimentos	Produzir e sistematizar informes e conhecimentos implica: a) que a organização está sendo consciente de suas atividades e pode dar conta delas; b) que é consciente das mudanças que essas atividades produzem; c) que também é consciente dos conhecimentos que são construídos a partir dessas atividades e dessas mudanças; d)	É absolutamente necessário organizar o que vamos aprendendo na caminhada. É indispensável traduzir o conhecimento adquirido em conceitos e palavras que outras pessoas possam entender e comunicá-los na linguagem da comunidade.

	que além de ser consciente de tudo isso, também pode comunicar aos outros de um modo organizado e entendível.	
8. Poder para influenciar processos sociais e de políticas públicas	Implica ter consciência do espaço público no geral e do espaço público no qual a organização participa em particular. Além disso, ter consciência de que esse espaço é transformável e que para transformá-lo a organização deve necessariamente influenciar e interferir.	<p>Temos o mandato de Cristo de ser sal, luz e fermento no mundo para uma vida digna para todas as pessoas e respeitosa para com a Criação.</p> <p>Isso nos compromete a participar em tudo aquilo que promova a dignidade, acompanhando e denunciando aquilo que limita a vida. Para este fim, é necessária a capacitação efetiva de lideranças dentro da membresia para refletir sobre assuntos públicos.</p>
9. Capacidades para estabelecer alianças e ações conjuntas	Este parâmetro implica uma modalidade de influenciar e intervir no espaço público. Constitui num indicativo de desenvolvimento institucional trabalhar sobre o espaço público em associação, aliança, acordos ou consenso com outros. Esta estratégia fortalece a intervenção e também fortalece a própria organização.	<p>Maria é uma jovem muito sensível para o tema da Aids e HIV. Deseja realizar algumas ações, mas acontece que sozinha não pode fazer muito. Assim, pediu ao grupo de jovens que a apoiassem. Juntos e juntas conseguiram somar forças de famílias, organizações e instituições. Não só têm acompanhado pessoas concretas, mas também têm conseguido impactos importantes a nível local e têm conseguido que o tema chegue até a assembleia legislativa local. Estão pressionando por uma mudança de leis, para que as populações com Aids e HIV tenham seus direitos assegurados. Hoje em dia estes jovens têm a certeza de que é preciso somar alianças com os mais pequenos e com os maiores para que consigam realizações ainda maiores.</p>
10. Agilidade na comunicação externa e interna	Este parâmetro se centra na capacidade de desenvolver uma comunicação suave, de ida e volta, capaz de receber e entregar informação e conteúdo. Uma organização sem capacidade de “escutar” ou sem capacidade de se expressar tem dificuldades em sua sustentabilidade.	<p>Utilizar uma linguagem simples e entendível na igreja, simples e direta sem tecnicismos. Que as estruturas facilitem o diálogo interno e externo, como também o acesso a fóruns públicos. Que exista uma linguagem inclusiva para homens, mulheres e crianças.</p>
11. Transparência absoluta na prestação de contas junto aos doadores de recursos, credibilidade	<p>O marco ético no qual se usam os recursos previstos pela base social, aliados, ou cooperantes constitui em um pilar central do desenvolvimento institucional e da sustentabilidade de uma organização.</p> <p>Os mais nobres propósitos ou as mais enaltecidas visões não diminuem, mas aumentam o compromisso da organização com</p>	<p>Prestar contas é uma expressão da mordomia cristã. O ser humano presta contas a Deus sobre a Criação e seus irmãos. Uma comunidade de fé presta contas a si mesma nos aspectos de governo, de administração e dos seus planos. Uma comunidade de fé presta contas a suas comunidades irmãs em uma assembleia ordinária. Um conselho diretivo, um presidente ou bispo também presta contas na</p>

	sua transparência e prestação de contas.	assembleia ou perante uma auditoria ou um fiscal revisor de contas. Uma igreja presta contas a seus constituintes (membros) e a seus doadores sempre .
--	--	---

Fonte: SCHAPER, Valério G. **Parâmetros de sustentabilidade da igreja**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por dionebaldus@yahoo.com.br em 18 jul. 2017. (grifos do autor).

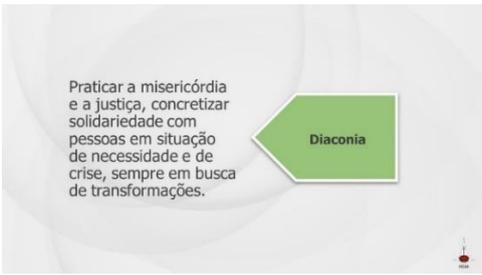
Todavia, no contexto das comunidades da IECLB e dessa pesquisa, propõe-se uma forma simplificada de parâmetros eclesiais de sustentabilidade com base no que a igreja previamente alvitrou dentro do processo de planejamento missionário. Dentro disso, também estará a proposição dos indicadores eclesiais de sustentabilidade.

Rememora-se que a IECLB definiu no PAMI 2008-2012 os marcos referenciais acerca da missão e da visão institucional e sublinhou valores pertinentes ao ser da igreja missional. Da mesma forma, expôs os objetivos que são apresentados através das quatro dimensões e a forma de como implementá-los a partir dos três eixos transversais. Por fim, em 2018, elaborou as metas missionárias 2019-2024.

Os objetivos definidos pelo PAMI 2008-2012 correspondem as seguintes dimensões da missão: Evangelização, Comunhão, Diaconia e Liturgia. Esse conjunto de parâmetros destinam-se a dar suporte ao planejamento estratégico com vistas a autonomia de cada instância da IECLB. Na tabela que segue, é possível vislumbrar os desdobramentos de cada uma das dimensões:

FIGURA 6 – Dimensões da Ação Missionária da IECLB

	<p>Evangelização é a exposição de que Deus ama e aceita o ser humano de forma incondicional e deseja relacionar-se em termos pessoais e comunitários. O objetivo da evangelização é que o ser humano se deixe cativar pelo Deus que cria, reconcilia e salva, por meio de Jesus Cristo.</p> <p>Evangelização acontece no culto, nos estudos bíblicos e nos diferentes grupos de trabalho. Ela promove a fé, o discipulado e a disposição para viver de acordo com os princípios do reino de Deus.</p>
---	---

 <p>Comunhão</p> <p>Proporcionar espaços de convivência, aceitação e valorização de todas as pessoas em nossa vida comunitária.</p>	<p>Comunhão é a vivência da fé em Jesus Cristo na vida comunitária. Ela é partilha das dádivas divinas e de tudo o que somos e temos.</p> <p>A comunhão se caracteriza, por exemplo, pelo encontro, diálogo, respeito, cuidado, perdão, reconciliação e inclusão. A comunhão não é um ideal de vivência sem conflitos, mas um exercício de convívio na diversidade. O jeito de ser da Comunidade, ou seja, sua forma de acolher, integrar, valorizar e cuidar das pessoas tem grande impacto missionário.</p>
 <p>Diaconia</p> <p>Praticar a misericórdia e a justiça, concretizar solidariedade com pessoas em situação de necessidade e de crise, sempre em busca de transformações.</p>	<p>Diaconia significa serviço. Toda a atividade de Jesus Cristo era diaconia. Jesus curava, resgatava pessoas do isolamento e do desprezo, possibilitava acolhida e reconciliação. Seguindo o exemplo de Jesus, também a Igreja promove ações de perdão, justiça, paz, alívio da dor e superação de discriminações.</p> <p>Comunidade missionária é aquela que se aproxima das pessoas em suas necessidades, questiona situações de injustiça e busca a vida digna para todas as pessoas. Tudo isto é diaconia, o serviço baseado no amor de Deus em nós.</p>
 <p>Liturgia</p> <p>Oportunizar a celebração do amor de Deus no mundo.</p>	<p>A liturgia é a celebração do amor de Deus. Ela é o conjunto de elementos e formas utilizados para a realização do culto. No culto, Deus nos serve com a sua Palavra e com os Sacramentos. Ali Deus confirma seu amor por nós, nos orienta e exorta, consola e abençoa. Por isso, o culto é o centro da vida comunitária e da fé de cada pessoa de confissão luterana.</p>
	

Fonte: LABES; VOIGT, 2016, p 14-16.

O texto-base do PAMI 2008-2012 procurou fundamentar e dar visibilidade à tarefa missionária que se desenvolve através das dimensões direcionando a vivência da espiritualidade baseada na identidade e nos princípios da IELCB. Para colocar a tarefa missionária em prática, apresentou-se três eixos fundamentais que fomentam, amparam e desenvolvem toda e qualquer ação missionária.

FIGURA 7 – Eixos Transversais da Ação Missionária da IECLB

<p>Ações de formação são as ações para qualificar os membros da Comunidade, bem como o quadro de colaboradores e colaboradoras, tendo em vista a missão da Igreja e a vivência do sacerdócio geral.</p>	<p>Ações de sustentabilidade visam estabelecer as condições para sustentar a ação missionária, tanto do ponto de vista do provimento de recursos financeiros como de recursos estruturais e humanos.</p>	<p>Ações de comunicação são aquelas que contribuem para promover a visibilidade pública da Igreja, estabelecer vínculos e difundir seus valores.</p>
<p>O eixo transversal “formação” está relacionado com a educação cristã.</p> <p>A educação cristã capacita para a cooperação com a missão de Deus, preparando pessoas para o exercício e o testemunho da fé cristã.</p> <p>A IECLB entende que a educação cristã é contínua, ou seja, acontece em todas as fases da vida e pela vida toda a partir do Batismo.</p>	<p>Sustentabilidade é a capacidade de criar as condições favoráveis para a sobrevivência e para o desenvolvimento no presente e no futuro, evitando esgotamento ou sobrecarga de recursos.</p> <p>A sustentabilidade da Igreja depende da ação do Espírito Santo, que cria fé e Comunidade. Mas a missão e a vida comunitária também necessitam de recursos e de sua correta administração. Sustentabilidade é resultado de um processo de fortalecimento institucional.</p>	<p>A Igreja nasce de processos de comunicação: a comunicação divina, de Deus conosco, e a comunicação interpessoal, que acontece na Comunidade e fora dela.</p> <p>Toda ação missionária implica em ação comunicativa. Tanto a comunicação interna como a comunicação externa precisam fazer parte das estratégias de ação missionária. Por exemplo: que eficiência missionária terá uma Comunidade acolhedora, se as pessoas não conhecerem suas ações ou não puderem encontrá-la no mapa?</p>

Fonte: LABES; VOIGT, 2016, p. 17-20.

Dada a contextualização dos processos relativos ao planejamento estratégico de ações missionárias e o vislumbre dos parâmetros eclesiais de sustentabilidade, doravante, a intencionalidade é facilitar a compreensão e a aplicação dos indicadores eclesiais de sustentabilidade em planejamentos missionários de comunidades da IECLB. Do mesmo modo que, apontar-se-á como eles podem estar a serviço da igreja para o melhoramento da sua tarefa missionária de acordo com a busca da sustentabilidade e da participação na missão de Deus.

6.2 INDICADORES

Após a 2ª Guerra Mundial foram criados indicadores para medir a riqueza de um país. Dentre eles, o Produto Interno Bruto (PIB) que aponta para a taxa de crescimento econômico. No entanto, a leitura desse indicador não associou os diversos fatores decorrentes desse crescimento, como os danos ambientais, por exemplo⁹¹⁸. A experiência mostrou que era preciso rever o sistema de leitura da realidade ampliando o foco da análise com variáveis.

Com o projeto de DS, houve uma demanda por simplificar a complexidade e operacionalizar as ações de sustentabilidade. O resultado foi o “[...] desenvolvimento e a aplicação de sistemas de indicadores ou ferramentas de avaliação que procuram mensurar a sustentabilidade”⁹¹⁹. Assim, a partir dos anos 90, muitos esforços foram destinados à construção de indicadores objetivando apoiar o processo decisório e a mensuração da sustentabilidade⁹²⁰.

Essa tendência levou o Terceiro Setor a incorporar os indicadores de sustentabilidade para avaliar o impacto de suas ações na busca do desenvolvimento institucional e assim tomar as melhores decisões. Consequentemente, essa propensão chegou à igreja. No caso da IECLB, foi através do PAMI, do incentivo ao planejamento estratégico da sua ação missionária e dos diálogos entre líderes, especialmente, pessoas ligadas às igrejas luteranas da América Latina e Caribe.

Com o planejamento da ação missionária e a soma das experiências acerca da implementação dos planejamentos missionários, surgiram as perguntas acerca do monitoramento e da avaliação. Logo, associou-se a indagação pelos indicadores de sustentabilidade. E, esse campo vem exigindo maior reflexão e aprofundamento.

Salienta-se que as tentativas de mensurar a sustentabilidade levaram à construção de múltiplos de indicadores. Os mesmos foram considerados como lentes de sustentabilidade. No entanto, “[...] apesar dos indicadores não representarem as opções mais adequadas da mensuração de sustentabilidade, ainda compreendem a forma mais plausível, pois é melhor medir algo de forma vaga do que não medir”⁹²¹. Isso também vale para o meio eclesial.

⁹¹⁸ MALHEIROS, COUTINHO, PHILIPPI JR, 2012a, p. 1-2.

⁹¹⁹ BELLEN, 2006, p. 13.

⁹²⁰ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 98.

⁹²¹ FEIL; SCHREIBER, 2019, p. 100.

O dicionário conceitua o termo indicadores como sendo um adjetivo. Seu significado está relacionado ao “Que indica, que dá a conhecer”⁹²². O vocábulo se relaciona com a oferta de informações visando a obtenção de respostas a uma indagação. A definição e o uso da terminologia deixam a desejar, pois, muitas vezes são confusas e se misturam a outras nomenclaturas como: meta, informação, dado, padrão, limite, etc. Na ponderação de Allen Hammond (*et al*):

O termo ‘indicador’ remonta ao latim verbo indicar, que significa revelar ou apontar, para anunciar ou dar a conhecer publicamente, ou estimar ou colocar um preço. Os indicadores comunicam informações sobre o progresso em direção a objetivos sociais, como desenvolvimento sustentável. [...] Como comumente entendido, um indicador é algo que fornece uma pista para uma questão de significado maior ou torna perceptível uma tendência ou fenômeno que não é imediatamente detectável.⁹²³

O emprego dos indicadores é comum. A exemplo do monitoramento da temperatura corporal. A alteração representa uma reação do organismo contra alguma anomalia. O parâmetro indicativo de normalidade da temperatura corporal é de 37,8º C, portanto, esse é o valor de referência. Quando há um aumento na temperatura, esse indicador, que contém um elemento variável de medida, irá compor as informações que, refletidas dentro do contexto, oferecem melhores condições para a tomada de decisões e a definição da necessária intervenção.

Os indicadores têm origem e foco na missão, na visão, nos valores e nos parâmetros de sustentabilidade com os quais tem uma interdependência. Os indicadores são considerados como subsídios “[...] objetivos e mensuráveis utilizados para operacionalizar conceitos. Eles são uma forma de captar fenômenos sociais que não temos condições de dimensionar diretamente”⁹²⁴. Dessa forma, pode-se dizer que o indicador dá testemunho da missão e do caminho que a organização quer seguir. Em vista disso, se torna:

⁹²² DICIONÁRIO Online de Português. **Indicadores**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indicadores/>. Acesso: 04 jul. 2022.

⁹²³ HAMMOND, Allen *et al*. **Environmental INDICATORS: A Systematic Approach to Measuring and Reporting on Environmental Policy Performance in the Context of Sustainable Development**. World Resources Institute, 1995. p. 1. Disponível em: http://pdf.wri.org/environmentalindicators_bw.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022. *The term ‘indicator’ traces back to the Latin verb indicare, meaning to disclose or point out, to announce or make publicly known, or to estimate or put a price on. Indicators communicate information about progress toward social goals such as sustainable development. [...] As commonly understood, an indicator is something that provides a clue to a matter of larger significance or makes perceptible a trend or phenomenon that is not immediately detectable.* (tradução nossa).

⁹²⁴ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 60.

[...] um instrumento de medição usado para indicar mudanças na realidade social que nos interessa. Ele é uma 'régua' ou um padrão que nos ajuda a medir, avaliar ou demonstrar variações em alguma dimensão da realidade relevante para os objetivos de um determinado projeto. Os indicadores fornecem evidências concretas do andamento das atividades, do alcance dos resultados e da realização dos objetivos de um projeto.⁹²⁵

Os indicadores de sustentabilidade são ferramentas capazes de interpretar, medir, monitorar e descrever o estado, a trajetória e ou a condição desejada mediante o prisma da sustentabilidade. Eles contemplam as inter-relações das diferentes dimensões da realidade, projetam cenários futuros, levam em conta contextos maiores e interpretam dados na perspectiva da herança que se deixa para as próximas gerações e o mundo⁹²⁶.

Um grupo de pesquisadores, em 2009, reformulou os princípios de Bellagio que serviam de guia para o desenvolvimento de indicadores em diferentes espaços da sociedade. O novo compêndio, chamado de *BellagioSTAMP*, apresentou quatro áreas interrelacionadas que precisam ser usadas no conjunto:

Conteúdo – Perguntas que devem ser respondidas nas avaliações; **Processo** – A forma como as avaliações devem ser realizadas; **Escopo** – Gama de avaliações nas dimensões de tempo e geografia; **Impacto** – A maneira de maximizar o impacto das avaliações sobre o público e os formuladores [*sic*] de políticas.⁹²⁷ (grifos do autor).

Nessa perspectiva, constituiu-se oito princípios para guiar o processo de avaliação a partir de indicadores de sustentabilidade. São eles: 1) visão que orienta o caminho; 2) considerações essenciais: a interação entre os sistemas econômico, ambiental e social, adequação de mecanismos de governança, tendências e mudanças e suas interações, riscos, incertezas e atividades que impactam para além das fronteiras, implicações de tomadas de decisões; 3) Escopo geográfico e temporal; 4) Avaliações baseadas no contexto, em dados e projeções, na comparação com as metas, em melhores práticas de gestão e com métodos padronizados de avaliação; 5) Transparência; 6) Comunicação efetiva; 7) Ampla participação; e, 8) Capacidade

⁹²⁵ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 60.

⁹²⁶ PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011, p. 98-100.

⁹²⁷ INTERNATIONAL INSTITUTE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT – IISD. **BellagioSTAMP: Sustainability Assessment and Measurement Principles.** (2009?). p. 3. Disponível em: <https://www.iisd.org/system/files/2021-08/bellagio-stamp-brochure.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022. **Content** – Questions that should be answered in assessments; **Process** – The way in which assessments should be carried out; **Scope** – Range of assessments across the dimensions of time and geography; **Impact** – The way to maximise the impact of assessments on the public and policy makers. (tradução nossa).

de continuidade⁹²⁸. Faz-se referência a esses princípios, pois os mesmos podem auxiliar no processo de construção e avaliação de indicadores contemplados no processo do planejamento missionário.

Os indicadores contribuem para modificar políticas, processos e comportamentos de sistemas complexos. E, a eles são atribuídas as tarefas de: trazer informações simplificadas de acordo com o público-alvo; demonstrar que há um planejamento; melhorar o diálogo com os pares e a sociedade; ajudar a mudar a mentalidade; justificar e motivar decisões; prestar contas e demonstrar transparência; cooperar com a tomada de decisões; e auxiliar na tomada de decisões de outros setores da sociedade.

O enfoque sistêmico dos indicadores de sustentabilidade auxilia na reflexão acerca da realidade e evidencia mudanças ocorridas em decorrência de determinadas intervenções⁹²⁹. Dessa forma, eles objetivam: “Caracterizar e medir a sustentabilidade envolve fazer escolhas sobre como definir e quantificar o que está sendo desenvolvido, o que está sendo sustentado e por quanto tempo”⁹³⁰.

Torna-se relevante mencionar a função dos indicadores de sustentabilidade de gerar valores. Ou seja, de fazer a diferença ali onde eles estão sendo utilizados. Dessa maneira, eles se comportam dentro de uma dinâmica onde se mede para valorizar na medida em que se valoriza o que se mede. Logo, os indicadores são percebidos como “[...] uma parte necessária do fluxo de informações que usamos entender o mundo, tomar decisões e planejar nossas ações”⁹³¹.

Os indicadores surgem de valores (nós medimos o que nos preocupa), e eles criam valores (nós nos preocupamos com o que é medido). Carregam, portanto, modelos mentais sobre o mundo baseados na cultura, na personalidade, nos valores e na expectativa de quem participação da criação.⁹³²

⁹²⁸ INTERNATIONAL INSTITUTE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT – IISD, (2009?), p. 4-5.

⁹²⁹ LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. Introduction – Why sustainability indicators in practice? *In*: LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. **Sustainability indicators in practice**. Berlim: Gruyter Open, 2015. p. 1-11. p. 6.

⁹³⁰ PARRIS, Thomas M.; KATES, Robert W. Characterizing e Heasuring Sustainable Development. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 28, p. 559-586, 2003. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.energy.28.050302.105551>. Acesso em: 01 abr. 2021. p. 572. *Characterizing and measuring sustainability involves making choices about how to define and quantify what is being developed, what is being sustained and for how long.* (tradução nossa).

⁹³¹ MEADOWS, 1998, p. 1. *Indicators are a necessary part of the stream of information we use to understand the world, make decisions, and plan our actions.* (tradução própria).

⁹³² MALHEIROS, Tadeu Fabrício; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. *In*: MALHEIROS, Tadeu Fabrício; PHILIPPI JR,

O papel dos indicadores está em ampliar a base de informações a respeito dos objetivos a serem alcançados. Eles apontam para tendências, tensões e causas. A leitura e a interpretação dos dados coletados informam sobre aspectos que estão ou não contribuindo com a sustentabilidade. Podem também cooperar para o desencadeamento de reformulação da política e da gestão.

Contudo, os indicadores não garantem os resultados. Porém, precisa-se dos mesmos para colher os resultados⁹³³. *A priori*, nenhum indicador é completo e totalmente verdadeiro em se tratando de qualidade. Também eles não são universais. Ao contrário, são construídos a partir da realidade de cada sistema que os adota. Conseqüentemente, “[...] cada vez mais se torna necessário conhecer as particularidades dos diferentes sistemas, suas características e aplicações”⁹³⁴.

A efetividade da missão de uma organização precisa estar pautada em seus próprios limites e em parâmetros que comunicam essa informação. A forma de avaliá-los é a utilização de indicadores. Esses são definidos a partir de valores de referência que, no caso, são informações que derivam dos parâmetros. Os indicadores se tornam relevantes porque geram valores aos processos ao demonstrar que o caminho percorrido é o almejado. Outrossim, se dispõem a:

[...] superar as experiências que não evoluíram, processos que desanimaram no meio do caminho, líderes que não se engajaram. Outra questão muito frágil é a institucionalização desses indicadores, pois dependem que estruturas e políticas de governança se tornem mais robustas, comprometidas e mais transparente para que essa ferramenta esteja presente e seja constante nos processos decisórios. É preciso construir automonitoramento dos sistemas gestores, numa perspectiva de aprendizagem contínua, de melhoria progressiva, que responda às complexas redes de decisão política nos diferentes níveis de atuação.⁹³⁵

Os indicadores possibilitam informações para a análise acerca das ações planejadas e favorecem a tomada de decisão ao apontar onde potencializar as forças e onde estão as oportunidades. Eles “[...] podem ser usados como ferramentas de mobilização das partes interessadas, na análise e avaliação da sustentabilidade do desenvolvimento, bem como nos processos de educação e comunicação”⁹³⁶.

Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012b. p. 77-87. p. 77-78.

⁹³³ MEADOWS, 1998, p. 76.

⁹³⁴ BELLEN, 2006, p. 59.

⁹³⁵ MALHEIROS; COUTINHO; PHILIPPI JR, 2012a, p. 10.

⁹³⁶ MALHEIROS; COUTINHO; PHILIPPI JR, 2012a, p. 8.

Os indicadores comunicam de forma simples e prática a respeito do desempenho de determinado plano de ação em direção a sustentabilidade e a missão da organização⁹³⁷. Pois, apresentam informações para medir o desempenho, permitem rápidas intervenções à medida que as ações se modificam dentro do contexto, avaliam a equipe e as práticas, melhoram os processos de gestão e a própria organização. As informações colhidas são o ponto de partida para análise e tomada de decisões oferecendo elementos de direcionamento para alcançar os objetivos.

É importante destacar ainda que os indicadores dão evidências das mudanças ocorridas num fenômeno, mas não são as mudanças propriamente ditas nem são suas causas. Eles são apenas os sintomas das mudanças, funcionando como instrumentos de aproximação para captar processos complexos de mudança. Eles apenas indicam que algo – uma situação ou relação - que julgamos ter relação significativa com a evolução do fenômeno em questão, variou de determinada forma, o que nos dá indicações valiosas para captar a evolução do processo.⁹³⁸

Os indicadores servem à política institucional com informações que podem medir o grau de sustentabilidade⁹³⁹ e avaliar suas práticas à luz da sua missão. De igual modo, exercem o papel de manutenção do foco em processos participativos a fim de ampliar consensos sobre metas e promover negociação, especialmente no que tange à diferentes opiniões. A base de informações comunicadas fundamenta as decisões, orienta novas iniciativas e ações, oferece aprendizados acerca do que gera resultado positivo mediante os objetivos, instrui onde os recursos financeiros podem ser melhor aplicados, indica e reconhece o bom desempenho de pessoas, projetos, iniciativas e transmite a expectativa da instituição e seus líderes. Assim, a organização pode melhorar as práticas e criar valores junto ao seu público.

O monitoramento torna-se um elemento fundamental do processo de implementação do planejamento estratégico porque abriga a dinâmica de diálogo entre o planejado, os parâmetros e os indicadores. O monitoramento do plano de ações precisa ser alimentado por informações e reflexões regularmente. Esses dados coletados portam a função de apoiar um melhor gerenciamento para que as ações possam acontecer a contento.

⁹³⁷ BELLEN, 2006, p. 42.

⁹³⁸ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 60.

⁹³⁹ A expressão grau de sustentabilidade refere-se a transformar o valor dos indicadores em uma escala avaliativa de 1 a 5. Sendo que, quanto mais próximo do número cinco, maior é a condição de sustentabilidade alcançada ou tendência. Esses números podem novamente ser transportados para expressões de avaliação: sustentabilidade crítica, ruim, média, boa e excelente.

É importante que os indicadores sejam bem desenvolvidos e cuidadosamente escolhidos a fim de evitar representações e decisões erradas. Essas podem resultar em consequências negativas e o próprio desvio da finalidade da missão e da sustentabilidade. A escolha de indicadores se coloca como um ponto crítico:

Os indicadores são pontos de alavancagem. Sua presença ou ausência, exatidão ou imprecisão, uso ou não uso, podem alterar a comportamento de um sistema, para melhor ou pior. Na verdade, a mudança de indicadores pode ser um dos mais poderosos e ao mesmo tempo uma das maneiras mais fáceis de fazer mudanças no sistema - ele faz não requer demitir pessoas, rasgar estruturas físicas, inventando novas tecnologias ou a aplicação de novas regulamentações. Requer apenas a entrega de novas informações para novos lugares.⁹⁴⁰

A seleção de indicadores deve possibilitar a participação das pessoas e observar a motivação, as metas, os parâmetros, a utilização e a definição. O indicador deve ser simples, mensurável, viável, flexível, dinâmico, inspirado nas pessoas implicadas no processo, comunicar tendências e relacionar variáveis⁹⁴¹. Outro aspecto é o de que os indicadores devem capturar cenários futuros. Então, o desafio é definir o que vai ser medido, como e o que se espera do fator a ser medido.

A escolha de indicadores pode contar com o apoio de concepções teóricas e dados científicos. No entanto, normalmente, o indicador é construído a partir das escolhas das pessoas envolvidas no processo⁹⁴². Também envolve questões do campo político e ético espelhando as relações sociais e ambientais dentro de determinado contexto.

A seleção e o uso de indicadores específicos dentre essas inúmeras escolhas dependem de uma série de fatores, incluindo valores sobre os objetivos de tais indicadores e escalas temporais e espaciais apropriadas de avaliação. Não se pode utilizar todos os indicadores potencialmente disponíveis, pelo que é essencial um elemento de simplificação, ao mesmo tempo que maximiza a informação única e relevante. Devido a essas diferenças de valores em relação aos objetivos e escopo, a seleção de indicadores de sustentabilidade, sem dúvida, envolverá uma discussão substancial dentro de uma organização. A seleção de indicadores também será influenciada pela disponibilidade de recursos, limitações de tempo e dados. Devido a essas

⁹⁴⁰ MEADOWS, 1998, p. 5. *Indicators are leverage points. Their presence or absence, accuracy or inaccuracy, use or non-use, can change the behavior of a system, for better or worse. In fact, changing indicators can be one of the most powerful and at the same time one of the easiest ways of making system changes - it does not require firing people, ripping up physical structures, inventing new technologies, or enforcing new regulations. It only requires delivering new information to new places.* (tradução nossa).

⁹⁴¹ GARRETT, Rachael; LATAWIEC, Agnieszka Ewa. What Are Sustainability Indicators For? In: LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. **Sustainability indicators in practice**. Berlim: Gruyter Open, 2015. p. 12-22. p. 17.

⁹⁴² PARRIS; KATES, 2003, p. 572.

razões, não pode haver a priori 'melhor conjunto' de indicadores de sustentabilidade dentro de um determinado setor ou região.⁹⁴³

A escolha também será influenciada pela disponibilidade de recursos, de tempo, pelas restrições e pelos dados. Em todo caso, diante da complexidade, subjetividade e ambiguidade no uso de indicadores, o estímulo está em desenvolver e em aprender na prática e localmente para melhorar os processos avaliativos que visam dar visibilidade aos aspectos que emergem da sustentabilidade⁹⁴⁴.

Dentro do processo de escolha da metodologia para avaliar os indicadores deve levar em consideração três atributos significativos: a) relevância do sistema de medição para a tomada de decisões; b) credibilidade que decorre da adequação científica e técnica; e, c) legitimidade que resulta do respeito e da tolerância às informações obtidas⁹⁴⁵. A forma de medição de indicadores demanda da sua integração no processo de desenvolvimento do plano de ação estratégica e a sua leitura no conjunto do contexto.

O que é medido a partir dos indicadores de sustentabilidade deve proceder do objetivo que foi fixado antes de uma determinada intervenção. Os indicadores são necessários para a tomada de decisões e para a política organizacional. Mas, somente serão úteis quando, além a ser colocado em um contexto cultural específico, houver também um entendimento de intervenções anteriores.

O mundo é muito complexo para tomar decisões sem algum nível de simplificação para nos direcionar para as decisões corretas. Apesar das discrepâncias nas definições e interpretações, presentes em muitas outras áreas científicas, podemos aprender com o uso (e mau uso) dos indicadores de sustentabilidade na prática para melhorar o processo de avaliação.⁹⁴⁶

⁹⁴³ GARRETT; LATAWIEC, 2015, p. 12. *The selection and use of specific indicators from among these myriad choices depends on a range of factors, including values about the goals of such indicators and appropriate temporal and spatial scales of assessment. One cannot use every indicator potentially available, so an element of simplification, while maximizing unique and relevant information, is essential. Due to these value differences regarding objectives and scope, the selection of sustainability indicators will undoubtedly involve substantial discussion within an organization. The selection of indicators will also be influenced by the availability of resources, time constraints, and data. Due to these reasons there can be no a priori 'best set' of sustainability indicators within a particular sector or region.* (tradução nossa).

⁹⁴⁴ GARRETT; LATAWIEC, 2015, p. 19-20.

⁹⁴⁵ PARRIS; KATES, 2003, p. 573.

⁹⁴⁶ GARRETT; LATAWIEC, 2015, p. 20. *The world is too complex to make decisions without some level of simplification to direct us to the right decisions. Despite discrepancies in definitions and interpretations, as present in many other scientific areas, we can learn from sustainability indicators use (and misuse) in practice to improve the assessment process.* (tradução nossa).

Pontua-se, ainda, que as ferramentas de avaliação são tidas como relevantes para quem lidera uma organização na medida que auxiliam o desenvolvimento de políticas e ações com base no planejamento. Elas exercem a função analítica, de comunicação, de aviso e mobilização e de coordenação:

[...] função analítica – as medidas ajudam a interpretar os dados dentro de um sistema coerente, agrupando-os em matrizes ou índices; função de comunicação – as ferramentas tornam os tomadores de decisão familiarizados com os conceitos e métodos envolvidos na sustentabilidade. Os indicadores ajudam no estabelecimento de metas e também na avaliação do sucesso em alcançá-las; função de aviso e mobilização – as medidas auxiliam os administradores a colocarem os mecanismos de uma forma pública, publicações anuais ou simples relatórios com indicadores-chave; função de coordenação – um sistema de medidas e de relatórios deve integrar dados de diferentes áreas e dados coletados por agências distintas. Deve ser factível, tanto em termos de orçamento como em termos de recursos humanos. Deve ser aberto à população, para participação e controle. Essas funções são melhor preenchidas no processo de escolha de indicadores e na fase de implementação, quando os tomadores de decisão utilizam as ferramentas de mensuração e os indicadores.⁹⁴⁷

Os indicadores têm seus limites e suas discrepâncias porque refletem um contexto holístico, complexo e de constantes de mudanças. São fatores limitantes: diferentes percepções do mundo dificultam os consensos; integração das informações colhidas que devem medir a multidimensionalidade das relações; dificuldade de medir a capacidade de sustentação de um sistema; interdisciplinaridade; simplificação que pode acarretar em perda de informação; indicadores significativos; e, subjetividade⁹⁴⁸.

A criticidade aponta que o indicador traz mais informação sobre si mesmo do que sobre a realidade para a qual foi construído. Ele vem carregado de valores e da própria compreensão da realidade. Soma-se outras características: artificial, por ser manejado de diferentes formas em seu processo; parcial, por direcionar o olhar para um ponto e desconsiderar as variáveis; incerto, por ser construído a partir de hipóteses; subjetivo, por carregar valores e crenças pessoais e coletivas; e, interdependente, por oscilar mediante às diferentes conjunturas e conexões relacionadas aos aspectos da realidade⁹⁴⁹.

⁹⁴⁷ BELLEN, Hans Michael van. Indicadores de sustentabilidade – um levantamento dos principais sistemas de avaliação. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-13, mar. 2004. p. 6. Disponível em: file:///D:/Dados/Downloads/Indicadores_de_sustentabilidade_um_levantamento_do.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

⁹⁴⁸ MARZALL; ALMEIDA, 1998, p. 34-35.

⁹⁴⁹ BOULLOSA, Rosana de Freitas. Algumas notas de problematização para a construção de sistemas de indicadores de avaliação e monitoramento de experiências de economia solidária. In: KRAYCHETE, Gabriel; CARVALHO, Patrícia. (org.). **Economia popular solidária: indicadores para a sustentabilidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. p. 85-91. p. 86-87.

Ao mesmo tempo em que os indicadores de sustentabilidade são relevantes, eles se tornam perigosos tendo em vista que alimentam os processos decisórios. Um agrupamento de diferentes indicadores poderá não representar e medir o objeto observado criando informações falsas. Ou, então, uma informação isolada, incorreta ou irreal, poderá provocar enganos, dificultar a interpretação e causar sérios problemas às pessoas líderes por impelir o desvio do caminho pelo qual a organização decidiu percorrer.

Se um indicador do estado do sistema é mal escolhido, imprecisamente medido, atrasado, ruidoso ou tendencioso, decisões baseadas nele não podem ser eficazes. Indicadores enganosos causarão reações exageradas ou insuficientes, mudanças que são muito fracas ou muito fortes para trazer o sistema exatamente para o estado desejado. Não podemos dirigir com precisão, se não saber onde estamos.⁹⁵⁰

Os indicadores de sustentabilidade estão em um campo complexo, com pouco aprofundamento teórico e prático e requerem muita atenção. Por outro lado, as ferramentas de medição deveriam ser um “[...] fator de motivação e criação de novas visões acerca de ferramentas que procurem descrever a sustentabilidade”⁹⁵¹.

Ainda em tempo, menciona-se alguns pontos críticos vinculados aos processos de construção, monitoramento e avaliação de indicadores. Estes são constantes e, por vezes, invisíveis, a saber: a) expectativa versus progresso do que era o esperado com o avaliado; b) a padronização ou uniformização dos elementos que compõem um sistema de indicadores; c) o exercício de controle que deve se pautar pela missão e pelos valores da organização; e, d) abertura para a aprendizagem contínua e reflexão sobre a mesma⁹⁵².

Outrossim, o conjunto de indicadores, juntamente com o plano de ação, devem ser acessíveis ao público-alvo como meio de comunicar e de demonstrar o alinhamento com a missão organizacional despertando e encorajando à adesão. Torna-se importante também estabelecer e incorporar, no planejamento e no cotidiano das pessoas e das organizações, indicadores de sustentabilidade com potencial de oportunizar e promover mudanças de comportamento e aportar processos decisórios,

⁹⁵⁰ MEADOWS, 1998, p. 3. *If an indicator of the state of the system is poorly chosen, inaccurately measured, delayed, noisy, or biased, decisions based on it cannot be effective. Misleading indicators will cause over- or under-reactions, changes that are too weak or too strong to bring the system exactly to the desired state. We can't steer accurately, if we don't know where we are.* (tradução nossa).

⁹⁵¹ BELLEN, 2004, p. 5.

⁹⁵² BOULLOSA, 2012, p. 87-88.

tanto na esfera pessoal como coletiva. Faz-se a ressalva de que os indicadores são “[...] chave para o entendimento de sistemas mais complexos”⁹⁵³.

No contexto do DS, Moacir Gadotti afirma que, em 2007, a Europa “[...] discutiu em profundidade a questão dos indicadores, realçando sua importância e, ao mesmo tempo, alertando para que não se valorize apenas o que pode ser medido”⁹⁵⁴. Essa observação cabe também às comunidades ao elaborarem os seus indicadores e analisarem as ações de sua tarefa missionária. Nem sempre o quantitativo é o mais relevante. Um dos caminhos que se coloca para trabalhar com indicadores é o de inovar, de aprender e de conceber a avaliação como uma ação política⁹⁵⁵.

6.2.1 Construção de indicadores

Os dados de um indicador só fazem sentido, ou passam a ter significado, se referidos e comparados a parâmetros pré-definidos baseados nos princípios da missão e da sustentabilidade. A construção e a operacionalização dos indicadores de sustentabilidade, em parceria com os parâmetros, são um enorme desafio para quem deseja adotá-los dentro da sua prática eclesial. Requer-se um esforço conjunto em direção a sua efetiva aplicabilidade. Sendo que as pessoas participantes

[...] devem trabalhar em conjunto para vencer os obstáculos políticos, técnicos e tecnológicos, o que significa criar ambiente de diálogo e aprendizagem coletiva, bem como dar permanente prioridade a processos de educação e capacitação para o desenvolvimento sustentável.⁹⁵⁶

Tal qual pode ser observado nas Metas Missionárias da IECLB, é a partir da definição dos parâmetros que emergem as metas. Essas, por sua vez, demonstram a intenção e os valores específicos a serem alcançados segundo a missão e a visão institucional⁹⁵⁷ para orientar o planejamento. Já os indicadores se comportam como variáveis derivadas dos parâmetros e cujo valor provém da mediação e da observação da realidade permitindo uma informação mais completa e holística do contexto⁹⁵⁸.

⁹⁵³ MARZALL; ALMEIDA, 1998, p. 35.

⁹⁵⁴ GADOTTI, 2008, p. 22.

⁹⁵⁵ BOULLOSA, 2012, p. 90-91.

⁹⁵⁶ MALHEIROS; COUTINHO; PHILIPPI JR, 2012a. p. 8.

⁹⁵⁷ SECRETARIA DE MISSÃO E NÚCLEO DE PRODUÇÃO E ASSESSORIA DA IECLB, 2018, 7-15.

⁹⁵⁸ MALHEIROS, Tadeu Fabrício; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. In: MALHEIROS, Tadeu Fabrício; PHILIPPI JR, Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012c. p. 31-75. p. 37.

A construção de indicadores eclesiais de sustentabilidade está dentro do processo de planejamento estratégico para ações missionárias e devem trazer em sua descrição elementos que se reportam a missão, a visão, aos valores da igreja e aos princípios da sustentabilidade. Dessa forma, os indicadores evidenciam a relação com os objetivos de forma concreta e articulam a medição da realidade em comparação com o esperado.

Neste processo, é fundamental que os indicadores expressem bem os aspectos centrais das variáveis e que estas, por sua vez, sejam a melhor representação possível dos conceitos considerados. A coerência ao longo desta cadeia é fundamental para assegurar a validade dos indicadores e a construção de consensos em torno dos propósitos do projeto.⁹⁵⁹

A definição dos indicadores se altera conforme o objeto e o seu propósito. Por isso, ter o conhecimento de alguns aspectos auxilia na construção de indicadores de sustentabilidade, a exemplo do conceito, dos atributos e da classificação. Elementos complementares também se tornam importantes: descrição, interpretação de dados, estabelecimento de metas, informatização, comunicação de resultados e de impactos averiguados e desdobramentos dentro da gestão.

[...] a construção e a operacionalização de bons indicadores requerem um estabelecimento de princípios e boas práticas que norteiem [*sic*] todo o processo, partindo da definição de necessidade e de foco, de engajamento departes interessadas, de procedimentos de comunicação e diálogo, e do seu uso na formulação de implementação de políticas públicas.⁹⁶⁰

A elaboração de indicadores deve ocorrer coletivamente e durante o processo do planejamento para assegurar o compromisso e a cooperação das pessoas envolvidas. Deve-se investir em tempo e diálogo para a produção de indicadores considerando que esse processo impacta aspectos práticos que abraçam a participação, o envolvimento, a assimilação, a formação e a capacitação. Além de conferir a perspectiva do todo que envolve o planejamento e a sua implementação.

Uma vez que o indicador é, em essência, uma ferramenta de apoio à decisão, a escolha do indicador depende primeiramente das necessidades dos usuários potenciais. Ou seja, parte-se de um objetivo a partir do qual se identifica a necessidade de informação de apoio à decisão, em que tais informações são os indicadores. As variáveis, então, são definidas a partir do que se espera desse indicador.⁹⁶¹

⁹⁵⁹ ARMANI, 2009, p. 59.

⁹⁶⁰ MALHEIROS; COUTINHO; PHILIPPI JR, 2012a, p. 26.

⁹⁶¹ MALHEIROS, COUTINHO, PHILIPPI JR, 2012c, p. 39.

Para a construção de indicadores, cita-se algumas características técnicas que merecem atenção, a saber: a) a maioria provém de dados existentes; b) apresentam definição temporal e espacial; c) permitem a seleção de unidades para análise comparativas⁹⁶²; e, d) trabalham com aspectos de quantidade e qualidade de forma conjunta. Segundo Carlos Eduardo Uchoa, alguns atributos auxiliam na elaboração de indicadores: utilidade, representatividade, confiabilidade metodológica, confiabilidade da fonte, disponibilidade, economicidade, simplicidade de comunicação, estabilidade, e sensibilidade⁹⁶³.

Cabe respaldo a importância da coerência política-metodológica permanente. Algumas características metodológicas a serem asseguradas são: a) visão sistêmica; b) relação com a missão, a visão, a estrutura e a política institucional; c) interação social; d) complementariedade dos indicadores; e) consideração pela diversidade racial, de gênero, geracional, contextual etc.; e, f) meios de avaliação transparentes, viáveis e complementares⁹⁶⁴.

Ao adotar indicadores eclesiais de sustentabilidade, deve-se observar para que haja indicativos de formação, capacitação, gestão, avaliação contínua e comunicação. Pedagogicamente, torna-se relevante visualizá-los. Dessa forma, esse conjunto de aspectos servirão também para fundamentar a escolha, a construção, a interpretação e a comunicação dos resultados colhidos pelos indicadores⁹⁶⁵ em diálogo com os parâmetros.

Os indicadores podem ser utilizados para além dos planos de ação missionária. Eles também são ferramentas para apoiar a avaliação de projetos, atividades, programas e “[...] o impacto potencial de um projeto antes de ser financiado para avaliar quais projetos provavelmente levarão à maior melhoria geral no bem-estar intergeracional”⁹⁶⁶. Todavia, respalda-se que cada campo possui as suas próprias características e exigências na construção de indicadores e na forma de leitura e

⁹⁶² PARRIS; KATES, 2003, p. 580.

⁹⁶³ UCHOA, Carlos Eduardo. **Elaboração de indicadores de desempenho institucional**. Brasília: ENAP/DDG, 2013. p. 12.

⁹⁶⁴ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 47.

⁹⁶⁵ MALHEIROS; COUTINHO; PHILIPPI JR, 2012c, p. 32.

⁹⁶⁶ GARRETT; LATAWIEC, 2015, p.17. [...] *monitor and evaluate the effects of their actions towards sustainability. Sustainability indicators may also be incorporated into assessments that evaluate the potential impact of a project before it is funded to assess which projects are likely to lead to the largest overall improvement in intergenerational wellbeing.* (tradução nossa).

avaliação. Para Domingos Armani, “[...] os tipos de indicadores vão sempre depender da compreensão adotada para o conceito e da forma de operacionalizá-lo”⁹⁶⁷.

A construção de um conjunto de indicadores eclesiais deverá observar os fatores qualitativos e quantitativos. Na sociedade, há uma maior busca e valorização de indicadores quantitativos. Eles têm a vantagem de serem visíveis, mensuráveis e palpáveis, sendo assim, podem facilmente serem verificados e testados. No entanto, para a realidade eclesial, os indicadores qualitativos são mais interessantes porque dizem respeito aos conteúdos que dão sentido à vida e que se conectam diretamente à forma do ser humano se relacionar com seus pares e com a natureza. Esses dois tipos de indicadores são definidos a partir do seguinte ponto de vista:

Quantitativos: são aqueles capazes de expressar variações quantificáveis, utilizando para isso unidades de medida tais como: número de pessoas, percentuais, volume de recursos etc. Qualitativos: são aqueles que expressam variáveis ou dimensões que não podem ser expressas apenas com números, como participação, valores e atitudes, articulação, liderança, auto-estima, [sic] etc. No contexto de projetos de desenvolvimento social, os Indicadores qualitativos tenderão a expressar mudanças nas relações de poder existentes.⁹⁶⁸

Os indicadores caracterizados como qualitativos apontam para aspectos políticos de difícil mensuração e que estão relacionados à arte de conviver, às vivências, à identificação com a missão, à sabedoria, ao bom senso, à participação, à liberdade, às relações de poder, aos espaços democráticos. Se nos indicadores quantitativos o resultado vem através de indicações concretas de fácil mensuração, nos indicadores qualitativos vem através da convivência, o que torna difícil a aferição.

Para mensurar aspectos qualitativos que advém da participação, da formação e das vivências, é preciso usar a criatividade e desenvolver meios para averiguar e relatar resultados. Uma possibilidade é substituir os índices quantitativos, que informam acerca do número anual de cultos, por narrativas qualitativas, que transcrevem uma experiência vivencial de culto e podem apresentar muitos elementos para o diálogo reflexivo sendo muito mais produtivo. Outras formas de medição qualitativa podem fluir de relatórios, de entrevistas, de questionários, dos contatos mais profundos, das observações e dos diálogos que dão voz aos pensamentos, aos sentimentos e as práticas das pessoas envolvidas no processo.

⁹⁶⁷ ARMANI, 2009, p. 59.

⁹⁶⁸ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 62.

Existem diferentes formas de classificar um indicador de sustentabilidade. Os indicadores com base em parâmetros e em ações estratégicas se adequam mais se construídos a partir de duas categorias: indicadores de resultado e indicadores de esforço. Os indicadores de resultado se referem a eficácia e a efetividade ao medir o alcance dos objetivos depois de um determinado período. Aos indicadores de esforço competem a medição do processo que leva ao resultado. Essa categorização permite explicitar a área de prioridade e a ação estratégica proposta para alcançá-la, assegurando o equilíbrio entre elas⁹⁶⁹. Observa-se que para cada indicador de resultado, deve ser elaborado um ou mais indicadores de esforço. Para o âmbito eclesial visando os planos de ações missionárias, propõe-se utilizar essas duas categorias de indicadores: resultado e esforço.

Ao adotar indicadores, é preciso assegurar e viabilizar o “[...] estabelecimento de sistemas de monitoramento que viabilizem a coleta de dados com qualidade, regularidade e acesso aos diferentes atores [sic] envolvidos na tomada de decisão”⁹⁷⁰. A medição de um indicador demanda a sua integração no processo de desenvolvimento de um plano estratégico de ação e sua leitura no conjunto do contexto. Deve refletir as estratégias da organização, sendo uma ferramenta de controle para assessorar as pessoas gestoras.

Normalmente, a avaliação centra esforços nos resultados de causa e efeito, mas a presença da sustentabilidade impulsiona para avaliar a interação e as interrelações, tendo como centro as proposições do plano de ação e não as pessoas. Para medir os processos, os indicadores apontam para a execução e para a capacidade de adaptação à dinâmica que envolve o contexto.

Assim, dentro de um universo de dados potenciais os dados são coletados e processados (dados primários), o que inclui as etapas de validação das informações coletadas e seu tratamento estatístico. Geralmente, essas etapas iniciais demanda grande esforço, custo e tempo, sobretudo para que dados estatisticamente confiáveis sejam produzidos.⁹⁷¹

O resultado da mediação não pode ser uma tentativa de explicar o passado, mas de aprender com o presente e o futuro. Nos indicadores de resultado e de esforço, ambas as apurações precisam entrar em diálogo acerca da relação causa e efeito dentro da perspectiva do parâmetro e da missão institucional. Devem ser observadas

⁹⁶⁹ UCHOA, 2013, p. 17-18.

⁹⁷⁰ MALHEIROS, COUTINHO, PHILIPPI, 2012a, p. 9.

⁹⁷¹ MALHEIROS, COUTINHO, PHILIPPI JR, 2012c, p. 38.

outras questões relacionadas a causa e efeito que uma determinada ação provocou e que podem aparecer ou não na medição⁹⁷².

Ao coletar um dado para compor a avaliação é importante observar a categorização. Ela traz variáveis interessantes para a reflexão dos resultados tendo em vista que as informações são organizadas em grupos ou categorias, como por exemplo: líderes de grupos, presbíteros, pessoas participantes e não participantes. Ou ainda, gênero, idade, formação. As variáveis oriundas do aspecto da temporalidade também podem promover alteração na leitura dos dados.

Na apresentação da medição, os indicadores podem assumir diferentes formas utilizando-se de ferramentas de visualização de dados: números, sinais, símbolos, imagens, cores⁹⁷³. O uso de ferramentas é útil para apresentar os dados colhidos, pois agrega informações e, ao mesmo tempo, amplia o campo do conhecimento e da compreensão holística do cenário. Mas, ainda assim, não corresponde, de fato, à interpretação, que é bem mais complexa, dinâmica, subjetiva e sofre influência de outros fatores.

Os indicadores podem ser considerados ferramentas de mudança, de aprendizado e de propaganda⁹⁷⁴. Pois, a eles pertencem aspectos como: conteúdo, valor compatível com a missão e a sustentabilidade, facilidade de compreensão e análise, promoção e sugestão de ação, inclusão, viabilidade, razoabilidade, adequação, democracia, inclusão de pontos que as pessoas podem e também não podem medir por si só, gerenciamento, possibilidade de medição em escalas, provisoriedade⁹⁷⁵.

Em projetos sociais é muito difícil medir ou avaliar mudanças. Isto porque, normalmente, as mudanças pretendidas são mudanças de relações sociais, mudanças culturais ou de força política, que tendem a ser coisas bastante subjetivas e sujeitas a muitas interpretações. Para indicar quais as mudanças

⁹⁷² UCHOA, 2013, p. 31-34. No caso de uma comunidade eclesial, cita-se dois exemplos sendo um relativo à qualidade e, outro, à quantidade. No primeiro caso, diante de uma palestra evangelística, surge uma reclamação a respeito do tema escolhido expressando um descontentamento. Essa informação pode gerar várias indagações acerca da escolha dos temas, entre outras questões. No entanto, se esse descontentamento é comparado com as menções positivas do tema, então, essa fala é desproporcional e não pode ser considerada como um bom indicador para a avaliação. No segundo caso, há indagações acerca da baixa participação em culto. O dado colhido representa o número de pessoas presentes. Mas, se comparado com o número de pessoas membros daquela comunidade, o percentual pode surpreender e apontar para uma taxa alta de participação. Ou ainda, se for verificado quais foram as outras atividades sociais que ocorrerem ao mesmo tempo, tem-se o entendimento acerca da realidade que pode explicar a pouca participação.

⁹⁷³ MEADOWS, 1998, p. 21.

⁹⁷⁴ BELLEN, 2006, p. 45.

⁹⁷⁵ MEADOWS, 1998, p. 2, 17-18.

pretendidas por um projeto, faz-se uso de conceitos, tais como participação, cidadania, organização, promoção de direitos, auto-estima [sic], empoderamento, etc. Acontece, porém, que conceitos não podem ser 'medidos' diretamente. Para medir a variação da participação em uma comunidade, por exemplo, será necessário em primeiro lugar, definir em termos bem concretos a compreensão de participação a ser adotada.⁹⁷⁶

Segundo Donella Meadows, o processo pode parecer de imediato difícil e burocrático, mas há maneiras criativas de facilitá-lo dentro de um processo contínuo e cíclico de aprendizagem, ação e reflexão na proposição da tentativa. No mundo completo em que se vive, os indicadores selecionam informações. Eles podem ser objetivos ou subjetivos e levam diferentes informações para diferentes mentes. Dentro desse contexto, a autora afirma:

[...] temos que escolher um conjunto de indicadores pequeno e significativo o suficiente para compreender. Em vez de nos desencorajar, as armadilhas e as dificuldades devem nos dar ideias sobre como projetar melhores indicadores e motivação para fazê-lo.⁹⁷⁷

A formulação e seleção de indicadores decorrem em boa medida da visão de mundo das pessoas envolvidas. Durante o processo, cria-se possibilidades de compartilhamento de valores e de diferentes pontos de vista, de formulação de acordos, de desenvolvimento de novos e diferentes paradigmas. Torna-se um espaço participativo que cria legitimidade e aprendizagem social e onde as pessoas veem seus valores incorporados aos indicadores. Por isso, é importante mobilizar muitas pessoas para participar da definição dos indicadores⁹⁷⁸.

Recomenda-se que o processo de formulação e seleção de indicadores seja amparado por pessoas facilitadoras que coordenem as reuniões, orientem as discussões, preparem relatos históricos e sintetizem os resultados⁹⁷⁹. No Roteiro para o Planejamento Missionário, encontrar-se a alerta para a importância de contar com uma pessoa que facilite o processo de planejamento, salientando:

A equipe precisa contar com o apoio de uma pessoa que conheça a metodologia do planejamento missionário da IECLB. Esta pessoa tem a tarefa de orientar de forma objetiva o processo de planejamento, apresentando a metodologia, favorecendo o diálogo, ajudando a fazer escolhas adequadas e zelando para que a equipe não perca o foco, que é a ação missionária da Igreja.⁹⁸⁰

⁹⁷⁶ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, 2007, p. 60.

⁹⁷⁷ MEADOWS, 1998, p. 10.

⁹⁷⁸ MEADOWS, 1998, p. 25.

⁹⁷⁹ MEADOWS, 1998, p. 26.

⁹⁸⁰ LABES; VOIGT, 2016, p. 8.

Para incorporar indicadores de sustentabilidade é preciso testemunhar os ganhos que o processo pode trazer, envolver as pessoas, levar em consideração o contexto organizacional e saber o que se quer alcançar em sintonia com o planejamento. O desdobramento dessa meta aponta para elementos como: participação, gestão, comunicação, avaliação, mediação, capacitação, formação, quebra de resistências e de paradigmas. Portanto, uma mudança de comportamento e de práticas organizacionais.

A utilização de indicadores de sustentabilidade tem como propósito verificar se os objetivos estão sendo alcançados, confirmar, ou não, se as estratégias estão adequadas e apontar para a necessidade novas estratégias. Por isso, vão requer pessoas preparadas para receber e analisar as informações, interpretando-as à luz do contexto organizacional, da missão e da sustentabilidade. E esse processo já tem início com a construção e a seleção de bons indicadores.

6.2.2 Indicadores eclesiais de sustentabilidade

A incorporação da sustentabilidade no escopo político e estratégico de uma comunidade cristã dá testemunho da sua visão missional e da sua tarefa que busca incrementar ações transformadoras dentro do contexto. No campo prático, também significa usufruir, dentro do planejamento missionário, do benefício de indicadores de sustentabilidade que se apoiam em práticas, métodos e ferramentas visando a coleta de dados, a interpretação, a descrição e a representação dos resultados que podem gerar mudanças na gestão comunitária e na própria vida comunitária.

Rememora-se que os indicadores transmitem valores e significados maiores do que apenas aquilo que se está medindo. Dessa forma, cooperam com processos de aprendizagem e abrem caminho para a reflexão e as mudanças necessárias. A implementação de estratégias e boas práticas corroboram para aumentar a credibilidade e a legitimidade da igreja favorecendo a visibilidade dos valores provenientes da missão eclesial que fazem sintonia com a sustentabilidade.

Por vezes, os princípios intrínsecos da sustentabilidade e da missão ficam invisíveis dentro do contexto eclesial e da própria tarefa missionária. Constata-se a relevância de visibilizar e abordar a missão e a sustentabilidade como parceiras no desenvolvimento de um plano de ação, pois se complementam, dialogam e, na prática, se instigam e se motivam uma à outra. Dessa forma, assegura-se uma

dinâmica que atribui valor às duas grandezas. Nessa perspectiva, a pesquisa adota a expressão: indicadores eclesiais de sustentabilidade.

Diante da falta de consenso sobre a oferta de referências de indicadores eclesiais de sustentabilidade e também a respeito do que qualifica um indicador⁹⁸¹, buscou-se construir uma proposta que pudesse auxiliar na discussão acerca da avaliação da qualidade do mesmo para o contexto específico do planejamento missionário. Ela é apenas um protótipo sujeito a mudanças, adaptações e testes práticos em comunidades com diferentes contextos.

O conjunto de reflexões até aqui expostos em torno dos indicadores de sustentabilidade permite apresentar uma forma de elaborar e sistematizar a construção e a seleção de indicadores eclesiais de sustentabilidade apoiados pelos parâmetros eclesiais de sustentabilidade. Observa-se que os parâmetros e os indicadores construídos determinam um modelo de interpretação da realidade e apresentam uma visão de mundo.

Apresentar-se-á passos básicos para a construção e a seleção de indicadores de resultado e de esforço construídos com base nos parâmetros e nos objetivos de cada ação estratégica. Ambos os tipos de indicadores fazem a leitura dos processos desenvolvidos e cooperam para ampliar a compreensão da ação estratégica. Vale acentuar que, especialmente em comunidades eclesiais, deve-se selecionar somente alguns poucos indicadores para cada ação missionária proposta e observar para que eles estejam dentro do contexto, das condições de realização e da coleta de dados.

Faz-se ainda uma ressalva quanto às variáveis que podem surgir a partir da construção de um indicador. O papel das variáveis é o de ampliar a coleta de dados dos resultados, aportando com informações, tais como temporais e de categorização, a análise dos resultados. As variáveis dos indicadores não podem ser desconsideradas no conjunto da interpretação dos resultados.

Salienta-se que o diálogo a respeito dos resultados esperados referente a uma determinada ação estratégica proporciona o acolhimento às diferentes ideias e permite correlacionar com a missão e a sustentabilidade. A partir da socialização e da sensibilização, pode-se construir consensos para reduzir os indicadores a ponto de poder assumi-los.

⁹⁸¹ LATAWIEC; AGOL, 2015, p. 4.

Farar-se-á uso de um exemplo que concebe o uso do parâmetro da diaconia tendo por objetivo a formação de pessoas para visitação. Registra-se a importância de identifica o do fator crítico que levou a escolha do objetivo⁹⁸², ou seja, a necessidade de se promover a a o missionária. Na sequência, traça-se indicadores de resultado e de esforço. Ambos passam pela aprecia o de valor perante a missão, a visão, os objetivos e a sustentabilidade, conforme posteriormente será explicado.

TABELA 3 – Detalhamento para constru o de Indicadores Eclesiais de Sustentabilidade

	Passos	Exemplo
1.	Indicar o par�metro eclesial de sustentabilidade	➤ Diaconia
2.	Selecionar o objetivo	➤ Implanta�o de uma Equipe de visita�o ➤
3.	Apontar os fatores cr�ticos (desafios)	➤ Necessidade de visita�o ➤ Car�ncia de qualifica�o para visita�o
4.	Construir indicadores que representam a conquista / impacto do objetivo (Indicadores de resultado)	➤ Socializa�o e forma�o regulares ➤ Aproveitamento individual e coletivo ➤ Pessoas atuantes na equipe ➤ Surgimento de outras a�es diaconais
5.	Avaliar o valor dos indicadores de resultados	
6.	Construir indicadores que representam o processo (Indicadores de esfor�o)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Comunica�o do objetivo ➤ Mobiliza�o para compor a equipe ➤ A�es de qualifica�o realizadas ➤ Investimento financeiro para qualifica�o ➤ Taxa de ades�o aos cursos de capacita�o Vari�vel: exist�ncia de situa�o inesperada ➤ Espa�o de socializa�o dos saberes ➤ N�mero de pessoas visitadas Vari�vel: Idade, g�nero, atividade profissional ➤ Rea�o das pessoas visitadas ➤ Rea�o das pessoas participantes ➤ Investimento financeiro para a�es que envolvem a visita�o ➤ Registro das atividades e socializa�o
7.	Avaliar o valor dos indicadores de esfor�o	
8.	Repetir os passos para cada indicador eclesial de sustentabilidade	

Fonte: Elaborada pela autora (2022) com base no trabalho de Carlos Eduardo Uchoa⁹⁸³.

⁹⁸² MARZALL; ALMEIDA, 1998, p. 34.

⁹⁸³ O trabalho desenvolvido pelo autor está direcionado ao âmbito do desempenho institucional, o que requereu adapta es para o contexto do planejamento missionário em comunidade eclesial. A integralidade de seu trabalho pode ser conferida em: UCHOA, 2013, p. 20.

Verifica-se que através do diálogo, da formação, da capacitação e da convivência emergem movimentos atitudinais que contribuem com a visão de mundo. Em vista disso, será apresentada uma ideia para aportar o valor de indicadores eclesiais de sustentabilidade. Concebe-se que cada indicador deve passar por uma reflexão no conjunto do contexto do planejamento missionário sujeitando-se à avaliação perante a missão, a visão, os objetivos da igreja e a sustentabilidade. a fim de promover construção coletiva e evidenciar a diversidade e a sabedoria presentes na realidade comunitária.

O esforço coletivo para avaliar um indicador eclesial de sustentabilidade traz intrínseco os elementos da aprendizagem, da reflexão, da partilha de saberes, da evidência da diversidade, da assimilação dos processos inerentes ao planejamento missionário, entre outros. Portanto, podem ser considerado uma fonte para estimular a educação cristã contínua e o sacerdócio geral. Isso indica a relevância de destinar tempo para acolher e desenvolver esse processo com disposição e satisfação em virtude de seus benefícios presentes e futuros.

No processo de avaliação de indicadores eclesiais de sustentabilidade, os atributos são referências para validar o valor de um indicador. O indicador é avaliado pela pergunta-chave que, por sua vez, tem sua resposta construída através do diálogo oportunizado pelas variáveis⁹⁸⁴. Sugere-se que, pela simplicidade e facilidade, a avaliação ocorra por meio da escala Likert. Logo, cada pergunta-chave é avaliada segundo o grau de importância em relação ao atributo, sendo: 1 - Sem importância, 2 - De pouca importância, 3 - Moderadamente, 4 - Importante, e, 5 - Muito importante.

TABELA 4 – Avaliação do valor do Indicador Eclesial de Sustentabilidade

Atributos	Pontos para refletir e avaliar se o indicador eclesial de sustentabilidade responde a sua tarefa	Escala				
		1	2	3	4	5
Missão	O indicador é importante para a missão eclesial?					
	Variáveis: O indicador aponta para a propagação do evangelho? O indicador permite perceber aspectos da vivência da espiritualidade de confessionalidade luterana? O indicador contribui para a formação continuada? O indicador favorece o sacerdócio geral? O indicador aponta para aspectos da paz, da justiça e do amor? O indicador aponta para aspectos de comunitariedade?					

⁹⁸⁴ Ressalta-se a relevância de contar com uma pessoa facilitadora que motive o diálogo e escolha adequadamente as perguntas para cada indicador com vistas a responder a pergunta-chave.

Visão	<p>O indicador é importante para a visão eclesial?</p> <p>Variáveis: O indicador sinaliza para o acolhimento? O indicador sinaliza para a inclusão geracional? O indicador sinaliza para o cuidado com a natureza? O indicador sinaliza para o respeito à diversidade? O indicador sinaliza para a vivência do Evangelho? O indicador sinaliza para as ações diaconais? O indicador sinaliza para a mobilização de pessoas?</p>				
Objetivo geral	<p>O indicador é importante para o fortalecimento da identidade e da tarefa pertencente a Igreja missional?</p> <p>Variáveis: O indicador aponta para o fortalecimento da confessionalidade luterana? O indicador aponta para a compreensão de ser uma comunidade missionária contextualizada? O indicador estimula o planejamento estratégico? O indicador aponta para a formação de parcerias? O indicador influi à participação em espaços públicos? O indicador fomenta a articulação no campo da comunicação? O indicador suscita a elaboração e uso de materiais alicerçados no PAMI? O indicador estimula o uso de materiais e programas da Igreja? O indicador fomenta a unidade da igreja? O indicador aponta para o fortalecimento da missão global? O indicador menciona aspectos relacionados à Campanha Nacional de Missão?</p>				
Sustentabilidade	<p>O indicador é importante para respaldar a sustentabilidade?</p> <p>Variáveis: O indicador apresenta aspectos bíblicos-teológicos alicerçados em uma hermenêutica da sustentabilidade? O indicador amplia a compreensão para uma visão holística, integral e interdependente? O indicador salienta a construção de novas relações baseadas na cooperação, na harmonia, na ética e na prudência? O indicador salienta ações coletivas, comunitárias? O indicador estimula a criatividade e novos sonhos? A compreensão do indicador é de fácil entendimento? Os dados oferecem facilidade de coleta e de interpretação? O método de coleta do indicador é confiável? O indicador ampara a gestão comunitária? O indicador faz referência a prestação de contas? O indicador alude para a viabilidade financeira e de outros recursos? O indicador fomenta a formação contínua? O indicador estimula a capacitação de líderes?</p>				

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Ao final da avaliação dos cinco atributos, realizado no diálogo e com consenso, poderá se perceber a adequação ou não de um indicador para uso no

acompanhamento das ações missionárias contidas no plano de ação estratégica da comunidade. A sinalização de que um indicador é de valia poderá ser verificada mediante o grau de importância. Caso o indicador for avaliado como sendo sem ou de pouca importância, sugere-se a reformulação ou a elaboração de um novo indicador.

Seria sublime se cada participante do processo de planejamento opinasse a respeito dessa avaliação dos indicadores. Não sendo possível, sugere-se formar uma equipe para conduzir a avaliação dos indicadores e apresentá-los de forma sistematizada e integrada para aportar os processos de monitoramento e avaliação do plano de ação missionária.

Reforça-se a relevância da promoção do diálogo e do consenso a respeito dos indicadores selecionados que acompanharão a implementação do plano de ação missionária. A convivência e a socialização de saberes no processo são ganhos significativos e valiosos e deveriam estar no horizonte das comunidades para serem propagados e estimulados continuamente.

Outro fator a ser observado é o da escolha dos métodos para coletar dados. Essa informação deverá compor o plano missionário da comunidade. O fato de que cada indicador passa por reflexão e por um crivo qualitativo pode auxiliar no processo de seleção de indicadores considerando a escolha do método para a coleta de dados. Vale frisar que o método precisa ser confiável, aplicável e de fácil leitura dos seus resultados. Pode-se considerar elementos coletores de informação, documentos já usuais na gestão comunitária, tais como: prestação de contas mensal, balanço anual, orçamento, relatórios de atividades e de grupos comunitários. Outrossim, pesquisas, entrevistas, testemunhos também são fontes importantes.

Os indicadores nem sempre são fáceis de medir, comunicar ou conseguem fazer uma boa leitura da complexidade presente na realidade. Alguns bons indicadores podem se tornar inviáveis devido a temporalidade e a questão financeira que envolve a sua medição. O conjunto de dados somados a dados secundários podem indicar uma melhor medição da realidade captando a complexidade, interações e *feedbacks* a longo prazo⁹⁸⁵.

Outrossim, na falta de subsídios, faz-se conhecer algumas sugestões de como construir indicadores eclesiais de sustentabilidade. As hipóteses são levantadas de contextos comunitários e objetivam apenas inspirar líderes na construção criativa.

⁹⁸⁵ GARRETT; LATAWIEC, 2015, p. 19.

TABELA 5 – Exemplificação da construção de Indicadores Eclesiais de Sustentabilidade

	Objetivo	Se o objetivo...	O indicador...	Exemplo de indicador de resultado	Exemplo de indicador de esforço
Parâmetro da Evangelização	Fortalecer a formação bíblica-confessional das pessoas membros	... faz menção a qualidade	... pode ser formado por indicadores que agregam o resultado de vários processos considerados críticos	*Empoderamento e participação em espaços de reflexão e ação * Surgimento de novas ações missionárias	* Oferta de material evangelístico * Encontros de estudos * Divulgação de encontros e capacitações * Solicitação de novos temas para estudo * Avivamento de dons e de participação * Investimento em educação cristã contínua
Parâmetro da Comunhão	Ampliar a participação e os grupos de Estudos Bíblicos	... contiver termos como <i>reduzir</i> ou <i>ampliar</i>	... pode ser uma taxa ou um percentual	* Quantidade de pessoas envolvidas * Quantidade de grupos de Estudo Bíblico	* Aumento no número de líderes de grupo * Qualificação de líderes * Número participantes * Média anual de encontros por grupo * Percepção de boas relações, de apoio e solidariedade mútuos * Investimento em educação cristã contínua
Parâmetro da Diaconia	Apoiar e contribuir com a Casa Lar (Abrigo de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social)	... se somente puder ser alcançado se um conjunto de objetivos, projetos ou ações forem bem sucedidos	... pode ser um indicativo numérico ou alguma ação que, no conjunto, favoreça o alcance do objetivo	* Cooperação para mitigar situações de sofrimento	* Mobilização para o voluntariado * Capacitação para prestar apoio * Visitas e celebrações * Tematizar e refletir sobre violências em diferentes espaços * Campanhas para arrecadar donativos e promoção de melhorias no ambiente
Parâmetro da Liturgia	Criar Equipe Litúrgica	... for mobilizar pessoas e melhorar processos	... pode ser formado por indicadores que agregam o resultado de vários processos vistos como críticos	* Formação da Equipe de Liturgia * Cultos mais participativos, envolventes e criativos * Exercício do Sacerdócio	* Mobilização de pessoas * Despertamento de dons * Qualificação para o Sacerdócio * Participação nos cultos * Apoio pastoral * Disposição de materiais * Investimento financeiro em materiais litúrgicos * Investimento financeiro e de pessoal em ECC

Fonte: Elaboração da autora (2022) com base no trabalho de Carlos Eduardo Uchoa⁹⁸⁶.

⁹⁸⁶ O trabalho desenvolvido pelo autor refere-se a sugestões para o estabelecimento de indicadores de resultado e de esforço. A reelaboração foi necessária para adaptação ao contexto do planejamento missionário em comunidade eclesial. A integralidade de seu trabalho pode ser conferida em: UCHOA, 2013, p. 25-26.

O desenvolvimento e a utilização de indicadores eclesiais de sustentabilidade para planos de ação estão no início, sendo necessários testar, corrigir e adaptar a proposta apresentada. Paralelamente, faz-se necessário ampliar e aprofundar o quesito referente à leitura e interpretação dos indicadores para compreender a interação dos diferentes fatores dentro do sistema comunitário e social que é complexo e está em constante movimento e interdependência. O benefício vem do diálogo e da convivência que podem desencadear processos de transformação de visão de mundo e do próprio papel da pessoa cristã enquanto parte do ser igreja.

Outro fator relevante para avançar no planejamento missionário que se assessora de indicadores é a mobilização pela motivação missional e pela sustentabilidade. Há necessidade de vencer as barreiras da resistência e dos pretextos para não aderir a um planejamento estratégico e despertar para o agir que leva às ações promotoras do bem que transformam e permitem a continuidade da plenitude da vida.

Para complementar o desafio, afirma-se que cada comunidade e cada pessoa podem cooperar com a missão de Deus. E, assim, deixar esse mundo bem melhor ao fazer uso da sua sabedoria e da sua criatividade, confiar na ação do Espírito que encanta e move pessoas para transformar, buscar a vivência da espiritualidade, se abrir e dar visibilidade e espaço para o desenvolvimento de ações providas da missão de Deus e da sustentabilidade.

6.3 ESTRATÉGIAS PARA APRIMORAR A TAREFA MISSIONÁRIA

O ser humano necessita ser estimulado pelas experiências do conhecimento transdisciplinar, das vivências relacionais e das diferentes sabedorias para promover e aprimorar ações que buscam a sustentabilidade e a missão eclesial. A política eclesial torna-se elemento estratégico para oportunizar espaços para o desenvolvimento pessoal e coletivo culminando em ações práticas.

Os processos de formação e de capacitação na igreja são estratégias e manifestam o intuito de cooperar para alavancar movimentos dentro dos princípios bíblicos confessionais e da sustentabilidade favorecendo a vida pessoal, familiar, social, como a organizacional. Esses processos também refletem em uma gestão comunitária que adota uma liderança que se propõe a acolher a participação, a

construção de ações coletivas, o uso de tecnologias e ferramentas que aportam as tomadas de decisões tendo como horizonte a missão da igreja e a sustentabilidade.

O PAMI representou um movimento nessa direção ao apresentar parâmetros para a missão na IECLB com base na evangelização, na comunhão, na diaconia e na liturgia. Ambas são desenvolvidas pelos eixos da formação, da sustentabilidade e da comunicação. Esses parâmetros são considerados ferramentas que servem para balizar o planejamento e referendar a missão, a visão e os valores da IECLB⁹⁸⁷.

Ao utilizar a expressão parâmetros eclesiais de sustentabilidade, os parâmetros recebem a função de promover a assimilação e a afirmação da identidade eclesial em conexão com a sustentabilidade. De mais a mais, são estratégias que otimizam e potencializam o processo de planejamento auxiliando, também, no monitoramento e na avaliação dos planos de ação.

Dos parâmetros são construídos os indicadores eclesiais de sustentabilidade que, por sua vez, podem apresentar variáveis. Eles cooperam na leitura da realidade e alimentam de informação e valores a gestão comunitária. Assim, os indicadores se colocam como um excelente meio para sensibilizar, educar e encorajar alterações em comportamentos organizacionais, inclusive influenciando estilos de vida e visão de mundo. Eles podem ser usados como instrumental estratégico de apoio ao planejamento missionário ao versar com elementos de assimilação e de valoração conceitual da missão e da sustentabilidade, inclusive sendo fator simbólico na condução política eclesial.

No decorrer deste capítulo, apresentou-se duas ferramentas estratégicas, parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade, e um caminho para construir e avaliar os indicadores com o intuito de facilitar a adoção dos mesmos quando da realização do processo de planejamento missionário em comunidade. Buscou-se cooperar com o conhecimento e a aplicabilidade do planejamento missionário ao introduzir os parâmetros e os indicadores como meios de leitura, de referência e de avaliação da ação missionária ancorando líderes na gestão comunitária. Ateve-se em destacar os parâmetros eclesiais já utilizados pela IECLB e os processos de construção de indicadores eclesiais de sustentabilidade na igreja a partir de compreensões utilizados em outras áreas. De fato, são estratégias que podem cooperar com a tarefa missionária e estão abertas a novas experiências.

⁹⁸⁷ Acentua-se que sob uma intuitiva hermenêutica da sustentabilidade, ampliou-se a base de reflexão do eixo transversal da sustentabilidade.

Sabe-se que as pessoas aprendem na medida que, com coragem e esperança, avançam em seus erros e acertos e se deixam admoestar por novas ideias. Dessa forma, sacerdotes e sacerdotisas movem a igreja no caminho da sua tarefa missionária e na contribuição com a sustentabilidade. Aprimoram e multiplicam a percepção do sentido da vida nas vivências de relações amorosas, incluídas e respeitadas dentro da complexidade e, ao mesmo tempo, da simplicidade da vida.

Conclui-se que, ao levar a sustentabilidade para a prática, não se começa com grandes planos e, sim, com algo simples como a implementação de parâmetros e os indicadores eclesiais de sustentabilidade. Estes, geram possibilidades de melhorias reais nos processos que envolvem a tarefa missionária ao incentivar decisões, colher resultados, entender necessidades, identificar demandas por falha ou de valor, estabelecer metas possíveis de realização e manter o foco na geração de valores advindos da missão da igreja e da sustentabilidade. A criatividade e a sabedoria também cooperam para que se amplie estrategicamente a tarefa da igreja. Como diz a poeta Simeí Monteiro: Se caminhar é preciso, caminharemos unidos.

1. Se caminhar é preciso, caminharemos unidos,
e nossos pés, nossos braços, sustentarão nossos passos.
Não mais seremos a massa, sem vez, sem voz, sem história,
Mas uma Igreja que vai em esperança solidária.
2. Se caminhar é preciso, caminharemos unidos
e nossa fé será tanta que transporá as montanhas.
Vamos abrindo fronteiras onde só havia barreiras,
pois somos povo que vai em esperança solidária.
3. Se caminhar é preciso, caminharemos unidos,
e o Reino de Deus teremos como horizonte de vida.
Compartiremos as dores, os sofrimentos e as penas,
levando a força do amor em esperança solidária.
4. Se caminhar é preciso, caminharemos unidos,
e nossa voz no deserto fará brotar novas fontes.
E a nova vida na terra será antevista nas festas.
É Deus que está entre nós em esperança solidária.⁹⁸⁸

⁹⁸⁸ MONTEIRO, Simeí. Canção da Caminhada. *In*: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Hinos do Povo de Deus II**, n. 432. São Leopoldo: Sinodal, 2001. [n.p.].

7 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa foram apresentados e aprofundados dois temas valorosos que estimulam processos de mudanças nas relações humanas e ambientais: a sustentabilidade e a tarefa missionária da igreja de confessionalidade luterana. Nesse caminho, a investigação vislumbrou e evidenciou em que medida a sustentabilidade pode contribuir com a tarefa missionária da igreja.

O diálogo entre sustentabilidade e teologia, nutrido com aportes de diferentes áreas do conhecimento, permitiu traçar um caminho com novos olhares e possibilidades. A imersão intentou desenvolver o exercício de transpor barreiras e de dialogar com várias ciências e sabedorias. A abordagem holística entrelaçada com a reducionista buscou captar elementos do sistema complexo e postulou o conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar. Não foi uma tarefa fácil pela amplidão dos campos de estudo, de conceitos e de aspectos culturais e contextuais envolvidos. Mas, se apresentou como um desafio voltado para responder à pergunta inquietante desta pesquisa.

O ponto de partida foi a busca histórica dos fundamentos que caracterizam a sustentabilidade. Constatou-se diferentes mentalidades, intencionalidades e perspectivas temporais. Elas possibilitaram a contemplação de tensões sociais geradas por relações antropocêntricas, androcêntricas e patriarcais. Ao longo do tempo, os princípios da sustentabilidade foram sendo constituídos a partir de diferentes áreas sob a premissa de que era preciso buscar por mudanças. Assentiu-se o esperar de uma nova visão de mundo onde a lente da sustentabilidade descortinasse aspectos relacionais na perspectiva sistêmica, holística e integradora. Surgem princípios como: prudência, ética, responsabilidade, amorosidade, justiça, equidade, interdependência, cuidado e preservação da natureza.

Esses aspectos fomentaram a adoção de ações estratégicas em instituições e organizações a fim de enfrentarem incertezas e constantes mudanças em um mundo complexo, plural, diverso e em constante movimento. A sustentabilidade provocou uma parcela da sociedade a repensar as suas crenças e não mais coisificar o ser humano e a natureza. Mas, sim, buscar ações para qualificar o ser e estar no mundo e preservar a natureza garantindo a continuidade da vida planetária.

Registra-se que a sustentabilidade foi acolhida sob o guarda-chuva de diferentes conceitos e áreas e, atualmente, aguarda pela sua legitimidade como ciência. Salienta-se que a sustentabilidade carrega uma forte narrativa subjetiva, por isso reivindica ações práticas que envolvam aspectos como a ética, a responsabilidade e o cuidado. Diante disso, torna-se necessário entender os valores com os quais o ser humano constrói o mundo e como pode transformá-lo por meio de processos que envolvem o aprender a conhecer, a fazer, a conviver, a ser.

Logo, por não ter um conceito estabelecido, foi necessário eleger uma definição simples de sustentabilidade para subsidiar a pesquisa no âmbito eclesial. A sustentabilidade passou a ser compreendida como a capacidade do ser humano de relacionar-se com o mundo com prudência, benevolência e esperança, a fim de propiciar vida abundante no presente e no futuro para toda a criação de Deus. Dessa forma, a pesquisa sustenta a ideia de que a sustentabilidade se direciona a forma com que se constitui as relações humanas e ambientais. E, nessa área, a igreja de confessionalidade luterana expressa ter um papel social relevante.

No terceiro capítulo, concluiu-se que continuamente os aspectos bíblicos e confessionais precisam ser revisitados e oxigenados para respaldar as reflexões em torno da tarefa missionária da igreja considerando o lugar em que atua. Certificou-se de que a identidade da igreja é missional e, por isso, se compromete com a tarefa de testemunhar acerca do agir salvífico de Deus sob o convite que se desdobra na ação de fazer o bem sem olhar a quem. Observou-se que a confessionalidade luterana apresenta atributos significativos que permitem a leitura e a conexão entre missão de Deus e sustentabilidade, a saber: justificação, liberdade e ética cristã, vocação e sacerdócio geral. A pessoa crente vivencia a espiritualidade no mundo, servindo com seus dons e talentos e testemunhando sinais do reinado de Deus. O reinado de Deus se torna horizonte e esperança de um caminho que se faz caminhando, agradecendo, orando e carregando a cruz. É nesse caminho que a pessoa cristã se torna como “um Cristo” para a outra pessoa e para a natureza evidenciando, assim, também, sinais de sustentabilidade.

A influência da sustentabilidade, em especial nas últimas décadas, alcançou e interagiu com a própria identidade da igreja. A frase atribuída a Mahatma Gandhi, “seja a mudança que você deseja ver no mundo”, cabe bem às pessoas líderes que se deixam inspirar pelo pensar da sustentabilidade e da missão de Deus. Jesus instiga

a buscar, em primeiro lugar, o reinado de Deus e a sua justiça e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês (Mt 6.33). Parafrazeando, pode-se afirmar: “Busquem a sustentabilidade e ela será acrescentada a vocês”. Logo, a adição da ideia da sustentabilidade no contexto eclesial requereu visitar e adquirir novos conhecimentos bíblicos, teológicos e confessionais e respaldou o entendimento de que uma hermenêutica da sustentabilidade seria oportuna para alicerçar a tarefa missionária.

Em síntese, verificou-se que a igreja missional exerce um papel que possibilita construir e formar novas cosmovisões, a exemplo do fazer teológico, sob o foco de diferentes hermenêuticas, que acontece nas igrejas da América Latina e Caribe. Ela tem uma base ampla de pessoas membros e dispõe de competência e facilidade para estabelecer autoridade e valores éticos. A comunidade pode ser fonte de inspiração e estímulo para a promoção de movimentos de defesa de causas pertinentes e atuais, ao se mobilizar e se responsabilizar para fazer parte da solução dos problemas e mitigar as necessidades contextuais. Isso, tendo em vista que a palavra bíblica semeia atributos da sustentabilidade. Aliás, quando a sustentabilidade dialoga com a teologia, elas conspiram para oferecer novos olhares e possibilidades com enfoque nas características inerentes que garantem a dignidade e a continuidade da vida.

No quarto capítulo, constatou-se e salientou-se que a tarefa da educação é socializar, conscientizar, humanizar as relações, empoderar, acender à cidadania e fomentar sonhos e esperança. A arte do ensinar e do aprender é dinâmica participativa que envolve todas as dimensões do ser humano e da natureza e que colabora com processos de conhecimento, de diálogo, de troca de experiências, de libertação. Da mesma forma, instiga e auxilia para que as pessoas possam enfrentar os dilemas de seu tempo favorecendo uma maior autonomia para o exercício do sacerdócio.

A educação na sustentabilidade e a educação cristã contínua cooperam intencionalmente com todo esse processo ao apresentarem princípios de amorosidade nas relações humanas e ambientais elencando elementos da ética, cooperação, interdependência, solidariedade, valorização da vida, entre outros. Esse conjunto brota de uma visão de mundo holístico, sistêmico e integrador que permite a vida e a sua continuidade e pressupõe, neste momento histórico, a necessidade de um novo saber-viver.

Portanto, o caminho, impulsionado pela educação, conta com pessoas líderes que conduzem para a conscientização, a ação e a participação através da mobilização de pessoas e recursos. A formação contínua inspira líderes, mobiliza, empodera e leva à assimilação de valores e à reflexão e ao diálogo fomentando a convivência, a criatividade, a capacitação, o protagonismo e oferecendo ferramentas que auxiliam no enfrentamento das mudanças. A condição atual e também a tarefa da gestão comunitária e das políticas eclesiais parece ser a de promover experiências frente a passividade, ao medo e a insegurança para que a visão do imediatismo não atrepele a continuidade e a visão parcial não ofusque o conjunto que permite ver a diversidade e a pluralidade presentes na vida planetária.

No quinto capítulo, apurou-se que a noção de sustentabilidade impulsionou e empreendeu novos diálogos e práticas nas igrejas de confessionalidade luterana. Houve um movimento na direção de rebuscar o sentido da missão de Deus, dar visibilidade a missão da igreja, fortalecer a educação cristã contínua, implementar uma gestão comunitária e fomentar o planejamento de estratégias para a tarefa missionária da igreja. Alude-se o singular esforço e intencionalidade da IECLB, da FLM e do Instituto de Sustentabilidade para animar e promover esses processos. Essas instituições sublinharam a relevância da formação e da capacitação contínuas, do sacerdócio e da ação diaconal sublinhando uma gestão comunitária concomitante com a espiritualidade para gerar e transmitir valores, planejar estratégias e viabilizar as comunidades favorecendo o cumprimento da tarefa missionária da igreja.

Consumou-se, assim, que a sustentabilidade trouxe reflexos para o ser igreja na IECLB. Apesar da falta de compreensão e do foco ter sido direcionado para a questão financeira, a noção de sustentabilidade encorajou o desencadeamento de mudanças na igreja. Propiciou o entendimento de que era preciso planejar as ações com estratégias, dar visibilidade e assimilar a missão, a visão, os valores e objetivos da igreja e que cada campo de atuação deveria refletir a partir do seu contexto.

Evidenciou-se um movimento de fortalecimento da convicção e relevância da educação cristã contínua e de uma gestão comunitária alimentada pela cultura do planejamento estratégico das ações missionárias. Assim, a influência da sustentabilidade na IECLB, ainda que tímida, se deu no âmbito da gestão comunitária endereçada a leitura dos processos envolvendo o planejamento missionário e, no âmbito político, no quesito de reafirmar a missão e a visão da igreja e de repensar a forma de desenvolver a tarefa missionária vislumbrando o objetivo de ampliar e

consolidar a ação missionária da IECLB. Apesar de aqui se diferenciar esses campos, eles não devem ser vistos de forma isolada. Ao contrário, ambos se complementam e se alimentam mutuamente.

No sexto capítulo, aduziu-se que a sustentabilidade, por ser muito subjetiva e ampla, pede uma medição para avaliar o seu florescimento na prática. Nesse sentido, os parâmetros e indicadores eclesiais de sustentabilidade buscam cumprir esta função junto com o planejamento missionário referendando a missão, a visão e os objetivos da igreja, bem como, os princípios da sustentabilidade. A busca pela aplicabilidade dessas ferramentas levou à consideração de que os parâmetros eclesiais já estão colocados na IECLB pelo PAMI e servem de guia para o planejamento de ações missionárias. Já os indicadores devem ser construídos a partir do planejamento local e dos parâmetros da Igreja para subsidiar com informações a gestão comunitária no acompanhamento e na avaliação de planos de ação missionária.

Salienta-se que o processo de construção e seleção de indicadores eclesiais de sustentabilidade torna-se uma oportunidade ímpar para a formação, a capacitação, a convivência, o diálogo, a troca de saberes e a assimilação da tarefa missionária da igreja e da sustentabilidade. Esse trabalho coletivo é desafiador e dependerá de líderes que assumam o compromisso de liderar para a cooperação com a missão de Deus e a sustentabilidade em processos que favoreçam transformações no âmbito pessoal, eclesial, social e ambiental.

Diante dessa pesquisa, afirma-se a tese de que a sustentabilidade contribui substancialmente para a tarefa missionária da igreja, mediante a perspectiva de ser hermenêutica e leitura de processos e avaliações desencadeados por planejamento missionário estratégico. Portanto, tem-se a política e a prática da sustentabilidade e da missão da igreja se entrelaçando, apresentando sua interdependência e se nutrindo mutuamente para ofertar novos olhares e possibilidades. Elas almejam transformar as relações, tanto humanas como ambientais, na promoção da continuidade e da plenitude da vida planetária. Em virtude desse esperar, aspira-se para que essa pesquisa crie eco, tanto na continuidade e aprofundamento da reflexão, quanto na prática cotidiana.

Sublinha-se que sustentabilidade contribui com o intuito de reconceituar o papel do ser humano no mundo. Chamá-lo à responsabilidade e ao cuidado com a criação de Deus potencializando a construção e a vivência de relações sob a premissa da ética cristã. Se em 1517, Martim Lutero, entre tantas outras pessoas, abre caminho

para uma nova visão de mundo, agora, tem-se a sustentabilidade chamando para um novo olhar. Ela ativa a tarefa missionária da igreja, com todos os seus princípios e valores e com a sua identidade missional para um chamado a cooperar com esse novo movimento de visão de mundo. A pessoa que aceita o convite da missão de Deus e adota a sustentabilidade como um parâmetro de vida passa por mudanças internas que refletem diretamente em suas relações e ações e, assim, influencia o mundo.

Destaca-se que os princípios da sustentabilidade são provocativos à percepção do sentido e do valor da vida e alertam para a presença do mal e da morte. Faz-se necessário tecer críticas para a inércia, a falta de planejamento, as relações de poder, a intolerância e a busca desenfreada do crescimento econômico a qualquer custo que impedem a vida planetária e a sua continuidade. Imputa, com urgência, fazer ressurgir a resiliência, a resistência e a esperança que implicam na luta por defender o direito à existência, ao bem-viver e ao futuro.

Alerta-se que, a sustentabilidade não se apresenta como uma solução mágica, mas requer vontade e ação política que transformem a ideia em ações e as ações em mudanças alinhadas com a promoção da vida. Requer espaços de diálogo e intercâmbios para partilhar saberes, motivações e parcerias. Requer mobilizar pessoas para sair do estado cômodo para um estado de serviço alegre e que dá sentido à própria vida da pessoa. A sustentabilidade pleiteia para que líderes se adaptem aos novos tempos e se deixem conduzir por valores apregoados pela fé cristã assumindo a tarefa missionária e a responsabilidade de serem sacerdotes e sacerdotisas.

Realça-se que é na teia da vida que se estabelecem as relações de poder e, estas, muitas vezes, estão articuladas para a manutenção do *status quo*. Um número expressivo de teologias latino-americanas refletem, questionam e colocam sob suspeita as políticas que não condizem com sustentabilidade e missão da igreja. Torna-se relevante dialogar e avançar com passos significativos para alterar os paradigmas culturais patriarcais, antropocêntricos, androcêntricos e de colonialidade que fazem uma leitura reduzida, hierárquica, excludente, violenta e exercem o poder hegemônico de controle e de objetificação de pessoas e dos recursos naturais. Essa cultura é reforçada por sistemas que comunicam e direcionam ações para manter esse pensar, pois tem ganhos individuais vinculados à questão financeira e às relações de poder. Portanto, urge construir novas relações e fomentar a participação

democrática em processos transformativos buscando alteridade, tolerância, equidade e respeito à diversidade e pluralidade.

Enfatiza-se a ousadia da ideia da sustentabilidade que ela anima para que cada pessoa pense, a partir de si e de seus valores, em como vai contribuir para deixar esse mundo melhor no presente e no futuro. Mas, mesmo assim, o coloca na perspectiva do coletivo, do conjunto de toda a criação de Deus. Assim, ela desperta o ser humano para a inquietude e o inconformismo diante das situações de sofrimento que se apresentam no cotidiano. Volta-se a refletir a respeito de crenças e de valores que sublinham o valor da vida, a responsabilidade e o cuidado para mantê-la. E, diante das necessidades e das potencialidades, emerge o empoderamento de processos criativos para construir novos caminhos. Seguramente, a sustentabilidade, seja como hermenêutica ou como premissa para a leitura das ações missionárias, é um elemento revelador e mobilizador que se faz necessário para um caminhar em direção ao alvo desejável apresentado e esperançado por quem nutre a fé cristã.

Ressalta-se o componente valorativo e intertemporal da sustentabilidade que motiva, de forma sutil e poderosa, a recuperação da percepção da vida que se desenvolve em suas diferentes dimensões, interações e interdependência. Desfaz-se o mito do fundamentalismo de que “sempre foi assim” para abrir a janela do horizonte onde a vida ganha movimento, cores e formas diversas. A sustentabilidade apresenta raízes que sustentam o valor da vida e o esperar de que outro mundo é possível com sinais luzentes do reinado de Deus. Assim, a sustentabilidade conectada com a missão da igreja, torna-se um caminho a ser buscado e trilhado passo a passo mantendo o alicerce firme no amor, na ética, na responsabilidade, na resiliência, na esperança e na coragem para o enfrentamento das resistências, dos conflitos e fracassos.

Conclui-se que a pesquisa se propôs a ter um novo olhar e apontar para novas possibilidades e cumprir seu papel. Uma tarefa que, mesmo ainda inacabada e sujeita a autocrítica e crítica, já permite vislumbrar mudanças na tarefa missionária da igreja. Certamente, mudanças eclesiais transformadoras só serão possíveis se houver, entre as pessoas líderes, vontade política, cooperação, alteridade e esperança. Um caminho a ser planejado comunitariamente com estratégias, mobilização de pessoas e de recursos com vistas ao reinado de Deus e à sustentabilidade.

Deus veio ao encontro do ser humano com uma proposta solidificada e pautada em ações de amor, reconciliação, paz e justiça e convida o ser humano para

dar seguimento à sua missão. A cruz estará presente em quem almeja experimentar o reinado de Deus desde agora. Jesus ressuscitou e é essa a nossa alegria! Que o Espírito Santo sobre e inspire com novos olhares e oportunidades missionárias e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ACOSTA RODRÍGUEZ, Richard. **Dios, hombre, creación:** hacia una ecoteología bíblica. Bogotá: Editorial San Pablo, 2014.

ALTMANN, Walter (coord.). **Fórum Nacional de Missão.** Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns da IECLB). 3 v.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação:** releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; Sinodal, 1994.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1980.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião.** 4. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

ARMANI, Domingos. **Como elaborar projetos:** guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. (Coleção Amencar).

ARMANI, Domingos. **Mobilizar para transformar:** a mobilização de recursos nas Organizações da Sociedade Civil. São Paulo: Peirópolis; Recife: Oxfam, 2008.

ARMANI, Domingos. O desenvolvimento institucional como chave de leitura das organizações. *In:* ARMANI, Domingos (org.). **Organizações da sociedade civil:** protagonismo e sustentabilidade. Barueri: Instituto C&A, 2013. p. 62-78.

ARMANI, Domingos. **PMA:** conceitos, origens e desafios. O Planejamento, Monitoramento e a Avaliação de Programas Sociais. Salvador: Encontro de Agentes de Projetos – CESE, 1998. Disponível em: https://domingosarmani.files.wordpress.com/2013/04/pma_conceito_origens_desafios_2.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.

ARMANI, Domingos. Sustentabilidade: desafio democrático. *In:* BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Sustentabilidade:** aids e sociedade civil em debate. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 9-14.

ARMANI, Domingos. Sustentabilidade – o presente do futuro e o futuro do presente. *In:* ENCONTRO DE REFERENTES – PROGRAMA SUSTENTABILIDAD AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Seminário de Formação em gestão e liderança em Igrejas Sustentáveis. São Leopoldo, 18 a 22 de agosto de 2014.

ARMSTRONG, Jeannette C. En'owkin: A tomada de decisões que levam em consideração a sustentabilidade. *In:* STONE, Micharel K.; BARLOW, Zenobia (org.). **Alfabetização Ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 39-45.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. **ONGs: repensando sua prática de gestão**. São Paulo: Maxprint, 2007.

ATWOOD, Margaret. “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **El País Brasil**, Barcelona, maio 2021. Entrevista concedida a Laura Fernandez. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o-mundo.html?ssm=fb_br_cm&utm_source. Acesso em: 01 jun. 2021.

BARROS, Darci Alda Baldus. **Sustentar**. [mensagem escrita para a presente Tese]. Mensagem recebida por dionebaldus@yahoo.com.br em 04 ago. 2022.

BARROS, Marcelo. Identidade decolonial e diáspora: mosaicos para a construção de teologias e espiritualidades afrolatíndias-cristãs. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 25, n. 2, p. 27-41, jul./dez. 2020. Disponível em: <file:///D:/Dados/Downloads/4272-16540-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa”. Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 36, p. 249-257, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/885/940>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BAYER, Oswald. **Viver pela fé: justificação e santificação**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BELLEN, Hans Michael van. Indicadores de sustentabilidade – um levantamento dos principais sistemas de avaliação. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-13, mar. 2004. p. 6. Disponível em: file:///D:/Dados/Downloads/Indicadores_de_sustentabilidade_um_levantamento_do.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

BELLEN, Hans Michael van. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENCKE, Romi Márcia. As organizações de base ecumênica e o fortalecimento das redes de parceria e de cooperação para o desenvolvimento transformador. *In*: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nörnberg (org.). **Fé e transformação: papel e relevância das organizações de base ecumênica**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016a. p. 54-62

BEN-ELI, Michael. **Sustainability: The Five Core Principles A New Framework**. (©2009). p. 1-8. Disponível em: <http://cdn2.sustainabilitylabs.org/ecosystem-restoration/wp-content/uploads/2015/08/Sustainability-The-Five-Core-Principles.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Edição em letra grande. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BIEHL, Michael. Religion, Development and Mission. *In*: MTATA, Kenneth (ed.). **Religion: Help or Hindrance to Development?** Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig: Evangelische Verlangsanstalt GmbH, 2013. p. 97-119. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

BLOOMQUIST, Karen L. Lutheran Theology in the Future? *In*: BLOOMQUIST, Karen L. (ed.). **Transformative Theological Perspectives**. Geneva: Lutheran World Federation; Minneapolis: Lutheran University Press, (©2009). Theology in the Life of the Church series, 6 v. p. 193-204. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/DTS-TLC06-full.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BLOOMQUIST, Karen L. Modos subversivos de ser igreja: enxergar, lembrar, conectar. *In*: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (ed.). **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2017. p. 325-338.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 1 v. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BOCK, Carlos G. Deslocamentos epistemológicos na teologia da libertação nos anos 1990. *In*: GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida (org.). **Teologia pública: Deslocamentos da teologia contemporânea**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015. p. 13-56.

BOCK, Carlos Gilberto. O papel da Igreja no serviço de desenvolvimento. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 40, n. 1, p. 73-79, 2000.

BOFF, Leonardo. **A ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BOFF, Leonardo. Comissão Carta da Terra. *In*: **A CARTA da Terra: Valores e princípios para um futuro sustentável**. Petrópolis: Stamp, 2004.

BOFF, Leonardo. Crítica ao modelo-padrão de sustentabilidade. **EcoDebate**, 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/02/09/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade-artigo-de-leonardo-boff/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. **Nova era: a civilização planetária**. 2. ed. Ática: São Paulo, 1994.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é – o que não é**. 5. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2016.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BONILLA, Yattency. A graça e a ética libertadora de Jesus. *In*: ORTEGA, Ofelia (org.). **Graça e Ética: o desafio da ética às nossas eclesiologias**. São Leopoldo: Sinodal; CLAI, 2007. p. 99-106.

BONINO, José Míguez. **A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BORGES, Dobson Ferreira. **Os Es da Gestão**. São Paulo: Editora Ser Mais, 2013.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. Algumas notas de problematização para a construção de sistemas de indicadores de avaliação e monitoramento de experiências de economia solidária. *In*: KRAYCHETE, Gabriel; CARVALHO, Patrícia. (org.). **Economia popular solidária: indicadores para a sustentabilidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. p. 85-91.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Dez mandamentos para Igreja missionária: imperativos práticos para a reflexão na IECLB**. Blumenau: Otto Kuhr, 2001.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Fazer o bem faz bem: uma introdução à ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

BRAKEMEIER, Gottfried. O "PROJETO IECLB": Avaliações, controvérsias, propostas. *In*: HASENACK, Johannes Friedrich; BOCK, Carlos Gilberto (org.). **Avaliação da reestrutura da IECLB**. Blumenau: Otto Kuhr, 2006. Fóruns IECLB, 2 v. p. 30-47.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã: à luz da confissão luterana**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2015.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Vocação e profissão: reflexões teológicas e práticas sobre o ministério na igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BRANDT, Hermann. **Espiritualidade: vivência da graça**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O conceito histórico de desenvolvimento econômico**. 2008. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.18.ConceitoHist%C3%B3ricoDesenvolvimento.31.5.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (coord.). **Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future**. Oslo, 1987. Disponível em:

<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BUSCEMI, Maria Soave. “Do Ego-centrismo para o Eco-centrismo? Uma dança de relações de cura...”. *In*: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**, n. 174, p. 58-71. São Leopoldo: CEBI, 2002.

BUSSIE, Jacqueline A. A esperança de Lutero para o mundo. *In*: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 131-148.

BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 104-120, 2003.

BUTZKE, Paulo Afonso. **Aspectos Teológicos da Sustentabilidade da Igreja: Contribuições do Programa de Sustentabilidade da Federação Luterana Mundial para a América Latina e Caribe**. 2013. Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/livros-e-publicacoes/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BUTZKE, Paulo Afonso. De onde vem essa conversa “igreja missional”? **Revista Orientação**, São Bento do Sul, n. 7, p. 7-10, jan./jun. 2017.

BUTZKE, Paulo Afonso. Lançar as redes em águas mais profundas. Perspectivas para o futuro da IECLB. *In*: ALTMANN, Walter (coord.). **Fórum Nacional de Missão**. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. (Fóruns da IECLB). 3 v. p. 107-126.

CAMPANHÃ, Josué. **Planejamento Estratégico: como assegurar qualidade no crescimento de sua igreja**. São Paulo: Hagnos, 2013.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. Fritjof Capra. **Revista Ideia Sustentável**, São Paulo, 21 dez. 2011. Entrevista concedida a Juliana Lopes. Disponível em: <https://ideiasustentavel.com.br/entrevistas-abaixo-o-humanismo-individualista/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CARNEIRO, Marcelo da Silva. “Olhai as aves do céu; Buscai o reino dos céus: observação e busca no Sermão do Monte como princípios da sustentabilidade (Mt 6,25-34)”. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 30, n. 117, p. 63-73, jan./mar. 2013.

CARVALHO, Alexandre Bruno Moreno de. **É sustentabilidade sustentável?** São Paulo: Editora EPSE, 2011.

CENTRO DE APOIO E PROMOÇÃO DA AGROECOLOGIA – CAPA. **O CAPA**. (©2021). Disponível em: <https://capa.org.br/#>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 4 ed. São Paulo: Makron, 2003.

CHIPANA QUISPE, Sofía. Las existencias plurales, seguimos siendo y resistiendo. **RIBLA**, v. 83, n. 1, p. 100-113, Petrópolis: Editora Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/1036036/7721>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CHRISTMANN, Louraini. **Bíblia – fonte da Vida**. [Música não publicada].

CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Declaração do Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 15, p. 153-154, maio/ago. 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/szzGBPjxPqnTsHsnMSxFWPL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano. **Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano**. (1972). Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em: 13 fev. 2021.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO 1530-1980. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

CONRAD, Débora R. Klesener. **Caminhos para a ação missionária**: Planejamento e missão na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015.

CONRAD, Débora R. Klesener *et al.* **Documento fundante do Instituto Sustentabilidade – América Latina e Caribe**, 2013. Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/documentos-fundantes/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CONRAD, Débora R. Klesener; PONICK, Edson; VOIGT, Emilio (org.). **Educação comunitária**: manual de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS (CMI). **A natureza da missão da Igreja**: um passo rumo a uma declaração conjunta. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009.

CORNELL, Joseph. **Vivência com a natureza 2**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CORTÉS, Hernán. El sistema biocultural y la ética del “vivir bien” de los pueblos afrodescendientes del Pacífico. *In*: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidad**. México: Programa de las Naciones Unidas para el Medio

Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002. p. 217-221.

COSTA, Ana Monteiro; KÜHN, Daniela Dias. Bien Vivir / Buen Viver / Bem Viver: uma proposta de pós-desenvolvimento nas Epistemologias do Sul. **Revista IDEAS**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1-2, p. 34-66, 2017.

DALLA ROSA, Luís Carlos. **Economia para a vida**. A rebelião dos limites e o itinerário teológico para uma economia solidária. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

DANTAS, Carolina. Mudanças recentes no clima causadas pelo homem não têm precedentes, aponta relatório da ONU. **G1**, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/aquecimento-global/noticia/2021/08/09/influencia-humana-e-responsavel-por-alta-de-107c-na-temperatura-global-estima-relatorio-do-ipcc-orgao-da-onu.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DAVILA, Ximena *et. al.* **¿Sustentabilidad o armonía biológico-cultural de los procesos?** Todo sustantivo oculta un verbo. 2009. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B-YLV8egGwSuWE8tc3N1R1BjUW8?resourcekey=0-ajaXOssdOACn3WmU5huTXA>. Acesso em: 29 jun. 2021.

DEIFELT, Wanda. Teologia Luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à Teologia da Prosperidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 333-349, jul./dez. 2017.

DELORS, Jacques (org.). **Um tesouro a descobrir**. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: 06 dez. 2021.

DICIONÁRIO Etimológico. **Religião**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DICIONÁRIO Online de Português. **Conceito**. (©2009). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conceito/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

DICIONÁRIO Online de Português. **Ethos**. (©2021). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ethos/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DICIONÁRIO Online de Português. **Indicadores**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indicadores/>. Acesso: 04 jul. 2022.

DICIONÁRIO Online de Português. **Missional**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/missional/>. Acesso em: 12 set. 2021.

DICIONÁRIO Online de Português. **Parâmetro**. (©2022). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/parametros/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

DICIONÁRIO Online de Português. **Sustentabilidade**. (©2009). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sustentabilidade/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. **Sustentar**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sustentar>. Acesso em: 22 jun. 2020.

DIFERENCIADOR. **Desarrollo sustentable y sostenible**. (©2018). Disponível em: <https://www.diferenciador.com/desarrollo-sustentable-y-sostenible/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

DREHER, Scheila dos Santos. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. **Portal Luteranos**, 2016. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil. Acesso em: 14 dez. 2021.

DRIAU, Gustavo; CUYATTI, Patricia; SCHAPER, Valério Guilherme (org.). **Con confianza en el porvenir: testigos de la caminada**. São Leopoldo: Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016.

DRIAU, Gustavo. **Enfoques y herramientas en los procesos de sustentabilidad de las iglesias**. São Leopoldo: Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016.

DRIAU, Gustavo. Gestão Estratégica para uma igreja sustentável. *In*: INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Qualificação em lideranças sustentáveis**. São Leopoldo, 2015. (Curso – Módulo 5). p. 1-33.

DRUCKER, Peter Ferdinand. A tomada de decisões. *In*: DRUCKER, Peter Ferdinand. **Prática da administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 333-369.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Textos Fundantes de Educação).

EHRENFELD, John R. Searching for sustainability: No Quick Fix. **Reflections**, v. 5, n. 8, p.1-17, 2004. Disponível em: https://www.solonline.org/wp-content/uploads/2018/08/sol_reflections_5.8.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

ESTERMANN, Josef. Crisis civilizatoria y Vivir Bien: Una crítica filosófica del modelo capitalista desde el allin kawsay/suma qamaña andino. **Polis**, Santiago, v. 11, n. 33, p. 149-174, 2012. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-65682012000300007&script=sci_arttext. Acesso em: 17 nov. 2021.

FARIA, José Henrique de. Por uma teoria crítica da sustentabilidade. **Organizações e Sustentabilidade**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 2-25, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ros/article/view/17796/15172>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento. **Missão em contexto: transformação, reconciliação e empoderamento**. Curitiba: Encontro, 2006.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto:** Transformação, Reconciliação, Empoderamento. Uma Contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia. Porto Alegre: IECLB, 2009.

FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL. **Principios básicos para el desarrollo sostenible.** Genebra, 2002. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/dws-guiding_principles_for_sustainable_development_es.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. **Sustentabilidade:** Desvendando a complexidade teórica e prática. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 667-681, jul./set. 2017.

FERNANDES, Maria L. Bueno. O estudo do meio como intervenção pedagógica. *In:* MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. **Educação e Sustentabilidade:** caminhos e práticas para uma educação transformadora. 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 67-108.

FERREIRA, Leila da Costa. Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. *In:* FERRARO JR, Luiz Antonio (org.). **Encontros e Caminhos:** Formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 315-321.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher:** uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FORELL, George W. **Ética da Decisão:** introdução à ética cristã. 5. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

FORELL, George W. **Fé ativa no amor.** 2. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In:* DREYFUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 228-249.

FOWLER, James W. **Estágios da Fé:** psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAIMANN, Leo. **Tendências e competências para a vida do futuro.** São Leopoldo: Colégio Sinodal, 18 maio 2021. (Palestra).

FRANÇA, Amaro. **Gestão Humanizada:** lideranças e resultados organizacionais. 2. ed. Rio de Janeiro: Amaro Luiz Santana de França, 2016.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 70. São Paulo: CEDEC, 2007. p. 101-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/JwvFBqdKJnvndHhSH6C5ngr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 39. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 6, p. 15-29, 2005. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus: Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 2001.

GANDIN, Danilo. **Soluções de planejamento para uma prática estratégica e participativa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GARRETT, Rachael; LATAWIEC, Agnieszka Ewa. What Are Sustainability Indicators For? *In*: LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. **Sustainability indicators in practice**. Berlim: Gruyter Open, 2015. p. 12-22.

GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As Confissões Luteranas: uma introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

GASTELLÚ CAMP, Adriana. **Como espiral de vida: aportes de la Teología Feminista de Liberación para Otros Modelos de Liderazgo en las Iglesias de América Latina y el Caribe**. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2015.

GEBARA, Ivone. Espiritualidade Feminista: risco e resistência. **Concilium**, n. 288, p. 39-50. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. O desafio nos é lançado. *In*: **CANTAR A VIDA**. Cancioneiro do CEBI. São Leopoldo: CEBI, 1997b.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião. São Paulo: Olho D'água, 1997a.

GIERUS, Friedrich. Espiritualidade Luterana Hoje. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 23, n. 2, p. 183-193, 1983.

GIESE, Nilton. Introdução: os ensinamentos de um processo de crise na missão de Deus. *In*: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 6-10.

GONÇALVES, Carlos W. Porto. Ética e ethos – Contribuição para uma ética da sustentabilidade. *In*: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidade**. Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, México, 2002. p. 260-287.

GOTTSCHALD, Karl. **Manifesto de Curitiba – 1970**. Curitiba: IECLB, 1970. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/manifesto-de-curitiba-1970>. Acesso em: 15 set. 2021.

GROBER, Ulrich. **Deep Roots**: A conceptual history of 'sustainable development' (Nachhaltigkeit). Discussion papers, wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung. Berlin: WZB, 2007.

GRÜN, Anselm. **As fontes da espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRUPO DE APOIO AO PLANEJAMENTO. **Registro da reunião do Grupo de Apoio ao Planejamento**. Porto Alegre, 02 jun. 2015.

GUDYNAS, Eduardo. Buen Vivir: germinando alternativas al desarrollo. **Revista America Latina en Movimiento – ALAI**, Quito, n. 462, p. 1-20, 2011.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber do próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 47-102.

GUTIÉRREZ, Gustavo. La Teología Latinoamericana y Caribeña. Trayectoria y Perspectivas. **Congreso Continental de Teología**, São Leopoldo, p. 208-214, 2012. Disponível em: https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lib/vol53/211/211_Gutierrez.pdf. Acesso em: 14 nov. 2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

GÜTTER, Ruth. Nachhaltigkeit. **Ethik-Lexikon**, 2017. Disponível em: www.ethik-vangelisch.de/lexikon/nachhaltigkeit. Acesso em: 11 jul. 2020.

HAMMOND, Allen *et al.* **Environmental INDICATORS**: A Systematic Approach to Measuring and Reporting on Environmental Policy Performance in the Context of Sustainable Development. World Resources Institute, 1995. Disponível em: http://pdf.wri.org/environmentalindicators_bw.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

HANDL, Günther. Declaration of the United Nations Conference on the Human Environment / Rio Declaration on Environment and Development. 2012. **Audiovisual Library of International Law**. 2012. Disponível em: <https://legal.un.org/avl/ha/dunche/dunche.html>. Acesso em: 09 abr. 2021.

HARARI, Yuval Noal. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HELMER, Christine. Introdução: Lutero além de Lutero. *In*: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 13-21.

HENRIQUE, Nereudo Freire; PAIVA, Edivaldo Cardoso de. **Fundamentos da gestão eclesial**: manual para a área administrativa das paróquias. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Gestão Paroquial).

IDEIA SUSTENTÁVEL; REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; PLATAFORMA DE LIDERANÇA COM VALORES (PLV). **11 Tendências de Sustentabilidade Empresarial no “Outro Normal”**. (©2022). Disponível em: <http://onzetendencias.ideiasustentavel.com.br/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Manual para estudante**: Fundo Rotativo de Financiamento Fundo de Crédito para Formação Teológica. (200-?). Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/comissao-de-bolsas/MANUAL_ESTUDANTE_FUNDOS.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Nossa fé – Nossa vida**. Guia da vida comunitária na IECLB. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; IECLB, 2003.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Plano de Educação Cristã Contínua (PECC)**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório I 2006-2008**. XXVI Concílio da Igreja. Estrela: IECLB, 2008a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório II 2006-2008**. XXVI Concílio da Igreja. Estrela: IECLB, 2008b.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório I 2016-2018**. XXXI Concílio da Igreja. Curitiba: IECLB, 2018a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório II 2016-2018**. XXXI Concílio da Igreja. Curitiba: IECLB, 2018b.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Material Didático**. (©2022). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/recursos/material-didatico/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nossa missão.** (©2021c). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nossa-missao-e-visao/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nossas funções.** (©2021b). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nossas-funcoes/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nosso Foco.** (©2021a). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nosso-foco/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Nosso propósito.** (©2021e). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/nosso-proposito/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE (InS). **Princípios éticos, teológicos e epistemológicos.** (©2021d). Disponível em: <https://sustentabilidad.est.edu.br/principios-eticos-teologicos-e-epistemologicos/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT – IISD. **BellagioSTAMP: Sustainability Assessment and Measurement Principles.** (2009?). Disponível em: <https://www.iisd.org/system/files/2021-08/bellagio-stamp-brochure.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elizabeth. **Sustentabilidade e transformação social.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

JACOBI, Pedro Roberto. Meio Ambiente, Educação e Cidadania: Diálogo de saberes e transformação das práticas educativas. *In*: MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. **Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora.** 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 7-25.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

JORGENSON, Allen G. Contornos o sacerdócio comum. *In*: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos.** São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 277-294.

JUNGHANS, Helmar. **Temas da teologia de Lutero.** São Leopoldo: Sinodal, 2001.

KAEFER, José Ademar. Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho. **Revista Caminhando,** São Bernardo do Campo, v. 18, n. 2, p. 7-19, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v18n2p7-19>. Acesso em: 09 dez. 2019.

KAKOZI, Jean Bosco. Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida. **Sul21**, Porto Alegre, maio 2018. Entrevista concedida a Marco Weissheimer. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protger-todas-as-formas-de-vida/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

KUMMER, Ani C. Fick *et al* (org.). **Recriar e criar comunidade juntos**: Nenhuma comunidade sem missão – Nenhuma missão sem comunidade. Porto Alegre: IECLB, 2000.

KUZMA, Cesar A. A esperança cristã na “Teologia da Esperança”: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. **Revista Pistis & Prax**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009.

KUZMA, Cesar A. Futuro de Deus e missão da esperança. **Ciberteologia**, São Paulo, ano X, n. 45, p. 19-29, 2014a.

KUZMA, Cesar A. **O futuro de Deus na missão de esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014b. (Coleção Interfaces).

KUZMA, Cesar A. Por uma esperança responsável: interpretações éticas e teológicas para uma Nova Práxis. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 290-307, maio/ago. 2018.

LABES, Altemir; VOIGT, Emilio (coord.). **Roteiro para o Planejamento Missionário**. Porto Alegre: Mythos Comunicação, 2016.

LAGARDE, Marcela. Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia. **Cuadernos Inacabados**. n. 25. Madrid: Editora horas y HORAS, 1996. Disponível em: <https://desarmandolacultura.files.wordpress.com/2018/04/lagarde-marcela-genero-y-feminismo.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LARRAÍN, Sara. El paradigma de la Sustentabilidad: perspectiva ecologista y perspectiva de género. **Polis Revista Académica Universidad Bolivariana**, Osorno/Chile, n. 9, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2916965>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. Introduction - Why sustainability indicators in practice? *In*: LATAWIEC, Agnieszka Ewa; AGOL, Dorice. **Sustainability indicators in practice**. Berlim: Gruyter Open, 2015. p. 1-11.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade ambiental e Diálogo de Saberes. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 3, n. 34, p. 17-24, set./dez. 2009.

LEFF, Enrique. Ética por la vida. Elogio de la voluntad de poder. *In*: LEFF, Enrique (coord.). **Ética, Vida, Sustentabilidad**. México: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente; Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002. p. 288-312.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIMA, Diogo Azevedo. Um mundo bem melhor. **Mapa Musical da Bahia**, 2012. Disponível em: <http://mapamusical.ba.gov.br/dimazz-selecao-2012/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

LIVRO de Concórdia: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997.

LÓPEZ FERNÁNDEZ, Eleazar. Teologia índia: "O Reino de Deus passa também pela construção de utopias ou sonhos de futuro". Entrevista especial com Eleazar López Fernández. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, 12 set. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/535194-teologia-india-construir-o-reino-de-deus-passa-tambem-pela-construcao-de-utopias-ou-de-sonhos-de-futuro-entrevista-com-eleazar-lopez-fernandez>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LOPES, Uaçai de Magalhães; TENÓRIO, Robinson Moreira. **Educação como fundamento de sustentabilidade**. Salvador: Edufba, 2011.

LOURES, Rodrigo C. da Rocha. **Sustentabilidade XXI**: Educar e inovar sob uma nova consciência. São Paulo: Editora Gente, 2009.

LOVATO, Flora (coord.). **Rever a noção de sustentabilidade de uma OSC**. Coleção Caminhos para o desenvolvimento de OSCs, folheto nº 4, 2012. Disponível em: http://new.institutofonte.org.br/wp-content/uploads/2017/12/cap01_04_Rever-a-noc%CC%A7a%CC%83o-de-sustentabilidade-de-uma-OSC_InstitutoFonte.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

LUTERO, Martin. **Da liberdade cristã**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

LUTERO, Martin. **Da Liberdade Cristã**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, Martinho. **Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012.

LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. 8. ed. atual. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: Debates e Controvérsias, I. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992. 3 v.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: o programa da Reforma – Escritos de 1520. 3. ed. atual. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. 2 v.

LUTERO: Muito além da Religião – Série Completa. Produzido por Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Youtube**, 2019. Publicado pelo canal IECLB. 1 vídeo son. color. (21min21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvwObjPHWDY>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MALHEIROS, Tadeu Fabrício; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Construção de indicadores de sustentabilidade. *In*: MALHEIROS, Tadeu Fabrício; PHILIPPI JR, Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012b. p. 77-87.

MALHEIROS, Tadeu Fabrício; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Desafios do uso de indicadores na avaliação da sustentabilidade. *In*: MALHEIROS, Tadeu Fabrício; PHILIPPI JR, Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012a. p. 1-29.

MALHEIROS, Tadeu Francisco; COUTINHO, Sonia M. Viggiani; PHILIPPI JR, Arlindo. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. *In*: MALHEIROS, Tadeu Francisco; PHILIPPI JR, Arlindo (ed.). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Barueri: Manole, 2012c. p. 31-75.

MALVEZZI, Mariana. **Sustentabilidade e emancipação**: a gestão de pessoas na atualidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

MARQUES, Ana Cristina Campos. **Sustainability and Being**: reflections on the philosophical underpinnings of sustainability narratives. Erasmus University Rotterdam, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1765/117430>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MARTINI, Romeu Ruben (org.). **Batismo e Educação Cristã**: por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

MARZALL, Katia; ALMEIDA, Jalcione. Parâmetros e Indicadores de Sustentabilidade na agricultura: limites, potencialidades e significado no contexto do desenvolvimento rural. **Extensão Rural**, Santa Maria, n. 5, p. 25-38, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/6135>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MASENYA, Madipoane (ngwan'aMphahlele). The Future Role of the Church in Development Cooperation. *In*: MTATA, Kenneth (ed.). **Religion: Help or Hindrance to Development?** Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig: Evangelische Verlangsanstalt GmbH, 2013. p. 171-183. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

MATURANA, Humberto; DAVILA, Ximena. Conferência: Ética e Desenvolvimento Sustentável – caminhos para a construção de uma nova sociedade. **Psicol. Soc.**, v. 16, n. 3, p.102-110, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dZ9DccTM9FBSp3SYwcrhkdS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MATURANA, Humberto. **O que é educar?** (©1995). Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/maturana/oqueeducar.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MEADOWS, Donella. **Indicators and Information Systems for Sustainable Development**. Four Corners: The Sustainability Institute, 1998. (A Report to the Balaton Group. Hartland). Disponível em: <https://donellameadows.org/archives/indicators-and-information-systems-for-sustainable-development/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

MENA LÓPEZ, Maricel. Ecofeminismo e cultura negra. *In: A PALAVRA DA VIDA*. n. 175/176. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 20-29.

MENDES, Edmilson Ferreira. **A igreja primitiva sabia muito sobre sustentabilidade**. 2014. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/edmilson-ferreira-mendes/igreja-primitiva-sabia-muito-sobre-sustentabilidade.html>. Acesso em: 28 maio 2021.

MENEGAT, Jardelino. Gestão e Espiritualidade no ambiente de trabalho. **Revista Iberoamericana de Ciências empresariais e economia**, ano 1, n. 1, p. 37-45, 2010.

MESTERS, Carlos. **Entre Nós Está e não O Conhecemos: Jesus, nosso irmão**. Círculos Bíblicos. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBI, 1996.

MESTERS, Carlos; OROFINO Francisco. Novos céus e nova terra, vida no campo e na cidade: A sustentabilidade da vida e a espiritualidade. *In: SOTER (org.). 21º Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – Soter*. São Paulo: Paulinas, 2008. (ebook), p. 11-21.

MESTRADO Profissional em Ciência da Sustentabilidade. **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**. (©2022). Disponível em: <http://mestradosustentabilidade.usuarios.rdc.puc-rio.br/>. Acesso em: 17 jul. 2022

MISSÃO DE DEUS. Nossa paixão. São Leopoldo: CEBI, 2009.

MONTEIRO, Fernando. Aprendizagem social e educação para a sustentabilidade. *In: MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria L. Bueno; JACOBI, Pedro Roberto. Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora*. 2. ed. São Paulo: Evoluir Cultural, 2011. p. 27-65.

MONTEIRO, Simeí. Canção da Caminhada. *In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Hinos do Povo de Deus II*, n. 432. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

MONTEIRO, Simeí. **Vem, Santo Espírito**. Disponível em: <file:///D:/Dados/Downloads/opc-211-vem-santo-espirito.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Barcelona: Universitat de Barcelona, [s.d.]. p.1-22. Disponível em:

http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf. Acesso em: 25 nov. 2011.

MORGNER, Christoph (ed.). **Tinta, teses, temperamentos**: seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Editora Esperança, 2017.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. O papel da educação em tempos de crise. **Prosa, Verso e Arte**, Rio de Janeiro, 2019. Entrevista concedida a Audrey Furlaneto. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/resistir-as-incertezas-e-parte-da-educacao-diz-edgar-morin/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011.

MTATA, Kenneth. Religion and Development: Friends or Foes? *In*: MTATA, Kenneth (ed.). **Religion: Help or Hindrance to Development?** Geneva: The Lutheran World Federation; Leipzig: Evangelische Verlanganstalt GmbH, 2013. p. 23-35. Disponível em: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Doc-58-Religion_and_Development_0.pdf. Acesso em: 31 jul. 2021.

MUELLER, Enio R. **Teologia cristã em poucas palavras**. São Paulo: Editora Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

MUNCK, Luciano. Gestão da Sustentabilidade em Contexto Organizacional: Integrando Sensemaking, Narrativas e Processo Decisório Estratégico. **Revista Organização e Sociedade**, Salvador, v. 22, n. 75, p. 521-538, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/6GBTn6sYnSSwF64pXCFDSFx/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**: uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007.

MURAD, Afonso. **Gestão e missão na vida religiosa**. 2010. Disponível em: <http://afonsomurad.blogspot.com/search/label/Gest%C3%A3o%20e%20miss%C3%A3o%20na%20Vida%20Religiosa>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MURAD, Afonso. O núcleo da Ecoteologia e a unidade da experiência salvífica. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 277-297, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10658/10055>. Acesso em: 07 dez. 2021.

NAVIA VELASCO, Carmiña. Mulher e neoliberalismo – contribuição para uma leitura bíblica. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. O gênero no cotidiano, v. 3, n. 37, p. 103-114. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

NEUENFELDT, Elaine. Mercedes Garcia Bachmann por Elaine Neuenfeldt. In: PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO DA FACULDADES EST. **As teólogas feministas**: reconhecendo nossas referências. Vídeo da aula de 20 out. 2020, (51m5s). Disponível em: <https://ava.est.edu.br/moodle/mod/page/view.php?id=70335>. Acesso em: 18 jan. 2021.

OBJETIVOS de Desenvolvimento Sustentável: conheça a agenda 2030 da ONU. **Blog Esolidar**, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://impactosocial.esolidar.com/2020/03/31/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-onu/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o Meio Ambiente**. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ORIGEM da palavra. **Sustentabilidade**. 2021. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/sustentabilidade>. Acesso em: 08 abr. 2021.

PACHECO, Ronilso. Uma teologia como chave para oprimidos resistirem à aspereza da vida. **Revista IHU On-Line**, São Leopoldo, set. 2019. Entrevista concedida a João Vítor Santos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592266-uma-teologia-como-chave-para-oprimidos-resistirem-a-aspereza-da-vida-entrevista-especial-com-ronilso-pacheco>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PACTO GLOBAL REDE BRASIL. **A iniciativa**. [ca. 2000]. On-line. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PAIXÃO, Marcia Eliane Leindcker da. Gestão democrática institucional com justiça de gênero. **Revista Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 18-25, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/1267/1060>. Acesso em: 27 jun. 2022.

PARRIS, Thomas M.; KATES, Robert W. Characterizing e Heasuring Sustainable Development. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 28, p. 559-586, 2003. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.energy.28.050302.105551>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves. Conferências sobre o meio ambiente. **Mundo Educação**, (©2021). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conferencias-sobre-meio-ambiente.htm>. Acesso em: 08 abr. 2021.

PEREIRA, Adriana Camargo; SILVA, Gibson Zucca da; CARBONARI, Maria E. Ehrhardt. **Sustentabilidade na Prática**: fundamentos, experiências e habilidades. Valinhos: Anhanguera Publicações, 2011.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PETRECA, Héctor. Nossa missão no século XXI. *In*: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe.** São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 97-106.

PINTO, Homero Severo (org.). **Missão de Deus, nossa paixão:** texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2008.

PIRES, Daiane. **Lutero: Muito Além da Religião.** Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 2017.

PISANI, Jacobus A. Du. Sustainable development – historical roots of the concept. **Environmental Sciences**, v. 3, n. 2, p. 83-96, 2006. p. 85. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/15693430600688831?needAccess=true>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PLATÃO. **O mito da caverna.** [S.l.]: Lebooks, 2019. (Coleção Filosofia). E-book. (56 p.).

PLETSCH, Rosane. Diaconia Pública: a assistência social da igreja em contexto brasileiro. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 121-125, 2003.

PLETSCH, Rosane. **Sustentabilidade:** um desafio a tarefa missionária que cabe à Igreja. (©2021). Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/sustentabilidade-um-desafio-a-tarefa-missionaria-que-cabe-a-igreja>. Acesso em: 28 maio 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Concílio** – Órgão soberano da Igreja nacional. (©2021). Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/concilio-rgao-soberano-da-igreja-nacional. Acesso em: 20 ago. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Constituição da IECLB.** (©2021). Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>. Acesso em: 17 set. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Em Comunhão com as vidas das mulheres:** Histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB. 2020. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres. Acesso em: 04 dez. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Lutero: Muito Além da Religião – Episódio 8 – Educação é Direito de Todos.** 2017. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/lutero-muito-alem-da-religiao-episodio-8-educacao-e-direito-de-todos>. Acesso em: 08 dez. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Ministério**. Disponível em:
https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/presidencia/ministerio. Acesso em: 14 mar. 2022.

PORTAL LUTERANOS. **Relação de Temas do Ano**. (©2021). Disponível em:
https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/tema-do-ano/relacao-de-temas-do-ano-2. Acesso em: 27 nov. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Sustentabilidade**. (©2021). Disponível em:
<https://luteranos.com.br/conteudo/sustentabilidade>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PORTAL LUTERANOS. **Tema do ano**. (©2021). Disponível em:
<https://www.luteranos.com.br/conteudo/tema-do-ano>. Acesso em: 20 ago. 2021.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. **Viento Sur**, Madrid, n. 122, p. 46-56, mar. 2012. Disponível em:
https://vientosur.info/wp-content/uploads/spip/pdf/VS122_A_Quijano_Bienvivir---.pdf. Acesso em: 17 nov. 2021.

RAMOSE, Mogobe B. A Ética do *Ubuntu*. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (ed.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002. p. 324-330.

RATTNER, Henrique. Sustentabilidade – uma visão humanista. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, Ano II, n. 5, p. 233-240, jul./dez. 1999.

RAUNIO, Antti. A teologia social de Lutero no mundo contemporâneo. In: HELMER, Christine (ed.). **Lutero: um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 235-253.

REIGOTA, Marcos A. dos Santos. Ciência e sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 219-232, jun. 2007.

REIMER, Haroldo. Sustentabilidade e cuidado: Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica. **Ciberteologia**, São Paulo, ano 3, n. 18, p. 85-95, 2008.

REIMER, Ivoni Richter. Justiça de Gênero e Hermenêutica Bíblica Feminista. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 7, on-line, 26 ago. 2021. São Leopoldo: Faculdades EST, 24 a 27 ago. 2021. [Palestra].

REIMER, Ivoni Richter. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**. Contribuições para um mundo globalizado. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC, 2010.

RESS, Mary Judith. Relatório do Seminário: Ecofeminismo: novas relações, nova terra, novos céus. In: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**. n. 174, São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 8-38.

RODRÍGUEZ, Raquel E. **Dios hoy nos llama a un momento nuevo:** conceptualización de la iglesia como comunidad sustentable. Buenos Aires: Iglesia Evangélica Luterana Unida, 2011.

RÖSEL, Martin. **De Adão e Eva aos profetas menores:** experiências de fé no Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e Terceiro Mundos. In: FRIGERIO, Tea (org.). **A Palavra da Vida**, n. 174. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 47-57.

RUSCHEINSKY, Aloísio. No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 10, p. 39-50, jan./jun. 2003.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, Wolfgang. **No Sustainability Without Development.** (1955). Disponível em: <https://www.aislingmagazine.com/aislingmagazine/articles/TAM21/Sustainability.html>. Acesso em: 03 maio 2021.

SCHAPER, Valério G. **Parâmetros de sustentabilidade da igreja.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por dionebaldus@yahoo.com.br em 18 jul. 2017.

SCHIEFERDECKER, Jorge. Relatório dos Sínodos. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Relatórios II 2010-2012.** Chapecó: IECLB, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friederich. **Introdução a Hermenêutica.** São Paulo: Editora Clandestina, 2016.

SCHMIDT, Thomas. Aus der Idee wird ein aufgeklärtes Wirtschaftsprinzip. **Projektwerkstatt:** Die bunte welt von Widertand und Utopie, 1/1998. Disponível em: http://www.projektwerkstatt.de/index.php?domain_id=1&p=17459. Acesso em: 29 abr. 2020.

SCHNEIDER, Silvio; BOCK, Carlos Gilberto. Gestão e Espiritualidade. In: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES, Marilu Nörnberg (org.). **Fé e transformação:** papel e relevância das organizações de base ecumênica. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 135-145.

SCHULTZ, Valdemar. Formação Cristã Continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. In: PONICK, Edson. **Ensino confirmatório e confirmação:** memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 12-20.

SCHWAMBACH, Claus. Missão a partir da Teologia de Martinho Lutero. In: MORGNER, Christoph (ed.). **Tinta, teses, temperamentos**: seguindo os passos de Martinho Lutero. Curitiba: Editora Esperança, 2017. p. 177-190.

SECRETARIA DE MISSÃO E NÚCLEO DE PRODUÇÃO E ASSESSORIA DA IECLB (coord.). **Metas Missionárias 2019-2024**. Porto Alegre: IECLB, 2018.

SEN, Amartya. Porque é necessário preservar a coruja-pintada. **Folha de São Paulo**, p. 16-18, 14 mar. 2004. (Caderno Mais). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u11316.shtml>. Acesso em 11 jul. 2021.

SEN, Amartya. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SENA, André Pedral Sampaio. **Planejamento Estratégico**: como avaliar e controlar. Salvador: EDUFRA, 2013.

SIGNIFICADOS. **Significado de Parâmetro**. 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/parametro/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

SIGNIFICADOS. **Significado de Sustentabilidade**. 2020. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sustentabilidade/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SIGNIFICADOS. **Significado de Vocação**. 2014. Disponível em: <https://www.significados.com.br/vocacao/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SILVA, Daniel Neves. Guerra dos Trinta anos. **História do Mundo**, (©2021). Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/guerra-dos-trinta-anos.htm>. Acesso em: 30 maio 2021.

SILVA, Diego de Oliveira. Da Igreja do povo à Igreja do capital: como as decisões teológicas podem influenciar a sustentabilidade. **Ciberteologia**, São Paulo, ano IX, n. 44, p. 108-121, out./dez. 2013.

SILVA, Jaqueline Oliveira *et al.* **Novo voluntariado social**: teoria e ação. Porto Alegre: Dacasa, 2004.

SILVA, Silvia Regina de Lima. Abriendo Caminos, Teología Feminista y Teología Negra Feminista Latinoamericana. **Revista Magistro**, Duque de Caxias, v. 1, n. 1, p. 82-96, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055/618>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SILVA, Silvia Regina de Lima. Identidade, unidade e missão: Des-colonização e cuidado, paradigmas da missão. In: GIESE, Nilton (org.). **Missão e Evangelização na América Latina e Caribe**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2012. p. 116-123.

SOUSA, Rafaela. Teoria Malthusiana. **Mundo Educação**, (©2021). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/teoria-malthusiana.htm>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUTO-MAIOR, Joel; ALTERESCU, Xavier F. Planeação estratégica participativa para a efetividade e a sustentabilidade das organizações da sociedade civil. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Sustentabilidade: aids e sociedade civil em debate**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. (Série Parcerias e Mobilização Social nº 5). p. 64-75.

SOUTO-MAIOR, Joel. Estratégias comunicativas para efetividade e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 141-155, 2013.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

STEFANO, Silvio Roberto; ALBERTON, Anete. Alinhamento entre estratégia da organização e competências para sustentabilidade: proposição de um modelo par análise. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 16, n. 4, p. 117-130, out./dez. 2018.

STRECK, Danilo R.; WACHS, Manfredo C. Educação Cristã. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. p. 245-267.

STRIEDER, Roque. **Educar para a iniciativa e a solidariedade**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empowering women. *In*: PARPART, Jane L. RAI, Shirin M.; STAUDT, Kathleen. **Rethinking Empowerment Gender and development in a global/local world**. Londres; Nova York: Routledge, 2002. Disponível em: file:///D:/Dados/Downloads/dokumen.pub_rethinking-empowerment-gender-and-development-in-a-global-local-world-9780415277693-0415277698.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

SUZIN, Luiz Carlos. Mãe terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. **Ciberteologia**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 35-47, maio/jun. 2008.

TAMEZ, Elza. Elementos bíblicos que iluminam o caminho da comunidade cristã: Um exercício hermenêutico da Epístola de Tiago. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. 2. ed., n. 1, p. 64-71, Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1988.

TENÓRIO, Fernando G. (org.). **Gestão comunitária: uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

TENÓRIO, Fernando G. (org.). **Gestão de ONGs: Principais funções gerenciais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION (LWF). **“A defining moment for the church”**. Genebra, 28 jun. 2018. Disponível em:

<https://www.lutheranworld.org/news/defining-moment-church>. Acesso em: 11 nov. 2021.

TRAPASSO, Rosa Dominga. Ecofeminismo: revisando nuestra conexión con la naturaleza. **Revista Con-Spirando**, Santiago de Chile, n. 4, p. 3-6, jun. 1993. Disponível em: <http://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Conspirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

UCHOA, Carlos Eduardo. **Elaboração de indicadores de desempenho institucional**. Brasília: ENAP/DDG, 2013.

ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. **Mulheres no Movimento da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

UNCETA SATRÚSTEGUI, Koldo. Desarrollo, subdesarrollo, maldesarrollo y postdesarrollo: una mirada transdisciplinar sobre el debate y sus. **Carta Latinoamericana**. Contribuciones en desarrollo y sociedad en América Latina, n. 7, p. 1-34, abr. 2009.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: A legitimação de um novo valor**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

VEIT, Marie. Uma visão crítica da ética luterana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 134-142, 1979. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1370/1320. Acesso em: 12 set. 2021.

VICEDOM, Georg F. **A missão como obra de Deus**. Introdução à uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

VIEZZER, Moema L. et al. **Círculos de aprendizagem para a sustentabilidade: caminhada do coletivo educador da Bacia do Paraná III e Entorno do Parque Nacional do Iguaçu 2005-2007**. Foz do Iguaçu: Itaipu; Ministério do Meio Ambiente, 2007.

VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 569-583, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/r5yWQp4wykg5RWJN9pmxjQJ/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2021.

VOGT, Markus. **Das Prinzip Nachhaltigkeit und seine Umsetzung in Deutschland**. (i2021). Disponível em: https://ordosocialis.de/pdf/M.Vogt/Das_Prinzip_Nachhaltigkeit-pt.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

VOLKMANN, Martin. Edificação de comunidade. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. p. 172-195.

VOLTOLINI, Ricardo. **Conversas com líderes sustentáveis**: o que aprender com que fez ou está fazendo a mudança para a sustentabilidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

WACHHOLZ, W ilhelm. **Economia e Justiça de Deus no pensamento de Lutero**. São Leopoldo, Faculdades EST, 08 jul. 2019b. (Componente curricular da Pós-Graduação).

WACHHOLZ, Wilhelm. Fé e razão na igreja, na política e na economia: contribuições a partir da teologia de Martim Lutero. *In*: WESTHELLE, Vitor; ZWETSCH, Roberto E. (ed.). **Seminário Internacional Fides et ratio**. Temas da teologia e filosofia suscitados por Lutero e a reforma do século XVI. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017b. p. 159-171.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero e o matrimônio: economia e justiça de Deus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 516-529, jul./dez. 2019a.

WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano como cooperador com Deus: Ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017a.

WACHS, Manfredo Carlos. **O ministério da confirmação**: contribuição para um método. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1998. (Série Teses e Dissertações).

WEIMER, Tânia Cristina. Tema do ano 2016 da nossa igreja: Pela graça de Deus, livres para cuidar – “Buscai o bem e não o mal” Amós 5.14a. **Portal Luteranos**, 06 fev. 2016. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/tema-do-ano-2016-da-nossa-igreja-pela-graca-de-deus-livres-para-cuidar-buscai-o-bem-e-nao-o-mal-amos5-14a>. Acesso em: 29 jul. 2021.

WELKER, Michael. **O Espírito de Deus**: teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

WESTHELLE, Vitor. O sacerdócio de todas as pessoas crentes: Martim Lutero e a igreja de Adão. *In*: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel; MOONEY, Ruth (ed.). **Radicalizando a Reforma**: outra teologia para outro mundo. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 313-324.

WESTHELLE, Vitor. Poder e política – incursões na teologia de Lutero. *In*: HELMER, Christine (ed.). **Lutero**: um teólogo para tempos modernos. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 315-331.

WESTPHAL, Euler Renato. Bioética no contexto da pandemia de Covid-19: “Portanto, não separe a ciência o que o vírus uniu: reflexões sobre a COVID-19, a finitude humana e a morte ambiental”. *In*: SEMINÁRIO DO GALO VERDE, 7, 2020. Palestra ministrada às pessoas participantes do Programa Ambiental Galo Verde vinculado à IECLB, em 11 ago. 2020.

WESTPHAL, Euler Renato. Missão de Deus: uma tarefa da comunidade. **Revista OrientAção**, São Bento do Sul, n. 7, p. 34-35, jan./jun. 2017.

WORLD OCEAN REVIEW. **What is sustainability?** 2015, on-line. (WOR 4: Sustainable Use of Our Oceans – Making Ideas Work). Disponível em: <https://worldoceanreview.com/en/wor-4/concepts-for-a-better-world/what-is-sustainability/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

ZEELAND, Angelique J. W. M. Van. Desenvolvimento transformador num contexto de mudanças. *In*: BOCK, Carlos Gilberto; GARCIA, Dezir; MENEZES; Marilu Nörnberg (org.). **Fé e transformação: papel e relevância das organizações de base ecumênica**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 93-131.

ZWETSCH, Roberto E. Ecologia e espiritualidade – uma reflexão missiológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 48, n. 1, p. 64-82, 2008b.

ZWETSCH, Roberto E. Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998b. p. 221-244.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008a.

ZWETSCH, Roberto E. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998a. p. 196-220.

ZWETSCH, Roberto E. **Teologia e prática da missão na perspectiva luterana**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2009.